



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS  
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE**

**CARLA MARIA FERREIRA NOGUEIRA**

***“FÉ, BOCA CALADA E PÉ LIGEIRO”*  
NENGUA GUANGUACESSE E TERREIRO BATE FOLHA:  
PATRIMÔNIO E MEMÓRIAS DA RELIGIOSIDADE  
NEGROAFRICANA NA BAHIA**

Salvador  
2023

**CARLA MARIA FERREIRA NOGUEIRA**

***“FÉ, BOCA CALADA E PÉ LIGEIRO”***  
**NENGUA GUANGUACESSE E TERREIRO BATE FOLHA:**  
**PATRIMÔNIO E MEMÓRIAS DA RELIGIOSIDADE**  
**NEGROAFRICANA NA BAHIA**

Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Doutora em Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino

Salvador,  
2023

Dados internacionais de catalogação-na-publicação  
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Nogueira, Carla Maria Ferreira.

“Fê, boca calada e pé ligeiro” Nengua Guanguacesse e Terreiro Bate Folha: patrimônio e memórias da religiosidade negroafricana na Bahia / Carla Maria Ferreira Nogueira. - 2023.

371 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Severino.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2023.

1. Religião e cultura. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Patrimônio cultural - Bahia. 4. Candomblé - Bahia. 5. Negras - Narrativas pessoais. 6. Nengua Guanguacesse (matriarca do Terreiro Bate Folha). 7. Manso Banduquenqué (Salvador, BA). 8. Terreiro do Bate Folha (Salvador, BA). I. Severino, José Roberto II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 299.670981

CDU - 259.4(813.8)



ATA DA REUNIÃO DA DEFESA ORAL DA TESE DE CARLA MARIA FERREIRA NOGUEIRA TESE Nº \_\_\_\_\_

INTITULADA: "FÊ, BOCA CALADA E PÉ LIGEIRO" NENGUA GUANGUACESSE E TERREIRO BATE FOLHA PATRIMÔNIO E MEMÓRIAS DA RELIGIOSIDADE NEGROAFRICANA NA BAHIA".

Aos trinta e um dias do mês de janeiro do ano dois mil e vinte e três, às quatorze horas, no Terreiro de Candomblé do Bate Folha, em Salvador - BA, foi instalada a Banca Examinadora da Defesa da tese intitulada: "FÊ, BOCA CALADA E PÉ LIGEIRO" NENGUA GUANGUACESSE E TERREIRO BATE FOLHA PATRIMÔNIO E MEMÓRIAS DA RELIGIOSIDADE NEGROAFRICANA NA BAHIA". Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos Professores Drs.: Prof. Dr. José Roberto Severino – Orientador - e pelos Examinadores Externos: Profa. Dra. Ione Celeste Jesus de Sousa e Prof. Dr. Otair Fernandes de Oliveira, e os Examinadores Internos do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade: Profa. Dra. Edilene Dias Matos e Prof. Dr. Leandro de Paula Santos. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, foi dado o prazo de trinta minutos para que a Doutoranda, Carla Maria Ferreira Nogueira, fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que cada membro da Banca realizasse a arguição. Primeiro falou o Profa. Dra. Ione Celeste Jesus de Sousa, em seguida, o Prof. Dr. Otair Fernandes de Oliveira, Avaliadores Externos. Após os Examinadores Externos, fizeram sua arguição o Profa. Dra. Edilene Dias Matos e o Prof. Dr. Leandro de Paula Santos, Avaliadores Internos. Depois que os membros da Banca se pronunciaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que a Doutoranda fizesse sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a tese de Carla Maria Ferreira Nogueira como APROVADA COM DISTINÇÃO. Nada mais havendo a tratar, eu, Prof. Dr. José Roberto Severino, Orientador, lavrei a presente Ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pela Doutoranda. Salvador, 31 de janeiro de 2023

Prof(a) Dr(a) José Roberto Severino José Roberto Severino  
Prof(a) Dr(a) Ione Celeste Jesus de Sousa Ione Celeste Jesus de Sousa  
Prof(a) Dr(a) Otair Fernandes de Oliveira Otair Fernandes de Oliveira  
Prof(a) Dr(a) Edilene Dias Matos Edilene Dias Matos  
Prof(a) Dr(a) Leandro de Paula Santos Leandro de Paula Santos  
Doutorando(a) CARLA MARIA FERREIRA NOGUEIRA Carla Maria Ferreira Nogueira

**Nengua Guanguacesse conduzindo makotas e muzenzas do Terreiro Bate Folha**



**Fonte: Imagem cedida pela fotógrafa Marisa Vianna, 2016**

Dedico à MBamburusema Nvula e ao Terreiro Bate Folha;  
Ao nosso fundador, Manoel Bernardino da Paixão, existimos por suas mãos;  
À Kukueto, por Nengua Guanguacesse;  
Aos visíveis e invisíveis que constituem a nossa religiosidade;  
Dedico à Nzazi, Xangô, Gongombira e Nzila que me escolheram e os acolho com gratidão;  
Dedico à Nogueira e Luísa por serem tudo;  
A minha mãe e avós (*in memoriam*) dedico este trabalho e ao Terreiro Bate Folha.

## **Agradecimentos**

Esta tese tem muito de mim e dos meus que se valeram da benevolência e interferência dos Nkisis do Terreiro Bate Folha e de Nengua Guanguacesse. São histórias que expressam dinâmicas de vida fomentadas pela crença e força do candomblé. Visto que estabelece laços de irmandade, renova compromissos, ensina a conviver, compartilhar e compreender as potencialidades e particularidades de cada um.

Pelo aprendizado e possibilidade de apresentar essa singular senhora, agradeço a Nengua Guanguacesse, responsável pelo amor, simplicidade e generosidade que envolve toda uma comunidade e gerações de pessoas, tornando possível falar de si e de sua trajetória. Obrigada por me conduzir no percurso em torno de sua vida e atuação. Sem a sua existência, nada disso seria possível.

Ao Tata Muguanxi, meu pai de santo, agradeço pela permissão, sensibilidade e ensinamentos. De Kaiango ao carinho de minha avó e das memórias de infância, fortes laços fraternos e de respeito foram criados e estabelecidos. Agradeço ao Tata Kisendu, presidente da Sociedade Beneficente Santa Bárbara, do Bate Folha, pela mobilização e incentivo a novos projetos, como sempre quis a saudosa Makota Mubenkiá, Kátia Alexandria.

Às mais velhas e mais velhos, irmãs e irmãos, filhas e filhos do Bate Folha, agradeço pela acolhida em torno das nossas crenças e compromisso. Aprendemos e sentimos que o chão é vivo e cada entidade se materializa no solo, nas folhas, nos ventos, nas águas e em nós.

Ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, expresso agradecimentos e destaco o multifacetado processo em que me tornei pesquisadora a partir das experiências, debates, contatos com as várias áreas para pensar a cultura nas artes, na identidade e no desenvolvimento político, econômico e social do Brasil, da América Latina e das relações com outros países. Cada aula foi fundamental para a montagem e remontagem de leituras, reflexões e escrita. O grupo de pesquisa Memória e Identidade foi um divisor de águas nessa caminhada. Em cada encontro, muitas anotações, inquietações e novas teorias possíveis para a maturidade intelectual, assim como foi muito importante a inserção no grupo de pesquisa Pluralismo, Cultura e Produção Política da Diferença para pensar a pluralidade reivindicativa de representações sociais no trato da religiosidade na cena pública. Trago no coração amizades que levarei para a vida nesses dois espaços de conhecimento.

À Agência Experimental em Comunicação e Cultura e todas as pessoas envolvidas nas filmagens, edição, produção e realização do centenário do Terreiro Bate Folha, muita gratidão pelo envolvimento, profissionalismo, participação e entrega em cada ação realizada. Não posso

deixar de mencionar como a pedagogia do terreiro influenciou a vida de jovens iniciantes na carreira acadêmica que, com certeza, saíram transformados e encorajados a enfrentar as diversas formas de opressão e desafios da profissão.

Pela parceria, irmandade e persistência, agradeço a George Diniz pelo empenho, dedicação, encanto e engajamento com a produção de desdobramentos do registro audiovisual do Terreiro Bate Folha. Soube como ninguém que o Tempo não é só medido por intervalos e prazos de duração, é Nkisi e soberano. À fotógrafa Marisa Vianna, agradeço pela autorização às imagens inseridas nesse trabalho, gentilmente cedidas para compor o entrelaçamento visual no papel, mas, acima de tudo, sua sensibilidade e foco enigmático das criações mais belas já vistas. Costumo dizer que ela tem a poesia no olhar.

Ao meu orientador José Roberto Severino, agradeço-lhe por todo esse percurso de descobertas significativas na área da cultura, história, políticas culturais e manejo com as ciências. Contigo aprendi a ser pesquisadora e leitora atenta. Além disso, compreendi o que é ser interdisciplinar ao desafiar métodos canônicos, propondo mudanças na prática pelos ensinamentos das comunidades a que nos debruçamos e envolvemos. Retribuo-lhe com a entrega desse trabalho finalizado e lindamente construído a partir dos impasses, encontros e desencontros. Foi muito desafiador pertencer ao espaço, conhecer, participar, escutar histórias e relembrar momentos para compor esta tese. Muito obrigada por orientar, compreender, sugerir e reconduzir sempre ao seu especial jeito e da melhor maneira possível, que é junto, pensando, lendo e recriando análises para a construção de caminhos. Gratidão!

Agradeço aos professores doutores que compuseram a banca de qualificação. Professor Leandro de Paula Santos e professora Ione Celeste Jesus de Sousa, os quais contribuíram significativamente para pensar na diversidade que é Dona Olga, uma mulher em várias, e as potenciais questões levantadas para o desenvolvimento da tese. A gentileza e assertividade analítica, me ajudaram a prosseguir. Muito obrigada pelo cuidado e responsabilidade. Aos professores doutores, Edilene Dias Matos e Otair Fernandes Oliveira, que aceitaram compor a banca de defesa, aos quais também nutro grande admiração e muito aprendizado nas leituras e encontros realizados, não poderia estar melhor conduzida em olhares críticos, construtivos e de grande dedicação.

À CAPES, meu agradecimento e reconhecimento pelo apoio financeiro à pesquisa, salientando que é de suma importância o fomento ao desenvolvimento e maturação crítica de cunho científico, como este trabalho doutoral. Por isso, é fundamental a manutenção desta e demais instituições para a consolidação da pós-graduação.



Ao meu Amor, que suportou um turbilhão de alterações de humor, na oscilação de todos os dias, meu apreço e carinho. Agradeço a ele também pelas histórias contadas, as pesquisas realizadas e encantamento pelo Bate Folha, que muito me incentivaram. Por ser marido, companheiro, leitor crítico, corretor e co-autor deste trabalho, meu muito obrigada por não desistir de nós.

À Luisa, nossa preciosidade juvenil, toda a minha vida compactada no amor de mãe. Filha querida que também colocou a “mão na massa” nas transcrições e escuta atenta nas falas das nossas mais velhas, momento em que lhe contei histórias de seus avós no Bate Folha. Por ela, tudo faz sentido quando a luta por momentos melhores é para o seu futuro e de toda a sua geração. Que o mundo para ela seja mais leve do que o nosso. Te amo imensamente!

Por tudo e mais um pouco, agradeço à minha mãe, Maria Bernadete Ferreira, minha avó, Iraci Maria de Jesus, duas mulheres que não se foram e ao meu avô, Bernardino Ferreira, “Seu Nadinho”, contemporâneo de Seu Bernardino (fundador do Bate Folha) e contador de boas histórias. Imensa saudade e plena consciência de que estão nos poros da minha pele e lembrança cotidiana. À Dinda, Kota Kixima, pai Haroldo e família Lopes Sacramento, obrigada por não me abandonarem. À Kota Tuandelê, obrigada por aceitar uma mãe após tantos anos de iniciada. Aos amigos e amigas, ofereço a minha lealdade e agradecimento pelo apoio, sem vocês eu não seria nada, porque me retroalimenta das relações de irmandade. José Carlos e Rogério Fonseca, dois grandes incentivadores, Kilulaman (*in memoriam*), Dilengá e Diala Diulo, mobilizaram energias fundamentadas para que tudo desse certo, e deu. Vocês representam os demais nomes inscritos em meu coração.

A todas e todos, obrigada pelas histórias que foram entrelaçadas nas linhas desse texto que se quer acadêmico, memorialista, narrativo, estilístico, mas no fundo, conta a história de uma mulher, de um lugar, de várias mulheres e de vários lugares do nosso legado do candomblé na Bahia. Agradecer pela vida também é preciso após tempos tão difíceis de pandemia e pós retrocessos políticos, que tenhamos um respirar e sigamos na luta anti-racista nos diversos campos do conhecimento, como enfrentamentos a velhos hábitos segregacionistas, pois a mudança se avizinha.

Aos meus Pais Nzazi, Xangô, Gongombira e Nzila, pela proteção. Por Ndandalunda, sou Makota do Terreiro Bate Folha. A cada Nkisi, Nkosi, Katendê, Mutakalambô, Nsumbu, Angorô, Kukueto, Nzumbá, Lembá, Vunjis e Caboclos, minha fé. À Sereinha, que é meu girassol, gratidão pela experiência transcendental e Conchinha pelo cuidado de sempre!

Nzambi Ua katesa!

**Nossa voz atabaque chamando**  
**Noémia de Sousa**

**Boca calada e pé ligeiro**  
**Nengua Guanguacesse**

## Resumo

Esta tese observa, ressalta e reconhece o incomparável protagonismo de Dona Olga Conceição Cruz, Nengua Guanguacesse, matriarca do Terreiro de Candomblé Bate Folha, em Salvador, Bahia, e figura fundamental no processo de preservação das práticas e tradições do candomblé da nação Congo-Angola,. O presente trabalho parte dos relatos da comunidade do Bate Folha, por meio de narrativas ligadas à fundação, iniciação, repressão e laços religiosos com o terreiro, portanto, é marcado pelo cruzamento de histórias relacionadas ao centenário do terreiro. De natureza interdisciplinar, a pesquisa estabelece vinculação entre passado, presente e perspectiva de futuro pela salvaguarda do patrimônio material, resguardado em seu espaço físico, que vai desde a preservação socioambiental e cultural, ao registro imaterial, de continuidade das práticas litúrgicas, celebradas há mais de cem anos e calendarizadas em reverência aos Nkisis. Observada sob o aspecto da religiosidade vivida no cotidiano, a pesquisa desenvolve a interlocução com diferentes áreas do conhecimento para dar conta do denso e diversificado patrimônio cultural afro-brasileiro e sua carga simbólica, comunicada de maneira intercultural por metodologias e estudos que se referem à história oral, entrevistas, audiovisual, arquivos pessoais, fotográficos e documentos que trazem para a cena de discussão, relatos de vida, construções discursivas sobre identidade, pertencimento e rede de solidariedade, percebida e reelaborada na comunidade pelo movimento de preservação da prática religiosa.

**Palavras-chave:** Nengua Guanguacesse. Terreiro Bate Folha. Memórias. Narrativas. Patrimônio.

## **Abstract**

This thesis observes, emphasizes and recognizes the incomparable protagonism of Dona Olga Conceição Cruz, Nengua Guanguacesse, matriarch of the Terreiro de in Salvador, Bahia, and a key figure in the process of preserving candomblé practices and traditions of the Congo-Angola nation,. The present work starts from the reports of the community of Bate Folha, through narratives linked to the foundation, initiation, repression and religious ties with the terreiro, therefore, is marked by the crossing of stories related to the centenary of the terreiro. Interdisciplinary in nature, the research establishes a link between past, present and future perspective by safeguarding the material heritage, protected in its physical space, ranging from environmental and cultural preservation, to intangible registration, of continuity of liturgical practices, celebrated for over a hundred years and scheduled in reverence to the Nkisis. Observed under the aspect of religiosity lived in daily life, the research develops dialogue with different areas of knowledge to account for the dense and diversified Afro-Brazilian cultural heritage and its symbolic charge, intercultural communication through methodologies and studies that refer to oral history, interviews, audiovisual, personal archives, photographs and documents that bring to the scene of discussion, life reports, discursive constructions on identity, belonging and network of solidarity, perceived and reworked in the community by the movement of preservation of religious practice.

**Key words:** Nengua Guanguacesse. Terreiro Bate Folha. Memories. Narratives. Patrimony.

## Résumé

Cette thèse observe, souligne et reconnaît le rôle incomparable de Dona Olga Conceição Cruz, Nengua Guanguacesse, matriarche du Terreiro de Candomblé Bate Folha, à Salvador, Bahia, et figure fondamentale dans le processus de préservation des pratiques et traditions du candomblé de la nation Congo-Angola,. Le présent travail part des récits de la communauté de Bate Folha, à travers des récits liés à la fondation, l'initiation, la répression et les liens religieux avec le terreiro, ainsi, est marqué par le croisement des histoires liées au centenaire du terreiro. De nature interdisciplinaire, la recherche établit un lien entre le passé, le présent et la perspective d'avenir par la sauvegarde du patrimoine matériel, protégé dans son espace physique, allant de la préservation socio-environnementale et culturelle, à l'enregistrement immatériel, de la continuité des pratiques liturgiques, célébrées depuis plus de cent ans et programmées dans le respect des Nkisis. Observée sous l'aspect de la religiosité vécue dans la vie quotidienne, la recherche développe l'interlocution avec différents domaines de la connaissance pour rendre compte du patrimoine culturel afro-brésilien dense et diversifié et de sa charge symbolique, communiquée de manière interculturelle par des méthodologies et des études qui se réfèrent à l'histoire orale, aux interviews, à l'audiovisuel, aux archives personnelles, aux photographies et aux documents qu'elles apportent sur la scène de discussion, aux récits de vie, aux constructions discursives sur l'identité, L'appartenance et le réseau de solidarité, perçue et retravaillée dans la communauté par le mouvement de préservation de la pratique religieuse.

**Mots-clés:** Nengua Guanguacesse. Terreiro Bate Folha. Mémoires. Récits. Patrimoine.

## Lista de Ilustrações

Fig. 01 – D. Olga	44
Fig. 02 – Aniversário de 90 anos de D. Olga	45
Fig. 03 – D. Olga e prof. Beto Severino	50
Fig. 04 – D. Olga e Equipe da AECC	50
Fig. 05 – Barracão à esquerda e da residência à direita (fotografia antiga)	52
Fig. 06 – Barracão à esquerda e da residência à direita (fotografia de 2016)	52
Fig. 07 – Imagem de mapa da região Beco dos Cravos	59
Fig. 08 – D. Olga e filhas do Terreiro Bate Folha	63
Fig. 09 – Nengua Guanguacesse abençoando uma filha do Terreiro Bate Folha	75
Fig. 10 – Nengua Guanguacesse e Tata Muguaxi	78
Fig. 11 – Reunião da comunidade Bate Folha para o centenário	138
Fig. 12 – Reunião da comunidade Bate Folha para o centenário	140
Fig. 13 – Área frontal do Terreiro Bate Folha	160
Fig. 14 – Imagem mencionada por Tata Muguaxi	161
Fig. 15 – Área verde do Terreiro Bate Folha	162
Fig. 16 – Filhas e visitantes em frente ao assentamento de Tempo – Tombamento	171
Fig. 17 – Selo de comemoração do centenário do Bate Folha	173
Fig. 18 – Cápsula do Tempo	173
Fig. 19 – Convite/Programação do centenário	173
Fig. 20 – 70 anos de iniciação de Nengua Guanguacesse	199
Fig. 21 – 70 anos de iniciação de Nengua Guanguacesse	199
Fig. 22 – Homenagem a Nengua Guanguacesse	200
Fig. 23 – Barracão nos 70 anos de iniciação de Nengua Guanguacesse	200

## **Lista de Abreviaturas**

AECC – Agência Experimental de Comunicação e Cultura

CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais

CIAGS – Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social

D. – Dona

DJC – Delegacia de Jogos e Costumes

DPI – Departamento do Patrimônio Imaterial

GTIT – Grupo de Trabalho Interdepartamental para Preservação do Patrimônio Cultural de Terreiros

IGHBA – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

INCR – Inventário Nacional de Referências Culturais

INDL – Inventário Nacional da Diversidade Linguística

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros

MAMNBAM – Mapeamento de Sítios e Monumentos Religiosos Negros da Bahia

PNPI – Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

Prof. – Professor

RS – Rio Grande do Sul

SHM – Serviço de Higiene Mental

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SSP/BA – Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia

Sr. – Senhor

Sr<sup>a</sup>. – Senhora

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## Sumário

1. INTRODUÇÃO - CIRCULARIDADE ACADÊMICA: APRENDIZADOS TEÓRICOS .....	17
1.1 Entrecruzamentos Culturais .....	19
1.2 De Noémia de Sousa à Nengua Guanguacesse .....	21
1.3 Outras Epistemologias.....	23
1.4 Fontes Orais e Arquivos Pessoais .....	27
1.5 Os Capítulos .....	29
2. PERCURSO DE VIDA: VOZES E NARRATIVAS DE NENGUA GUANGUACESSE.....	35
2.1 Quem Registrar.....	43
2.2 De D. Olga a Guanguacesse .....	47
2.3 Liderança Feminina do Terreiro Bate Folha .....	62
2.4 Nengua Guanguacesse: o tornar-se mãe .....	68
2.5 D. Olga e o Entorno da Roça .....	81
3. ESTUDOS INICIAIS SOBRE O NEGRO E O CANDOMBLÉ .....	86
3.1 Leituras sobre o negro e o candomblé: Nina Rodrigues e Manuel Quirino .....	89
3.2 Caminhos em torno do Candomblé da Bahia: sua retomada em meados do século XX .....	105
3.2.1 De Arthur Ramos a Gilberto Freyre.....	110
3.2.2 Congressos Afro-brasileiros: debates públicos e consolidação de um campo de estudo sobre o negro e o candomblé .....	117
3.2.3 Edison Carneiro e Ruth Landes .....	123
3.3 Tradições Bantu: lacunas e apagamentos do Candomblé Congo-Angola.....	128
4. PATRIMÔNIO E ESPAÇOS DE MEMÓRIA .....	135
4.1 Comunidade Implicada na Linguagem da Preservação .....	137
4.2 O Centenário: patrimônio recuperado nas frestas do tempo .....	142
4.3 Fios da História.....	144
4.4 O Tombamento do Bate Folha.....	161
5. TRADIÇÃO ORAL NO TERREIRO BATE FOLHA .....	178
5.1 Vocabulário preservado na ritualidade da fé.....	186
5.2 A dijina representada na identidade do Bate Folha .....	190
5.3 A narrativa oral e o audiovisual no Bate Folha .....	193
5.4 Registro de um Legado.....	196
5.5 Travessias do Tempo .....	202
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	206
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	210



## 1. INTRODUÇÃO - CIRCULARIDADE ACADÊMICA: APRENDIZADOS TEÓRICOS

De lá pra cá,  
potentes mulheres resguardam a fortaleza ancestral  
e perpetuam um legado que vem de muito longe.  
Não estamos sós!  
(Carla Nogueira)

Esta tese, além de considerar os diversos contextos sociais e culturais existentes, encontra-se articulada com os principais campos analíticos, tendo como propósito a inserção de Nengua Guanguacesse e o Terreiro Bate Folha no diálogo existente entre gerações desde o início do século XX até a contemporaneidade. No escopo dessa abordagem, encontramos temas inter-relacionados, percursos de pesquisas e de registros que remontam aos cem anos da casa, que se constituem em ideias e se somam ao esforço de reflexão sobre formas de contar preservadas pela manutenção da cultura oral. Permitindo assim, transpor as barreiras disciplinares que são expandidas pelo patrimônio, pelo audiovisual e demais metodologias, diante da multiplicidade de formas de observação encontradas no terreiro, que com os óculos da reflexividade conduzimos nossa escrita.

As narrativas constroem possibilidades para a compreensão do modo como as experiências vivenciadas no terreiro são compartilhadas e os comportamentos, significados e conhecimentos são enfatizados e organizados no processo de produção de histórias reconhecidas entre os terreiros de candomblé. Sobretudo, dentro da própria comunidade que se reconhece na tradição de matriz africana, validando sua existência e a narrativa da sua matriarca, Nengua Guanguacesse.

A contribuição dos povos africanos na formação do Brasil é inquestionável. Isso se dá tanto na compleição física da população quanto na identidade cultural do país nas suas mais variadas expressões, indo do léxico, à música, culinária, estética, religião, modos de ver, perceber o mundo e se relacionar com o outro. Múltiplos caminhos abordam o universo sociocultural de compreensão teórica, tomando como referência as ciências sociais, a antropologia, a história e a linguística, tradicionais e importantes campos de estudo que representam, a seu interesse, a maneira de se conferir autenticidade.

Não há, portanto, uma cultura brasileira homogênea, e sim um mosaico de diferentes vertentes que juntas integram uma síntese das influências do que convencionamos chamar de povo brasileiro. Compreensão lançada na obra de Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil* (2001) quando trata das fontes culturais e étnicas formadoras do Brasil. O

que temos faz parte das proporções relacionadas às matrizes indígenas, africanas e dos portugueses que se fundiram, não sem conflitos, na destacada diversidade originada de um processo de invasão e escravização. Ademais, é possível inferir sobre a proeminência das raízes africanas e que esse entrecruzamento está para além das regionalidades, já, sobejamente, comprovada pela moderna historiografia, sociologia, antropologia e estudos linguísticos e literários. É também inegável a diversidade de raízes culturais que constituem a formatação do Brasil nas suas estruturas basilares, inseridas, também nelas, os povos originários, indígenas, e as contribuições europeias. Do choque das sociedades locais com a invasão portuguesa, à chegada, forçada, de negros/as africanos/as, e, em seguida, a vinda de imigrantes, emana uma nova estruturação social. Nova, inclusive, porque surge diferenciada de suas modulações iniciais e singularizada pela redefinição de suas organizações culturais e socioeconômicas. Surge daí a heterogeneidade originária de matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas e formações sociais diferentes, fundamentada, sobretudo, no escravismo iniciado com os indígenas e continuado com os africanos.

Após mais de três séculos consecutivos de regime escravocrata e senhorial, sob colonização portuguesa, sendo a “Bahia uma das principais regiões escravistas do Atlântico, desde o final do século XVI até final do XIX” (REIS, 2019, p. 15), o Brasil, conforme dados estatísticos do IBGE (2010) é, na atualidade, majoritariamente negro, confirmação que nos coloca à frente como o país de maior número de pessoas negras fora do continente africano. Por conseguinte, em Salvador vive a maior comunidade de afrodescendentes, sendo também a cidade mais negra do país. Sem dúvidas, é um dos principais locais onde as tradições africanas foram e são conservadas e recriadas. Se, de um lado é constatada a grande participação negroafricana na feição brasileira, por outro, houve e ainda há tentativas de apagamento dessa herança, tanto nos oficiais quanto em ações e políticas de Estado. Destaca-se o uso de negroafricana e negroafricano, utilizada, inclusive no título, em referência aos povos da África subsaariana, região de maior concentração da população negra do continente. Somado ao fato do marcador linguístico que engloba um posicionamento teórico e político, de combate ao preconceito linguístico, na relação entre a língua falada e escrita no Brasil, acentuada pela discriminação e exclusão racial em uma estrutura dita oficial. Pontapé inicial para entender um sistema muito maior de particularidades e idiosincrasias que passaram a ser reconhecidas e valorizadas como constitutivas da diversidade linguística e cultural brasileira.

Ao conhecer a história do Brasil, e enxergar a possibilidade de trazer ao centro a valorização da herança negroafricana, apesar do recuo do tempo, direcionado à compreensão das influências e aproximações com os países africanos a que temos ligações, ampliou-se o

interesse de contribuir para os estudos no campo das humanidades e melhor entender os processos de formação cultural, religiosa e identitária, a partir das populações que foram trazidas para cá e ainda identificar indubitavelmente, a nossa origem também africana.

Desde a graduação, por volta de 2002, ao mestrado, em 2012, os olhares, da autora que aqui escreve, se voltaram para o continente africano, não em sua totalidade, para não incorrer nos costumeiros ranços preconceituosos que menosprezam a tamanha diversidade dos cinquenta e quatro países existentes na África, e sua relação com o Brasil. Os estudos abrangeram a região subsaariana, compreendendo história, aspectos políticos, culturais e a literatura dos cinco países de língua oficial portuguesa, Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

No doutorado foi possível estabelecer diálogos a partir dos aprendizados de lá, com a vivência e observação de cá, remontando o processo da circularidade de uma compreensão filosófica como princípio em que o começo e o fim se encontram. Foram vários os elementos das mais diversas formas de comunicação, atitudes, contextos e convívios, desde o gestual performático guardado em nossa memória por saberes e fazeres africanos. Os quais são recorrentemente encontrados nas tecnologias, nas rodas de conversa, de samba e de capoeira; na voz, na dança, nos terreiros de candomblé e dos movimentos indispensáveis para o conhecimento de mundo herdado de nossos ancestrais.

## **1.1 Entrecruzamentos Culturais**

Na graduação em Letras Vernáculas, sob o amparo das literaturas africanas de língua portuguesa, com recortes históricos, de gênero e raça, estudar África possibilitou o estudo interdisciplinar para entender a geografia, a partir do desmantelamento das nações ali existentes com a construção de fronteiras pela divisão do colonialismo; a história, para, principalmente, mudar de perspectiva e compreender uma existência anterior à colonização. As ciências sociais, a antropologia e a etnografia instrumentalizam com o contato e utilização de procedimentos de análise das práticas e relações sociais na objetivação de discursos mais aproximados das dinâmicas daqueles países e no que adquirimos com a diáspora. A arqueologia e a tradição oral nos ampara com a possibilidade de observar o testemunho irrecusável dos valiosos achados e dos repositórios do capital sociocultural dos povos da África Negra, “as verdadeiras bibliotecas vivas” (HAMPATÉ BÂ, 2010). E a própria literatura que descortinou toda uma produção

artístico-literária das/os escritoras/es africanas/os, com a apresentação de imagens e simbologias vindas de seu interior e não o contrário.

Nesse caminho, foi importante a leitura e o estudo de obras de autoras/es angolanas/os, moçambicanas/os, são-tomenses, cabo-verdianas/os, por exemplo Noémia de Sousa, Uanhenga Xitu, Alda do Espírito Santo, José Craveirinha, Alda Lara, Agostinho Neto, Paulina Chiziane, Luandino Vieira, Luís Bernardo Honwana, Alfredo Troni, Baltasar Lopes, Ungulani Ba Ka Khosa, Mia Couto, dentre outros.

Com relação à história do continente africano, Joseph Ki-Zerbo, Hampaté Bâ, Kátia Mattoso, Alberto da Costa e Silva, Luis Felipe de Alencastro, Wladimir Zamparoni e Fernando Novais. Na linha da teoria literária e cultural, Antônio Cândido, Alfredo Bosi, Terry Eagleton, Aijaz Ahmad e Stuart Hall. Da crítica literária brasileira Maria Aparecida Santilli, Benjamin Abdala, Carmem Lúcia Tindó, Rejane Vecchia, Laura Cavalcanti Padilha, Rita Chaves, Tania Macêdo, Maria Nazareth Fonseca, além de Francisco Noa, de Moçambique, Ana Mafalda Leite e Inocência Mata, de Portugal e Russell Hamilton dos EUA. Nesse itinerário diversificado de leituras, foi permitida a introdução nas discussões em torno do processo colonial e seus efeitos na modernidade, percurso em busca de compreensões do contexto sociocultural brasileiro.

*Os Condenados da terra; Pele Negra, Máscaras Brancas e Em Defesa da Revolução Africana* são obras de Frantz Fanon que geram impactos e mostram o porquê de suas teorias reverberarem como referência obrigatória em diversos campos de estudo, de forma a oferecer um panorama apurado a respeito da conjuntura e dos dilemas enfrentados. Do pensamento crítico à sua trajetória política na participação nos movimentos de libertação dos países africanos e na Martinica, Fanon oferece um importante aparato para compreender os contextos atuais, que como consequência, nos impulsiona a atuar na ocupação de espaços e de manifestações socioculturais, quando considera que “as estruturas sociais colonizadoras são introjetadas na subjetividade do colonizado e a mudança dependeria de uma transformação radical das estruturas da sociedade” (OLIVEIRA, 2018).

Portanto, Frantz Fanon contribui para o debate sobre a presença do pensamento negro e sua resistência política e intelectual na atualidade. Assim, como a obra do antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga, com destaque para as leituras de *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil e Negritude: usos e sentidos* (2004), que apresenta as ranhuras na sociedade brasileira. Sendo o professor Kabengele um dos protagonistas no debate nacional em defesa da implantação das cotas, sua militância contra o racismo e em defesa dos direitos humanos foi muito importante para a perspectiva das políticas afirmativas e trouxeram contribuições significativas para os estudos raciais no Brasil.

## 1.2 De Noémia de Sousa à Nengua Guanguacesse

Estudos sobre a África negra compuseram o entendimento das permanentes e continuadas tentativas institucionais em não discutir de maneira aprofundada as marcas do passado escravocrata ainda reproduzidas na contemporaneidade, há muito a desconstruir. A pesquisa pautada na vida da escritora moçambicana, Noémia de Sousa, e sua obra, *Sangue Negro* (2001), projeto do mestrado, evidencia os conceitos de negritude, ativismo, militância, e engajamento, tornando-se pujante e passando a ser elemento direcionador para discutir e pensar educação, desigualdade social, distribuição de renda, políticas públicas, saúde, segurança, identidade e cultura.

Conduzida pela escrita de Noémia, rotas foram percorridas, mulheres apresentadas nas linhas de seus textos e outras reveladas no movimento literário de relação intertextual. Agora, nesta tese, volto-me para o lado de cá do Atlântico, propondo a realização de uma empreitada, não menos difícil e de muita responsabilidade, posto que intenta estudar a representatividade de uma mulher negra e sua liderança feminina no candomblé, tendo como protagonista Nengua<sup>1</sup> Guanguacesse<sup>2</sup>, nome de iniciação de Dona (D.) Olga Conceição Cruz, matriarca do tradicional e centenário Terreiro Manso Banduquenque<sup>3</sup>, mais conhecido como Terreiro Bate Folha, localizado no bairro da Mata Escura, Salvador, Bahia. Digo que não será um caminho tão simples porque falar da Nengua é comunicar com tantas mulheres que constituem um repertório de compartilhamento no candomblé. É relatar experiências concretas na realidade cotidiana e também discorrer sobre um lugar que acolhe, abraça e cuida sob os desígnios da dona da casa, MBamburusema Nvula<sup>4</sup>. É sintonizar as continuidades e os laços históricos recriados de um passado mítico capturado nas histórias antigas e recentes de tantas mulheres e homens que se constituíram na dinâmica do candomblé. Sendo possível, associar ao remontar de uma conta construída a cada miçanga no cordão das narrativas individuais e coletivas, integrada a um conjunto de estratégias de continuidades e de circuitos dialogados entre nações. É o que mobiliza este trabalho e afirma o propósito da tese na capacidade de entender as trocas simbólicas existentes desde o fundador, Seu Manoel Bernardino da Paixão à Dona Olga.

---

<sup>1</sup> Nome de origem Kimbundo que significa mãe

<sup>2</sup> Dijina D’Nkisi: nome recebido no candomblé Congo-Angola ao se iniciar

<sup>3</sup> Nome de origem Kimbundo com aspectos da variação linguística

<sup>4</sup> MBamburusema Nvula: Nkisi, de origem Congo-Angola, representada no candomblé pelos ventos e energias circulantes da terra.

Até chegar aqui, foi importante falar das relações entre Moçambique e Brasil, a representatividade feminina convergente desses dois territórios para dialogar sobre experiências de vida e leituras de mundo. Tanto Noémia de Sousa quanto Nengua Guanguacesse apresentam os espaços que as colocam em evidência por meio de sua representação e performance, seja no campo das letras ou na atuação religiosa; uma no texto escrito, outra na oralidade, porém, ambas inseridas em contextos que possuem raízes históricas perduráveis até os dias atuais, possibilitando promover uma ampla discussão acerca da participação feminina em vários campos simbólicos da cultura. Uma está na poesia e a outra no candomblé.

Noémia de Sousa, por meio de seus poemas, subverteu um regime totalitário vigente e Nengua Guanguacesse, no *Terreiro Bate Folha*, resguarda um grande repertório de conhecimentos sobre o candomblé da nação Congo-Angola, além de contribuir com as histórias, narrativas e consolidação de ensinamentos. As duas propõem vinculações discursivas em torno das relações entre identidade e memória, oralidade e escrita, modernidade e tradição; apontam caminhos para o debate em torno das questões sobre a realidade estampada da desigualdade social, racial e de gênero, assim como permitem tecer considerações sobre os processos históricos, políticos e culturais que constituem os dois países colonizados na construção de forças opositoras a qualquer tipo de mecanismo que oprime, exclui e marginaliza. Ambas as pesquisas partem de uma preocupação particular com a experiência de mulheres em seu cotidiano que, enquanto visão poética procura irromper às amarras patriarcais, utilizando a linguagem como arma de expressão, como bem atesta Virginia Woolf, porque sobre as mulheres muito pouco se sabe” (2019, p. 09-10).

Partindo de uma escolha metodológica de pesquisa, principalmente por envolver várias falas, lembranças e histórias que emergiram da narrativa de Nengua Guanguacesse e demais filhas e filhos do *Bate Folha*, essa investigação abriga seu testemunho, relatos de acontecimentos, conjunturas, cosmopercepção afro-religiosa e outros aspectos da história. Nesse interim, aponta para sua participação expressiva no processo de formação identitária e de resistência junto à comunidade a qual pertence, seu entorno, e para o candomblé de modo geral. Desta forma, a tese parte da experiência religiosa identificável na multiplicidade de uma senhora, mulher, negra, candomblecista e matriarca, aglutinadas na representatividade de D. Olga Conceição Cruz, Nengua Guanguacesse, para compreender as experiências que se atualizam no contemporâneo, na presença inserida em uma comunidade ritualística de origem

de falares do tronco linguístico banto, dos povos bacongos, ovimbundos e umbundos, da região do Congo e de Angola, no ethos integrado à mística de Nkisi<sup>5</sup>.

Nesse aspecto, rememorar Noémia de Sousa e estabelecer uma correlação entre esta e Nengua Guanguacesse, permite formulações e uso de análise comparativa de imbricações possíveis na apresentação dessas referências, em diferentes espaços e campos, sendo, de algum modo, eixo de reflexões em torno da atuação de mulheres negras em suas diversas áreas e configurações existenciais, seja na produção literária, nos arranjos históricos, econômicos, sociais, políticos, religiosos e culturais. É também político quando dá continuidade aos caminhos abertos por pesquisadoras/res que estudaram África, candomblé e manifestações negroafricanas no Brasil e representa uma transição de pesquisa para dedicação a essa outra figura feminina, Nengua Guanguacesse. Ainda, coloca-se como desafiador a proposta de falar de pessoas e lugares que nos são próximos como forma de pensar o fato social em contextos de vida e de encontros a partir de elementos imaginados coletivamente. E como prenuncia Noémia de Sousa, em seu poema *Abri a porta, companheiros*, “O que importa/ é não nos deixarem morrer/ miseráveis e gelados/ aqui fora, na noite fria povoada de xipócués.../ O que importa/ é que se abra a porta” (SOUSA, 1998, p. 40). De um jeito ou de outro, abriremos a porta e escolheremos o diálogo, o debate qualificado e a sustentação, via cultura, educação, patrimônio e políticas públicas afirmativas de combate ao racismo, intolerância religiosa e que esteja em defesa da afirmação da diversidade.

### 1.3 Outras Epistemologias

Trazer a representatividade da Nengua Guanguacesse para o campo de debate é utilizar a interdisciplinaridade na prática. Está entendida na aliança de conhecimentos teóricos sensíveis, com comprometimento e engajamento social, na busca de outros caminhos de coexistências e possibilidades de pensar as relações humanas, em um momento em que o individualismo e o consumismo funcionam cada vez mais como mediadores de uma existência moderna, em proveito da desigualdade e manutenção de privilégios econômicos, inclusive, no uso das redes sociais como pretenso meio de (re)conexão com o ser e o ambiente, que não apontam construções viáveis para o problema da atual conjuntura social.

---

<sup>5</sup> Divindade do candomblé Congo-Angola que remete à cosmopercepção (termo trazido para o campo acadêmico pela socióloga feminista nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí) dos povos de origem banto.

Abordar, discutir dentro e fora da universidade os diferentes meios de convivência coletiva, formas de salvaguarda, comunitarismo, herança negroafricana no Brasil é manter viva a função elementar do espaço acadêmico de problematizar, questionar e, também, romper com paradigmas. Nessa perspectiva, a reunião de arcabouços teóricos, críticos e epistemológicos auxiliam nas demandas em torno do debate de outras frentes narrativas pela descolonização do conhecimento e reenquadramento de experiências sociais, a exemplo, das que ocorrem no universo do candomblé e dos etnosaberes no contexto da interdisciplinaridade. Do mesmo modo, é aprender com pensadores da decolonialidade, da América Latina, com base nas contribuições teóricas da conceituação da colonialidade do poder, visto que para o sociólogo Aníbal Quijano, “não há modernidade sem colonialidade, mas também não há colonialidade sem falar de raça”, como aponta o professor César Augusto Baldi (2013).

Pretende-se registrar por meio do olhar endógeno, práticas discursivas e narrativas no esforço teórico de pensar a realidade ancorada nos estudos centrados na memória, oralidade e suas diferentes formas de registro, pensando a transformação via práticas de equidade, sob o entendimento de ser possível suscitar uma educação emancipadora que reconheça as dinâmicas culturais e religiosas afro-brasileiras e as epistemologias africanas recriadas na diáspora, incluídos aí, o imaginário de uma África mítica, explicada, recontada, fortalecida e contemplada na interação entre o mundo visível e invisível, reconhecendo o seu valor no campo do pensamento, e com isto, sua contribuição para a compreensão da vida. Desta maneira, evidenciam-se, reflexões sobre a relação com o outro, presente no candomblé e sua preservação através de uma práxis filosófica de resistência que se contrapõe a uma lógica de modernidade colonizadora e opressora, que tende a conduzir ao individualismo, valorizar o “ter” e a fragmentação do “ser”. Além de dialogar com a tradição dos estudos do Atlântico Negro, pensando o desenvolvimento de um argumento com ênfase no pluralismo étnico no Brasil, sem, perder de vista o processo ontológico de compreensão do ser, a partir de diferentes culturas e por distintas formas, no vasto repertório epistêmico expresso em mitos, danças e símbolos que apresentam outras racionalidades.

Paul Gilroy, em *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* (2001) destaca o nascimento do processo de construção de identidades e culturas negras na América, como ações continuadas no combate e resistência à escravidão, circulante no Atlântico por meio da experiência e memória na diáspora africana e racialização que decorre em pensar “como os traços residuais de sua expressão necessariamente dolorosa ainda contribuem para memórias históricas inscritas e incorporadas no cerne volátil da criação cultural afro-atlântica” (GILROY, 2001, p. 158).



Na diáspora, a formação de uma rede global possibilitou a formação de uma cultura inerente às populações negras que não pode ser identificada exclusivamente como uma ou outra, mas todas ao mesmo tempo, formatada na cultura híbrida do Atlântico Negro pela “conjunção histórica das formas culturais bilíngues ou bifocais originadas pelos – mas não mais propriedade exclusiva – negros dispersos nas estruturas de sentimento, produção, comunicação e memória” (GILROY, 2001, p. 35). Para tanto, as identidades trazidas e/ou criadas pelos/as africanos/as no Atlântico ilustram a remodelagem de suas práticas na medida em que interagiram e foram incorporadas, ajudando assim a pensar nas integrações existentes no Bate Folha, somado ao circuito comunicativo ao qual Seu Bernardino fez parte no assado e D. Olga articula no presente.

Essa noção da dispersão do povo africano<sup>6</sup> estabelece um novo paradigma que amplia a compreensão das culturas africanas e as forças que impuseram mudanças durante e após o escravismo. Enfatiza não só esse espalhamento de povos, mas também trabalha a ideia de rompimento do poder do território, quando lança questionamentos em torno de uma identidade supostamente enraizada, autêntica e fidedigna. Entendendo assim, se tratar de um processo que redefine a leitura cultural e histórica de pertencimento. Visto que, o inter-relacionamento de sentidos e conceitos se conforma em teias de significado em torno do legado em que africanos, africanas e afro-brasileiros e afro-brasileiras, principalmente pelo candomblé, influenciaram na constituição da cultura brasileira.

Nesse aspecto, fenômenos cujas abordagens se veem mais relacionadas em juízos de valor do que reflexões propriamente ditas, o historiador Perry Anderson nos chama a atenção sobre o risco de indeterminação conceitual quando analisa a história da relação entre as noções de nacionalismo e internacionalismo, no artigo *Internacionalismo: um breviário*<sup>7</sup> (2002). Aponta para os “perigos de qualquer divisão totalizante do tempo histórico em sequências categóricas são suficientemente óbvios”, sob o pressuposto de que ambos passaram por uma série de transformações, desde o significado ao propósito inicial e versões históricas “cambiantes”, dependendo, assim, de uma concepção anterior ao nacionalismo, uma vez que este, apenas possui valor referente a seu oposto, o internacionalismo. O qual propõe uma

---

<sup>6</sup> Diáspora africana, também chamada de Diáspora Negra, fenômeno sociocultural e histórico que ocorreu em países do continente africano devido à imigração forçada, por fins escravagistas mercantis que penduraram da Idade Moderna ao final do século XIX, de africanos (que passaram a ser chamados pela cultura ocidental de negros ou afrodescendentes). HEYWOOD, Linda M. *Diáspora Negra no Brasil*. Ingrid de Castro Vompean Fregonez (Trad.). São Paulo: Editora Contexto, 2008.

<sup>7</sup> Publicado, originalmente, na revista *New Left Review*, Londres, n.14, abr./mar. 2002. Tradução: Hugo Arend. No Brasil: Anos 90, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.13-42, jan./dez. 2005. Em: file:///media/fuse/drivefs-dab6395a5def7dd251d206f637ea066b/root/6367-19953-1-PB%20(1).pdf

periodização que capte as metamorfoses que o nacionalismo e internacionalismo sofreram desde suas aparições.

Movimento que para o filósofo Kwame Anthony Appiah pode aproximar ou distinguir dois conceitos discutidos no artigo *Patriotas cosmopolitas* (1998) baseado nas ideias de patriotismo e cosmopolitismo, os quais congregados “pode(m) entreter a possibilidade de um mundo no qual todos são cosmopolitas enraizados, todos têm um lugar, com suas peculiaridades e identificações, mas sentem prazer em estar em outros diferentes lugares que são de outras diferentes pessoas”<sup>8</sup>. Pensamento que amplia e retoma no livro *Na Casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura* (2010) ao refletir sobre o valor que a cultura exerce dentro de diferentes territórios, destacando que deveria prevalecer o respeito às diferenças culturais, não porque as culturas sejam matéria de interesse em si, mas porque “as pessoas importam e a cultura importa para as pessoas”, ensinamento de seu pai, um homem que, pelo relato, soube cultivar suas múltiplas identidades.

Partindo de discussões acerca das produções literárias, artísticas e filosóficas africanas, Appiah apresenta os equívocos que a imposição de um tipo de universalismo ocidental criou, induzindo a considerar e crer em um pensamento local como universal<sup>9</sup>. Pensamento norteador daqueles que inventaram uma África pós-colonial e minimizaram as diferenças existentes na diversidade continental subsaariana.

Em um dos capítulos do livro *Na Casa de Meu Pai: a África na filosofia da cultura* (2010), no ensaio *Velhos deuses, novos mundos* (2010), Appiah traz as religiões tradicionais para discutir o papel da razão na vida africana pré e pós-colonial, e arrisca uma proposta de modernização para a África. Mostra que as técnicas que garantem sucessos práticos e tecnológicos se encontram quase ausentes na vida africana, porém, não se deve confundir que para esse sucesso técnico necessite do abandono de determinadas práticas tradicionais, a exemplo do que o próprio vivenciou posto que recebeu uma educação formal europeia, em uma família africana cristã. Contudo, sem abrir mão das tradições de Gana, dos Achanti.

Segundo Appiah, essas práticas são conflitantes aos olhos de qualquer ocidental, entretanto, conseguem coexistir lado a lado, além disso, sua história é semelhante a de muitas outras pessoas naquele continente (APPIAH, 2010). Conforme o filósofo, oposição entre tradicional e moderno presente no pensamento ocidental, pode levar a um equívoco de análise

---

<sup>8</sup> APPIAH, Kwame Anthony. *Patriotas Cosmopolitas*. Rev. bras. Ci. Soc. vol. 13 n. 36 São Paulo Feb. 1998 [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000100005)

<sup>9</sup> Questão também levantada por escritoras contemporâneas ao tratar do feminismo negro, como Djamilia Ribeiro, acerca do que é ser universal em contextos e explicações que uniformiza e exclui. Nos livros: *Quem tem medo do feminismo negro?* e *Lugar de Fala*.

se compreendermos modernidade através do que é tradição e levarmos em conta que o tradicional se refere a tudo aquilo anterior à colonização.

Na sua concepção há um elemento intermediário no processo de modernização da África tido como não-tradicional, pois coexiste com elementos culturais dos colonizadores e ao mesmo tempo não são modernos. Reforça-se o fato de que a mistura de elementos que possam ser considerados conflitantes para o europeu na verdade se torna uma fonte de convivência cultural na África.

Considera, no entanto, o que faz com que os ocidentais chamem as sociedades africanas de tradicionais e de extremamente religiosas se deve ao fato dos povos tradicionais serem cerimoniais e a religião também ser. Mas o que faz um ato se tornar religioso é o que se acha obter com ele, e não o ato em si. A questão analisada por Appiah é que nem sempre o explicado racionalmente, em uma ótica ocidental aceitável, significa ser racional e nem mesmo verdadeiro.

É considerar as religiões tradicionais africanas como simbólicas porque o cristianismo e o judaísmo são considerados assim. Ao se perguntar em que as pessoas que praticam as religiões tradicionais acreditam e como elas passaram a ter essas crenças passa-se a repensar “a urgência e relevância dessa questão para os problemas cruciais da política pública, pois constituem uma das razões porque se verifica ser mais instigante a discussão filosófica da religião na África do que na filosofia da religião do Ocidente” (APPIAH, 2010, p. 156).

#### **1.4 Fontes Orais e Arquivos Pessoais**

Para não construir suposições erradas, de conclusões que não correspondem à verdade ou pelo menos a uma delas, a produção de fontes orais e constituição de seus acervos, foram, desde o início da pesquisa, elaborados e discutidos quanto à sua validade e legitimação quando não se tem por base o conceito tradicional de documento escrito. As entrevistas “documentação oral, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim” (MEIHY, 2007, p. 14), foram utilizadas, dentre outras serventias, nas ligações estabelecidas do passado com o presente, tanto nas continuidades quanto nas rupturas de práticas e padrões muitas vezes não mais existentes.

Trabalhar novas versões da história a partir de relatos de pessoas que testemunharam e vivenciaram determinado período, pareceu propício dada a importância das experiências individuais e as redefinições metodológicas a serem reconsideradas. Como considera Paul

Thompson, “a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas” (1992, p. 17).

Quando ocorre o deslocamento das pesquisas de grandes fatos datados e demarcados historicamente para a análise do cotidiano, o uso da fonte oral, assim como de todas as outras fontes, deve estar cercada de uma trajetória de pesquisa com suporte teórico e referências acerca do fenômeno estudado para não cair nas corriqueiras críticas dos riscos da subjetividade. Quanto a isso, Paul Thompson argumenta que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual, todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação. Apesar da subjetividade, “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, transformando os objetos de estudo em sujeitos” (1992, p. 137).

A fonte oral se baseia e atua essencialmente na memória individual, bem como na coletiva, reconstruída pela perspectiva do presente, e a partir das evocações do passado visto e vivido. Para Maurice Halbwachs, “toda memória é coletiva, e como tal, constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros” (2004, p. 85). Embora o levantamento das narrativas de Nengua Guanguacesse ocorra na atuação individual do sujeito, estas foram (re)contadas a partir de vivências experimentadas no curso de sua vida, inseridas em grupos sociais, principalmente, no candomblé e no domínio coletivo muitas vezes em momentos datados e diversos da história. “A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos” (THOMPSON, 1992, p. 17). Por meio da palavra, fatos são rememorados, contados e partilhados na confluência de diálogos onde cada um identifica no seu próprio ciclo de vida, vinculação com outro, compondo, assim, um importante manancial discursivo de narrativas afro-brasileiras. A familiaridade com a oralidade, o exercício da “ladainha”, o falar e o conversar com o Sagrado favoreceu a prática metodológica da história oral e o encaixe entre método e análise não apareceu como ferramenta destoante diante da realidade. Contudo, a recolha das fontes orais revelou alguns desafios e exigiu modos de atuação que possibilitasse a conversa com a Nengua e demais membros do terreiro, sendo inclusive, utilizado o audiovisual como importante material de registro do terreiro, algo não antes realizado, assim como, documentários acerca do centenário da casa<sup>10</sup>.

Conforme relato do historiador Jan Vansina, a importância da oralidade está no fato de que para vários povos africanos a palavra é carregada de significado. “Uma sociedade oral

---

<sup>10</sup> Termo utilizado nas comunidades de candomblé para fazer referência ao próprio terreiro.

reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais venerada no que poderíamos chamar de elocução-chave, isto é, a tradição oral” (VANSINA, 2010, p. 139-140). Para o povo de terreiro, a palavra, a fala e o cântico não são apenas meio de comunicação entre pessoas, representa a comunicabilidade com os seres invisíveis, passando pela mediação com Nkisi, Orixá, Vodum e Encantados.

A composição do conjunto de documentos e objetos biográficos, juntamente com as memórias e (auto)biografia, permitiram compreender como os acontecimentos foram registrados e interpretados por cada geração, dando corpus e tornando a análise mais próxima das experiências vividas. Nesse aspecto, graças às novas abordagens de utilização de arquivos pessoais, foram importantes bases de consulta para o estudo da trajetória de vida de Nengua Guanguacesse e dos membros do Terreiro Bate Folha, além de permitir acesso privilegiado aos documentos.

Seguindo esse caminho e abordando aspectos destacados por McKemmish, os “registros pessoais são um tipo de construção testemunhal e memorial” (2013, p. 23), fonte preciosa de conhecimento que são, em geral, resultado de uma vida e ajudam a entender a pessoa, contextos e situações. Envolve trajetórias pessoais, redes de sociabilidade, subjetividades e, em muitos casos, registros, sejam em diários, cartas, anotações em cadernos, livros ou documentos carregados de temporalidades distintas em que são vividas e reinventadas nas práticas do cotidiano.

## 1.5 Os Capítulos

A realização dessa pesquisa, e, por conseguinte, a escrita desse texto é consequência da percepção de mundo, do entendimento das dinâmicas existenciais da relação com o Sagrado na manifestação dos Nkisis<sup>11</sup>. O convívio, ensinamentos e a participação no candomblé entrelaçam-se às narrativas das mais velhas e mais velhos compondo um interessante episódio da história social do Bate Folha.

O próprio relato do percurso de estudo composto das leituras realizadas e teorias acionadas se configura como importante capítulo introdutório que implica na vida, com o que está para fora da universidade. Movimento de energias e confluências metodológicas, de temas

---

<sup>11</sup> Nkisi (forma singular que nomeia genericamente as divindades de origem banto. Mikisi (plural de nkisi). Porém, utilizarei a forma mais recorrente de uso no Terreiro Bate Folha que insere s no final de nkisi = Nkisis.

de pesquisa, assuntos e questões que saíram do consagrado e me fizeram pensar outras dinâmicas, às quais, de um modo ou de outro, auxiliam na construção textual.

Assim como Ungira<sup>12</sup> abre caminhos na ritualística do candomblé e promove todo o movimento mundo, em *Percurso de vida: narrativas e vozes de Nengua Guanguacesse*, percorre-se a trajetória desde a sua chegada ao terreiro, iniciação e até quando se torna matriarca para desvendar e analisar a construção da sua representatividade para o candomblé e também para a comunidade tradicional circunscrita àquele espaço e ao bairro da Mata Escura. Busca-se, através de relatos e depoimentos, apreender e registrar a memória oral do Terreiro Bate Folha, com especial atenção às histórias que ecoam dos relatos e práticas cotidianas de formação, orientação, sustentabilidade e salvaguarda.

Para tanto, discute-se o tema central deste trabalho, que é a importância da liderança feminina de Nengua Guanguacesse para a preservação das tradições do Terreiro Bate Folha, e, em meio a essa pesquisa, surge então o que se tornou o problema da tese. Que foi justamente procurar entender como o Terreiro Bate Folha, em toda sua história de existência, foi liderado por homens, em um determinado momento passa a ter essa liderança exercida de maneira predominante por D. Olga, Nengua Guanguacesse. A qual se torna um figura de grande importância nas realizações das atividades cotidianas e nos rituais do terreiro, assim como na organização das obrigações<sup>13</sup> e nos afazeres comuns do dia a dia, com domínio acerca da rotina da casa, da preparação dos alimentos, além de dar atenção às pessoas, em especial aos idosos, doentes, às crianças e das responsabilidades do candomblé. Há um singular respeito às mulheres, pois entende-se que estas possuem destacado papel na manutenção, continuidade e preservação das tradições do terreiro.

Para exame dos apontamentos aqui propostos, serão utilizados trechos das entrevistas ocorridas na ocasião do centenário do terreiro em 2016, cedidas à Agência Experimental de Comunicação e Cultura (AECC) da UFBA, assim como as realizadas no decorrer da pesquisa, por meio da análise (auto)biográfica e com vistas no desenvolvimento da fala da Nengua e de suas experiências, subjetividades e dedicação à religiosidade, assim como para a ampliação da compreensão dessa estratégia metodológica na dimensão ética de suas ações, será aplicado o conceito de *escrevivência*, de autoria da escritora Conceição Evaristo, como método de investigação e produção de conhecimento que aponta para o necessário incômodo que a escrita

---

<sup>12</sup> Divindade que abre caminho na ritualística Congo-Angola. É o primeiro a ser reverenciado no início de um ciclo de obrigações. Nzila, no entanto, fala-se Ungira no Terreiro Bate Folha.

<sup>13</sup> Ciclo de atividades realizadas nos terreiros, comumente conhecidas por obrigação, com direcionada alusão às responsabilidades com a ritualística do candomblé.

de mulheres negras provoca no interior da produção científica hegemônica. Nesse sentido, a escrita sobre Nengua Guanguacesse está marcadamente sustentada no âmbito das narrativas que dizem respeito à experiência individual e coletiva de mulheres. Continuidade intencional para promover o diálogo entre a historiografia e as narrativas do Terreiro Bate Folha, via a vida de Dona Olga Conceição Cruz, Nengua Guanguacesse, para refletir acerca do candomblé, em questão, o Congo-Angola, não apenas, sob o ponto de vista antropológico, mas também na perspectiva de discutir como são acionadas no âmbito da memória social as relações que se perpetuam, mantendo-o vivo, respeitado, patrimonializado e protegido, sendo a Nengua um ponto de conexão entre o que é chamado de ancestralidade e a contemporaneidade.

Motivada por proposições levantadas no próprio exercício de reelaborações com a Nengua, foi importante abordar as bases sistematizadoras dos Estudos Iniciais sobre o Negro e o Candomblé, cuja pesquisa é relevante para demonstrar o caminho seguido na construção dos entrelaçamentos em torno dos estudos clássicos sobre o candomblé, em destaque, o da Bahia, com a medicina, antropologia, estudos etnográficos e sociais da cultura negra. No período inicial desses estudos e seus principais autores, percebemos as recorrências de grande parte da intelectualidade da época, com relação à ênfase e ao enaltecimento ao candomblé Ketu, e sua pureza nagô, impondo-se a outras experiências religiosas vividas.

Nesse aspecto, dadas as ausências de menções estruturadas sobre o candomblé Congo-Angola nos estudos de Nina Rodrigues, Artur Ramos, Édison Carneiro, Ruth Landes, Roger Bastide, Pierre Verger, Vivaldo Costa Lima, dentre outros, tendo que lidar com as atuações de líderes religiosos no plano da luta social e política, traz-se para esse espaço, vozes dissonantes e pouco apresentadas como as de Manuel Querino, que faz referência ao candomblé de caboclo, à culinária popular, dentre outras questões. Manoel Bomfim, na contracorrente das ideias eugenistas, e Luís Vianna Filho, com esclarecimentos e correções sobre os bantos na Bahia.

No capítulo intitulado Patrimônio e Espaços de Memória, observa-se que a celebração dos cem anos do Terreiro Bate Folha, em 2016, foi uma importante ocasião para as filhas e filhos da casa relembrares momentos vividos, deixando expresso o sentimento de pertença com o lugar, evidenciando suas relações identitárias. Quando as 47 pessoas entrevistadas prestaram seus depoimentos, o fizeram contando histórias e narrando fatos que dialogavam com o processo de ordenamento da cidade, legado histórico e cultural, patrimonialização de bens materiais e imateriais ao tempo que o registro audiovisual permitiu melhor entendimento da representação do espaço religioso para as pessoas que ali vivem, frequentam e representam uma maneira de estar no mundo. Tendo sido elaborado, tomando de empréstimo a metodologia da Cartografia Afetiva, usando-a para registrar sentimentos expressos em mapas que articulam,

relacionam, criam elementos em formato de imagem que traz a percepção do(s) olhar(es) de quem o constrói, colaborativamente, para o mapeamento dos vários afetos construídos no Bate Folha. O caráter relacional e de transformação recíproca como fontes da pesquisa, sendo, inclusive, uma maneira de encarar os desafios de caracterização e envolvimento com o lugar, no plano das experimentações metodológicas, incorpora, continuamente os processos de subjetivação do conhecimento, falas e percepções do território. O forte caráter simbólico, importância histórica e seu inegável papel mnemônico, as entrevistas cedidas à Agência Experimental apresentam um importante repertório que compõe essa pesquisa.

O reconhecimento institucional dado à casa, como Patrimônio Cultural Brasileiro e o seu tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN possibilita debates importantes sobre os processos de patrimonialização dos monumentos negroafricanos e sua representação na e para a cultura negra no Brasil, posto ser componente significativo para a manutenção e preservação desta. No entanto, cabe ressaltar os relatos das vivências e memórias de cada entrevistada/o, filhas e filhos da casa, frequentadoras/es e simpatizantes, onde a cosmovisão que promove a conexão espiritual com a terra, o afeto, a interação com os elementos naturais do terreiro e a ênfase dada à importância do Bate Folha para suas vidas, fazem com que se identifiquem como herdeiros de gerações passadas. As transformações ocorridas ao longo do século XX e XXI, o percurso e solidificação do terreiro no contexto geral e grande referência para cada um, para a região e o candomblé, mostra que a historicidade do solo Sagrado é respeitada e reconhecida.

A Tradição Oral no Terreiro Bate Folha viabiliza a investigação acerca do uso do vocabulário do tronco linguístico banto, kimbundo e kikongo. Nessa questão foi fundamental a mediação de Nengua Guanguacesse e de outras mais velhas/os do terreiro pela transmissão do conhecimento. A vida cotidiana de ensinamentos, saberes e repetições rememorativas, apresenta-se como importante fonte da reescrita da história de atores sociais, a exemplo do que ocorre no Bate Folha. A tradição negroafricana que se baseia na expressão falada, essencialmente oral, é elemento chave para a transferência e preservação das tradições e da sabedoria transmitida pelos antepassados de geração em geração ao longo dos séculos. Própria de grande parte do continente africano, a história dos antigos falantes e das relações com a oralidade é muito forte e foram remontadas nos terreiros de candomblé. Grande parte do legado da oralidade está circunscrita aos terreiros, na medida em que a história e a memória de vários povos africanos adentraram, permaneceram e formataram nossa cultura. Para tanto, os importantes estudos da professora Yeda Pessoa de Castro são base para perceber e analisar as variações existentes. Nesse passo, foram pensadas perspectivas para o futuro desse legado no



terreiro, momento em que ações de continuidades passaram a ser construídas diante das demandas atuais, mas com base na tecnologia da oralidade, transpostas ao visual. Arranjos e estruturas ligam essas partes homólogas na reconstrução do passado e ligação com o presente no processo de comunicação, em que toda a comunidade teve a oportunidade de se apropriar das variadas formas de existência por meio da linguagem, do audiovisual e das dinâmicas de preservação no entrelaçamento entre pretérito e presente, reforçando vínculos de pertencimento, identidade étnica e cultural para a comunidade do terreiro.

As narrativas que emergem do Terreiro Bate Folha são reveladoras de aspectos socioculturais e de solidariedade ainda encontrados nos meios populares e em casas de candomblé. Quando ampliadas e circunscritas à atuação do terreiro permite trazer para o campo do debate a representatividade de Nengua Guanguacesse e de histórias que nos atravessam e que são contadas na perspectiva de dentro, como bem nos ensina, Makota Valdina. “É preciso não ter vergonha de suas origens e ir em busca da história que ainda não foi escrita (...) dos valores que precisam ser resgatados no sentido da construção de um mundo futuro, com justiça, equilíbrio e harmonia em face das suas diversidades étnicas, culturais e sociais; isso tem que começar a partir do lugar em que estamos no mundo” (PINTO, 2015, p. 08).

Assim, novas epistemologias podem ser postas em pauta, fazendo emergir formas de ver e estar no mundo que foram suplantadas pela cultura de dominação colonial e moderna. Nesse aspecto, Nengua Guanguacesse e o Terreiro Bate Folha somam as dinâmicas, vivenciais, sentidos e construções circulares dos movimentos da ancestralidade negroafricana no Brasil, possibilitando estruturar metodologias, não como conjunto de regras e procedimentos preestabelecidos, mas como estratégia flexível de análise crítica que suscite a criação de novas possibilidades na complexa e densa trama das relações humanas.

Esse estudo é realizado marcadamente pelo interesse em analisar a liderança feminina em um terreiro Congo-Angola, onde as experiências religiosas se perfilam, no intuito de ter melhor entendimento e compreensão sobre o candomblé praticado na atualidade, porém, considerando os aspectos históricos que contribuíram nessa construção. Todavia, é interdisciplinar, literário e participante, pois, enquanto filha da casa, vivo e vivencio as dinâmicas estudadas, mergulhando nas interações existentes na busca de mim e das relações que nos tornam melhores.

Ao fim, mas sem conseguir fechar por completo, a poética da imagem revela o quão significativa é a figura de Nengua Guanguacesse para o Terreiro Bate Folha, suas práticas, alterações e manutenção das aprendizagens e elo entre visível e invisível que permitiram tamanha reconfiguração de liderança no paralelo modelo pré-estabelecido pela mítica história

de determinação religiosa. A partir da leitura de um puxar dos fios da tradição, Nengua Guanguacesse conduz Makotas e Muzenzas num longo perfilar de fé, resiliência, reconhecimento e pertença ao Terreiro Bate Folha.

## 2. PERCURSO DE VIDA: VOZES E NARRATIVAS DE NENGUA GUANGUACESSE

*Humildade, fé e boca calada  
Boca calada e pé ligeiro.  
Não vi, não sei, cabe em todo lugar.  
(Nengua Guanguacesse)*

É bem antigo o fascínio pelo uno e singular do ser humano, interesse às origens e inquietações da filosofia. Dos egípcios aos pré-socráticos à contemporaneidade, a mística do uno é motivo de reflexão acerca da natureza do universo e da existência humana. Da individuação pela matéria e pela forma<sup>14</sup>, concepção de que cada vida é única e indivisível, mesmo com todas as vicissitudes e complementaridade do ser humano.

Face a isso, biografar é traçar a identidade que se reflete nos atos e palavras; é marcar a vida através de testemunhos, reconstruí-la, interpretá-la e quase sempre revivê-la. É descrever a trajetória de um ser que se pretende tomá-lo original, mas, sobretudo, parte-se de uma escolha. Opção que remete à unidade e ao sentido das experiências vividas sob cada particularidade considerada pelo interesse dos relatos de vidas individuais, ultrapassando, no decorrer da trajetória dos tempos, os limites do privado ao social e vice-versa, para entender e analisar os diversos percursos reconstruídos por meio do entrelaçamento de histórias registradas e, conseqüentemente, dos aspectos situacionais envolvidos. Escolha que lança olhar para o “outro”, estabelece conexões com um “eu” que no movimento de compartilhamento de memórias, registros e narrativas amplificam identidades, vozes e experiências de nossa própria subjetividade.

Desses acionamentos, surgem formulações de porquê narrar histórias de vida? Por que resguardar no tempo da escrita a vida de alguém? Seus feitos, importância e lutas. Talvez, por que afinal, “narramos a vida” e fazemos parte dela, das narrativas não-ficcionais e ficcionalizadas pelo desejo de cravar na história os relatos de um passado aprisionado na memória, como “postulado do sentido da existência narrada”<sup>15</sup>, para utilizar uma expressão de Pierre Bourdieu. Dessas imediatas indagações é o que se pretende dar centralidade neste capítulo. Narrar, mas também dissertar, sobre o percurso de vida de D. Olga Conceição Cruz,

---

<sup>14</sup> Abordagem tratada no texto de Roger Bastide: O Princípio de Individuação Contribuição a uma filosofia africana. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/roger\\_bastide\\_-\\_o\\_princ%C3%ADpio\\_de\\_indiv%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/roger_bastide_-_o_princ%C3%ADpio_de_indiv%C3%A7%C3%A3o.pdf)

<sup>15</sup> Página 184. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta De Moraes; AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1976.

Nengua Guanguacesse, enquanto sustentação da pertença feminina, mesmo que em uma dada conjuntura, que pode funcionar como representação em realidades distintas, propulsora de movimentos de construções simbólicas, solidariedade e enfrentamentos. Caminhos guiados pelo candomblé e vinculados ao Terreiro Bate Folha, sua trajetória e atuação, enquanto mulher, negra e matriarca de um terreiro de candomblé, reúnem marcantes possibilidades de remontar narrativas históricas, pessoais, coletivas e de cunho religioso, que, sob a perspectiva do olhar feminino, contribui para defender uma ética engajada de participação da mulher em diversos espaços; na discussão de gênero e pela militância de escrever e analisar produções de mulheres negras, na medida em que os embates contra o racismo têm se ampliado, os esforços no sentido de aperfeiçoamento da compreensão teórica e empírica das lutas e contestações são legítimas e relevantes. Bem como o de refletir sobre o lugar da religião na sociedade, quais relações podem ser observadas com uma crescente diferenciação que faz surgir esferas da vida social estruturadas a partir de narrativas tradicionais que se vinculam ao natural e ao sobrenatural.

No entanto, antes de entrar propriamente na proposta do texto, é oportuno alertar que a metodologia não foi pautada somente em categorias abstratas, pois foram intermediadas pelas construções analíticas concretamente vivenciadas. Portanto, pretende-se dar ênfase ao propósito de apresentar, aprender e conversar com D. Olga. nas linhas desse texto, com base na conceituação de escrevivência, da escritora Conceição Evaristo, como o próprio nome define, de uma escrita que nasce do cotidiano, das suas lembranças e experiências. Não apenas suas, mas dos afrodescendentes do Brasil, dada a recorrência de discriminação ao longo do tempo, na composição de memória, história e poética, que, por sua vez, também funciona como engrenagem para desencadear uma série de entrelaçamentos, seja no interior da tessitura textual, como recurso estético, a partir das narrativas e relatos que nascem dela ou no seu aspecto externo, de construção retórica à prática intelectual de investigação que provoca um deslocamento epistêmico na produção científica hegemônica, definida pela cor da pele, pelo gênero e visão de mundo. “Ao se observar a resistência da tradição cultural negra e a sua reelaboração, a sua reterritorialização no Brasil e outros países da diáspora africana, percebemos o caráter pessoal e coletivo da memória como possibilitador de construção de uma identidade” (EVARISTO, 2008, p. 04).

Sendo assim, a **memória** traduzida em palavras é acessada para lembrar do antigamente que permanece, mesmo sem que dela se tome consciência, como motivo para acionar ou reelaborar comportamentos do presente, pois, “existe dentro da história cronológica, outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo (BOSI, 2004, p. 24). **Rememorações que aparecem com nitidez nas biografias, em entrevistas, tal como nas**

paisagens, lugares, objetos e espaços onde valores se adensam. Seja dos móveis e peças conservadas, de utensílios e roupas guardadas, de cômodos e disposições que permanecem as mesmas ou de pessoas que partiram. As comunidades tradicionais de matriz africana construíram esses espaços onde se organizam em torno de valores de convivência comunitária, possibilitando um contínuo, mesmo fraturado, em territórios caracterizados pela vivência, muito vinculada ao passado, por isso, ensinamentos transmitidos coletivamente, em seu momento certo, de precisão ritualística nos aprendizados do dia a dia. Ao passo que a ativa participação das mais velhas e dos mais velhos nesse não interrompido do tempo fundamenta as práticas tradicionais estabelecidas em torno da relação com a ancestralidade, concepção que estrutura as hierarquias, tomadas de decisão e manutenção de saberes condensados na ideia de circularidade no processo de troca de conhecimentos, na complexidade integrativa do passado e presente, da dinâmica ritual e sagrada da vida, na percepção do meio ambiente que organiza a própria cosmovisão, pois, como bem nos ensina Ecléa Bosi, “na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

A construção da identidade, sobretudo, dessa identidade marcada pela conformação da diáspora africana, aqui no Brasil é acionada pelo dispositivo da memória não somente pela violência, mas, potencialmente, pelos recomeços, novas configurações e reagrupamento de contestações e constituição de novas comunidades. E, quando Conceição Evaristo, como essa imagem e representação de nossa mais velha no espaço da escrita literária, coloca em proeminência a dimensão subjetiva da existência negra, sustenta, na verdade, um projeto por afirmação e, ao mesmo tempo, de reversão de estereótipos pelo seu empenho ético, de pertencimento racial, arquivado na pele; de classe inscrito nesse lugar socialmente demarcado nos textos ficcionais e acadêmicos; e de mulher negra, na sua condição aparente. Ao agrupar as palavras “escrita” e “vivência”, referindo-se ao ato de sua produção crítica e literária em que despontam, majoritariamente, mulheres e as memórias daqueles e daquelas que nada são representadas pela história oficial, a escrevivência se realiza na prática que se faz metodologia e conteúdo pelo poder de enunciação, tanto nos textos quanto nos discursos. Ou seja,

a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina. Ressalto, porém, que não é objetivo desse ensaio propor uma discussão aprofundada sobre o conceito de literatura negra ou afro-brasileira. Pretendo trazer, apenas, algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro (EVARISTO, 2009, p. 18).

O exercício consciente de uma escrita, premeditadamente, viva, provocada por inquietações de contato com o mundo interno de sentimentos e sensações propõe uma produção, na cena contemporânea, compromissada com as questões relacionadas à raça, à classe, ao gênero e à sexualidade. Visto que, expõe argumentações de práticas efetivas de transformação e assume ainda outras formas de intervenção, características das intelectuais negras. Mulheres que, do literário ao ensaístico, inseriram um jeito diferencial de conceber e praticar sua escrita. Elaboram e reelaboram os silêncios, angústias e vazios. Lançam mão de anotações, fotografias, imagens e aspectos ocorridos em cenas do cotidiano para alimentar constantes reflexões. Transformam experiências e impressões, realidades nem sempre fáceis, em algo visível e que suporta uma análise sobre a responsabilidade de usar a escrita como ferramenta de produção teórica e também como recurso de ativismo político, literário e filosófico. Não se trata aqui de restringir o pensamento das intelectuais negras às suas biografias, sem querer cair em análises deterministas de limitações comparativas, mas, sim, enfatizar habilidades suscitadas pelo envolvimento quanto à percepção de mundo levadas à ficcionalização para entendimento de nossas próprias existências.

Nesse aspecto, pelo viés condutor apresentado por Conceição Evaristo e toda construção argumentativa deste trabalho, criam-se possibilidades de organizar perspectivas para pensar a atuação de D. Olga no Terreiro Bate Folha, em observância a uma realidade que ganha contornos singulares, uma vez que os assuntos abordados e sua voz autoral se combinam à problematização de uma sociedade que continua marcada pela dominação masculina. Temas, também apresentados para mim, quem escreve, na dupla tarefa de articular discursos que estão fora das referências hegemônicas, contribuindo na criação de espaços e condições de autorrepresentação, considerando o lugar de enunciação e responsável por uma construção sobre experiências que me atravessam. Mulher, negra e oriunda do mesmo espaço onde emergem as diversas narrativas a serem aqui tratadas, imbuída pelo compromisso do que a pesquisa tem a dizer por ela mesma, quando D. Olga, Nengua Guanguacesse, fala e relembra a partir de um lugar, o Terreiro Bate Folha, e mobiliza circunstâncias que dizem respeito ao candomblé de origem Congo-Angola na Bahia. Pode parecer arriscado e o é, no entanto, ao invés de encarar essa empreitada em sua fragilidade, pois, estudar questões sociais, culturais e literárias também pressupõe riscos, consegue-se, aqui, vislumbrar uma proposta valorosa pelo desafio de estabelecimento de diálogos entre história de vida, tornada em sua multiplicidade, e teorias que, embora, tentem explicar fenômenos próximos, muitas vezes se ignoram mutuamente. Mesmo, sendo de um ponto de vista que se cria hipóteses dos elementos de pesquisa, as quais, também, podem ser respondidas de alguma maneira.

Outro importante aparato que se organiza, ora enquanto método, ora como corpo e consistência textual, já citado no início desse texto, é a biografia. Modelada pela narrativa de vida de uma ou de um conjunto de pessoas, colocadas em relato, tornou-se uma importante ferramenta para o conhecimento não apenas de indivíduos particulares, mas das histórias de grupos e comunidades inteiras. De natureza interdisciplinar, seu permanente diálogo com a história e a literatura, assim como em outras áreas, mais detidamente, antropologia, sociologia, psicologia e psicanálise, trouxe reflexões teóricas para o campo das humanidades que permitem reelaborar exigências analíticas levadas à complexidade, próprias do trabalho intelectual, para repensar o trato dado ao conhecimento que permanece de modo segmentado e fixo em determinadas disciplinas, dividindo e distanciando saberes científicos pela simplificação do pensamento. “Não se trata de [...] controlar e dominar o real. Trata-se de exercer um pensamento capaz de lidar com o real, de com ele dialogar e negociar” (MORIN, 2005, p. 06). Contextualização compreendida pela exigência de investigações que acompanhem as demandas cruciais do nosso tempo e privilegie abordagens acerca da pluralidade de culturas, identidade e de linguagens, em seus diferentes contextos, que se constituem em experiências e significados expressos, sobretudo, da vida cotidiana às margens da cultura dominante.

Como bem afirma Edgar Morin, em *Introdução ao Pensamento Complexo* (2005), estabelecer uma articulação entre os mais diversos campos de pesquisas e disciplinas é o grande desafio do pensamento complexo. “A complexidade é uma palavra-problema e não uma palavra-solução” (MORIN, 2005, p. 06). Concepção filosófica que se apresenta pela recusa de análises redutoras, unidimensionais e que se pretendem conclusivas, expressa pela definição de limites que esconde possíveis relações entre áreas e perspectivas, nas suas mais possíveis trocas e interações. Tomemos como elucidação o conceito de colonialidade do saber para pensar de que modo o poder colonial atingiu diversos currículos na reprodução de um modelo epistémico de conhecimento. Pensado por Aníbal Quijano (1992; 2002; 2005; 2007), a proposta é – livrando-nos das armadilhas do eurocentrismo – refletir sobre a produção e difusão do conhecimento científico social e sua relação com poder na América Latina como proposta epistemológica para interpretar as estruturas sociais e perspectivas históricas nas múltiplas dimensões da temporalidade em um mesmo processo de totalidade heterogênea contraditória. Apresenta-se aí, um importante operador analítico de compreensão do caráter excludente de representação baseada na racionalidade das relações capitalistas coloniais e imperiais que negligenciam a diversidade epistemológica de fazer ciência e produzir técnicas de sistematização para a compreensão de mundo. E aqui, trago episteme como a que confronta

hierarquizações, opõe-se a opiniões insensatas e sem fundamento de reprodução de estereótipos e formas de discriminação.

Como declara Edgar Morin, não é pela busca da completude, nem na eliminação da simplicidade que o pensamento complexo se formata, já que o acabado é inalcançável e o simples é dominado pelo desejo do não compartimentado e desmembramento de aspectos simplificadores. Constitui-se no âmago da relação entre o simples e o complexo, dado seu caráter antagônico e complementar, quando considera a integração de relações sujeito-objeto, sendo possível ampliar para sujeito-pesquisa<sup>16</sup>, pois “ao trazer um princípio de incerteza e de auto-referência, ele [pensamento complexo] traz em si um princípio autocrítico e auto-reflexivo; através destes dois traços, ele já traz em si mesmo sua potencialidade epistemológica” (MORIN, 2005, p. 45). Por isso e dentre outras considerações, a perspectiva interdisciplinar percorre toda produção dessa pesquisa, já que trata de pessoas, do ser humano e suas vicissitudes. Sua possibilidade de desenvolvimento está inserida em um programa multidisciplinar de pós-graduação de estudos da cultura e carrega consigo a proposta de ultrapassar as fronteiras da compartimentação do conhecimento, de certo modo, para enfrentar os desafios dos limites do campo científico e da organização disciplinar, afinal, a dialética nos permite assumir racionalmente a associação de noções contraditórias.

Deste modo, a leitura de Morin permite formular caminhos e entendimentos na elaboração de um novo olhar em relação às ciências e o cotidiano; entre o sujeito e a composição de saberes na dimensão vivencial do próprio movimento de estar no mundo, percebendo que é possível sim dissertar e narrar sobre algo ou alguém que está na prática da convivência, pois, dentre as características da humanidade, está a sua multiplicidade conjugada com a empatia e identificação. Percepção de si, do outro e das mudanças recepcionadas pelo tempo nas mais diversas experiências de vida na transição da história.

De volta à biografia e sua relação com a história e a literatura, é outro bom exemplo da rejeição de um pensamento simplificador e de ideias engessadas em zonas de conforto. Embora, tais nuances tenham suscitado importantes debates e sua realização remonta a incontáveis ocorrências, no antigo Egito, Oriente Médio, norte da África, os túmulos de reis e faraós já apontavam vestígios biográficos, assim como as obras literárias, epístolas, poemas, textos funerários e autobiográficos das carreiras de funcionários administrativos de destaque. Da escrita de biografias de Plutarco, historiador, biógrafo e filósofo da antiguidade, as vidas de

---

<sup>16</sup> A partir da compreensão de pensamento complexo e o entrelaçamento possível de questões, possibilita trazer sujeito-pesquisa, dada a natureza da abordagem e tratar de sujeitos e não objetos.



sumidades políticas e militares gregas e romanas, em suas obras *Vidas Paralelas* e *Moralia* foram descritas e se tornaram importante fonte para a compreensão historiográfica daquele período. Tivemos narrativas épicas celtas e germânicas com fortes traços biográficos; heróis nacionais, senhores, membros do clero e as hagiografias de santos, no período medieval; relatos de vida de ilustres varões da nobreza, na montagem de uma genealogia familiar e ainda as construções heróicas e exemplo de moral, às trajetórias de sujeitos comuns e pouco conhecidos, estes, vinculados à elaboração da heterogeneidade dos contextos sociais que os constituem. Em todas essas narrativas, as mulheres estão ausentes. Mais recente e não menos memorável, temos a sensacional trajetória de *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX* (2008), título que nomeia o livro do professor, historiador João José Reis, obra montada a partir da narrativa de um personagem biografado que “sai frequentemente de cena para dar lugar ao seu mundo e a outros personagens que o povoam, através dos quais sua história é em grande medida contada...” (2008, p. 16), como bem nos alerta José Reis nessa extensa pesquisa documental de uma personalidade que a todo momento se movimenta na narrativa, possibilitando a entrada e participação de outros personagens, como Manuel Joaquim Ricardo, Cipriano Pinto e Antão Pereira, os quais também descortinam dinâmicas e contextos do período colonial escravocrata oitocentista na Bahia, no século XIX, pondo em evidência as relações externas e internas, nas conexões entre Brasil e países africanos e as questões sociais, culturais, religiosas, econômicas e de poder. Mobilidade percebida na narrativa de D. Olga que a todo instante sai de cena para dar lugar ao território, ao candomblé, aos pais de santo e assim sucessivamente.

Sem deixar à margem os fatos culturais, econômicos e políticos, a condução dada por José Reis e o resultado obtido na reconstituição de fragmentos do passado histórico de Domingos Sodré, via sua biografia, e utilização da metodologia da micro-história, enquanto exercício da história social, é uma importante e inspiradora perspectiva que contribui para romper com a abordagem tradicional da história, vista, por muito tempo, de cima para baixo, interessada nos grandes eventos e com ênfase em heróis, muitas vezes inventados, ou na análise das estruturas<sup>17</sup>, quando ocultava personagens que também possuíam seu papel de destaque, em situações igualmente complexas, mas, ignorados pela perspectiva da história centrada em grandes poderes e instituições. Nesse momento renovador da historiografia, os desconhecidos, os “marginalizados” apresentaram relevantes pontos de vista de momentos da história que

---

<sup>17</sup> Aqui, faz-se alusão ao marxismo no que tange às análises da estrutura e superestrutura, no entanto, sem reduzir sua importância e análise ao longo da história.

recontavam pontos explicativos, até fundamentais, dos acontecimentos, pois mergulhavam nos relatos dos participantes, de um escravizado, na colônia; do judeu, sobre o holocausto; de um sobrevivente, sobre a guerra; de uma mulher, trazendo à tona outras possibilidades historiográficas, próximas do cotidiano das pessoas. Mudanças promovidas, há muito, pela Escola de Annales<sup>18</sup> na problematização da história convencional, apresentando uma nova forma de conceber as fontes de pesquisa, a partir do desencadeamento de narrativas e fatos históricos de processos de organização social, passando por fatores econômicos e psicologia dos sujeitos, com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das civilizações e das “mentalidades”, sob a perspectiva das exigências que dali surgiram, na primeira metade do século XX.

Uma boa parte dessa nova história é o produto de um pequeno grupo associado à revista Annales, criada em 1923. Embora esse grupo seja chamado geralmente de a “Escola dos Annales”, por se enfatizar o que possuem em comum, seus membros, muitas vezes, negam sua existência ao realçarem as diferentes contribuições individuais no interior do grupo (BURKE, 1991, p. 08).

Das instituições aos sujeitos, do coletivo ao individual e vice-versa, o caminho metodológico, passando pela interdisciplinaridade, na utilização de outros métodos adotados, possibilitou a aproximação e diálogo com as ciências sociais, ampliou o horizonte de atuação do historiador que predominava no século XVIII. Nesse aspecto, buscavam entender as classes populares por meio da historiografia social, com forte predomínio do materialismo histórico, marxista, contando com as variáveis mudanças para uma história das coletividades com significativas contribuições a partir de vivências que permitem outras compreensões sobre o desenvolvimento das sociedades no estudo historiográfico. Contexto da chamada Nova História, especialmente interessada pela atividade humana em toda sua complexidade. Segundo Peter Burke “a base filosófica da Nova História é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente construída” (1992, p. 11), ou seja, está vinculada a um processo histórico, social

---

<sup>18</sup> Para compreender o impacto provocado pelas mudanças ocorridas no modo de pensar e fazer história, pela Escola de Annales, revista que se fez corrente historiográfica, com sua fundação em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch e toda a construção feita ao longo das décadas, inclusive, com repercussões atuais, a exemplo, do que foi trazido na obra de João José Reis, não se pretende explorar suas nuances, fases e representantes, por não ilustrar a abordagem central desse capítulo, servindo para situar as importantes mudanças ocorridas na história. A obra de Peter Burke foi fundamental para entender as abordagens teóricas e metodológicas nos estudos de história e conceitos como nova história, história cultural, mentalidades, representação caracterizados em cada momento. 1ª fase de fundação; 2ª marcada pela produção de Fernand Braudel. A 3ª, percebida como mais plural desde a participação de mais autores e novas perspectivas, com Jacques Le Goff e Pierre Nora e pelo desenvolvimento da história cultural Georges Duby e Jacques Revel, momento em que temos a própria atuação de Peter Burke.

e cultural. Para Eric Hobsbawm (2013), a história social pode ser vista a partir dos ângulos da "história do trabalho e das ideias e organizações socialistas", a história sobre "diversas atividades humanas difíceis de se classificar" e da combinação entre a história social e a história econômica.

No Brasil, por exemplo, ao longo da história da construção identitária, o candomblé sempre foi um dos componentes fundamentais na e para preservação das religiões e culturas africanas neste território, embora tenha configurações distintas de suas origens, devido à inserção de outros elementos, dado o novo contexto encontrado e a forma como foi introduzido e compreendido em um cenário inóspito. No entanto, as experiências compartilhadas nos terreiros de candomblé, o modo próprio de manifestar uma religiosidade que é vivida na prática diária de lidar com o invisível, expressam a possibilidade de romper com as memórias cristalizadas sobre a dinâmica de vida das comunidades tradicionais de candomblé. Com isso, observa-se, sobretudo, de que modo essa memória é reconstruída, apontando para a afirmação identitária e dos processos tanto simbólicos, quanto imaginários. O que se dá na elaboração de construções discursivas que problematizem o discurso oficial e apontem organização social a partir da percepção coletiva. Assim, privilegiando o que se ouve e aprende, trago para as linhas desse texto a experiência de pensar e dialogar com nossa matriarca, figura referencial em sete décadas de plena mobilização religiosa ao modo próprio de compreender e fazer sua parte nesse emaranhado de individualidades, interesses, conformações sociais, alterações de paisagem, avanços e retrocessos, via repertório de entrevistas, construção biográfica, contação sobre a história e personagens do candomblé da Bahia e inscrição do Bate Folha em grande parte das referências negroafricanas do candomblé Congo-Angola. E por meio das práticas cotidianas encontradas no próprio terreiro, seguimos os caminhos traçados por D. Olga.

## **2.1 Quem Registrar**

As interações e contribuições individuais e coletivas são inúmeras. Raras as pessoas que permanecem indiferentes diante do relato das vicissitudes humanas e poucas conseguem ficar alheias às suas existências, que do ponto central formata o gênero biografia, cujo termo, conforme o dicionário Aurélio (1993), vem do grego bios, vida e gráphein, escrever, descrever, desenhar. Aspecto também analisado pela história oral entre as singularidades temporais do encontro da história já vivida com a história pesquisada, enquanto mecanismo de ouvir, registrar e gravar.

Desse modo, D. Olga Conceição Cruz é um ser merecedor de relatos nos quais suas histórias e palavras possam ser apresentadas e representadas nas tramas das vivências coletivas que conformam experiências únicas através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, no presente, visto que, “contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas” (RICOEUR, 2010, p. 129).

Aos noventa e sete anos de vida, D. Olga Conceição Cruz segue com lucidez, sabedoria, domínio da consciência e liderança efetiva. Sendo que, no auge dos seus quase cem anos de existência, setenta e três foram e ainda são dedicados ao candomblé e aos cuidados, tanto próprios quanto de irmãs, filhas e filhos do Terreiro Bate Folha e de quem mais precisar e se achegar, como ela afirma. Dona de grande vivacidade e impressionante generosidade, corrobora, justificando na prática, seu próprio ensinamento “humildade, fé e boca calada”. Máxima que expressa traços significativos da personalidade e crenças de D. Olga, sua trajetória de vida não só lhe serve de raiz, mas, funciona também como elemento basilar na formatação de roteiros em torno das narrativas elaboradas a partir de suas percepções, experiência de vida e diálogos interculturais, pois aprendeu sobre outras nações de candomblé e sobre a diversidade religiosa.

Como tudo isso começou? E por que essa senhora? Em 17 de março de 2015, D. Olga Conceição Cruz completou 90 anos de idade. E esse acontecimento mobilizou toda a comunidade do terreiro para celebrar o seu aniversário, o que de fato aconteceu. Dentre outras atribuições coube a mim organizar e ler um texto em sua homenagem<sup>19</sup>. Para tanto, seguindo os hábitos de pesquisa adquiridos na universidade e aprendido nas histórias do terreiro, foi realizado um levantamento sobre quem era D. Olga Conceição Cruz, o que diziam sobre seus comportamentos mais característicos e preferências.

Durante o levantamento, surgiram várias histórias, até então não contadas, que foram reveladas pelas lembranças das ajudas e interferências, mediação de conflitos, apoios e doações, assim como emergiram relatos de ações solidárias que se deram por sua interferência e direta participação. A sua atuação se organiza de maneira orgânica e significativa, mediante a criação de redes de colaboração, seja na junção de pessoas para manutenção do terreiro, para a preservação dos ritos ou na condição digna de sobrevivência das pessoas, sendo membro do Bate Folha ou não. As recorrências se agrupam desde as formas de subsistência, como conseguir um emprego, moradia, alimentação e cuidados espirituais. Ao conforto de uma palavra,

---

<sup>19</sup> Texto anexo intitulado *Quando tudo começou*: homenagem aos 90 anos de idade de D. Olga.

conselhos e direcionamentos. As mais diversas histórias de colaborações que antes não foram compiladas e nunca reveladas, porque uma de suas características de não revelar seus feitos.

**Fig 01: D. Olga Conceição Cruz**



**Fonte: Registro da entrevista concedida à AECC, 2016.**

No conjunto de memórias, também surgiram lembranças pessoais, inclusive da intervenção que Nengua fez junto aos meus avós, quando minha mãe estava grávida, relato esse que ouvi diversas vezes. Saiu do terreiro, àquela época, coisa rara de acontecer, para acalmar minha avó e recorreu a Kaiango, Nkisi da cabeça de D. Cici<sup>20</sup> para promover a aceitação. Ato repercutido na vida de tantas outras mulheres, que tempos depois, eu já adulta, por meio da maternidade, também obtive o seu fundamental apoio. Ao me dar conta dessa e de tantas outras histórias pude dimensionar a sua importância nas ações diárias, na vida das pessoas e que de alguma maneira estavam ou eram próximas a ela, mas, necessariamente, não precisariam estar. Essa consciência passou a ser fio condutor para um novo pensar e estar no mundo e como me relacionar com o outro, ecoando na forma de lidar, compreender a vida e as relações humanas na composição interna do Bate Folha e suas ramificações para fora do terreiro. Dei-me conta de que precisava falar dela e de todo um legado em torno de si. Proposição levantada como instigante questão de pesquisa, pois já se apresenta como um problema evidenciado a partir da constatação de que o Terreiro Bate Folha por si só já resguarda importante posição no candomblé da Bahia e do Brasil e a figura do nosso fundador, Sr. Manoel Bernardino da Paixão, é de grande representatividade por todo seu protagonismo e pela fundação da casa. Deste modo, perceber sua presença em meio a esses marcos, e como Seu Bernardino se atualiza na Nengua, pareceu ser significativo, por toda uma tradição e exigências atuais.

---

<sup>20</sup> Apelido de Iraci Maria de Jesus.

O habitual de qualquer início ou percurso biográfico, senão a grande maioria, é fazê-lo a partir da infância, seguindo uma ordem de acontecimentos dos fatos, que não deixa de ser, no entanto, neste caso em particular, será contrariada a ilusão biográfica, recorrendo a Pierre Bourdieu, no caminho mais característico de uma produção linear.

Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica, desde um começo, uma origem, no duplo sentido de ponto de partida, de início, mas também de princípio, de razão de ser, de causa primeira, até seu término, que também é um objetivo. (BOURDIEU, 1976, p. 184).

O começo se deu no auge dos 90 anos de idade de uma figura representativa para tantas outras vidas que, face às dificuldades impostas pela estrutura de desigualdade social, recorreram e recorrem a D. Olga e ao Terreiro Bate Folha, e obtiveram algum retorno ou esforço para resolver questões de saúde física, mental ou espiritual, profissional ou econômica. Percurso também que segue o fluxo das memórias, pois, para ela o presente é esse estar agora, construído por uma longa caminhada deixada pelos nossos antepassados. Essa escolha compreende um percurso de pensar as permanências no presente, a partir das atualizações trazidas em seu aspecto temporal, sem descartar os registros apresentados. É preciso registrar que, nos idos de 2015, para compor o caminho a ser desenhado no texto sobre a vida de D. Olga Conceição Cruz, algumas pessoas foram importantes no direcionamento do contar, relembrar e referenciar fatos importantes para o trabalho de definir os traços marcantes de sua personalidade e outras tantas que mais tarde iriam compor o escopo dessa pesquisa.

**Fig. 02: Aniversário de 90 anos de D. Olga**



Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Entre as falas dessas pessoas sobre D. Olga Conceição Cruz, duas características foram mais presentes e comuns, a fé em Nkisi e a crença no ser humano. Percepções iniciais que deram organicidade ao conjunto das histórias contadas, registros e entrevistas realizadas. Dos arquivos pessoais e particulares sob a importância memorial, histórica e patrimonial, assim como aponta Marilena Leite Paes (2004) quando as documentações, aqui, incluem-se falas e recordações, simbolizam a relação do indivíduo com a sociedade em que está inserida e seus determinados espaços e contextos históricos.

O caráter heterogêneo que movimenta o trabalho com as histórias de vida e narrativas contadas, motiva necessidades e desejos que dinamizam o percurso textual, tornando um dever de memória traçar os caminhos trilhados por D. Olga. A relevância atribuída ao marco de sua inserção no candomblé do Bate Folha.

## 2.2 De D. Olga a Guanguacesse

No candomblé, após o processo de iniciação, filhas e filhos de santo recebem uma nova denominação. Nas nações de origem Congo-Angola, essa nova designação é conhecida por *dijina*<sup>21</sup>, palavra de origem em *kimbundu*<sup>22</sup> que significa nome. Especificação que traz consigo uma relação identitária com o terreiro, a comunidade e a religiosidade de matriz africana a qual pertence. O nome é proferido pelo Nkisi, dito em público, no barracão<sup>23</sup>, mas raramente se consegue ouvir ou entender, porém, período depois o pai ou a mãe de santo revela aos demais.

Desta forma, ocorreu com D. Olga Conceição Cruz, iniciada, em 06 de fevereiro de 1949, aos 24 anos de idade, no Terreiro Bate Folha. Foi recolhida<sup>24</sup> e iniciada à divindade *Kukueto*<sup>25</sup> que possui sua representação na força e energia das águas do mar e oceanos. Passando-se, a partir de então, a ter, além do nome de batismo, sua “*dijina dia Nkisi*”, *Guanguacesse*, iniciando-se, assim, uma nova fase de sua vida. Sua iniciação ocorreu três anos após o falecimento do nosso fundador, Sr. Manoel Bernardino da Paixão, também conhecido como Seu Bernardino, após período em que ocorreu o fechamento da casa para cumprir o tempo sem obrigação, em respeito ao *Vumbi*<sup>26</sup> do pai de santo, processo que também é um tipo de

---

<sup>21</sup> A *dijina* é atribuída à/ao iniciada/o em uma cerimônia para apresentação à comunidade.

<sup>22</sup> Uma das línguas maternas e originárias de Angola.

<sup>23</sup> Local no Terreiro de Candomblé onde ocorrem as celebrações públicas em obrigação.

<sup>24</sup> Termo utilizado para designar a entrada para o processo de iniciação.

<sup>25</sup> Nkisi que representa as águas salgadas.

<sup>26</sup> Palavra em *kimbundu* para designar morte, falecido.

obrigação, em resguardo ao término de um ciclo para início de outro, em continuidade aos preceitos do terreiro que, efetivamente, ocorreu na passagem do primeiro para o segundo **Tata**<sup>27</sup> do Terreiro Bate Folha.

Para privilegiar a fala de D. Olga Conceição Cruz, convidada a narrar sua trajetória desde o processo de iniciação até sua afirmação como liderança, possibilitou, a partir dela, construir o tecido da oralidade transposto para a escrita, utilizando o repertório de entrevistas cedidas à Agência Experimental em Comunicação e Cultura da UFBA (AECC), na ocasião do centenário do terreiro. Em 2016, na primeira entrevista dada à AECC, em resposta ao professor José Roberto Severino<sup>28</sup>, mais conhecido como professor Beto Severino, o qual conduziu os trabalhos realizados pela agência no terreiro, e fez, dentre outras, a seguinte pergunta “[...] lá dentro a gente estava conversando e a senhora começou a contar pra mim como é que foi a senhora chegar aqui no Bate Folha, como é que era esse seu tempo de infância, a senhora poderia contar pra gente um pouco dessa história novamente, por favor?” (SEVERINO, 2016, p. 01).

A história é como eu conversei com o senhor, eu vinha pra aqui com vovó, desde os quatro anos, né? Foi quando vovó foi confirmada e desde os quatro anos que eu ando pra aqui e tive aquele problema, mas seu Bernardino não quis me recolher porque eu era menina e ele não gostava de recolher menina, aí eu fui ficando, ficando e tal, até que seu Bernardino quando faleceu, eu vim pra aqui e tal, foi quando quem vinha pra aqui era paizinho, que era meu pai de santo, a dijina dele era Bandanguame. Aí Zezé ficou aqui sozinha e tal e disse a Bandanguame que viesse pra tomar conta da casa, que ela não podia morrer debaixo de casa velha, porque a casa tava toda acabada e meu pai de santo tinha uma casa lá no, no Vaz Lobo, lá no Rio, ele vendeu a casa de Vaz Lobo e veio pra aqui. Aqui ele modificou tudo (CRUZ, 2016, p. 212).

Ao que se pode denominar como início de tudo, quando começou a frequentar o Bate Folha, quem a levou e como se deu esse processo, observa-se que a avó de D. Olga, confirmada<sup>29</sup> por Seu Bernardino, sendo a segunda makota<sup>30</sup> da casa, foi a responsável por levá-la ao terreiro. Desde a infância, conhece, convive e passou a frequentá-lo devido à companhia de sua avó. Nesse trecho de fala, estão compactados períodos que vão desde a presença física do nosso fundador, a quem D. Olga conheceu, conviveu, enquanto criança, e no decorrer da

<sup>27</sup> Palavra em kimbundo que significa pai. Utilizada tanto para os homens confirmados, os quais não incorporam, mas são iniciados assim como às makotas, quanto para designar pai de santo.

<sup>28</sup> Meu orientador, professor tutor da AECC e quem coordena o projeto em relação aos 100 anos do Terreiro Bate Folha e da pesquisa em curso sobre D. Olga. Interlocutor da primeira conversa realizada no Terreiro Bate Folha, em 14/09/16, com Nengua Guanguacesse.

<sup>29</sup> Quando se diz que a pessoa é confirmada, passou por processo de iniciação, só que sem incorporação.

<sup>30</sup> A makota é a designação para iniciação da filha da casa que não incorpora Nkisi. Cuida e zela dos Nkisis.



conversa, demonstrou ainda ter nítidas lembranças suas, inclusive, do fato de não ter sido iniciada por volta dos 08 anos de idade por um cuidado de Seu Bernardino em não iniciar criança. Menciona que o mesmo não “gostava de recolher menina”, referindo-se à idade cronológica e não ao gênero, pois, é comum evitar iniciação em crianças, a não ser, séria necessidade espiritual, por uma série de implicações práticas, seja pela responsabilidade e compromissos que poderiam impor dificuldades na adaptação, sendo ainda, muito recorrente na fala das mais velhas que quando é criança não se sabe que caminho a cabeça vai levar, se incorporar ou não, nesse casos, ser makota, caso mulher, ou tata, homem.

Com o falecimento de Seu Bernardino<sup>31</sup>, em 1946, três anos antes de D. Olga ser iniciada, quem assume o terreiro é o seu segundo filho iniciado, Seu Antônio José da Silva, “dijina dia Nkisi Bandanguame”, tornando-se o segundo pai de santo do Bate Folha, logo após retornar do Rio de Janeiro, onde residia no bairro de Vaz Lobo<sup>32</sup>. Vinda reforçada pela primeira makota confirmada no terreiro, D. Zéze, quando rememora: “Aí Zezé ficou aqui sozinha e tal e disse a Bandanguame que viesse pra tomar conta da casa, que ela não podia morrer debaixo de casa velha”. Seu Bandanguame veio para Salvador aceitar a responsabilidade de ser pai de santo, do já conhecido Terreiro Bate Folha e dar continuidade ao legado deixado por Seu Bernardino, que àquela altura, deixou um reverenciado e reconhecido patrimônio socioreligioso, com renomado prestígio entre os candomblés da Bahia. Do Ketu ao Jeje, era respeitado entre as diversas casas existentes na primeira década do século XX.

A vinda de Seu Bandanguame para o Bate Folha já estava determinada por Seu Bernardino, em vida, como bem nos relata D. Olga. Explica como se deu essa predestinação quando o professor Beto Severino perguntou se a expansão do terreiro tinha ocorrido pelo Brasil, a partir de feitura. É quando responde:

Não, não [...] meu pai de santo, ele comprou uma roça lá em Anil, no Anil, no Rio, mas seu Bernardino disse a ele que não registrava a casa dele lá no Rio, porque ele que tinha de tomar conta daqui do Bate Folha, então a cabeça não podia carregar dois chapéu (CRUZ, 2016, p. 214).

O comunicado antecipado sobre a própria sucessão do terreiro aponta importantes caminhos definidos por histórias que envolvem o direcionamento do Bate Folha com a mudança de Seu Bandanguame do Rio de Janeiro para Salvador e os próprios enredos estabelecidos, noção a ser retomada mais à frente, que entrelaça vidas e percursos individuais e comunitários,

---

<sup>31</sup> Consultar a tese do historiador Erivaldo Sales que aborda a comoção e repercussão do falecimento em jornal.

<sup>32</sup> Bairro situado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro.

por meio de escolhas, se não do indivíduo, da espiritualidade, no caso da nação Congo-Angola, de Nkisi. Nesse aspecto, a ideia de enredo é comumente utilizada no candomblé como forma de entender e dimensionar as diversas construções e entrelaçamentos entre matéria<sup>33</sup>: segredo e sagrado. Seja na comunicação de sacerdócio, de autoridade religiosa, evitando, assim, a condução de dois terreiros, por isso “a cabeça não podia carregar dois chapéu”, ditado popular que expressa exatamente que Seu Bandanguame não poderia ter duas casas abertas, a do Rio e a da Bahia, portanto, teria que vir, e “ele aí se desfez do sítio lá e ficou só com a casa de Vaz Lobo. Era uma casa muito bonita, de Vaz Lobo, ele vendeu essa casa e o dinheirinho todo foi aqui” (CRUZ, 2016, p. 04).

É relevante mencionar a importância na condução de uma entrevista, desde a formulação de questões, quando uma sequência leva a outra e se constrói uma interessante cadeia de lembranças como ponte com o passado e a história que se pretende buscar e ouvir. Da pesquisa à preparação, explicação e esclarecimentos da ação a ser realizada, de verificação da disposição e interesse da entrevistada, tudo isso anterior às filmagens, como uma espécie de “entrevista piloto”, para usar uma expressão de Paul Thompson. Alusão muito bem ilustrada por D. Olga Conceição Cruz quando inicia sua fala: “A história é como eu conversei com o senhor”, dando continuidade a uma conversa iniciada, anteriormente, por professor Beto Severino, estabelecida a partir de um elo de cuidado com a temporalidade do outro, a partir do respeito desde o olhar e o ouvir, no aguardo para recondução das pausas e retomada de assuntos. Como descreve Paul Thompson, em *A voz do Passado: história oral*, no capítulo sobre entrevista, destaca que “ser bem-sucedido ao entrevistar exige habilidade [...] e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade” (1992, p. 254). Em importante exercício de interação, o professor José Roberto Severino iniciou todo o método de trabalho, baseado na compreensão, contato e ida ao terreiro de maneira muito participativa. E como o processo foi coletivo, contou-se com a participação de estudantes, professores e a própria comunidade do terreiro, em importante integração entre todos os participantes.

A comunicação ocorreu e fluiu efetivamente, conforme destaca Ecléa Bosi (2010) quando aborda que a narração necessita de um locutor e um interlocutor e há um saber que é transferido através da oralidade, de forma que o narrador tem a função de trazer a sua experiência e os interlocutores aprendem por essas histórias. Narra-se sua própria existência,

---

<sup>33</sup> Termo comumente usado no Bate Folha, e nos terreiros de modo geral, para distinguir o corpo físico do espiritual. A matéria é o ser humano, sujeito vivo que recebe influência de Nkisi

transformada em experiência para os que a escutam. Dinâmica que influencia os processos conscientes e inconscientes das informações em que a memória cumpre o seu papel de registro e compreensão do real, quando acessada através da herança cultural em cada geração. Adapta, assim, os conhecimentos ancestrais à nova realidade social na qual estão inseridos e o que não for lembrado será esquecido ou talvez utilizado, quando surgirem situações que os evoquem.

Fez-se ressoar na prática, a associação entre ensino, pesquisa e extensão nesse trabalho desenvolvido no Bate Folha pela AECC, enquanto elaboração de extensão universitária, conjugado ao projeto de pesquisa e discutidas as formas, abordagens e perspectivas teóricas no âmbito do ensino. Nessa articulação entre academia e sociedade, junto à comunidade do terreiro, integraram-se importantes compartilhamentos e aprendizados que vieram de fora dos muros da universidade e possibilitaram fundamentais reflexões que, com certeza, farão frente às intervenções necessárias para mudanças de realidades sociais e de convivências mútuas.

**Fig 03: D. Olga e prof. Beto**



**Fig. 04: Dir.: D. Olga, Cícero, Mariana, Rebeca, Midiã, George e prof. Beto**



**Fonte: Arquivo da AECC, 2016.**

A riqueza de vivenciar esse momento introduziu uma dinâmica muito particular na construção dessa escrita, pois, de maneira abrangente, o movimento de centralidade e deslocamento das temáticas foram sendo elaboradas a partir dos diálogos, idas e vindas ao terreiro, pesquisa de campo e vivência sociorreligiosa, conversas e destaques dados por D. Olga Conceição da Cruz, nas suas falas e recordações. Bem característico da prática do candomblé, a hospitalidade, o alimento e oralidade a fim de transmitir os ensinamentos, tanto no dia a dia,

quanto nos ritos primordiais dos fundamentos<sup>34</sup>, que não são revelados, e que não é o propósito aqui, estiveram o tempo todo presentes nesse processo com toda equipe. Nesse sentido, a história oral e o audiovisual como metodologia orientou a produção de fontes privilegiadas via oralidade para a escrita da história desses atores sociais neste capítulo em específico, de nossa matriarca, “ao contar suas experiências, [...] transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido” (ALBERTI, 2006, p. 159). Prática discursiva, que, conforme Verena Alberti é nessa narrativa que está um dos principais alicerces da história oral. Riqueza, evidentemente, relacionada ao fato de permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes pessoas, agrupadas socialmente, como no Bate Folha, em volta de elementos comuns de fé nos Nkisis, culto aos ancestrais, de preservação do candomblé e de pertencimento ao terreiro.

Na primeira fala de D. Olga Conceição da Cruz, quando menciona o momento da vinda definitiva de Tata Bandanguame do Rio de Janeiro para assumir o Terreiro Bate Folha, recorda-se que houve a necessidade de melhoria da parte física da casa, quando diz. “Aqui ele modificou tudo”. E em sintonia com nossa mais velha, dando sequência à conversa, o professor Beto Severino coloca: “A senhora disse que não tinha telhado, né? Nesse tempo era tudo, bastante...” Antes da finalização da pergunta, em uma perceptível cadência, típica da oralidade, D. Olga Conceição da Cruz diz:

Não, não, não, não era, era um telhado assim todo malamanhado, né? Já tinha o barracão, mas o barracão ainda não era, era arquibancada de madeira... a janela era, não era aquelas janelas decentes e tal, era como podia ser naquele tempo, né? (risada) que tudo naquele tempo era mais difícil, não é? Então Tatá remodelou tudo e tal, foram três anos de obra aqui. Depois dos três anos, aí seu Bernardino tinha deixado muito abian, aí Tatá recolheu o barco, eu fui a dofona, eu fui a primeira, meu barco foram de doze e aí depois no meu barco quando chegou na primeira... na segunda saída ele botou, confirmou dois ogans, que era os dois filhos dele, no rum confirmou mais três, e aí ele foi levantando o Bate Folha, remodelou o barracão, botou essas janelas todas de vidro e tal, endireitou a arquibancada e aí quando fez um ano ele botou o segundo barco de catorze, que é o barco de Nedembu e aí ele foi indo, foi indo, confirmando ogan e tal e coisa, Ekedí, e eu aí fui ficando, ficando... nesse tempo eu morava no Gravatá e aí vinha pra cá, chegava aqui tava Tatá sozinho, que era meu pai de santo, com duas, tinha muito cliente e tal, aí eu fui vindo, fui ficando, aí Tintina que era minha mãe, “Tintina eu vou pra roça que Kitangana tá lá sozinha com Kissuxino e tal, vou ficar lá com ela pra dá uma mão, nisso eu fui ficando que quando eu abri os olhos tava morando aqui (CRUZ, 2016, p. 212).

---

<sup>34</sup> Expressão usada para indicar o segredo da ritualística do candomblé.

De lá para cá muitas mudanças ocorreram no terreiro, no entanto, a estrutura física, construção e modelagem permanecem próximas a do período comentado anteriormente. À exemplo da melhoria do espaço físico, mencionado por D. Olga Conceição da Cruz, referindo-se às janelas e arquibancadas do barracão, período de realização de obras após falecimento de Seu Bernardino. Estamos falando aí dos idos do final da primeira metade do século XX. Daquele tempo até hoje, manutenções foram realizadas nas paredes, telhados e pisos, mas sua arquitetura permanece, considerada a reforma feita no período de Seu Bandanguame. Até mesmo a pintura das paredes sofreu pouca variação nas cores.

**Fig. 05: Barracão à esquerda e residência à direita para ilustrar a manutenção de uma construção desde o início do séc. XX**



**Fonte: Arquivo do Terreiro Bate Folha, 1992.**

**Fig. 06: Barracão à esquerda e residência à direita**



**Fonte: Arquivo da AECC, 2016.**

Poucos registros fotográficos existem daquela época. Compreensível pelo aparato tecnológico quase nada acessível. Somado a isso, pode-se observar a pouca representação positiva da população negra na fotografia. No entanto, essas ausências revelam a situação de marginalidade na posse da própria imagem, ficando relegado ao exotismo ou trazendo ao público cenas do candomblé por registros fotográficos do ponto de vista mais estético e até sensacionalista. De fato, a imagem fotográfica pode ser um importante elemento de registro e diálogo entre o/a pesquisador/a e sujeitos da pesquisa, em relação à subjetividade apresentada, sendo o encontro e atestado de presença e cunho documental. O arquivo fotográfico como fonte pode representar importante meio de preservação, assim como demais propósitos, podendo vir à tona trajetórias culturais por narrativas visuais. Para Le Goff (1995), a fotografia está entre os grandes documentos para se fazer história e observa que se existem provas concretas do passado, a fotografia é uma delas. É uma inegável expressão que está a serviço da memória, atuando, inclusive, para comparações entre o preservado e o modificado, quando se deseja observar alterações físicas de construções, ambientes nas cidades, ocupação de ruas e até aspectos culturais e vestimentas.

Acerca de sua iniciação, D. Olga Conceição da Cruz relembra o período e destaca muito bem esse processo. Na referência feita “eu fui a primeira, meu barco<sup>35</sup> foram de 12”. Foram 12 pessoas iniciadas, incluindo-a, as quais entraram juntas para fazer santo. A formação de um barco na iniciação cria e constrói um vínculo de irmandade estabelecido desde a entrada para feitura<sup>36</sup>, correlação discutida por João José Reis em vídeo apresentado pela série documental *Nós Transatlântico* (2016) como uma relação iniciada no navio e estabelecida no processo de escravização. Em sua análise e estudo sobre as formas de organização escrava, discorre sobre a cumplicidade nascida entre escravizadas e escravizados, muitos de comunidades étnicas distintas, desde o navio negreiro, chamado por estes de malungu<sup>37</sup>.

Segundo o professor João José Reis (2016)<sup>38</sup>, no traslado transatlântico houve a criação de parentesco simbólico fortíssimo entre os homens e mulheres transportadas, tão forte e não específico ao Brasil, que as pessoas dali não poderiam se relacionar sexualmente pelo laço estabelecido. O sofrimento criava o elo e a solidariedade mútua, tendo a travessia como um rito

---

<sup>35</sup> Refere-se a grupo ou indivíduo que se inicia. Há recorrência na quantidade ser superior a uma pessoa, formando assim, laços de irmandade entre todos no terreiro, de modo geral, mas de maneira, específica, entre irmãs e irmãos do mesmo barco.

<sup>36</sup> Termo correlato e de igual significado de iniciação.

<sup>37</sup> Grande canoa nas línguas da família Bantu. No candomblé, o barco, para designar esse conjunto que compõe a iniciação, representa, metaforicamente, a cumplicidade do malungu, travessia no mesmo barco.

<sup>38</sup> Documentário produzido por *Nós Transatlântico*, sob o título Nossa História Começa na África.

de transição de um estado para outro, de uma condição a outra. De humano a não humano. E na correspondência com o candomblé, José Reis estabelece a metáfora do vínculo que a travessia no mesmo navio criou, quando o grupo, na iniciação, constrói uma relação de irmandade e com o mesmo tabu sexual, pois são irmãs e irmãos de barco.

Das doze pessoas iniciadas no barco em que D. Olga Conceição da Cruz também pertenceu, além da mesma, a senhora Maria de Lourdes da Paixão, dijina de Nkisi, Jigambê, que conviveu conosco até 05 de abril de 2020, data de falecimento, aos 93 anos de idade. Juntamente com a Nengua, exerceu importante papel de mediadora entre passado e presente, dando-nos acesso aos momentos de antigamente, os quais permanecem registrados na memória, transmitindo conhecimento por meio de experiências vividas que, sob dimensões simbólicas, culturais, territoriais, míticas, políticas e identitárias, reforçam, no presente, a permanente continuidade do nosso legado negroafricano no Brasil.

A estada permanente de D. Olga Conceição da Cruz no Bate Folha, no momento da vida, já Guanguacesse, enquanto seu lugar de moradia, ocorre por volta de dois a três anos após sua iniciação, que é respondida quando professor José Roberto Severino, pergunta: Com quantos anos foi isso Dona Olga? “Eu podia tá com meus vinte e seis a vinte e sete anos, que eu fiz santo com vinte e quatro, [...] eu entrei em 1949”. A resposta dada com muita propriedade e domínio é acionada pelos aspectos inconfundíveis da memória, de um tempo demarcado por sua feitura e pelo compromisso, desde então, com o terreiro e as pessoas que ali já estavam, pois, quando diz “Tintina eu vou pra roça<sup>39</sup> que Kitangana tá lá sozinha com Kissuxino e tal, vou ficar lá com ela pra dá uma mão, nisso eu fui ficando que quando eu abri os olhos tava morando aqui”. Referindo-se a Kitangana<sup>40</sup>, uma das senhoras responsáveis pela cozinha e demais afazeres, juntamente, com a senhora Kissuxinu<sup>41</sup>, expressa a vinculação com o lugar e percepção das necessidades coletivas que até hoje são repassadas por gestos e ações, como lembrança dos ensinamentos aprendidos. E assim, aprendemos a nos relacionar, criar laços e participar de afazeres que correspondem a àquele lugar e formação de vínculos com as pessoas, pois, integramos uma extensa comunidade religiosa de irmandade afrodescendente com aproximações e afastamentos, convergências e divergências próprias das relações humanas.

Esse exercício de lembrar, possibilita dialogar com Michael Pollak (1992), quando discute que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade individual ou

---

<sup>39</sup> Cabe aqui mencionar que o terreiro Bate Folha é comumente chamado de roça. Esse termo é utilizado e pelas/os mais velhas/os dado o aspecto rural antes da urbanização da cidade e até hoje permanece.

<sup>40</sup> Dijina dia Nkisi da Sr<sup>a</sup> Euzébia, iniciada por Seu Bernardino.

<sup>41</sup> Dijina dia Nkisi da Sr<sup>a</sup> Marieta, iniciada por Seu Bernardino.

coletiva e pode ser fator determinante da continuidade e da coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução. Assim, as recordações do passado dão sentido às ações do presente e explicam uma série de fatores que estruturam a sua permanência e recriam sentidos para o futuro. Nesse aspecto, a memória e a história oral, uma, enquanto meio, fonte e auxílio para a produção de estudos históricos, e a outra, entendida como um método de trabalho, auxiliam no desenvolvimento das práticas de pesquisa e seus usos para a produção da história do tempo presente, com a captura das reminiscências que tomam definições em um contexto histórico datado e de características específicas. Em consonância com os trabalhos de Maurice Halbwachs, cita.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20 e 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p. 201).

Outro aspecto marcante repercutido no candomblé em tempos atuais são os rastros da repressão, que iam desde a proibição dos toques nos terreiros ao uso de contas, ojás, batas, saias, vestimentas que revelam a vinculação ao candomblé. Reminiscências históricas do pós-abolição, em 1888, registradas no primeiro código penal republicano, do ano de 1890 que normatizava juridicamente as religiões de homens e mulheres livres, negros e negras, como feitiçaria e passaram a ser consideradas potencialmente perigosas. Nele, no capítulo III - Dos crimes contra a saúde pública, no art. 157 diz:

Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismans e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de molestias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública. Penas - de prisão celular por um a seis meses e multa de 100\$ a 500\$000.

§ 1º Si por influencia, ou em consequencia de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação, ou alteração temporaria ou permanente, das faculdades psychicas. Penas - de prisão celular por um a seis annos e multa de 200\$ a 500\$000 (BRASIL, 1890).<sup>42</sup>

Autorizada, em grande medida, pela criminalização da religião negroafricana, em Salvador, a perseguição aos terreiros ficou personificada à figura do delegado Pedrito, gerando muitas lendas em torno deste, como bem nos mostra a pesquisadora Ângela Lühning. O

---

<sup>42</sup> Em ambas transcrições de trechos do código penal, optei por manter a grafia original.



delegado Pedrito teve seu auge de atuação com depredação, autuação e apreensão de bens religiosos, além de “diversas notícias que o mencionam envolvido em atos de violência” (LÜHNING, 1996, p. 199).

Ao mencionar a inexistência de conflito entre o Bate Folha e a vizinhança, pois, sequer tinha vizinhos próximos ao terreiro já que “só tinha mato”, D. Olga conta que antigamente o incômodo era Pedrito. “Agora, no tempo do seu Bernardino era que tinha o abuso de Pedrito, né?” (CRUZ, 2016, p. 218). E ao ser perguntada se lembrava de algum episódio, responde que não, mas explica. “Não, eu não me lembro. Eu era menina... Agora quando a gente vinha, via os mais velhos contar, né? Que Pedrito dava muito pra qui pra perseguir seu Bernardino, porque naquele tempo não podia tocar nada. Seu Bernardino escondia, saía por aí pelos fundos, essas bobagens todas. Depois ele virou amigo de seu Bernardino” (CRUZ, 2016, p. 218).

Na Bahia foi “apenas com o Decreto-Lei nº 25.095 de 15 de janeiro de 1976, do governador Roberto Santos que desobrigava as sociedades que praticavam o culto afro-brasileiro registrar-se, pagar taxas e obter licença junto às autoridades policiais” (SOUSA JÚNIOR, 2018, p. 13) ou seja, apenas na segunda metade do século XX a exigência do cadastramento dos terreiros nas delegacias de jogos e costumes foi abolida. Ação habitual de interrupção de festas, prisões e apreensões dos objetos sagrados, os quais eram levados como prova evidente de criminalização, infringindo, no entanto, o direito fundamental de liberdade de crença. Apenas em 2020 os objetos sagrados expostos no museu da polícia civil do Rio de Janeiro foram enviados para o museu da república.

Aos que estudam repressão aos candomblés na Bahia, assim como pesquisas sobre o Xangô do Recife, conhecida como época do quebra-quebra, repressão no Rio de Janeiro, discorrem acerca da própria conjuntura política da primeira metade da década de 1930, do Estado Novo, sobretudo na região nordeste, pela atuação do Partido Comunista que resultou em oposições e levantes, com consequentes prisões de intelectuais e artistas envolvidos, direta ou indiretamente, com os cultos de matriz africana, os quais eram vistos com desconfiança pelo governo. Jorge Amado, Édison Carneiro e Ruth Landes – a qual teve que interromper sua estada na Bahia em decorrência da suspeita relação com o comunismo e se relacionar com suspeitos em potencial, tanto intelectuais quanto pessoas vinculadas ao candomblé. O pesquisador Vilson Caetano de Sousa Júnior, no livro *Corujebó: candomblés e polícia de costumes (1938-1976)* destaca bem todas essas questões com precisão documental e relevância histórica. Por meio do levantamento de ocorrências e queixas de batidas policiais e relatos acerca da repressão policial, bem como a luta dos candomblés da Bahia, demonstra, pela inscrição de vários decretos ao

longo dos anos, como esse tema foi motivo de interesse e preocupação da estrutura governamental, via Especializada, Polícia ou Delegacia de Jogos e Costumes (DJC).

“Ao longo do período estudado, a Especializada ia criando tipologias como: candomblé de palma; candomblé de cabaça; candomblé de atabaque; baixo espiritismo; candomblé clandestino; devoção afro-brasileira; festa de caráter afro-brasileiro; umbanda; tenda, etc” (SOUSA JÚNIOR, 2018, p. 23).

No citado contexto de repressão, com o Bate Folha não foi diferente, como comprova o historiador Erivaldo Nunes, que em pesquisa sobre a trajetória do fundador, Seu Bernardino, e do seu sucessor, Tata Bandanguame, apresenta um quadro de autorizações concedidas pela DJC, da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA) para realização de festas, no período de 1938 a 1955 (NUNES, 2017, p. 93). Esses documentos estão no arquivo da casa e compõem a memória do Bate Folha, quanto às histórias contadas, presenciadas pelas mais velhas e repercutidas, ainda hoje, nos horários de início das obrigações. Vinculando-se à realidade de D. Olga, senão experienciada de maneira direta, mas fazia parte do imaginário social, pelos riscos de sair à rua trajando vestes ou portando símbolos do candomblé. Isto porque, com relação à recordação de sua mãe, Tintina, D. Olga lembrou da contrariedade desta quanto à sua iniciação, mesmo sendo feita em outra casa, de origem Ketu, e sua avó, já confirmada no Bate Folha. Comportamento recorrente, mas não na totalidade, entre pais e mães<sup>43</sup>, em não querer seus filhos iniciados no candomblé. Professor José Roberto Severino pergunta: A senhora tinha me dito que a sua mãe não queria que a senhora fosse iniciada, né?

Não, não, não, não, não, não queria, quem me trouxe pra aqui foi vovó, mas minha mãe também vinha aqui, mas não queria que eu entrasse pra fazer santo, é tanto que de minha família daqui de dentro só tinha mesmo eu e vovó, meus tios vinham aqui, mas nenhum tinha responsabilidade nenhuma. Depois foi que aí que hoje em dia tem é parente meu aqui dentro, quase tá todo mundo aqui, tem ocasiões que eu conto dez, entre sobrinho, primo, prima. E minha mãe, ultimou, eu trazendo ela pra aqui, porque a gente morava no Gravatá, o senhor sabe onde é o Beco do Cravos? (CRUZ, 2016, p. 213).

O Beco dos Cravos está localizado nas proximidades da Av. Baixa dos Sapateiros, Barroquinha e a Ladeira de Santana, que segue em direção ao centro da cidade. Da denominação Beco dos Cravos é interessante observar como é bem característico em Salvador ter muitos

---

<sup>43</sup> Observação não fundamentada cientificamente, mas, sendo expressão constante, principalmente, entre as mais velhas, levando aí a algumas suposições, dentre elas a própria repressão da época e também por conta da responsabilidade que se requer com as obrigações do terreiro.

logradouros que resguardam referências às influências indígenas, africanas, da presença da igreja católica e dos usos populares.

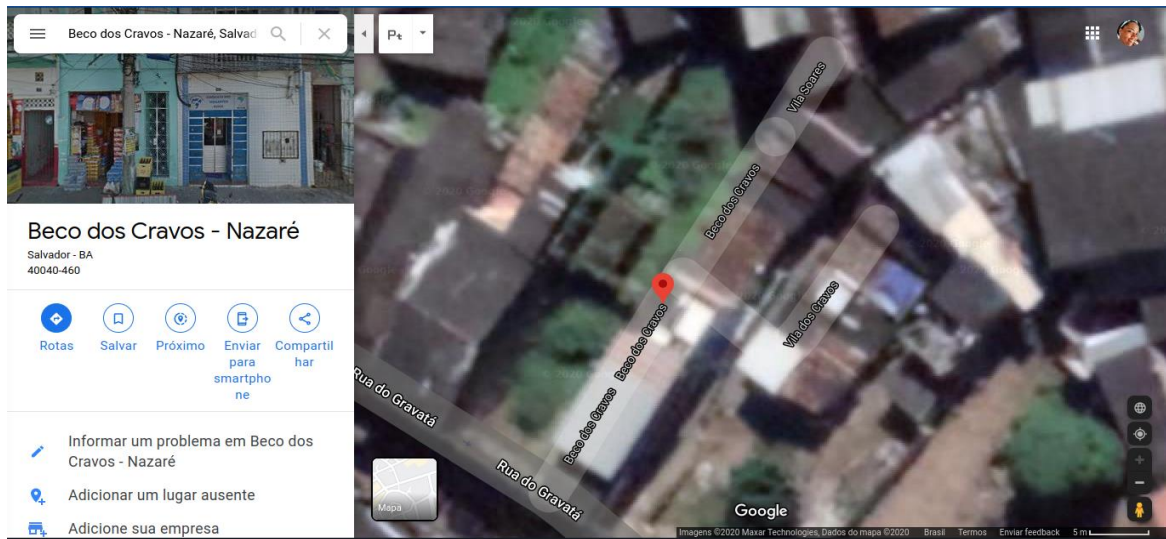
Em estudo sobre a toponímia de Salvador, *O Sobe e desce soteropolitano: estudo toponímico de ladeiras* (2017), a pesquisadora Marta Maria Gomes abordou em seu trabalho de pesquisa de mestrado a toponímia urbana, que nomeia as ladeiras de Salvador com estreita relação com a história social e geográfica da cidade. Entre a divisão cidade baixa e alta, declives, irregularidades naturais e ocupação desordenada, a população foi imprimindo sua marca nas designações de vilas, ruas, avenidas, becos e vielas. Ainda percebemos as persistências dessas marcas quando se tem um nome oficial, no entanto, o mais conhecido e usual é o popularmente falado. Isso porque, conforme Marta Maria Gomes

A nomeação adquire, então, uma função muito mais ampla, pois o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato de batismo de um lugar, motivado. [...] O termo genérico indica o acidente a ser nomeado (ladeira, beco, praça, rio), que recebe a denominação. Já o termo específico está relacionado ao denominativo, o topônimo propriamente dito, particularizando-o e o identificando entre os semelhantes (Beco da Oração, Beco dos Cravos). Ambos operam no sintagma toponímico (GOMES, 2017, p. 48).

Localizada na região central de Salvador, o chamado centro da cidade, sua antiga residência servia como local de recebimento das cartas para Seu Bandanguame. Apesar das condições difíceis, como relata na descrição que “a casa era assim, era uma sobreloja e essa sobreloja de dia ficava com a luz acesa, pra fazer qualquer coisa era de luz acesa, pra gente tomar um banho tinha de sair, arrodar o beco todo pra ir lá atrás, pra tomar um banho (2016, P. 03), ainda assim, diante do relato das condições estruturais, por estar situada no eixo mais movimentado e central da cidade do Salvador, recebia-se alguns serviços que a Mata Escura, demoraria de ter.

[...] as correspondências daqui [Bate Folha] que não tinha aqui, não vinha correio, ia lá pra casa, Gravatá, Beco dos cravos, 26 loja, Antônio José da Silva, era telegrama, naquele tempo tinha a Oeste, né? Que era o telegrama mais rápido que tinha. Tudo ia lá pra casa, que todo dia o empregado tinha de ir lá em casa pra vê se tinha carta ou telegrama, porque os clientes todo de Tatá era de lá do Rio, ele deixou muitos clientes lá (CRUZ, 2016, p. 213).

**Fig 07: Região do Beco dos Cravos.**



**Fonte: Imagem retirada do Google Maps, 2019.**

Seguindo a caracterização de áreas da periferia, pela constituição de territórios populares, sem devidos investimentos de infraestrutura pela ocupação da classe trabalhadora, que se diferencia, ao menos pela situação física das edificações, e pela ausência ou pouca atuação do estado, pode-se dizer que a região do Beco dos Cravos se constitui em espaço de carências e situação de desigualdade social. Aparentemente que dada as proporções de tempo e aumento populacional, a condição não mudou muito da realidade apresentada nas lembranças de D. Olga Conceição da Cruz.

Hum, a gente morava ali [referência ao Beco dos Cravos] e foi por isso mais que eu fiquei aqui, porque o Beco do Cravos não tinha nada, não tinha vizinho [...]. E aí Tintina sem querer entregar a casa, aí deu uma enchente, enchente que a água trouxe..., trazia o, trouxe cama, trouxe tudo assim pra cá pra porta da rua, ficava assim oh [e faz movimento de um lado para o outro com as mãos] (CRUZ, 2016, p. 213).

Período relatado que remete à sua vida adulta. Dos vinte e quatro aos trinta ou trinta e cinco anos, que compreende da sua iniciação, à moradia no Bate Folha, convivência com seu pai de santo, de viagens ao Rio de Janeiro e São Paulo, relacionadas ao candomblé, para obrigações e atendimentos, somadas às vezes em que foi para realização de cursos de culinária e costura, como menciona em outra ocasião. Muito preciso em sua memória são datas e acontecimentos. No trecho posterior à passagem descrita acima, o professor José Roberto Severino questiona se “naquele período, a sua mãe estava viva”? De pronto, responde “minha mãe morreu em oitenta, no dia vinte e oito de janeiro de mil novecentos e oitenta” (CRUZ, 2016, p. 213). Outras datas, demarcadamente, registradas na memória, tanto quanto

mencionados, foram os anos de falecimento de Seu Bernardino; de seu pai de santo, Tata Bandanguame, e seu pai biológico.

Aqui, recupera-se a ideia de enredo, pois se para Seu Bandanguame houve todo um movimento para sua instalação no Bate Folha, assim aconteceu com D. Olga Conceição da Cruz. Após enchente em sua casa no Beco dos Cravos, a mudança para o terreiro foi definitiva, acabando por virar seu local de moradia, pois, a partir de sua permanência no terreiro, foram-se tecendo aprendizados, apropriações, responsabilidades e domínios acerca do funcionamento da casa e da ritualística. De D. Zezé para D. Olga Conceição da Cruz, a atuação mudou de configuração e estabeleceu a sua participação mais efetiva ainda no período de vigência da liderança de seu pai de santo, que vai de 1949 a 1965. O enredo, seguindo seus significados de prender, colher na rede, trama, sucessão de acontecimentos que constituem a ação, em uma produção literária, história, novela, conto, entre outros<sup>44</sup>, pode desvendar, no candomblé, elos e sentidos de encontros e desencontros, linhagens e vinculações entre nações, terreiros e histórias. Tema do trabalho de pesquisa desenvolvido no Terreiro Gantois, da antropóloga Clara Mariani Flaksman, sua abordagem comunga com a linha de interpretação observada no comportamento e maneira de ver e entender o mundo, especialmente, nas relações humanas e seu papel existencial e social.

O acaso não existe no candomblé. A agência humana é muito limitada nos terreiros. Dentro de um deles, ou de uma Casa de Candomblé, como se diz na Bahia, a vontade determinante não é a dos humanos, e sim a dos orixás [...] os orixás se enredam com os seres humanos (2016, p. 13).

É recorrente ouvir e obter como forma de aprendizado no Terreiro Bate Folha que aquele lugar tem Dona e não é de matéria. O espaço é habitado e sofre interferência constante de Nkisi, estando ali quem Ela permite e toma conta.

Enredar, nesse caso, significa não somente se envolver numa trama, numa história, num entrecho. Ter enredo é ter uma relação; ou melhor, um complexo de relações que podem se dar de inúmeras maneiras e em planos diferentes – pois um enredo pode consistir de relações tanto entre orixás quanto entre humanos e ainda, muito frequentemente, entre humanos e orixás. Essas relações ocorrem em planos de existência diversos – o que, no caso dos orixás, envolve tanto os orixás “gerais”, as entidades propriamente ditas, quanto os orixás “individuais”, que devem sua existência, salvo raras exceções, à feitura de algum filho ou filha de santo (FLAKSMAN, 2016, p. 13-14).

---

<sup>44</sup> Dicionário on-line: <https://www.dicio.com.br/enredos/>

No universo do candomblé algumas características na dinâmica relacional são tecidas na condução da vida de cada pessoa, quanto aos caminhos e trajetórias estabelecidas pelo sobrenatural. Têm-se a escolha do próprio Nkisi pelo chão e terreiro ao qual deseja pertencer, há retornos de entidades relacionadas às vinculações passadas, de um avô, avó, bisavó, assim por diante, que pede cuidados. Além disso, há essas duas ou mais situações em que não se precisa ser iniciado, mas, sente-se que pertence a algum lugar, que de certa forma poder ter relação com vinculações anteriores. Outro importante aprendizado que comumente a Nengua nos alerta, que nem tudo é explicado como queremos entender, depois de um tempo se for para compreendermos, saberemos o porquê, pois cabe a Nkisi decidir. Um exemplo para ilustrar enredos e caminhos de aproximações e diálogos entre nações de candomblé, é o meu próprio caso. Sou filha de Nzazi com Gongombira e trago em minha linhagem, um Xangô, do ketu, que está comigo por herança de minha bisavó. Cuido, reverencio e o trago em sintonia com meus Nkisis do Angola, como bem, Nengua me ajudou a compreender.

### **2.3 Liderança Feminina do Terreiro Bate Folha**

Outras categorias de análise ganharam centralidade no processo de pesquisa, de modo que a oralidade aponta para a necessidade de reflexões sobre o uso e domínio dos aparatos tecnológicos cada vez mais utilizados nesses novos tempos impostos pela era digital, juntamente com os desafios advindos da utilização dessas ferramentas, principalmente, em comunidades tradicionais, onde a relação com o passado a todo tempo implica nos vínculos de pertencimento e identidade com o território, a comunidade e com a ancestralidade. Em uma conversa ampla e repleta de recordações, em que todas estão vinculadas ao Terreiro Bate Folha, levando à construção de um percurso de vida, quase todo ele dedicado ao candomblé, isso porque considerando as palavras de D. Olga Conceição da Cruz, quando nos diz que desde os quatro anos de idade frequenta o terreiro em companhia de sua avó e aos noventa e sete contribui, permanece e atua na preservação da religiosidade negraafricana.

Olga Conceição da Cruz, nascida em dezessete de março de mil novecentos e vinte e cinco, no bairro da Vasco da Gama, passou esses longos anos em plena convivência no Terreiro Bate Folha e de intenso contato com o candomblé. Dada a sua representatividade social e religiosa goza de respeito tanto pela comunidade tradicional do terreiro, quanto pelos conhecedores do candomblé da Bahia, assim como também dos moradores do bairro da Mata Escura e sua circunscrição. Mãe de Nadjá Cruz da Silva e Cristiano Márcio de Jesus Santana, é

filha de D. Emerentina Maria da Conceição, conhecida como Tintina, e do Sr. Florentino Cruz, tendo como irmãos maternos, Maria de Lourdes Gonzaga e Ranulfo Andrade Silva, ambos *in memoriam*, e por parte de pai, a irmã Roquelina Cruz. Neta, por parte materna de D. Adriana Maria da Conceição. Sua mãe, também passou a frequentar o terreiro e morou por um tempo, dada a inundação que invadiu a casa em que residiam, no já citado Beco dos Cravos, e levou D. Olga definitivamente para o Bate Folha.

A partir da análise dos processos de afirmação identitária, pensando na transição de D. Olga Conceição da Cruz para Guanguacesse e o que a torna mãe, investiga-se, dentro do espaço do terreiro a representação feminina, resistência, transmissão de saberes e liderança. De modo mais abrangente a representação política, social, cultural e de gênero na condução do Terreiro do Bate Folha, juntamente com os pais de santo. Importante ressaltar como desempenha uma função social de valorização e representatividade feminina na cultura negra na Bahia que, de certa forma, rompe ou põe em questionamento a liderança, exclusivamente masculina do Terreiro Bate Folha, a partir de um olhar direcionado para a multifacetada identidade social e cultural do Brasil. Admitindo assim, a intensa participação das diferentes expressões da religiosidade em sua composição e, nestas, a presença das mulheres contribuiu para a educação, socialização e manutenção de valores humanos fundamentais em torno das construções simbólicas da ancestralidade, responsáveis pelo repertório de caminhos característicos das comunidades de terreiro.

No livro *O Papel da Liderança Religiosa Feminina na Construção da Identidade Negra* (2001), a pesquisadora Maria Salete Joaquim, sob a perspectiva da psicologia social, reconhece a autoridade da mulher negra como mantenedora das tradições, cultos e esteio para a intelectualidade dos movimentos negros no Brasil. A construção dessa identidade está vinculada à herança africana preservada e mantida pelas mães de santo, observada em seu trabalho de pesquisa, envolvendo entrevistas com lideranças religiosas que, inclusive, houve registro da fala de D. Olga Conceição da Cruz, identificada como Mãe Miúda. Participação que só corrobora o reconhecimento do seu matriarcado fora do espaço do próprio terreiro, mesmo definindo as sucessões de pais de santo da casa, conforme trecho do livro. “O Terreiro Bate Folha foi fundado em 1916. Começou com Manoel Bernardino da Paixão. A sucessão foi Antônio José da Silva, Pedro Ferreira da Silva, João José da Silva, que era o filho de Antônio e agora está Eduarlindo Crispiano de Souza” (JOAQUIM, 2001, p. 34).

**Fig. 08: D. Olga e demais filhas do Terreiro Bate Folha**



**Fonte: Imagem cedida pela fotógrafa Marisa Vianna, 2016.**

Em uma sociedade na qual ocorre a exclusão das mulheres de modo geral, as negras são as mais afetadas, pois, fazem parte de um sistema muito bem engendrado de relações discrepantes que condicionou às mulheres a posição hierarquicamente inferior aos homens, produzindo um campo de força assinalado em preconceitos, discriminações e intolerância, os quais caracterizam violências de gênero, mas não o só, como o de raça e classe social. D. Olga demarca essa outra posição, que em no texto “Identidade Feminina”, Sueli Carneiro (1993) explicita muito bem os contornos de tamanhas violações.

A identidade é, antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais, se construirá uma identidade social para esses diferentes indivíduos, homens, mulheres, brancos e negros. E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos, e psicológicos. [...] Isso tudo não seria problema se a diferença não fosse tida e vivida como inferioridade na cultura ocidental, o que implica em dizer que a identidade é também algo que se constrói em oposição a alguma coisa, pressupondo, portanto, o outro. [...] Nesse sentido, a identidade feminina se explicitará na sua diferenciação em relação ao masculino (CARNEIRO, 1993, p. 09).

Quando as mulheres intelectuais negras e feministas passaram a problematizar teorias e reivindicar acessos, a luta foi amplificada para além da pauta principal e comum, de igualdade entre homens e mulheres, alertando sobre a impossibilidade de descolamento das agressões sofridas pelas mulheres a outras formas de opressão, como o racismo, sexismo, diversidades de gênero, sexualidade, inclusão na política, privilégios de classe e demais operadores de exclusão.



Questões que só tomaram maior visibilidade por intermédio da representatividade política de Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento e Sônia Guajajara, por exemplo. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero, raça, religiosa e de desigualdade social tem desenhado novos contornos para reivindicações políticas e projetos de melhores condições. É agregando e estimulando aproximações entre o real e a teoria, proposições políticas e atuações mais efetivas, que se espera promover mudanças para mulheres, homens, jovens, crianças, mais velhos e mais velhas, principalmente, as intimamente ligadas a lugares de fala que apreendem, atuam, convivem e sobrevivem com experiências distantes das dinâmicas pensadas na universidade, pelo menos, em seu modelo tradicional. Visto que, já conseguimos perceber, que apesar dos distanciamentos, muito por conta de políticas públicas afirmativas de entrada ao ensino superior, outras percepções estão postas no jogo de reflexões, ações e mudanças, possibilitando, inclusive, repensar estruturas estabelecidas.

Para elucidar esses movimentos na ordenação quase que cristalizadas na academia, em *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade* (2018), a professora e feminista Heloísa Buarque de Hollanda, explicita que o livro resulta das expectativas em narrar a “potência coletiva e horizontal” (HOLLANDA, 2018, p. 12) das diferentes gerações feministas que publicaram seus testemunhos e falaram de suas trajetórias, a partir das experiências, vozes e subjetividades de mulheres negras e não negras, feministas e articuladas nas múltiplas diferenças que convergem para essas novas perspectivas de ação por busca de igualdade e cidadania.

Vou citar, mais uma vez, um quase leitmotiv desse livro. Eu me refiro ao discurso de Sojourner Truth, que, há quase dois séculos, em plena convenção dos Direitos das Mulheres (Womem’s Rights Convention, em inglês), em Akron, Ohio, nos Estados Unidos, em 1851, sem rodeios nem hesitações, interpelou de forma seminal o feminismo e pôs o dedo numa ferida ainda não cicatrizada: a “mulher”, não é a mulher negra (HOLLANDA, 2018, p. 241-242).

Com a intenção de permitir um melhor diálogo da universidade e a sociedade, em plena constatação de que as teorias feministas estiveram apartadas da realidade de muitas mulheres, dentre elas negras, de periferia e de diversos comportamentos e crenças, foi criado o Programa Avançado de Cultura Contemporânea, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), chamado de Feminismos nas Quebradas com a finalidade de promover trocas de saberes entre universidade e periferia na formação teórica de outras epistemologias com mulheres que vivem em territórios de vulnerabilidade e se organizam por meio de redes

solidárias e de apoio aos enfrentamentos diários a diversas opressões. Não à toa, dessa experiência, criou, em parceria com outras mulheres da própria universidade, o Fórum de Mulheres da UFRJ para discutir a misoginia e o machismo latente nos espaços acadêmicos. Foi-se buscar nas experiências externas à universidade, novas formas de pensar e atuar a partir de um feminismo que se constrói no cotidiano e senso comum de diversas mulheres<sup>45</sup>.

Pioneira em refletir sobre a exclusão das mulheres, e de modo mais latente, as negras e indígenas, na sociedade brasileira, Lélia González já tecia críticas ao feminismo hegemônico, exatamente, pela necessidade de inserir no campo de debate, as diferentes trajetórias de resistência. Em defesa da chamada descolonização, reconhecia que “ao minimizar, ou até mesmo deixar de reconhecer a especificidade da natureza da experiência do patriarcalismo, por parte de mulheres negras, indígenas e de países antes colonizados (GONZALEZ, 2008, p. 36), reproduzia-se um modelo eurocentrado.

O pensamento da intelectual Lélia Gonzalez, em direção a um feminismo afrolatinoamericano, comprometido com a análise das insurgências de mulheres negras e indígenas contra o colonialismo, como fonte de inspiração para ações políticas descolonizadoras, também repercute sobre o papel da mulher e os desafios enfrentados pelas lideranças femininas no candomblé, vencendo preconceitos e discriminações. O protagonismo das mulheres é tido como um elemento característico do candomblé.

Os espaços dos terreiros já se configuram, para muitas mulheres, em sua grande maioria, negra, em exercício individual e coletivo de contato e relação com o sagrado, atrelando-se a esse pertencimento a consciência de uma formação baseada na afirmação de uma identidade religiosa. Contiguamente, foi ganhando cada vez mais relevância e reconhecimento como guardiãs de inúmeras famílias e provocadoras de diversos questionamentos diante das intolerâncias e discriminações religiosas.

Historicamente, as mulheres se revelaram nas práticas religiosas como mães de santo e ampliaram seu sacerdócio, garantindo nos terreiros as elaborações da história, as quais, indubitavelmente, resguardam nos terreiros o essencial da memória ancestral e coletiva, indo do sagrado ao rito da celebração, atuam em muitas funções. Ora provendo sustento e comandando rituais, ora preparando refeições, zelando pelas/os iniciadas/os e acolhendo aqueles que precisam de ajuda espiritual. Representam resistências vivas de incontáveis agrupamentos afrodescendentes em torno de si, como bem zela D. Olga por todos que a cerca.

---

<sup>45</sup> Nas redes sociais e internet há diversas publicações sobre a iniciativa e o grupo de estudo Feminismo na Quebrada.

Em *A Cidade das Mulheres* (2002), a antropóloga Ruth Landes observou que a mulher negra exercia grande influência mobilizadora na cultura e tradição afro-brasileira. Com abordagem na vida dos candomblés baianos no final da década de 1930, realizou um trabalho etnográfico nas casas de origem Ketu e no candomblé de Caboclo de mãe Sabina.

Não obstante, o livro de Ruth Landes nos faz pensar nas relações de poder e a posição do feminino no candomblé, acerca do predomínio de mães de santo. Com destacada análise sobre o papel das mulheres negras dentro dos terreiros, discute de maneira pioneira a autonomia, domínio e atuação das mulheres nos candomblés da Bahia, não só na liderança, mas nas diversas funções desempenhadas por elas nos terreiros. No entanto, nem todos os terreiros eram conduzidos por mulheres. Em levantamento realizado por Édison Carneiro na União de Cultos Afro-brasileiros da Bahia, dos 67 terreiros registrados, 37 eram dirigidos por pais e 30 por mães de santo (1978, p. 104). Já se tinham Seu Procópio de Ogunjá, Seu Bernardino do Bate Folha, como assim era conhecido, o próprio Martiniano do Bonfim, Joãozinho da Goméia, para citar alguns exemplos, os quais se destacaram tanto quanto as ialorixás Aninha, Senhora, Menininha do Gantois, Olga do Alaketu. Nesse período, na década de 30, Seu Bernardino já tinha prestígio entre os candomblés e foi citado no livro de Landes por comentário de Édison Carneiro e pela própria autora, na passagem de um ritual no Gantois. Àquele tempo, D. Olga estava por volta dos seus 12 anos de idade e já frequentava o Bate Folha.

Muito embora a proporção entre mulheres e homens seja pequena, não se consegue estabelecer uma determinação para a definição sobre a responsabilidade de quem vai assumir um terreiro, se por nação ou divindade, por linhagem ou herança familiar ou outro fator, pois são consideradas as dinâmicas e desenhos estabelecidos pela própria casa, entendendo-se pela divindade. A diversidade ritualística no candomblé, embora tenha as aproximações, também difere a depender da determinação existente.

O que se sabe é que há variáveis nos processos de sucessões, mas o que prevalece é a determinação da divindade que rege o terreiro. Nesse quesito, em particular, o Bate Folha passa por essa determinação em que somente homens podem liderar aquele espaço, contudo, analisamos que a presença e atuação de Guanguacesse redefine essa ocupação. Não é oficializada por impedimentos religiosos, mas reconhecida por suas práticas e participação, que construiu um outro tipo de liderança que nos conecta e encontra ressonância em seu testemunho sobre a história.

## 2.4 Nengua Guanguacesse: o tornar-se mãe

Em kimbundo há duas palavras que se referem à mãe, as quais são, Mameto e Nengua, sendo que na cosmovisão do Bate Folha, a primeira é utilizada ao se referir a Nkisi, energia feminina, que está relacionada à MBamburusema, Kaiango, Ndandalunda, Kisimbe, Kukueto, Kaiala, Nzumbá, dentre outras divindades femininas. Nengua, relacionada à materialidade física, à mulher, na nossa casa, exclusivamente, é usado para se referir à D. Olga, Guanguacesse.

Com o decorrer do tempo, o acúmulo de experiências e dedicação à religiosidade, foi conferida à Guanguacesse, por importância e reconhecimento, a posição de Nengua, afinal, é um tempo significativo aprendendo, ensinando e dedicado ao candomblé, mas não só por isso. Foram acoplados uma série de atributos e características que apenas a ela se dá essa qualificação no Terreiro Bate Folha. Inicialmente, por curiosidade, ao longo dos anos de vivência no terreiro, e agora, por questionamento de pesquisa, permanece a seguinte questão: a partir de quando foi incorporada à dijina Guanguacesse, a nomenclatura Nengua? Não se pensa aqui em realizar um estudo de inserção nominal por um elemento lexical ou de comportamento dos membros da comunidade do terreiro no uso de determinada palavra por correspondência da relação social, cultural ou econômica, pois, não se conseguiria dar conta de análise sociolinguística, o que demandaria outro percurso de estudo. É saber em que momento ou período de sucessão, dentre os pais de santo da casa, que Guanguacesse se projeta a essa posição de matriarca, muito embora todo o seu percurso demonstre essa construção paulatina, no decorrer dos anos.

Entende-se que uma das características mais preservadas nos terreiros de candomblé é o aprendizado por meio da prática diária com os conhecimentos que são passados de geração em geração, pelas mais velhas e mais velhos. Na trajetória da vida religiosa de D. Olga, de prática agregada pelo convívio e experiências acumuladas durante anos de participação na dinâmica e vivência do ambiente religioso, se dá na segunda geração com Tata Bandanguame, passando pelos demais tatas seguintes. O tempo de permanência se configura como meio preponderante para a sustentação dos laços de confiança na transmissão de saberes, cuja importância é relevante na participação das atividades do terreiro, tanto nas obrigações mais internas quanto nas grandes festas, inclusive, o transcorrer desse tempo é o que também possibilita chegar até a posição de mãe ou pai de santo. Desta forma, reforça-se aqui, um dentre tantos ensinamentos aprendidos do Bate Folha, como bem fala nossas mais velhas, “candomblé não é só barracão, mas principalmente, o cuidado com os Nkisis, demonstrando respeito, dedicação e participação nas obrigações das mais simples às maiores”.

Pretende-se observar em que momento ou período de sua história dentro do Bate Folha, Guanguacesse passou a conduzir e liderar, senão todas, pelo menos com a maior parte das questões que envolvem o terreiro e a vida das pessoas? Se essa sapiência a tornou Nengua e o que isso significa para a dinâmica e relações estabelecidas no seio da comunidade Bate Folha, para o candomblé e adjacências da Mata Escura. Como e em que momento a posição de matriarca se consolida dentro de um espaço reconhecidamente patriarcal, desde a sua fundação até os tempos atuais? Algumas perguntas surgidas, tão importantes quanto a própria biografia em si, porque respondem às escolhas da própria vida de quem quis ser mãe. É entender ou pelo menos compreender os processos que ocorreram e como se circunscreve de maneira direta na trajetória que se estende de D. Olga Conceição Cruz à Nengua Guanguacesse, duas entidades, uma só essência.

Talvez, para melhor elucidar e responder essas indagações, tenha-se que rememorar como se estabelece e se dá os cargos e funções existentes no candomblé, de maneira geral, desde que se tem informações sobre sua realização, considerando variações em cada casa. Tomando como base o que muitos estudiosos afirmam, o candomblé da Barroquinha, é um dos primeiros a apresentar esse formato, que hoje conhecemos, assim como também é com ele que começa a ser evidenciado o modelo matrilinear que aparece nos estudos sobre esse assunto. A exemplo do emblemático trabalho do antropólogo Renato da Silveira (2006). São citadas como fundadoras e mães de santo do terreiro as Yas<sup>46</sup>: Detá, Nassô, Oká e suas sucessoras que também receberam o mesmo título, cargo ou função. Isso se deu e em muitas casas se dá por herança genética; também por indicação revelada através do jogo de búzios ou até mesmo por uma sucessão estabelecida dentro de uma sequência ou árvore genealógica existente.

Se nos debruçarmos sobre o histórico das sucessões surgidas do então “fechamento” da casa da Barroquinha, o que não aconteceu de fato, posto que inicialmente foi transferido para um outro local, e a partir daí se tem então o surgimento de três outros terreiros, a saber: Ilê Assé Iyá Nassô Oká, Terreiro da Casa Branca, Ilê Iyá Omin Assé Iyá Massê, Terreiro do Gantois, e do Ilê Assé Opó Afonjá. Nas duas primeiras, o nome da sucessora é indicado pelo jogo, no caso do Terreiro do Gantois, a sucessão se dá por herança genética. Evidentemente, a prática desses modelos não ocorre em todos os terreiros de candomblé, mas acaba sendo recorrente esse tipo de escolha.

---

<sup>46</sup> Termo em Yorubá que significa mãe.

Contudo, com relação à Guanguacesse, não se aplica nenhuma dessas escolhas sucessórias, consta, na tradição oral, desde a origem e constituição daquele chão. Como se costuma dizer, a energia que comanda e direciona é viva e feminina. No entanto, no plano da materialidade, desde Seu Bernardino, a sucessão é masculina, de forma inequívoca que a gestão do terreiro terá sempre à frente uma figura masculina, conformando as seguintes sucessões e períodos: Manoel Bernardino da Paixão, Tata Ampumandezu (1916 - 1946);<sup>47</sup> Antônio José da Silva, Tata Bandanguame (1946 - 1965); Pedro Ferreira da Silva, Tata Dijineuanga (1965 - 1971); João José da Silva (Seu Joca), Tata Nebanji (1971 - 1991); Eduarlindo Crispiniano de Souza, Tata Molundurê (1991 - 2007) e Cícero Rodrigues Franco Lima, Tata Muguanxi (1991 - atual). Essa é a linha sucessória do terreiro, seguindo os períodos de luto de três anos em cada sucessão para reabertura dos trabalhos. No entanto, o responsável pelo período seguinte, internamente, já sabe da sua responsabilidade e, por isso, a diferença de um ano demarcado.

Dentro desse modelo patriarcal que Guanguacesse surge e se firma enquanto Nengua. Como a mesma admite, o rumo de sua vida tomou a trajetória em que se encontra hoje desde quando foi iniciada por Tata Bandanguame. A partir do momento em que recebeu novo nome, sua religiosidade foi cada vez mais se fazendo presente no dia a dia, na atuação com os outros e nos cuidados com a própria casa e consigo. O que não se sabe é se por força das circunstâncias ou por orientação dos Nkisis<sup>48</sup>, atesta-se que o processo de permanência se deu de maneira natural, acontecendo de acordo com o ditado popular, muitas vezes ouvido no terreiro: "Tudo com o Tempo, tem tempo". Guanguacesse, vai permanecendo e, com isso, começa a realizar os afazeres comuns a toda casa e a exercer também os relacionados às obrigações e trabalhos, que são fonte de seu aprendizado dos fundamentos do candomblé. Do conhecimento da comida, folhas, roupas, cantigas, rezas, entre outros, nasce a personalidade feminina mais representativa do Terreiro Bate Folha, que, em vida e com muito carinho, dedicação, tranquilidade, sabedoria, inteligência e amor conduz os direcionamentos, passando por Tata Bandanguame, que a iniciou, Tata Nebanji, Tata Molundurê e, agora, juntamente com Tata Muguanxi.

Com o passar do tempo, maiores se tornaram seus saberes e sua doação à religiosidade. Acolhe com generosidade os filhos e filhas de santo a que se dedica e sabe acalantar as dores e corações, apaziguar aflições e, acima de tudo, oferecer a certeza da força e continuidade dos ritos de nossa religiosidade. “Dotada de altruísmo, de senso mediador e disposição para acolher” foram predicados elencados por quem a conhece, sejam membros da casa, de outros

---

<sup>47</sup> Sabe-se que esse período é anterior a esta data, no entanto, toma-se por base o registro do terreiro.

<sup>48</sup> O plural de Nkisi, palavra Kimbundo para designar as divindades do povo Bantu, é Minkisi ou Mikisi, porém, aqui utilizarei a fala mais recorrente do terreiro Bate Folha.

terreiros, moradores do bairro ou que a procurou no terreiro. E, por ser especial, singular, afetiva e de grande importância na realização de todos os detalhes referentes ao bom andamento do terreiro, desde os mais simples até os de maior complexidade, que as irmãs e irmãos se tornaram filhos e filhas, reverenciando-a como mãe. Sua importância funciona como chave de leitura para valorização da experiência, da subjetividade e das vivências pessoais como pauta importante na contemporaneidade, principalmente, no que diz respeito aos processos de subjetivação e criação de identidades, como também funciona para atentarmos quanto às associações organizadas entre pessoas e grupos que visam fortalecer redes de solidariedade e subverter estruturas sociais desiguais.

Em entrevista para compor o escopo dessa pesquisa, Tata Muguanxi<sup>49</sup>, atual Tata dia Nkisi (pai de santo) do Terreiro Bate Folha, apresenta explicações sobre a importância de Nengua Guanguacesse, sua relevância na manutenção física e simbólica da casa e do seu percurso trilhado até chegar aos 94 anos de idade e 70 de iniciada<sup>50</sup>, como principal referência para o Terreiro Bate Folha.

D. Olga tá aqui desde o segundo zelador da casa, de Bandanguame quando ela veio pra cá e ela foi responsável pelas transições do segundo zelador até Seu Dudu, o penúltimo, o último vai ser eu, mas ela que foi responsável por toda essa transição, por guardar o conhecimento da casa e transmitir. [...] e foi a função principal dela dentro dessa casa que manteve a harmonia. Nós já tivemos a mudança de Bandanguame pra pai Pedro, de pai Pedro pra Seu Joca, de Seu Joca pra Seu Dudu e de Seu Dudu pra que eu assumisse e não tivemos problema praticamente nenhum, graças a ela. Ela que foi a mentora dessas transições que muitas casas grandes fecharam na morte de seus zeladores e nós tivemos o privilégio de ter ela. [...] conseguiu fazer toda a transição sem a gente perder nenhum filho de santo, sem ter tido briga, sem ter tido desavenças dentro da casa. Então, todos nós que assumimos depois de Bandanguame devemos muito a ela e a casa deve a ela. Ela foi quem manteve essa união dentro da casa. Então, todos nós temos respeito (LIMA, 2019, p. 349).

Sua compreensão sobre a importância de Nengua Guanguacesse para o Bate Folha ajuda a delinear um percurso de experiências vividas, as quais estão fincadas na base das relações cotidianas, significativas para investigar o lugar social privilegiado de redefinição de uma condução patriarcal que ganha contornos, conforme a fala de Tata Muguanxi, dessa atuação feminina no terreiro. À Nengua Guanguacesse, atribuiu-se toda uma condição de guardiã e

---

<sup>49</sup> Dijina dia Nkisi do Sr. Cícero Rodrigues Conceição Lima.

<sup>50</sup> Idade de nascimento e de iniciada mencionadas na entrevista em 2019. No ano de 2020, D. Olga completou 95 anos (março) e 71 de feita (fevereiro).

veiculadora dos conhecimentos e de harmonia, o que possibilitou a permanência e continuidade dos ensinamentos deixados por Seu Bernardino. A cada sucessão e em meio a inúmeras dificuldades enfrentadas, de ordem socioeconômica e religiosa, o seu equilíbrio e participação foram favoráveis às transições no funcionamento do terreiro, principalmente, diante de tantas intempéries e perdas, as quais foram de Tata Bandanguame, a Tata Dijineuanga, de Tata Nebanji a Tata Molundurê e de tantas filhas e filhos da casa, inclusive de suas irmãs de barco. Quando afirma que “devemos muito a ela e a casa deve a ela” põe em cena os efeitos e sentidos da complexa tessitura das relações que são forjadas no candomblé, em especial no Bate Folha, que passa pelo reconhecimento da autonomia feminina, que ganha muito mais sentido quando relacionada à potência dessa representação que envolve pessoas, aglutina simbologias e desempenha um papel ativo na ordenação das relações coletivas, assim como a sensível proximidade com o sagrado, advinda da ritualidade das práticas religiosas, reforçadas no poder de sua mediação, enquanto detentora de saberes que possibilitam dialogar e agenciar indivíduos, girando em torno de uma matrifocalidade permitida no cenário de trocas cruciais entre o material e imaterial, o visível e o invisível.

A noção de matrifocalidade presente nos estudos da estrutura familiar e formas de parentesco no domínio doméstico, em que as famílias são lideradas por mulheres na formatação de um rearranjo imposto por condições sociais, financeiras e de abandono, muitas vezes explicadas historicamente pelo movimento de saída de homens em busca de trabalho, provocando distanciamento e ausência, que remonta ao período colonial, de relação escravista, tratado por Teresinha Bernardo (2005, p. 10) “com a conseqüente marginalização do homem negro no mercado livre durante as primeiras décadas do século XX, que o impossibilitava de assumir a chefia familiar”, dentre outras restrições também tratadas por esta, sobre o temor produzido ante a possibilidade da emergência dos filhos de escravos serem sujeitos de direitos, a matrifocalidade pôde ser pensada aqui, na dinâmica do terreiro Bate Folha, quando Tata Muguanxi explica o domínio de Nengua Guanguacesse sobre tudo e todos, acerca da centralidade que gravita em torno dessa figura feminina, que conduz e produz impacto sobre o coletivo, na medida em que as relações de gênero, de modo geral, são assimétricas, o seu papel é definido por outros parâmetros de integração e respeitabilidade.

Todos nós, os que tomaram conta desde Tata Nebanji, Seu Joca, que ela que ficou com toda responsabilidade de cuidar de roupa, dos santos, da arrumação de dentro do restrito ou seja da parte das mulheres sempre ela cuidou de tudo. De comida, da casa e a parte que restou pra gente foi tomar conta do quarto do santo, das obrigações do fundamento da casa que foi determinado por Mbamburusema que seria um homem, mas ela ficou essas 04 gerações, foi



quem assumiu a direção dessa parte do funcionamento da casa. Então, o relacionamento nosso é de gratidão e de respeito a uma pessoa que nos botou, praticamente, na função (LIMA, 2019, p. 349).

No período de Tata Nebanji, quarto pai de santo responsável, em sucessão, pelo Bate Folha, a Nengua já exercia diversas atribuições no terreiro, da roupa, às ferramentas e utensílios, alimentação e arrumação, do externo ao interno, nas dinâmicas do dia a dia e momentos de obrigação, chamado de “restrito”, referindo-se ao fundamento da ritualística. Porém, o que chama a atenção é que dentre os tantos afazeres, o cuidado com o outro sempre esteve presente, seja na alimentação, no amparo espiritual em preservação da vida. Ainda que fosse nos períodos mais difíceis. Talvez, nesses, foi a nossa maior fortaleza, como bem vai destacar Tata Muguanxi, mais à frente. Nesse aspecto, o arranjo de família ampliada, herança negroafricana, profundamente marcada pelo tráfico transatlântico, estabelecido por dois momentos históricos, o da partida de um continente e o da chegada em outro, foi reconfigurada no candomblé com aspectos culturais reinventados nas novas dinâmicas e contextos em que mulheres e homens sentiram na vinculação ancestral a condição de refazer os laços, manter e recriar reminiscências existenciais.

As famílias, que, como parte da estratégia do sistema escravista, foram completamente esfaceladas, assim, como na metáfora do Atlântico Negro entre fluxos, trocas e diálogos interculturais na transformação cultural em todos os espaços conectados pela “rede atlântica” (GILROY, 2001, p. 53), enquanto legado compartilhado, produz um grande valor simbólico-religioso de saberes praticados que compõem um patrimônio imaterial de transmissão de conhecimentos e significados ampliados para além da ideia ocidental de família. Perspectiva ampliada presente nas irmandades e comunidades tradicionais de terreiro por meio da constituição da família religiosa filhos e filhas, mães e pais pequenos<sup>51</sup>.

Resguardadas as diferenças, encontram-se equivalências se analisarmos a dinâmica nas periferias das cidades, onde os terreiros estão localizados, a relação entre agrupamentos coletivos, vizinhas e vizinhos, ainda são pelos vínculos de proximidade no convívio cotidiano, de modo que novas conexões de parentesco são estabelecidas mesmo com a ausência de consanguinidade. A pesquisadora Isabel Reis (2007), em sua tese de doutorado sobre *A família negra no tempo da escravidão: Bahia, 1850- 1888*, discorre que o conceito de família não se refere apenas àquelas legitimamente constituída, no contexto da escravidão, torna-se evidente

---

<sup>51</sup> Mãe pequena e pai pequeno na configuração religiosa do candomblé é uma vinculação que concede responsabilidades e cuidados com a pessoa iniciada, podendo ser tata, makota ou kota a ser escolhido/a. Em muitas casas, há essa representação para cuidar do terreiro.

que o parentesco simbólico não estava ligado simplesmente a laços sanguíneos, ocorreu na relação de compadrio, entre os libertos que necessitavam desta aliança para proteger e se articular na perspectiva de solidariedade e articulação de resistência.

Para melhor conhecer a experiência de vida familiar dos negros no contexto oitocentista, há que se considerar uma conjuntura nitidamente emancipacionista, tanto do ponto de vista de uma política arquitetada e controlada pelo Estado, como da pressão capitaneada por escravizados, negros livres e libertos, e ainda pela expansão dos movimentos abolicionistas. Nesta conjuntura, se ampliou a interação entre indivíduos com estatutos jurídicos diferenciados, ligados por laços de família, parentesco, relacionamentos afetivos e comunitários, o que acabou por nos legar situações complexas e inusitadas, como as muitas histórias contadas ao longo deste trabalho. Esta é uma lacuna que considero importante na literatura sobre a “família escrava” nos oitocentos. Foi buscando explorar este veio que ampliei o campo conceitual de “família escrava” para “família negra” (REIS, 2007, p. 19).

A família alargada era e é também um meio de ajuda mútua. Organiza-se como princípio que guia as relações entre as comunidades de terreiro, assemelhando-se à máxima *Ubuntu* – tu és porque nós somos – tornando-se um meio de apoio social, psicológico, moral, material e espiritual, constituindo-se como reserva de memória gestual, linguística e social de orientação africana. Essa recomposição foi uma das primeiras funções do candomblé, pois no espaço dos terreiros a identidade familiar é recuperada, tendo nas mães e pais de santo suas figuras centrais. As famílias de santo criaram uma rede de proteção essencial para a preservação dos valores e tradições, costumes e fé, além de possibilitar a reconstrução de identidades e a manutenção da cultura, filosofia e percepção de mundo afro-brasileiro, sem as quais, provavelmente, não se teria sobrevivido à escravidão.

Predominantemente comunitário, o candomblé abriga em sua configuração social, econômica e espacial uma circularidade própria que aprofunda questões como cultura, identidade, pertencimento e relações históricas com o continente africano. Para Maria Salete Joaquim, “a existência da cultura africana no Brasil deu-se, em primeiro lugar, pela sobrevivência dos cultos que estiveram ligados à identidade dos negros” (JOAQUIM, 2001, p. 29). Assim como os quilombos, os terreiros também são lugares e espaços de relação compartilhada que corresponde à complexa rede social negro-brasileira de configurações familiares mais ampliadas. Esta tese visa atestar aqui a influência feminina de Nengua Guanguacesse no Bate Folha, como esse ser focal que une passado e presente e, além disso, reconfigurou estabelecidas bases de liderança masculina, tradicionalmente demarcada e atendida por seis sucessões.

Todos nós aqui da casa a consideramos como mãe. Como até hoje a gente ainda chama ela de mãe. É a primeira pessoa que a gente saúda em todas as obrigações. É sempre dada uma reverência a ela. Em todas as feitura, em todas as obrigações da Casa, se salva primeiro ela até do que Seu Dudu, do que eu. Não digo Tata Nebanji porque Tata Nebanji já era quase da mesma idade dela de santo, mas ela hoje é uma senhora que tem 70 anos, eu tenho 35, 37, então ela é a mais velha de todos da Casa. Hoje não tem ninguém vivo na Casa com mais idade de santo do que ela, então, ela é a referência nossa, como a pessoa mais velha da Casa (LIMA, 2019, p. 349).

Os fatores tempo e presença foram fundamentais para tornar Guanguacesse mãe. Ser a mais velha, tanto em idade, quanto em tempo de iniciação, e a representação de quem lidera, cuida e salvaguarda a memória dos tempos antigos canaliza tempos preponderantes ao reconhecimento, respeito e prestígio. Em plena aceitação pela Dona da Casa, Nengua Guanguacesse é reverenciada nas obrigações, sendo a primeira a quem tomamos a bênção e encostamos a cabeça no chão por gratidão a sua permanência e em simbologia a sua estada na terra, naquele solo sagrado, por intermediação de Kukueto, que a escolheu como filha, estabelece e baliza seu sacerdócio.

As formas de exercício da liderança de Nengua Guanguacesse relacionam sua atuação religiosa com interpretações entre combinações e arranjos da identidade de gênero e de raça quando lhe são conferidas características peculiares ao lugar ocupado pela corporeidade e discurso de uma mulher, negra, de gestos gentis e suave. Que, inclusive, estão para além do campo religioso, se é que pode estabelecer essa distinção, partido na cosmovisão de ser como um todo implicado na relação com o invisível que propulsiona movimento em prol do bem estar e melhores condições de vida.

O seu matriarcado está estruturado, de maneira abrangente, ao caráter constitutivo entre o humano e o espiritual. Das vinculações relacionadas à religiosidade estão projetadas um conjunto variado de cuidados e obrigações que moldam a dinâmica do terreiro e seus membros. Para além das questões de parentesco convencional na perspectiva ocidental de nuclearidade, a família ganha múltiplos sentidos ao invés de significar somente uma forma de relação restrita e vinculada à genealogia de ligações biológicas. No livro *Mulheres Negras do Brasil* (2007), de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil, em referência a essa amplitude relacional das mulheres no candomblé, menção no capítulo *As mulheres do sagrado: mães de santo, mães de tantos*, traz na imagem 258, o registro da Nengua, com a seguinte descrição, “Mãe Miúda. Olga Conceição Cruz, Guanguacesse, mãe-de-santo referencial dos ritos de Angola. É co-responsável pela manutenção e preservação do Manso Banduquenqué, mais conhecido como

terreiro do Bate-Folha, casa matriz de muitas outras de tradição banto no país. Coleção particular de Mãe Miúda” (SCHUMAHER; BRAZIL, 2007, p. 145).

**Fig. 09: Nengua Guanguacesse sentada abençoando uma filha do Bate Folha**



**Fonte: Imagem cedida pela fotógrafa Marisa Vianna, 2016**

No mesmo caminho de compreensão do “mãe de santo e de tantos”, entende-se esse amplo invólucro como retorno de raiz ancestral que leva, inclusive, alguém a fazer parte do candomblé, podendo dar conta desse complexo composto de rede relacional que direta ou indiretamente representa a vontade dos Nkisis ou Orixás e Voduns, dependendo da nação do candomblé. Roger Bastide identificou a relação construída entre as pessoas de candomblé, atribuindo o caráter individual, próprio, mas sem perder de vista “histórias em justaposição, que se entrelaçam, que se correspondem, mas que permanecem sempre autônomas, que compõem a sociedade. Trama na qual correm mil fios, cada fio tendo sua cor diferente” (BASTIDE, 1961, p. 147). Argumento segundo o qual o sujeito é atravessado por suas histórias e de suas entidades no conjunto das vivências particulares e sociais.

Sem desprezar as relações familiares consanguíneas, pois, como vimos, a avó materna foi quem a levou para o Bate Folha. E sobre sua avó, D. Adriana Maria da Conceição, assim como sua mãe, D. Emerentina Maria da Conceição, poucas informações nos foram dadas, apesar da fala recorrente de que a avó a inseriu no candomblé. Já sobre seus irmãos maternos, Maria de Lourdes Gonzaga e Ranulfo Andrade Silva, há mais recordações, os quais também tiveram maior convivência, inclusive com Tata Muguanxi. Nesse aspecto, há uma seletividade da memória, como apontada por Maurice Halbwachs, que acentua alguns acontecimentos e silencia outros, emergindo memórias guardadas de tempos difíceis e característicos da

problemática social ainda vigente em 2021, para muitas pessoas do meio popular. Por outro lado, outras memórias se mantêm submersas nos recortes de recordações e silenciamentos observados em sorrisos sutis e olhares absortos.

Desse modo, a ancestralidade está presente de modo incondicional da dinâmica do terreiro. Cuidado e respeito observados no comportamento geral das pessoas ao se referir à mãe, aspecto marcante das entrevistas, principalmente quando se fala em Nengua Guanguacesse, Dona Olga. Há especialmente um respeito às mulheres, que possuem um papel singular na continuação e preservação das tradições do terreiro. Mesmo que o Bate Folha seja oficialmente liderado por pais de santo, as mulheres têm grande importância e predominância nas atividades cotidianas e rituais do terreiro. Antes das festas, há a preparação de tudo, incluindo ida à feira e organização prévia sob a orientação dela: compra de tecido, azeite, animais e insumos. Tata Muguanxi, recorda-se que desde quando a conheceu, já tinha uma intensa participação na dinâmica da Casa.

Aos treze anos eu fui suspenso<sup>52</sup> e comecei a fazer parte, a vim sozinho aqui pra Casa. Já a conhecia desde os 13 anos de idade, aí passei a ter maior entrosamento com ela. Eu tinha 13 anos de idade e a mãe devia ter seus 50 e poucos anos ainda, aí com 19, 18 anos, eu tirei carteira, comprei um fusquinha e ia pra feira com ela. Ela ia pra feira, fazia compras, eu ia buscar. Naquele tempo o carro ainda entrava na feira. Aí pronto, começamos a sair, saía para fazer compras. Foi quando eu fui me confirmar, já saía com ela para fazer às compras, comprar tudo, ía pra Baixa dos Sapateiros, Pelourinho comprar almofada, algodão para fazer travesseiro e quando eu me confirmei com seu Joca, [...] o meu contato com ela, saía com ela, viajamos depois para Belo Horizonte, pra fazer uma obrigação, foi a única vez que vi mãe sair daqui pra fazer alguma coisa, nós fomos para Belo Horizonte dá os 21 anos de uma senhora, aí foi eu, ela e mais duas pessoas daqui da Casa e pronto (LIMA, 2019, p. 350).

A relação construída desde muito jovem com a Nengua estabelece mais de quarenta anos de contato, convívio e compartilhamento. Assim como a constatação da ativa participação desta desde quando a conhece na roça. Nas festas, o movimento começa cedo e avança noite adentro, com o envolvimento de toda a comunidade e visitantes. D. Olga é a primeira a acordar e a última a dormir. Observa e participa de tudo no barracão até o encerramento das obrigações. Nos dias comuns, está atenta à rotina da Casa e das pessoas que residem no terreiro, além das que a procura, torna-se mediadora não só nas relações interpessoais, mas nas trocas de bens simbólicos que estão presentes na ritualística do candomblé, os quais, passam por sua

---

<sup>52</sup> Momento de escolha de um Nkisi para a pessoa se tornar responsável. Caso homem, na iniciação, chamada de confirmação, passa a ser Tata, e mulher, Makota.

montagem e validação. O lugar social ocupado por Nengua Guanguacesse, sem sombra de dúvidas, possibilita-lhe o exercício de um poder fundamental para a sua própria vida no candomblé.

Ela não está sentada na cadeira... desde o segundo, muita gente, até eu, fiz muita pressão, queria que ela assumisse a casa, mas por uma determinação da Dona da Casa, de MBamburusema, na cabeça de Seu Bernardino, que sempre desejou, disse que teria de ser um homem à frente da Casa, senão ela estaria sentada no trono de responsável pela Casa, mas não tira a importância dela, de ser a pessoa que conduz (LIMA, 2019, p. 349).

Sem contrapor os desígnios da Dona da Casa, MBamburusema Nvula, mantêm-se na condução e caminhos do terreiro, sendo possível compreender a aceitação e permissão de uma atuação em paralelo que se tornou central por toda doação e entrega ao lugar, que não é apenas o espaço físico, mas a própria entidade, que como é do conhecimento de toda comunidade, aquele território é Dela, senão, Ela própria. Recordo-me de sempre ouvir das mais velhas que “aqui não tem dono, a casa é de MBamburusema”.

Deste modo, é possível identificar elementos chaves que estão na origem da construção religiosa encontrada no Bate Folha e no candomblé, de maneira mais ampla, o poder e a força que emanam do processo de iniciação, denominado por muitas de “chamado”, condição que permite a transposição dos limites do terreiro no e para o exercício da liderança.

**Fig. 10: Nengua Guanguacesse e Tata Muguaxi**



**Fonte: Imagem cedida pela fotógrafa Marisa Vianna, 2016**

Embora de formas diferentes, mas, em todo caso, seja no Nguzu<sup>53</sup> ou no Axé, essa força potencializa e envolve, não somente um reconhecimento deste poder pelos outros, mas também, de maneira especial, o reconhecimento do próprio poder. É a força que permite ultrapassar e ressignificar as dificuldades e adversidades da vida. Força, no contexto religioso do candomblé Congo-Angola, presente nos Nkisis, Deusas e Deuses cultuados pelos ritos que são as energias contidas na terra, na água, nas folhas e nas árvores, na natureza. E, se chegou onde está, isto se deve à conexão que se dá, permanentemente, com essas forças. Visto que, a compreensão de que somos composição e não elemento à parte, possibilita a integração, respeito e zelo com a terra, água e o verde, pois ali também estão nossos antepassados, ancestrais e tudo que acreditamos, sem precisar ver, mas sentir e agir para a preservação e salvaguarda da reserva ambiental que temos, da memória e, sobretudo, de nossa história.

Nesse aspecto, obtivemos importantes aprendizados, por meio da transmissão oral, sobre a linguagem da proteção compartilhada, presente em ações coletivas voltadas para a reflexão em torno da própria dinâmica de atuação que passa pela partilha de experiências entre mais velhos e mais velhas às gerações seguintes, aproximando filhas e filhos pelo vínculo firmado por nosso fundador de “amparar, proteger e cultivar os preceitos de religião de matriz afro-brasileira de nação Angola”<sup>54</sup>. Compromisso que recria a noção de família ampliada em

<sup>53</sup> Palavra em Kimbundo que significa força, energia.

<sup>54</sup> Ideias formatadas no estatuto da sociedade beneficente Santa Bárbara, de 1920.

nossa comunidade pela manutenção de tradições transmitidas como parte desse grande patrimônio negroafricano que a Nengua, em constante reelaboração de narrativas, não nos permite esquecer, pois, quando estabelece ligações entre o passado e o presente no constructo de uma memória coletiva, coparticipativa de conhecimentos, experiências e modo de vida, firma o enraizamento que transpõe o Terreiro Bate Folha, sobre os seus ensinamentos na afirmação de Tata Muguaxi.

Todos os outros terreiros, os amigos falam e comentam que ela é a grande... o sustentáculo do Bate Folha que ela foi a responsável pela nossa Casa, todo mundo lá fora, [...] agora eu tive em São Paulo e mesmo quem não a conhece tem uma adoração porque sabe da importância dela pra roça e pra gente” (LIMA, 2019, p. 350).

A partir desse movimento de expansão e diálogo entre outros terreiros, as narrativas orais e historiográficas demonstram que o Bate Folha sempre foi participativo e manteve interlocução com outros candomblés, até mesmo, de nações distintas, inclusive, ajudando a compreender a diversidade lexical e de homenagens a Orixás e Voduns existentes em tempos presentes. No livro *Gaiaku Luíza e a Trajetória do Jeje-Mahi na Bahia* (2006), há uma passagem que elucida essas ligações e as formas de participação naquela época.

Quando o finado Bernardino do Bate-Folha soube do candomblé que ia haver em minha casa, na Liberdade, quando iria receber o meu cargo, quis me dar um presente. Queria me presentear com uma caixa de vinho e dinheiro. Como não pôde ir, não estava bem do coração, mandou Bandanguame o representar. Este levou a encomenda e voltou no dia seguinte para o candomblé. Seu Bernardino era muito amigo de minha Gaiku. Quando foi no dia da festa, à tarde, antes do candomblé, o Azansú de Bandanguame respondeu (CARVALHO, 2006, p. 102).

Acerca dessas relações, Nengua Guanguacesse se recorda, quando é perguntada por professor José Roberto Severino da aproximação entre os terreiros, sobre o papel de seu pai de santo, Tata Bandanguame, na união com outros terreiros, de Procópio, Casa Branca, Gantois, Ilê Axé Opô Afonjá, “no Bonocô, na casa da finada Cecília, Kokunda de Iaiá”, entre outros. “Agora, união mesmo quem fez com os terreiros, foi Tatá, o meu pai de santo” (CRUZ, 2016, p. 222). Trânsito que a inseriu, ainda quando jovem, no circuito do candomblé da Bahia, como sinaliza Tata Muguaxi.

O povo antigo dos terreiros, você chega no Gantois, na Casa Branca, o povo antigo todos conhecem ela. Ela visitava muito, ela fazia acaçá para mãe Menininha, mãe Menininha não fazia uma festa se um acaçá não fosse feito daqui. Eu no meu fusquinha, com 19 anos, já levava a assadeira. Naquele



tempo a velha fazia umas assadeiras de acaçá pra obrigação de mãe Menininha... o acaçá saía daqui e quem fazia era D. Olga. Até pouco tempo eu ainda levava pra uma senhora de Iroco que faleceu lá do Gantois, ebomi Cidália, todas as obrigações de ebomi Cidália, o acaçá saía daqui. E aí, até depois que mãe Menininha morreu, ainda ficou mandando pra mãe Creuza, ela fazia o acaçá. As saias de mãe Menininha foram feitas sempre pelo pessoal daqui da roça, então, ela tem um conhecimento muito grande. Devido a própria idade dela, já não sair mais, já tem um bom tempo que ela não sai, essa nova geração só quem vem aqui, mas o povo antigo quando a gente chega toda hora ainda perguntam cadê miúda, conhecem muito ela como miúda (LIMA, 2019, p. 351).

Também conhecida como Miúda, dentro e fora do terreiro, a Nengua explica que esse apelido, recebeu no próprio Bate Folha, por ser baixa e magra no período da infância e ter mantido a mesma estrutura corporal na adolescência e fase adulta. Então, passou também a ser carinhosamente chamada por essa alcunha. Interessante que tanto no livro de Maria Salete Joaquim e no de Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil registra Mãe Miúda. Saliento assim, que essa designação, em ocasião de algum festejo, exceto obrigações, canta-se um samba, de domínio público e adaptado em sua homenagem, como chamamento à sua participação, mas ecoando como cântico à sua relevância. “Ai meu Deus, cadê Miúda... eh, cadê Miúda?”. Assim como outro samba que a destaca enquanto essa grande figura da Casa “Cadê a jóia do maior, cadê a jóia do maior, cadê a jóia do Maior, cadê a jóia”.

E por essa significativa atuação interna e circulação entre as Casas, ficou conhecida e também manteve relações entre outros terreiros, dos mais distantes aos situados na Mata Escura. Não só porque seu comportamento indicou ainda o reconhecimento das conexões entre as práticas discursivas e o cotidiano na veiculação de valores, mas na visão de mundo que reitera os papéis sociais a partir do repertório de novas formas de visibilidade e estratégias de mediação e resistência.

#### **2.5 D. Olga e o Entorno da Roça**

Moradora da Mata Escura desde quando se iniciou e passou a residir no Terreiro Bate Folha, D. Olga, como assim é conhecida no entorno, é considerada arquivo vivo do bairro, pois congrega histórias, memórias e relações construídas no cotidiano da vida local. Viu o crescimento populacional, mudança de paisagem, de “puro mato” à construção de casas, vias e comércio, igrejas, escolas e chegada de transporte público, presenciando a urbanização e toda transformação territorial.

Diante do distanciamento existente do Terreiro Bate Folha ao antigo centro da cidade, em que as mais velhas e mais velhos tinham que andar da Mata Escura até o Retiro para pegar o bonde e seguir para outros locais de Salvador – inclusive, ainda como memória desses tempo, não existia a BR-324 – , o terreiro é também chamado de roça. Essa variação é constante nas falas e talvez sejam reproduzidas aqui, neste subtítulo.

Por um lado, tem-se o terreiro, enquanto demarcação territorial, de ocupação física e simbólica, por outro, temos D. Olga, prefigurando formas representativas de relações sociais, as quais se manifestam através de processos e funções estabelecidas no trato social. Sobre a sua ligação e convivência com a vizinhança, o professor Beto Severino questiona se houve algum conflito ou se a convivência é tranquila.

Não tinha conflito nenhum, porque não tinha vizinhança. Aqui, tudo isso aí era mato. Agora, do lado de lá era uma roça, eu não lembro do dono da roça não. Eu sabia, mas já me esqueci. Agora, a gente saía daqui, tinha uma casinha ali... andava mais outro pedacinho pra encontrar outra casinha, outro pedacinho pra encontrar outra casinha... e assim por diante. Eu sei que de manhã, todo dia, menino é que faz essas coisas né, quando tava aqui, “um bora, miúda”, era Narciso, que era filho da finada Sandra.” E Duzinha pra ir comprar o leite, pra ir buscar leite, lá na horta do dr. Araujo, onde é a Simba. A gente ia buscar o leite, que era pra ferver pra seu Bernardino. Se faltava uma coisa, assim na entrada da cidade: “quem vai na venda do buraco?” “Mande fulano ou fulana”. Menino gostava de rua, né? Lá ia a gente pra Venda do Buraco. Agora o sr. veja, o que era: sair daqui, pra ir por esses mato todo... e nunca ninguém fez nada. Depois foi que foi abrindo umas vendinhas aqui... umas casinhas e tal, aí foi que melhorou. Mas nunca ninguém comentou a gente aqui, nada. Mesmo quando esse, esqueci o nome dele aí, que era dono desses terreno do outro lado, resolveu alotear tudo, aí foi que passou a confusão. Ficou esse terreno daí, todo baldio, que era uma roça (CRUZ, 2016, p. 217).

Sobre esse período, concede um importante relato sobre a região da Mata Escura e de uma Salvador ainda rural, pouco urbanizada e com dificuldade de transporte para acessar determinadas partes da cidade. Revela-se como o Bate Folha ocupa um lugar anterior ao chamado desenvolvimento urbano da cidade, incorporando-se à vida urbana, sem perder seu amplo bioma existente, acompanhando o fluxo da chegada de gente e construções de moradias.

E ficou esse terreno aí, fizeram uma fábrica de sabão, depois abandonaram e tal e coisa. Aí foi que depois que fizeram essa invasão, daí pra cá, aí foi que veio a confusão pra aqui. Aí foi que veio a confusão... pra aqui só não, viu, porque graças a Deus, a única coisa que eles aqui faz é somente as fruta, somente no tempo de fruta (CRUZ, 2016, p. 218).

No bairro, ouvindo jovens, adultos, senhores, senhoras, comerciantes, pai de santo, aposentados, autônomos, enfim, os moradores do local, a figura de Dona Olga é invariavelmente tida como a respeitável representação para o bairro. O que dizem sobre *a mãe* do bairro da Mata Escura?

A dançarina e cantora Livia Luzia Conceição, 42 anos, moradora da Mata Escura há 38 anos, revelou que conhece e conviveu com D. Olga desde a infância. Relembra que também aprendeu muito com seus ensinamentos e a considera como uma figura representativa para o bairro. Recordou-se de um episódio familiar, dentre tantos outros, quando seu irmão e outro jovem foram confundidos com bandidos e colocados em uma viatura. Se não fosse a interferência dela, eles não seriam libertados. Destacou que a atuação da Nengua foi muito significativa para a sua família. Por meio de outras histórias foi tendo conhecimento ao longo de sua vida sobre a importância de D. Olga para fora do terreiro, alcançando todo o bairro, pois sempre tem alguém que revela alguma ajuda, apoio ou conversa de conforto. Sua mãe, dona Alexandrina Luzia Conceição, de 79 anos, moradora do bairro há mais de 40 anos, também afirma, categoricamente, que D. Olga além de ser bastante conhecida, é uma pessoa “boa, boa, boa mesmo”. Repetição de adjetivos, aqui observada, para reiterar a sua ativa participação social. Ainda, conforme relato, diz que “as pessoas recorrendo ou não têm a sua ajuda”. Assim como sua filha, Livia Conceição, dona Alexandrina pontua a generosidade de D. Olga como um elemento principal de seu jeito de ser.

O papel desempenhado por pessoas comuns na periferia de Salvador, no enfrentamento de ações deliberadas do Estado, a exemplo da atuação de D. Olga em diálogo com a polícia, evidencia como nos bairros populares são muitas as tensões e inúmeros os desafios enfrentados diante das adversidades socioeconômicas, raciais e de gênero tão arraigadas em nossa sociedade. A representatividade de D. Olga está, exatamente, em sua dilatada percepção de comunidade e família ampliada, aos moldes da herança tradicional africana, tanto de modo geral, na preocupação básica de prover sustento, quanto na formação cidadã, desde preocupações com ingresso em escola e no mercado de trabalho.

Mais um importante registro obtido em conversa com o Tata Nhunkabukila, Dijina dia Nkisi do Sr. Carlos Augusto P. dos Santos, o qual mesmo em intensa atividade de preparação para a festa ao final do dia do caboclo Boiadeiro, deu uma pausa e relatou que em tempos de outrora, D. Olga circulava no bairro, caminhava tranquilamente, ia ao mercadinho, ao açougue e em outros lugares da região, por isso, afirma ser ela conhecidíssima. Considera-a importante para ele e sua família, destacando que na década de 70 morava vizinho ao Bate Folha, quando em um inverno de chuva rigorosa a casa de taipa caiu. A sua família e a de outras pessoas foram

acolhidas por esta senhora e pelo antigo pai de santo do Bate Folha, Tata Nebanji e teve a roça como abrigo, possibilitando ocupar, morar e depois voltar para sua casa, passando alguns anos dentro do Bate Folha.

A projeção social de D. Olga na extensão territorial do bairro é reconhecida por muitos, como no ponto de vista de um comerciante da região, o senhor Everaldo Ramos dos Santos, 60 anos, proprietário de uma loja de roupas, o qual afirmou: “Eu conheço Dona Olga aqui na Mata Escura há 35 anos, é fiel, possui uma característica de respeito é bem querida por todos, uma pessoa maravilhosa, merecedora e correta com as suas responsabilidades”. Ainda ouvindo pessoas do comércio local, a senhora Avanice de Jesus Santos, 57 anos, mais conhecida por Avani, costureira que trabalha em seu ateliê no fim de linha da Mata Escura. Ao falar sobre D. Olga, muito emocionada, relatou que a conhece há 35 anos, mesmo período quando passou a residir no bairro. Revela que a maioria de suas máquinas foi comprada com o dinheiro adquirido costurando para D. Olga, a quem é muito grata por tudo. Dada as suas indicações, foi costurando “pra um e pra outro” até se estabelecer com o seu ponto. Tomada por muita emoção, dona Avanice se desculpa e explica o motivo do choro porque a conquista de seu empreendimento se deu por seu protagonismo, mas, em grande medida, à ajuda e participação de D. Olga pela capacidade de constituir redes e espaços de geração de trabalho e renda a partir das atividades aprendidas ao longo de sua formalização. Um desses exemplos é a costura enquanto profissão e forma de rentabilidade.

Os princípios da economia solidária, do trabalho em rede, o apoio às atividades relacionadas aos ganhos reais de membros da própria comunidade foi fomentado desde a produção e circulação de serviços por D. Olga. Nessa perspectiva, suas iniciativas contribuíram para a superação e enfrentamento das relações discriminatórias e dos mecanismos de negação do bairro. Como atesta o relato de Seu Duda, Agnaldo Damião de Castilho, 69 anos, vizinho e morador de muitos anos daquela localidade. Ele afirma que desde menino a conhece, ressaltando as qualidades desta como uma pessoa excelentíssima para o bairro e para as pessoas que a procuram: “Eu a respeito de tal forma que não sou do candomblé, mas a chamo de mãe e tomo a bênção”. Pelo cuidado com as pessoas, com a terra, a água, com a vegetação nos aproxima de uma cosmovisão que integra e implica todos com a existência. Como tantas mães, carrega também as dores de perdas, a desconfiança das mudanças fáceis, a preocupação com os destinos dos lugares. Deste modo, não somente para os membros da comunidade tradicional do Terreiro Bate Folha, Nengua Guanguacesse ou D. Olga se configura como uma grande liderança para o mundo religioso do candomblé, sendo uma importante referência que acolhe, aconselha, alimenta, ampara e cuida. No bairro, ao ouvir moradores, comerciantes e pai de

santo, a figura de D. Olga é representativa pelo tempo de presença, circulação no bairro e atuação junto ao terreiro.

Foram contados relatos de ensinamentos, doações e oportunidades de moradia, interferência em ações da polícia, apoio na produção e circulação de serviço para a economia do bairro e a partir das reiterações, observa-se que o protagonismo de D. Olga está na capacidade de constituir redes de solidariedade e de intensa participação social dessa grande mãe na vida de seus filhos e filhas, sem distinção, pois traz em seus ensinamentos a ampla percepção da noção de família negroafricana pela construção de laços de irmandade e corresponsabilidade.

Os problemas contemporâneos a partir das experiências de mulheres, homens e jovens moradoras e moradores de áreas populares, em sua grande maioria, de negritude estampada na pele, reatualiza-se desde tempos idos de um Brasil que forçou negros e negras a se reconstituírem enquanto gente, em busca de cidadania, direitos e acesso. Acessos à educação, serviços, bens e políticas públicas para oferta, inclusive, de proteção contra o próprio Estado, que via de regra, em confronto com polícia, matam e/ou são mortos “em [uma] média de 04 jovens-homens-negros por dia”<sup>55</sup>, como bem descreve, a socióloga Vilma Reis ao colocar na “rota de visibilidade desse tipo de violência, que se naturaliza com assassinatos de parte da população negra” (REIS, 2010, p. 14).

Deste modo, foi observado como várias questões que se referem às comunidades negras no Brasil, dentre elas o candomblé, se atualizam no século XXI em continuidade a um percurso que demonstra faltas e ranhuras no processo democrático brasileiro e fazem surgir figuras como Seu Bernardino, Tata Bandanguame, Dona Olga, entre outras, como fios condutores de resistências permanentes em cada tempo. A partir da Nengua e sua atuação no bairro, e pertencente ao seu tempo, é possível pensar o contexto de Seu Bernardino e no que essa compreensão se volta para o social, histórico, político e econômico da constituição desse país e remete aos estudos iniciais sobre o negro e o candomblé, deixando marcas estereotipadas que são desconstruídas a cada mergulho na compreensão da diversidade religiosa afro-brasileira, como se propõe também esse trabalho.

---

<sup>55</sup> Dados de trabalho realizado na dissertação de mestrado da socióloga Vilma Reis, de 2010, sob o título *Atuados pelo Estado: As Políticas de Segurança Pública Implementadas nos Bairros Populares de Salvador e suas Representações, 1991- 2001*, os quais ainda persistem em 2021, diante, inclusive, do isolamento por conta da pandemia.

### 3. ESTUDOS INICIAIS SOBRE O NEGRO E O CANDOMBLÉ

*Um retrato,  
Um espelho.  
Um rosto  
Um outro rosto.  
Quantas faces de si em si mesma?!  
(Beatriz Nascimento)*

Visto que a moderna tradição dos estudos sobre o negro no Brasil, considerando-se as experiências religiosas dos africanos e seus descendentes em suas últimas décadas, teve início no final do século XIX, pesquisas foram realizadas tanto do ponto de vista do paradigma racial, em vigência das teorias eugenistas da época, quanto das manifestações vistas e encontradas nos terreiros de candomblé da Bahia. Igual período em que a cultura religiosa negra se tornou objeto de interesse a comprovações científicas, principalmente para a medicina legal, antropologia e etnografia, devido a várias pesquisas, servindo, sobretudo, para o processo de formação de um campo<sup>56</sup> acadêmico no Brasil.

No entanto, a filosofia que inaugurou proposições de leitura acerca “do que seria o Brasil” iniciaram com direcionados objetivos de inserir o país nas dinâmicas político-sociais que o elevasse à posição de nação. Uma nação<sup>57</sup>, porém tardia, e divergente das análises do historiador Eric Hobsbawm (2011), já que após três séculos de colonização, constituía-se enquanto monarquia, de economia, basicamente agrária, com vontades à construção de uma identidade nacional. Para tanto, a visão de Brasil, mais destacadamente, no pós-independência política (1822), tinha-se como um dos principais pressupostos do período, inventar uma nova história que exaltasse feitos históricos do passado e firmasse o chão do território brasileiro.

Como bem aponta a epígrafe, poema trazido para ilustrar a ideia desse capítulo e privilegiar Beatriz Nascimento, poeta, historiadora, cineasta e mulher negra, as faces desse Brasil diverso, plural e desigual não foram refletidas em vários textos que se propuseram a descrever o país. Não à toa, as vinculações com Portugal perdurariam via monarca de terras lusitanas, entretanto, diante do desejo e interesse de tratar a realidade brasileira, estava-se ainda preso aos moldes de pensamentos e padrões europeus. Emergia o propósito de construção de

---

<sup>56</sup> Traz-se, aqui, a teoria de Bourdieu enquanto espaço simbólico de representação que luta por validações, legitimações e classificação de códigos de valores e conceitos dentro de uma dada estrutura, seja cultural, científica e/ou social. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

<sup>57</sup> Para Hobsbawm, A nação é uma novidade histórica, pode-se dizer que o Estado é um feito da Antiguidade, mas o Estado-nação é uma instituição recente na história dos homens. A nação é uma construção moderna, própria da era industrial e o nacionalismo antecede as nações, não o contrário, e não necessitava apoiar-se numa língua, religião ou percurso histórico comum. Muitas vezes só o estabelecimento do Estado criava culturalmente a nação que este afirmava ser o fruto.

uma unidade fundamental com a formação de uma longa tradição que se dedicasse à sua decodificação. Diante da questão crucial acerca da identidade nacional, vinha-se a derradeira pergunta “quem somos, afinal?” que conduzia as reflexões sobre nossa constituição social e cultural, enquanto uma jovem república, pós-monarquia, sem tradição universitária, tendo apenas as universidades de Direito e Medicina instituídas e consagradas. De Sílvio Romero (1851-1914) a Euclides da Cunha (1866-1909) e Oliveira Viana (1883-1951), tentou-se compreender e explicar a sociedade e cultura brasileiras, tanto na literatura, ciências sociais e demais áreas do conhecimento por horizontes interpretativos entre a tensão do paradigma racial, tida como verdade científica e o choque com a realidade brasileira, mais analisada no plano ideológico do que teórico. Desse longo processo de reinvenção histórica e tentativa de traçar um percurso desde a exaltação da natureza edênica ao salto para a mistura das gentes que habitavam a terra, dimensões estruturais e simbólicas foram bem demarcadas por Lilia Schwarcz em *Sobre o autoritarismo brasileiro*.

O Brasil tem uma história muito particular, ao menos quando comparada a de seus vizinhos latino-americanos. Para cá veio quase a metade dos africanos e africanas escravizados e obrigados a deixar suas terras de origem na base da força e da violência; depois da independência, e cercados por repúblicas, formamos uma monarquia bastante popular por mais de sessenta anos, e com ela conseguimos manter intactas as fronteiras do país, cujo tamanho agigantado mais se assemelha ao de um continente. Para completar, como fomos uma colônia portuguesa, falamos uma língua diversa da dos nossos vizinhos. (SCHWARCZ, 2019, p. 07).

Diante dessa complexidade de formatação, no mínimo *sui generis*, com relação aos outros países da América Latina, que também sofreram com as imposições da colonização, as narrativas históricas iniciais do Brasil já se constroem, seja nos relatos dos viajantes, séculos XVI e XVII ou no emergente meio intelectual que se formava no século XVIII, a partir do encontro das três grandes raças. A indígena, negra e branca, não necessariamente nessa ordem e nem todas consideradas tão grandes assim, dada a primazia e qualificações à branca; os nativos<sup>58</sup>, originais da terra e dizimados desde o litoral à entrada mais para o centro do país; aos negros, pouca ou nenhuma citação, considerados, assim como os indígenas, inferiores, mas em escala maior. Visão, fruto de discussões surgidas na Europa, período das expedições e expansões além-mar, que pretendiam explicar a origem e classificar a natureza dos recém “descobertos” ameríndios e dos negros da África, que, segundo o professor, pesquisador e antropólogo Kabengele Munanga, “as descobertas do século XV colocam em dúvida o conceito

---

<sup>58</sup> Prevalencia a ideia do bom selvagem na representação feita por Rousseau presentes nos relatos de viajantes.

de humanidade até então conhecida nos limites da civilização ocidental. Quem são esses recém descobertos (ameríndios, negros, melanésios, etc.)? ”<sup>59</sup> e como bem elucidada:

Até o fim do século XVII, a explicação dos “outros” passava pela Teologia e pela Escritura, que tinham o monopólio da razão e da explicação. A península ibérica constitui nos séculos XVI-XVII o palco principal dos debates sobre esse assunto. Para aceitar a humanidade dos “outros”, era preciso provar que são também descendentes do Adão, prova parcialmente fornecida pelo mito dos Reis Magos, cuja imagem exhibe personagens representantes das três raças, sendo Baltazar, o mais escuro de todos, considerado como representante da raça negra. Mas o índio permanecia ainda um incógnito, pois não incluído entre os três personagens representando semitas, brancos e negros, até que os teólogos encontraram argumentos derivados da própria bíblia para demonstrar que ele também era descendente do Adão. (MUNANGA, 2003).<sup>60</sup>

Discussões que tiveram centralidade em inúmeros artigos e teses científicas e ganharam maiores proporções nos séculos seguintes, influenciando a intelectualidade brasileira e estrangeira na criação de ideologias responsáveis pela invenção e camuflagem das relações, em um momento exaltada, “porém, e depois de tantos séculos de vigência de um sistema violento como o escravocrata [...] era no mínimo complicado simplesmente exaltar a harmonia” (SCHWARCZ, 2019, p. 07), em outro depreciada.

O fato é que “raça sempre deu o que falar”<sup>61</sup>. Das tensões existentes entre as interpretações do Brasil, com narrativas construídas pelas tradições intelectuais, geralmente produtos do olhar de uma camada letrada, e o surgimento de outros entendimentos, esses construídos à margem das clássicas leituras do Brasil, e pelas mãos e vozes de outros locutores, partindo de perspectivas historicamente distanciadas do padrão de elaboração heroica e pacífica, procurava-se compreender o Brasil por meio das chaves de leitura: raça, cultura e identidade nacional, no final e primeiras décadas do século XX. Outrossim, a leitura de raça, delimitação recorrente e muito discutida pelas ciências da humanidade, embora, com certo acanhamento sobre formulações culturais e com um destacado enfoque biologizante no seu início, não abarca em seus textos as ações representativas das sociedades humanas, mesmo quando essas pretendiam negar o determinismo social.

É fato também que muitos especialistas passaram a se interessar pela religião e isso acaba proporcionando a produção de minuciosos registros etnográficos e religiosos, inclusive cerimônias públicas e privadas. A partir daí o Brasil passou a ser interpretado pelos aspectos da

<sup>59</sup> Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

<sup>60</sup> Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In. Inclusão social: um debate necessário? Em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>

<sup>61</sup> Texto de Lilia Schwarcz. Apresentação do livro O negro no mundo dos brancos, Florestan Fernandes.



religiosidade dos negros, com destaque para Bahia, Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro, inicialmente, empregando, para tanto, diversos esquemas teóricos sobre algumas das principais criações, representações e interpretações da religião afro-brasileira por parte dos intelectuais que a estudaram entre: a última década do século XIX e nos anos subsequentes do século XX, aproximadamente.

Para o desenvolvimento do trabalho em questão, o caminho a ser percorrido irá desde os predecessores à retomada dos estudos acerca do candomblé, que perfaz o trabalho teórico de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e do exterior e a pesquisa de campo realizada nos terreiros, ruas e lugares onde havia grande participação de africanos, negros e descendentes, e que também promovesse o desenvolvimento acerca dos estudos sobre a religião negroafricana no Brasil. Com relação à fé professada, o candomblé terá aqui, dentre outras particularidades, a de uma via utilizada para se redesenhar as práticas culturais negras na Bahia, sendo inclusive de fundamental importância, quando mais à frente se tratará das especificidades do Terreiro Bate Folha. Enquanto religião, ele será estudado, levando-se em consideração as dinâmicas construídas em relação ao cotidiano das pessoas, concomitantemente, serão cotejadas leituras produzidas à época para melhor noção quanto quais foram e ainda são reproduzidas, reiteradas ou refutadas na atualidade.

### **3.1 Leituras sobre o negro e o candomblé: Nina Rodrigues e Manuel Quirino**

A partir das investigações do médico legista Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), admite-se que se inaugura, em perspectiva diametral e distante, o que hoje chamamos, de maneira direta, de estudos sobre o candomblé do Brasil, antes religiões afro-brasileiras. No entanto, inicialmente, seus trabalhos, versavam sobre outras temáticas acerca de enfermidades como lepra, paralisia, padrão de alimentação e o acometimento de doenças associadas à má alimentação da população carente e aos problemas generalizados de saúde, criminalidade e responsabilidade penal<sup>62</sup> no Maranhão.

---

<sup>62</sup> O primeiro livro publicado por Nina Rodrigues: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, editado em 1894, em Salvador. O livro, que é um conjunto de suas lições de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, até a data de publicação, foi muito discutido pelos juristas no âmbito do debate sobre o projeto de um novo código penal então em andamento. Um dos autores de um substitutivo ao projeto, o jurista João Vieira, levou em conta suas considerações a respeito da precocidade do brasileiro em matéria criminal. Certamente uma discussão deste livro hoje nos ajudaria a não esquecer, e, portanto, a não repeti-la nos debates contemporâneos, uma tradição no pensamento social brasileiro que vê os jovens de nosso país como precocemente amadurecidos. Mariza Corrêa. Livros Esquecidos de Nina Rodrigues. *Gaz. méd. Bahia* 2006;76: Suplemento 2: S60-S62. No 2 (140): Suplemento 2 2006

Entretanto, nos finais do século XIX, em Salvador, no contato com negros e negras, filhos e filhas de terreiros, também por atendimento, via clínica médica, da população majoritariamente negra, não por menos “a Bahia ter sido a província com a maior população escrava no Nordeste” (BRITO, 2003, p. 19), encontra ambiente favorável às suas pesquisas, como bem salienta o estudo da professora e antropóloga Mariza Corrêa<sup>63</sup> quando procura compreender as obras e o trabalho de Nina Rodrigues, no contexto social e político do período. Metodologia que a possibilitou apresentar o processo de formação e desenvolvimento institucional da antropologia no Brasil e a produção etnográfica em torno da atuação de Nina Rodrigues nos campos da medicina legal, da psiquiatria, dos estudos sobre a questão racial e seu interesse com o desenvolvimento do Brasil frente aos riscos da degeneração pelo advento da miscigenação.

Frente às ambiguidades e paradoxo do médico que, por um lado teorizou a existência de diferenças ontológicas entre raças, copartícipe das teses do darwinismo social e da antropologia criminal, condenou a mestiçagem e, por outro, pensou na diferença, analisou as religiões afro-brasileiras e descreveu o rico universo do candomblé da Bahia (SCHWARCZ, 2006, p. 47),<sup>64</sup> Mariza Corrêa, no entanto, alerta para o entrecruzar de interesses e perspectivas quanto ao uso da medicina e antropologia em Nina Rodrigues:

Acho que ele é importante também por mostrar as ambiguidades de um pesquisador que, ao mesmo tempo que adere ao ‘racismo científico’ de sua época, tem uma enorme empatia pelos sujeitos pesquisados, empatia que, aliás, aparece também em *Os Africanos no Brasil*. Breves vinhetas ao longo desse livro, mostram o antropólogo inscrito no médico que se queria um observador objetivo da cena religiosa dos negros, mas que ficava quatro horas no frio da madrugada, esperando que baixasse o santo em Olímpia, ou que observava os lindos efeitos coloridos de uma pedra ritual mergulhada numa mistura de cera (CORRÊA, 2006, p. 62).<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Resultado da sua tese de doutorado, defendida em 1982 e publicada em 1998 pela EDUSF, com o título *As Ilusões da Liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*.

<sup>64</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Quando a Desigualdade é Diferença: Reflexões sobre Antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues. *Antropologia Criminal e Mestiçagem na Obra de Nina Rodrigues*. Gaz. méd. Bahia 2006;76: Suplemento 2: S60-S62. No 2 (140): Suplemento 2 2006

<sup>65</sup> CORRÊA, Mariza. Livros Esquecidos de Nina Rodrigues. Gaz. méd. Bahia 2006;76: Suplemento 2: S60-S62. No 2 (140): Suplemento 2 2006

Em *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*<sup>66</sup> e *Os Africanos no Brasil*<sup>67</sup>, Nina Rodrigues demonstra seu trabalho etnográfico realizado nos terreiros e entre as pessoas que vivenciavam, cotidianamente, o candomblé. Já comenta sobre os afamados terreiros do Engenho Velho, do Garcia (de mãe Isabel) e do Gantois. Analisou e caracterizou que a religião dos nagôs ou iorubás da Bahia é proveniente da República da Nigéria e do Benin, antiga Costa dos Escravos e do Daomé, respectivamente. Constata a predominância dos nagôs sobre outros grupos étnicos e destaca a importância de suas práticas religiosas, preterindo uma outra diversidade religiosa, com declarado desprezo aos da região do Congo e Angola. Édison Carneiro, que mais tarde seguindo os passos de Arthur Ramos, vai também privilegiar o candomblé nagô/iorubá descreve a respeito do seu tradicionalismo.

Apesar de tôdas estas falhas, as obras de Nina Rodrigues, ainda agora, não deixam de ser talvez as melhores publicadas sobre o assunto, primeiro porque seus informantes pertenciam ao candomblé mais tradicional, mais puramente africano de sua época, o candomblé do Gantois; depois, porque suas descrições do culto, das hierarquias sacerdotais, das representações coletivas do grupo negro, são fiéis e sempre válidas. São sem dúvida livros incompletos mas, naquilo que descrevem, livros seguros (CARNEIRO, 1954, p. 08).

Nesse aspecto, questiona a ideia de que a maioria dos escravizados era de origem banto, talvez, o nagocentrismo fartamente encontrado nos estudos acerca do candomblé tenha surgido a partir daí e recuperado na década de 30 do século XX. Refere-se à existência de terreiros em Salvador, uns quinze a vinte que conhecia, os quais, segundo ele, teriam preservado os costumes africanos com maior rigor, e tantos outros nas proximidades da cidade, incluindo Cachoeira, Santo Amaro e São Francisco. Com relação ao quantitativo, entre início da década de 50 e final de 90 do século XIX, o professor e antropólogo Jocélio Teles<sup>68</sup>, avaliando a partir de denúncias

---

<sup>66</sup> Seu segundo livro, também editado em Salvador, em 1900, saiu em francês: *L'animisme fétichiste des négres de Bahia*. O livro foi composto a partir de vários artigos publicados, em português, na Revista Brasileira, do Rio de Janeiro, desde 1896. A segunda edição, incorporando as alterações feitas na versão francesa, com prefácio e notas de Arthur Ramos, é de 1935, pela Editora Civilização Brasileira do Rio de Janeiro. Mariza Corrêa. Livros Esquecidos de Nina Rodrigues. *Gaz. méd. Bahia* 2006;76:Suplemento 2:S60-S62. No 2 (140): Suplemento 2 2006

<sup>67</sup> O livro mais conhecido de Nina Rodrigues, *Os africanos no Brasil*, foi publicado postumamente, pela primeira vez em 1933, os artigos foram publicados desde 1900. Na oitava edição (Editora da UnB, 2004) é o livro mais citado do autor e o único de fato acessível ao público leitor contemporâneo. Resta ainda mencionar um livro que Nina Rodrigues não alcançou ver, mas que foi publicado por Arthur Ramos em 1939 – *Collectividades anormaes - conjunto de artigos escritos desde a juventude* (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira S. A.). Mariza Corrêa. Livros Esquecidos de Nina Rodrigues. *Gaz. méd. Bahia* 2006;76:Suplemento 2:S60-S62. No 2 (140): Suplemento 2 2006

<sup>68</sup> “Com intuito de checar as informações contraditórias coletadas por Nina Rodrigues nas últimas décadas do século” (2009, p.14). SANTOS, Jocélio Teles dos. *Geografia Religiosa Afro-baiana no Século XIX*. Revista VeraCidade – Ano IV - Nº 5–Outubro de 2009. Em: <http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/pdf/artigo2.pdf>

em registros jornalísticos de terreiros invadidos, totalizou oitenta e um entre as 11 freguesias<sup>69</sup> da cidade.

Considerado precursor no estudo das religiões afro-brasileiras, Nina Rodrigues aborda a concepção dos orixás entendendo-a como politeísta e fenômenos meteorológicos divinizados<sup>70</sup>. Diz ainda que entre os orixás, Obatalá ou Orixalá, também chamado de Gunoco pelos africanos de nação Tapa, tem primazia sobre os demais e já pronunciava que a religião dos iorubanos era a mais importante. Informa inclusive ter conhecido diversos negros que aprenderam a ler e escrever língua iorubá em Lagos, Nigéria. Referência resgatada no texto sobre o babalô Martiniano Eliseu do Bonfim e a ialorixá Eugênia Ana dos Santos, Aninha, do Centro Cruz Santa do Axé Opô Afonjá, as figuras mais importantes e prestigiosas do candomblé na Bahia naquela época, na constatação do professor Vivaldo Costa Lima<sup>71</sup>, quando retoma essa passagem do livro *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos* na assertiva de se referir ao senhor Martiniano Eliseu do Bonfim. O babalô Martiniano Bonfim, no discurso do II Congresso Afro-brasileiro, em 1937, assim como relatou a Donald Pierson, Ruth Landes e Édison Carneiro, declara ter sido colaborador em vários trabalhos de Nina Rodrigues.

Ainda em seu livro, *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*, há registro sobre a revolta de 1835, liderada, sobretudo, por negros haussás ou malês devido à repressão policial às práticas muçulmanas muito limitadas na Bahia. Episódio que mais tarde irá fazer parte do interesse e tema de ampla pesquisa do professor e historiador João José Reis, que assim afirma:

O movimento de 1835 é conhecido como Revolta dos Malês, por serem assim chamados os negros muçulmanos que o organizaram. A expressão malê vem de imalê, que na língua iorubá significa muçulmano. Portanto os malês eram especificamente os muçulmanos de língua iorubá, conhecidos como nagôs na Bahia. Outros grupos, até mais islamizados como os haussás, também participaram, porém, contribuindo com muito menor número de rebeldes. (REIS, p. 03)<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> O histórico da legislação territorial de Salvador remonta ao período da fundação da cidade, quando, por determinação colonial de Portugal, repartia não em bairros, mas em freguesias. Em 1552, Salvador era uma única freguesia, chamada Sé ou Salvador. Nos anos seguintes foram criadas novas freguesias pelo crescimento populacional e mantendo a influência religiosa nas denominações: freguesia de Nossa Senhora da Vitória, 1561, Nossa Senhora da Conceição da Praia, 1623, do Santo Antônio Além do Carmo, 1646, São Pedro Velho, 1679, Santana do Sacramento, 1679, Santíssimo Sacramento da Rua do Passo, 1718, Nossa Senhora de Brotas, 1718, Santíssimo Sacramento do Pilar, 1720, Nossa Senhora da Penha, 1760. Em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es\\_de\\_Salvador](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subdivis%C3%B5es_de_Salvador)

<sup>70</sup> Essa característica é tida como elemento fundamental na constituição dos candomblés Congo-Angola e não iorubá.

<sup>71</sup> O Candomblé da Bahia na década de 1930. Em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a14v1852.pdf>.

<sup>72</sup> Trecho retirado do texto *A Revolta dos Malês*, do professor e historiador João José Reis (UFBA). Em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/a-revolta-dos-males.pdf>.

Nesse mesmo texto, José Reis ainda discorre que “em 1835 a grande maioria dos escravos da Bahia nascidos na África eram realmente de língua iorubá, cerca de 30% eram como nagôs. Muitos deles professavam a religião muçulmana, embora a maioria dos nagôs fosse de fato adepta do candomblé dos orixás” (REIS, p. 04)<sup>73</sup>.

Retornando para obra de Nina Rodrigues, segundo Sérgio Ferreti, *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos* (1900) “trata-se do livro fundador da etnografia do estudo das religiões afro-brasileiras cujo modelo foi estabelecido no século XIX, o pai fundador desta área de conhecimento” e tanto este quanto *Os Africanos no Brasil*, “reúnem suas ideias em torno do estudo da Religião dos Orixás”. Mesmo sob a ressalva de que “Animismo fetichista é a expressão, hoje preconceituosa, pela qual no século XIX, eram conhecidas as religiões dos chamados povos primitivos, hoje superada, juntamente com outros conceitos como o de totemismo” (FERRETI, 2006, p. 55). Embora, tanto Mariza Corrêa quanto Sérgio Ferreti, assim como muitos pesquisadores e estudiosos<sup>74</sup>, destacam as importantes contribuições de Nina Rodrigues na construção de novas abordagens tanto na medicina legal como na antropologia, a primeira, principalmente, por uma pesquisa cuidadosa e farta de repertório bibliográfico, dada as publicações em jornais, artigos e produções intelectuais, as proposições racistas e preconceituosas de Nina Rodrigues sobre o negro e o candomblé ainda repercutem negativamente, diante da continuidade de seus sucessores, muitos considerados discípulos, a exemplo de Arthur Ramos, e a constante recorrência aos seus trabalhos, ainda que para contestá-lo, como nessa situação. No entanto, a antropóloga Mariza Corrêa considera que sua obra é pouco consultada.

Não creio que seja necessário esboçar aqui uma conclusão, mas creio que é importante observar que tratei, de maneira breve, de um escândalo epistemológico de grandes proporções na história das ciências sociais no Brasil: um dos autores obrigatoriamente citado quando se trata de analisar as chamadas relações afro-brasileiras no país, é também o estranho caso de um pensador famoso cuja obra é praticamente desconhecida de grande parte dos pesquisadores brasileiros, e quase inacessível a eles, não só aos que se interessam por essas relações como também àqueles que se interessam pela história do sanitarismo, da saúde pública, dos códigos civil e penal, ou pela história da loucura no nosso país. Um autor famoso com um único livro nas nossas estantes (CORRÊA, 2006, p. 62)<sup>75</sup>.

<sup>73</sup> Trecho retirado do texto *A Revolta dos Malês*, do professor e historiador João José Reis (UFBA). Em: <http://smec.salvador.ba.gov.br/documentos/a-revolta-dos-males.pdf>.

<sup>74</sup> Em 2006, um dos editoriais da *Gazeta Médica da Bahia* é todo dedicado a Nina Rodrigues. A *Gazeta Médica da Bahia* (Gaz. méd. Bahia) [CDU: 616 051], fundada em 1866, é o periódico oficial da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Suplemento 2 2006

<sup>75</sup> CORRÊA, Mariza.. *Livros Esquecidos de Nina Rodrigues*. Gaz. méd. Bahia 2006;76:Suplemento 2:S60-S62. No 2 (140): Suplemento 2 2006

Talvez, Mariza Côrrea já nos aponte para um dos problemas que enfrentamos nas produções acadêmicas do Brasil, a falta de consulta direta à fonte, seja pela leitura apenas de textos críticos sobre a obra original ou, principalmente, considerando as imposições mercadológicas das escolhas editoriais e reedição de publicações. Nesse processo de seleção, muitos são excluídos, impossibilitando novas perspectivas e análises.

Sérgio Ferretti também conjuga da mesma ideia quando em alguns artigos reitera “que Nina Rodrigues, hoje, é pouco conhecido e estudado no Brasil, sendo praticamente desconhecido no Maranhão” (FERRETTI, 1999, p. 20).<sup>76</sup> Pois, quando apresenta a vida e obra do médico maranhense como pioneiro dos estudos sobre o negro e as religiões afro-brasileiras, com destaque para a sua importância e atualidade a partir de métodos de pesquisa utilizados e os vários temas de interesse que abordou em seus trabalhos, como os rituais de iniciação, mitologia, liturgia, revoltas de escravizados, folclore, literatura oral, arte religiosa e vocabulário de línguas africanas, considera-o como merecedor de maior destaque. Inclusive, pela repercussão de seu livro *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*, rendendo-lhe honrarias do antropólogo francês Marcel Mauss, pelo prestígio em ser cientista de reputação internacional, com publicações de muitos trabalhos em revistas especializadas de medicina, contribuições ao código civil e outros assuntos, nos Estados da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. Escreveu artigos e livros em francês e italiano e muitos de seus trabalhos tiveram edições em mais de um país, a exemplo da Itália, Bélgica, França e Argentina.

É inegável, porém, questionável, o trabalho realizado por Nina Rodrigues. O seu interesse pelo negro e sua religião está relacionado com seus estudos sobre medicina legal, fortemente marcado pela ênfase biológica, na crença da inferioridade da raça negra do ponto de vista intelectual, físico, moral e religioso, confirmando as ideias racistas da época, não cabendo mais citar sua simpatia e reconhecimento das inúmeras qualidades nos negros, como muitos pesquisadores insistem em exaltar. Sobre as obras *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos* e *Os Africanos no Brasil*, Édison Carneiro afirma e admite que a interpretação etnográfica da religião, em Nina Rodrigues, é construída segundo os quadros de referência da ciência de seu tempo.

---

<sup>76</sup> FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Nina Rodrigues e as Religiões Afro-brasileiras. Cad. Pesq., São Luís, v. 10, n. 1, p. 19-28, jan/iun. 1999., p. 20. Disponível em: [http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%202\(12\).pdf](http://www.pppg.ufma.br/cadernosdepesquisa/uploads/files/Artigo%202(12).pdf)

Ambos os livros se ressentem, sem dúvida, da época em que foram escritos e preconceitos raciais deformam-lhes as melhores páginas. Nina Rodrigues, acreditava na inferioridade do negro e em sua incapacidade para se integrar na civilização ocidental. Como médico legista e psiquiatra, não viu mais que simples manifestações de histeria nos transe místicos e nas crises de possessão que caracterizam o culto público dos africanos brasileiros (CARNEIRO, 1954, p. 07).

Contrário ao evolucionismo e selecionando a criminologia italiana de Lombroso como modelo de análise, em *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, de 1894, defendeu a existência de dois códigos penais: um para brancos, outro para negros. Certo que o contexto da ciência era entendido sob o positivismo, de que o conhecimento científico era a única forma de conhecimento verdadeiro<sup>77</sup>, do determinismo, dado de todas as ordens: biológico, racial e social e os resultados das pesquisas estavam estritamente vinculados ao Estado, transição entre monarquia e república. Opondo-se aos contextos do racismo científico, darwinismo social, positivismo e evolucionismo e totalmente inserido nas problematizações trazidas para o campo dos estudos sobre o candomblé e contemporâneo a Nina Rodrigues, Manuel Raymundo Querino, procurou novos paradigmas para abordar a cultura negra no Brasil, retirando esse tema da fronteira com a medicina e substituindo a ênfase biológica pela explicação social e cultural.

Manuel Raimundo Querino, negro<sup>78</sup>, baiano, nascido em Santo Amaro, viveu no período de 1851-1923. Considerado pioneiro nos estudos sobre a cultura negra, dedica-se à história na perspectiva de analisar as contribuições africanas no Brasil na contracorrente do contexto do racismo científicista em que os intelectuais brasileiros oitocentistas, justificavam através das ideologias e teorias eugenistas. Os mesmos que presenciaram a abolição da escravidão em 1888, mas não foram influenciadas por ela. Sobre seu pioneirismo, a estudiosa de sua obra, Sabrina Gledhill, assevera que como a publicação dos escritos de Nina Rodrigues, reunido em livro, ocorreu em 1933, após sua morte, e indica que “o primeiro a divulgar as origens étnicas dos africanos na Bahia foi mesmo Manuel Querino” (2010, p. 340). Consideração contrária é registrada por Édison Carneiro, em *Candomblé da Bahia: rito nagô* que destaca a produção de Nina Rodrigues como “os primeiros estudos sobre as sobrevivências religiosas africanas, datados de 1896, saíram sob a forma de artigos na Revista Brasileira” (1954, p. 07) e a estreia

---

<sup>77</sup> Vigorava-se a ideia entre os positivistas de que uma teoria é correta se ela for comprovada através de métodos científicos válidos. Não havia consideração dos conhecimentos ligados a crenças, superstição ou qualquer outro que não fosse comprovado cientificamente. Para eles, o progresso da humanidade dependia exclusivamente dos avanços científicos. COMTE, Auguste. Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: \_\_\_\_\_. Opúsculos de philosophia social (1819-1828). Porto Alegre: Globo, 1899. p. 66-202

<sup>78</sup> Embora, reconhecido como mestiço, suas características físicas e condições socioeconômicas o colocava na condição de negro.

de Manuel Querino no cenário de produção ocorreu “um pouco mais tarde, de 1916 a 1922” e ainda caracteriza:

homem de côr, escreveu também certo número de estudos sôbre o negro da Bahia. Seu ponto de vista era inteiramente oposto ao de Nina Rodrigues, cujos trabalhos, além do mais, não parecem ter conhecido. Queria antes de tudo mostrar a importância da contribuição africana à civilização do Brasil e exaltar o valor desta contribuição. Acusam-no às vezes de completa falta de cultura etnológica. Mas a tez lhe permitia conhecer o que os negros escondiam de Nina Rodrigues; seu amor pelos irmãos de côr fornecia-lhe, por outro lado, possibilidade de compreender melhor certos aspectos de um culto em que os brancos procuravam antes de mais nada o que havia de pitoresco, buscando sensações exóticas; eis porque sua contribuição, parece-me, não deve ser negligenciada (CARNEIRO, 1954, p. 08).

No entanto, os trabalhos relacionados à produção de Manuel Querino são datados de 1903 e mencionados como diferencial ao tratamento dado à presença africana no Brasil, pois tentou sensibilizar o público sobre as injustiças da escravidão, em artigos publicados na Gazeta da Tarde e em outras produções em revistas e artigos. Tratou em seus trabalhos, argumentando de maneira cuidadosa e humana, as tipificações dos africanos e descendentes, confrontando os preconceitos e estereótipos provocados pelo racismo europeu ao pesquisar e divulgar a importância desses povos na construção do Brasil pela visão que leva em conta a participação dos africanos, aludindo, já naquela época, a dívida histórica que o país e toda a sua estrutura perversa tinha às negras e negros africanos e crioulos<sup>79</sup> por meio de impedimentos a sua capacidade de “evoluir” pela educação.

[...] deixamos aqui consignado o nosso protesto contra o modo desdenhoso e injusto por que se procura deprimir o africano, acoimando-o constantemente de boçal e rude, como qualidade congênita e não simples condição circunstancial... (QUERINO, 1938, p. 22).

Nas primeiras décadas do século XX, Manuel Querino elabora um franco exercício de reflexão e escreve uma história do Brasil a partir de uma proposta que protagoniza os negros enquanto agentes sociais marginalizados pela elite branca portuguesa e brasileira. Formado em desenho pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), funcionário público, vereador<sup>80</sup>, professor, jornalista, um dos fundadores do Partido Operário da Bahia,

<sup>79</sup> Os crioulos eram os escravizados nascidos no Brasil. REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003

<sup>80</sup> Primeiro vereador negro da cidade do Salvador, em finais do século XIX, por dois mandatos: 1891-1893, 1897-1899.



participante de irmandades e do candomblé, foi um dos membros fundadores do Instituto Geográfico Histórico da Bahia – IGHB. Como Maria das Graças de Andrade Leal descreve:

Manuel Querino, homem negro que viveu em um contexto de transformações políticas, culturais e sociais significativas na monarquia brasileira, foi um colecionador, observador crítico, etnólogo, historiador e militante das causas populares que envolviam, especialmente, interesses das populações trabalhadoras, escravizadas, libertas e livres. Reuniu, ao longo da vida, um acervo diversificado, transformando a sua residência em um verdadeiro museu (LEAL, 2016, p. 139).

As variadas funções exercidas e o estabelecimento de relações com os diversos sujeitos sociais e seu engajamento lhe renderam independência intelectual, o que possibilitou vasta produção entre 1903 a 1922, quando publicou uma série de artigos e crônicas, a exemplo de *Homens de cor preta na história, A raça africana e os seus costumes na Bahia*, em 1918 nos anais do V Congresso Brasileiro de Geografia, presidido por Theodoro Sampaio, em Salvador, assim como outros destaques<sup>81</sup>.

Em *A Bahia de Outrora*, publicado em 1916, critica as mudanças advindas da República, no entanto, sem inserir e beneficiar a grande parcela da população composta, ainda, por africanos e descendentes. Apresenta, por meio de análise da conjuntura social, as hierarquias estabelecidas, sobrevivências, mobilidades e manifestações culturais populares. Em *O colono preto como fator da civilização brasileira*<sup>82</sup>, apresentado no VI Congresso Brasileiro de Geografia, texto significativo, que em certa medida, responde contrário, aos posicionamentos de Nina Rodrigues, defende que a formação da sociedade brasileira resulta principalmente do trabalho do “colono preto”<sup>83</sup> e destaca como este contribuiu para o desenvolvimento do Brasil e serviu, em diversos momentos da história, como força de trabalho para alimentar a máquina desenfreada da colonização com conhecimentos técnicos na metalúrgica e mineração.

No fim do século XVII começaram a exploração das minas. O tráfico africano aumentou de intensidade, e as entradas do colono preto, no país, foram muito maiores. Cresceu, portanto, a cobiça e o parasitismo tomou o aspecto de uma instituição social, com todo o cortejo de vícios e maldades. No domínio espanhol, a plebe que na terra natal grunhia na mais negra

---

<sup>81</sup> Escreveu além de “A raça africana e os seus costumes na Bahia”, “A arte culinária na Bahia”, “A Bahia de outrora”, “O colono preto como fator da colonização brasileira”, “Os homens de cor preta”, “Candomblé de caboclo”, “Bailes Pastoris”, “As artes na Bahia”; “Desenho linear nas classes elementares”; “Elementos de desenho geométrico”; “Artistas Baianos”. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1143-manuel-querino>

<sup>82</sup> Texto completo na Revista Afro-Ásia. Em <https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20815>

<sup>83</sup> modo como se refere aos africanos escravizados no Brasil.

miséria, buscando no furto e na mendicidade diversão e remédio às torturas da fome, mas, julgando sempre o trabalho abaixo da sua dignidade, igualmente assumia proporções arrogantes de nobreza e valimento (QUERINO, 1980, p. 148).

Escritor, abolicionista e militante nas discussões acerca da relação entre raça e nacionalidade, interessou-se, no plano antropológico pela mestiçagem, tratando a negritude como fator de civilização nacional, conferindo perspectivas mais amplas em termos de economia e cultura. Como não poderia deixar de tratar, também denuncia os frequentes castigos e as ações violentas sofridas pelos negros, tão quanto as revoltas ocasionadas pelo desejo de rompimento com a escravidão e em resposta à condição social vigente. Manuel Querino tratou da atividade desenvolvida por africanos libertos, os ganhadores<sup>84</sup>, descrevendo um pouco do cotidiano dessa população. A sua produção teórica também esteve voltada para as artes, período em que exaltou grandes artistas e seus ofícios.

Nesse aspecto, ressalta-se o vasto trabalho realizado por esse intelectual que atentou para as diversas dimensões de inserção cultural negra. Muitas vezes, quando se fala na contribuição dos negros à cultura brasileira dificilmente se pensa de imediato nas artes plásticas, em geral, é música, dança, literatura e outras manifestações. Atuação destacada pelo historiador e crítico de arte, José Roberto Teixeira Leite, no livro *Pintores negros do oitocentos (1988)*, o qual faz referência à produção artística de Manuel Querino e não somente ao seu trabalho crítico “[...] atividade de historiador de arte e de estudioso das tradições baianas suplantou de muito sua pouco lembrada obra de pintura” (LEITE, 1988, p. 23).

Após levantamento de pesquisa sobre outros possíveis intelectuais e estudiosos que integrassem uma geração de pensadores que buscavam entender as raízes do Brasil, rejeitando os cânones tradicionais que compunham as três grandes correntes do pensamento racista, estruturadas na concepção biológico-etnológica, histórica e do darwinismo social, adotando princípios científicos para entender o país, assim como Manuel Querino, encontra-se o nome de Manoel Bomfim (1868-1932). Destacado intelectual, médico e pedagogo de Sergipe, formado em medicina pela UFBA, estabeleceu-se no Rio de Janeiro, no entanto, mudou-se para o interior de São Paulo, por perseguições políticas devido a posições antimilitaristas que apoiavam as eleições em detrimento da permanência de Floriano Peixoto (1839-1895), de acordo com o seu biógrafo Ronaldo Conde Aguiar (2000).

---

<sup>84</sup> Indica-se para leitura elucidativa o amplo trabalho de pesquisa realizado por João José Reis na sua publicação mais recente, intitulada *Ganhadores*.

Desde 1905, quando *América Latina: males de origem* foi publicada pela primeira vez, já desconstruiu os principais argumentos raciais produzidos naquele período. Nesse sentido, foi apontada uma possível interlocução entre as considerações dos dois autores. Manoel Bomfim integra uma geração que pensa o nacional, no entanto, dada sua postura anticolonialista, procurou traçar um diagnóstico para a tragédia do subdesenvolvimento brasileiro e da América Latina a partir de um conjunto de fundamentos a respeito da constituição social do Brasil que agrega pensamentos da linha social, antropológica e histórica, tendo como posicionamento acerca da questão racial no Brasil contestações das ideias que desqualificavam o africano, demonstrando questionamentos que não aconteciam de forma isolada. Crítico ao biologismo social observou que as teorias europeias do atraso aludidas ao clima, à raça, religião, inclusive vegetação, eram construções disfarçadas para propagar a ideologia do colonizador. Também se distinguia pelo enquadramento inovador nas discussões pela perspectiva internacionalista de pensar a realidade latino-americana, considerando as especificidades das relações entre nações hegemônicas e dependentes.

No livro *América Latina: males de origem*, é preponderante o estudo acerca da exploração econômica das metrópoles às colônias latino-americanas. Discorre sobre o processo denominado por ele de “parasitismo”, buscando compreender quais questões estavam na gênese da América Latina que se tornaram responsáveis pelos problemas que enfrentavam, mostrando que o atraso das nações do continente não se devia à suposta inferioridade de seu povo e sim à exploração empreendida pelas metrópoles. Autodenominado patriota e interessado em compreender o Brasil e a América, explica: “– o desejo vivo de conhecer os motivos dos males de que nos queixamos todos. Desse modo, as notações, as analogias, as observações, as reflexões se acumularam (BOMFIM, 2008, p. 02)<sup>85</sup>.”

Escrito em Paris, no ano de 1903, segundo a professora Rita de Cássia Marques Lima de Castro foi uma obra surgida a partir “de uma provocação inicial feita a Manoel Bomfim por um jornal parisiense, que lhe solicita uma entrevista capaz de esclarecer os problemas gerais que aconteciam na América Latina”, então, “desenvolve um texto que não apenas contesta as ideias vigentes no começo do século XX, mas também apresenta as condições pregressas que faziam a América Latina está na posição ‘inferior’ em que se encontrava” (CASTRO, 2017, p. 212).

---

<sup>85</sup> Excerto retirado do livro *América Latina: males de origem*, publicação da Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais - [www.bvce.org](http://www.bvce.org)

Partindo do estudo sobre o parasitismo social, do campo da medicina, Manoel Bomfim, direciona o discurso do plano analítico para o metafórico, utilizando nomenclaturas e métodos das ciências biológicas para explicar a relação de dependência dos países europeus aos da América Latina como entre duas espécies diferentes, onde uma tem dependência metabólica da outra, explicando o atraso do Brasil por meio dessa relação parasita. Sob a divisão entre os capítulos, intitulados *A América Latina estudo de Parasitismo Social, Parasitismo e Degeneração, As nações colonizadoras da América do Sul, Efeitos do parasitismo sobre as novas sociedades* e *As novas sociedades*, constroem-se abordagens acerca da inclusão do negro e indígena e de suas respectivas identidades, evocando categorias como cultura, etnia e nacionalidade.

Tentando trazer para o espaço de discussão acerca das interpretações do Brasil que apresentaram caminhos diversos dos propagados por pesquisadores clássicos dos estudos das humanidades, ler Manuel Querino e Manoel Bomfim descortina pensamentos críticos, autônomos e divergentes que inauguraram questionamentos mais libertários da produção de conhecimento, colocando em dúvida o status científico de legitimidade eurocentrista, de reprodução das ideias do velho mundo. A crítica à escrita da história e antropologia nacional, nesses autores, reverberam um empenhando papel de propor uma abordagem distinta para estas teorias e historiografia.

Manoel Bomfim nega a existência da questão racial, sobretudo, pela negação do racismo científico, o qual foi particularmente crítico às teorias racistas e enfoques preconceituosos quanto ao mestiço, pois o considera como instrumento de dominação para atender aos interesses do sistema colonial. Define toda essa extensa exploração, exemplificando como os remanescentes da metrópole, que categorizou de “dente de ixode”, incômodo dente deixado pelo parasita quando larga sua presa, referindo-se aos aventureiros, intermediários, representantes de privilégios, todos os que vinham à colônia para fazer fortuna, que ficavam à margem do parasitismo do Estado, e ainda os colonos, considerados como o colchete ou ventosa com que a metrópole se agarrava e sugava as novas nacionalidades. Todos esses elementos foram decisivos na política que presidiu a formação e ainda hoje se mantém ativos nos países que foram colonizados (CASTRO, 2017).

Linha interpretativa mais tarde a ser retomada por Darcy Ribeiro (1984), quando vai destacar a originalidade do pensamento de Manoel Bomfim que estaria muito à frente do que se escrevia sobre o país, relacionando-a ao processo de redemocratização que se operou nos diversos países da América Latina, após décadas de ditadura, sob a discussão das dívidas acarretadas pelo capital estrangeiro seria um "parasita" a sugar a energia dos países latino-

americanos, sobretudo o Brasil. Para Alves Filho (1979), a reflexão de Bomfim se centrava no povo, não na elite e conforme Ricardo Sequeira Bechelli, a proposta de Bomfim apresenta uma postura profundamente marcada pela crítica à recusa das elites e intelectuais latino-americanos em analisarem sua própria realidade e insistirem em buscar resoluções na Europa.

Para Bomfim, os intelectuais latino-americanos estavam impregnados de uma “cultura livresca”, que era a busca da interpretação da realidade no senso comum ou através da importação de teorias gerais elaboradas em livros estrangeiros, utilizados como resposta para a realidade social desses países. O erro desses intelectuais era tomar a causa como sintoma, estabelecendo sempre a visão consagrada nos livros, perpetuando-se um sentimento de mal-estar, em decorrência da aplicação dessas ideias importadas à realidade brasileira (BEHELLI, 2009, p. 78).

Quanto a esse posicionamento, Renato Ortiz (2006) ao discutir as diferentes concepções de identidade e cultura entre escritores e estudiosos do século XIX afirma não restar dúvida da existência de um pensamento autóctone, brasileiro. Opõe-se à tese de Manoel Bomfim da cópia ou imitação à adesão de teorias estrangeiras por intelectuais brasileiros, argumentando que a escolha dos referenciais teóricos, com os quais passava a interpretar a realidade brasileira, se dava a partir de demandas internas, vivenciadas no Brasil. Para tanto, destaca que no final do século XIX, o discurso de raça começa a dar lugar ao de cultura. Autores como Gobineau e Agassiz perderam gradativamente importância frente aos trabalhos de Franz Boas, Émile Durkheim e Marcel Mauss, embora neste momento as teorias raciológicas ainda fossem hegemônicas entre os intelectuais brasileiros, sendo possível perceber ressonâncias nos trabalhos da década de 1920, a exemplo de Oliveira Viana. Em contraposição, o crítico literário Roberto Schwarz aponta que, sim, há uma vinculação ideológica aos países que servem de modelo ao Brasil adaptando à reflexão crítica de uma realidade nacional. Afirma que “raramente a passagem de uma escola a outra corresponde, como seria de esperar, ao esgotamento de um projeto; no geral se deve ao prestígio americano ou europeu de doutrina seguinte” (SCHWARZ, 1987, p. 94). Caso fossem contemporâneos, ambos, Bomfim e Schwarz comungariam das mesmas posições.

Para Roberto Ventura (1991), em *Estilo Tropical: História cultural e polêmicas literárias no Brasil*, a principal característica de Bomfim seria a crítica da teoria da desigualdade racial, classificando-o assim como parte de um grupo de “intelectuais isolados” de certa forma, antecipada por Tobias Barreto (1839-1889) que já refutava o evolucionismo spenceriano, também feito por Manoel Bomfim em *A América Latina* (1905). Consideração

realizada a partir da investigação acerca da história cultural e das polêmicas literárias que envolveram a chamada “geração de 1870”, inserida aí a atuação do respectivo autor.

Em estudo realizado acerca da obra de Manoel Bomfim e sua recepção no Brasil, Flora Sussekind e Roberto Ventura (1981) levantam questões acerca da centralidade de análise na nação e do método genético de explicação em que se procura entender o presente à luz do passado. Metodologia que o auxilia explicar a formação do “caráter nacional”, vinculada a uma herança constituída por interferências políticas, administrativas e sociais, afastando-se das concepções deterministas, da ideia de que o atraso do país decorreria de características naturais. Destacam que suas reflexões foram produzidas em um contexto marcado pelo nacionalismo da primeira república, estabelecendo, inclusive, uma relação singular com referências interpretativas de Karl Marx.

A metáfora de Marx volta-se assim como em Bomfim, para a relação de exploração. Em Marx, sobretudo no que diz respeito às relações entre as classes; e em Bomfim, a partir do mecanismo de exploração colonial, à relação entre metrópole e colônia que se reproduz internamente entre as classes (SÜSSEKIND; VENTURA, 1981, p. 03).

A partir de outras três obras de Manoel Bomfim, *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929), *O Brasil na história: deturpação das tradições, degradação política* (1930) e *O Brasil nação: realidade da soberania brasileira* (1931), pode-se estruturar seu pensamento e conceitos sobre o Brasil, a organização da sociedade, a expansão econômica, a vida política do Brasil Colônia, Império e República até 1930 e fala do futuro do país vista as reformas sociais em curso no mundo e que influenciam o Brasil. Pretendeu uma revisão de nossa história, do indígena ao negro e aos portugueses, e, principalmente, expôs as bases do estudo para o conhecimento da constituição da nacionalidade. Sem mencionar à religiosidade, sobretudo, o candomblé, citar a atuação de Manoel Bomfim resvala naquela categoria de produções, seja pelo engajamento intelectual, político, social ou até por “sofrer na pele”, não é o seu caso, a exclusão e discriminação por condições raciais, com outras perspectivas de (re) elaborações do real por meios de análises coerentes e conjunturais quanto aos fatos sociais e históricos.

No entanto, considerando o enfoque crítico reflexivo a que essa pesquisa se propõe, acerca dos estudos do candomblé na Bahia, retoma-se a atuação de Manuel Querino a partir da referência à comunicação intitulada, *A raça africana e seus costumes na Bahia*, apresentada no V Congresso Brasileiro de Geografia, em 1916, “única apresentação de conteúdo racial naquele evento que não tratava de temas das áreas de geografia, cartografia, hidrografia, climatologia e

outras disciplinas próximas da geografia” (LEITE, 2009, p. 100). Identifica um estudo etnográfico acerca das práticas de religiosidade africana. Resultado em livro do conjunto de textos publicados em jornais e na revista do Instituto Geográfico Histórico da Bahia. Ressalva-se aqui, em lembrança aos dizeres do professor Vivaldo da Costa Lima<sup>86</sup>, que o livro intitulado *Costumes africanos no Brasil*, de 1938, não é de Manuel Querino, é uma coletânea de seus textos organizados por Arthur Ramos, contendo *A raça africana e seus costumes na Bahia*, *O colono preto como fator da civilização brasileira*, *A arte culinária na Bahia*, póstuma, e parte da publicação de *A Bahia de Outrora*.

Manuel Querino também realizou um importante trabalho etnográfico sobre a religiosidade de matriz africana, demonstrando possuir um grande conhecimento e informações detalhadas sobre as celebrações, rituais, danças, dentre outros elementos da religião dos africanos e seus descendentes. No prefácio do *Costumes africanos no Brasil*, Arthur Ramos, declarado seguidor de Nina Rodrigues, declara que Manuel Querino esteve sempre rodeado de pais e mães de santo, os quais lhe confiaram os segredos das práticas religiosas, da culinária e simbologias, traz valiosos conhecimentos acerca do cotidiano dos terreiros. Ao se referir ao Níger e ao Congo, listou informações detalhadas sob a designação de culto fetichista, considerada variante do sabeísmo<sup>87</sup>, apresentou os orixás como representação simbólica dos santos católicos, descreveu como ocorre o processo de iniciação, “fazer santo”, dar comida à cabeça, cair no santo e despachar santo. Possuía informantes entre os últimos africanos existentes na Bahia e os sabedores das crenças religiosas, como assim designava, advindas do continente africano. Também frequentava terreiros de candomblés, inclusive o Gantois.

Apesar da reserva, rigorosamente mantida pelos africanos, com relação às suas práticas fetichistas conseguimos colher, nas melhores fontes, seguras informações acerca da religião das tribos que aqui se extinguíram. (...)As nossas investigações compreenderam os próprios africanos e estenderam-se aos seus descendentes mais diretos, indivíduos sabedores das práticas religiosas dos ascendentes (QUERINO, 2006, p. 12-13).

Sobre suas pesquisas etnográficas, foi nos terreiros de candomblé, conforme as palavras de Antônio Viana: “encontrou Querino pouso para muitas horas, bastantes para fixar os seus flagrantes” (1928, p. 311).<sup>88</sup> Outro pesquisador e antropólogo dedicado aos estudos sobre a religiosidade africana na Bahia, Vivaldo da Costa Lima (1925-2010), anunciava, em alguns

<sup>86</sup> Informação adquirida em conversa com o professor Jaime Nascimento - IGHB.

<sup>87</sup> Religião dos antigos sabeus, do Reino de Sabá, no atual Iêmen, país árabe que ocupa a extremidade sudoeste da península arábica. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sabe%C3%ADsmo>

<sup>88</sup> Revista do IHGB, n°54, 1928, p.311.

encontros científicos, o seu interesse por Manuel Querino pela sua vinculação ao candomblé de Mãe Menininha do Gantois. Segundo Costa Lima, havia entrevistas não publicadas sobre a memória da presença de Querino nos terreiros de Salvador.

Querino também publicou importantes estudos na Revista do IGHB, trabalhos posteriormente editados em forma de livro, analisou as crenças dos negros malês, do culto nagô e dos candomblés de caboclo. Sobre este último, ressalva-se o pioneirismo, mais uma vez de Manuel Querino e seu trabalho quanto ao levantamento das etnias existentes e suas manifestações, fato de Nina Rodrigues só tecer considerações acerca dos nagôs e iorubás, excetuando os negros de origem banto.

Manuel Querino e Nina Rodrigues abordaram temas em comum com relação à religiosidade do negro na Bahia. No entanto, um negro, vindo de baixa camada social e escravizada e o outro, branco, representante de uma elite brasileira. Diferenças que possibilita pensar em que medida as divergências nos projetos e posturas intelectuais desses autores decorrem das implicações dos seus lugares e lutas sociais que travavam. Ambos, contudo, no que diz respeito aos seus estudos revelaram questões paradoxais em maior ou menor grau. Afinal, é “sempre difícil abandonar preconceitos e etnocentrismos” (CARNEIRO, 1954, p. 12).

Nina Rodrigues, ao discutir a religiosidade de matriz africana defendeu a inferioridade da raça e, por isso, tinham um nível de compreensão muito reduzido das religiões que ele considerava como inferiores ao cristianismo e islamismo. Para ele, os afrodescendentes assimilaram essas religiões por razões exteriores e por terem uma inclinação natural para o fetichismo. Realiza todo um trabalho minucioso, inclusive de participação nas cerimônias religiosas, pois assim, como Manuel Querino, ambos foram ogãs<sup>89</sup> no candomblé do Gantois, para chegar a essa conclusão minimalista e redutora.

A forma que Manuel Querino estudou e analisou a religiosidade do africano, também se mostra paradoxal no uso de determinados termos, apesar desse intelectual ter contestado claramente em seus escritos os postulados do racismo científico da época, conseguindo se desvincular de conceitos que reproduziam essas ideias e se vinculado a ações sociais e de militância no partido abolicionista e operário. No entanto, ao discutir aspectos da religião de matriz africana, usou em suas análises nomenclaturas como “seita”, “feitiço” e “fetichismo”.

Constata-se, também, que no contexto em que Manuel Querino e Nina Rodrigues produziram havia uma hostilidade ao que se remetesse à herança africana. A perseguição ao

---

<sup>89</sup> Ogãs aqui utilizado de acordo com a descrição de Édison Carneiro, como protetores do candomblé, com função especial e exterior à religião, de lhe emprestar prestígio e fornecer financiamento para as cerimônias sagradas (CARNEIRO, 1954, p. 149).



candomblé<sup>90</sup> pela aparelhagem do Estado se forma desde muito cedo, tema abordado por vasta referência bibliográfica, sendo que a perseguição aos terreiros e apreensões da polícia é atribuída por Nina Rodrigues como um processo de ignorância da opinião pública, qual assunto deveria ser caso de estudo da ciência. Com desdobramentos argumentativos contrários, Manoel Querino condenava a força policial apontando, na realidade, o desejo de apagamento da presença dos negros da vida pública em que o espaço reservado para a modernidade, reivindicada pela elite, não permitia tais encenações e pretendia-se coibir as práticas religiosas, muitas reveladas nas simbologias e referências cotidianas.

De acordo com analogias apresentadas até aqui, Manuel Querino e Nina Rodrigues, ao analisarem a cultura e a contribuição do africano e do mestiço para a formação da nação brasileira, representaram o negro de maneira distinta. Muito provável que Querino tivesse tentando responder às teorias divulgadas por Nina Rodrigues, oferecendo ao pensamento social uma análise crítica e inovadora, sobretudo, pelo período em que viveu, sendo uma das raras exceções que rejeitou, quase totalmente, a filosofia cientificista que dominava a intelectualidade. Corajosamente, atribuiu o atraso do país às contingências socioculturais e não à inferioridade da raça. Aproximando-se mais uma vez a Manoel Bomfim e se distanciando de Nina Rodrigues.

### **3.2 Caminhos em torno do Candomblé da Bahia: sua retomada em meados do século XX**

Tradição e contradição são dois elementos que de, às vezes, reaparecem nas reflexões acerca de momentos importantes sobre a cultura brasileira. Considerada sob dois aspectos de interpretação, o da continuidade e ruptura, ambos são acionados pelos rastros da história e o anseio de novas categorias de análise.

Ao explorar os conceitos de tradição e ruptura, o filósofo Gerd Bornheim, analisa como esses opostos costumam “se atrair e formam, de algum modo, uma unidade ainda que conflituada” (1997, p. 15). História entendida como a sucessão do estável e do descontínuo que avança em sua própria oposição e chega a construir uma nova e harmoniosa unidade em que o método dialógico entre a contraposição e contradição de posições levam a outras ideias e que tem sido tema central na filosofia ocidental e oriental desde os tempos antigos pelo seu significado literal de caminho entre as ideias. Nesse aspecto, Gerd Bornheim observa que existe

---

<sup>90</sup> Ver discussão promovida pelo pesquisador Wilson Caetano Júnior em seu recente livro *Corujebó: candomblé e polícia de costume (1938-1970)*.

uma atração recíproca entre conceitos como continuidade e descontinuidade, estaticidade e dinamicidade, tradição e ruptura. Visto que cada termo só se afirma na medida de seu oposto, quando, no entanto, a tradição se quer perene e sem movimento, condição que a condena à estagnação na medida em que afasta qualquer possibilidade de mudança e renovação. Portanto, “a necessidade da ruptura se torna, em consequência, imperiosa, para restituir a dinamicidade ao que parecia sem vida” (1997, p. 15).

Diante das vicissitudes que cercam os debates acerca da cultura brasileira, na medida do que vem sendo proposto a partir da revisão dos autores apresentados, situando-os em suas escolhas e metodologias de trabalho, recorre-se, mais uma vez, a Renato Ortiz (2006) quando este sublinha o caráter inautêntico da noção de “cultura brasileira” uma vez que, como construção simbólica perpassa por relações de poder, não havendo possibilidade de postular uma identidade autêntica como expressão ontológica<sup>91</sup> de categorização e conceituação de cada ideia. Antes, uma pluralidade de discursos elaborados por diferentes grupos sociais, em momentos históricos distintos, por meio de múltiplas manifestações culturais. A instauração de uma noção de cultura nacional fixa, na verdade, encerra-se em uma dimensão política de acordo com a visão de mundo e os interesses daqueles que os verificam a cada tempo. Em *A morte branca do feiticeiro negro* (1991), resultado da sua tese de doutorado, orientada por Roger Bastide, Ortiz aciona a problemática da integração da umbanda, sob a chave de leitura da escola culturalista americana da mudança cultural descrita pelo conceito de aculturação. Conceito este, definido pela autonomia e valorização cultural em contraposição à noção de sociedade. Trata-se, quando duas culturas distintas ou parecidas são absorvidas uma pela outra formando uma nova cultura diferente. A grosso modo, interpenetração de culturas.

Além disso, a aculturação pode ser também entendida como a absorção de uma cultura pela outra, onde essa nova terá aspectos da cultura inicial e da cultura absorvida. Termo criado por antropólogos norte-americanos, Franz Boas (1858-1942) que assumia o relativismo cultural em rompimento à tendência predominante da antropologia no século XIX, e introduzindo uma nova forma nos estudos antropológicos para designar as mudanças que podem acontecer em uma sociedade diante de sua junção com elementos culturais externos, geralmente por meio de dominação política, militar e territorial. A obra de Boas é uma tentativa de pensar a diferença fundamental entre os grupos humanos que é de ordem cultural e não racial. Ao estabelecer a autonomia relativa do fenômeno cultural, desvinculou-se do rígido determinismo em face do meio ambiente e das características biológicas dos componentes das diversas sociedades,

---

<sup>91</sup> Fenomenologia de Heidegger.

fatores que adicionaram contribuições valiosas à causa do antirracismo, pois escreveu trabalhos sobre raça e a situação do negro nos Estados Unidos, além de estimular pesquisas semelhantes em várias partes do mundo. Ao contrário de Edward Burnett Tylor (1831-1917) de quem havia tomado a definição de cultura, visão estabelecida a partir da unidade, entendia-se a cultura humana como única, os diferentes povos sofreriam convergência de suas práticas culturais ao longo de seu desenvolvimento dada a existência de uma base funcional para o desenvolvimento da sociedade e religião, que ele determinou ser universal, Boas tinha como objetivo o estudo das culturas e não da Cultura.

Nos *Limites do método comparativo em antropologia*<sup>92</sup>, ensaio apresentado em 1896, sugere novas regras de aplicação para o método comparativo que era muito utilizado em sua época, no entanto, considerava apresentar resultados pouco ou nada sólidos. Define, então, as regras que o estudo antropológico deve seguir para atingir a segurança pretendida e analisar como certos estágios culturais e psicológicos se desenvolveram. A investigação detalhada dos costumes deve ser elemento preliminar a todos os estudos comparativos mais amplos sem restringir apenas aos fenômenos que se provem ser efeito das mesmas causas. Tornando-se necessário provar a sua compatibilidade, por isso, em conexão com uma investigação de sua distribuição geográfica entre sociedades próximas, as quais levarão, provavelmente, ao desvendamento das condições geográficas e ambientais, fatores psicológicos e efeitos históricos. A cultura representava uma totalidade singular e todo seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade e a explicação do desenvolvimento humano sob suas formas, opiniões e ações essenciais por meio de traços fundamentais e comuns, chamados de leis gerais que os governam. Chegar à elucidação destas leis gerais, de maneira segura, através da síntese de elementos teóricos e elementos coletados em campo é um ponto de vista fundamentado na observação de que os mesmos fenômenos étnicos ocorrem entre os mais diversos povos, e por mais complexo que sejam os costumes e ideias, são encontrados em diversas sociedades que não têm origem histórica comum.

Desse modo, não se deve considerar a linearidade da história da evolução humana, pois, embora existam similaridades étnicas entre duas ou mais sociedades, estas não são, necessariamente, oriundas das mesmas causas, que podem ser tanto internas, fundadas sobre condições psicológicas, quanto externas, baseadas no meio em que vivem. Propõe-se, então,

---

<sup>92</sup> Texto base a partir do qual o autor construirá toda sua teoria posterior que tem como objetivo procurar quais as origens dessas leis gerais e como elas se afirmaram em várias culturas. Durante sua carreira, orientou grandes autores como Margaret Mead, Melville Herkovits, Ruth Benedict e o brasileiro Gilberto Freyre, todos com ampla atuação nos estudos acerca do candomblé do Brasil.

uma visão multilinear da história, entendendo que o mesmo fenômeno pode surgir em diversas sociedades por caminhos diferentes e pode modificar as ideias elementares, tidas como leis gerais.

Dá sua preocupação de não somente descrever os fatos culturais, mas de compreendê-los juntando-os a um conjunto ao qual estavam ligados. Cada cultura é dotada de um estilo particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, “espírito” próprio a cada cultura, influi sobre o comportamento dos indivíduos”. Em contraposição aos evolucionistas sociais, com base na defesa da pertinência do método indutivo<sup>93</sup>, criticou o etnocentrismo, a linearidade evolutiva e os determinismos biológico e geográfico, baseado no argumento de que ele não dá conta de explicar a diversidade que existia entre povos que viviam em condições geográficas semelhantes. A comparação evolucionista entre povos seria possível somente dentro de territórios restritos, por meio de precisos estudos individuais. Além disso, dentre vários outros elementos e formulações, suas ideias influenciaram discussões acerca da emergência da igualdade racial.

Chegamos à metade do século XX ainda em vigor com um modelo racial de análise, respaldado por uma percepção bastante consensual de que o Brasil, era de fato um país miscigenado. As divergências encontradas eram com relação aos efeitos que essa mistura poderia causar ao futuro da nação, minimizadas ou ampliadas, sobretudo, pelo projeto imigrantista destinado a embranquecer o país defendido pelos representantes do Brasil, os médicos e antropólogo João Baptista de Lacerda (1846-1915) e Edgard Roquette-Pinto (1884-1954), na Conferência Internacional de Raças<sup>94</sup>, realizada em Londres, 1911, no qual se estabelecia “o prazo de cem anos para nos livrarmos dessa multifacetada gente”. E isto, em tempos de André Rebouças, Cruz e Sousa, Juliano Moreira, Lima Barreto e Teixeira e Souza.

Na década de 20, período característico dos movimentos culturais modernos, com predomínio dos aspectos artísticos e literários, mais precisamente o Modernismo (1922)<sup>95</sup> e o Regionalismo (1926)<sup>96</sup>, tentava-se pensar e explicar o Brasil, cada segmento a seu modo,

---

<sup>93</sup> Raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui uma verdade geral.

<sup>94</sup> Tema debatido por Vanderlei Sebastião de Souza e Ricardo Ventura Santos. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n3/a08v7n3.pdf>

<sup>95</sup> Possui como marco inicial a semana de arte moderna, momento marcado pela efervescência de novas ideias e modelos inspirado pelas vanguardas europeias, encontrando-se a motivação para romper com o tradicionalismo e protestar contra a estrutura política do país, período de aumento da inflação e da crise que propulsionava greves e protestos.

<sup>96</sup> Manifesto Regionalista de 1926. Ação coletiva do Congresso Brasileiro de Regionalismo, realizado no Recife, em fevereiro de 1926, quatro anos após a Semana de Arte Moderna, de São Paulo. A organização do evento teve o intuito de dar sentido regional ao ensino, à organização universitária e à cultura intelectual de Recife/Nordeste.

voltando-se para uma forma moderna de analisar a nação, a partir de mudanças teórico-metodológicas. O sociólogo e crítico literário, professor Antonio Candido, destaca o ambiente intelectual dos momentos que congregavam artistas e intelectuais, estabelecendo a relação entre a arte e o meio social, conforme a crítica dialética de análise do texto com a inserção do meio externo, o social, também o psicológico e o linguístico, como parte da estrutura literária, não apenas como causa ou significado da obra (CÂNDIDO, 2006).

Todavia, os anos 30 herdariam ainda uma forte herança conservadora de como tratar o tema do negro e do candomblé em processo da civilização brasileira. Maneiras de pensar que encontraram refúgio no radicalismo intelectual e na análise sociológica que procurou, a todo o momento, demonstrar o Brasil como uma nação singular e reconheceu os seus problemas como únicos. Muitas vezes, aproximando-se de pesquisadores estrangeiros, apoiando suas produções em métodos desenvolvidos em universidades da Europa e dos Estados Unidos, transpondo métodos de análise para uma outra realidade e contexto. A tríade interpretativa da história publicada por Afonso Arinos na década de 1930, *Introdução à realidade brasileira* (1933), *Preparação ao nacionalismo* (1934) e *Conceito de civilização brasileira* (1936) melhor resume as análises, fruto da leitura de identidade baseada em premissas equivocadas do passado, construída pelas elites nos anos 30. Opõe-se um Brasil civilizado, branco e europeu ao mestiço, primitivo e selvagem, não se estranha estas terem sido as conclusões que caíram no gosto social e as que acabaram por prevalecer pela proposta de investigar “os elementos efetivos, ideais e materiais que historicamente integram a nação brasileira”.

O preconceito, a discriminação e a conseqüente marginalização, tornaram-se flagrantes. Inusitado é a promulgação de uma lei<sup>97</sup>, que leva seu nome e prevê igualdade de tratamento e direitos iguais, no entanto, representa um cenário de redefinições políticas desencadeadas com a Revolução de 30 e formadas durante a instauração do regime político do Estado Novo (1937), por Getúlio Vargas, caracterizado, de modo geral, pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo, levando a uma série de transformações econômicas e sociais, culminadas na elaboração de um novo projeto de desenvolvimento para o Brasil a partir

---

Em virtude da renovação cultural que estava sendo vivida no Brasil, expressava a necessidade de restituir a cultura regional nordestina e tinha como principal articulador Gilberto Freyre. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf>

<sup>97</sup> Lei 1390/51 de 3 de julho de 1951, proposta de Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) e promulgada por Getúlio Vargas, em 3 de julho de 1951. Proíbe a discriminação racial no Brasil. É o primeiro código brasileiro a incluir entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça e cor da pele.

de diretrizes ideológicas que vislumbravam as possibilidades de um futuro próspero e moderno para o Brasil no bojo do rearranjo das estruturas políticas e sociais<sup>98</sup>.

### 3.2.1 De Arthur Ramos a Gilberto Freyre

De fato, irrompe-se no interior da intelectualidade do país a necessidade de balanços e análises sobre a nossa cultura formadora, a consciência criadora nacional, em Mário de Andrade; retrato do Brasil, em Paulo Prado; a cultura brasileira, em Fernando de Azevedo, também redator do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em busca da construção educacional das bases e diretrizes de uma nova política de educação no Brasil, em 1932; raízes do Brasil, em Sérgio Buarque de Holanda e o corpo e a alma do Brasil, com Florestan Fernandes. Processos esses localizados no período iniciado pela fundação das universidades no Brasil, em intensa profissionalização das áreas de atuação intelectual nas ciências humanas e sociais, com grande influência da França e Estados Unidos com campos já estabelecidos e consolidados. Nessa transformação, com a adoção de teorias e metodologias específicas internas, em trabalhos que procuravam analisar as problemáticas do Brasil, quando o conceito de cultura adquiriu, em razão de sua importância, destaque para pensar a especificidade humana na diversidade de povos, como afirma o sociólogo e antropólogo Denys Cuche, em seu livro *A noção de cultura nas ciências sociais*, o qual dividiu trabalhos de pesquisa com Roger Bastide nos estudos sobre cultura.

A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos. Ela parece fornecer a resposta mais satisfatória à questão da diferença entre os povos, uma vez que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada, à medida que há avanços da genética das populações humanas (CUCHE, 1999, p. 09).

Representantes da escola culturalista americana no Brasil, Arthur Ramos e Gilberto Freyre participaram ativamente do processo de renovação das ciências sociais brasileiras em curso nos anos 30, período de grande influência da antropologia cultural e da sociologia norte-americanas, às quais impactaram nas bases teóricas das primeiras universidades brasileiras, na inserção de temas e discussões metodológicas, inclusive, na gestão de bens culturais, período

---

<sup>98</sup> Sobre esse período consultar *A República no Brasil*, de Ângela de Castro Gomes, Dulce Pandolfi e Verena Alberti, esta última, recorro para discutir história oral nos demais capítulos da tese, e a coleção O Brasil Republicano organizada por Jorge Ferreira e Lucília Neves Delgado.

de fortalecimento do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), sob a direção de Rodrigo Melo Franco de Andrade, que teve, especialmente, com Gilberto Freyre diálogos acerca da “origem” da cultura brasileira (VELOSO, 2000, p. 364).

A intensificação das pesquisas sobre a temática das relações raciais foi igualmente acompanhada pela recepção de categorias analíticas inovadoras para os padrões da produção científica nacional. Principalmente aquelas provenientes da antropologia cultural estadunidense de Franz Boas em que a noção de raça, como forma de explicação das diferenças existentes entre grupos humanos, sob perspectivas teórico-metodológicas características da antropologia física, cujo conceito-chave era raça biológica, passaram, essas mesmas diferenças, a ser problematizadas a partir de manifestações culturais observadas através do método etnográfico em detrimento das medições anatômicas. Começavam a utilizar a noção sistêmica de cultura, a ideia de pluralidade para a teorização sobre a noção de aculturação, dedicando-se ao estudo dos "padrões de culturas que os negros transportaram da África para o Novo Mundo" (RAMOS, 1979, p. XXII) e, especialmente, de sua religiosidade, com o objetivo de melhor avaliar possíveis processos de adaptação e transformação.

Tanto Arthur Ramos quanto Gilberto Freyre tinham como base Franz Boas. O primeiro estabeleceu amplos contatos acadêmicos e o segundo foi seu aluno nos EUA, os dois demonstraram que o determinismo racial ou climático não influenciava no desenvolvimento de um povo. Em contrapartida, foram precursores na noção de democracia racial<sup>99</sup> no Brasil, com relações harmônicas interétnicas em decorrência da influência social do passado escravista no Brasil, que, segundo Freyre, fora menos segregadora que a norte-americana.

Como antropólogo, Ramos desenvolve e cunha o termo "democracia racial", contudo fica amplamente conhecido e divulgado por Freyre. Ambos passaram a debater os estudos africanos, agora em *status* de área do conhecimento legítimo das ciências sociais, em meio às publicações de Casa Grande e Senzala (1933)<sup>100</sup> e Sobrados e Mucambos (1936), de Gilberto Freyre, e as reedições das obras de Nina Rodrigues por Arthur Ramos, não somente dele, como também a organização em livro dos textos de Manuel Querino<sup>101</sup> e as publicações de *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934), reeditado em 1940<sup>102</sup>, *O folclore negro*

---

<sup>99</sup> Amplamente debatido como uma problemática marcadamente reducionista da realidade vivenciada pelo negro brasileiro com sérios impactos vividos em século XXI.

<sup>100</sup> Traduzido em 1952 para o francês por Roger Bastide, com prefácio de Lucien Febvre, a edição inglesa (1946).

<sup>101</sup> *Costumes Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

<sup>102</sup> criticado pela presença maciça da psicanálise como instrumento de análise dos dados etnográficos presentes no livro, no prefácio dessa segunda edição reage às críticas ao mesmo tempo que defende o seu ponto de vista, admitindo um certo redirecionamento no modo como combina psicanálise e antropologia em seus estudos.

*no Brasil* (1935) e *As culturas negras no Novo Mundo* (1937). Ambos promoveram articulações de grande interesse de estudiosos estadunidenses que procuravam saídas teóricas para o segregacionismo vivenciado nos Estados Unidos, reforçando apoios estabelecidos entre trocas e intercâmbios, como a ida de Arthur Ramos e Gilberto Freyre e a vinda de Franz Boas, Melville Jean Herskovits, os trabalhos de campo no Brasil, entre 1941 e 1942, Roger Bastide, em 1938, Pierre Verger, 1939, Donald Pierson, cuja estada na Bahia, se deu de 1935 a 1937, cujas pesquisas resultaram no livro *Branços e Pretos na Bahia*, Claude Lévi-Strauss e Ruth Landes, em 1937, para o livro *A Cidade das Mulheres*, muitos deles sob a intermediação de Édison Carneiro. Pesquisadores que se interessavam, por meio da observação etnográfica, pela busca de sobrevivências culturais africanas na América como chave de entendimento para as leituras das dimensões materiais e imateriais dos africanismos nas Américas.

Em contato com a cultura negra por meio dos estudos recolhidos de Nina Rodrigues, a partir de "um conjunto de dados etnográficos sobre a vida cotidiana nos terreiros", sobre a vida religiosa de origem africana na Bahia, pormenores dos ritos e seus personagens e as relações sociais entre os praticantes das religiões afro-brasileiras e a comunidade em que estavam inseridos, Arthur Ramos se auto intitula seu discípulo, o qual, segundo Édison Carneiro, talvez não trouxesse muitos elementos novos sobre os candomblés da Bahia, em comparação aos que já tinham sido divulgados, no entanto, "seu mérito está antes de mais nada no método" (1954, p. 08).

Ensinou aos africanistas brasileiros o valor da objetividade científica. Também trouxe sem dúvida uma interpretação, efetuada através de teorias psicanalíticas; mas teve o grande cuidado de separar radicalmente a descrição dos fatos da interpretação que deles dá em seguida, à parte. Conseguiu também despertar em muitos jovens o interesse por tais pesquisas e, pelo menos durante o período que vai de 1933 a 1940, pôs em moda o estudo das sobrevivências africanas na civilização brasileira; mostrou a necessidade de não separá-lo nem das descobertas feitas pelos etnógrafos, tanto na África quanto noutras partes da América, nem das teorias gerais da antropologia cultural norte-americana (CARNEIRO, 1954, p. 08).

Sob a perspectiva da psicanálise, área que inicialmente se enveredou, com primeira publicação, resultado da tese defendida na faculdade de medicina da Bahia, em 1926, *Primitivo e loucura*<sup>103</sup>, e, em dois anos seguintes, a tese de livre docência *Sordície nos alienados: ensaio de uma psicopatologia da imundície* (1928) e ainda os livros *Estudos de psicanálise* (1931), *Freud, Adler, Jung...* (1933), *Psiquiatria e psicanálise* (1933) e *Educação e psicanálise* (1934),

---

<sup>103</sup> Em 1926 defendeu a tese de doutorado denominada "Primitivo e Loucura", ganha o reconhecimento de Sigmund Freud, Paul Eugen Bleuler e Lucien Lévy-Bruhl.



não nos deixa dúvida quanto ao interesse dos estudos de Arthur Ramos acerca da psicanálise e psicologia social, onde foram assentadas uma série de suas reflexões para os estudos sobre a religião afro-brasileira. Começa a publicar sucessivos artigos sobre o negro baiano, em 1931, *O problema psicológico do curandeirismo*, fruto das observações em casas de candomblé, *Os horizontes míticos do negro na Bahia*; *A possessão fetichista na Bahia*; *Os instrumentos musicais dos candomblés da Bahia*; *O mito de Iemanjá e suas raízes inconscientes* e a partir de 1937, no livro *As Culturas Negras no Novo Mundo*, o médico passa a se definir como antropólogo (CORRÊA, 1998).

Em *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise (1934)*, utilizou a psiquiatria, a psicanálise e a antropologia para investigar a religiosidade de origem negra no Brasil, sendo possível encontrar retratado os terreiros de culto iorubá, os orixás, as danças, o som dos atabaques, as cerimônias de iniciação, a possessão e as práticas ditas mágicas, os quebrantos e despachos. Assim como Nina Rodrigues, deu preferência à presença dos iorubás na representação dos sudaneses em detrimento de outras culturas. Na leitura desse livro, fica bem demarcado o seu interesse em classificar tais fenômenos como critério para estabelecer a ideia de "mistura ordeira de credos". Afinal, não se pode esquecer que, em 1949, assume um posto oficial junto à Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura - UNESCO, em que apresentou a tese de que o Brasil representava uma espécie de laboratório de civilização que poderia oferecer com seu exemplo, "a solução mais científica e humana para o problema, tão agudo entre os povos, da mistura de raças e de culturas". Nessa função aprimorou sua defesa da democracia racial no Brasil como maneira de integração social do negro.

Embora admita que os traços das culturas africanas tenham sofrido modificações, têm-se nas representações coletivas e rituais do candomblé, enquanto realidade autônoma e de manifestação religiosa, a tese principal de seu trabalho. Estabelecia-se uma nova orientação teórica que saía do modelo de raça, evolucionista, pelo conceito de cultura para pensar existências negras na Bahia pelo método histórico cultural. Ao mesmo tempo, não deixaria de apontar as deficiências de conteúdo, de rever os pressupostos teóricos e propor retificações nas avaliações de Nina Rodrigues, a quem estavam expostas conclusões referentes à pesquisa realizada no campo, em arquivos documentais e da imprensa, sobre os cultos negros e acerca do sincretismo religioso afro-brasileiro.

Há quem afirme que, diante das permanências e posicionamentos teóricos não ter conseguido se afastar da ideia de inferioridade cultural. É a partir da revisão dos materiais sobre os candomblés de Salvador que surge a Escola Nina Rodrigues, na década de 30, por um grupo de intelectuais formados na Bahia, migrados ao Rio de Janeiro, a fazer frente à hegemonia de

Gilberto Freyre. Desta forma, os médicos Afrânio Peixoto, Arthur Ramos e o educador Anísio Teixeira, passaram a disputar espaços no aparelho burocrático estatal, nas universidades e editoras importantes (CORRÊA, 1998). Segundo Mariza Corrêa, do ponto de vista teórico, Arthur Ramos esteve à frente de uma intensa revisão crítica das teses de Nina Rodrigues, devido à presença de postulados provenientes do racismo científico.

Em Gilberto Freyre, buscou-se um intelectual que dialogasse com as discussões em torno da religião afro-brasileira. Conhecido pela grande repercussão da sua obra *Casa grande e senzala* (1933), não sem destaque para *Sobrados e mocambos* (1936), e por seus posicionamentos complexos e contraditórios. Ao que parece ter sido uma máxima entre a maioria dos estudiosos sobre o negro e sua religião no Brasil, pois viviam entre o limiar de uma tradição elitista e branca que se pretendia moderna por avanços científico, político e cultural, porém, em intenso convívio com as manifestações culturais, religiosas e negras que apontavam a outra realidade para o pensamento social brasileiro, como se pode concluir lendo o que Gilberto Freyre publicou na década de 1920<sup>104</sup> sobre influência das teorias de fundo biológico, que talvez nunca tenha abandonado de todo. Há que se considerar inclusive, que se trata de trabalhos que defendiam a eugenia e pensavam uma variedade maior de preconceitos.

Controvérsias essas, apresentadas em amplo trabalho de pesquisa da professora e pesquisadora Maria Lúcia Pallares-Burke, uma das suas estudiosas mais influentes, a qual declara que antes de Freyre, jamais a história do patriarcado havia sido atravessada por tantas outras histórias<sup>105</sup>. Afirmção alcançada a partir dos longos anos de estudos acerca da trajetória do autor e as influências dos elementos formadores do pensamento freyriano que o levaram, segundo esta, a abandonar o racismo científico e entender a miscigenação sob uma nova perspectiva. Cita também as viagens aos Estados Unidos e Europa, leituras, participações em conferências no exterior, notas, diplomas obtidos e os laços de amizade estabelecidos que permitiram a efetivação de seus projetos intelectuais, descritos em duas grandes obras sobre o autor<sup>106</sup>, além de fazer uma análise detalhada da sua vida acadêmica.

A professora Maria Lúcia, sem reduzir o modelo explicativo a um único fator, demonstra os diversos perfis da carreira de seu pesquisado e assinala que em seu início de

---

<sup>104</sup> Consultar tese da historiadora Silvia Cortez Silva, *Tempos de Casa-Grande (1930-1940)*, em que aborda o antissemitismo em Gilberto Freyre.

<sup>105</sup> Entrevista dada ao Suplemento Cultural Pernambuco. Acesso em: <https://suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/77-capa/945-fieis-ou-ateus-mas-ainda-freyrianos.html>

<sup>106</sup> Publicações de Maria Lúcia Pallares-Burke sobre Gilberto Freyre: *trópicos e repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*.

produção, Freyre estava mais próximo da ideia de “melhoramento da raça escravizada” do que da valorização da mestiçagem enquanto matriz social. Isso ao se referir a modificações da sua dissertação de mestrado, publicada em 1950, com o título *O embrião de Casa grande e senzala*, quando analisa que “a tese de 1922 estava muito distante de *Casa grande e senzala* e muito próxima das opiniões então prevaletentes sobre raça e as benesses da eugenia nas questões raciais” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 266), assim como em outras passagens retratadas no livro.

Não diferente como ocorreu na interpretação aos outros autores, percorreu-se aqui caminhos não só de leitura da obra, mas dos debates travados em torno da perspectiva intelectual e das contribuições para o estudo do negro e do candomblé no Brasil. Nesse aspecto, a produção de Gilberto Freyre contribuiu na substituição do conceito de raça, não desde o início, como vimos, pelo de cultura enquanto leitura interpretativa para o complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano, em detrimento dos aspectos econômicos e políticos da sociedade patriarcal brasileira, devendo-se em parte ao aprendizado com o antropólogo Franz Boas, desenvolvido principalmente nos Estados Unidos e ressaltado no prefácio de *Casa grande e senzala*.

Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio” (FREYRE, 2005, p. 31).

Observando as influências teóricas encontradas na produção sociológica e a contribuição na recuperação positiva das culturas negras para a formação da nossa nacionalidade, o professor Ricardo Benzaquen de Araújo definiu como “uma verdadeira história de conversão” (1994, p. 28). Em seu livro *Guerra e paz: Casa grande e senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, ajuda a situar o debate acerca das contribuições de Gilberto Freyre para uma considerada moderna sociologia brasileira. No entanto, sua tese foi amplamente rejeitada por um setor do pensamento social brasileiro, destacadamente Florestan Fernandes e Carlos Guilherme Mota, que em *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)* questiona e contesta a universalidade conciliatória dos conflitos nacionais, que procurava insistir no mito social da cordialidade e da complacência ambígua nos diversos modos de

relação entre classes, promovida, pelo que ele chama de “rótulos intelectuais e o senhorio de autoridades beneméritas”.

A ideia de plasticidade abordada por Gilberto Freyre, com remissão ao período da colonização é ponto central de seu argumento por entendê-la como embrião da formação de uma sociedade nova e original, fruto da adaptação experimentada nas relações analisadas entre família e patriarcado, senhor e escravizado e os desdobramentos em decorrência disso. A extensão do privado ao público, recuperada em *Sobrados e mocambos*, com a falência do sistema escravocrata e enfraquecimento do paternalismo, nos seus variados aspectos desde a miscigenação, mobilidade social e adaptação promovida pela ideia de equilíbrio, cordialidade como padrão de convívio, conformou os antagonismos, resultando na singularidade que é o povo brasileiro. Característica distintiva fundamental, herdada da plasticidade do colonizador que tem na cultura portuguesa a organização e dominação patriarcal que bem se adaptou ao Brasil, possibilitando o envolvimento do homem português com a mulher indígena, inicialmente, e depois com a mulher negra, e com isso diminuindo as distâncias sociais e culturais da casa grande e da senzala, ao tempo que surge como fator de adaptabilidade ao trópico, como integração da sociedade. No aspecto da argumentação, são a proximidade e comunicação entre as distintas tradições culturais que formavam o Brasil colônia.

Embora reconheça no processo de miscigenação a sobreposição de uma cultura sobre a outra, Freyre não se atém a esse fato como um problema, prioriza a conciliação em detrimento dos conflitos e desejo de ruptura, interessando-se em demonstrar para além dos antagonismos existentes, as áreas de confraternização como equilíbrio que permitiram a formação de uma civilização tropical, original e criativa. Para Luiz Costa Lima (1989), Gilberto Freyre não teria se desvinculado das suas noções de raça e de cultura lhe dando proeminência, contudo, diferencia-se das teorias racistas anteriores. No que concerne à miscigenação, questiona a igualdade restrita à relação sexual proposta e destaca que Freyre “não só não se liberta do paradigma anterior, como introduz a variável cultural como elemento ancilar em relação ao componente racial, servindo aquela apenas para conferir maior visibilidade a este último” (LIMA, 1989, p. 205).

Quase um ano depois do lançamento de *Casa grande e senzala*, em dezembro de 1933, foi organizado em Recife, novembro de 1934, o I Congresso Afro-Brasileiro sob a organização de Gilberto Freyre e Ulysses Pernambuco de Melo, sendo que este estudou a religião afro-brasileira, porém, ligada à psiquiatria. Fundou, em 1932, a assistência de psicopatologia de Recife,

sob o Serviço de Higiene Mental (SHM)<sup>107</sup>, órgão regulador das atividades dos cultos que passaria a expedir licenças de funcionamento, mediante parceria com a Secretaria de Segurança Pública (SSP), para os terreiros do estado de Pernambuco, em período de grande repressão policial. Licenças estas emitidas sob as exigências de realização de exame psiquiátrico do responsável pelo terreiro; teste para determinar a idade mental e o Quociente de Inteligência e perfil psicológico emitidos pelo Instituto de Psicologia; entrega dos estatutos e regulamentos das seitas e centros espíritas, assim como da lista dos dias de função; registro em livro especial; compromisso de não exercer prática ilegal da medicina e permitirem acesso dos auxiliares da SHM (SILVA, 2018).

Primo de Gilberto Freyre, Ulysses Pernambuco, mais pelo interesse à psiquiatria, pelo enfoque às doenças mentais entre os negros, realizou uma série de estudos etnográficos nos terreiros do estado. Estudos ainda vinculados à medicina e coibição de práticas de cura ou de possessões analisadas sob o ponto de vista da histeria, surgido como parte de um movimento de reforma psiquiátrica. Pelos laços familiares e confluência teórica, sofreu grande influência do culturalismo freyriano, passando a caracterizar elementos psíquicos como culturais e não mais como biológicos. Nesse cenário – de percepção, pesquisa e atuação – ocorre o primeiro congresso.

### **3.2.2 Congressos Afro-brasileiros: debates públicos e consolidação de um campo de estudo sobre o negro e o candomblé**

O professor Jeferson Afonso Bacellar ao discorrer sobre a sócio-antropologia do negro na Bahia considera que as ciências sociais surgiram em si mesma como um problema de adequação à questão racial que se impôs entre um modelo racialista e o sociológico ou culturalista emergente.

A sócio-antropologia baiana, ao invés de desfazer a trama das representações ideológicas, dificultou a elaboração de uma interpretação correta da situação do negro na Bahia. A situação racial esteve sempre marcada por profundas ambiguidades e a ciência, ao invés de esclarecer, confundiu, ainda mais, as dimensões significativas do real (BACELLAR, 1981, p. 275).

---

<sup>107</sup> Na dissertação do pesquisador Raoni Neri da Silva, este comenta sobre o trabalho das professoras Zuleica Dantas Campos (2001) e Carlos Miranda (2009)

Pautado nas críticas levantadas por Guerreiro Ramos<sup>108</sup> acerca das teorias importadas e da necessidade de olhar internamente para as questões do Brasil, o professor Bacellar (1981) promove uma análise conjuntural, social e econômica associada ao percurso dos estudos sobre o negro no Brasil e aponta para a consolidação desses estudos. “É, exatamente, na década de 30 que se firmam e se desenvolvem os estudos afro-brasileiros. A problemática do negro, enfocando os africanos e seus descendentes, ganha tamanha força que, neste período, realizam-se dois Congressos Afro-Brasileiros, sendo o primeiro (1934) em Recife e o segundo (1937) na Bahia” (BACELLAR, 1981, p. 269-270). Portanto, os congressos são apontados como o momento de definição do campo de estudos sobre o negro no Brasil.

Organizado por Gilberto Freyre, Ulysses Pernambuco de Melo e René Ribeiro, o I Congresso Afro-Brasileiro de Recife em 1934 ocorreu no Teatro Santa Isabel, e contou com a presença de cozinheiras, pais e mães de santo, representante da Frente Negra Pelotense, representação do maracatu, Miguel Barros, e de artistas como os pintores Cícero Dias, Noêmia Mourão, Di Cavalcanti, o maestro Ernani Braga, dos escritores José Lins do Rego, Mário de Andrade e Jorge Amado, Câmara Cascudo, dos antropólogos Roquette-Pinto, Arthur Ramos, Édison Carneiro e do americano Melville Jean Herskovits.

Nesse evento, pode-se classificar as apresentações de acordo com as abordagens e perspectivas de cada palestrante, a saber: Ulysses Pernambucano de Mello, presidente de honra, tratou sobre seus estudos etnográficos desenvolvidos no Serviço de Higiene Mental, vinculados à psicologia, sob o tema *Doenças mentais entre os negros de Pernambuco*, a partir da ideia de que raça e questões biológicas não eram apontamentos para a degeneração da sociedade; Augusta Peick, esposa do importante e pouco lembrado psiquiatra negro, Juliano<sup>109</sup> Moreira, falecido em 1933, falou sobre as pesquisas deste; Arthur Ramos discorreu sobre *Os mythos de Xangô e sua degradação no Brasil* em que analisou o valor do termo Xangô, orixá do candomblé iorubá, que em alguns estados, a exemplo de Alagoas e Pernambuco, designa também o local das cerimônias religiosas. Examinou o fenômeno de translação semântica,

---

<sup>108</sup> Alberto Guerreiro Ramos, negro, nascido em Santo Amaro, Bahia, no dia 13 de setembro de 1915, dedicou-se ao estudo, ensino e divulgação das ciências sociais, cujos dados e categorias seriam aplicados à análise e compreensão crítica da realidade brasileira e à elaboração de instrumental teórico que permitisse o incentivo e promoção do desenvolvimento nacional. Foi um dos principais elaboradores da ideologia “nacional-desenvolvimentista”, juntamente com Hélio Jaguaribe, Cândido Mendes de Almeida, Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier e Néelson Werneck Sodré, que impregnou todo o sistema político brasileiro. Ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados de agosto de 1963 a abril de 1964, quando teve seus direitos políticos cassados pelo Ato Institucional nº 1 (9/4/1964). Guerreiro Ramos deixou o país em 1966, radicando-se nos Estados Unidos, onde passou a lecionar na Universidade do Sul da Califórnia e faleceu em Los Angeles, Califórnia, nos EUA, no dia 7 de abril de 1982.

<sup>109</sup> Precursor dos estudos de psiquiatria no Brasil.

percebido na palavra macumba, que designa instrumento musical e terreiro, e passou a ser sinônimo de candomblé ou centro. Sinalizou, inclusive, que Xangô deveria ser um orixá muito importante para se tornar sinônimo da própria religião.

Melville Jean Herskovits discorreu sobre os textos *Procedência dos negros no novo mundo e a arte do bronze e do panno em Dahomé*, tratou dos aspectos históricos e etnológicos dos negros nas Américas e da relação cultural entre Daomé e Brasil, apresentando toda uma técnica de gravura em madeira, trabalho em marfim e fundição de bronze; Jorge Amado apresentou trabalho sobre a *Biblioteca do povo e coleção moderna*, com abordagem aos elementos da cultura popular, poesias sertanejas, trovas, modinhas, orações e receitas comercializadas a valor acessível; José Lins do Rego tratou sobre Xangô em Alagoas e discorreu acerca da importância dos cultos afro para a formação do patrimônio cultural, trabalhando com a perspectiva da “hibridação”, organização e sobrevivência dos terreiros às perseguições e fisco do estado, além de analisar o desenvolvimento dos Xangôs no estado de Alagoas. Édison Carneiro apresentou no primeiro texto o trabalho *Situação do negro no Brasil* onde abordou as implicações da abolição da escravidão que em nada resolveu os problemas dos negros, sem inserção digna e cidadã no constitutivo da identidade nacional. No segundo, analisa a relação do orixá Xangô com o santo católico São Jerônimo. Gilberto Freyre apresentou o trabalho *Deformações de corpo dos negros fugidos*, em que analisou, por meio dos anúncios nos jornais do Império, as condições precárias de higiene e má alimentação nas senzalas, além de muitos sinais de agressão em homens, mulheres ou crianças por excesso de trabalho, castigo ou doença. No segundo artigo, analisou a importância do próprio congresso para as discussões sobre o papel do negro e do mestiço na formação social e cultural da identidade nacional (PAZ, 2007).

Em relato sobre a organização do evento<sup>110</sup>, Gilberto Freyre salienta ainda a participação de quatro babalorixás: pai Anselmo, pai Oscar; pai Rozendo e pai Adão, sendo que este último se recusou a participar do evento por não considerar os outros seus iguais, isso por não terem a mesma formação religiosa adquirida na África e afirmava que apenas ele e o baiano Martiniano faziam um autêntico candomblé africano. Questões a serem desenvolvidas mais à frente.

A escolha do estado para realização do primeiro congresso não ocorreu de maneira acordada entre os estudiosos da época, estabelecendo-se disputas pela procedência dos estudos africanos e das relações raciais no Brasil. Édison Carneiro defendia que deveria ocorrer em

---

<sup>110</sup> FREYRE, Gilberto. O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife. In: FREYRE, Gilberto (org.). *Novos Estudos Afro-Brasileiros: trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro*. Recife, 1934, 2º volume, Civilização Brasileira, S.A., 1937, p. 348-352.

Salvador, considerando a cidade berço da cultura afro-brasileira. Outro grupo, a exemplo de Ulysses Pernambucano, defendia a sua realização em Recife, segundo este, local onde os primeiros estudos sobre a cultura negra teriam se delineado. Como se viu, a realização do primeiro congresso ocorreu em Recife, tempos depois, em Salvador conformadas as redes internas e transnacionais, dentro de um movimento de interesses de estudo da diáspora africana nas Américas e o candomblé como esse elemento que assegurava as sobrevivências culturais africanas, tomado como modelo paradigmático de relações de raça mais amenas e menos desiguais, em comparação aos Estados Unidos, principalmente, pela entrada de pesquisadores estrangeiros no país.

Dos trabalhos apresentados no I Congresso foram publicados anais<sup>111</sup>, em dois volumes, o primeiro, *Estudos Afro-Brasileiros*, em 1935, com prefácio de Roquette-Pinto e o segundo, *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, em 1937, prefácio de Arthur Ramos. Destaca-se a autoria dos prefácios, para focar na natureza ideológica de seus autores no teor discursivo de disputa de espaços no campo intelectual brasileiro em torno da primazia dos estudos relacionados ao negro e a cultura africana no Brasil. De um lado o grupo do Recife liderado por Gilberto Freyre com apoio do antropólogo Roquette-Pinto e de outro, a escola da Bahia liderada por Arthur Ramos que reivindicava a “experiência” do médico Nina Rodrigues como precursora no país.

O II Congresso Afro-Brasileiro, ocorreu em 1937, em Salvador, nos dias 12 a 20 de janeiro, tendo sido estruturado por Édison Carneiro, Aydano do Couto Ferraz, Reginaldo Guimarães e apoiado por Arthur Ramos (SANSONE, 2001), contou também com a participação de brasileiros, estrangeiros e autoridades do universo religioso. Foi apresentado um breve panorama dos caminhos percorridos nos anos seguintes ao primeiro congresso de Recife, assim como as apresentações<sup>112</sup> do presidente de honra, o babalaô Martiniano Bonfim, que com o texto *Os ministros de Xangô*, tratou sobre os conhecimentos trazidos da Nigéria e inclusão dessa formação no terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, conduzido, nesse período, pela senhora Eugênia Anna Santos, ialorixá Mãe Aninha, presente no congresso apresentando o texto sobre a culinária afro-brasileira; o sociólogo Melville Jean Herskovits, da universidade de Northwestern University, contribuiu com a escrita de *Deuses africanos e santos católicos nas crenças do negro no novo mundo* acerca da fé e sincretismo religioso; Donald Pierson, da Universidade de Chicago,

---

<sup>111</sup> Os dois anais foram republicados, em 1988, pela Fundação Joaquim Nabuco, constituindo-se como importante material de pesquisa para compreender os embates e processos históricos do período, principalmente, acerca dos temas apresentados e abordagem de cada autor.

<sup>112</sup> Levantamento completo dos trabalhos apresentados nos anais do evento e na dissertação de mestrado de Sarah Calvi Amaral Silva, sob o título *Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil: raça e relações raciais no II congresso afro-brasileiro de Salvador (1937) e no III congresso sul-rio-grandense de história e geografia IHGRS (1940)*.



apresentou duas comunicações *Um sistema de referência para o estudo dos contatos raciais e culturais* e *A raça e a classe na Bahia*, sobre as relações entre raça e classe, resultado da sua estada em Salvador de 1935 até 1937 quando, dentre várias hipóteses, conclui que “no Brasil uma gota de sangue africano não transforma o mestiço em negro, tanto assim que muitos indivíduos com ancestrais africanos, cor ou traços fisionômicos que demonstram tal ascendência, são considerados brancos” (BACELAR, 1997, p. 134, apud PIERSON, 1971, p. 367).

Arthur Ramos, nos textos *Culturas negras: problemas de aculturação no Brasil* e *Nina Rodrigues e os estudos negro-brasileiros* discorre sobre o sincretismo resultado do processo aculturativo da religiosidade negra, das mudanças da magia em feitiçaria, totemismo em festas populares e folclore, e presta homenagem à Nina Rodrigues a quem atribui primazia dos estudos sobre o candomblé; Jorge Amado homenageia Martiniano Bonfim, em *Elogio a um chefe de seita*; Édison Carneiro também profere *Homenagem a Nina Rodrigues e Uma revisão na etnografia religiosa afro-brasileira*. Em intercâmbio com o Rio Grande do Sul, ocorreram as apresentações de Dante de Laytano *O negro e o espírito guerreiro nas origens do RS* e Dario de Bittencourt, em *A liberdade religiosa no Brasil: a macumba e o batuque na face da lei*. Destaca-se a apresentação de Reginaldo Guimarães sobre *As contribuições bantu para o sincretismo fetichista* (SILVA, 2010) e a participação de Manoel Bernardino da Paixão, fundador do Terreiro Bate Folha, com o texto *Ligeira explicação sobre a nação Congo*, dois trabalhos que fugiam do estudo iorubá, tratando dos aspectos religiosos de natureza bantu. As comunicações integraram o livro *O Negro no Brasil*, de Arthur Ramos.

Nos dois congressos ocorreram apresentação de capoeira, roda de samba, comidas de origem afro-brasileira, visitas a terreiros e participação nas cerimônias religiosas, inclusive, com o encerramento do evento no Terreiro Bate Folha, de Manoel Bernardino da Paixão, passagem noticiada no jornal O Estado da Bahia.

OS CONGRESSISTAS NO CANDOMBLÉ DO BATE FOLHA. O “pae de santo” Bernardino chefe do “terreiro” congo do Bate Folha, ofereceu, hontem a noite, uma grande festa aos congressistas, que dali saíram, já de madrugada, encantados com a recepção, com a ordem mantida e com o brilho das danças e das vestimentas das várias “filhas de santo” daquele candomblé. Encerrou-se, assim, com chave de ouro, o Congresso Afro-brasileiro da Bahia. (2º Congresso Afro-brasileiro. O encerramento do brilhante certame – As resoluções votadas – A festa de hontem no Candomblé do Bate Folha. *Jornal Estado da Bahia*. 21 jan. 1937, p. 07)<sup>113</sup>.

---

<sup>113</sup> Notícia de jornal retirada do trabalho pioneiro do historiador Erivaldo Sales Nunes sobre o fundador do Bate Folha e sua importância no candomblé da Bahia entre 1916-1946. Disponível em:

Em tese sobre Manoel Bernardino do Bate Folha (2017), o historiador Erivaldo Nunes trata de sua participação e repercussão no congresso, análise do texto apresentado e encerramento no Bate Folha.

Quarenta e cinco anos após o congresso de 1937, a Fundação Joaquim Nabuco realizou em Recife, entre 20 a 24 de setembro de 1982, o III Congresso Afro-Brasileiro. Conferências, mesas redondas e importantes debates deram o tom acerca do desenvolvimento dos estudos sobre a presença negroafricana no Brasil e possibilitou, via registro dos textos apresentados,<sup>114</sup> a revisão e confronto de ideias em voga nas primeiras décadas do século XX. Atualização dos temas e questões que nortearam os congressos anteriores, somaram-se às pesquisas em âmbito nacional e internacional, com a presença de importantes pensadores anteriores e contemporâneos: Gilberto Freyre, Jean Duvignaud, Georges Balandier, Roberto da Matta, Adriano Moreira, René Ribeiro, Waldemar Valente, Thales de Azevedo, Yeda Pessoa de Castro, Francisco de Assis Barbosa, João Batista Borges Pereira, Fernando Mourão, Carlos Vogt, Renato Ortiz, Luiz Felipe Baeta Neves, Ruy João Marques, Cícero Dias, Clóvis Moura Raymundo de Souza Dantas, Roberto Motta, Peter Fry, Raul Lody, Clóvis Moura, Carlos Hasenbalg, Décio Freitas, Juana Elbein, Lélia González, Manuela Carneiro da Cunha e Manoel do Nascimento Costa.

Reavaliados, a posteriori, por militantes e intelectuais negros que consolidaram a formação do movimento negro no Brasil<sup>115</sup> e levantaram reivindicações ao longo dos séculos XIX e XX, os dois congressos do nordeste não foram considerados espaços importantes para o debate acerca das relações raciais no Brasil na década de 30, tampouco, para o âmbito da disputa política no campo das relações raciais. Os mesmos tecem críticas ao primeiro congresso, pela ausência de um protagonismo negro e oposição à obra de Gilberto Freyre e aos desdobramentos advindos da ideia da democracia racial, ao segundo, por tomar os negros apenas como objetos de estudo, sem apontar e propor alternativas concretas para o combate ao racismo, desemprego, analfabetismo, discriminação religiosa, tampouco superar as visões do “negro pitoresco” ou do “negro espetáculo” (NASCIMENTO, 1982). José Correia Leite, dissidente da Frente Negra Brasileira e um dos fundadores da Frente Negra Socialista, em 1940, criticou que ambos os

---

[http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?homenagem=100-anos-do-terreiro-de-candomble-de-bernardino-do-bate-folha#\\_ftnref1](http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?homenagem=100-anos-do-terreiro-de-candomble-de-bernardino-do-bate-folha#_ftnref1)

<sup>114</sup> Anais do evento. Disponível em: [https://www.fundaj.gov.br/images/stories/editora/livros/afro\\_brasileiros\\_portal\\_fundaj.pdf](https://www.fundaj.gov.br/images/stories/editora/livros/afro_brasileiros_portal_fundaj.pdf)

<sup>115</sup> Destaca-se a fundação do Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, em 1944 e os eventos desse período: Convenção Nacional do Negro, São Paulo, em 1945 e Rio de Janeiro em 1946; Conferência Nacional do Negro, no Rio de Janeiro, em 1949 e o I Congresso do Negro Brasileiro, no Rio de Janeiro, em 1950.

congressos, se preocuparam apenas com a afirmação de uma cultura afro-brasileira desdenhando a sua integração social (LEITE, 1998, p. 80).

No entanto, para as discussões acerca da religião afro-brasileira, ambos os congressos contaram com a atuação de pesquisadores brasileiros e estrangeiros e personalidades do universo religioso e militância negra. Participações representativas de uma contra narrativa científica à perspectiva hegemônica dos estudos acerca do negro e de sua religião. Congregaram-se teses variadas sobre as consequências da presença negra no desenvolvimento do Brasil, as quais repercutiram nas subsequentes pesquisas antropológicas, na consolidação de fontes a serem consultadas (FREYRE, 1937, p. 348).

Em 2018, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) realizou o simpósio 2º Congresso Afro-brasileiro: uma releitura 81 anos depois, a partir de análises e perspectivas acerca dos trabalhos apresentados àquela época sob a revisão de pesquisadores e pesquisadoras que deram continuidade aos debates trazidos na primeira metade do século XX, a exemplo de professora Yeda Pessoa de Castro, Nicolau Parés, Walter Fraga, Florentina Souza, Vanda Machado, Marlon Marcos, entre outros.

A atualização de importantes debates iniciados na primeira década do século XX ganham contornos adensados pelas novas pesquisas a partir de contribuições interáreas e revisão de questões relacionadas às teorias vigentes que impediam saltos epistemológicos pelo enraizamento a noções condensadas na eugenia e determinismo cultural.

### **3.2.3 Edison Carneiro e Ruth Landes**

O bom andamento e repercussão do II Congresso Afro-brasileiro são creditados ao respeito e credibilidade de Édison Carneiro (1912-1972) junto aos importantes terreiros de candomblé de Salvador. Sua inserção no Ilê Axé Opô Afonjá, de mãe Aninha, a estreita relação com o Gantois, mãe Eugênia Ana dos Santos, contou com a participação de Seu Manoel Bernardino da Paixão, do terreiro Bate Folha, o babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim, Joãozinho da Goméia e assim sucessivamente, angariou uma expressiva participação de mães e pais de santo no evento, como a realização de cerimônias nos respectivos terreiros.

Nesse contexto, exerceu um papel importante na mediação entre a elite e as religiões de matriz africana, que por meio da divulgação nos jornais<sup>116</sup> passou a publicar na imprensa várias notícias sobre os candomblés da Bahia. No entanto, antes da organização do congresso, havia iniciado seu interesse pelos cultos afro-brasileiros, o folclore e a cultura popular no começo da década de 1930, período convulsionado e de transição na política brasileira. Ainda antes, integrava um grupo de jovens intelectuais e literatos baianos que, juntamente com Jorge Amado, Aydano do Couto Ferraz, Walter da Silveira, dentre outros, participavam da Academia dos Rebeldes<sup>117</sup> (1928-1933), movimento literário que se pretendia moderno com o propósito de renovar a cena literária, artística e política na Bahia com teor realista e ênfase social, característico das reivindicações nacionais. Escreveu também na revista *O Momento*, publicações de sua juventude, assim como poemas, no período da adolescência, os quais foram reunidos na coletânea organizada por Gilfrancisco (2006).

Da relação com Jorge Amado, escreveram em co-autoria com Dias da Costa, a novela *Lenita*<sup>118</sup> (1929) e foi Édison Carneiro quem também apresentou Jorge Amado ao pai de santo Procópio<sup>119</sup>, de quem o escritor recebeu seu primeiro título no candomblé: ogã de Oxóssi, o qual, mais tarde, também seria inserido nas relações do Ilê Axé Opô Afonjá, quando ambos foram designados ministros de Xangô. Com início na inscrição da imprensa baiana nesse período, Édison Carneiro, formado em Direito, em 1936, pela Faculdade da Bahia, já publicara suas primeiras obras, conforme descrição de Waldir Freitas de Oliveira.

Foi jornalista assíduo, desde aquela data, nas páginas do Estado da Bahia. E em 36 publicou o seu primeiro livro - *Religiões Negras*. Aos 24 anos. Para logo após, em 37, publicar *Negros Bantos* e *Castro Alves* - Ensaio de Compreensão, sua primeira homenagem ao poeta abolicionista. Nesse mesmo ano tendo participado, de modo excepcionalmente ativo, na organização do II Congresso Afro-Brasileiro, aqui realizado, pouco depois do de Recife. Foi quando propôs a criação de uma federação das casas de candomblé baianas,

---

<sup>116</sup> Prof. Vivaldo Costa Lima destaca “Lembrança do negro na Bahia” de Édison Carneiro, em artigo na edição comemorativa do 4º Centenário da Cidade do Salvador do jornal *A Tarde*, em 29 de março de 1949. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a14v1852.pdf>

<sup>117</sup> Sobre a Academia dos Rebeldes, consultar trabalho de prof. Cid Seixas Fraga Filho e Luiz Gustavo Freitas Rossi, disponível em: <http://cdsa.aacademica.org/000-066/1213.pdf>. Consultar também pesquisa realizada pela Companhia das Letras: <http://www.jorgeamado.com.br/vida.php3>

<sup>118</sup> Primeira obra publicada, uma novela, por Jorge Amado, Dias da Costa e Édison Carneiro, em *O Jornal*, e o escritor usou o pseudônimo Y. Karl para assiná-lo. Jorge Amado preferiu não incluir o texto na lista de suas obras completas por considerar “uma coisa de criança. Nós éramos muito meninos quando fizemos *Lenita*”, diria Jorge Amado sobre a obra.

<sup>119</sup> Importante liderança que registra na história do candomblé da Bahia importantes passagens de sua atuação de seu orixá, ogum, o qual leva o nome de uma importante localidade de Salvador: Avenida Ogunjá. Procópio é homenageado por Jorge Amado em *Tenda dos Milagres*

sob a denominação de União das Seitas Afro-Brasileiras da Bahia (OLIVEIRA, 1980, p. 09).

Os anos de 1936 e 1937 pareceram intensos na vida intelectual de Édison Carneiro, senão na sua carreira como um todo, pelo menos na sua incursão nos estudos acerca do candomblé da Bahia. Em *Religiões Negras - notas de etnografia religiosa* voltado para o candomblé jeje-nagô, indica as pesquisas de campo realizadas no terreiro do Engenho Velho, hoje mais conhecido como Casa Branca, e como diz na nota introdutória, em “um pouco por toda parte”. No entanto, parece estar mais em permanente diálogo com as perspectivas de Nina Rodrigues e Arthur Ramos do que de suas próprias leituras e análises a partir das observações levantadas nos terreiros pesquisados. As referências e citações das obras desses dois autores demarcam a grande influência destes em seus estudos e metodologia de trabalho.

Porém, é em *Negros Bantos - notas de etnografia religiosa e folclore* que registra a sua observação pessoal voltada para os negros do sul da África, procedentes de Angola, Congo e Moçambique, determinando sua influência em todo o país. Já no primeiro livro, dedica o quarto capítulo aos candomblés de caboclo, assunto que retoma no primeiro capítulo do segundo livro e discorre sobre suas especificidades. Importante destacar, senão por ser curioso, ao menos por nos mostrar os caminhos da predileção de Édison Carneiro aos grupos étnicos de origem nagô, é o registro sobre os bantos que trata sobre o sincretismo na primeira parte, intitulada *Sobrevivências religiosas* e a segunda parte do livro como *Folclore*, quando trata do samba, capoeira e batuque, por exemplo, sabidamente, heranças dos negros de Angola, Congo e Moçambique. Dessa construção metodológica, com relação ao primeiro livro, Édison Carneiro credita aos negros banto o fator mistura e sincretismo com o catolicismo, os diferenciando da “pureza” nagô.

Esses candomblés [bantos ou ‘de caboclo’], aceitando a intromissão de vários elementos estranhos, embora de fundo igualmente mágico, em vez de se revitalizarem, vão se degradando, perdendo a sua precária independência. Muito provável será, portanto, a afirmação de que esses candomblés só se mantenham à custa, à sombra dos candomblés jeje-nagôs, aproveitando a sua mítica, o seu ritual fetichista. Nada mais. Até mesmo as largas facilidades que se permitem os negros bantos concorrem, enormemente, para a difusão do charlatanismo (CARNEIRO, 1991, p. 136).

Em muitos trabalhos já realizados sobre o candomblé na primeira metade do século XX, as correspondências foram importantes fontes de estudo, tanto para compreensão da formação de campos de pesquisa nas áreas sociais e estabelecimento de redes de contato em nível nacional

e internacional. As cartas entre Édison Carneiro e Arthur Ramos<sup>120</sup> é um bom exemplo desse cenário. Do período 1936 a 1940, há um número significativo de correspondências, desde assuntos do interesse de Édison Carneiro, publicação de livro, participar da elite intelectual nacional; consolidação da Escola Nina Rodrigues, por Arthur Ramos e diálogos para garantia da participação de lideranças negras no II Congresso Afro-brasileiro, bem como o andamento dos estudos antropológicos e folclóricos na importância da metodologia de coleta de dados nas comunidades afro-religiosas (SILVA, 2010). Outro exemplo são as correspondências entre Arthur Ramos e Melville Herskovits, estudadas pelo professor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (2005), que destaca, inclusive, uma carta de 1936, em que Ramos apresenta Édison Carneiro como seu discípulo, informa que este faz algumas pesquisas complementares na Bahia às iniciadas por ele e indica o livro *As Religiões Negras* (GUIMARÃES, 2005, p. 10).

Dos permanentes diálogos e contatos, a partir da construção de um campo de estudo da antropologia no Brasil, forma-se uma rede entre intelectuais dos Estados Unidos, Brasil e Cuba, promovendo um deslocamento de olhar do norte para os afro-americanos com grande trânsito no Brasil, em que Arthur Ramos se consolida nos estudos antropológicos sobre o negro, cabendo a Édison Carneiro a intermediação desses encontros nos terreiros da Bahia, até porque Arthur Ramos já estava no Rio de Janeiro e a Bahia era o caminho central para as pesquisas de campo desses estrangeiros. De Robert Park, Donald Pierson, Ruth Landes, Melville Herskovits e Franklin Frazier, Carneiro agenciou encontros nos terreiros e a participação no congresso, até também se consolidar nos estudos do candomblé.

Considerado um intelectual militante de forte influência marxista, Édison Carneiro formou várias frentes de atuação quanto à análise das questões do negro no contexto da sociedades de classe<sup>121</sup> e desempenhou um importante papel no registro e divulgação das manifestações da cultura popular brasileira<sup>122</sup> na Comissão Nacional de Folclore, ligada à UNESCO (VILHENA, 1997), primeiro como membro do conselho, depois diretor executivo e afastado por questões políticas, pela vinculação com o partido comunista. Ainda, o professor Waldir Freitas de Oliveira, pesquisador, amigo e um dos primeiros diretores do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), destaca a perseguição sofrida por este e vasta obra escrita no decorrer de sua trajetória.

---

<sup>120</sup> Destaque para o livro de Waldir Freitas de Oliveira e Vivaldo Costa Lima. Cartas de Édison Carneiro a Arthur Ramos. De 04 de janeiro de 1936 a 06 de dezembro de 1938. Salvador: Corrupio, 1987.

<sup>121</sup> Luiz Gustavo Freitas Rossi, em sua tese de doutorado: O Intelectual “Feiticeiro”: Édison Carneiro e o Campo de Estudos das Relações Raciais no Brasil, chama a atenção para a publicação do texto *A situação do negro no Brasil*, publicado em 1935, de forte cunho marxista.

<sup>122</sup> O museu de folclore do Rio de Janeiro recebe o seu nome de Édison Carneiro.

Vigiado, de perto, pela polícia do Estado Novo, sofreu, nesse período, os duros efeitos da perseguição. Tanto que foi no México que surgiu, pela primeira vez, no ano de 1946, seu livro sobre os Palmares. Guerra de *Los Palmares* somente surgiria, em português, em 1947, um ano depois, já no período de redemocratização iniciado com a queda do Estado Novo. Foi nesse mesmo ano, aproveitando o clima de liberalidade dos novos tempos surgidos, que Édison Carneiro publicou o seu incisivo e corajoso *Trajétória de Castro Alves*, com indisfarçável ênfase política. Somente em 1948 surgiria, publicado por iniciativa do Museu do Estado, aqui em Salvador, a sua obra máxima - *Candomblés da Bahia*. [...] Entre os anos de 48 e 58 publicaria *Antologia do Negro Brasileiro* (1950), *Linguagem Popular da Bahia* (1951), *A Cidade do Salvador* (1954), *A Conquista da Amazônia e O Negro em Minas Gerais* (1956) e *A Sabedoria Popular* (1957) [...] *A Insurreição Praieira*, em 1960, *Samba de Umbigada*, em 1961, e *Folclore no Brasil*, em 1963 [...] É de 64, Ladinos e Crioulos. Dinâmica do Folclore apareceria no ano seguinte (OLIVEIRA, 1980, p. 09-10).

Em 1938, Édison Carneiro conhece Ruth Landes, por intermédio de Arthur Ramos. Encontro que desencadeou importante associação em ambas as biografias, inclusive pela relação afetiva desenvolvida entre os dois<sup>123</sup>. E por um ano desempenhou papel fundamental para as pesquisas desta em Salvador, valendo-se da confiança e prestígio aos líderes religiosos, a conduziu sobre valores, significados e problemas da sociedade baiana. Como bem atesta Landes: “os negros teriam hesitado em falar comigo sozinha, para meu próprio bem [...]. Mas Édison, que vivera entre eles toda a sua vida e os descrevia na imprensa diária, apresentava-me e era considerado o ‘meu protetor’” (2002, p. 51).

Publicado em 1967 no Brasil, vinte anos depois da publicação americana, *A Cidade das Mulheres* estabelece importante marco nos estudos sobre o candomblé da Bahia, este dominado pela interpretação de homens que não davam centralidade à liderança feminina encontrada na maioria dos terreiros de candomblé, apesar de Ruth Landes considerar Édison Carneiro pertencente “à vanguarda radical em luta pelos direitos da mulher” (2002, p. 59). Hegemonia considerada por Mariza Corrêa. “A visão corrente era a de que a dominação masculina, vigente na sociedade brasileira como um todo, era também vigente nos cultos afro-brasileiros. Ao desmontar este esquema simplista [...]. Landes expôs uma fratura de gênero na análise dos cultos afro-brasileiros” (2002, p. 15).

A partir das impressões e observações sobre a gente negra que ocupava as ruas de Salvador, suas vestes, trabalho e religião, o livro de Ruth Landes é marcado pela valorização da experiência de campo. Sua narrativa, toda ela em primeira pessoa, oposta à tradição

---

<sup>123</sup> Indica-se recente livro da pesquisadora Jamie Lee Anderson, intitulado *Ruth Landes e a cidade das mulheres: uma releitura da antropologia do candomblé*.

hegemônica das ciências sociais inaugura o tangenciamento de raça, cultura, gênero e sexualidade, último tema tratado não só ao se referir à homossexualidade no candomblé de caboclo<sup>124</sup>. Com relação ao poder feminino, atestada pelo número de mães de santo nos candomblés mais conhecidos tradicionalmente, os mesmos apresentados por Édison, em várias passagens do texto, interpela-o acerca do lugar das mães-de-santo na sociedade baiana, posição que a impressionava em relação ao candomblé. Visão alimentada por seus diálogos com Édison Carneiro, que considerava o candomblé "uma força criadora, que dá às pessoas coragem e confiança e faz com que se concentrem na solução dos problemas desta vida e não na paz do outro mundo. Não sei onde estariam os negros sem o candomblé!" (2002, p. 149).

### **3.3 Tradições Bantu: lacunas e apagamentos do Candomblé Congo-Angola**

Desde os estudos iniciados por Nina Rodrigues, seguido por Arthur Ramos e Édison Carneiro, percebe-se a intenção de se conceber uma pureza africana original de onde seria inerente o candomblé, de sobrevivência preservada na Bahia, preferencialmente, firmada na ideia de pureza nagô. Visão que compõe uma estrutura estável e auto-referente, herdeira de uma imagem cristalizada em detrimento de repertórios e tradições diferentes, agenciadas pelos diversos processos de reelaboração.

Em privilégio às abordagens que elegiam a ideia de legitimidade ancoradas na valorização de uma determinada tradição, de autenticidade cultural, na redução de outras tradições religiosas do candomblé, admite-se por leitura e análise que se pretendia estabelecer, direta ou indiretamente, a normatização das práticas do candomblé em nome da verdadeira raiz africana. No entanto, ao longo da trajetória dos estudos acerca do candomblé já se observa crescente interesse pela perspectiva analítica plural que aprecie e respeite as reconhecidas formas de cada Casa, Nação e seu repertório ritualístico.

Ainda na perspectiva ancorada na obra de estudiosos brasileiros e estrangeiros, estes, no critério autenticidade, desempenharam papel importante na legitimação e classificação dos terreiros da Bahia. Roger Bastide dizia que nas religiões de matriz africana havia um resquício do continente no Brasil, afirmou inclusive que "Eu poderia acreditar que me encontrava em plena África" (BASTIDE, 1945, p. 80). Peter Fry aponta para as distinções entre religião e magia. A primeira estava para os iorubás e a segunda para os bantus e candomblés de caboclo:

---

<sup>124</sup> Assunto veementemente contestado por Arthur Ramos em *A aculturação negra no Brasil*, de 1942, assim como nega o predomínio de mães de santo no candomblé.



“a magia é definitivamente classificada de indesejável e separada da ‘África brasileira’ que é ‘preservada’ no culto aos orixás no candomblé da Bahia” (FRY, 1998, p. 455). Influência dos trabalhos de Nina Rodrigues que reverberaram nas gerações futuras e ajudaram a formular uma corrente dentro do pensamento social brasileiro que a partir dessa escolha e direcionamento de pesquisa, terreiros como a Casa Branca, Ilê Axé Opô Afonjá e o Gantois ganham legitimidade e são considerados genuínos em detrimento de outros. Criou-se, portanto, um sentido acadêmico das relações estabelecidas na construção da “nagoização”<sup>125</sup> que sob o olhar das sobrevivências africanas passaram a valorizar as manifestações culturais consideradas mais “puras” e, portanto, mais próximas de heranças conservadas desde África.

De alguma forma, todos esses estudiosos citaram ou tocaram os ritos de origem banto, entretanto, encontravam-se na linha comparativa com os iorubás e sudaneses para estabelecer distinções, onde por várias vezes reiteraram a afirmação da “mítica pobríssima dos negros bantos” (CARNEIRO, 1991, p. 62) e sua predisposição ao sincretismo. Essas suposições deixaram marcas indeléveis no candomblé Congo-Angola. Com relação a essas discriminações, o professor Lívio Sansone menciona que muitos antropólogos, incluindo Herskovits, buscaram informações em relatos deixados pelo agente colonial inglês, o coronel Alfredo Ellis. No final do século XIX, observando os trabalhos em metal, a sofisticação dos cultos religiosos e a organização social dos iorubás, Ellis classificou a região do Golfo de Benim como portadora de uma das culturas mais adiantadas da costa ocidental da África. Desde então, estabeleceu-se uma hierarquia entre as etnias africanas conforme esse padrão. As impressões ali formadas foram por versões da hipótese camítica e interpretação da bíblia “que consideravam as civilizações da África negra herdeiras de povos do Mediterrâneo ou de Israel. Portanto, as classificações de áreas culturais de Herskovits, em certa medida, parecem ter reproduzido perspectivas europeizadas” (SANSONE, 2007, p. 100).

No entanto, mesmo diante do predomínio desses estudos, Renato da Silveira destaca, em seu livro *O Candomblé da Barroquinha*, no terceiro capítulo, *O calundu*<sup>126</sup>, *ancestral do candomblé, e as duas políticas coloniais*, “que as mais antigas manifestações religiosas afro-brasileiras resultaram da cooperação entre africanos da área Congo-Angola e indígenas tupinambás, [buscando, desse modo]<sup>127</sup> as contribuições dos terreiros bantos, na tentativa de

<sup>125</sup> Termo utilizado por Luis Nicolau Parés, que aborda em seus estudos sobre as práticas religiosas da nação Jeje.

<sup>126</sup> Cerimônias mágico-religiosas. “proto-candomblé” para Laura de Mello e Souza em *O diabo e a terra de Santa Cruz: Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 352-357. Posição revista por esta após trabalhos posteriores de Luiz Mott e João José Reis.

<sup>127</sup> Grifo meu.

traçar um quadro geral [...] desde os primeiros tempos até o fim da era colonial” (SILVEIRA, 2010, p. 15).

Outro importante trabalho de pesquisa pouco divulgado e menos ainda debatido no círculo de estudos sobre o candomblé é o livro *O negro na Bahia*, de Luiz Vianna Filho, de 1946, talvez por se apresentar em divergência a estudos consagrados, contrários à posição de relevância e importância dos bantos. Neste, são apresentadas pesquisas realizadas nos arquivos públicos de Salvador que evidenciam o contingente numérico de população do tronco linguístico banto, corrigindo uma série de afirmativas sobre destaques e predominâncias sudanesas e nagôs. Trata do processo, a que chama de imigração do tráfico negreiro com minuciosa descrição das implicações, violência, economia e quantitativo de entradas na Bahia. Sua subdivisão está organizada em *O ciclo da Guiné*, chegadas de povos daquela região “em número bem menos considerável. Contudo, ao lado do elemento indígena, como notou Capistrano, ‘exerceram uma influência difícil de perceber hoje, que quase três séculos a atenuaram e disfarçaram, porém muito sensível no século XVI” (FILHO, 1946, p. 41). *Ciclo de Angola*.

Despercebida de muitos, contestada por alguns, a superioridade da importação de negros bântus na Bahia, no século XVII, é incontestável. A sua importância foi extraordinária e os seus marcos conservam-se ainda hoje. Representando a primeira entrada, em massa, de escravos africanos para a Bahia, a sua cultura disseminou-se em todos os sentidos (FILHO, 1946, p. 48).

Com o *Ciclo da Costa da Mina*, uma nova estrutura se estabeleceu.

Novos fatos, porém, uns de ordem interna e outros de ordem externa, iriam influir para que os rumos do tráfico, até então feito com predominância da linha Bahia-Angola, se desviasse para a Costa da Mina, indo buscar aí negros sudaneses. Dentre essas causas determinantes da variação da rota dos “tumbeiros” podemos assinalar como principais o progresso da cultura do fumo, a descoberta das Minas, as lutas internas na Costa da Mina e, talvez, a epidemia de bexigas em Angola. A substituição de Angola pela Costa da Mina no suprimento do mercado baiano devia ter os seus motivos de ordem política e econômica, pois só assim se explicaria que os negociantes da Bahia abandonassem a mercadoria mais próxima, e que já conheciam, para se irem abastecer em novos portos (FILHO, 1946, p. 61).

O capítulo seguinte, *Última fase. A ilegalidade*, é interessante trazer para elucidação, devido aos dados existentes a partir do século XX, de 1803-1910, que Luiz Vianna Filho, inclusive, destaca como sendo os reunidos “por Nina Rodrigues para os anos de 1812-1815. Teremos 61.215 sudaneses e 13.994 bântus” (FILHO, 1946, p. 79). Recorte do século XIX, que talvez explique equívocos conclusivos a que se baseou toda uma formatação a respeito do

candomblé da Bahia, concluindo-se pela predominância quase absoluta dos povos sudaneses, sem levar em consideração os elementos que diferenciavam as nações ou ainda sem observar detidamente as características de cada grupo étnico e a reação ao contato a uma nova cultura em momentos distintos da história desse desterramento de povos da sua vida habitual, e quais as estratégias e os percursos de mediação simbólica entre tradições religiosas africanas engendradas na elaboração de novas práticas simbólicas.

Entretanto, desde os primeiros séculos de colonização no Brasil há registros em fontes inquisitoriais sobre manifestações afro-religiosas, denominadas àquela época de Calundu<sup>128</sup>. Assunto tematizado e discutido por Laura de Mello e Souza, Luiz Mott e James Sweet, quando os dois primeiros, entre vários importantes textos e interpretações, agregaram a um conjunto heterogêneo de práticas religiosas do universo simbólico banto, origem centro-africana, e assinalam para o sincretismo com o catolicismo. Posição refutada por James Sweet, o qual afirma que as práticas religiosas teriam se mantido intactas em forma e função, por suas raízes fortemente africanas e sua ascendência não se modificou totalmente por conta dos grandes traumas das migrações.<sup>129</sup> Portanto, questiona a ideia de sincretismo, ressaltando, inclusive, a absoluta incomunicabilidade entre eles, quando aponta que o impacto das crenças africanas sobre os complexos rituais europeus foi bem mais significativo.

Discussão que suscita polêmica e desacordo, senão no plano conceitual o é pela complexidade do repertório simbólico existente, que como aponta Pierre Sanchis (1995), culturas em contato sempre estarão em posições desiguais, principalmente se uma for ligada ao grupo dominante e a outra ao grupo dominado. Fenômeno que não ocorre de forma harmoniosa e livre de conflitos, pensando e referindo-se, inclusive, às condições impostas pela parte que controla instituições e poderes políticos em relação a outra. Sobre os entrecruzamentos do cristianismo no Brasil, sob a associação de elementos cristãos e africanos, a historiadora Marina de Mello e Souza afirma que o novo sistema místico-religioso é herdeiro das antigas crenças centro-africanas, da região que hoje compreendem Angola, Congo, Gabão e Cabinda, chamando-o, então, de um catolicismo afro-brasileiro ou catolicismo negro<sup>130</sup>. Nesse sentido, a mistura entre culturas, tidas por alguns nomes como aculturação, interpenetração e sincretismo,

---

<sup>128</sup> Renato da Silveira faz menção que desde 1630 os primeiros cultos afro-brasileiros já estavam sendo identificados pela Santa Inquisição. (1910, p. 16). Disponível em: [https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/silveira\\_-\\_candomble\\_de\\_angola\\_na\\_era\\_colonial.pdf](https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/silveira_-_candomble_de_angola_na_era_colonial.pdf)

<sup>129</sup> SWEET, James H. *Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português. (1441 – 1770)*. Lisboa: Edições 70, 2007.

<sup>130</sup> SOUZA, Marina de Mello e. *Catolicismo Negro no Brasil: Santos e Minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural*. Afro-Ásia, 28(2002), pp. 125 – 146.

deve ser pensada como um campo de luta por espaço e por memória permeada por relações de poder. Assim como também, pressupõe-se a existência de culturas não sincretizadas, “puras”, se for partir de um pressuposto inicial de “pureza cultural” anterior ao contato, considerando-as unidades ontológicas, intactas, como presumiram Nina Rodrigues e seus sucessores ao estabelecerem um critério arbitrário e essencializante ao nagoentrismo em detrimento das demais nações, pelo maior teor sincretico.

No entanto, é desse amálgama de elementos iniciais e fundamentais sobre os quais se estruturava a religião dos bantos, considerados “mágico-religiosos” do calundu colonial, presentes em processos inquisitoriais. Comprovadamente, fundiram-se cura, dança, fala, toque, incorporação e cânticos na constituição de um amplo espaço de reflexões de universos cosmogônicos díspares acerca dos estudos sobre as religiões e religiosidades formadas nas Américas, no qual sistemas culturais se intercalaram em novas variantes de lembranças e esquecimentos na construção de composições próprias, enquanto sujeitos da diáspora africana no Brasil.

Nesse aspecto, recorre-se, novamente, ao trabalho de Luiz Vianna Filho quando busca entender nuances deste processo na compreensão de contatos anteriores, em Angola, com o catolicismo português, que atenua no Brasil, segundo este, a aproximação com a sociedade branca e seus signos religiosos. Isto porque o catolicismo, assim como a língua, foram instrumentos que montaram as estruturas de comunicação, controle e domínio frente às constantes disputas inerentes do período colonial, não sendo diferente com os bantos. Marina de Mello e Souza diz que “o catolicismo não adentrou na cultura bacongo<sup>131</sup> nos espaços em que não permitissem, os novos ritos introduzidos pelos sacerdotes portugueses, foram em parte incorporados à religião tradicional, sem que nela houvesse uma transformação essencial (SOUZA, 2001, p. 174)<sup>132</sup>.

A influência do kimbundo na linguagem brasileira, foi outro ponto analisado por Luiz Vianna, aspecto mais tarde tratado pela professora Yeda Pessoa de Castro, que atesta o predomínio dos bantos e a surpreendente falta de relevância dada aos trabalhos sobre o candomblé da Bahia. Preponderância observada por Édison Carneiro, porém, atrelado ao folclore, tido como saber popular, “fortemente impregnado de elementos bântus — os cacumbis, o samba, a capoeira, o batuque, os ranchos do boi...” (CARNEIRO apud FILHO,

---

<sup>131</sup> Grupo étnico bantu que vivia ao longo da costa atlântica, desde o Sul do Gabão até às províncias angolanas do Zaire e do Uíge, passando pela República do Congo, Cabinda e República Democrática do Congo. Em Angola são o terceiro maior grupo étnico.

<sup>132</sup> SOUZA, Marina de Mello e. Santo Antônio de nó-de-pinho e o catolicismo afro-brasileiro. Tempo, Niterói, v. 6, n. 11, pp. 171 – 188, 2001.

1946, p. 137) não percebendo ele a intrínseca vinculação à cultura brasileira. Diferenças estabelecidas, decerto, na origem do modo como reagiram ao contato com a cultura portuguesa. Dentre muitas permanências e continuidades das representações culturais banto, foi possível identificar, na primeira década do século XIX, a atividade de terreiros Angola e Congo-Angola que mantiveram e ainda mantêm suas práticas, como observa Luiz Vianna Filho.

Ainda hoje, na Bahia, são vários os candomblés onde se praticam cultos de origem sub-equatorial. Assim o de Bernardino, no Bate-Fôlha, o de Ciriaco, na Boca do Rio, o de Maria Nenem, também na Boca do Rio o de Maçú, em Cachoeirinha, e o de Maria SantAna, no Lobato, para falar apenas dos principais. Alguns outros desapareceram. Mas, dentre os existentes, alguns, para os quais por muito tempo vieram "pais de santo" diretamente de Angola e Gongo, são anteriores ao tempo das pesquisas de Nina Rodrigues, sendo de admirar que tivessem passado despercebidos a um estudioso da inteligência do ilustre mestre (FILHO, 1946, p. 135).

Entre as casas mencionadas no trecho retirado de *O negro na Bahia*, o Bate Folha tem especial relevância nesta tese, por se configurar como um espaço de preservação pela continuidade da religiosidade negroafricana de origem Congo-Angola, após 105 anos de existência registrada, e se tratar do lugar de vivência que emergem as várias histórias contadas pelas mais velhas. Que inclusive, conheceram Seu Bernardino, como assim é chamado até hoje, pelas filhas e filhos da Casa.

Manoel Bernardino da Paixão, nome conhecido e renomado precedente à fama do próprio terreiro, fora citado em várias bibliografias etnográficas do candomblé na primeira metade do século, como uma figura de destaque que despontava entre os pais de santo respeitados no cenário dos terreiros da Bahia, dominado por mulheres negras, mães de santo, mesmo em contexto excludente e depreciativo que preferiu negar sistematicamente sua existência e da cultura banto. Por conseguinte, cabe mencionar o recente trabalho do historiador Erivaldo Sales Nunes, na tese de doutorado *Contribuição para a história do Candomblé Congo-Angola na Bahia: o Terreiro de Bernardino do Bate Folha (1916-1946)* que traz esclarecimentos sobre a trajetória e experiências do nosso fundador. Seu pioneirismo reside na sistematização, análise e apuro dos fatos que circundam a vida desse importante homem que permanece presente na dinâmica atual do terreiro.

Boa parte do ajuntamento acerca da história de Seu Bernardino e do Terreiro Bate Folha é creditado a Dona Olga Conceição Cruz, Nengua Guanguacesse, a quem traçamos firmes linhas acerca das narrativas que lhe compõem enquanto mulher, filha, mãe, matriarca e grande representatividade para o candomblé Congo-Angola do Brasil. Reconstituir um pouco do

percurso histórico e de pesquisa acadêmica acerca do candomblé, abre um leque de possibilidades de pesquisa acerca das religiões de matriz africana, modificando, aliás, o contexto de pertencimento, pois até um tempo atrás, por causa das discriminações e hostilidades, muitos não admitiam a relação com o candomblé, tendo na atuação dos terreiros o elemento de continuidade e adequação aos novos tempos. E como bem nos narra Nengua Guanguacesse, “foi no Bate Folha que construí a minha vida” e, por isso, é relevante trazer para a cena de discussão, após vislumbre sobre o contexto vivenciado por seu Bernardino, 100 anos depois, na realidade vivida e apresentada pela Nengua, nesses 72 anos de experiência, a constituição desse lugar, de um terreiro, que assim como a imagem das personagens aqui citadas, ganha lugar de destaque personificada na grande figura da Dona da Casa, MBamburusema Nvula.

#### 4. PATRIMÔNIO E ESPAÇOS DE MEMÓRIA

*Porque essa terra é viva, entende? Eu sinto. Tem dois lugares na minha vida que eu sinto que tem vida no chão, um é o terreiro do Bate Folha, o outro é o Quilombo do Monte Alegre na ilha de Boipeba, onde nós moramos. [...] O chão é um chão importante, é um chão que tem vida, é um chão que tem passado.*

*Makota Mubenkiá (in memoriam)*

As celebrações dos 100 anos do Terreiro Bate Folha, em 2016, foram um importante marco para toda a comunidade. Uma circunstância oportuna para as filhas e filhos do terreiro recuperarem histórias, relembrares momentos, declararem seu apreço, revisitarem momentos e deixarem expresso o sentimento de pertença com o lugar. Essa data não ficou restrita a um único dia, percorreu todo o ano, marcada pela reverência a todos os Nkisis que compõem o panteão religioso da Casa. Incontestavelmente, o centenário acionou tanto nas mais velhas quanto nos mais novos, a vontade de relatar as próprias experiências e histórias.

Diante do cenário de fatos e recordações vividas, a memória se apresentou como tema principal nas discussões de algumas questões abordadas durante as filmagens realizadas com membros da comunidade, as quais, em diversos depoimentos, dialogavam com o processo de ordenamento da cidade, legado histórico e cultural, patrimonialização de bens materiais e imateriais, ao tempo, que, através do registro audiovisual foram obtidas informações das representações do espaço religioso, pessoas que ali vivem, frequentam e expressam sua maneira de estar no mundo.

Como menciona Eduardo Galeano em *O livro dos Abraços*, “recordar: do latim recordis, tornar a passar pelo coração” (2002, p. 09), assim foram os momentos de lembrar acontecimentos guardados no espaço da memória que evidenciaram as relações identitárias e ligaram passado e presente em narrativas individuais e coletivas no processo de emersão e contação de histórias. Tomando-se como empréstimo a metodologia da Cartografia Afetiva, usada para registrar sentimentos expressos em mapas que, por meio de imagens, articulam-se e se relacionam pela percepção de quem constrói, colaborativamente, para o mapeamento dos vários afetos criados e construídos no Bate Folha, foram tratados os processos de ligação entre as expectativas de cada pessoa da Casa, o percurso de vida, a percepção de identidade e os acionamentos trazido pela memória, como pressuposto para a leitura das narrativas do terreiro, os estudos em torno das histórias coletivas relacionadas ao social, que têm em Michael Pollak e Maurice Halbwachs seus principais expoentes. Nesse sentido, pensamos como o terreiro de

candomblé “com seus rituais e crenças é essencial para a construção e a dinâmica das identidades” (VELHO, 2012, p. 57).

As entrevistas cedidas à Agência Experimental da UFBA apresentam o repertório central que compõe essa pesquisa. O caráter relacional e de transformação recíproca como fonte, funcionou, inclusive, de maneira a encarar os desafios de caracterização e envolvimento, que no plano das experimentações metodológicas montaram os processos de análise e subjetivação na construção do conhecimento. A abordagem acerca do Terreiro Bate Folha está relacionada à vivência de Nengua Guanguacesse nesse espaço, assim como das filhas e filhos da Casa, como se observa na epígrafe que abre esse capítulo. De acordo com a Makota Mubenkíá (*in memoriam*), “a terra é viva [...] o chão possui vida” e essa declaração nos remonta às possibilidades que permite reconhecer as formas de expressão próprias do universo cultural do terreiro, as quais catalisam os conhecimentos e práticas que envolvem relações sociais, concepções religiosas e continuidades narrativas. Logo, trata também da importância dos terreiros de candomblé em termos de patrimônio material e imaterial, como “lugares privilegiados de transmissão de conhecimentos tradicionais religiosos e medicinais, de produção cultural, de preservação de memórias ancestrais ” (SANT’ANNA, 2012, p. 28).

É sabido o quanto a produção do conhecimento interferiu na construção de representações sobre as comunidades de candomblé, conforme tratamos no terceiro capítulo, e para se compreender as realidades, não somente as características religiosas devem ser consideradas, mas também a dimensão simbólica, social, cultural, territorial, mítica, política e identitária. Nesse aspecto, a utilização de registros orais para escrever a história do terreiro nos premia com possibilidades de romper com memórias estagnadas encontradas nos registros oficiais e até alguns oficiosos, à margem da dinâmica vivenciada nas comunidades tradicionais afro-brasileiras, gerando olhares e entendimentos distorcidos, fora da realidade, proporcionado por um panorama visto de fora para dentro. Distante dessa perspectiva, mas atuando de dentro e por dentro, como alternativa de conjugar as reivindicações em sua diversidade no plural, pensa-se em povos e comunidades tradicionais voltadas para o candomblé, povo-de-santo, povos tradicionais de matriz africana ou religiões afro-brasileiras como prática interativa, viva e dinâmica nas múltiplas dimensões do real.

Deste modo, gostaria de trazer a recente experiência de co-partícipe do processo de montagem, organização e realização do centenário do Terreiro Bate Folha. Importante marco mobilizador de temas acerca da preservação patrimonial, compreensão do universo cultural ali existente, de linguagens corporais e visuais próprias, apontando para significativos saberes transmitidos oralmente.



#### 4.1 Comunidade Implicada na Linguagem da Preservação

Em 2015, com a proximidade do centenário para o ano seguinte, toda comunidade se reuniu sob a liderança de Nengua Guanguacesse e Tata Muguanxi para expressar possíveis sugestões e posterior definição do calendário de atividades, pois, o que já estava posto eram as obrigações a todos os Nkisis em agradecimento à sustentação da Casa. Ali foi o início da mobilização interna, com o surgimento de ideias, desenho de caminhos e roteiros de trabalho a serem traçados, o que aconteceu, principalmente, a partir da ampla participação dos filhos e filhas da Casa, criando grande expectativa, conforme revela Anália Maria Passos de Oliveira, dijjina dia Nkisi, Kota Xiamuene: “Imagine aos 45 anos de vida, eu fazer parte do axé que vai fazer 100? Então, pouquíssimas pessoas tiveram oportunidade de ter isso né, e nós, dessa geração, estamos tendo a oportunidade, então a gente está aí fazendo o possível pra esse ano ser brilhante” (OLIVEIRA, 2016, p. 259).

Ao seu modo, cada membro contribuiu para a realização das ações que culminaram no centenário. Foram contribuições das mais diversas possíveis, desde o trabalho efetivo de organização, limpeza, arrumação, manutenção e contatos externos em busca de apoio institucional ao trabalho artesanal de confecção de lembranças para entrega aos participantes e convidados. A partir da autorização das nossas lideranças, lançamo-nos à participação de editais, projetos e diálogos institucionais para realização do evento, tudo de maneira inicial. Como os enredos se entrelaçam a todo tempo, questão tratada no capítulo sobre a Nengua, as conduções foram sendo traçadas pela energia que circunda o terreiro e a cada ente envolvido na mobilização. No equivalente período em que o Bate Folha se abre para os preparativos do seu centenário, ao mesmo tempo, as dimensões políticas, culturais e religiosas se fundem ao processo de compreensão acerca da patrimonialização de bens culturais. Por meio da linguagem de preservação, própria da ritualística e prática de vida das comunidades tradicionais dos terreiros de candomblé, buscou-se construir e estabelecer redes de apoio para a valorização e proteção de direitos relacionados à salvaguarda e utilização de seus bens.

Fruto de antigas reivindicações que apontavam para a necessidade de compreensão das especificidades do patrimônio de origem negroafricana no Brasil, de proposta apresentada pelos terreiros tombados na Bahia, surge o grupo de trabalho, criado em 2015, com integrantes e lideranças dos terreiros, a fim de fortalecer a rede de diálogo entre as comunidades de terreiro e as instituições de Salvaguarda do Patrimônio Cultural, tanto o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em âmbito federal, quanto o Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia (IPAC). Origina-se daí a possibilidade de esclarecer às equipes

técnicas as especificidades da dinâmica, funcionamento e estrutura dos ambientes que são indispensáveis às práticas religiosas, como também de salvaguarda do *continuum* do passado, resguardado na tradição de muitas Casas. Os terreiros foram Ilê Axé Iya Nassô (Casa Branca), Ilê Axé Opô Afonjá, Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê (Gantois), Manso Banduquenqué (Bate Folha), Ilê Axé Mariolajé (Alaketu), Ilê Axé Oxumarê, Sejahundé (Roça do Ventura), Ilê Babá Agboulá e Tumba Junsara, à época, em processo de tombamento.

A integração de iniciativas conjuntas entre os terreiros tombados, o IPHAN e a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com participação do IPAC, resultou no curso de extensão universitária em Gestão e Salvaguarda do Patrimônio Cultural dos Terreiros Tombados, concretizado por meio de convênio firmado entre a UFBA e o IPHAN, gerando a oportunidade para lideranças de terreiros de candomblé salvaguardados aprofundarem suas reflexões sobre a proteção compartilhada do patrimônio cultural. Criado pelo acionamento do estado para a preservação e ampliação dos bens que compõem o patrimônio cultural negroafricano, o curso tratou de eixos voltados para as noções de territorialidade, gestão do patrimônio, sustentabilidade, residência social e a construção de planos de preservação, considerando os indivíduos, os ambientes, a comunidade e o seu entorno.

Apoiado pelo Grupo de Trabalho Interdepartamental para Preservação do Patrimônio Cultural de Terreiros (GTIT), o curso funcionou também como capacitação interna para identificação e reconhecimento do patrimônio cultural dos povos de terreiros na gestão do patrimônio cultural dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana e para a própria equipe técnica dos órgãos institucionais. Importante pauta reivindicada pelos terreiros, pois na formação desses profissionais não há compreensão que apontem para as especificidades e dinâmicas que estruturam um terreiro de candomblé, sequer tratam dos valores e formas das construções encontradas, que muito difere dos patrimônios convencionalmente estudados. Responsável pela orientação de processos de tombamento e registro, o GTIT possui atribuições definidas pela Portaria do IPHAN nº 489, de 19 de novembro de 2013 e fornece suporte técnico para a conclusão dos processos de tombamento abertos e atua na promoção de cursos de extensão e na capacitação dos servidores do IPHAN que lidam diretamente com a questão, em cumprimento das metas assumidas no Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana 2013-2015.

Essa iniciativa de gestão integrada do patrimônio fortalece o intercâmbio e aciona uma agenda reivindicativa, pois os desafios para a implementação de políticas públicas da cultura passam pela superação da lógica instituída pelas fronteiras entre setores, instituições e pela elaboração de estratégias que priorizem a heterogeneidade nacional. Pensar a gestão dessas

políticas frente às reivindicações sociais que demandam atenção à diversidade brasileira é incluir nesse complexo cultural o repertório do patrimônio material e imaterial afro-brasileiro, principalmente, pelos antigos e ainda persistentes processos de negligência e exclusão. A cultura e o desenvolvimento passam a ser temas emergentes no debate acadêmico e político, tendo identidade e diversidade como as mais valiosas contribuições dos estudos culturais que levam a valorizar os diversos modos de expressar e viver no mundo.

Nessa perspectiva, com o intuito de lançar olhares sobre a política de preservação do patrimônio cultural de bens relacionados aos Povos de Terreiro e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana e de propor discussões acerca da necessidade de fortalecimento da salvaguarda das tradições é que se foi desenhando o centenário a partir das provocações que sustentaram toda uma organização pautada no interno, no religioso, mas também voltada para as urgentes implicações político-sociais que nos cercam. Nesse aspecto, a partir da formação e capacitação de atores sociais no campo da religiosidade afro-brasileira, como multiplicadores da defesa do patrimônio cultural negro, o curso de extensão Gestão e Salvaguarda do Patrimônio Cultural dos Terreiros Tombados, promovido pelo Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social (CIAGS), da Escola de Administração da UFBA e o IPHAN, sob as coordenações da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Tânia Fischer e Prof. Dr. André Luís Nascimento dos Santos, ocorrido no período de julho a dezembro de 2015, fomentou reivindicações acerca de políticas públicas, não apenas na formatação de editais, mas na aproximação com o estado, universidade, instituições públicas e privadas. Organizado em seis módulos temáticos, direcionados à mobilização social em prol de uma agenda pública nacional de preservação e salvaguarda dos patrimônios materiais e imateriais que compõem o espaço físico e simbólico, gestado pelos povos tradicionais de terreiros, teve como percurso de discussão a Educação e Salvaguarda, por um habitar os caminhos da ancestralidade, ministrado por Vanda Machado; Políticas de Preservação do Patrimônio Cultural, por Márcia Sant'anna; Ocupação Territorial dos Terreiros, aspectos da questão fundiária de terreiros, Maurício Azevedo; Velhos e novos perfis de liderança, João Tude; *Memórias da Contestação Política do Povo de Santo: da resistência à contestação política*, a construção dos diálogos com o Estado e com a Sociedade Civil, por Júlio Braga e a Construção do Plano de Salvaguarda.

O debate acerca do patrimônio e do arcabouço em torno da preservação, considerando participação qualificada, autonomia e mecanismos de coletividade, possibilitou a aplicação prática na construção do Plano de Salvaguarda pelo próprio terreiro, a partir da observação de dentro, das experiências compartilhadas, das obrigações da Casa. O cotidiano tornado simbólico foi observado como fator preponderante à manutenção da tradição presente na roça: do horário

de chegada, pedido de bênção, descanso, banho, alimentação, o dormir, o acordar, a limpeza, quilar e gomar roupa, todos esses elementos de ligação com a espiritualidade estão presentes na sustentação da ritualística do lugar. E, assim, realizamos internamente, sob o tema *Terreiro Bate Folha: 100 anos de resistência e proteção do patrimônio cultural e tradição Congo-Angola*, o exercício de saber o que *é o Bate Folha para você?* Mobilização de toda comunidade implicada no vocabulário de preservação. Desenvolvido e sistematizado de forma processual, dinâmica e participativa, o Plano de Salvaguarda do Terreiro Bate Folha foi realizado em meio a reuniões, debates e encontros com a finalidade de pensar o percurso ao longo desses cem anos, passando por análise dos problemas, mediação de conflitos, relação com o entorno, captação de recurso, processos de mudanças e necessidade de permanências para evitar perdas significativas do acumulado preservado desde a fundação do terreiro.

**Fig. 11: Reunião da comunidade Bate Folha para o plano de Salvaguarda/100 anos**



**Fonte: Arquivo pessoal (2015)**

Das falas e opiniões surgiram contribuições delineadas em frentes de ações que mapeassem a importância da manutenção da história e preservação de toda a memória da formação do Bate Folha, na retomada de ações coletivas direcionadas à reflexão em torno da própria dinâmica do terreiro, sem perder o foco nas construções cotidianas de atuação. Foram recuperados os princípios que regem a constituição da micro sociedade do terreiro, registrados na primeira documentação da Sociedade Benfícica que compõe o braço social da Casa, datada de 1920, como renovação aos compromissos firmados por nosso fundador em “amparar, proteger e cultivar os preceitos da religião de matriz afro-brasileira da nação Angola”.

As ações foram promovidas em torno do partilhar de experiências, aproximando ainda mais filhos e filhas, mães e pais, pelo desejo de preservação. O plano de salvaguarda auxiliou na definição dos aspectos ressaltados pela comunidade quanto à manutenção do espaço físico; preservação ambiental da ampla área natural; atenção à memória oral de testemunho dos sujeitos que vivenciam o terreiro (audiovisual); preservação das cantigas e rezas aos *Nkisis* e toques (áudio); levantamento, sistematização e digitalização das fontes bibliográficas, fotografias e documentos históricos.

Antes da elaboração do Plano de Salvaguarda, realizou-se uma organização de base, com a promoção do envolvimento da comunidade do terreiro, das crianças aos mais velhos, para, em seguida, estabelecer as atividades de levantamento, registro, inventário e o plano propriamente dito. Primeiro, o diagnóstico com o levantamento dos bens materiais e imateriais, considerando a perspectiva interna do que é patrimônio para nós. Dos bens materiais, foram elencados, Casa (área interna e externa). Na parte interna, compõem a Sala Grande, Sala de Baixo e Quarto de Arcova. Na externa: Barracão; Área circundante (assentamentos); Quarto dos Homens; Quarto na lateral do barracão e verificação de objetos existentes, passíveis de catalogação. No cômputo geral, todo o terreiro foi considerado bem material, a partir da compreensão de que o imóvel preserva a mítica do espaço sagrado e sua estrutura física de final da primeira metade do século XX, com poucas modificações até então, e os bens móveis existentes, constituem coleções e acervos documentais importantes de constituição patrimonial do terreiro.

Aos bens imateriais, foram creditados um conjunto de valores inegociáveis de reconhecimento das práticas do Bate Folha: rezas, cantigas, vocabulário, obrigações e cerimônias vinculadas à espiritualidade, todas relacionadas às práticas e costumes quanto ao modo de fazer, falar, vestir e expressar a fé. Outros bens, não desprezados, foram determinantes em nomenclaturas que se tornaram significativas na memória coletiva, são eles: Banco da Paciência, Fonte da Telha e da Bica, Alto do Artumtum, entre outros. Para as especificações do levantamento, houve a formação de pequenos grupos de trabalho, organizados por mais velhos/as e mais novos/as para cobrir cada parte do terreiro e promover o diálogo entre o passado e presente, sem perder de vista o processo de aprendizagem. Porque com os grupos assim definidos, ocorreram trocas e ensinamentos, acionadas a todo tempo pela linguagem da recordação, na persistência de trazer o passado à tona pelo vocabulário “no meu tempo...”, “aqui me lembrou de Tata”, promovendo o mecanismo da aquisição, armazenamento e recuperação, via memória, das histórias de vida, da resistência cultural e religiosa, típica dos terreiros de candomblé, e dos patrimônios (i)materiais da religiosidade afro-brasileira.

**Fig. 12: Reunião da comunidade Bate Folha para o plano de Salvaguarda/100 anos**



**Fonte: Arquivo pessoal (2015)**

Todo o exercício de participação coletiva e aprendizado mútuo nos preparou para, no ano de 2016, trilharmos um percurso mais coeso e bem definido nos preparativos para o centenário do Bate Folha. Sem perder a essência do cotidiano, nos movimentos e cadência de nossa matriarca, Nengua Guanguacesse, que nos passos lentos dos processos de compreensão da vida, continuamente nos orientou para a importância das dinâmicas do dia a dia, na relação com o outro e exercício da fé.

A energia constitutiva do próprio terreiro, de circulação constante e permanente do sobrenatural, sob a regência de MBamburusema Nvula, promoveu a condução dos encaminhamentos necessários, sendo realizado conforme o movimento interno e definições coletivas, com aprovação e deliberação das lideranças do Bate Folha.

#### **4.2 O Centenário: patrimônio recuperado nas frestas do tempo**

A primeira obrigação iniciada no calendário festivo do Terreiro Bate Folha, em 2016, foi para o Nkisi Lembá. Dono da cabeça de Seu Bernardino e a quem sempre se inicia, no ano, o ciclo da ritualística do terreiro. Entre agradecimentos e pedidos, a reverência esteve voltada para a gratidão de toda comunidade quanto à preservação do lugar. Sucessivamente, em todas as obrigações que ocorreram no referido ano, cada energia protetora do Bate Folha pôde ser revitalizada pelos laços de fé e pertencimento.

Após o Nkisi Lembá, no mês seguinte, em fevereiro, saudamos os Nkisis de Tata Bandanguame, o sucessor de Seu Bernardino, e Nzumba, energia de grande potencial criador da vida. Seguiu-se o calendário, em maio, com o presente nas águas para Kukueto, Nkisi de Nengua Guanguacesse, duplamente reverenciada, tanto pelos próprios festejos, quanto pela existência da nossa matriarca no candomblé. Nos meses subsequentes, junho, julho, agosto e outubro, foram exaltados Nzazi, Luango, Mutakalambo, Gongombira, Nkosi, Angorô e caboclos. Em 10 de agosto, data muito significativa para o Bate Folha, o Nkisi Tempo foi reverenciado, congregando toda uma roda propulsora de continuidade em volta da árvore que o sustenta. Outubro, os Vunjis ocuparam o espaço do terreiro com leveza, renovação e transformação que habita a simbologia da criança.

Em dezembro, no dia 10 de dezembro de 2016, exatamente, 100 anos depois, conforme data de registro ocorreram os festejos em honra à Dona da Casa, MBamburusema Nvula, fio condutor de constituição do Terreiro Bate Folha, energia feminina que fez história nos terreiros de candomblé da Bahia e permanece presente no solo que a pertence, pois, cada entrada e saída de pessoas, filhos e filhas se dá sob seu consentimento. Assim, aprendemos e coexistimos sob os desígnios de quem definiu o espaço deixado por seu filho, Tata Ampumandezu, dijina dia Nkisi de Manoel Bernardino da Paixão. Cabendo, destacar, contudo, que enquanto aspecto central, todas as obrigações seguem a forma de organização social vinculada à cosmovisão negroafricana como bem define os povos bacongós, através do princípio Ntu, no que diz: “Eu sou porque você me reconhece”.

A existência de cada um só faz sentido na coexistência do coletivo, movimento próprio do ciclo do candomblé e do conhecimento adquirido com o tempo, nas relações hierárquicas de cunho geracional, bem demarcadas quanto ao tempo de feitura, como bem compacta o conhecido ditado popular: Matu Kana Malevele Ka Malendi Luta Ntu Ko “Por mais compridas que sejam, as orelhas não podem ultrapassar a cabeça” (Provérbio Banto – kikongo).

Após iniciação, nos anos subsequentes, de maneira alternada, deve-se cumprir uma série de obrigações referente a cada conjunto de período vivido no candomblé, isto como maneira própria de renovação e constituição do vínculo matéria e espiritualidade. Como se diz, costumeiramente, mesmo quem pagou todas as obrigações, ainda assim tem responsabilidades e cuidados com o Nkisi. Mas, essa explicação sobre o ciclo no candomblé é para esclarecer a atuação do coletivo, pois, em nenhuma das obrigações se está sozinho. Há um movimento de participação, trabalho e integração, que mobiliza homens e mulheres, senão pela pessoa, pela espiritualidade. No plano individual, cada pessoa traz em sua cabeça um Nkisi. Matéria e Nkisi são composições que afetam diretamente a dinâmica das relações, porque há sempre um enredo

que se atrela a compromissos estabelecidos, seja por possuir o mesmo Nkisi ou por ser do mesmo barco, ainda por ter alguma herança relacionada àquela entidade, e, assim, constitui-se, desse modo, o nosso patrimônio existencial.

Especificamente, no ano de 2016, não houve nenhuma obrigação dos filhos e filhas da Casa, pois toda a ritualística esteve direcionada aos Nkisis do Terreiro Bate Folha, aos que permanecem lá, em sustento ao solo, transitando na mata e possibilitando a preservação de todo o espaço sagrado. A comemoração dos cem anos foi, especialmente, destinada à demarcação de uma trajetória em suas múltiplas realizações, afinal, datas que delimitam um século são significativas pelo transcorrido do tempo, mensurável no próprio sentido da palavra secular, relativo ao que se cumpre na condição de antigo. Tempo histórico, geográfico e religioso, como nos fala a makota Mubenkíá, na epígrafe de abertura deste capítulo. A qual expressa uma postura diante da vida, de estar e viver no mundo, representando uma identidade corporificada aos elementos constitutivos do candomblé e defender esse direito é também uma prática política de reivindicação de um conjunto de garantias de proteção ao patrimônio cultural e de questionamentos a problemáticas sociais na implementação de ações estruturantes, inclusive, do debate ao combate à intolerância religiosa, quando reforça-se, internamente, os mecanismos de sustentação dessa base que permanece alimentada pela continuidade de práticas religiosas, que vistas pelo olhar atento da política afirmativa, configura-se como estratégia de enfrentamento ao racismo religioso e de ataques a terreiros.

Ressalta exatamente a noção que entrelaça patrimônio e espaço religioso afro-brasileiro, patrimônio e natureza, patrimônio e práticas que remetem ao conjunto de simbologias que emergem da cosmovisão negroafricana em nossas identidades culturais. Põe-se em pauta a dinâmica de transformação acerca da noção de patrimônio no Brasil, redefinida, entre outros aspectos, a partir da concepção de como cada indivíduo tem de si e de seu pertencimento na associação a determinados grupos de identidade compartilhada.

### **4.3 Fios da História**

O processo de realização do centenário se conecta à minha inserção no doutorado do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade com a proposta intitulada *Nengua Guanguacesse: uma investigação sobre liderança feminina e contribuição na formação identitária para além do terreiro do Bate Folha*. A pesquisa, de lá para cá, não perdeu a sua



proposição inicial, contudo, ganhou novos contornos diante do centenário da Casa e constantes demandas de atuação política, cultural e acadêmica.

O próprio terreiro foi ganhando corpo no espaço da pesquisa. As narrativas e afetos vinculados ao lugar se tornaram constantes, os depoimentos e conversas sobre diversos acontecimentos que expressam vida ao local passaram a ser observadas como importante categoria de análise e nossa matriarca, Nengua Guanguacesse, a todo tempo nos direciona a perceber a importância do lugar e seu magnetismo ao restabelecer motivos de vida comunitária. D. Hêda Maria dos Santos Leitão, dijina dia Nkisi, Meankelesi, em uma passagem de sua entrevista, diz: “E aqui é o que? É um santuário. Esses arvoredos todos aí têm vida. E o que é que nós estamos fazendo aqui está sendo presenciado, por matéria, não, por eles, eles existem, são força (LEITÃO, 2016, p. 241).

No cenário acadêmico, alguns autores discorreram sobre o lugar do terreiro de candomblé para além do espaço geográfico, trataram-no como representação espacial mítica do continente africano, pela sua reterritorialização na diáspora. Sob a perspectiva da geografia cultural. A professora Aureanice de Mello Corrêa, direciona sua análise por meio de conceitos geográficos, como “território, territorialidades, paisagem conivente e geossímbolo” para pensar a prática cultural afro-brasileira.

[...] observamos o terreiro de candomblé através da ótica do geógrafo, implicando, assim, uma análise do terreiro por seu arranjo espacial e o significado a ele atribuído pelo grupo social que o constrói sob uma imaginação geográfica [Território transferível, transportável, expressando a ideia de poder ser transportado de um lugar para o outro (tradução da autora)] pelo geossímbolo, territorializando-o, dessa forma, como um território-terreiro (CORRÊA, 2006, p. 53).

Essa abordagem auxilia na análise dos aspectos simbólicos e materiais encontrados no Bate Folha, os quais permitem a significação do território mantida pela memória coletiva, que como bem afirma Corrêa (2006), semiografa o espaço por meio da indissociabilidade entre materialidade e simbolismo. Nesses espaços, o povo de candomblé restabelece suas histórias, crenças e organização socioespacial, como expressa Kota Meankelesi.

Quando boto o pé dali pra cá pra dentro tô num spa, toda tranquila, toda feliz. Sou muito feliz em dizer que sou filha do Terreiro do Bate Folha. Essa que é uma casa antiga, de respeito, entendeu? Uma casa tombada. É maravilhoso pertencer a essa casa e mantê-la como ela é, como se achou, né? E que assim seja” (LEITÃO, 2016, p. 258).

O tombamento do Bate Folha será ponto de pauta mais à frente, antes, retoma-se o trabalho da Agência Experimental com as entrevistas no terreiro em relevância às falas e pontuações acolhidas. A fala da Kota Meankelesi destaca o efeito causado por pertencer, estar e pisar no lugar. Preservar o que Seu Bernardino deixou é uma das formas existenciais das práticas cotidianas do terreiro, tão quanto o sentido de coexistência com fenômenos de continuidade religiosa da ancestralidade e sustentabilidade ambiental, como bem nos demonstrou Muniz Sodré (1988).

As narrativas que nos foram apresentadas ocorreram, inicialmente, graças ao congresso em comemoração aos 70 anos da UFBA, quando tomei conhecimento, na mesa CULT e Estudos da Cultura, na apresentação do professor José Roberto Severino, da existência da Agência Experimental em Comunicação e Cultura, como essa instância de extensão, vinculada à Faculdade de Comunicação, sob sua tutoria, que possui como pressupostos a comunicação comunitária, responsabilidade social e trabalho com culturas populares, saindo desse roteiro midiático para atender às demandas da cultura popular. Desse contato, foi feita a solicitação, em nome do Terreiro Bate Folha, para a produção de registro audiovisual dos filhos e filhas no centenário do terreiro. Atividades que atenderiam ao anseio da comunidade e comporiam a programação comemorativa. A partir desse primeiro contato e adesão da agência, foi elaborado um pioneiro trabalho de mergulho na história do terreiro por meio das falas daquelas e aqueles que o habitam e fazem da relação com o espaço sagrado motivo para enfrentar as dificuldades impostas pelo dia a dia.

Em setembro de 2016, foram iniciadas as gravações das entrevistas com membros do terreiro. Somaram-se quarenta e sete pessoas entrevistadas, não expressando a totalidade de frequentadores, que diante de diversas circunstâncias não puderam estar presentes. Assim, desse total de material coletado, reunimos importantes relatos que puderam ser montados em temas de análise, surgidos das questões que emergiram das diversas falas, quais foram: história, tempo presente, território, gerações/família, espiritualidade e frases de efeito. Por sua posição de matriarca e ordem cronológica, quanto às datas de realização das entrevistas, a primeira a falar foi Nengua Guanguacesse. Com repertório que compôs a análise do segundo capítulo desta tese, sendo voltado para a totalidade dos temas abordados, demos continuidade a outros recortes de estudo. Seguindo o roteiro de visitas, para melhor elucidação, assim ficou organizado.

### Quadro de Identificação

Data das entrevistas	Entrevistadas/os (Nome/Dijina)	Categorias
14/09/2016	1. Olga Conceição Cruz (D. Olga)/ Nengua Guanguacesse	História, gerações/família, território, tempo presente, espiritualidade e frases de efeito
21/09/2016	2. Rita Cerqueira Lima (D. Rita)/ Kota Nedembu	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	3. Eldelzuita de Souza Barreto (D. Delza)/ Kota Tuandelê	História, gerações/família, território e tempo presente e espiritualidade
	4. Ivone Albertino dos Santos (D. Ivone)/ Kota Vulamean	História, gerações/família, tempo presente e espiritualidade
28/09/2016	5. Hilda L. Santos (D. Hilda)/ Makota Keriuankê	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	6. Olinda Lopes Sacramento Kota Kixima	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	7. Heda Maria dos Santos Leitão/ Kota Meankelesi	História, gerações/família, território, tempo presente, espiritualidade e frase de efeito
	8. Anália Maria Passos de Oliveira/ Kota Xiamuene	História, gerações/família, território, tempo presente, espiritualidade e frases de efeito
05/10/2016	9. João Antônio Ferreira dos Santos/ Tata Kissendu	História, território, tempo presente e espiritualidade
	10. Kátia Alexandria Barbosa Makota Mubenkiá ( <i>in memoriam</i> )	História, território, tempo presente e espiritualidade

	11. Maria Jane Rodrigues/ Kota Rissanga	História, território, tempo presente e espiritualidade
	12. Jaime Gomes de Brito/ Tata Kibanjelu	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
19/10/2016	13. Orlando da Conceição (Seu Orlando/ Tio)	História, território, tempo presente e espiritualidade
	14. Helena Santana da Silva/ Makota Neguansi	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
26/10/2016	15. Cícero Rodrigues Franco Lima/ Tata Muguansi	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
28/10/2016	16. Anália Maria Passos de Oliveira Kota Xiamuene	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	17. Regivaldo Assis da Silva Tata Ualembala	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	18. Genivaldo Silva das Neves	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	19. Ana Paula Soares da Silva Neves	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	20. Aida Soares da Silva Kota Kiagama	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	21. Adelia Soares da Silva Bastos Santos	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
	22. Anália Raimunda Soares da Silva	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade

23. Alaíde Soares da Silva	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
24. Anatália Soares da Silva Neves	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
25. Waldelice dos Passos/ Kota Kiuanguiá	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
26. Valmir França/ Tata Kitenkuê	História, território, tempo presente e espiritualidade
27. Marco Antonio Nogueira/Tata Nbakalá	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
28. Marcos Vinicius Silva Maia dos Santos/ Tata Kamusengue	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
29. Everaldo de Souza Santos/ Tata Kidimakaji	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
30. Cristiano Marcio de Jesus Santana/ Tata Kiambesu	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
31. Leonardo Gomes dos Santos/ Tata Balumunan	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
32. Sanjo dos Santos Cardoso/ Tata KizANJI	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
33. Marinalva Bispo dos Santos Kota Keriguanum	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
34. Amélia dos Santos Cardoso Kota Sualankalá	História, gerações/família, território, tempo presente, espiritualidade e frases de efeito

35. Carla Maria Ferreira Nogueira Makota Mukua Muiji	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
36. Hanna Santana da Hora	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
37. Joice Cristina Jesus Santos	História, território, tempo presente e espiritualidade e frase de efeito
38. Nadja Cruz da Silva Kota Kissakuíza	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
39. Licia Maria Leitão dos Santos Guimarães/ Kota Muadiakimi	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
40. Carolina Luisa Bastos Santos/ Kota Kalembá	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
41. Camilla Conceição Amorim França/ Kota Kiassunje	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
42. Maria Lúcia Guimarães/ Makota Manusimbe	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
43. Rogério Lima Vidal/ Kota Diala Diulo	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
44. Iara Luísa de Santana Dórea/ Kota Molundiji	História, território, tempo presente e espiritualidade
45. Rosilda Alves Soares/ Kota Mavulê	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
46. Alaíde Conceição Amorim França	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade

	47. Heloivaldo Nascimento França (Vadinho)/ Tata Mukuakidi	História, gerações/família, território, tempo presente e espiritualidade
--	--	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora, 2019.

Cada tema, dos seis estabelecidos nas falas individuais dos membros do terreiro, foi formatado, seguindo determinadas referências, a depender do tempo de iniciação, da faixa etária, período de estada no terreiro e vinculações. O recorte cronológico construído durante o percurso de trabalho de campo possibilitou estabelecer comparações entre diferentes períodos e compreender as relações criadas no terreiro que podem se organizar de acordo com a geração/família, por meio do parentesco com antepassados que foram iniciados ou frequentavam o espaço desde tempos antigos; espiritualidade é outro tipo de vinculação que consagra o pertencimento de filiação ao terreiro, pois, a partir da iniciação é parte daquela terra, daquele chão, ao qual houve a escolha de Nkisi.

Outra formação de laço é com relação à frequência ao lugar, porque o candomblé se realiza no dia a dia, no aprendizado e interesse constante, então, se não for por iniciação, por parentesco ou filiação, ocorre por presença permanente nas obrigações. Ainda há o pertencimento por aproximação, ligação e fé aos não iniciados, contudo, mantém elos de motivação e de afeto com o terreiro, sentindo forte conexão com o ambiente.

Na narrativa das mais velhas foi possível mapear algumas proposições que evidenciaram aspectos geracionais de um tempo, saudoso, para todas, de um território, enquanto espaço físico da cidade, que possibilitou reconstruir e interpretar processos de urbanização e segregação socioespacial. Diferente da Salvador existente na segunda metade do século XX, sem asfalto, luz e transporte público, em determinados bairros, ainda percebemos marginalizações e carências estruturais. Da existência do bonde ao *fifó*<sup>133</sup>, o vocabulário revela o instrumental de uso recorrente ao atendimento das necessidades daquela época, conforme nos conduz Nengua Guanguacesse, por meio das memórias à primeira metade do século XX.

Tinha o bonde de Retiro, bonde de Calçada e bonde de Cabula. O bonde do Cabula só ia até o largo do Cabula, voltava. O de Calçada chegava no Retiro descia pra Calçada e o de Retiro só vinha até o Retiro. A gente pegava um desses bondes e tal, saltava aí no Retiro (CRUZ, 2016, p. 217).

<sup>133</sup> Pequeno candeeiro a querosene com de pavio para iluminação.

Transporte urbano que compunha o sistema viário de Salvador, o bonde circulava na cidade, àquela época, sendo o principal coletivo mais recordado entre as mais velhas do Bate Folha. Atendia a diferentes bairros, servindo para auxiliar no traslado e deslocamento para várias partes da cidade. Das constantes recordações, citam o ponto final no Retiro, o qual conduzia à proximidade da Mata Escura, sendo que seguiam a pé, por entre a mata, para chegar ao terreiro, assim como relembram das linhas da Calçada e Cabula, mais à frente mencionadas. Em um dos capítulos do livro, *Sobre Arcos e Bondes: resgatando a memória urbana de Salvador* (2019), Cybèle Celestino Santiago e Karina Matos de Araújo F. Cerqueira discorrem, exatamente, sobre a implementação das linhas de bonde na cidade, conforme trecho abaixo. De modo geral, o livro trata da memória e do resgate desse velho transporte que circulava nas ruas de Salvador.

Em todos os três casos, os trechos inaugurados consistiam em etapas de implantação de linhas maiores, que foram concluídas posteriormente: Pedreiras-Bonfim – e depois prolongada à Ribeira de Itapagipe –, Praça do Palácio, 20 Barra e Barroquinha - Rio Vermelho, esta última contando ainda com os ramais da Soledade, inaugurado em 25 de maio de 1873, e da Baixa de Quintas, chegando até o matadouro no Engenho do Retiro e depois seguindo até a Calçada (SANTIAGO; CERQUEIRA, 2019, p. 69).

Dona Hilda Leonídia Santos, a makota mais antiga da Casa, dijina dia Nkisi Keriuankê, aos 86 anos à época, em sua entrevista à AECC, dentre lembranças de pessoas, festas e momentos no terreiro, recorda-se do matadouro, trazido no excerto acima. Não somente, mas, reacende na memória a boiada que existia na região do Retiro.

Chegava, pegava o bonde lá na Barros Reis, saltava no Retiro, aí tinha um matadouro e matava o boi, passava por trás do matadouro pela Jaqueira do Carneiro vinha sair aqui. Não tinha BR, só tinha boiada. Quando vinha o medo só era esse, a gente encontrar com a boiada descendo, aí tinha que se esconder pra deixar a boiada passar, pra poder a gente continuar. Vinha por cima do dique verde, tudo abaixadinho que só era mato, quando chegava na fonte da telha, se a cancela chegasse 6h e a cancela tivesse fechada, não abria. Subia pela ladeira, e saía aqui na frente, aí entrava por cá pela frente porque não abria o portão do fundo que era uma cancela (SANTOS, 2016, p. 241).

Jaime Gomes de Brito, Tata Kibanjelu, filho de Kota Keriuankê, ao ser perguntado sobre sua memória de infância, relata espaços e percursos, hoje, modificados pela urbanização da cidade e de novos aparatos sociais.

O caminho não era esse não. O caminho era pela Fonte da Telha, que a gente saltava lá no Retiro. Aquele colégio Sesc, dali do Retiro, ali nos anos 60 era o



matadouro do boi, aí a gente entrava lá pela Estrada Velha, hoje onde tem essa estação do metrô, ali tinha o Dique da Prata, a gente vinha beirando o Dique da Prata, subia pelo fundo. Esse fundo, nos anos 60, era tão limpo quanto aqui. A gente brincava correndo, era muito pé de mangaba, caju. [...] É, que a gente pegava o bonde, saltava no Retiro, que era o bonde e depois vinha pela Estrada Velha. A Estrada Velha é uma estrada que você pegando ali o... tem o Sesc do Retiro, do lado da Fazenda Grande, ali por trás é uma estrada velha do Retiro. A gente vinha cortando por ali, não tinha essa BR não. Do lado de cá era o rio, e a gente vinha lá... Aí passava uma pinguela que tinha ali no... onde hoje é a estação do metrô, ali tinha uma pinguela, uma ponte de madeira que a gente atravessava pra cá, tinha a Fonte da Bica lá embaixo que era a primeira água, - lembra velho, uma água gostosa, que era mineral. Vinha pessoal da Barra pegar água ali embaixo nos anos 60, de tão boa que a água era. Hoje é esgoto. O Dique da Prata também, acabaram. A água de Salvador saía daí desse dique. Tinha um dique aqui atrás, né, tem um. E essa água transportava pro de lá, e tinha uma bomba ali embaixo que sugava essa água pra toda a cidade de Salvador, nos anos 60. Hoje acabou, só tem lá esgoto. E aqui dentro era pegar mangaba, caju, muito nicuri. Sempre teve aqui de fartura, jaca, sempre teve de fartura aqui, e saúde (BRITO, 2016, p. 274).

É recorrente o relato sobre a Fonte da Telha ou Fonte da Bica. Localidade que abrigava uma das bacias hidrográficas que compõem a cidade de Salvador, a bacia do rio Camarajipe. Rio que nasce na região de Pirajá, desembocando atualmente na praia do Costa Azul que possui seus principais afluentes nos Rio das Tripas e Campinas (Bonocô). No seu trecho inicial, o seu curso passava pela represa da Mata Escura, onde está localizado o terreiro, porém, desativada pela Embasa para abastecimento público desde 1987. Segundo estudos, em termos de qualidade, suas águas encontravam-se bastante comprometidas pelo lançamento de esgotos e detritos, como bem detalha Tata Kibanjelu. (SANTOS; PINHO; MORAES; FISCHER, 2010).

O desmatamento em suas nascentes e margens e conseqüente assoreamento, aliados ao uso inadequado do solo, impermeabilização, acúmulo de resíduos sólidos, entupimento de bueiros, impedindo a passagem da água de chuva, e erosão advinda de exploração de pedreiras, dentre outros, provocou danos sociais, ambientais e culturais, contribuindo para a sua degradação. A Mata Escura abrigava uma das nascentes do Rio Camurujipe que “foi um dos principais mananciais de abastecimento da cidade, do final do século XIX até meados do século XX, com as represas de Boa Vista (ou do Ladrão), Lobato/Campinas de Pirajá (ou de Campinas), do Prata e da Mata Escura” (SANTOS; PINHO; MORAES; FISCHER, 2010, p. 82).

Outro registro das imagens narrativas da morfologia de uma Salvador, que se demonstra rural, é apresentada por Nengua Guanguacesse ao nos transportar a um tempo de falta de energia elétrica, quando se recorria ao facho<sup>134</sup> para iluminar o caminho nas andanças até o Bate Folha.

---

<sup>134</sup> Material inflamável usado para iluminação.

Menciona o uso de uma máquina acionada por um motor a carbureto que ao reagir com água, gerava luz, efeito que iluminava o terreiro nas festas de candomblé. Por isso, “Tatá”, alertava para pegar água na fonte porque era a forma de acionamento da máquina, que, juntamente, com o carbureto gerava energia. E pegar água na fonte, significava andar por entre os matos, às vezes, com o jegue para ajudar no carregamento, sendo, que na maioria das vezes, vinha-se com a lata sobre a cabeça.

quando chegava no Retiro elas compravam, isso eu era menina, comprava o facho naquelas barraquinhas que tinha, tudo com o bibianozinho aceso, porque não tinha lampião [...], não tinha luz elétrica, só tinha quem, quem tinha mais condições, tinha aqueles, aqueles lampião grande, outros tinham aqueles candeeirinho de manga. E aí comprava o facho e a gente vinha pelo caminho, subia por aí, passava pela bica, chegava aqui já de noite, já tarde da noite, aqui tava tudo de, todo mundo com um fifozinho aceso, aqueles, fifozinhos de lata, de garrafa. Agora quando era no dia da festa, primeiro era, era... como é? carbureto. Aquelas máquinas de carbureto, um negócio assim redondo, com aqueles, aquele tubo comprido e agora ali saía aquela luz, mas aquilo tinha um cheiro enjoado, carbureto. Depois aí seu Bernardino ganhou esse motor, seu João trabalhou aí, depois seu João não pôde mais vim e era o tio de, de Cícero, Maracanã, que cuidava, tinha um tanque grande, mas ele, como é? Dava luz pra essa roça toda, mas tinha de ter o tanque da água, né? Às vezes quando acabava a água assim, aí Tatá chegava “Ói minha gente vumbora descer pra fonte pra pegar água, que a água do motor já tá acabando”, aí tinha que descer aquele bocado de gente aí pra pegar água, que água nesse tempo era lá na bica, era no jegue (CRUZ, 2016, p. 217).

Primeira representante da segunda geração sob a liderança do segundo pai de santo da Casa, Tata Bandanguame, Nengua Guanguacesse é um arquivo vivo das mudanças ocorridas no território, vendo significativas alterações no entorno do Bate Folha, com a chegada do comércio local, formal e informal, outros terreiros, igrejas católicas e evangélicas, escolas e transporte público mais próximo à porta. Nas quase duas horas de fala, as histórias individuais da Nengua se confundiam com a história do terreiro e também com a de Salvador, pois a característica mais contada daquela época foi o isolamento, dado o afastamento do centro da cidade, a inexistência de moradias nos arredores e a falta de luz. Água se tinha porque era abastecida por uma nascente, a qual mais tarde iria atender aos moradores locais e adjacentes, servindo até para fornecer a uma parte de Salvador. Makota Keruankê, também menciona sobre a iluminação naquela época.

[...] Era facho, quando vinha de noite, às vezes, porque tinha ocasião que reunia todas as filhas de santo que vinha do mesmo lugar, aí mandava, tinha a venda de seu Leopoldo. É um senhor, chamava Leopoldo... então, na porta de seu Leopoldo tinha um banco que era uma tala de dendê, ele fez um banco, aí todas que vinham sentavam ali pra esperar umas às outras. A avó de minha

comadre, que é Adriana, e todas que chegassem ficavam ali esperando. Aí tinha finado Chininha, finado Zé do gude e... esqueci o nome do outro. Eles também vinham – isso já era de noite, quando vinha de noite, bem de noite – aí eles vinham com a gente, aí era que trazia o facho (SANTOS, 2016, p. 241).

Quanto ao acesso ao terreiro, outros relatos se assemelham aos aspectos físico e ambiental da cidade, como nos apresenta Dona Rita Cerqueira Lima, dijina dia Nkisi, Nedembu, iniciada no segundo barco de Tata Bandanguame.

Então nós vínhamos de lá onde eu morava, tinha bonde, mas pra não demorar muito, nós vínhamos da Cidade Nova, ali pelo Tamarineiro, Maria da Cruz do Cosme, que hoje é o IAPI, descia a ladeira, e aí pegava o Retiro e vinha a pé. Com tudo cheio de lama... a boiada tava perdida aí pelos meio do mato... né?... E... nós vínhamos a pé até chegar aqui. E muitas vezes, dependendo do horário, de noite nós não vínhamos pelo fundo, vinha pela frente aí, por esse portão, que não era assim, era bem humildezinho, muito mato, muito buraco. Mas, pra mim tava ótimo, pra mim, meu irmão e as outras crianças. Que que criança pensa? Nada. E chegava aqui, outra coisa, o que Mata Escura não tinha energia, e nem tampouco água aqui. A gente vinha com facho. Vocês conhecem o que é facho? Conhece? Não. Então o facho ééé, não sei, eles faziam de.... palha de Nicuri. Fazia aquilo bem grande assim, e ia amarrando, fazendo aqueles montinho, que era pra de noite, num determinado lugar, acender. Não era por causa de ladrão, era por causa das cobras. O caminho era muito estreito e só tinha realmente mato. Como aqui. Por que o nome é Mata Escura? Porque na verdade era escuro, não tinha luz, não tinha energia, não tinha nada. Era escuro, realmente, mas a gente estava aqui em todas as festas. Ainda assim, achando maravilhoso. Agora tem energia, temos água, temos tudo, mas aquele tempo eu achava maravilhoso. Gosto muito mesmo, viu? (LIMA, 2016, p. 227).

Contemporânea de Nengua Guanguacesse, Kota Nedembu revela uma das formas mais corriqueiras de circulação na cidade. Dada a condição financeira daqueles tempos, o deslocamento era feito a pé, andava-se distâncias consideráveis para acessar determinados locais da cidade e com isso, a exemplo da própria descrição dada sobre a caminhada da Cidade Nova à Mata Escura, a depender do meio de transporte, se tem uma variação de 6 a 8 km de distância, e uma média de duração 30 a 60 minutos, nas condições atuais, de ruas asfaltadas, vias abertas, de ônibus ou carro, porém, conforme relato, o trajeto era realizado por caminhada e, a partir de determinado ponto, por mata.

É recorrente a paisagem da cidade, sendo possível definir uma linha temporal na ocorrência dessas mudanças em Salvador, as quais não foram tão significativas para as falas dos mais novos. Neste recorte geracional, as pessoas acima de 80 anos indicam vários acontecimentos das suas histórias, envolvendo a cidade, o transporte, a iluminação, a alimentação e o trabalho, que não foram abordados pelas gerações seguintes. Kota Tuandelê, dijina dia Nkisi, de Dona Edelzuíta de Souza Barreto, ilustra bem a demarcação de tempo em uma de suas falas. “Eu cheguei aqui em 1954, pelo Bom Juá, que não tinha ônibus aqui nem

nada, a gente vinha mais pela fonte da telha, então subia até chegar aqui. Isso em 1954, fiquei aqui seis anos, quando foi em 1958 fui iniciada, pronto. Aí de lá de 58 até o presente tô aqui” (BARRETO, 2016, p. 232). Ao ser perguntada pela via de chegada ao terreiro, traz um importante dado sobre a rodovia federal.

Pela, pela BR, que não era BR, ainda era tudo de barro, num tinha BR trezentos, num tinha, a gente atravessava, vinha, pelo, de bonde, vinha de bonde, saltava no Retiro, do Retiro subia aqui o fundo, pelo fundo até chegar aqui. [...] Às vezes vinha sozinha, às vezes vinha acompanhada. Meu irmão que me trazia, que eu era, tinha 24 anos na época, ele vinha comigo até chegar aqui, depois ele ia embora e eu ficava (BARRETO, 2016, p. 232).

Na segunda metade do século XX, temos apresentada a cena urbana muito demarcada por ausências de uma modernidade ligada à urbanização da cidade, que no período passava por expansões e investimentos internos, inclusive, com algumas inovações urbanísticas, tentando romper com o passado colonial. No entanto, temos a paradoxal Salvador com problemas não solucionados ao longo do tempo, ainda hoje persistente nos bairros de periferia.

Quando eu cheguei aqui não tinha luz, não tinha água, a luz daqui era de candeeiro e de facho, à noite o pessoal que vinha lá por baixo vinha com o facho pra poder clarear porque não tinha energia. Então a Mata Escura é isso, as casas tudo era com um pedacinho pra se andar, depois de muitos anos foi que foi chegando, alarguendo, fez pista, aumentando, mas era casinha de taipa, sabe não sei se você sabe o que é taipa, sabe? Então de taipa, então as casas daqui era isso, a estradinha de barro pra se andar, um do lado outro do outro, [...] vinha por lá por baixo, pelo Bom Juá, que não era Bom Juá era Retiro, e até subia até chegar aqui pelo fundo. Aqui foi depois foi que fez a BR, que não tinha BR, não tinha asfalto, não tinha nada, tudo era barro, barro mesmo, quando chovia pé no chão, na lama, pé no barro (BARRETO, 2016, p. 235).

Na década de 60 ocorre a pavimentação da BR 324 e já se vislumbra uma outra paisagem de Salvador, circunscrita à Mata Escura e adjacências. Dona Ivone Albertino dos Santos, dijina dia Nkisi, Vulamean, relata um novo período de mobilidade no bairro quando é perguntada por Midiã Noelle, sobre os recursos existentes na sua chegada ao Bate Folha.

Já, energia já tinha, só não tinha água, pegava água no jegue, aqui se pegava água no jegue, tinha um rapaz que pegava água com um burrinho nuns barris, a gente lavava roupa lá na bica, descia pra lavar, tinha bastante água lá, depois que veio a água encanada, depois veio o telefone (SANTOS, 2016, 238).

Sob referência do relato das mais velhas, as quais informaram quanto à via de acesso e formas de deslocamento na cidade, pergunta-se “a senhora vinha andando também do Retiro?”.

Não, na minha época que eu vim fazer meu santo já tinha ônibus, só era o terminal da França, mas tinha. Hoje em dia tem vários, tem Barroquinha, tem Lapa, tem Pituba, mas quando na época que eu vim fazer meu santo já tinha ônibus sim, na minha época já (SANTOS, 2016, p. 239).

O Bate Folha preserva as relações estabelecidas entre as pessoas e essa dinâmica de reforçar os laços de irmandade ficam a cargo das mediações de Nengua Guanguacesse. É quem aconselha, conversa e conduz os diversos processos das relações humanas, inclusive, os conflituosos, mantendo, pelo relato de Dona Edelzuíta, um aprendizado que vem das gerações anteriores.

As mais velhas sempre levavam as mais novas, né? Porque tinha sempre a mais velha que ia com, ainda mais quando o barco tava novo, né? Sempre ia a mais velha acompanhando. Então ia 4, 5, 3, sempre não ia uma sozinha, né, sempre ia assim 3, 4, 5, dependendo quem tivesse aqui, pronto, aí ia, apanhar água e também tinha o rapaz que trabalhava aqui, levava os barris, pra botar no jegue, trazia, às vezes, dava 2, 3 viagens, até a gente encher as vasilhas aqui em cima pra poder ter água, pra poder fazer as coisas, que água aqui era difícil (BARRETO, 2016, p. 235).

As atividades realizadas no terreiro são feitas de forma conjunta, seja pelo aspecto de se ter alguém por perto, ou, até por observação participativa, da transmissão dos ensinamentos. Transição, conforme relato das mais velhas, necessária para a construção do aprendizado e a repetição dá consistência à fixação dos atos. A iniciação, para muitas, ocorria na fase jovem, adolescência, ou início da idade adulta, a depender da situação. Deste modo, as iniciadas tinham o papel de repassar o que aprenderam. Kota Kixima, dijina dia Nkisi de Dona Olinda Lopes Sacramento, filha do terceiro barco de Seu Bandanguame, é um exemplo dessa contextualização e relembra que foi iniciada aos 15 anos, estava com 63 anos de iniciação e 78 de idade, no período da entrevista.

Era Bandanguame. E daí pra cá fiquei aqui indo e voltando, eu era muito nova tinha medo de vir por aí só, e tinha uma irmão de criação que era deficiente, ele andava de jegue. Ele vinha no jegue e eu vinha andando, eu com minha sacola e andando. Chegava aqui ele me entregava ao meu pai de santo e perguntava “que dia vem buscar?”, ele dizia: “tal dia”, aí tal dia ele vinha me buscar e eu ia com ele. Ia aprender a costurar com minha mãe pequena, aí vinha pelo Retiro já, quando eu tava lá na casa da minha mãe pequena, eu vinha pelo Retiro. Muitas vezes eu cheguei no Retiro e voltei que tinha medo de vir sozinha, aí voltava de novo pra cidade. E aprendi, todas as festas estava aqui presente, ficava aqui os dias que tinha que ficar e ia pra casa, pra minha casa... costurar, estudar não que já tinha estudado, mas ia costurar. Aprendi a costurar. Sempre acompanhei a casa, nunca me afastei nesses anos todos aqui; meu pai de santo era um pai muito bom e até hoje tenho saudade dele; ele

parecia pai biológico. Dona Olga, também, não tenho o que dizer, muito boa, irmã de santo. Eu não tô dizendo que minhas irmã de santo não, todas me tratavam com carinho que eu era muito jovem ainda também né, muitas coisas eu não fazia porque não podia que era nova, muito magra, muito magrinha... e tô aqui até hoje. Já panhei muita água lá embaixo com minha comadre na fonte da telha, uma lata de água pra fazer os ossé (SACRAMENTO, 2016, p. 247).

Alguns aspectos relacionados às aprendizagens são interpretados no campo do trabalho, presente no sentido que é dado à própria existência. Tanto Dona Olga quanto as demais filhas do terreiro, relatam que levaram para a vida, enquanto profissão e formas de sustento, os ensinamentos do terreiro. Kota Kixima, no ofício de costureira relata: “até hoje faço as roupas dos Nkisis, do pessoal... costuro as roupas [...] Eu aprendi com minha mãe pequena [...] Com minha mãe pequena aprendi, aqui também, essas coisas aprendi com D. Olga, aprendi muita coisa” (SACRAMENTO, 2016, p. 247). Acerca de outros saberes, menciona: “Fazer comida baiana, até comida mesmo normal que eu não sabia fazer essas coisas ainda. Aprendi muita coisa aqui, comida baiana, feijoada, essas coisas todas eu aprendi aqui, não sabia ainda fazer” (SACRAMENTO, 2016, p. 251).

A relação com o trabalho e o meio de produção emergiram nas narrativas das senhoras do Bate Folha, as quais são analisadas sob a perspectiva da sociologia ao trazer ferramentas que possibilite compreender os processos que interligam os indivíduos a grupos e instituições com vinculações a tradições, mas, modificadas pelas realizações modernas, portanto, auxiliando na análise do presente. O diálogo entre professor Beto Severino e Kota Kixima, acerca da sua relação com o objeto de trabalho, quando relembra que aprendeu a costurar em uma máquina de pedal, existente na época, porém, agora, só trabalha com a elétrica, permite aferir sobre mudanças que ocorreram no estilo de produzir, por meio de suas próprias experiências, desenvolvida pela dinâmica do moderno. “Tens essa máquina ainda? (SEVERINO, 2016, p. 248). “Eu tenho uma lá, mas nem consigo mais costurar de pé, fui costurar outro dia e não consegui” (SACRAMENTO, 2016, p. 249).

George Simmel ao analisar fenômenos estruturantes da modernidade, refletiu sobre a cultura moderna, observando a conformação da sociedade sob a perspectiva relacional, de interações entre sujeito e objeto. Em busca da superação entre indivíduo e sociedade, possibilitou pensar a individualidade como um fenômeno ligado às mudanças no padrão das relações sociais que caracterizaram o moderno. Nesse sentido, Simmel abordou as transformações que a modernidade propiciou no seio da sociedade, também pela compreensão da divisão do trabalho social, pois, além deste, tinham outros aspectos categorizados pela

consequência psicológica do tipo metropolitano; o papel do dinheiro e a cisão entre cultura objetiva e subjetiva (SIMMEL, 2005).

Deste modo, a relação sujeito e objeto, mobilizada pelas narrativas das mulheres do Bate Folha, objetiva-se em mudanças na prática. Muitas aprenderam a costurar, cozinhar, vender e a desenvolver seus meios de subsistência de uma forma, a qual sofreu alteração com o passar do tempo, diante da modernização dos processos e dinâmica da cidade. O acarajé e o abará são outros exemplos que se ajustam, perfeitamente, ao exercício de reflexão na tentativa de apreender, conceitualmente, as transformações ocorridas. Do fazer à aquisição dos insumos, antes, comprava-se feijão, cebola, camarão e o azeite de dendê *in natura*, tendo como prática de preparação do feijão, colocar de molho, separar, catar e depois moer. Com o surgimento da máquina manual, substituiu-se a pedra de moer, para, em seguida, a máquina elétrica. E quanto ao que era comercializado em grão, já é largamente vendido lavado, moído e ensacado, perdendo-se toda a preparação do alimento que corresponde a um modo de produção modificado, não apenas como causa mecânica.

Percebe-se com isso, que há o processo que compunha toda uma relação com a feita das iguarias, de elemento sociorreligioso, ganha outra configuração a partir da transposição de uma interação primeira para outra formatação social, de apagamento das práticas do passado. No entanto, o candomblé sempre foi um dos componentes fundamentais de preservação e manutenção das culturas africanas no Brasil, embora, sabidamente, com novas configurações religiosas. Deste modo, a preservação estabelecida pela própria dinâmica do terreiro se organiza por ações em torno de valores de convivência trazidos por africanos para o Brasil. Processo de reconhecimento demarcador do contínuo religioso construído em territórios próprios e caracterizados pela vivência comunitária, estando aí, as permanências que impossibilitam, até, então, mudanças significativas nas coexistências físicas, materiais e imateriais.

Essa experiência comunitária que leva ao saber compartilhado, passado de geração em geração, produz um grande valor simbólico-religioso em que os saberes ali praticados compõem um patrimônio imaterial de transmissão de conhecimentos e significados que se tornaram mais amplos quando passaram a transportar um conjunto de bens culturais pertencentes a comunidades maiores. A própria ideia de circularidade pressupõe certa horizontalidade entre os indivíduos no processo de troca de conhecimentos que organiza a complexidade integrativa do passado e presente, profano e sagrado e da relação com o meio ambiente. Nos terreiros, as famílias de santo criaram uma rede de proteção essencial para a manutenção dos valores e tradições, costumes e fé, além de possibilitar a reconstrução de identidades e a manutenção da cultura, filosofia e visão de mundo, sem as quais não se teria sobrevivido à escravidão.

As comunidades dos terreiros, enquanto instituição social, são portadoras de uma identidade que é composta pela preservação da memória coletiva, o respeito aos mais velhos, a transmissão de saberes através da oralidade, o respeito às diferenças religiosas e culturais. Nesse contexto, o papel dos candomblés foi essencial para a resistência e construção da formação do povo brasileiro, principalmente, no que se refere ao sentido de pertencimento e defesa aos interesses de preservação das tradições. No Bate Folha, as lutas por preservação da memória e dos traços característicos do passado, vincula-se à figura do fundador, Seu Bernardino, e de Tatá, o segundo pai de santo, tendo nas memórias estratégias e mecanismos de privilegiar o passado, mantendo viva, as tradições da Casa, nos aspectos, também de realização do trabalho e como bem expressa Kota Kixima, além dos ensinamentos, não se recorria muito a outra forma de registro. “Pra mim aqui foi uma escola, aprendi muita coisa. Costurar, lavar, engomar, botar anágua na goma, tudo eu aprendi aqui que eu não sabia”. Ao ser perguntada sobre o registro fotográfico das roupas: “A senhora tem imagem dessas roupas primeiras que a senhora fez, fotografias, alguma coisa?” (SEVERINO, 2016, p. 253), responde “Não, que antigamente não tinha muito esse negócio de tá tirando foto, né. Hoje que qualquer coisa que se tira foto, mas antigamente não tinha isso” (SACRAMENTO, 2016, p. 253).

Os diversos ensinamentos repassados por Nengua Guanguacesse no Terreiro Bate Folha são transmitidos de forma muito peculiar. Cada assunto, correção ou explicação vem carregado de história. O fio de cada enredo serve para constituir a teia de ensino e aprendizagem no cotidiano das experiências do candomblé. “Quer ver? Pergunte a Kixima ou a Nedembu se naquele tempo pra gente não era assim...” e daí surgem várias recordações de um passado que reverbera no presente na confirmação do transcorrer de um tempo e afirmação para a continuidade de práticas consolidadas pela repetição de gestos, rituais, falas e transmissão de conhecimentos.

E assim, com a força da narrativa, histórias foram contadas no vai e vem do movimento interno, às questões vinculadas ao terreiro, e ampliada às configurações locais, de caminhos e passagens para chegar ao Bate Folha. Desde a falta de energia elétrica ao transporte público e pavimentação asfáltica. Mais uma vez, mediada pela ação coletiva de mulheres de terreiro, foram tecendo percursos de compreensão da paixão, reverência e doação dessas senhoras, orientadas por Nengua Guanguacesse, ao Terreiro Bate Folha. Espaço, onde homens e mulheres expressam sua fé e a certeza de que terão onde “resguardar suas cabeças em momento de necessidade”, pois como bem nos ensina e lembra, Dona Olga, “essa casa é de MBamburusema”.



Em anexo, estão as transcrições de cada entrevista, todas geradas a partir dos vídeos resultados das filmagens realizadas no próprio terreiro. Todo o material está acondicionado nas dependências do Laboratório de Audiovisual, da Faculdade de Comunicação, e sua execução foi pensada, planejada e realizada em consonância com efetiva atuação da universidade pública em sua tríade: ensino, pesquisa e extensão.

Por meio da metodologia da história oral, as entrevistas foram gravadas com pessoas que testemunharam acontecimentos, conjunturas e puderam relatar modos e aspectos da vida no terreiro que compõem a história contemporânea do candomblé na Bahia. A escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementam-se, mutuamente, assim como as entrevistas semiestruturadas, como método espontâneo em que foram realizadas perguntas predeterminadas. Contudo, no contexto geral ocorreu como uma conversa, não planejada, antecipadamente, que na montagem das entrevistas presenciais, no próprio espaço do terreiro, foram essenciais para ambientação e entrega ao processo. Desse modo, optamos por uma abordagem qualitativa de base fundamentada nas falas registradas e relato das experiências, levando em consideração as percepções pessoais e bibliografia que dialogasse com a diversidade de aspectos encontrados em cada fala.

A maneira pela qual a narrativa revela as experiências de homens e mulheres e como esse gênero pôde ser desenvolvido uma categoria de análise pela qual foram convocados eixos temáticos, que inseriram Salvador em seu aspecto de um passado ainda quase que rural, de condições de trabalho e demarcações temporais bem significativos para compreender o contexto das práticas de candomblé na Bahia, em que o Bate Folha faz parte. Dessas temáticas, dada a relevância de grandes outros temas, foi possível montar analogias com classe, raça, gênero e política de salvaguarda, argumentadas pelas representações acionadas em narrativas que evocam sentidos existenciais instituídos na relação do indivíduo consigo e com sua realidade, consolidando memórias e processos identitários levados ao campo do patrimônio.

#### **4.4 O Tombamento do Bate Folha**

A (re) construção mnemônica do Terreiro Bate Folha, em seu centenário, funciona como alicerce que possibilita estabelecer as imbricações que se tecem entre memória e patrimônio. Observada por meio das relações cotidianas, de vinculação afro-religiosa, parte-se de um lugar, o próprio terreiro, e de uma pessoa, Nengua Guanguacesse, desdobrando-se ao encontro de tantas outras histórias e vidas, como fruto de todo um repertório de existências, de construção social para além da polarização indivíduo e coletivo (HALBWACHS, 1990).

Uma vez que indivíduo e coletivo interagem entre si, pensar a cultura como o que se faz para constituir existência, tanto em termos materiais como espirituais, envolvendo aspectos físicos e simbólicos, é considerá-la como patrimônio importante de um povo, porque resulta dos conhecimentos compartilhados entre as pessoas de um lugar que vai sendo recriada ou em muitos aspectos esquecida e reformulada. O conceito de cultura é muito discutido e vem sendo abordado em diferentes áreas do conhecimento e de variadas formas. É a cultura que diz em quem acreditar, influencia os modos de ser e de estar no mundo; de agir, sentir e se relacionar com o natural e o social nos mais diversos modos de falar, andar, comer, rezar, celebrar, trabalhar e brincar, inscritas nas marcas diferenciais e de aproximação. No Brasil, há uma diversidade cultural significativa em que todas as manifestações devem ser valorizadas, perspectiva que permite observar a força das culturas afro-brasileiras, indígenas, sertanejas, rurais, tradicionais, urbanas, entre outras. Amálgama de construções simbólicas que podem ser discutidas no campo do patrimônio.

O Terreiro Bate Folha, denominado Manso Banduquenqué, foi fundado em 1916, em Salvador, por Manoel Bernardino da Paixão, Tata, dijina dia Nkisi Ampumandezu. Atualmente, é conduzido por Cícero Rodrigues Franco Lima, Tata Muguaxi, e Nengua Guanguacesse, matriarca que conquistou a posição de mãe. Candomblé de origem nas nações Congo-Angola, pelo fato de seu Bernardino ter sido iniciado no candomblé por um negro congolês e posteriormente ter dado obrigação, em um terreiro de nação Angola. Propriedade de MBamburusema Nvula, o terreiro guarda componentes históricos, culturais e religiosos da tradição bantu, que abrigam narrativas da interferência da entidade na aquisição da terra, concedendo a posse do espaço para abrigar os filhos e filhas da Casa.

Fig. 13: Área frontal do Terreiro Bate Folha



Fonte: Imagem cedida pela fotógrafa Marisa Vianna, 2016.

Após quatro anos de fundação, foi instituída a Sociedade Beneficente Santa Bárbara, sua representação civil, organização sem fins lucrativos e/ou econômicos, com autonomia administrativa e financeira que funciona como braço social do terreiro. Datada de 1920, a sua composição é de filhos e filhas com definições e regulamentos sobre as especificidades desempenhadas: atividades religiosas de matriz africana da nação Congo-Angola, assistenciais, socioculturais e educacionais. Considerada de utilidade pública, em 1993, pela Câmara Municipal de Salvador, a Sociedade Beneficente Santa Bárbara preserva o compromisso que institui o empenho da Casa em salvaguardar manifestações próprias, ressaltadas por meio dos ritos, crenças, celebrações e costumes.

O Bate Folha possui arquitetura e mobiliário que resguardam o tempo da instituição, os corredores, as janelas, os registros nas paredes, as dimensões e madeiras das portas são arquiteturas da memória, para usar um termo correlato à obra da historiadora Márcia Chuva, *Os Arquitetos da Memória* (2009), em que a noção de patrimônio é entendida pelo seu valor referencial com o passado e pela materialidade que remete também a ideia de territorialização da qual são resultados os sentimentos de pertencimento e proteção. Em conversa com Tata Muguanxi, professor Beto Severino pergunta sobre o espaço existente no terreiro, chamado de Sala Grande, e o atual pai de santo do Bate Folha explica a importância do ambiente, discorre acerca do seu aspecto museal e amplia para entendermos a geografia do lugar.

Aqui é uma sala de visita que é utilizada desde o tempo de Seu Bernardino, quando recebia autoridades, os amigos da casa, sempre se entrava e conversava com as pessoas aqui. Tanto ele, Bandanguame e os sucessores dele utilizavam essa sala para receber as pessoas, seria uma sala de visitas, hoje é uma parte de um memorial, que uma parte da história do Bate Folha está aqui nessa sala, tanto dos móveis, quanto das fotos. Como tenho essa foto, essa foto é do Manoel Bernardino da Paixão que foi o fundador da roça, foi quem ganhou essa roça de presente e fundou o Bate Folha. Isso a nossa escritura é datada de 1916, 10 de dezembro de 1916, e aí estaremos completando os 100 anos esse ano em 2016, e Seu Bernardino tinha um amor muito grande aqui por essa roça, e tratava isso daqui com um maior mimo, com um maior carinho. Essa casa se você mostrar de perto [apontando para uma foto] foi a primeira casa construída aqui por ele, ainda de taipa, de palha, e ele aí começou a erguer com muita dificuldade porque antes não tinha Salvador-Feira, então você não tinha a BR-324, pra chegar aqui em cima tinha que se soltar no Retiro e vir a pé, pelo mato pra conseguir chegar aqui em cima, então materiais, móveis era tudo trazido em lombo de animais e com muita dificuldade pra chegar aqui em cima. Tinha uma estrada de boi muito difícil o acesso aqui na frente, então só quando construíram Salvador-Feira é que veio melhorar, inclusive até mudou a geografia da roça, porque a entrada do Bate Folha, a entrada da roça era por lá, hoje seria o fundo na roça, que era onde você chegava nessa parte alta aqui em cima que era onde ele começou a

edificar a roça. Então depois da construção de Salvador-Feira é que mudou a frente da roça pra o lado de cá. Então houve a mudança dessa geografia (LIMA, 2016, p. 287).

**Fig. 14: Imagem mencionada por Tata Muguaxi**



**Fonte: Arquivo do Terreiro Bate Folha, 1929**

Localizado no bairro da Mata Escura é o maior terreiro em extensão territorial da capital e está dentre os mais antigos da cidade. O bairro é considerado uma das zonas periféricas de Salvador e de acordo com os dados do IBGE, Censo 2010, possui 33.454 habitantes, com renda média da população no valor de R\$ 830,00 na sua grande maioria nas classes dominantes D e E. Com predomínio de moradores negros, baixa oferta de educação e necessidade de melhoria de saneamento básico afeta diretamente a população que, de acordo com os dados estatísticos apontados, também, concentrando os maiores índices de violência e homicídios de jovens negros. Imerso nessa realidade situacional, o Terreiro Bate Folha, conforme imagem abaixo, circundado pelo crescimento desordenado e irregular das áreas urbanas, aponta para os grandes desafios da região e chama a atenção para a melhoria das condições fundamentais de vida. Ademais, percebe a necessidade da realização de ações efetivas no que se refere à valorização da cultura negra, fortalecimento da autoestima e autorreconhecimento, pois, comprovadamente, os terreiros de candomblé bem sabem fazer a salvaguarda.

**Fig. 15: Área verde do Terreiro Bate Folha**



**Fonte: Imagem retirada do Google Maps ( 2017)**

Referência de todo o território mencionado, o terreiro preserva, no escopo de sua estrutura, aproximadamente 15 hectares de Mata Atlântica, em zona urbana, na periferia de Salvador (grande área verde circundante da imagem). A natureza é considerada como o alicerce elementar ancestral para o culto de matriz africana, e desse modo, a preservação do meio ambiente é substancial para a ritualística e re-existências, de modo geral, além de representar para o bairro um símbolo positivo, de alusões negras, diante de tantas dificuldades sociais enfrentadas por territórios urbanos populares. Diante dos diversos estigmas e tipificação de perfil do morador de bairros populares, inclusive, num cruel processo de criminalização de jovens residentes nas periferias, a existências de referenciais potentes de resistência, luta e preservação da memória de negros e negras auxiliam na transformação de narrativas de exclusão passando a incluir elementos positivos nos discursos e representações desses jovens, como descreve Joice Cristina, moradora do bairro e frequentadora do terreiro.

O Bate Folha pra mim é um resgate de ancestralidade, porque aqui é que eu me encontrei enquanto pessoa, enquanto mulher negra. Então, estar aqui, ter uma representação, que é a Nengua, pra mim é muito importante. Porque ela, assim, é um morão pra gente. Então, o Bate Folha tem um significado muito grande na minha vida por essa questão do resgate de eu me entender e de me reconhecer como mulher negra. Eu sou moradora daqui do bairro de Mata Escura, é um bairro periférico e que infelizmente traz um estigma de violência. Tem a penitenciária Lemos de Brito como ponto de referência e pra mim o terreiro do Bate Folha funciona como uma potencialidade, porque é algo que pode ser indicado, como “é um terreiro centenário que está situado no bairro

da Mata Escura”. Então, pra mim, o Bate Folha é uma potencialidade (SANTOS, 2016, p. 330).

Considerando a histórica contribuição do terreiro para o desenvolvimento local e testemunho do processo de urbanização da Mata Escura, as primeiras habitações foram construídas a partir do seu entorno pelas iniciadas no início do século XX. Contém em sua história inicial o registro da primeira instituição de ensino fundamental no espaço do terreiro, contribuindo para a formação escolar inicial de muitas crianças, “e aqui ainda tinha a escola, tinha a escolinha São Lázaro, que a professora era minha tia Kissuxino, Marieta, né?” (FRANÇA, 2019, p. 346). Sob essa recordação Alaíde Amorim apresentou importante relato sobre mais essa função pedagógica desempenhada pelo terreiro para a comunidade interna e externa ao Bate Folha.

A comunidade, a comunidade, agora uma coisa que eu não sei dizer a você, se era pago, eu acho que não era não, porque eu nunca vi coisa de dinheiro para Marieta, eu só sei que aquela mesa ali, da frente, era tomada de ponta a ponta, minha tia Kissuxino ficava numa cabeceira e eu do lado dela. E aí, além de eu aprender, ensinava a quem não sabia, aí ela, “Alaíde”. Era uma pessoa muito calma, muito tranquila, e quando se via, de manhã era aula didática, podemos dizer assim, e de tarde era bordados, ponto de cruz, ponto atrás, ela não ensinou rechilieu, mas essas outras besteirinhas, aquele fuxico, né, fuxico que fazia, aí minha tia ensinava, e nisso tinha muitas mães que tinham outras atividades porque tinha um lugar pra deixar o filho, e foram anos assim, eu me lembro bem de 03 a 04 anos, mas depois minha tia faleceu, aí teve que acabar com a escola, infelizmente (FRANÇA, 2019, p. 346).

Ainda para a manutenção do culto afro-brasileiro e nesse contexto de resistência e agrupamento, faz parte da tradição oral que esta mesma área consistia em uma antiga reserva quilombola e também terreiro, cujo legado é ratificado pelo seu valor identitário, mas acima de tudo pela responsabilidade comunitária, que envolve cuidado, proteção e direcionamentos, a qual temos D. Olga como protagonista.

Antigamente isso aqui era um, a gente chama de roça porque era uma roça e não existia essas casas todas. As pessoas que moravam aqui, todas dependiam desse terreiro para alguma coisa. Sem falar a parte frutífera que é a questão, tinha uns bichos que se criavam, que não tinha ladrão como se tem hoje, era tudo liberado, livre mesmo, e aí, tia ficava olhando os meninos, fora os filhos, netos, os filhos de santo, tinha o pessoal da comunidade, você vê que é assim até hoje, olha eu peguei um uber essa semana, não entendeu, quando entrei no uber, não me lembro como chegamos aqui na Mata Escura, aí ele falou assim “Você mora na Mata Escura?” Eu disse “Morei, moro, minha tia mora lá” “E quem é sua tia?” “Dona Olga” “Oxi, eu fui criado ali”, aí começou a contar, “Você se lembra de fulano?” Aí eu disse “Menino, pelo amor de Deus que é isso, que energia é essa?”, “Pois é, Dona Olga matou muito minha fome ali”. Quando a gente chegava ali, aqui em época de comida, aquela mesa de fora,

sempre cabia mais um pra comer, tinha o pessoal aí, aí da frente, que era, não era povoado, não tinha bairro, não tinha isso, não tinha aquilo, tinha um rapaz que vendia bichos vivos, quando chegava essa hora, falava com Dona Olga, (batendo palma) ” Ô Dona Olga” [...] a pessoa mesmo que ficava ali e já se alimentava, ficar dias ou ficar dias não, passar (FRANÇA, 2019, p. 346).

Observa-se a partir dos relatos o uso do terreiro como espaço de subsistência para muitas famílias, realidade desenhada pela própria localidade, pois o terreiro é circundado pelo crescimento desordenado e irregular das áreas urbanas, como muitos terreiros do Brasil, compartilhando dos desafios das regiões urbanas com pouca ou nenhuma infraestrutura. No entanto, o Bate Folha resguarda espaço arborizado, fundamental para o candomblé, como bem pontua a arquiteta e urbanista Márcia Sant’Anna.

No terreiro de candomblé, a área do mato é indispensável à existência do culto, não só porque contém árvores consideradas sagradas, plantas e ervas utilizadas nos rituais, mas porque simboliza a natureza – origem e destino de todas as coisas. Todos os terreiros mais antigos possuem, ou um dia possuíram, uma grande área de mato. Com o crescimento da cidade, contudo, e, em decorrência de a maioria das associações de candomblé não ter a propriedade dos terrenos que ocupam, muitas dessas áreas verdes foram invadidas ou duramente mutiladas. No entanto, terreiros de nação Keto-Nagô, como o Axé Opô Afonjá, e de nação Congo-Angola, como o Bate Folha (Manso Bandunquenqué), possuem matas preservadas, ainda que constantemente ameaçadas por invasões (SANT’ANNA, 2015, p. 08).

A salvaguarda do legado negroafricano realizada pelos terreiros de candomblé em torno dos patrimônios material e imaterial é um dos princípios de manutenção e permanência de uma religiosidade definida pelo amor, comunitarismo, fé e relação com a ancestralidade. Concepção de uma educação que coabita com a cosmovisão afro-brasileira, herdeira do fluxo do processo de entrada forçada de homens e mulheres escravizadas. Dessa imensa desterritorialização humana, teremos pelo Brasil um grande panorama de registros afro-religiosos em todo território nacional que caracteriza a remissão das tradições culturais desde a África às Américas, especialmente na Bahia, tendo como referência valores e linguagens culturais, sociais e religiosas.

A revisão da história e o redirecionamento do olhar de dentro para fora, e não o contrário, das comunidades de terreiro abriu novos caminhos de compreensão da religiosidade afro-brasileira, da luta cotidiana pela liberdade de expressão e, principalmente, pelo estabelecimento de “um continente teórico em que está instalada a vertente civilizatória africano brasileira que enriquece indubitavelmente nossa identidade nacional”, para ainda “superar complexos e

recalques de uma identidade fracionada pelas ideologias neocoloniais”,<sup>135</sup> como diz o prof. Marco Aurélio Luz.

Desse modo e corroborando com a perspectiva do caráter civilizatório africano no Brasil, do desenvolvimento cultural, das condições e relações sociais, artísticas e, inclusive, econômicas, pode-se afirmar e conduzir reflexões acerca da interpretação do mundo e de sua realidade global revelada a partir de um conjunto de valores, ideias, práticas individuais e coletivas que fundamentam e diz respeito a uma origem preservada pelo traslado transatlântico do continente africano para o Brasil. Nesse “caminho de educação e preservação pela ancestralidade”, tomando de empréstimo as reflexões da educadora, prof<sup>a</sup> Vanda Machado,<sup>136</sup> as comunidades de terreiro (re)constróem, enquanto instituição social, identidades ampliadas de preservação da memória coletiva, trocas mútuas, compartilhamentos e etnosaberes preservados pelos mais velhos, respeito às diferenças religiosas e culturais. E, acima de tudo, o equilíbrio entre corpo e espírito, pela relação com o sobrenatural, mediada pela materialidade da natureza: terra, água, mata e ar.

Se no passado as comunidades tradicionais de terreiro eram perseguidas pelo aparato policial, sob a observância do Estado, paradoxalmente, no presente, esse mesmo Estado é o responsável pela criação das políticas públicas voltadas para a proteção, manutenção e continuidade tanto do patrimônio material quanto imaterial, que se dá pelas ações de tombamento e registro realizadas em instâncias municipais, estaduais e no âmbito federal.

A política institucional de preservação do patrimônio no Brasil tem início na década de noventa, com a publicação do Decreto Lei 25, de 30 de novembro de 1937, que estabelece no seu artigo primeiro “o patrimônio histórico e artístico nacional [como] o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (BRASIL, 1937, p. 01).

De modo geral, a institucionalização das políticas públicas de cultura no Brasil, mostram que o conceito de patrimônio cultural, ao longo da história, esteve ligado ao pensamento eurocêntrico e aos seus valores artísticos e estéticos, sendo que no processo de consolidação da identidade cultural nacional brasileira, foram excluídas de reconhecimento e valorização, a

---

<sup>135</sup> Entrevista concedida à editora da Universidade Federal da Bahia em ocasião do lançamento do livro Agadá: <http://www.edufba.ufba.br/2014/06/marco-aurelio-luz/>

<sup>136</sup> Aula magna de abertura do curso de extensão “Gestão e Salvaguarda do Patrimônio Cultural dos Terreiros Tombados”, com o tema “Educação e Salvaguarda, por um habitar os caminhos da ancestralidade”: <http://www.adm.ufba.br/pt-br/noticia/ufba-iphon-lancam-curso-para-gestao-salvaguarda-terreiros-tombados>



identidade, a história, a memória e a contribuição negroafricana e da população afro-brasileira, consequentemente, sua representatividade e pertencimento. Como nos explicita o professor Ordep Serra, “que toca à abordagem do longo período em que, para o Estado brasileiro, o candomblé era essencialmente “caso de polícia” (SERRA, 2005, p. 169).

As medidas de legitimação patrimonial no Brasil passaram, inicialmente, pela proteção oficial de bens coloniais ao período do império e primeira república. Em finais dos anos noventa, o primeiro monumento negro considerado passível de acautelamento pelo Estado, após conturbada definição pela sua salvaguarda, foi o de um terreiro de candomblé. De acordo com o registro do antropólogo Gilberto Velho, relator do tombamento do Terreiro da Casa Branca, em Salvador, “houve dificuldade de aceitação do monumento negro como passível de preservação, em destaque à primeira vez que a tradição afro-brasileira obtinha o reconhecimento oficial do Estado Nacional (VELHO, 2012, p. 237)”. A partir do histórico tombamento do Terreiro da Casa Branca pelo Conselho Consultivo do IPHAN, em maio de 1984, e homologado em junho de 1986, a salvaguarda do patrimônio afro-brasileiro se tornou tema de muitas discussões, contribuindo para iniciativas importantes de serem rememoradas a fim de demarcar a pressão, mobilização e organização da sociedade civil, representada pelo terreiro de candomblé, aos órgãos do estado, a exemplo do importante Projeto de Mapeamento de Sítios e Monumentos Religiosos Negros da Bahia (MAMNBA), ocorrido entre 1982 e 1987<sup>137</sup>.

Do episódio do tombamento da Casa Branca, aos demais caminhos trilhados pelos processos de política de preservação cultural de monumentos negros, destaca-se o tempo decorrido da decisão à promulgação da lei. Tempo institucional que nos apontam para algumas hipóteses, dentre elas, as dificuldades inerentes das condições estruturais para realização das atividades técnicas que compõem o andamento regulamentar para montagem, acompanhamento e finalização. E a outra de natureza mais enraizada na constituição histórica do nosso país, pelo racismo institucional que alimenta um sistema de desigualdade baseado na raça e fenômenos

---

<sup>137</sup> Ação governamental brasileira sobre templos de religiões afro-brasileiras situados em Salvador. Executado a partir de convênio celebrado entre Fundação Nacional Pró-Memória (FNPM) e a Prefeitura Municipal de Salvador e coordenado pelos antropólogos Ordep Serra e Olympio Serra, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), entre os anos de 1982 e 1987, produziu o levantamento de cerca de duas mil sedes de cultos afro-brasileiros na cidade de Salvador. Ainda que o levantamento produzido não tenha sido decorrente de pesquisa individualizada de cada uma das sedes, o projeto dimensionou a numerosa quantidade na capital baiana e possibilitou o tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de alguns terreiros soteropolitanos, como a Casa Branca do Engenho Velho. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto\\_de\\_Mapeamento\\_de\\_S%C3%ADcios\\_e\\_Monumentos\\_Religiosos\\_Negros\\_da\\_Bahia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_de_Mapeamento_de_S%C3%ADcios_e_Monumentos_Religiosos_Negros_da_Bahia)

correlatos às práticas culturais, econômicas, históricas e religiosas de um povo, sendo no Brasil, demarcadamente, direcionada à população negra e de pertencimento negroafricana. Tais permanências nos possibilitam refletir sobre o racismo no âmbito do estado, nas ofertas, serviços e efeitos causados pelos modos de funcionamento das instituições que concedem privilégios a determinados grupos, como também nos fluxos de trabalho, na elaboração e realização de políticas públicas.

Para o jurista e filósofo Sílvio Luiz de Almeida, a discussão em torno das relações raciais amplia a existência de uma ideia do racismo apenas como comportamento individual, já que os princípios discriminatórios são produzidos e difundidos de maneira vigorosa, promovendo a naturalização do hegemônico e eliminando o debate sobre a equidade, pois “as instituições são a materialização das determinações formais na vida social e derivam das relações de poder, conflitos e disputas entre os grupos que desejam admitir o domínio da instituição” (ALMEIDA, 2018, p. 30).

Do tombamento, instrumento mais antigo, instituído pelo Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937, direcionado, principalmente, à proteção de edificações, paisagens e conjuntos históricos urbanos, à promulgação do Decreto Federal nº 3.551/2000, de 04 de agosto, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e consolidou o Inventário Nacional de Referências Culturais (INCR), medidas de acautelamento têm sido adotadas. A exemplo da Lei Nº 8.895/2003 que instituiu normas de proteção e estímulo à preservação do patrimônio cultural do Estado da Bahia, e, em 2004, a formulação de uma política de salvaguarda mais sistemática começou a ser implementada pelo Iphan a partir da criação do Departamento do Patrimônio Imaterial (DPI). Em 2010, instituído o Decreto nº. 7.387, de 9 de dezembro de 2010, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), utilizado para reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Desta forma, um importante debate pode contribuir para um melhor entendimento dos desafios e construção de diferentes maneiras de superá-los.

A compreensão do que é patrimônio cultural na contemporaneidade foi construída e ampliada a partir das ações de preservação e pesquisas na área e também por meio da incorporação de iniciativas de diversos setores da sociedade. Reivindicações inscritas na problemática das políticas públicas para o repertório afro-brasileiro e nas discussões acerca dos direitos dos povos e comunidades tradicionais pelo imperativo da estruturação estatal no desenvolvimento, acompanhamento e defesa dos bens de natureza material e imaterial, ambos

preservados e de grande valor simbólico pelas reminiscências de referência à identidade, à memória e ao pertencimento.

Com relação às comunidades de matriz africana, pode-se dizer que a partir de 1988, com o surgimento do Estado Democrático de Direito, que nasce com a incumbência de garantir os direitos assegurados pelo ordenamento jurídico é que se observa, em Constituição, a relação das problemáticas envolvendo questões como discriminação, racismo étnico e intolerância à diversidade religiosa. O Estado tem garantido apenas a eficácia jurídica do direito à liberdade religiosa e dos direitos culturais, estando ainda por consolidar a segurança social e física tanto do patrimônio quanto da pessoa. Visto que as histórias de violação à liberdade de religiões de matriz africana são uma realidade a ser resolvida, juntamente com as ações contraditórias do Estado no processo de tombamento dos terreiros, sob a análise de narrativas presentes nos processos de tombamento, a conceituação dos bens e das referências culturais, sobretudo, os valores atribuídos aos bens culturais tombados pelo IPHAN.

De modo geral, as políticas culturais no Brasil são marcadas por três tristes tradições, conforme análise do professor Albino Rubim, quando “busca desvendar as tradições conformadas pela trajetória das políticas culturais desenvolvidas pelo governo federal desde a inauguração efetiva das políticas nacionais de cultura nos anos 1930 até o tempo presente” (RUBIM, 2007, p. 101). E com base no percurso histórico de iniciativas, promoções e financiamentos ou a falta disso, estabelece-se que as três tristes tradições são ausência, autoritarismo e instabilidade.

Entretanto, é necessário destacar que avanços significativos no âmbito da política cultural no país foram obtidos na gestão do governo Lula, entre muitas proposições, a exemplo do Sistema Nacional de Cultura e do Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura, incluindo, especial abertura para o campo das manifestações culturais afro-brasileiras. Passou-se a enfatizar a dimensão cultural no plano do cotidiano com inclusão social pela cultura e pelo reconhecimento da diversidade das experiências culturais, principalmente na gestão do ministro Gilberto Gil, na tentativa de colocar em prática valores estabelecidos na Constituição Federal de 1988, Art. 216, nos quais se incluem “as formas de expressão; os modos de criar; fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988, p. 65) .

Nessa perspectiva de pensar o desenvolvimento e a gestão das políticas públicas de cultura voltadas para o patrimônio afro-religioso nas abordagens do material e imaterial para as comunidades de terreiro, ainda frente aos desafios atuais, propõe-se o estabelecimento de diálogos com diversas áreas, na articulação de diferentes formas de produção de conhecimento

na construção epistemológica de convergências que abordam, dentre outros vetores que visam o entendimento da política pública de proteção e preservação do patrimônio cultural brasileiro. Notadamente, o patrimônio das religiões afro-brasileiras, através de uma relação com a herança e legado negroafricano na formação da sociedade brasileira e da luta de preservação desses espaços, manifestações e práticas, como bem registra professora Márcia Sant'anna a partir da gestão construída por meio do diálogo.

ideia de autenticidade ancorada na originalidade e permanência de atributos tangíveis por outra, a seleção e avaliação dos bens culturais imateriais devem estar apoiadas mais em noções de referência cultural e de continuidade histórica, [...] que tome como parâmetro as práticas tradicionais e as dimensões sociais do patrimônio, além dos contextos culturais que lhe conferem significado [...] do que no conceito de autenticidade que tradicionalmente estrutura o campo da preservação. (SANT'ANNA, 2003, p. 9).

Sob a tutela do Iphan, os bens tombados se subdividem em bens móveis e imóveis, entre os quais estão conjuntos urbanos, edificações, coleções e acervos, equipamentos urbanos e de infraestrutura, paisagens, ruínas, jardins e parques históricos, terreiros e sítios arqueológicos. Como qualquer pessoa física ou jurídica pode solicitar o tombamento de qualquer bem ao Iphan, bastando, para tanto, encaminhar correspondência à Superintendência do Iphan no Estado correspondente, o bem a ser tombado passa por um processo administrativo de análise da sua importância em âmbito nacional e, posteriormente, após aprovação é inscrito em um ou mais Livros do Tombo.

Existem quatro Livros de Tombos: o Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico - inscritos os bens culturais relacionados a vestígios da ocupação humana pré-histórica ou histórica; o Histórico - inscritos os bens culturais sejam edificações, imagens; o das Belas Artes - inscrições em função do valor artístico; no das Artes Aplicadas estão inscritos os bens culturais em função do valor artístico, associado à função utilitária.

No caso do processo de tombamento do Terreiro Bate Folha, a solicitação foi realizada a pedido da renomada mãe de santo Estela de Oxossi (*in memoriam*), do Ilê Axé Opô Afonjá, conhecido e tradicional de nação Ketu, na ocasião do seu tombamento. Sua solicitação estava pautada na emergência de tombamento de um terreiro de origem Congo-Angola, de importante representação dos povos de origem do Congo e de Angola e com a existência de terreiros Ketu já tombados, o Bate Folha deveria ter esse reconhecimento pelo órgão.

Tombado em dois livros de tombos, o Livro Histórico nº de inscrição 574; v.2; f. 083-85; data 03/02/2005 e no Livro Arq./Etn./Psg. Nº de inscrição 133; v.2; f. 036-37; data

03/02/2005, o processo sob nº 1486-T-01, o terreiro Bate Folha foi oficialmente tombado em 2003, porém, as inscrições somente foram registradas dois anos depois. Essa temporalidade demonstra a vagarosidade na tramitação dos processos, tanto para efetivação de uma solicitação até a finalização desta.

O processo do Terreiro Bate Folha contém 284 folhas entre ofícios do próprio IPHAN, o pedido de tombamento realizado oficialmente por Mãe Stella de Oxóssi, além das atas de reuniões da comunidade do Terreiro Bate Folha, registros da Sociedade Beneficente Santa Bárbara, assim como as documentações comprobatórias da posse das terras definidas como espaço circunscrito à propriedade do Bate Folha e o laudo antropológico elaborado pelo antropólogo Ordep Serra que colheu informações de membros da comunidade.

Há muito, os terreiros se mantêm de maneira autônoma e independente, tendo muitas vezes, no decorrer da história, que criar estratégias de sobrevivência dada a própria perseguição da aparelhagem do estado, se antes da polícia e dos decretos proibitivos de cultos e toques, agora das intolerâncias e racismo de outros segmentos religiosos e representações sociais. Desta forma, a escolha pelo tombamento acaba por assegurar uma relação com o Estado de Direito e implementam responsabilidades de apoio e reivindicações jurídicas de regulação do espaço. De acordo com o professor Ordep Serra, uma das etapas de tentativa da relação entre terreiros e Estado foi quando ocorreu o reconhecimento do significado histórico desses centros de culto enquanto depositários da memória de um importante segmento da população brasileira, e se afirmou o valor do acervo de bens culturais neles encerrados, representando uma mudança significativa, pois, durante muito tempo não se concebia uma prática preservacionista que contemplasse os bens afro-brasileiros, já que não eram considerados importantes (SERRA, 2005).

**Fig. 16: Filhas e visitantes em frente ao assentamento de Tempo na cerimônia do Tombamento**



**Fonte: Acervo do Terreiro Bate Folha, 2003.**

Passados anos, com conquistas significativas para povos e comunidades de terreiro, o cenário político brasileiro ainda apresenta marcas de um período difícil de reivindicações de direito e aponta para a necessidade de vigilância para manutenção dos já conquistados, dado o risco de retirada dos ganhos obtidos. No entanto, se desde o processo de travessia forçada para terras estranhas, homens e mulheres, crianças, adultos e idosos criaram formas de combate, em tempos contemporâneos novas estratégias serão recriadas para a salvaguarda e manutenção de bens de origem negro-africana. O campo do patrimônio também veio sofrendo modificações, como nos esclarece Regina Abreu e Mário Chagas, a exemplo do Decreto 3.551/00, de instituição do inventário de registro do patrimônio cultural imaterial ou intangível.

Se durante décadas predominou um tipo de atuação preservacionista, voltada prioritariamente para o tombamento dos chamados bens de pedra e cal - igrejas, fortes, pontes, chafarizes, prédios e conjuntos urbanos representativos de estilos arquitetônicos específicos - , o referido decreto pôs em cena uma antiga preocupação de alguns intelectuais brasileiros, entre os quais se destacou Mário de Andrade, qual seja, a de valorizar o tema do intangível, contribuindo social e politicamente para a construção de um acervo amplo e diversificado de expressões culturais, em diferentes áreas: línguas, festas, rituais, danças, lendas, mitos, músicas, saberes, técnicas e fazeres diversificados” (ABREU; CHAGAS, 2003, p. 13).

Na esteira de mudanças e reivindicações, o reconhecimento de bens imateriais, assim como os materiais, faz parte da valoração pela própria comunidade, em que, a partir do diálogo com o Estado realiza o pedido de tombamento e/ou registro. O Terreiro Bate Folha possui em seu histórico de existência muita autonomia em suas ações internas de funcionamento e preservação, porém, há episódios relativos ao relacionamento estabelecido pelo nosso fundador com o poder público para manter os toques e festas em período de repressão, como nos demonstra o historiador Eivaldo Sales Nunes.

[...] deparamo-nos com às relações de proximidade e de amizade entre o Interventor Juracy Magalhães e o sacerdote Manoel Bernardino da Paixão; de Mãe Aninha com Osvaldo Aranha, chefe da Casa Civil do então presidente Vargas; do Terreiro do Gantois com médicos renomados da Faculdade Baiana de Medicina, a exemplo de Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Hosannah de Oliveira. [...] O prestígio social e político dessas casas de santo provavelmente foi decisivo no sentido de conter uma intervenção policial, levando-se em consideração pelo menos até o ano de 1937 (NUNES, 2020, p. 92).

Esse salto no passado ilustra como eram vistas as práticas do candomblé e, que infelizmente, reverberam em tempos atuais com o racismo e seus desdobramentos na sociedade

brasileira, deixando evidente as articulações realizadas pelos terreiros a fim de se manterem abertos. Após todo um período de repressão, perseguições e rechaçamento por parte do estado, não seria tão fácil essa inclusão na política patrimonial material e imaterial, lembremos das circunstâncias do primeiro tombamento do Brasil. No entanto, vários movimentos e relações foram criadas, como experiência das estratégias passadas, com gestores/as que possuem aproximações às demandas dos terreiros e de reconhecimento da importância da preservação ambiental e cultural, com a universidade, organizações não governamentais e movimentos sociais.

No Bate Folha, em 1995, em uma ação da Secretaria do Meio Ambiente, sob administração de Juca Ferreira, houve a inauguração da praça Manoel Bernardino da Paixão, como parte do projeto Jardim das Folhas Sagradas, que, juntamente a outros terreiros, foi considerado ponto de resistência ecológica, mantendo áreas verdes consagradas aos cultos e rituais. Em 2003 com o processo do tombamento, finalizado em 2005, passou-se a ter relação, via patrimonialização, com o IPHAN, passando por uma reforma interna e no telhado da casa principal e do barracão e construção do muro, por conta do tombamento. Com o estado participou da parceria com a Secretaria de Desenvolvimento Rural a construção do espaço para as mulheres. No entanto, de lá para cá, no cotidiano do terreiro, são os/as filhos/as e membros da Casa que a mantêm.

Para a realização da parte social da comemoração do centenário, foi firmada uma parceria com a Fundação Cultural Pedro Calmon do Estado da Bahia com a proposição de realização de seminário, exposição fotográfica, homenagem com o selo comemorativo dos correios e lançamento de uma cápsula do tempo, com a assinatura dos membros da casa e presentes nos dias das atividades, para ser reaberta cem anos depois.

**Fig. 17: Selo de comemoração**



Fonte: Acervo do Terreiro Bate Folha, 2016.

**Fig. 18: Cápsula do tempo**



Fonte: Acervo do Terreiro Bate Folha, 2016.

Fig. 19: Convite/Programação



Fonte: Acervo do Terreiro Bate Folha, 2016.

A programação em homenagem ao centenário do Bate Folha contou com sessão especial na Assembleia Legislativa da Bahia, proponente Deputado Estadual Bira Coroa, no dia 24 de novembro de 2016; missa na igreja Rosário dos Pretos, no dia 27 de novembro, sempre o último domingo do mês de novembro é dedicada uma missa à Santa Bárbara pelo terreiro santa da devoção de seu Bernardino; nos dias 03 e 04 ocorreram no próprio terreiro, a exposição fotográfica da sob curadoria da fotógrafa Marisa Vianna e o seminário com a participação de intelectuais como professora Yeda Pessoa de Castro, professor Ordep Serra, professor José Roberto Severino, professor Erivaldo Sales, Zulu Araújo Camilo Afonso, adido cultural de Angola, Tata Tauá, da COBANTU, Tata Nazazi, do Terreiro Tumbansé e Carla Nogueira, Terreiro Bate Folha, representações políticas, senadora Lídice da Mata, Jorge Portugal, dentre outros.

A oportunidade de realização do seminário no período das comemorações centenário fomentou discussões importantes acerca da preservação da memória para terreiros de candomblé, do debate sobre a proteção patrimonial de bens materiais e imateriais de simbologia



negroafricana, protagonismo das religiões de matriz africana e resistência do candomblé de Angola diante de apagamentos da história dos povos bacongus, de falares do tronco linguístico bantu, no Brasil. Deveras, foi oportuno tratar da preservação do patrimônio cultural e religioso de matriz africana, assim como a salvaguarda das comunidades tradicionais, englobando a discussão sobre racismo institucional e intolerância religiosa. As diversas manifestações realizadas durante o ano foram importantes para firmar o papel do Terreiro em sua atuação na salvaguarda religiosa e revitalizar as estratégias de atuação diante das atuais demandas.

## 5. TRADIÇÃO ORAL NO TERREIRO BATE FOLHA

*Aqui nós temos verdadeiras enciclopédias, mulheres que viveram quatro, cinco, seis décadas que até mesmo antecede a Segunda Guerra Mundial*

*Kota Sualankalá*

A linguagem não é estática, muito menos pré-determinada, como a muito nos foi ensinada como formatada na lógica interna do sistema linguístico, vinculada à concepção tradicional defendida pelo estruturalismo. A linguagem, sendo esse meio de expressar e comunicar ideias, sentimentos e sensações por signos gráficos, sonoros, gestuais e rítmicos, destina-se, dentre tantas representações, a transmitir informações e estabelecer elos sociais.

Ultrapassada a ideia do caráter imutável e homogêneo da língua, a sua aquisição significa mais do que falar e escrever, é efetivar interlocução, estabelecer relações sociais e determinar as formas que pensamos, agimos, expressamos desejos e interesses como meios e ferramentas de leituras do mundo. “É identidade, pois, somos participantes numa rede socialmente definida de relacionamentos, que são reais pelo fato de os laços sociais que os mantêm unidos serem concretos” (RAJAGOPALAN, 1998, p. 34).

A sociolinguística e a etnolinguística - são importantes áreas que ao se debruçarem sobre a variabilidade da língua, destacam os contatos, intercâmbios, conexões sociais, culturais e étnicas, desde os seus aspectos abstratos, até as suas representações situadas no contexto de realização. Afinal, conforme Saussure (2006), “a língua é a parte social da linguagem” e nas diversas situações de fala, concretizadas pelo ato comunicativo, têm-se as possibilidades de ampliação da competência linguística, diferenciadas dos parâmetros fixados na escrita.

Ainda hoje, as línguas africanas faladas no candomblé são utilizadas em saudações, cumprimentos, nomeações, cantigas, usos específicos e gerais da ritualística dos terreiros, o que confere à oralidade importante canal para transmissão dos seus ensinamentos e realização dos ritos na continuidade da tradição religiosa. No geoespaço dos terreiros há significativo repertório de registros orais e históricos de luta, resistência e inserção de uma linguagem própria “de uso cotidiano dos seguidores do candomblé, com sua língua cerimonial e verbalização nos casos de transe e possessão” (CASTRO, 2005, p. 15).

Dentro da comunidade religiosa do Bate Folha, a linguagem é comumente realizada através da transmissão oral que é reelaboração por narrativas do passado para estabelecer ligações com o presente e, ganha sentido para proposições futuras de continuidade pela reconstrução da memória coletiva, coparticipativa de conhecimentos, experiências, modo de

vida, direito ao território e produção de uma história pública e de toda uma linguagem recriada no processo de “africanização do Brasil” (GONZALEZ, 1987, p. 238). Própria do continente africano, principalmente na África Subsaariana, a relação com a oralidade é muito própria, tanto que no campo das literaturas africanas de língua portuguesa, essa tônica foi um paradigma para muitos escritores e críticos literários. A pesquisadora Ana Mafalda Leite, em *Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas* (2014) propõe reflexões a partir das marcas da oralidade que estão presentes nos textos de autores de países africanos de língua portuguesa, trazendo o uso para o plural “oralidades”, distinguindo o modo como lidam com o legado das línguas, em que para boa parte, salvo raras exceções, a exemplo de Noémia de Sousa, o contato com a oralidade não é resultante de uma experiência vivida, mas apreendida e estudada dado, entre outros fatores, pelo distanciamento ao mundo rural, onde prevaleceu muitas línguas locais.

Experiência contrária se dá nos terreiros de candomblé, em que a tradição oral foi remontada, na medida em que a história, a memória e as construções linguísticas de vários povos africanos adentraram, permaneceram e desenharam nossa cultura. Essas mesmas línguas introduzidas no Brasil, por falantes africanos, no período da colonização, foram responsáveis pela formatação atual do português brasileiro, criando marcas diferenciadoras deste para o português de Portugal e levaram ao desenvolvimento de muitos estudos que compõem um vasto e conceituado campo de aporte analítico, de nomes renomados como o de Serafim da Silva Neto, Antônio Houaiss, Alberto Faraco, Câmara Jr, Eugênio Coseriu, Fernando Tarallo, Yeda Pessoa de Castro, Rosa Virgínia Matos e Silva, Dante Lucchesi e tantos outros.

No bojo do movimento de afirmação de uma língua brasileira, no início deste século, Renato de Mendonça (1933) e Jacques Raimundo (1933) chegam a atribuir à influência das línguas africanas a motivação de praticamente todas as características que distinguem o PB [português brasileiro]<sup>138</sup> do português europeu, (doravante PE) (LUCCHESI, 2001, p. 98).

No texto *As duas grandes vertentes da sociolinguística no Brasil (1500-2000)*, professor Dante Lucchesi (2001), em estudo comparativo, analisa as mudanças que ocorreram no português do Brasil sob a afirmação da existência da polaridade entre o português culto e o português popular, de influência das línguas indígenas e africanas, esta última, pela forma como os escravizados aprenderam e difundiram a língua. Fenômeno também tratado por professora Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), sobre a formação sócio-histórica do português brasileiro, considerando a participação do negro africano e seus descendentes como falantes ativos na

---

<sup>138</sup> Grifo nosso.

construção da identidade linguística do Brasil. Professora Rosa Virgínia tece fundamental assertiva sobre porque precisamos compreender a complexa e heterogênea organização sistêmica do português do Brasil, que não gerou uma língua crioula, mas modificou a chamada língua da metrópole portuguesa.

Também queria de antemão afirmar que devíamos superar, para a compreensão do português brasileiro em geral, uma orientação antiga e tradicional, mas ainda viva, que é a de buscar "influências" das línguas africanas no português brasileiro, tal como se faz para a busca das influências das línguas indígenas. Influência envolve uma perspectiva de natureza superficial, tópica, embora significativa e curiosa, mas de caráter aleatório. Buscarei argumentar no sentido de que, com base em fatores sócio-históricos ou da história social brasileira, a "voz" africana e dos afro-descendentes, adquirindo necessariamente, como veremos, a língua dos colonizadores, a portuguesa, como língua segunda, na oralidade do cotidiano diversificado e multifacetado, sem o controle normativizador explícito da escolarização, reestruturou o português europeu, que no Brasil começa a chegar em 1500 e sucessivamente ao longo do período colonial e, no século XIX, em contingentes significativos, com a emigração (MATTOS E SILVA, 2000, p, 13).

Professora Rosa Virgínia também nos oferece caminhos reflexivos para substituições relativizantes do termo influência, que esconde, como diz professora Yeda Pessoa, “descaso ou preconceito acadêmico” (2011, p. 01), quanto à constatação de que o português brasileiro, imerso no contexto multilíngue, resulta da própria base do português europeu, das línguas gerais indígenas e dos falares africanos, estes, em grande medida, alteraram a língua.

Isso se fez sentir em todos os setores, léxico, semântico, prosódico, sintático e, de maneira rápida e profunda, na língua falada, o que deu ao Português do Brasil um caráter próprio, diferenciado do Português de Portugal (CASTRO, 2011, p. 11).

Tamanhas alterações não passaram despercebidas e “a presença africana no português do Brasil”, como afirma Alberto da Costa e Silva, no texto de apresentação do livro de Renato Mendonça (2012), contribuindo com o dado de que em “1789, no primeiro dicionário monolíngue do idioma português, Antônio Morais e Silva já identificava várias palavras de origem africana, como batucar, cafuné, malungo e quiabo, de uso corrente entre os brasileiros”. No prefácio desse mesmo livro, professora Yeda Pessoa de Castro, uma das importantes e renomadas etnolinguistas brasileira, quando presta homenagem ao trabalho realizado por Renato Mendonça, reforça e nos apresenta o conceito de africanias, a partir de robusto estudo acerca do português do Brasil e sua constituição graças às línguas africanas.

Podemos entender africanias como a bagagem cultural submergida no inconsciente iconográfico dos negroafricanos entrados no Brasil em escravidão e que se faz perceptível na língua, na música, na dança, na religião, no modo de ser e de ver o mundo, e, no decorrer dos séculos, como forma de resistência e de continuidade na opressão, transformaram-se e converteram-se em matrizes partícipes da construção de um novo sistema cultural e linguístico que nos identifica como brasileiros. São essas matrizes que, na década de 1930, o diplomata, escritor e pesquisador alagoano Renato Firmino Maia de Mendonça (23/12/1912 – 20/10/1990), em sua monografia sobre A influência africana no português do Brasil, tratou de pontuar na formação da modalidade da língua portuguesa no Brasil, em nossas tradições orais e na literatura brasileira (CASTRO, 2012, p. 15).

Ao tratar de temas recentes da nossa herança africana, professora Yeda Pessoa propõe uma abordagem crítica e distante da visão europeizante dos estudos e pesquisas no Brasil, alargando a compreensão e posição política da constituição afro, “como parte inscrita da nossa identidade cultural e linguística”<sup>139</sup>. Nesse aspecto, trago para o centro de estudo deste capítulo, a particularidade da oralidade e das falas que são preservadas no Bate Folha, não como aporte sistematizado de palavras aqui organizadas, impedida pela restrição de divulgação, mas como trabalho analítico dos efeitos dessa preservação, por ser meio da transmissão dos ensinamentos práticos e dos ritos, assim como do matriarcado de Nengua Guanguacesse.

A oralidade é tratada enquanto repertório afro-religioso que resguarda a competência simbólica, como bem nos ensina a professora Yeda Pessoa em entrevista à Revista de História, veiculada pelo Portal Geledés, quando responde à pergunta: quais situações o português é mais africano?

O nível mais próximo que tínhamos de vestígios de línguas africanas é o das linguagens religiosas: a dos vissungos em Minas Gerais, a do candomblé da Bahia, a da umbanda. A linguagem estava lá, não mais como competência linguística, mas como competência simbólica. Esta foi outra descoberta do meu trabalho: a competência simbólica. Quando as pessoas recebem uma entidade, vamos dizer, Oxum, rainha das águas (eu também sou filha de Oxum), há a saudação “Olele ô”. O que é “Olele ô”? Não interessa, a saudação é aquela. Isso é competência simbólica. No mês de Maria [maio] se reza a ladainha num suposto latim, que não é mais latim: “Regina Coeli, Aleluia, Regina bofetarum”, em vez de profetarum. As pessoas estão cantando para a rainha, então não tem importância: é a competência simbólica. Assisti a um caso muito curioso numa cerimônia no Pelourinho. Era uma trezena – porque na Bahia trezena são três dias, não treze, é um tríduo – uma trezena de Santo Antônio, e teve uma cena inteiramente amadiana [de Jorge Amado]. Lá tinha traficantes, prostitutas, tinha tudo. Primeiro, eles fizeram uma roda de santo para fazer uma feijoada de Ogum, e cantaram com sistema lexical africano. Quando terminou, fomos cantar para santo Antônio: ele estava num cantinho do altar, com aquelas flores azuis e brancas de papel crepom, e eles

<sup>139</sup> Apresentação à Revista científica digital Africanias.com: <http://www.africaniasc.uneb.br/>

começaram a cantar a ladainha em latim acompanhada de tambor. O trecho “Agnus Dei qui tollis peccata mundi” foi cantado “Agnus dê clitóris peccata mundi”. Agnus passou a ser uma entidade que nos deu clitóris. Dizem que quem não sabe rezar xinga Deus, eu não concordo. Quem não sabe rezar que continue rezando dentro de sua competência simbólica, a competência linguística não tem nenhuma importância (CASTRO, 2015).

O domínio da língua falada que fundamenta as práticas tradicionais, enquanto concepção que estrutura as hierarquias estabelecidas em torno da relação com os ensinamentos. No contexto do Bate Folha, em que se pese a linha sucessória ser de pais de santo ao longo de sua história, é relevante a participação das mulheres, das mais velhas, seja pelo quantitativo, pela idade, permanência e experiência nos processos fundamentais da ritualística e manutenção da Casa. As cantigas são ótimos exemplos tanto pela competência simbólica, quanto pelo ensinamento realizado pelas mulheres. Há uma sequência cantada em homenagem a cada Nkisi, iniciada por Nzila, em seguida, Nkosi, Katendê, Mutakalambô, Nzazi, Kavungo, Angorô, Mbamburusema, Ndandalunda, Vunji, Nzumbá e Kukueto, reverenciando as entidades por um repertório linguístico, cantado ora em Kimbundo, ora em Kikongo, de significado coreografado.

Em trecho de uma entrevista concedida ao historiador Erivaldo Nunes, de uma contemporânea de Seu Bernardino, que muito frequentou e participou ativamente da dinâmica do Terreiro Bate Folha, D. Maria Bernadete, podemos constatar em um dos trechos de sua fala, a relevância feminina.

Eu ensinava pela manhã, e sempre que podia ia com Bernardino para roça. [...] E quando chegávamos à roça, encontrávamos com Zezé. Era ela quem cuidava da roça. Foi a pessoa de confiança de Bernardino. [...] ela era a pessoa de confiança do fundador da Casa. Bernardino sempre deixava as orientações prá Zezé realizar na roça, pois ele atendia em sua casa na Rua da Lenha, no Bonfim, mas os “trabalhos” eram executados na roça do Bate Folha. Eu lembro que sentávamos no “banco da paciência” e enquanto Zezé preparava as coisas, ele ficava cantando [...] logo depois ele descia para oferecer as obrigações nos assentamentos e depois disso, voltávamos para o Bonfim. Isso era comum com ele (BERNADETE apud NUNES, 2017, p. 201).

A divisão de tarefas é ainda preservada no Terreiro Bate Folha, cabendo às mulheres uma série de atribuições, assim como aos homens, tão quanto às funções que são destinadas às makotas, aos tatas e muzenzas. No entanto, cabe destacar que as mulheres lhe são reservadas as maiores realizações, desde a preparação da comida, organização das vestimentas, ornamentação do espaço e cuidado aos Nkisis. Em muitos aspectos, o processo da liturgia se desenvolve pelas mãos das mulheres, que vão do gestual de cada cerimônia, aos ensinamentos

e entoar das cantigas, danças e alimento a ser ofertado com as suas requeridas variedades, a depender da ocasião.

Ao tratar do feminino, da mobilização das mulheres nos papéis desempenhados no terreiro, a própria entidade, MBamburusema Nvula, dona do solo sagrado, energia detentora da vitalidade e das coexistências físicas e imateriais, é feminina. Feminino que carrega em torno da sua mitologia, a força da natureza atrelada ao poder dos ventos que reconduz caminhos e trajetórias em plena renovação da vida. Consta no mito fundante do Bate Folha a narrativa de significação simbólica de amplo conhecimento de que a própria entidade escolheu o terreiro para ser seu templo e abrigar filhas e filhos, Nkisis, caboclos e entidades. Sentido expresso no próprio nome da Casa *Manso Banduquenqué* que, de acordo com a análise da professora Yeda Pessoa, pode significar Manso = coletivo de casas e Banduquenqué = Bandu (banda=família/descendentes) e Quenqué (elemento que remete à dona da casa, de relação direta ou vinculada ao diálogo com denominação Jeje).

Transmitida de geração em geração, a autenticidade deste fenômeno remonta à origem do terreiro, transmitida pela expressão da linguagem falada pelas mais velhas. Mulheres detentoras de saberes e papel comunitário com funções definidas, seja pelo Nkisi que traz em sua cabeça ou habilidade desenvolvida com o passar do tempo, a partir das diferentes vivências, sobretudo, pelo fato de muitas já terem mais de quarenta e cinquenta anos de iniciadas. Período de acúmulo de conhecimento sobre comida, vestimenta e preceitos dos Nkisis a que são responsáveis, de modo geral, atende à coletividade e/ou especificidades de cada ciclo de obrigações calendarizado no Bate Folha.

Como nos aponta na epígrafe que abre o presente capítulo, Kota Sualankalá situa o tempo de vida dessas referências femininas que atuam ativamente no terreiro, remetendo ao episódio da segunda guerra mundial para destacar o transcurso dessas mulheres e as experiências adquiridas, reconhecendo o potencial transformador dessa convivência, quando as chamam de “verdadeiras enciclopédias”, pois são as mães criadeiras, as cuidadoras e responsáveis pelo repasse do que aprenderam outrora. Conforme a tradição oral, o predomínio feminino compõe a dinâmica do terreiro, que, em paralelo às lideranças masculinas, possui tanto na entidade fundante e nas demais sustentações que estruturam a Casa, a atribuição de guardiãs da cultura, sendo efetiva a participação na performance ritual da dança, do cântico e da incorporação, inclusive, na integração entre homens e mulheres, muito embora exista a definição de papéis, que de certa forma, revelam a própria história dos antigos falantes.

Ângela Davis ao nos dizer que "quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela", amplia um discurso iconicamente usado para ilustrar

aspectos revolucionários da participação da mulher negra em diversos campos sociais que provoca a desestabilização do sistema neoliberal, capitalista e patriarcal. Essa elaboração intelectual e de militância feminista negra, serve-nos, também, para não pensar as categorias de forma isolada, pois estão conjugadas a uma mesma estrutura de análise, possibilitando aproximar a trajetória de Nengua Guanguacesse à participação de outras lideranças femininas no próprio terreiro, na preservação das tradições do candomblé e as determinações pré-estabelecidas no trato diário da ritualística. É interessante notar que as narrativas da tradição oral do Bate Folha não se apresentam contraditórias, mas complementares. Talvez pela abordagem constante de difusão das tradições, contribuindo com o fato das transmissoras terem testemunhado fatos, vivenciado momentos e frequentarem, até habitarem, o espaço durante décadas. Kota Nedembu é um dos exemplos de demarcação dessa vinculação com o terreiro.

Eu praticamente nasci aqui. Eu praticamente nasci aqui. Que a minha mãe me contava quando já estava quase nos dias, então aí mandaram ela ir pra casa e aí, eu vim bebê acho, que logo depois do resguardo eu já estava aqui. Então ficava, vinha e voltava, vinha e voltava, até que eu vim morar, quando a nossa casa caiu. Mas toda a minha vida, toda a minha infância, quer dizer, eu tinha a minha casa também, mas eu passei uma boa parte da minha infância aqui. Aqui dentro [...] Cresci aqui. É por isso que até meus 15 anos, 16 anos, eu estava aqui direto. Quer dizer. Quando tinha festa, nós vínhamos e voltávamos. Aí depois, fiquei direto, porque não tinha onde morar. Ficamos aqui desde 1949 até julho de 1950. Direto (LIMA, 2016, p. 227).

As narrativas apresentam aspectos da realidade experimentada pela escuta, as quais contribuíram para a perspectiva de pensar vidas e caminhos que atuam no enfrentamento cotidiano da problemática racial, econômica, religiosa e linguística nos territórios. As pessoas e suas narrativas, atravessadas pela interface do patrimônio vivenciado, que convergem para o mosaico da diversidade geracional interna do terreiro, direcionaram a pesquisa para a importância da interdisciplinaridade, trabalhada desde o percurso inicial e em constante diálogo com a interseccionalidade, criando chaves de leitura para melhor compreender os embates perante as desigualdades e discriminações. E por falar em interseccionalidade ou como esse conceito opera no presente texto, pela análise contextual de religiosidade de matriz africana, não se pode deixar de citar a contribuição de Patricia Hill Collins, bell hooks e Kimberlé Crenshaw na reivindicação de categorias analíticas que revisasse a identidade homogênea dada à mulher, considerando as diferenças socioeconômicas e existenciais.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o



patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Olhar para os marcadores sociais e interações ocorridas na vida dos membros do terreiro, pessoas da classe trabalhadora, em sua maioria negras, moradores de bairros populares e que têm no candomblé o elemento constitutivo do ser, torna-se ferramenta analítica na e para compreensão de como o Terreiro Bate Folha, Nengua Guanguacesse e as relações ali existentes atuam como força simbólica de luta diante das adversidades. Possibilitando, inclusive, trazer para o espaço de debate formas de resistência e modos de existir que estão em permanente combate às diferenças disseminadoras de desigualdades. Os relatos das mais velhas retratam as diversas formas de sobrevivência e de trabalho como demonstram comportamentos e pressões externas que são combatidas com pertencimento, salvaguarda e zelo. Importante ressaltar acerca do cuidado, na concepção e manutenção do terreiro, que emerge da autorização, maternidade, paternidade e irmandade, as quais influem diretamente na limpeza do espaço, na preservação da mata, nos atos de rezar, aconselhar, curar, fazer renascer e de pensar em meios sustentáveis para a comunidade, que interagem e influenciam nas mediações entre tradição e contemporaneidade no candomblé. Quanto a esse aspecto, Ana Amélia Bispo dos Santos, dijina dia Nkisi Sualankalá, aborda hierarquia e experiências, acreditando serem elementos que se entrecruzam na dinâmica do Terreiro Bate Folha.

Hierarquia no sentido de aprendizagem. É necessário que você tenha anos de experiência pra que você de "A" seja "2A". Embora algumas pessoas hoje aprendam já bem cedinho, mas é necessário que você tenha uma experiência de vida, você tenha vivência pra saber que isso você só vai adquirir com o tempo; com certa idade. Então, hierarquia nesse sentido pra mim é muito positivo; não como uma ratificação do poder. Eu sou mais velha e vou me sobrepor sobre você pelos anos de mais velha que tenho sobre si, mas, os anos de experiência que você tem sobre mim com certeza falam mais que os meus. Então, assim sendo, eu tenho que respeitá-la, claro e evidente. Mas a minha história é breve, frente as minhas mais velhas, eu sou uma vírgula, uma vírgula na história (SANTOS, 2016, p. 323).

A perspectiva de hierarquia conjugada às práticas locais de encontros com um mundo de lógicas e percepções distintas, faz prevalecer as experiências e os saberes adquiridos no percurso de vida das mais velhas, conforme nos ensina Sualankalá, pela prática, sobretudo, experienciada em sua iniciação. Todo um esforço coletivo restaura singularidades culturais que sobrevivem há mais de um século com seus modos preservados de lidar com a tradição e de

construção de estratégias para atuar frente aos novos desafios apresentados pela atual geração. Preservação obtida pelo diálogo temporal, mas modificada pelas dinâmicas apresentadas de acordo com as exigências de uma realidade em que "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 1998, p. 15).

### **5.1 Vocabulário preservado na ritualidade da fé**

Durante a pesquisa no terreiro, acerca da liderança de Nengua Guanguacesse, a oportunidade de vivenciar o cotidiano do trabalho, observar a divisão de tarefas, as relações estabelecidas entre muzenzas, makotas, tatas e frequentadores e frequentadoras, além de ouvir as narrativas biográficas. Metodologia criada pela aproximação enquanto pertencente ao terreiro e que possibilitou analisar a linguagem como importante aliada às reinvenções das tradições e de vinculação com uma África mítica e intercultural, pelo uso de falares do Ketu e Jeje, remontando as relações construídas por Seu Bernardino com outros terreiros, como bem constata o historiador Erivaldo Sales Nunes e em registros de Édison Carneiro e Ruth Landes.

O uso de uma linguagem que estabelece comunicação com o Sagrado, que define objetos, alimentos e todo um conjunto de realização simbólica à sobrevivência de falares do tronco linguístico banto faz de Nengua Guanguacesse uma importante guardiã dos significados das palavras, dos contextos de uso e de suas pronúncias. Há o momento para cada entoada de voz, movimentação de corpo e concentração, pois a escuta é preponderante na aprendizagem no terreiro, já que está diretamente conjugada à experiência da percepção e possibilita a continuidade da tradição. No trabalho apresentado por Tiganá Santana Santos, em sua tese de doutorado *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil* (2019), em que trata dos princípios filosófico-culturais do pensamento bantu-kongo, por meio da tradução em sentenças de linguagem proverbial, encontro ressonância em práticas encontradas no Bate Folha.

Dos conceitos tratados no texto do filósofo e músico Tiganá Santana associa as correspondências no contexto sócio-religioso do Bate Folha que liga a comunidade religiosa viva (matéria) aos seus ancestrais e Nkisis (espiritualidade). Muitos aspectos não têm caráter estável, considerando a natureza dinâmica e relacional das experiências coletivas, no entanto, na lógica da preservação do tradicional, luta-se pelas permanências, mas com a nítida observação das mudanças que ocorrem, sem afetar a raiz fincada por Seu Bernardino. De efetivo pensamento aglutinador, de circularidade vivencial no modo de aplicabilidade religiosa nas

obrigações e estada no terreiro, formata-se um fixo sistema de compromissos e definições existenciais a partir da vinculação com o Sagrado.

São encontros de renovação coletiva, de dimensão transcendente que garante experiências humanas de janeiro a dezembro, configurando-se como fato social que mobiliza as pessoas a estarem ali e a reproduzirem, por meio da repetição, elementos imaginados coletivamente porque querem que aconteça e se dedicam à organização do ambiente físico do terreiro, à preparação física, na sua integralidade: cabeça (espaço de repouso do Nkisis) e corpo (estrutura utilizada na performance da dança). As festas também são formas de resguardar a tradição, mantendo-se a transmissão dos sons, toques, danças, rezas, cantigas, comidas e vestimentas, cultivando o sentimento religioso.

Em outro texto acerca das considerações sobre a língua Kikongo, Tiganá Santana (2018) faz importante destaque sobre o que o aproxima de lá (países africanos) está ligado ao contato estabelecido com o candomblé. Ao que foi preservado pela linguagem ritualística, possibilitando estabelecer paralelos e conexões aos modos de compreensão da realidade circundante observados pelos afetos que nos percorre.

O que chamamos aqui de caráter afetivo da relação com o kikongo é, principal e desveladamente, advindo da nossa ligação com a tradição religiosa afro-brasileira do Candomblé, especificamente, de linhagem denominada Congo-Angola, a qual representa um importantíssimo núcleo de preservação do comportamento existencial-cultural africano no Brasil, conforme já estudado em distintos campos acadêmicos (SANTANA, 2018, p. 105).

Como vimos mais detidamente no terceiro capítulo, o candomblé serviu de base para os estudos que se debruçaram sobre as experiências africanas no Brasil. Da linguagem convencional à musical, do comportamento cultural e religioso ao social, tem-se a religiosidade afro-brasileira preservada nos terreiros, saindo desse manancial, o vasto repertório de trabalhos e pesquisas acadêmicas e não acadêmicas no país e fora dele. No Bate Folha, o contato com o vocabulário e sentenças mais longas, de compreensão das cantigas e rezas, tanto em kimbundo quanto em kikongo ocorre em torno da linguagem litúrgica. Para tanto, recorro aos importantes estudos da professora Yeda Pessoa de Castro, quando explica que a “língua deve ser entendida mais como veículo de expressão simbólica do que propriamente de competência linguística” (2005, p. 80).

Para Laura Álvarez López (2004), a expressão simbólica “quer dizer que o falante pode reconhecer uma expressão, a própria forma da linguagem, e saber utilizá-la de acordo com suas funções sociais em situações adequadas, mas ignorar o seu significado exato” (2003, p. 13). No

entanto, observa-se que em muitas situações essa língua escapa do âmbito ritual, transitando ao ordinário das falas, a exemplo de Nzambi, Nzambi Ampungo, Dilonga, Muilo, Makuiu, Kuzundiô, Aweto, Nzambi Ua katesá, Makota, Tata, Muzenza, entre outras. Palavras codificadas e decodificadas, que, dentre tantas outras, são comunicadas na experiência interna da Casa, porém, “seu uso é circunscrito a um sistema lexical de base africana relacionado ao universo religioso dos recintos sagrados onde se desenrolam as cerimônias do culto, e já modificado, em sua origem, pela interferência da língua portuguesa no Brasil” (CASTRO, 2005, p. 80). Não perde seu caráter de organização sócio-religiosa, porque nasce desse espaço de características definidas pela descendência africana, sendo simbólico mediante o significante representado.

Em virtude do acesso a dicionários e estudos das línguas kimbundo e kikongo, consegue-se aproximar significados e ratificar correspondências históricas e religiosas, percebendo, inclusive, as modificações encontradas por conta das variações linguísticas do português, conforme cita a professora Yeda. Como exemplo temos a palavra falada no Bate Folha *Ungira*, para definir o Nkisi dos caminhos e da comunicação entre mundos, sendo encontrada as palavras *Nzila* (Kikongo)<sup>140</sup> e *Njila* (Kimbundo)<sup>141</sup>, todas com os mesmos significados. Observadas as traduções comunicadas no Bate Folha e as dos dicionários, o vocábulo possui relação com o seu significado, mas com pronúncia já modificada pela variação, tendo o simbólico alimentado pelo vivido no presente a partir da aquisição pela tradição oral, adquirida no passado e reintegrado pelos significados explicados pelas mais velhas. Mas, para que todo esse processo seja comunicado, a transmissão do conhecimento no candomblé é apreendida pela experiência social e de convívio comunitário, como bem nos lembra Kota Keriguanum, dijina dia Nkisi de Marinalva Bispo dos Santos. “Porque a gente começa a ver o que é o candomblé vivendo” (SANTOS, 2016, p. 325).

As histórias, as cantigas e rezas, assim como toda uma prática experimentada no dia a dia, são compromissos vinculados às formas de cuidado aos Nkisis, ao terreiro e às pessoas. As falas, orientações e direcionamentos, muitas vezes emitidos por provérbios, compõem um conjunto de estratégias a fim de manter regras, modos de agir e maneiras de preservar a memória ancestral que representa a constituição do lugar e do pertencimento de cada membro integrante. Acerca desses modos e compreensão dos ensinamentos apreendidos no Bate Folha, Kota Sualankalá, expressa, com sensibilidade, sua observância acerca do reconhecimento dos

---

<sup>140</sup> LAMAN, K.E. Dictionnaire Kikongo - Français avec une étude phonétique décrivant les dialectes les plus importante de la lengua dite Kikongo, 1931, p. 827.

<sup>141</sup> ASSIS JÚNIOR, António. Dicionário Kimbundu-Português. Luanda: Argente Santos e Comp.,[s.d.], -. 352.

processos de decifragem das leituras apresentadas pelas mais velhas, de vinculação com sua própria história, que não é só individual, também é coletiva, na medida em que é compartilhada.

[...] e eu fico... eu mesma me sento, ouço a história dela, e tem uma pessoa que me criou que não está mais entre nós, que é mãe Kiuandala, eu fui recolhida e fiquei três meses recolhida, três meses. E toda vez que chegava assim: "Minha mãe, falta muito tempo pra eu ficar aqui?" Ela: "Minha filha, falta menos do que faltava." E aquilo me corroía as vísceras; ai meu Deus. Eu: mãe Kiuandala não fala isso, troca a frase. Porque isso tá me matando. E depois que eu ouvi isso durante três meses no último dia que eu sentei no banco, pequeno, e minha mãe disse pra eu ir embora e eu chorava copiosamente. Eu acho que chorava eu, Nkisi, Vunje, Caboclo... Aí ela: "Minha filha pare de chorar." Aí eu me dei conta que eu não queria ir embora. "Eu não quero mais ir embora, eu queria ir embora mas não quero ir mais embora." E chorava, chorava, e não era aquela coisa forçosa, sabe? As lágrimas vertiam meus olhos assim... mas foi bom, foi bom, é bom, é bom, é bom ser de candomblé, é bom viver no candomblé, é bom viver no candomblé quando você entende que você faz parte dele, ele não... ele não é um produto de venda; é como se houvesse uma dialética entre você e o candomblé e que ele girasse e você gira em torno dele e vice-versa. A energia vai com você, o Bate Folha não sai de mim quando eu não estou aqui (SANTOS, 2016, p. 323).

Carregada de significado simbólico, a oralidade é preservada no contexto religioso, enquanto linguagem cifrada de conhecimentos e arcabouço cultural que se reatualiza por parte dela. Sabidamente, resultante da herança africana no Brasil, o elemento oral não é simplesmente emitido, as palavras têm poder e movimentam as energias que nos circundam a todo o tempo. São repetições de “testemunhos transmitidos verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas.” (VANSINA, 2010, p. 140). No Bate Folha, esse legado perpetuado por meio da oralidade, cria vínculos afetivos e destaca as recorrências observadas pelas filhas e filhos da Casa, conforme relata, Kota Xiamuene, Anália Maria Passos de Oliveira, irmã de barco de Kota Sualankalá, a qual reforça como as histórias sobre os tempos antigos são contadas, estabelecendo ampliações discursivas, de formato próprio, em torno do patrimônio afro-religioso.

[...] é costume a gente ouvir, passar de um para o outro as histórias do Bate Folha. Essa questão de buscar água lá embaixo, na Fonte da Telha, de jegue, e aí estão aqui os meus mais velhos, que estava a mãe Keriuankê, aqui antes, que criou muitos barcos, inclusive o meu, e que lavava pra gente, cozinha e que eu ia na Fonte da Telha lá em baixo pra buscar essa água. Então é costume, é relato a gente ouvir. A minha própria mãe, o caminho dela e de todas era por essa Fonte da Telha, pelo Bom Juá, aqui pra baixo, e que elas soltavam no Retiro e subiam a pé até aqui. Então é costume a gente ouvir esse relato desses mais velhos. (OLIVEIRA, 2016, p. 260).

Ao reconhecer outros espaços temporais como uma herança familiar do terreiro, Kota Xiamuene ressalta o compromisso dos mais velhos com os mais novos na transmissão dos conhecimentos, tanto histórico, quanto ritual: “[...] eles têm aquele cuidado de ensinar, de passar corretamente, na época certa, tudo direitinho. E a gente aprende, basta você querer. Agora, no período certinho sabe, eles têm muito cuidado em ensinar” (OLIVEIRA, 2016, p. 261).

Apoiando-me mais uma vez no historiador Vansina, sob a afirmativa de que “A oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (2010, p. 140), observa-se que no Bate Folha há na ritualidade da aprendizagem o período de maturação para a realização “ao seu tempo”, de determinadas atividades e acesso a espaços de memórias na co-participação de uma história partilhada, não somente pelo ato de lembrar, mas principalmente, pelo ato de educar, orientar e prevalecer uma organização definida pela raiz de origem negroafricana vinculada, senão a uma entidade, à figura material da mãe ou pai de santo, criada pela família ancestral que transporta ao imaterial, contido no gestual, na ritualidade da música, do toque e da dança, uma linguagem que viabiliza a observação não somente de vestígios, mas de falares das línguas Kimbundo e Kikongo, ainda usadas no Bate Folha, mesmo que de forma direcionada na ritualística. Denominada pela professora Yeda Pessoa de Castro (2005) de língua-de-santo (N1 ou LS), que classifica o português falado pelas comunidades de terreiros de língua-do-povo-de-santo (LPS). Nessa questão foi fundamental a mediação de Nengua Guanguacesse e de outras filhas e filhos de santo do terreiro.

Ciente de que as línguas-de-santo (LS) são circunscritas ao religioso de cada terreiro, interessa-me aqui, perceber o que do tronco linguístico banto é recorrente no Bate Folha, quais efeitos predominantes desses falares são encontrados e a prevalência destes na hierarquia estabelecida pela força resistente das mais velhas, pois, entender a origem, os significados da língua para a comunidade afro-religiosa e suas influências no português falado no cotidiano na Bahia, é de suma importância, tanto que professora Yeda Pessoa já o fez e muito bem, tornando-se referência obrigatória.

## **5.2 A dijina representada na identidade do Bate Folha**

O principal cumprimento entre filhos e filhas no candomblé de modo geral, e, em específico no Bate Folha, é pedir a bênção de acordo com a saudação de sua espiritualidade. Ainda se mantém viva, as formas de denominação que relacionam o sujeito ao Nkisi e, com isso, se preserva um vocabulário que está intimamente ligado às origens africanas correspondentes.

Assim como há sentido de pertença por meio da bênção, o ato de nomear após a iniciação é uma outra constituição de pertencimento identitário. E essa noção de pertencimento, enquanto crença subjetiva de uma origem comum, liga pessoas, expressa valores e estimula sentimentos de relação com o lugar certo e do sentido que se adquire às vinculações estabelecidas, seja de cunho pessoal, herança familiar ou ancestral.

Dona Olga Conceição Cruz é comumente conhecida por Nengua Guanguacesse, o Sr. Cícero Cerqueira Lima, por Tata Muguanxi, e assim, a cada processo de renascimento há afirmação pela linguagem a partir de um novo nome que te vincula ao Nkisi, ao terreiro e a toda ancestralidade que conforma um enredo ancestral. Eu, Carla Maria Ferreira Nogueira, no processo de produção do doutoramento, fui iniciada em 2018, e passei a ser chamada por Mukua Muiji, novo nome após minha confirmação<sup>142</sup>. Denominação que carrega todo um significado vinculado à história de que se está ligada, fincada no solo sagrado do terreiro, ao continente africano, assim como cada pessoa se religa ao seu conteúdo simbólico pela memória ancestral.

Dijina, palavra da língua kimbundo que significa nome, constitui-se em enraizamentos linguístico, histórico e de constante diálogo significativo com as origens ancestrais estabelecidas em sua denominação. O novo nome que a pessoa adquire ao ser iniciado no Bate Folha lhe confere confiabilidade, confirmação e reconhecimento identitário, além de restrita junção com o dono ou a dona de seu mutuê<sup>143</sup>. Autoafirmação observada no período das entrevistas, conforme quadro do quarto capítulo (pgs. 147-150) em que há o registro do nome completo e dijina das pessoas entrevistadas, as quais se apresentavam por sua dijina e nome de registro. E aqui se destaca mais uma característica de natureza da tradição oral e de carga simbólica do terreiro, pois a dijina é pronunciada pelo Nkisi. É dita em cerimônia pública por uma entidade, não é registrada em documento como a certidão ou o registro geral, no entanto, inscreve-se em outro repertório de reconhecimento de si pelo nome que identifica à comunidade religiosa, reforçando o lugar de atuação de cada membro que compõe o Bate Folha pelo lugar que ocupa e prestigia. Recordo-me de não saber o nome de algumas pessoas que fizeram parte da minha infância e que no processo de pesquisa, obtive acesso aos seus “verdadeiros” nomes. A exemplo de Kota Molongá, Kota Kiuanguiá e Kota Jigambé (*in memoriam*), aos seus respectivos nomes de batismo Estela, Valdelice e Maria de Lourdes, dentre outras que são conhecidas exclusivamente pela dijina, legitimando a valorização no interior da comunidade religiosa e conservando, assim, a linguagem do candomblé.

---

<sup>142</sup> Cerimônia de iniciação à Makota ou Tata

<sup>143</sup> Mutuê: cabeça em Kimbundo

Por intermédio dessas reflexões acerca da identidade, a partir do ethos encontrado no Bate Folha de compartilhamento de crenças e características coletivas fundamentadas na interação de dimensões da vida social, um trecho do texto de professor congolês Kabengele Munanga, *As facetas de um racismo silenciado* (1996), ilustra bem a tentativa de compreender o pertencimento religioso, que é também étnico e racial.

Bem, a busca da identidade, no nosso caso no Brasil, apesar da importância, não é coisa fácil, é problemática. Essa identidade passa pela cor da pele, pela cultura, ou pela produção cultural do negro; passa pela contribuição histórica do negro na sociedade brasileira, na construção da economia do país com seu sangue; passa pela recuperação de sua história africana, de sua visão do mundo, de sua religião. Mas isso não quer dizer que para eu me sentir negro assumido eu precise necessariamente frequentar o candomblé; não quer dizer que eu precise escutar o samba ou outro tipo de música dita negra. Trata-se de um processo de consciência. A partir do momento em que se valorize essa religião, essa música, essa arte como cultura diferente e não inferior às outras culturas, isso basta para construir uma identidade positiva (MUNANGA, 1996, p. 225).

O que o professor Kabengele denominou de consciência pela valorização, identifica-se também pela vontade de querer estar ali, o desejo de participar e contribuir; ajustando as diferenças e posicionamentos conflitantes em nome de uma coletividade que se denomina tradicional, pois se reconhece pela forma de organização e ocupação do território, pelo desenvolvimento de práticas transmitidas pela tradição oral, de validação ancestral e usufruto dos recursos naturais de maneira sustentável. Outro aspecto atrelado ao pertencimento ao candomblé do Bate Folha e de suas respectivas mudanças de vida é a dignidade adquirida por aceitação a Nkisi. Um pouco do que expressa Kota Vulamean, Sr<sup>a</sup> Ivone Albertino dos Santos.

Na minha vida tem uma importância muito grande, porque a minha vida mudou, eu não era assim esse tipo de pessoa, até financeiramente... não conseguia emprego, eu trabalhava, eu sofria muito, porque eu trabalhava de doméstica, não ficava, ficava um dia aqui, um dia ali, e depois que eu fiz meu santo, tem essa importância muito grande, hoje eu tenho um emprego, agradeço também ao meu irmão, aqui, meu pai, porque a navalha foi a mesma, porque eu tava cansada de vender, eu vendia coisas na rua, pra sobreviver, pra criar meu filho e através dele eu consegui um emprego. E também desse terreiro maravilhoso, que me ajudou muito, depois que eu fiz meu santo minha vida mudou, eu tenho boas coisas pra contar daqui, tudo mudou pra mim, a casa que eu morava, não era como aquelas casas que eu morava, às vezes não tinha nem as coisas direito dentro de casa pra sentar, um banco, uma mesinha, eu agradeço ao Bate Folha e ao meu santo que eu raspei e pintei (SANTOS, 2016, p. 240).



Essas correlações são identificadas na grande maioria das entrevistas das mais velhas aos mais novos, a consciência e a identificação positiva compõem a estrutura psíquica de quem frequenta o lugar. Entendendo que as relações estabelecidas no terreiro são compostas por identificações em torno da preservação do patrimônio, compreendidas na simbologia que reforça o pertencer, estar contido, fazer parte, e essa inserção movimenta toda uma dinâmica de vida, inclusive familiar. O levantamento realizado por Erivaldo Nunes (2017) dos barcos de iniciação de Seu Bernardino a Tata Bandanguame, com detalhamento do período e dijinás, representa o marco temporal e representação de cada nome, mantendo a reafirmação de valor ao Nkisi e ao solo sagrado, o qual pôde ser reforçado nos cem anos do Bate Folha, e registrado por meio do audiovisual.

### **5.3 A narrativa oral e o audiovisual no Bate Folha**

Uma das primeiras formas pensadas para comunicar a celebração do centenário do Terreiro Bate Folha foi por meio de gravação. Ainda sem saber ao certo como essa ferramenta seria disponibilizada e se seria a estratégia mais viável a captar o interesse da Casa que estava descrita desde o plano de salvaguarda, como sendo falar sobre si, sobre o sentimento de pertencer a um terreiro que completaria cem anos de existência.

O registro do protagonismo dos membros do Bate Folha em período de revisitação sobre a importância do lugar e todo significado que representa, foi possibilitado pelo audiovisual. A partir de uma metodologia que envolveu a compreensão da proposta, elaboração de roteiro e combinação entre imagem e áudio, o relato dos filhos e filhas do Bate Folha pôde ser registrado pela perspectiva da história oral em conjunto com o audiovisual, que se constitui como meio moderno de documento histórico e arquivo, apresentado pelos múltiplos sentidos da fala e da escuta. A técnica de entrevista semiestruturada foi direcionada por um roteiro definido pela participação essencial das mais velhas para as entrevistas do “Bate Folha por Bate Folha”, assim, chamamos os depoimentos, conduzido com cuidado e respeito, flexibilidade às questões abertas para que fossem expostas lembranças que marcaram suas histórias. Pensada em abarcar toda a participação do terreiro, sem excluir nenhum participante, os blocos mulheres, homens e crianças reunidos compuseram a escuta dos mais jovens e também de não iniciados, mas que possuem histórias com o terreiro. No entanto, por questões adversas muitas pessoas não conseguiram participar. A primeira perspectiva foi apresentar um histórico do terreiro no primeiro dia do evento do centenário, contudo, essa ideia evoluiu para a entrega de um trailer

curto, que também funcionaria como vídeo de divulgação prévia à imprensa local do lançamento do documentário.

Estas experiências se aproximam da tradição oral tão bem familiarizada pelo terreiro quando recupera a produção de sentido na própria voz dos sujeitos envolvidos e por isso o uso dessa ferramenta se tornou relevante e vem sendo reafirmada como meio de preservação da memória pela possibilidade de estratégia de comunicação via som e imagem, não somente um ou outro, mas os dois, por mediação da tecnologia empregada. Ainda, se quisermos ampliar as formas de interpretação sobre o processo de fala e escuta, a experimentação do Bate Folha tem deixado marcas positivas ao abordar a construção da autoimagem comprometida com a formação do acervo do próprio terreiro. Na verdade, constitui-se de base metodológica para sua organização, inclusive, de entrada nas redes e canais.

O material resultante da transcrição das 47 falas dos membros do Bate Folha serviram como composição analítica para compreender o tempo presente imerso nas significações do terreiro, de sua matriarca e de toda uma estrutura que se quer presente em meio às mudanças temporais. Por já ter explorado cada discurso, influências e elementos interpretativos, pretende-se, agora, ocupar essas parcas e introdutórias linhas sobre um dos métodos de investigação e sua repercussão dentro e fora do terreiro. Sendo assim, mais uma aprendizagem provocada pela interface da interdisciplinaridade proporcionada pela atuação consolidada entre pesquisa, ensino e extensão.

Da inserção ao doutorado, do processo apreendido entre aulas, tirocínio e extensão, o trabalho desenvolvido pela Agência Experimental de Comunicação e Cultura (AECC) foi decisivo para a conseguida configuração do centenário e composição de material para esta tese, a qual ganha amplitude pelo significado que a própria Nengua Guanguacesse dá ao terreiro, pois, sem ele, nada seria possível. Dessa forma, passa a fulgurar no território moderno do Bate Folha a familiaridade com o audiovisual, repercutido pela participação da comunidade e que ganha novos contornos a partir do interesse de pensar novas formas de atuar socialmente, desta vez, com formação, preservação patrimonial e divulgação de imagem positiva sobre o legado negro na Bahia, firmada pelo compromisso da instituição descrita no documento inaugural da Sociedade Beneficente Santa Bárbara, de 1920.

Nesse percurso de início da pesquisa doutoral e atuação da agência experimental, o Bate Folha gerou seis produções de documentários ligados direta ou indiretamente a este trabalho, isto porque o terreiro passou a participar de editais de premiação e projetos. O primeiro trabalho foi o teaser (Bate Folha 100 anos - 2'37") apresentado na sessão especial da Assembleia Legislativa da Bahia, quando o terreiro foi homenageado em 24 de novembro de 2016.

A segunda produção (Bate Folha 100 anos, curta metragem - 16'39"), e a mais esperada pela comunidade, ocorreu no próprio terreiro, no dia 03 de dezembro de 2016, primeiro dia do Seminário promovido em parceria com a Fundação Pedro Calmon, com o objetivo de apresentar a história do terreiro e debater como ponto crucial a salvaguarda da religião afro-brasileira. Sua repercussão superou as expectativas da própria comunidade, pois, pela primeira vez, os filhos e filhas do terreiro se viam e ouviam no momento tão especial para a Casa e o candomblé de modo geral. O documentário (Gerações e Família do Bate Folha - 7'08"), versão traduzida para o inglês, produzido pela pesquisadora Jamie Lee fez parte de sua pesquisa de doutorado e lhe rendeu premiação na Sociedade de Pós-Doc da Universidade Estadual de Pennsylvania (Penn State University) para exibição e difusão do documentário "Os 100 Anos do Terreiro Bate Folha".

Outra participação de repercussão internacional e que gerou premiação em quinto lugar das dez produções selecionadas do Concurso de Curtas Audiovisuais 2017 "Comunidades Afrodescendentes: Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento" (IberCultura Viva e UNESCO) foi a produção do curta (Bate Folha: identidade ancestral - 2'44") em parceria com George Diniz. O desafio dessa produção foi vencido em meio à realização do projeto Agentes da Negritude, o qual surgiu de dentro para fora, no seio do interesse do próprio terreiro como forma de atuar na localidade a que pertence, via edital da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI).

Agentes da Negritude é a repercussão desta pesquisa percebida nas mudanças favoráveis ocasionadas no Bate Folha pela aceitação e uso das mídias sociais, com a criação do canal no youtube<sup>144</sup> e participação em projetos, não antes ocorrido. Há anos já trabalha com o social, quando a primeira escola de cunho comunitário da Mata Escura surge no terreiro, espaço de geração de renda para famílias que realizam a venda de frutas e folhas colhidas no terreiro e de lazer para os moradores.

Agentes da Negritude aconteceu em 2018, no espaço do Terreiro Bate Folha, onde se deu a realização de oficinas cujo objetivo foi formar mobilizadores sociais, por isso a escolha do nome, a partir de discussões voltadas para as questões etnicorraciais e de gênero, além de ressaltar ações que fomentassem o combate à discriminação racial. Foram ações voltadas aos jovens do bairro da Mata Escura, adjacências e membros da comunidade do terreiro, alcançando a ampliação de espaços voltados à viabilização do protagonismo efetivo de representações jovens e negras, além do fortalecimento do vínculo entre o terreiro, o bairro e seu entorno. A

---

<sup>144</sup> <https://www.youtube.com/channel/UCMibvxPnTqUNK3rfxQVcUbA>

realização do projeto foi consequência da aprovação no edital Novembro Negro, 2017, lançado pela SEPROMI.

A formação ocorreu com proposições sob a perspectiva da Justiça Social, sob os eixos temáticos criados pela percepção das necessidades que o terreiro apontou importante abordar: Juventude Negra e Mercado de Trabalho; Empreendedorismo Negro e Geração de Renda; Ações Afirmativas e Políticas de Cotas: racismo institucional e Intolerância Religiosa. Desse projeto, houve a produção de um documentário de mesmo nome, sobre a direção e produção de George Diniz e a minha, que rendeu duas premiações no festival curta Canedo 2020, de Goiás, na modalidade cinema e negritude. Desse processo, surgem ações em que o Bate Folha promove o diálogo entre o próprio terreiro, a Companhia de dança, Cia da Mata, de jovens do bairro e o grupo Bongar, de Pernambuco, no apoio ao fortalecimento das relações identitárias e de pertencimento cultural, por meio do projeto cultural itinerante Som na Rural. Dessa ocupação gerou um documentário, de direção e produção de George Diniz, alocado no canal do youtube, assim como as demais realizações.

Dessas produções e oficinas, surge a oportunidade de observar os anseios, interesses e motivações das pessoas na dinâmica interna do terreiro, pós centenário. Ao tempo em que a pesquisa ganha contornos de atuação na elaboração de projetos com foco na salvaguarda do patrimônio material e imaterial do terreiro, observa-se que as ações acontecem ao tempo e passo permitidos por MBamburusema Nvula, não sendo difícil compreender que a preservação de reserva de mata atlântica, conforme dimensões encontradas e mantidas desde a escritura de 1916, se dá, dentre algumas explicações que recaem sobre a proteção da dona da Casa. Desse modo, acredita-se que seja, dentre algumas leituras, pela noção de desenvolvimento vinculado à terra, ao cotidiano e ao propósito maior da proteção compartilhada na maneira de se relacionar e interpelar a realidade, em pleno exercício de conexões afetivas.

O centenário, curiosamente, representou um divisor de águas pela amplitude e realização de ações propostas, mobilizando pessoas, universidade, secretarias de cultura do estado e do município, mas também, conservou nos filhos e filhas da Casa a máxima propagada, em atitude, por Nengua Guanguacesse: Humildade, fé, boca calada e pé ligeiro, não sei, não vi, cabe em todo lugar. Despertou-se a vontade de realizar mais um importante registro, destacando a fotografia como essa importante forma de captura que representa um período, momentos e acontecimentos.

#### **5.4 Registro de um Legado**

A imagem que inicia esta tese é a foto de Nengua Guanguacesse conduzindo muzenzas e makotas do terreiro, para o barracão em uma obrigação de Lembá. Imagem do gestual registrado em uma única cena, mas repetido há mais de 40 anos, representado pelo enfileirado de pessoas guiadas por suas mãos e orientações.

Em volta dela, movimenta-se a dinâmica de respeito, sobrevivência, convívio, trocas e remontagem das malhas da história do Terreiro Bate Folha, em torno de valores de convivência humana trazidos por africanos e africanas para o Brasil. Nessa recomposição de laços de irmandade, pertencimento e vinculação, em articulação dialética de reconhecimento entre sujeitos, cada barco de iniciação amplia a longa e consistente linhagem deixada por Manoel Bernardino da Paixão. Primeira filha e a mais velha do primeiro barco de Tata Bandanguame, segundo pai de santo que deu continuidade ao patrimônio de MBamburusema Nvula, que tão bem foi fincado em solo Sagrado pelo nosso fundador, Nengua Guanguacesse resguarda a tradição inscrita no corpo e na memória, repassando para as gerações seguintes todo um repertório cultural-religioso de descendência Congo-Angola, que está em permanente diálogo com as nações Jeje e Ketu pelas relações estabelecidas com outros terreiros e que são preservadas pela perspectiva da integração inter-religiosa.

Graças a um repertório bibliográfico que tornou acessível o conhecimento sobre a filosofia, a história e aspectos culturais dos povos Bantu, podemos compreender as práticas tradicionais encontradas no Bate Folha e na perseverança de Nengua Guanguacesse como fruto dessa vinculação raiz de significados existenciais no plano da vivência colaborativa, que conforme professor Henrique Cunha Júnior é o princípio da valoração e reprodução das culturas herdadas em comunidade, na qual a concepção do ser está na constituição de sua força física, espiritual e de ligação com a ancestralidade dos seres que partiram, com a terra, a água, os minerais, o geoespaço em que habitam visíveis e invisíveis.

Na raiz filosófica africana denominada de Bantu, o termo NTU designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O Muntu é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra. A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população, a comunidade é expressa pela palavra Bantu. A comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. No Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva (CUNHA JR, 2010, p. 26).

O sentido da integridade do ser está na força e valorização da vida nas suas mais variadas formas, seja na existência física, material ou espiritual que é fortalecida, reconduzida e

retroalimentada no coletivo, pela experiência compartilhada. Professor Muniz Sodré, por meio do deslocamento epistêmico de pensar a filosofia vivida na dinâmica do candomblé, amplia a possibilidade de um princípio fundador que vincula e aproxima sujeitos pela religiosidade afro-brasileira.

Por sua vez, o *axé* supõe igualmente uma virtualidade - o sagrado como um campo *transcendental* - que se atualiza ou se individualiza pela mobilização iniciática. Ele permite que a origem, ao invés de intelectualmente vista, seja de fato vivenciada, o que faz da celebração ou da interpelação ritualística da Arkhé um dispositivo da identidade existencial do ser nagô. Por meio dele, homem e coisa, ser vivo e matéria interpenetram-se virtual e realmente, renovando a capacidade de expansão do grupo, o que implica, para cada um e para todos, existência plena (integridade corporal, saúde, realizações etc.) e devir grupal assegurado (SODRÉ, 2017, p. 137).

Guardadas as diferenças entre as nações do candomblé, que são aproximadas pelo fluxo dialético explicado pelos processos históricos de contato, articulação e trocas, emerge dessa configuração do pensar nagô, heranças identificadas que contraria um sentido de ser e estar que tem sua lógica de organização na exploração e acúmulo de bens. A tradição que contrapõe a esse conjunto de conhecimento do ocidente assinala para o reconhecimento do outro e de sua energia vital como princípio “afro por comportar processos inteligíveis apenas à luz da Arkhé africana” (SODRÉ, 2017, p. 20). Isto porque se compõe um sistema de pensamentos que evoca memórias e ancestralidade da cultura negra personificadas em diferentes modos de vida, as quais possuem, dentre outros aspectos, um *continuum* caracterizado pela vivência comunitária, estruturada em dinâmicas cotidianas da família religiosa - filhos e filhas, mães e pais de santo, o que professora Isabel Cristina Ferreira dos Reis (2016) apresenta sobre o conceito de família que já não se refere apenas àquele legitimamente constituído pelos laços de sangue, firmando-se importantes redes de apoio e solidariedade, a partir das novas construções de parentesco simbólico, a exemplo do que encontramos no Bate Folha, nas relações de consideração, de compadrio, da extensa família de santo em que Nengua Guanguacesse se torna a principal referência feminina matriarcal.

Mãe de santo e de tantos, Nengua Guanguacesse é também mãe de Nadja Cruz da Silva e Cristiano Márcio de Jesus Santana, ambos iniciados e filhos escolhidos que tiveram suas histórias traçadas à maternidade de Dona Olga. Conforme relato de sua filha, gratidão é a palavra que define a relação entre as duas pela forma generosa em que foi acolhida.

[...] e eu posso resumir dizendo que o que eu tenho por ela é gratidão, porque eu acho que vim prá cá com 15 dias de vida, através de uma pessoa que era

daqui, Kutuminisá, que conhecia minha mãe, e que ela já havia comentado que queria uma menina prá criar. Não sei se por coincidência, ou pelo planejamento do astral, eu acredito, aí ela falou, não minha mãe, tem uma conhecida minha que teve uma menina agora, mas ela não quer, ela já tem muitos filhos. Minha mãe disse traga, e aí quando eu cheguei aqui foi aquele amor assim à primeira vista, eu achei, acho interessante que ela me amou sem ter me gerado (SILVA, 2019, p. 353).

Cristiano Márcio de Jesus Santana, em fala referencial sobre a construção de si e do percurso que o levou ao terreiro, destaca a participação de Nengua Guanguacesse em sua vida e relata como ocorreu o encontro entre os dois e a sua ida para o Bate Folha.

Eu me chamo Cristiano, dijina dia Nkisi Kiambesú, a minha trajetória no Bate Folha se iniciou através de Dona Olga, Nengua Guanguacesse onde a minha tia carnal era dona de um mercadinho aqui no bairro e minha mãe Guanguacesse era cliente, então eu tinha uns 4 anos de idade quando ela perguntou se D. Olga poderia me criar, então foi aí que D. Olga me aceitou como filho e hoje estou aqui no Bate Folha, me iniciei em 2004, aos 17 anos, hoje sou a pessoa que estou à frente dos Ngomas da Casa, sou o tocador responsável hoje pela roça (SANTANA, 2016, p. 314).

A maternidade para Nengua Guanguacesse comporta esse projeto de família que atribui sentido ao ser mãe e pressupõe a filiação pelo compromisso com o afeto e acolhimento aos seus dois filhos, que em meio aos diferentes papéis já exercidos no Bate Folha, ganhou centralidade quando se volta e acompanha processos de responsabilidade constituído por meio da adoção. Em relato sobre a vivência no terreiro e a educação recebida, Nadja Silva, caracteriza como foi sua infância.

Tranquila, me passou valores, educação, como que eu tinha que me comportar aqui, menina, com menina, menino, com menino. Foi tranquila, tranquila. Tudo que eu adquiri hoje assim em termos de responsabilidade, caráter, eu devo a ela e a meu pai, não posso deixar de falar dele é lógico, meu pai Joca, Seu João José da Silva, que ajudou minha mãe nessa caminhada, de me educar (SILVA, 2019, p. 353).

A preocupação com o lugar, na definição de espaço do terreiro na experiência vivida das situações sociais revela a necessidade de ensinar um comportamento em que se consiga compreender o contexto da religiosidade, contribuindo para a educação e socialização de valores reproduzidos, por isso “menina com menina e menino com menino”. Condução exercida com Seu Joca, citado por Nadja Cruz, o quarto pai de santo do Terreiro Bate Folha, em que desempenharam funções no âmbito da criação e de função social de valorização e respeito ao convívio em comunidade.

Conforme destaca Alaíde França, a dedicação às pessoas e ao terreiro são características marcantes de Nengua Guanguacesse que com carinho, sabedoria, habilidade e entrega conduz os direcionamentos do terreiro, juntamente com Tata Muguanxi. “Eu acho que como ser humano deve ter os pecados dela [...] ela pra mim foi uma mulher perfeita, ela pra mim tem o dever cumprido, pra mim não, pra quem conheceu ela, porque não pode se exigir mais da pessoa do que a própria vida que ela dedicou a todos nós e a esse terreiro.” (FRANÇA, 2019, p. 350)

Sua crença na condição humana reforça a perspectiva de pensar vidas e reformulações de caminhos que contribuem para o enfrentamento cotidiano das várias problemáticas ainda persistentes na sociedade contemporânea, podendo ser interpretado por um conjunto de valores pautados no caráter indissociável de uma ética solidária aprendida na comunidade religiosa do Bate Folha.

A comunidade toda do Bate Folha. Antigamente isso aqui era um, a gente chama de roça porque era uma roça e não existia essas casas toda. As pessoas que moravam aqui, todas dependiam desse terreiro para alguma coisa. Sem falar a parte frutífera que é a questão, tinha uns bichos que se criavam, que não tinha ladrão como se tem hoje, podia ser, era tudo liberado, livre mesmo, e aí, tia ficava olhando os meninos, fora os filhos, netos, os filhos de santo, tinha o pessoal da comunidade, você vê que é assim até hoje. Olha eu peguei um uber essa semana que quando entrei no uber, não me lembro como chegamos aqui na Mata Escura, aí ele falou assim “Você mora na Mata Escura?” Eu disse “Morei, moro, minha tia mora lá” “E quem é sua tia?” “Dona Olga” “Oxen, eu fui criado ali”, aí começou a contar, “Você se lembra de fulano?” Aí eu disse “Menino, pelo amor de Deus que é isso, que energia é essa?”, “Pois é, Dona Olga, matou muito minha fome ali”. (FRANÇA, 2019, p. ???).

O relato apresentado por Alaíde França, em uma primeira leitura mais aparente demonstra o cuidado com o outro e a responsabilidade social que Nengua Guanguacesse possui e exercita por um longo período de sua vida, sendo, inclusive, elemento motivador para a compreensão de um legado perpetuado em seu comportamento e ações. No entanto, a pequena descrição também pode ser lida como uma forma de pensamento resistente a um sistema conformado em práticas sociais excludentes de perda de esperança que para suportá-lo, necessita-se dessa rede de preservação de tradições, costumes, valores e fé tecida pela cultura do cuidado, redefinição de propósitos e de afirmação da vida, pois, seus atos recuperam a definição de amor, enquanto força política, revolucionária e ética, conforme aponta bell hooks e muito bem define Silvane Silva no prefácio do livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021).



bell hooks faz a defesa da prática transformadora do amor, que manda embora o medo e liberta nossa alma. Assim, ela nos convoca a regressar ao amor. Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor pode ser revolucionário. Para compreendermos a proposta da autora e a profundidade de suas reflexões, o primeiro passo deve ser abandonar a ideia de que o amor é apenas um sentimento e passar a entendê-lo como ética de vida (SILVA, 2021, p. 09).

Ao deslocar o amor da subjetividade do sentimento individual e inseri-lo na prática transformadora das ações cotidianas de compromisso coletivo, podemos aproximá-lo da ideia defendida por Muniz Sodré, de apreensão do sensível pelo coração que se estabelece enquanto instância transcendente à dimensão empírica do real, mas que se refere a um todo comunitário, de experiências construídas nas relações sociais. “No Ocidente, no Oriente e na África, imagina-se um núcleo de sentido irrepresentável, o Ser, metaforizado como um coração coletivo, a partir do qual falamos quando dizemos ou fazemos algo de essencial no grupo humano em que vivemos e agimos como, por exemplo, pensar” (SODRÉ, 2017, p. 34).

Predominantemente comunitário, o candomblé abriga em sua configuração social, econômica e espacial uma circularidade própria da herança africana existente no Brasil que tangencia questões como cultura, identidade, pertencimento e relações históricas com o próprio continente. A concepção estabelecida em torno da relação com a ancestralidade que fundamenta as práticas tradicionais e que estrutura as hierarquias ancoradas no tempo, tempo de iniciação, tempo de presença e de aprendizado está entre os princípios de convivência presentes na preservação da memória coletiva e manutenção de saberes simbólicos e referenciais dos fundamentos. Principalmente, nos processos de reelaboração das coexistências físicas, materiais e imateriais de um pensamento vivenciado, sentido e planejado para sua realização em comunidade. A chave de leitura está na maneira de pensar, pelo modo que conduz a organização do terreiro, as articulações que opera para unir pessoas, manter o calendário de obrigações, e aproximar divergências, Nengua Guanguacesse se renova pelo próprio lugar, como bem define Nadja Cruz, ao ser perguntada pela relação que a mãe estabelece com o Bate Folha.

Eu posso resumir numa palavra só: amor, amor aos ancestrais, amor às pessoas, amor aos Nkisis, é amor, ela ama isso aqui. Uma vez eu perguntei, mãe, a senhora gosta mesmo de ficar aqui, não quer ir morar comigo não? Não, se eu sair daqui eu morro. Isso aqui, você pode até sair se você quiser, mas isso aqui é minha vida. Eu vim pra cá, pra isso, é missão, é amor, ela ama isso aqui, muito, muito, ao ponto de ter passado por várias gerações, ter vivido várias coisas, conflitos, enfim, mas ela está aqui de pé (SILVA, 2019, p. 354).

E por essa reativação que ocorre no coletivo, todo o sentido das funções compartilhadas e repassadas se recuperam e se renovam pela conservação dos ritos e nesse aspecto, a presença física e espiritual de Nengua Guanguacesse define um propósito de perenidade materializado na livre apreensão dos sentidos criados a partir das dinâmicas em torno do Terreiro. Sua história, territorialidade, vivências e narrativas em torno da representatividade do espaço religioso e da matriarca compõem o escopo do processo de vivência, observação e participação nas relações construídas no e para o patrimônio Bate Folha. Seu papel singular na continuação e preservação das tradições da Casa foi reconhecido e festejado na comemoração dos 70 anos de sua iniciação.

### **5.5 Travessias do Tempo**

Em maio de 2019, Nengua Guanguacesse completou 70 anos de iniciação aos 94 anos de idade. Celebração que após, três anos do centenário, mobilizou toda a comunidade interna e externa do Terreiro Bate Folha, em reverência a Kukueto, Nkisi responsável pela inserção de nossa matriarca no candomblé.

Ocasão de festejos e obrigações integrada à dinâmica da Casa, o momento foi muito esperado pela simbologia da data, definida em tempo de vida, tempo de liderança e tempo de iniciação. Desse modo, a partir da presente comemoração, apresentou-se um contexto fértil para a mobilização coletiva e articulação de questões levantadas acerca da relevância e contribuição da mulher negra no cotidiano das comunidades e como essa presença catalisa participação efetiva na responsabilização social, de defesa de direitos e preservação ambiental. E como maio é o mês dedicado à divindade das águas doces e salgadas, representadas por Ndandalunda e Kukueto, também, em homenagem à Nengua realizou em paralelo ao ciclo de obrigação litúrgica, atividades voltadas para o debate sobre a importância da presença feminina e valorização da atuação dos terreiros no cotidiano das comunidades tradicionais na preservação de todo um patrimônio afro, tendo como figura norteadora e ponto de referência, a importância de saudar nossas referências, ainda vivas, na demarcação do lugar da experiência feminina, de combate a estereótipos, preconceitos e intolerância religiosa.

**Figs. 20 e 21 Nengua Guanguacesse, na sua obrigação de 70 anos de iniciação, à frente das filhas e filhos do Bate Folha a caminho do barracão.**



**Fonte: Imagens cedidas pela fotógrafa Marisa Vianna (2019)**

Sob o título *Travessias do Tempo*, o projeto em torno da construção sociorreligiosa de Nengua Guanguacesse foi considerado como ponto basilar para o modo de socialização no Terreiro Bate Folha. Reconhecida e respeitada dentro e fora, por terreiros de outras nações, seu conhecimento e participação nas diferentes expressões da religiosidade a torna importante representatividade feminina na cultura negra de repercussão para a educação, ampliação do debate em torno de valores humanos fundamentais para o culto aos Nkisis e convívio social no processo de apreensões cotidianas.

Coletividade expressa por meio da fala, quando suscita e reconhece práticas culturais e religiosas afro-brasileiras a partir de epistemologias africanas recriadas na diáspora, inclusive, na manutenção de uma África mítica, explicada, recontada e fortalecida pela cosmovisão que contempla a interação entre o mundo visível e o invisível, reconhecendo o seu valor no campo do pensamento, e com isto, admitir sua contribuição para a compreensão da vida. Inclusive no aspecto saúde/doença e as suas nuances nas estruturas coletivas sociais dentro das comunidades e modelam amplamente o perfil da baianidade, tão pautada em aspectos ligados às ações direta ou indiretamente de conhecimentos tradicionais.

Não esqueçamos que dentre signos e simbologias que demarcam os traços do que é ser baiano, o candomblé e a musicalidade são dois grandes elementos que se destacam no processo de caracterização cultural da Bahia. Do senso comum aos estudos de cultura, ainda permanecem aspectos que fundamentam a preservação de afirmações que definem a ideia de singularidade, tais como *A Bahia é a terra do axé. Há uma fé que só o baiano tem. Bahia de todos os Santos e aqui é a África outra vez.* A cultura baiana, especialmente à vinculada ao mundo do candomblé, foi fonte de inspiração para muitos artistas, da fotografia com Pierre Verger,

escultura Mario Cravo, Jorge Amado na literatura e Dorival Caymmi na música, para citar poucos, os quais nutriram o aspecto religioso em nosso imaginário.

A manutenção da continuidade cultural e religiosa conservada por Nengua Guanguacesse representa o processo de transmissão através da oralidade, consolidando a salvaguarda da cosmologia de um sistema religioso afro-brasileiro. Neste sentido, o ato de contar presentifica e mantém a tradição oral viva ao transmitir as experiências que adquiriu no mundo material e imaterial, estimulando laços de solidariedade e integração social que sustentaram e sustentam a memória coletiva transportada para o Atlântico Negro pela tecnologia da comunicação ritualística seja da narrativa amplamente contada ou a resguardada aos segredos do Sagrado.

**Figs. 22 Homenagem recebida de Terreiros e Instituições**



**Fig. 23 Barracão nos 70 anos de iniciação**



Fonte: Imagens cedidas pela fotógrafa Marisa Vianna (2019)

O Bate Folha é comumente conhecido por ser um terreiro tradicional, de pouca aparição midiática, portanto, considerado “resegado”. Importante ressaltar que é um terreiro amplamente conhecido e que compõe o circuito da cena pública de produção de narrativas da preservação da religiosidade afro no Brasil de nação Congo-Angola. No entanto, parte dessa aura de reclusão se remete ao fato de não permitir aparições ou mostrar as obrigações e festejos abertamente em imagens e vídeos. Discrição, conservada desde os tempos de Seu Bernardino, o Bate Folha, até então, não permite filmar, fotografar ou realizar qualquer tipo de registro de sua ritualística, salvo, em permissão à fotógrafa Marisa Vianna, definida a natureza e aspectos a serem considerados, e a Agência Experimental em Comunicação e Cultura (AECC/UFBA),

pelo acompanhamento e participação no centenário, também com orientações e estabelecidas restrições.

Compreendendo esse processo como forma de desenvolvimento pela própria preservação e de uma reserva que remonta à sua origem, a comunicação mediada pelas mídias sociais foi iniciada no Bate Folha, por meio da inserção da Agência Experimental, vinculada à pesquisa e ao centenário do terreiro. Experiência que partiu do interesse dos membros da Casa, conformando um desejo de amplificar as experiências e afetos, colaborando para a sua preservação por mais cem anos, conforme foi guardado na cápsula do tempo.

Deste modo, tradição e tecnologia dialogam quando são mediadas pelo compromisso, respeito e compreensão dos compassos do tempo em que a comunidade está inserida. A partir dessa perspectiva da decisão compartilhada, dos espaços físicos e virtuais construídos, outro importante material foi produzido, este, de natureza específica, da presença de Nengua Guanguacesse no Terreiro Bate Folha sob a responsabilidade do que Tata Muguaxi nos possibilitou registrar de mensagem deixada à nossa matriarca.

Pra ela, apenas que ela tenha certeza que o amor dela a gente nunca vai esquecer e vamos lutar para manter essa Casa do jeito que ela sempre gostou e sempre disse. Olhe quando eu morrer, vocês não vão abandonar a Casa, não. Comecem a brigar não por causa da minha morte. Eu quero que vocês continuem com o meu trabalho, a minha vida que eu dediquei aqui, eu não quero que seja levado em vão (LIMA, 2019, p. 353).

Uma afirmação, sobretudo, em termos de desenvolvimento na preservação de valores que possam auxiliar na transformação das relações sociais que têm na força coletiva e comunitária um meio que possibilita a formação de amplas redes de alteridade. Nessa perspectiva, ousou apontar que o legado de Nengua Guanguacesse permanece e se perpetua pelos ensinamentos deixados pela prática vivencial da religiosidade e fé nos Nkisis.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do percurso desta tese, a minha presença como pesquisadora e membro do terreiro produziu efeitos que implicaram diretamente em uma nova geração de makotas, tatas e muzenzas. O modo como as mais velhas vivenciam, se entregam e integram o próprio espaço, ao seu modo de existir, foi compreendido a partir de toda uma construção experimentada pela participação efetiva das mudanças alcançadas no decorrer das próprias histórias de vida.

Essas pessoas que passaram a se ver na tela, em um movimento de reflexividade se reconheceram por meio de uma intenção comemorativa, mas que reverberou pela etnografia implicada de características afetivas e de vinculações com a terra, com o princípio de uma construção herdada pelo compromisso, no presente, de amplificar as narrativas ouvidas no processo de transmissão de ensinamentos, orientações e reconhecimento de si.

Resgatar a memória sobre Seu Bernardino ou recordar a dança de Mbamburusema Nvula no barracão, demonstra a presença litúrgica do fundador nos momentos de contação de histórias, na apresentação de documentos e fotografias. Memória acionada em uma espécie de continuidade com um passado apropriado (Giddens) que permite rever membros antigos da casa na reconstituição de diversos fatos, acontecimentos e perdas.

O centenário desencadeou um processo de autorreconhecimento nas pessoas e as intervenções patrimoniais ganharam fôlego para as intersecções entre patrimônio e educação, patrimônio e comunicação e patrimônio e memória. Todas essas formas de vinculação com o terreiro, foram práticas alcançadas após as ações realizadas nas comemorações dos cem anos. Conjunto de bens que é ambiental, memorial, litúrgico e lugar de bem estar, que não é refratário, muito menos hostil, pois é considerado sagrado pela carga simbólico-religiosa, sobretudo, pela maneira de lidar com os conflitos e divergências, prevalecidas pelo desejo comum de usufruto da energia resguardada no local.

No Bate Folha, ecoa a voz de uma mulher sábia, que ocupa um destacado papel naquele espaço: Nengua Guanguacesse. Guardiã atenta da tradição, ela indica como as coisas devem ser. Persona forte, suas orientações e conselhos são seguidos de aconchego, cuidado e liderança. Nos apresenta significados agrupados por uma série de relações, travessias e abertura para a diversidade de mundos e margens que ligam o natural ao sobrenatural, narrados pelo percurso de vida e laços de solidariedade. Ao buscar essa personagem, quis mostrar pessoas que fazem a diferença por meio das ações que realizam e de atitudes de preservação da vida, de convívio comunitário e condução das divergências como forma de aprendizagem e espelhamento de nossas próprias abordagens com o outro

Ao atuar com a produção de oficinas dentro do terreiro, atualizamos o diálogo com a comunidade. Acreditamos que a apresentação do terreiro como espaço de valorização, salvaguarda e patrimônio, permite reconhecer outras potencialidades que emergem das periferias, dos bairros populares e das diversas constituições familiares. Exemplo disso é a proteção ambiental, dado o reconhecimento do bem natural como patrimônio a ser preservado vinculado não só ao Terreiro, mas ao bairro como um todo. Vale lembrar a experiência de proteção interna no Terreiro de Candomblé do Bate Folha estabelecida por meio de processos de participação da própria comunidade em ações que visam a manutenção do espaço físico, conservação da área verde ou preservação dos bens imateriais que compõem a identidade religiosa da Casa. Percebemos os mecanismos e estratégias que atuam no cotidiano de vivências, experiências coletivas e vinculações históricas.

Ao chegarmos ao final da tese, podemos perguntar sobre a pertinência de nossas motivações e escolhas metodológicas para contar sobre Nengua Guanguacesse e o Terreiro Bate Folha, lidos em percursos de pesquisas, registros centenários da casa, na transmissão oral, com os óculos da reflexividade e da interdisciplinaridade no patrimônio, audiovisual e demais metodologias, da multiplicidade de formas de observação do terreiro. Buscamos compreender as construções simbólicas que envolvem o Bate Folha, para entender e trazer para o campo de discussão os mecanismos criados para proteção compartilhada de um espaço religioso. Os terreiros são colocados de frente às dificuldades, ainda existentes, de patrimonialização de terreiros de candomblé. Somente na década de 1980 irá emergir uma agenda de governo com o primeiro monumento das religiões afro-brasileiras tornando-se objeto de proteção estatal. Verifica-se um enorme atraso, se considerarmos que as políticas patrimoniais existem desde a década de 1930. Assim, nada mais apropriado do que o uso da metodologia empírico-participativa, de escuta das narrativas e método misto de análise de inserção do terreiro em políticas culturais.

De modo geral, a institucionalização das políticas públicas de cultura no Brasil mostram que o conceito de patrimônio cultural, ao longo da história, esteve ligado ao pensamento eurocêntrico e aos seus valores artísticos e estéticos, sendo que no processo de consolidação da identidade cultural nacional brasileira, foram excluídas de reconhecimento e valorização, a identidade, a história, a memória e a contribuição negroafricana e da população afro-brasileira, consequentemente, sua representatividade e pertencimento.

Deste modo, a experiência de copartícipe do processo da produção do evento do centenário, com as etapas de planejamento, de montagem, organização e efetivação do centenário do Terreiro Bate Folha mobilizou muita energia. Foram abordados temas

importantes acerca da preservação patrimonial, compreensão do universo cultural ali existente, de linguagens corporais e visuais próprias. Nossa participação, assim como a participação de grande parte da comunidade da roça, sobretudo os jovens, reavivam as festas, os cursos, os dias do terreiro. Encontros geracionais, territoriais, culturais O tempo presente apontando para significativos saberes transmitidos oralmente.

Recompor o percurso da casa permitiu conhecer os passos dados na origem de muitas memórias. Uma primeira pista da responsabilidade compartilhada pode ser observada nas normas para a representação civil e sua composição de filhos e filhas com definições e regulamentos, criados após quatro anos de sua fundação, quando foi instituída a Sociedade Beneficente Santa Bárbara, datada de 1920. A representação civil, organização sem fins lucrativos e/ou econômicos, com autonomia administrativa e financeira institui civilmente o terreiro,; atividades religiosas de matriz africana da nação Congo-Angola, assistenciais, socioculturais e educacionais, preservando o compromisso que institui o empenho da Casa em salvaguardar manifestações próprias, ressaltadas por meio dos ritos, crenças, celebrações e costumes.

A compreensão do que é patrimônio cultural na contemporaneidade foi construída e ampliada a partir das ações de preservação e pesquisas na área e também por meio da incorporação de iniciativas de diversos setores da sociedade. Reivindicações inscritas na problemática das políticas públicas para o repertório afro-brasileiro e nas discussões acerca dos direitos dos povos e comunidades tradicionais pelo imperativo da estruturação estatal no desenvolvimento, acompanhamento e defesa dos bens de natureza material e imaterial, ambos preservados e de grande valor simbólico pelas reminiscências de referência à identidade, à memória e ao pertencimento.

Não somente o de Dona Olga Conceição da Cruz, mas em torno de 47 registros foram documentados acerca das vivências, práticas, afetos e relação com o terreiro. Dentre a rede de significados constituída pelos filhos e filhas do terreiro, principalmente nos mais jovens, sobre a consciência da importância de celebrar 100 anos de um terreiro de candomblé, é exatamente resistir aos ataques de intolerância religiosa, preservar e dá continuidade ao legado herdado pelos antepassados. Nas quase duas horas de fala, as histórias individuais da Nengua se confundiam com a história do terreiro e também com a de Salvador, pois a característica mais contada daquela época foi o isolamento, com total afastamento do centro da cidade, a inexistência de moradias nos arredores e a falta de luz. Água se tinha porque era abastecida por uma nascente, a qual mais tarde iria atender aos moradores locais e adjacentes, servindo até para fornecer a uma parte de Salvador.



Desta forma, pensar a dinâmica do terreiro, inclusive, a partir do projeto “100 anos do Terreiro Bate Folha” com histórias e memórias centradas em narrativas orais, procuramos recriar trajetórias de vida, a relação das/os entrevistadas/os com o terreiro, enfrentando o desafio colocado pelos processos de rememoração. Objetivos que nos levaram a sublinhar a importância de interrelacionar ação social, situações e sujeitos, sendo frutífero reter a noção de experiência. Noção que possibilita reflexões sobre ações e sentimentos, apontar conexões temporais, mudanças e continuidades, tradições e rupturas. Privilegiando e tendo como recorte trajetórias de vida em diferentes tempos.

O constante exercício de lembranças e reconstituição de memórias faz com que as tradições afro-brasileiras continuem sendo praticadas, sejam preservadas e consideradas patrimônio por quem a também vivencia. Na história dos diversos agrupamentos negros no Brasil, eles conservaram na memória e transmitiram saberes, costumes, tradições e modos de vida que extrapolaram o tempo e o espaço, perpassando por mais de quatro séculos desde que os primeiros africanos aqui chegaram, trazidos forçosamente. Vale ressaltar que esse processo de transmissão cultural se deu através da oralidade e neste sentido, o ato de contar presentifica a tradição oral e o transmitir das experiências que a ancestralidade adquiriu pelo mundo material e imaterial/sobrenatural, recuperar, pois, essa oralidade estimulada pelos laços de solidariedade e integração social que sustentaram e sustentam essa memória coletiva.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. Um livro admirável. In: Bonfim, Manuel. *O Brasil nação: realidade da soberania brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p. 22-34.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- AGUIAR, Ronaldo Conde. Manuel Bonfim. In: *Pequena bibliografia crítica do pensamento social brasileiro*. Brasília/São Paulo: Paralelo/Marco Zero, p. 153-161, 2000.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALBERTI, Verena. *Fontes orais: histórias dentro da História*. In: Fontes Históricas. PINSKY, Carla Bassanezi. São Paulo: Editora Contexto, p. 155 a 171, 2006.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2018.
- AMADO, Jorge. *Bibliotheca do povo e coleção moderna*. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Patriotas cosmopolitas*. Trad. A.S.A. Guimarães. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 13, n. 36, 1998, pp. 79-94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v13n36/36appiah.pdf>
- APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitismo: Ética num mundo de estranhos*. Trad. A.C. Fonseca. [Portugal]: Pbs. Europa-América, 2008.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa de meu Pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BACELAR, Jeferson. *Sócio-Antropologia do Negro na Bahia*. *Anuário Antropológico/79*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, p. 261-276, 1981. Disponível em: [http://www.dan.unb.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=97&itemid=29](http://www.dan.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=97&itemid=29). Acesso em 20 de janeiro de 2020.
- BACELAR, Jeferson. *Donald Pierson e os Brancos e Pretos na Bahia*. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 3, n. 7, out. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v3n7/0104-7183-ha-3-7-0129.pdf>. Acesso em 20/01/20.
- BACELAR, Jeferson; PEREIRA, Cláudio (org). *Política, Instituições e Personagens da Bahia (1850-1930)*: EDUFBA, 2013.
- BASTIDE, Roger. (1958), *O Candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia Editorial, 1961.
- BASTIDE, Roger. *O Princípio de Individuação: contribuição a uma filosofia africana*. Disponível em: [https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/roger\\_bastide\\_-\\_o\\_princ%C3%ADpio\\_de\\_indivua%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/roger_bastide_-_o_princ%C3%ADpio_de_indivua%C3%A7%C3%A3o.pdf). Acesso em 15 de novembro de 2020.
- BECHELLI, Ricardo Sequeira. Nacionalismos anti-racistas: Manoel Bomfim e Manuel Gonzalez Prada. São Paulo: LCTE Editora, 2009.
- BERNARDO, Teresinha. *O candomblé e o poder feminino*. Revista de Estudos da Religião, São Paulo: Puc-SP, n. 2, ano 5, 2005, p. 1-21.

- BERTONHA, Ivonne. *Manoel Bomfim: um ilustre desconhecido*. São Paulo: PUC, dissertação de mestrado em História do Brasil, 1987.
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. Celso Castro (org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOMFIM, Manoel. *A América latina: males de origem* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. ISBN: 978-85-99662-78-6. Available from SciELO Books.
- BOSI, Ecléa. *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta De Moraes; AMADO, Janaína (Org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1976.
- BRASIL, Código Penal de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 29/12/2019.
- BRASIL. Decreto-Lei n. 25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Diário Oficial da União, Brasília.
- BRASIL. Presidência da República. *Constituição* (1988), Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRITO, Jailton Lima. *A Abolição na Bahia: 1870-1888*. Salvador: Centro de Estudos Baianos, 2003.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. Tradução Nilo Odalia. 2ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.
- BURKE, Peter. (ORG). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2006.
- CARNEIRO, Édison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1978.
- CARNEIRO, Édison. *Ladinos e Crioulos: estudo sobre o negro no Brasil*. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1964.
- CARNEIRO, Édison. Situação do negro no Brasil. In: Congresso afro-brasileiro. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- CARNEIRO, Édison. *Religiões Negras: notas de etnografia religiosa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1936.
- CARNEIRO, Édison. *Negros Bantos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CARNEIRO, Sueli. *Mulher Negra*. Caderno IV. Geledés. São Paulo: Instituto da Mulher Negra, 1993. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Mulher-Negra.pdf>. Acesso em 12/10/2019.
- CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em Movimento*. Estudos Avançados, v. 17, n. 49, 2003.
- CARVALHO, Marcos. *Gaiaku Luiza e a trajetória do Jeje-Mahi na Bahia*. Rio de Janeiro, 2006.
- CASTRO, Rita de Cássia Marques Lima de. *O Sentimento do Amor à Pátria Latino-Americana Expresso em Palavras*. A América Latina: males de origem [resenha]. Cadernos Prolam/USP, v.16, n.30, p. 212-220, jan./jun.2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/140213/137404>. Acesso em 10/12/19.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares Africanos na Bahia (um vocabulário Afro-Brasileiro)*. Vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda., 2005.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *Marcas de Africa nas Américas, o exemplo do Brasil*. In: Revista Africanias.com, nº 06, 2014. Acesso em 20 de abril de 2019.

- CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua Portuguesa que falamos é culturalmente negra*. Entrevista concedida a Marcello Scarrone. Revista de História. São Paulo, Portal Geledés, 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-lingua-portuguesa-que-falamos-e-culturalmente-negra/>. Acesso em 12 de outubro de 2020.
- CHUVA, Márcia. *Os arquitetos da memória*. Sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- COMTE, Auguste. Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade. In: *Opúsculos de philosophia social (1819-1828)*. Porto Alegre: Globo, 1899.
- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: Edusf, 1998.
- CORRÊA, Mariza. *Antropólogas e Antropologia*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003
- CORRÊA, Mariza. *Livros Esquecidos de Nina Rodrigues*. Gaz. méd. Bahia 2006; 76: Suplemento 2: S60-S62. No 2 (140): Suplemento 2 2006.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. In: *Rev. Estudos feministas*, 10(172), 171-188. 2002.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, Edusc, 1999.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique. *Ntu: introdução ao pensamento filosófico Bantu*. Educação em Debate, Ceará, v. 1, nº 59, ano 32, p. 25-40, 2010
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Scripta. v.13, n.25, p. 17-31, 2009.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Nina Rodrigues e a Religião dos Orixás*. Gazeta Médica da Bahia (Gaz. méd. Bahia) [CDU: 616 051], 2006; 76 (Suplemento 2): 54-59. No 2 (140): Suplemento 2 2006
- FILHO, Aluizio Alves. *Pensamento político no Brasil: Manoel Bomfim, um ensaísta esquecido*. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1979.
- FREYRE, Gilberto. O que foi o 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife. In: FREYRE, Gilberto (Org.) *Novos Estudos Afro-Brasileiros: trabalhos apresentados ao 1º Congresso Afro-Brasileiro*. Recife, 1934, 2º volume, Civilização Brasileira, S.A., 1937, p. 348-352.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50ª ed. São Paulo: Global, 2005.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2001.
- GLEDHILL, Sabrina. *Velhos Respeitáveis: notas sobre a pesquisa de Manuel Querino e as origens dos africanos na Bahia*. In: *História Unisinos*.14(3):339-343, Setembro/Dezembro 2010. Disponível: <file:///media/fuse/drivefs-dab6395a5def7dd251d206f637ea066b/root/4732-15429-1-SM.pdf>
- GLEDHILL, Sabrina. *Travessias no Atlântico Negro: Reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino*: Funmilayo Publishing, 2018.
- GILFRANCISCO. *Musa Capenga – Poemas Edison Carneiro*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado, EGBA, 2006.
- GOMES, Marta Maria. *O Sobe e Desce Soteropolitano: estudo toponímico de ladeiras (dissertação de mestrado)*. Salvador: UNEB/PPGEL, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs, 1984. p. 223-244.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Africanismo e democracia racial: a correspondência entre Herskovits e Arthur Ramos (1935-1949)*, 2005. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271096/mod\\_resource/content/1/Africanismo%20e%20democracia%20racial.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271096/mod_resource/content/1/Africanismo%20e%20democracia%20racial.pdf). Acesso em 12 abr. 2020.

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. *Amkoullel, o menino fula*. São Paulo: Palas/Casa das Áfricas, 2003.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. *Tradição viva*. In: História geral da África I. ZERBO, J. K (org.). Brasília: MEC/Unesco, 2010.
- HERSKOVITS, Melville Jean. Procedência dos negros no novo mundo. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- HERSKOVITS, Melville Jean. A arte do bronze e do panno em Dahomé. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- HEYWOOD, Linda M. *Diáspora Negra no Brasil*. Ingrid de Castro Vompean Fregonez (Trad.). São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- HOBBSBAM, Eric J. *Nações e Nacionalismos desde 1780*. Trad. Maria Celia Paoli; Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- JOAQUIM, Maria Salete. *O Papel da Liderança Religiosa Feminina na Construção da Identidade Negra*. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: EDUC, 2001.
- LANDES, Ruth. *A Cidade das Mulheres [1947]*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002
- LEAL, Maria das Graças de Andrade. *Manuel Querino entre letras e lutas – Bahia: 1851-1923*. São Paulo: Annablume, 2009.
- LEAL, Maria das Graças de Andrade. Manuel Querino: narrativa e identidade de um intelectual afro-baiano no pós abolição. Projeto História, São Paulo, n. 57, pp. 139-170, Set.-Dez. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/28901-84089-1-PB.pdf
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas*. Edições Colibri, 2ª edição. Lisboa, 2014.
- LEITE, José Correia. Depoimento. In.: *Quilombhoje*. São Paulo: Fundo Nacional de Cultura, 1998.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5.ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. *O aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LIMA, Luiz Costa. *Lessé Orixá: nos pés do santo: Corrupio*, 2010.
- LIMA, Luiz Costa. *A Anatomia do Acarajé e Outros Escritos: Corrupio*, 2010.
- LIMA, Luiz Costa. *O candomblé da Bahia na década de 1930*. Estudos Avançados: 18 (52), 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a14v1852.pdf>. Acesso em 12/12/19.
- LÓPEZ, Laura Álvarez. A língua de Camões com Iemanjá: forma e funções da linguagem do Candomblé. 2004, 228f. Tese de doutorado. Departamento de Espanhol, Português e Estudos Latino Americanos: Universidade de Estocolmo, ISPLA, 2004.
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). *Delta*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-130, 2001.
- LÜHNING, Angela. *Acabe com esse santo, Pedrito vem aí... mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942*. *Revista USP*, (28), 194-220, dez/fev. 1995-1996. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p194-220>.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo, Parábola, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. *Gragoatá*, Niterói, v. 5, n. 9, p. 11-27, 2000.
- MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... novas considerações. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana. *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. FUNAG: Brasília, 2012.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução do francês: Eliane Lisboa - Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.
- MOTA, Carlos Guilherme. (Coord.) *Viagem incompleta: a experiência brasileira*. São Paulo: Senac, 2000. 2v.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. Pontos de partida para uma revisão histórica. 4ª ed. São Paulo: Editora 34, 2014.
- MOTA, Carlos Guilherme; LOPEZ, Adriana. *História do Brasil*. Uma interpretação. 5ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- MOTT, Luiz. O calundu angola de Luzia Pinta: Sabará, 1739. In *Revista IAC*, Ouro Preto, v. 2, n. 11/2, p. 73-82, 1994.
- MOTT, Luiz. Acotundá: raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro. In *Anais do Museu Paulista*, nova série, volume XXXI, São Paulo, 1986, pp. 124-147, p. 138.
- MOTTA, Roberto. De Nina a Juana: Representações da África e do Candomblé, 1896-1976. *Áfricas: revista do programa de pós-graduação em estudos africanos e representações da África*. v. 1, n. 1 (2014). Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/africanas/article/view/2382/1634>. Acesso em:
- MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988
- MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Inclusão social um debate necessário?* Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59> Acesso em 12/11/19
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra*. Petrópolis: Ed.Vozes, 1999.
- NASCIMENTO, Abdias. *O Negro revoltado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- NASCIMENTO, Beatriz. "Um retrato". In: RATTIS, Alex; GOMES, Bethânia (Org.). *Todas [as] distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. p. 36.
- NASCIMENTO, Jaime; GAMA, Hugo (Org). *Manuel R. Querino: seus artigos na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*. Salvador: IGHB, 2009.
- NUNES, Erivaldo Sales. *Contribuição para a história do candomblé Congo-Angola na Bahia: O Terreiro de Bernardino do Bate Folha (1916-1946)*. Tese de doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2017.
- NUNES, Erivaldo Sales. *Homenagem 100 anos do Terreiro de Candomblé do Bate Folha*. Revista Eletrônica da Biblioteca Virtual Consuelo Pondé - n. 5, fev de 2017. Disponível em: [http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?homenagem=100-anos-do-terreiro-de-candomble-de-bernardino-do-bate-folha#\\_ftnref1](http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?homenagem=100-anos-do-terreiro-de-candomble-de-bernardino-do-bate-folha#_ftnref1). Acesso em 12/01/20.
- Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2ª ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: editora Nova Fronteira, 1993.
- OLIVEIRA, Dennis de. Frantz Fanon, racismo e pensamento descolonial. In: *Revista Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/fanon-racismo-e-pensamento-descolonial/> 2018. Acesso 11/10/19.
- OLIVEIRA, Eduardo (Org.). *Quem é quem na negritude brasileira*. 3. ed. São Paulo: Congresso Nacional Afro-brasileiro; Brasília: Ministério da Justiça, vol. 1, 1998.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. Édison Carneiro. *Revista Afro-Ásia*, n. 13 (1980). Disponível em: n. 13 (1980). Acesso em 21/01/2020.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 9ª reimpressão 2006.

- PAES, Marilena Leite. *Arquivo: teoria e prática*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Repensando os trópicos*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- PAZ, Clilton Silva da. *Um monumento ao negro: memórias apresentadas ao Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, 1934*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007.
- PINTO, Valdina Oliveira. *Meu caminhar, meu viver*. 2ª ed. SEPROMI: Salvador, 2015.
- PINTO DE AGUIAR, Manuel Querino e sua obra. In: QUERINO, Manuel. *A raça africana e seus costumes*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1955, p. 5-11.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>  
Acesso em 12 de abril de 2019.
- QUERINO, Manuel. *Os Homens de Côr Preta na História*. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Salvador, n. 48, p.353-363, 1923.
- QUERINO, Manuel. O Colono Preto como Fator da Civilização Brasileira. In *Afro-Ásia*. Salvador, Bahia, Brasil 0002-0591/1981-1411. n. 13 (1980)
- QUERINO, Manuel. *Costumes Africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad/racionalidade*. Perú Indígena, Lima, v.12, n. 29, p. 11-20, 1992.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: CLACSO (Orgs.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em 14 de dezembro de 2019.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social In: Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel (Orgs). *El Giro Decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007, p. 93-126.
- RAJAGOPALAN, Kanavilli. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?. In: Signorini I. *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Mercado das Letras: Mercado das Letras; 1998.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Graphia, 2001.
- RAMOS, Arthur. Os mythos de Xangô e sua degradação no Brasil. In: *Congresso afro-brasileiro*. (1:1934: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 6.
- RAMOS, Arthur. Prefácio. In: *Congresso afro-brasileiro*. (2:1936: Recife). Estudos afro-brasileiros. Apresentação: José Gonçalves de Mello. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988. Volume: 7.
- REGO, José Lins do. Xangô em Alagoas. In: *Jornal Pequeno*. 1º Congresso Afro-Brasileiro: a audição de ontem no Santa Isabel. 17/11/1934.
- REIS, Isabel Cristina Ferreira. *A família Negra no Tempo da Escravidão: Bahia 1850-1888*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003;
- REIS, João José. *Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- REIS, João José. *Nossa História Começa na África*. Biblioteca audiovisual com foco voltado para o processo de construção social da cultura afrodescendente no Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PF6mXS9QWpo>. Acesso em 11/11/19.
- REIS, João José. Magia Jeje na Bahia: a invasão do calundu de Pasto de cachoeira, 1785. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 8, no. 16, mar. 88/ ago. 88, pp. 57-81.
- REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- REIS, João José. (1993). Manuel Bonfim, antropólogo. In: BONFIM, Manuel. *A América Latina: males de origem*. 3.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 9-20. [Publicado originalmente na *Revista do Brasil*, 1/2, 1984, p. 48-59.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro, a Formação e o Sentido do Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem Medo do Feminismo Negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen (Selo Sueli Carneiro), 2019.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- RODRIGUES, Raimundo Nina Rodrigues. *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- RODRIGUES, Raimundo Nina Rodrigues. *Os Africanos no Brasil*. Revisão e prefácio de Homero Pires. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O Intelectual "Feiticeiro": Édison Carneiro e o Campo de Estudos das Relações Raciais no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2011.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 13, p. 101-113, jun. 2007.
- SANCHIS, Pierre. *As tramas sincréticas da história: Sincretismo e modernidades no espaço luso-brasileiro*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: ANPOCS, ano 10, n. 28, p. 123-138, jul. 1995.
- SANSONE, Lívio. Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*. Ano 24, n. 1. Rio de Janeiro, 2002.
- SANSONE, Lívio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil*. Salvador: EDUFBA/PALLAS, 2007.
- SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SANT'ANNA, Márcia. O tombamento de terreiros de candomblé no âmbito do IPHAN: critérios de seleção e de intervenção. In: *Políticas de Acautelamento do IPHAN para Templos de Culto Afro-Brasileiros*. IPHAN: Salvador, 2012.
- SANT'ANNA, Márcia. Escravidão no Brasil: os terreiros de candomblé e a resistência cultural dos povos negros. In: *Políticas de Acautelamento do IPHAN para Templos de Culto Afro-Brasileiros*. IPHAN: Salvador, 2015.
- SANTIAGO, Cybèle Celestino; CERQUEIRA, Karina Matos de Araújo F. *Sobre arcos e bondes: resgatando a memória urbana de Salvador*. Salvador: EDUFBA, 2019.
- SANTOS, Elisabete; PINHO, José Antônio Gomes de; MORAES, Luiz Roberto Santos; FISCHER, Tânia (orgs). *O Caminho das Águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes*. Salvador: CIAGS/UFBA;SEMA, 2010.
- SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu kiau: Tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. 2019, 233 f. Tese de doutorado - Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019.



- SANTOS, Tiganá Santana Neves. *Brevíssimas considerações sobre as línguas Bantu, em particular, a língua Kikongo: memórias afro-brasileiras*. Palimpsesto, Rio de Janeiro, v. 17, n. 28, p. 104-120, 2018.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. Org. por Charles Bally e Albert Sechehaye. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SERRA, Ordep. *Ilê Axé Iyá Nassô Oká/Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho - Laudo Antropológico*. Universidade Federal da Bahia. 2008. Disponível em: <http://ordepserra.files.wordpress.com/2008/09/laudo-casa-branca.pdf>. Acesso em 10/11/19.
- SERRA, Ordep. *Monumentos Negros: uma experiência*. Revista Afro Ásia, n. 33, p. 169-205, 2005.
- SILVA, Raoni Neri da. *A Nova Escola do Recife: o Serviço de Higiene Mental e sua relação com o campo indo-afro-pernambucano*. Dissertação de mestrado. Recife: UFPE, 2018.
- SILVA, Sarah Calvi Amaral. *Africanos e afro-descendentes nas origens do Brasil: raça e relações raciais no II congresso afro-brasileiro de Salvador (1937) e no III congresso sul-rio-grandense de história e geografia IHGRS (1940)*. Porto Alegre: UFRGS, 2010.
- SILVEIRA, Renato da. *O candomblé de Angola na era colonial*. In *A casa dos olhos do Tempo que fala da nação Angolão Paquetan Kuzon Kia Mezu Tembu Kisuelu Kwa Muije Angolão Paquetan*. Salvador: Asa foto 2010.
- SIMMEL, Georg. A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva. In: SOUZA, Jessé, OELZE, Berthold (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora da UNB, 2005.
- SODRÉ, Muniz. *O Terreiro e a Cidade: a formação social negro brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.
- SODRÉ, Muniz. *Pensar Nagô*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. Maputo: AEMO, 1998.
- SOUSA Jr, Vilson Caetano de. *Corujebó: candomblés e polícia de costumes (1938-1976)*. Salvador: EDUFBA, 2018.
- SOUZA, Laura de Mello e. Revisitando o calundu. In: GORENSTEIN, Lina; CARNEIRO, Maria L. Tucci (Org.). *Ensaio sobre a intolerância: Inquisição, Marranismo e Anti-Semitismo*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 293-317.
- SOUZA, Marina de Mello e. Catolicismo negro no Brasil: santos e minkisi, uma reflexão sobre miscigenação cultural. *Afro-Ásia*, Salvador, UFBA, v. 28, p. 125-146, 2003.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. *O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 745-760, set.-dez. 2012.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. *Retratos da nação: os 'tipos antropológicos' do Brasil nos estudos de Edgard Roquette-Pinto, 1910-1920*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 7, n. 3, p. 645-669, set.-dez. 2012.
- SÜSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. *História e dependência: cultura e sociedade em Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Moderna, 1981.
- SÜSSEKIND, Flora; VENTURA, Roberto. A América Latina: males de origem. In: Santiago, Silviano (org.). *Intérpretes do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 609-625, 2000.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- VENTURA, Roberto. Manoel Bomfim. A América Latina: males de origem. In: Mota, Lourenço Dantas (org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico 2*. São Paulo: Senac, p. 237-258. 2001.

- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2ª ed. Brasília: UNESCO, 2010, p. 139-166.
- VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. In: *Políticas de Acautelamento do IPHAN para Templos de Culto Afro-Brasileiros*. IPHAN: Salvador, 2012.
- VELOSO, Mariza. Gilberto Freyre e o horizonte do modernismo. Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Soc. estado., v. 15, n. 2, p. 361-386, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/25634>. Acesso em 21/12/2019.
- VERÍSSIMO, José. Livros e autores de 1903 a 1905. In: Estudos de literatura brasileira, 6º. Série. Belo Horizonte, MG: Itatiaia; São Paulo: USP, 1977.
- VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- VIANNA, A. Manoel Querino (conferência). Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 54:305-316, 1928.
- VILHENA, Luís Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Editora FGV/ Funarte, 1997.

**ANEXO**

**TRANSCRIÇÕES**

**100 ANOS DO TERREIRO BATE FOLHA**

**Nome da entrevistada: Dona Olga**

**Nome completo: Olga Conceição da Cruz**

**Data: 14/09/2016**

**Nome/localização do arquivo: 0000, 0001, 0002, 0003, 0004 e 0005**

**Transcrição feita por: Hanna, Tainna e Rebeca**

**Photo da entrevistada**



VIDEO 0000

00'20'' Severino: Então Dona Olga, lá dentro a gente estava conversando e a senhora começou a contar pra mim como é que foi a senhora chegar aqui no Bate Folha, como é que era esse seu tempo de infância, a senhora poderia contar pra gente um pouco essa história novamente, por favor?

00'36'' Dona Olga: A história é como eu conversei com o senhor, eu vinha pra aqui com vovó, desde os quatro anos, né? Foi quando vovó foi confirmada e desde os quatro anos que eu ando pra aqui e tive aquele problema, mas seu Bernardino não quis me recolher porque eu era menina e ele não gostava de recolher menina, aí eu fui ficando, ficando e tal, até que seu Bernardino quando faleceu, eu vim pra aqui e tal, foi quando quem vinha pra aqui era paizinho, que era meu pai de santo, a dijina dele era Bandanguame. Aí Zezé ficou aqui sozinha e tal e disse a Bandanguame que viesse pra tomar conta da casa, que ela não podia morrer debaixo de casa velha, porque a casa tava toda acabada e meu pai de santo tinha uma casa lá no, no Vaz Lobo, lá no Rio, ele vendeu a casa de Vaz Lobo e veio pra aqui. Aqui ele modificou tudo.

02'25'' Severino: A senhora disse que não tinha telhado né nesse tempo, era tudo bastante...

02'28'' Dona Olga: Não, não, não, não era, era um telhado assim todo malamanhado, né? Já tinha o barracão, mas o barracão ainda não era, era arquibancada de madeira... a janela era, não era aquelas janelas decentes e tal, era como podia ser naquele tempo, né? (risada) que tudo naquele tempo era mais difícil, não é? Então, Tatá remodelou tudo e tal, foram três anos de obra aqui. Depois dos três anos, aí ele... seu Bernardino tinha deixado muito abian, aí Tatá recolheu o barco, eu fui a dofona, eu fui a primeira, meu barco foram de doze e aí depois no meu barco quando chegou na primeira... na segunda saída ele botou, confirmou dois ogãs, que eram os dois filhos dele, no rum confirmou mais três e aí ele foi levantando o Bate Folha, remodelou o barracão, botou essas janelas todas de vidro e tal, endireitou a arquibancada e aí quando fez um ano ele botou o segundo barco de catorze, que é o barco de Nedembu e aí ele foi indo, foi indo, confirmando ogãs e tal e coisa, ekedi, e eu aí fui ficando, ficando... nesse tempo eu morava no Gravatá e aí vinha pra cá, chegava aqui tava Tatá sozinho, que era meu pai de santo, com duas, tinha muito cliente e tal, aí eu fui vindo, fui ficando, ah Tintina que era minha mãe, "Tintina eu

vou pra roça que kitangana tá lá sozinha com kissuxino e tal, vou ficar lá com ela pra dá uma mão, nisso eu fui ficando que quando eu abri os olhos tava morando aqui.

05'14'' Severino: Com quantos anos foi isso Dona Olga?

05'17'' Dona Olga: Eu podia tá com meus vinte e seis a vinte e sete anos, que eu fiz santo com vinte e quatro, vinte e quatro anos, eu entrei em 1949.

05'38'' Severino: A senhora tinha me dito que a sua mãe não queria que a senhora fosse iniciada, né?

05'41'' Dona Olga: Não, não, não, não, não, não queria, quem me trouxe pra aqui foi vovó, mas minha mãe também vinha aqui, mas não queria que eu entrasse pra fazer santo, é tanto que de minha família daqui de dentro só tinha mesmo eu e vovó, meus tios vinha aqui, mas nenhum tinha responsabilidade nenhuma. Depois foi que aí que hoje em dia tem é parente meu aqui dentro, quase tá todo mundo aqui, tem ocasiões que eu conto dez, entre sobrinho, primo, prima. E minha mãe, ultimou, eu trazendo ela pra aqui, porque a gente morava no Gravatá, o senhor sabe onde é o Beco dos Cravos?

06'40'' Severino: Sim.

06'41'' Dona Olga: Hum, a gente morava ali e foi por isso mais que eu fiquei aqui, porque o Beco dos Cravos não tinha nada, não tinha vizinho assim pra eu, não tinha, a casa era assim, era uma sobreloja e essa sobreloja de dia ficava com a luz acesa, pra fazer qualquer coisa era de luz acesa, pra gente tomar um banho tinha de sair, arrodar o beco todo pra ir lá atrás, pra tomar um banho. Ultimou que quando, minha mãe sem querer sair de lá, já tava a vinte e cinco anos morando ali, e eu aqui toda amoa... as correspondências daqui que não tinha aqui, não vinha correio, ia lá pra casa, Gravatá, Beco dos cravos, 26, loja (risada), Antonio José da Silva, era telegrama, naquele tempo tinha a Oeste, né? Que era o telegrama mais rápido que tinha. Tudo ia lá pra casa, que todo dia o empregado tinha de ir lá em casa pra ver se tinha carta ou telegrama, porque os clientes todo de Tatá era de lá do Rio. Ele deixou muitos clientes lá e ele ficava aqui e tal e coisa, de três em três meses, dois em dois meses ele ia lá no Rio passava um mês, dois e voltava. E aí, Tintina sem querer entregar a casa, aí deu uma enchente, enchente que a água trouxe o, trazia o, trouxe cama, trouxe tudo assim pra cá pra porta da rua, ficava assim ó (faz movimento com as mãos).

08'41'' Severino: Que ano foi isso? A senhora lembra?

08'42'' Dona Olga: Ah, não me lembro não.

08'45'' Severino: Mas aí, é nesse tempo da juventude da senhora?

08'48'' Dona Olga: Era mais ou menos, podia tá com meus trinta e cinco.

08'54'' Severino: Sua mãe era viva ainda?

08'55'' Dona Olga: Era, minha mãe morreu em oitenta, no dia vinte e oito de janeiro de mil novecentos e oitenta.

09'11'' Severino: Aí já não era mais Tatá.

09'13'' Dona Olga: Não, minha mãe, minha mãe.

09'14'' Severino: Não, mas eu digo era Bernardino, Tatá...

09'16'' Dona Olga: Não, seu Bernardino morreu em, quando foi?

09'20'' Cícero: Quarenta e seis.

09'21'' Dona Olga: Em quarenta e seis. Nós entramos aí pra fazer seu Berna..., Tatá veio em quarenta e seis mesmo, quer dizer de quarenta e seis Tatá nos recolheu em quarenta e nove, mil novecentos e quarenta e nove. Três anos ele levou fazendo obras aqui.

09'48'' Severino: Aí depois dele quem é que vem?

09'50'' Dona Olga: Depois dele aí, bom, ficou aí Tatá e tal e coisa. Aí ele, às vezes eu ia pro Rio com ele, ia pra São Paulo, mas ele teve... a última vez que ele foi pro Rio, ele já não tava bem das perna e tal. Ele foi de avião, naquele tempo não tinha passagem fácil, conseguiram duas passagens pra ele, mas eu não quis deixar eles ficarem lá sozinhos, ele e padrinho, aí eu fui de ônibus, nunca tinha viajado sozinha, eu fui de ônibus pra lá, quando eu cheguei lá, eu já encontrei ele doente, que uma trovoada que deu, ele com medo da trovoada, que quando ele correu no corredor tropeçou ne uma cadeira, caiu, pronto, ele já tava doente, aí ele com quinze dias ele faleceu, enterrou lá mesmo, nós voltamos e tal, nesse tempo voltamos de ônibus, a rodoviária era aí na Sete Portas. Kianzelo foi buscar a gente... o ônibus atrasou. Aí tal, teve as obrigações todas, aí quem vai, quem vai ficar, quem vai ficar, aí ficou pai Pedro, que era Pedro Ferreira da Silva, Dijineuanga. Aí pai Pedro ficou e tal e coisa, um ano, mas com um ano teve lá um problema com o vizinho, só sei que ele também só ficou um ano, faleceu, quem vai, quem vai ficar, quem vai ficar, ficou Eduarlindo.

VIDEO 0001

00'08'' Cícero: Não mãe, seu Joca. Depois do pai Pedro, Joca.

00'12'' Dona Olga: E foi?

00'14'' Cícero: Foi mãe, Tata Nebanji.

00'16'' Dona Olga: Ah foi, foi, foi, foi padrinho, foi. Foi padrinho, isso mesmo, padrinho ficou e tal.

00'27'' Severino: Hein, Dona Olga, a senhora tava dizendo que vocês iam muito ao Rio né? Dá pra dizer que o terreiro, ele expandiu-se pelo Brasil a partir de feiturás ou não?

00'42'' Dona Olga: Não, não porque seu Bernardino, ele comprou... Tatá, meu pai de santo, ele comprou uma roça lá em Anil, no Anil, no Rio, mas seu Bernardino disse a ele que não registrava a casa dele lá no Rio, porque ele que tinha de tomar conta daqui do Bate Folha, então a cabeça não podia carregar dois chapéu. Porque tinha um outro filho de santo dele que era Lessenge, esse Bate Folha que tem no Rio que chama Kupapa Nsaba, né?

01'22'' Cícero: É.

01'23'' Dona Olga: Kupapa Nsaba... Agora quem está é Mabeji porque Lessenge morreu, e quem ficou foi a sobrinha dele, mas ele já tinha a casa dele lá, registrada, e não se dava bem com seu Bernardino. Seu Bernardino então disse que aqui era de Bandanguame, quem ia tomar conta era Bandanguame, e uma vez que seu Bernardino não quis que ele ficasse lá, ele aí se desfez do sítio lá e ficou só com a casa de Vaz Lobo. Era uma casa muito bonita, de Vaz Lobo, ele vendeu essa casa e o dinheirinho todo foi aqui, e aí quando ele se foi e tal e coisa, que veio Pedro, Pedro só ficou um ano, depois foi que aí, padrinho que era filho dele, de Bandanguame, tomou a rédea e tal, ficou fazendo uma coisa, outra, uma coisa outra que não queria também muita coisa, foi quem confirmou Cícero, aí confirmou Cícero, depois de muito tempo botou dois barcos, não foi dois?

02'46'' Cícero: Três, contando com Marinalva.

02'47'' Dona Olga: Três, foi Vulamean primeiro, não foi?

02'50'' Cícero: Foi. Vulamean, Meankelesi e Marinalva.

02'53'' Dona Olga: E Marinalva. Depois foi... Vulamean, isso mesmo.

02'57'' Cícero: As três.

03'00'' Dona Olga: Ah foi foi isso mesmo. Agora ogã confirmou o senhor, quem foi mais?

03'04'' Cícero: Eu, Didi, Valdemar.

03'10'' Dona Olga: Foi isso mesmo.

03'12'' Cícero: E Dominginhos.

03'13'' Dona Olga: Ah foi, mas desses todos, que esse daí era menino, esse daí vinha pra aqui menino com o tio dele, era quem trabalhava aí no, com o motor, porque quem trabalhou, quem arrumou o motor era seu João, mas seu João já não tava mais, já tinha morrido num foi?

03'34'' Cícero: Foi.

03'35'' Dona Olga: Aí Maracanã era quem ligava o motor, mas só ligava dia de festa o motor. Ele vinha pequenininho pra cá e tal, ficava aí com Maracanã, aí foi crescendo, Iansã suspendeu ele como ogã e tal, quando ele quis se confirmar padrinho disse "Não, vá se formar primeiro, depois que você se formar, estudar, se formar, a gente vê aí". Quando ele tava no ponto, já tinha se formado, aí quis se confirmar... e foi quem ganhou a confiança de seu Joca, foi ele. Tudo que padrinho precisava aqui, nesse ano trabalhava aí na como é? Água mineral aí...

04'31'' Cícero: Água mineral.

04'32'' Dona Olga: Aí no Retiro num era?

04'35'' Cícero: Era.

04'36'' Dona Olga: Aí ligava pra Cícero “Cícero, pode vim aqui? ”, “Vou sim senhor”, e tal. E aí foi bom né? Porque depois, padrinho ficou doente e tal, fumava muito. Foi uma confusão aqui, vem um, vem outro, e tal quem fica, quem não fica, e a gente aqui, ele levou um bocado de tempo aqui doente e depois se internou, internou... quando padrinho faleceu aí vem seu Eduarlindo. De seu Eduarlindo... a nossa valença era que esse daqui tinha mais competência do que seu Eduarlindo. Eu não podia fazer nada, porque eu era mulher, só podia, ensinando, ensinando a ele mais ou menos, o que ele não sabia. Aí seu Eduarlindo não fazia nada sem ele, “cadê o branco que ainda não chegou minha gente? Cadê o branco? ”. Aí ficou aí seu Eduarlindo e tal, botou um barco, o primeiro barco... foi, que não foi ele que...porque era a esposa dele que ia entrar, quem fez foi ele e eu, e essa menina de Katende que foi de seu Eduarlindo. Depois desse quem foi? Foi esse de sete não foi?

06'30'' Cícero: Foi o de sete.

06'31'' Dona Olga: Foi o de sete, depois do de sete...

06'37'' Cícero: Veio mais uns quatro barcos.

06'39'' Dona Olga: Foi, mas sempre ele tinha o nome do Tata, mas aí (aponta para Cícero), esse daí é que sabe. E aí, depois quando seu Eduarlindo, teimoso, ficou doente e tal e coisa, tinha de fazer uma cirurgia, aí disse assim “Ah, não vá não e Dudu e tal, não mas a doutora só pode fazer agora e tal e coisa, ainda teve um santo aí que veio e disse a ele que não fosse, mas ele disse que ele ia, porque a médica só podia atender naquele dia, só podia fazer a cirurgia naquele dia e tal. Aí desceu e ele não quis ouvir nada, cirurgia errada. Não foi Muguaxi?”

07'44'' Cícero: Foi, na vesícula, uma confusão.

07'48'' Dona Olga: Uma confusão nisso, mas...

07'49'' Cícero: Também a idade já avançada.

07'50'' Dona Olga: Já avançada. Mas mesmo assim ele ainda levou uns anos aí depois, foi e digo assim e agora. E agora José? Agora José eu digo vumbora Muguaxi, é por aqui, por aqui, por aqui, por aqui, eu sei que ele tá levando o Bate Folha. Eu digo “vumbora tentar coisar”, “Não, só vou, só sento na cadeira se”, como era que você dizia? (Risada) Diga.

08'32'' Cícero: Só se Kukueto me sentasse... a santa dela.

08'42'' Severino: Dona Olga, queria que a senhora contasse um pouco, a senhora falou da máquina de diesel ali que acendia o ambiente da festa, como é que era no tempo que não havia luz aqui, como é que era essa entrada antes dessas mudanças todas aqui no Bate Folha? Como é que fazia?

08'56'' Dona Olga: Como é a entrada?

08'56'' Severino: É, a senhora disse que entrava lá pelo, pelo...

09'00'' Dona Olga: Não, a primeira entrada era lá (aponta).

09'01'' Severino: Na roça.



09'03'' Dona Olga: É, era lá, era, por lá. Depois a gente vinha com o facho. Tinha o bonde de Retiro, bonde de Calçada e bonde de Cabula. O bonde do Cabula só ia até o largo do Cabula, voltava. O de Calçada chegava no Retiro descia pra Calçada e o de Retiro só vinha até o Retiro. A gente pegava um desses bondes e tal, saltava aí no Retiro, quando chegava no Retiro elas compravam, isso eu era meninota, comprava o facho naquelas barraquinhas que tinha, tudo com o bibianozinho aceso, porque não tinha lampião naquele, não tinha luz elétrica, só tinha quem, quem tinha mais condições, tinha aqueles, aquele lampião grande, outros tinham aqueles candeeirinho de manga. E aí comprava o facho e a gente vinha pelo caminho, subia por aí, passava pela bica, chegava aqui já de noite, já tarde da noite, aqui tava tudo de, todo mundo com um fifozinho aceso, aqueles fifozinhos de lata, de garrafa. Agora quando era no dia da festa, primeiro era, era... como é? Carbureto. Aquelas máquinas de carbureto, um negócio assim redondo, com aqueles, aquele tubo comprido e agora ali saía aquela luz, mas aquilo tinha um cheiro enjoado, carbureto. Depois aí seu Bernardino ganhou esse motor, seu João trabalhou aí, depois seu João não pôde mais vim e era o tio de, de Cícero, Maracanã, que cuidava, tinha um tanque grande, mas ele, como é? Dava luz pra essa roça toda, mas tinha de ter o tanque da água, né? Às vezes quando acabava a água assim aí Tatá chegava “Ói minha gente vumbora descer pra fonte pra pegar água, que a água do motor já tá acabando”, aí tinha que descer aquele bocado de gente aí pra pegar água, que água nesse tempo era lá na bica, era no jegue.

11'36'' Cícero: Ele tinha um motor, tinha um radiador, e esse radiador puxava muita água, ele esquentava muito, e tinha que tá trocando a água dele direto. Diziam até que ele gastava mais água do que gasolina.

#### VIDEO 0002

00'01'' Cícero: Por ser estacionário, era um motor de carro que adaptaram para ficar estacionado.

00'04'' Severino: Entendi, aquecia, né?

00'05 Cícero: Aquecia, então era um tal de trocar água. Era um tanque, um barril de tantos litros de água pra tá trocando.

00'13'' Severino: E este tempo tu pegaste?

00'15 Cícero: Não. Ele funcionando, não. Ainda era muito pequeno.

00'19'' Dona Olga: É, é.

00'20'' Severino: Hein Dona Olga, outra pergunta que eu queria fazer, a senhora falou duas vezes aí nos vizinhos, tinha uma venda aqui perto... como é que era a relação do terreiro com os vizinhos, com a vizinhança. Havia respeito ou se havia algum conflito.

00'36'' Dona Olga: Não tinha conflito nenhum, porque não tinha vizinhança. Aqui, tudo isso aí era mato. Agora, do lado de lá era uma roça, eu não me lembro do dono da roça não. Eu sabia, mas já me esqueci. Agora, a gente saía daqui, tinha uma casinha ali... andava mais ooooooutro pedacinho pra encontrar outra casinha, ooooooutro pedacinho pra encontrar outra casinha... e assim por diante. Eu sei que de manhã, todo dia, menino é que faz essas coisas né, quando tava aqui, “vumbora, miúda”. Era Narciso, que era filho da finada Samba e Duzinha pra ir comprar o leite, buscar o leite, lá na roça de Dr. Pedro Araújo”, onde é a Simba. A gente

ia buscar o leite, que era pra ferver pra seu Bernardino. Se faltava uma coisa, esqueciam de trazer da cidade: “quem vai na venda do buraco?” “Mande fulano ou fulana”. Menino gostava de rua, né? Lá ia a gente pra venda do buraco. Agora o sr. veja, o que era: sair daqui, pra ir por esses matos todo... nunca ninguém fez nada. Depois foi que foi abrindo umas vendinhas aqui, umas casinhas e tal, aí foi que melhorou. Mas nunca ninguém incomodou a gente aqui em nada. Mesmo quando esse, esqueci o nome dele aí, que era dono desses terrenos do outro lado, resolveu ‘alotear’ tudo, aí foi que passou a confusão. Ficou esse terreno daí, todo baldio, que era uma roça, que era... [tosse] Desculpe. De um... [tosse] Desculpe viu?

#### VIDEO 0003

00’02’’ Dona Olga: Esse aí, todo aí, que era de... oh me esqueci o nome dele, do marido de Roberta [tosse]. E ficou esse terreno aí, fizeram uma fábrica de sabão, depois abandonaram e tal e coisa. Aí foi que depois fizeram essa invasão, daí pra cá, aí foi que veio a confusão pra aqui. Aí foi que veio a confusão... pra aqui só não, viu, porque graças a Deus, a única coisa que eles aqui faz é somente as fruta, somente no tempo de fruta. Mas graças a Deus não tem nada. Agora no tempo do seu Bernardino era que tinha o abuso de Pedrito, né?

01’10’’ Severino: A senhora lembra disso?

01’12’’ Dona Olga: Não, eu não me lembro. Eu não me lembro porque eu era menina... Agora quando a gente via, os mais velhos contar, né? Que Pedrito andava muito pra qui pra perseguir seu Bernardino porque naquele tempo não podia tocar nada. Seu Bernardino escondia, saía por aí pelos fundos, essas bobagens toda, mas, depois ele virou amigo de seu Bernardino.

01’46’’ Severino: Aí parou essa bobagem...

01’48’’ Dona Olga: Éééé, acabou a bobagem, essa perseguição. E outra coisa. Agora o sr. veja: aqui teve uma ocasião, que teve um negócio aqui que seu Joca disse assim, as meninas tinha subido, tava todo mundo aí, que tinha vindo pra fazer ossé, aí quando ele disse: “gente, tá acontecendo um negócio aí, tal e coisa”, aí ele disse assim: “e tem de uma pessoa sair pra ir lá onde está Dr. Geraldo”. Eu disse: “eu não vou ficar aqui”. Ele disse: “e quem vai?” e quem? E eu disse assim “eu prefiro ir na cidade 3h da manhã... 3h da manhã”. Ele disse... eu digo “eu prefiro ir na cidade do que ficar aqui”... Ele disse é? Eu disse “é...” Ele disse: “vumbora”. Sai eu, e uma que chama, chamava Batuílo. Não, eu e Valdelice, Kiuanguiá, saímos por aqui, 3h da manhã, ‘pow, pow, pow, pow, pow, pow, pow’. Descemos da fonte da telha. Que quando a gente chegou, tinha uma casa, que de primeiro tinha o Tanque da Prata aí embaixo, que botava água lá pra cidade e tinha uma casa de máquina. Que quando a gente chegou pela casa de máquina ali, aí, eu olhei assim pra trás. Eu disse assim: “Valdelice, vem uma pessoa ali atrás”, aí quando ela olhou disse assim: “É Batuílo, minha mãe”. A gente foi, atravessou o Retiro, subiu a ladeira de pedra, eu não sei se ainda tem a ladeira de pedra aí no Retiro, que quando a gente chegou lá no IAPI, só tinha aqueles conjunto do IAPI, aí os guarda noturno ‘príííí’, ‘príííí’, ‘príííí’, três ‘mulheres’ uma hora daquela, e Batuílo, ela era magra, altona, aí, o de lá do Largo do Tamarineiro, do Largo do Tamarineiro respondeu, que quando a gente chegou no Largo do Tamarineiro já estavam esperando a gente, aí perguntou, disse “não, vamos alí numa diligência, e tal e coisa”. Ele viu que era três mulheres... Aí fomos, que quando a gente chegou na casa, o dia vinha clareando, na casa de Kianzelo, aí ele disse assim “vocês por aqui uma hora dessas?” Eu disse: “Não, é porque a gente foi numa festa e tal, era tarde, aí viemos aqui”. Aí ela disse: “Que nada, tá me enganando. Barbosa! Barbosa!” Já Kianzelo vinha. Aí de lá, falei com Kianzelo, Kianzelo levou pra casa de pai Pedro, da casa de pai Pedro a gente foi

pra casa de Dr. Geraldo pra ele resolver lá o mandu dele. De lá a gente veio embora... Agora o sr. veja, naquele tempo, era mato, a gente podia andar. Hoje em dia, ninguém pode sair mais na rua. 3h da manhã, a gente saiu daqui pra ir lá pra Cidade Nova.

05'49'' Severino: Então dá pra dizer que a cidade perdeu alguma coisa, não é? Que era essa capacidade aí... de circular e tudo mais. E como é que, já que estamos falando aí do hoje né, a senhora disse que mudou bastante, é... e a senhora vê hoje, intolerância hoje religiosa? Aqui?

06'05'' Dona Olga: Aqui? Aqui não. Aqui, quem chateou aqui um pouquinho foi quando começou esse... a Universal. A Universal foi que quis perseguir um pouquinho aqui a gente, tal e coisa, mas... nunca abusou assim não. Vinha pra conversar, pra querer, e tal e coisa, quando foi uma vez, vinha, como é, duas meninas, vinha saindo da casa, duma casa, que tem ali, da casa do Ogum, eles tava no portão. Aí chamou, vinha uma do Oxum e uma de Katende... quando... “e o que que vocês tavam fazendo ali? Eu, me leve naquela casa”, que quando eles disseram assim, me leve naquela casa, aí Katende respondeu. Que quando Katende respondeu, eles aí ói... [gesto com a mão]

07'17'' Severino: Mas foi só essa vez aí...

07'19'' Dona Olga: Não, teve outras vez que eles vinha, pra trazer livro, chamava preu ler, chamava... tinha gente que era, vinha aqui, depois vinha, entrava pra lei de crente, vinha “aaah, Dona Olga, a senhora e tal, eu trouxe esse livro pra senhora ler e tudo”, mas agora... não incomoda mais não. Né, Muguaxi?

07'40'' Cícero: Não incomodam mais não...

07'41'' Dona Olga: Num abusa não. Teve uma vez que abriu um candomblé aí. Eles disseram que ia botar louvor, não sei o que, que ia botar louvor até aqui na porta do Bate Folha, mas... não bota não. A gente toca nosso candomblé aqui, também, a gente é distante né? Não tem vizinho quase que nenhum aqui, por aqui...

08'08'' Severino: Dá pra dizer que é um lugar de paz, então né?

08'09'' Dona Olga: De paz, é. Graças a Deus. Ói, me dou bem, a gente se dá bem com o padre aí... ele vinha aqui. Quando tinha umas festas aí, eles pedia pra guardar os carro aqui, não era? Cícero?

08'28'' Cícero: Pra fazer estacionamento... encontro de casais...

08'41'' Dona Olga: Graças a Deus. Aqui eu só tenho medo, medo, medo, medo, medo, medo... é de bicha.

08'56'' Severino: E é comum?

08'59'' Dona Olga: Ave Maria...

09'00'' Cícero: Tem bastante...

09'02'' Severino: Ah, então conta um episódio aí pra gente, que a senhora se deparou com a bicha aí...

09'06'' Dona Olga: Aaah, aqui. Aqui ainda outro dia aí, uma vez, um menino tava aí,

09'12'' Cícero: Em agosto do ano passado. Debaixo dessa mesa aí.

09'17'' Dona Olga: Foi, oxente! Nádia trabalhava não sei aonde, onde era Nádia, que você trabalhava? Aí quando ela chegou, meio dia, é, numas plantas que eu tinha ali, uma coisa que disse “mainha, olha uma bicha ali” Ela toda enroladinha assim na planta ali. Dia desse, uma ia entrando por aqui...pela porta aqui uma... coral de boi...

09'54'' Severino: Agora a senhora disse que vinha aqui desde quatro anos de idade... naquela época, a senhora chegou a ver também a ver esses animais?

10'00'' Dona Olga: Não, nunca vi. Nããã, nunca tinha visto.

10'05'' Severino: Dá pra dizer que é uma coisa mais recente, então.

10'07'' Dona Olga: Não, não, não, não... Já tinha, mas eu não sei.

10'11'' Severino: Não se incomodava?

10'12'' Dona Olga: Não. Mas agora, Ave Maria. Hoje mesmo, eu não gosto de ver nem falar no nome. Hoje mesmo tava passando ali na televisão...

10'26'' Cícero: Com desmatamento, com lixo... Tem invadido mais. Ficava mais no mato... Rato... e tudo hoje que facilita... Elas tão subindo.

10'31'' Severino: O raciocínio é esse.

10'38'' Dona Olga: Outro dia, Cícero ainda não tava aqui não, ele, eu mandei o rapaz, capinar aí o fundo. Quando eles tão capinando aí o fundo, mas eles pegaram uma que foi preciso dois homens pra carregar. Ali naquela palmeira ali...

10'57'' Severino: Deve ter sido uma rateira né...

11'01'' Dona Olga: Foi preciso dois homens pegar ela.

11'04'' Severino: Aí mataram ela?

11'05'' Dona Olga: Pra levantar ela. Ave Maria, todo mundo saiu pra ver. Que ver que nada, eu não quero ver nada.

11'17'' Severino: Dona Olga, falar em ver, qual é o recado que a senhora gostaria de dar pras pessoas que estão vendo a senhora, a respeito do que o terreiro ensinou pra senhora e pode ensinar pras pessoas? um recado assim...

11'32'' Dona Olga: O recado éééé... o recado que eu acho ééé, a humildade né? Fé. Ter fé naquilo porque... as pessoas...

VIDEO 0004

00'02'' Dona Olga: As pessoas fazendo uma coisa sem fé. tsc, tsc, tsc... não vale nada. Pra mim é a fé e a humildade. Porque eu sou muito humilde. Eu sou muito humilde. E esse daí também, ele, essa corzinha dele é somente aparência. É somente a cor, somente a cor. Mais nada, ele já tá descalço. "Oh Cícero, já tá descalço?" Ele num tem nada. Isso dele branco, dele só é a pele.

00'54'' Severino: Não tem soberba?

00'55'' Dona Olga: tsc tsc tsc.

01'02'' Severino: Então, humildade e fé...

01'04'' Dona Olga: Humildade, fé e boca calada. Boca calada e pé ligeiro. Não vi, não sei, cabe em todo lugar. Porque eu acho que toda religião tem que ter sua boca calada. Ter sua fé, humildade, esse negócio de é bonito, tá todo mundo aí, não vale nada. Não adianta nada. Eu sou muito humilde. Não gosto de humilhar ninguém, tem muita gente que gosta de humilhar e eu não gosto disso.

#### VIDEO 0005

00'02'' Dona Olga: Tempo disse que não mudasse, ele aí disse que ia mudar, aí fez um passeio pra São Bartolomeu. Nois foi pra São Bartolomeu, Maria e tal, muita comida, e tal e coisa, muito samba, muita coisa e tal e coisa. Quando voltamos... isso eu estava com 7 anos. Aí botou as panela aí no lado de fora pra lavar e foi quando... ééé... eu tive, ele... aí... ele tava lavando, as panelas, carregando água. Miúda que vai carregar água, botar água. Aí eu comecei a botar água, daqui a pouco eu tô vendo aquele "arvoredo" assim seco em minha frente. Eu disse assim: D. Eusébia, eu tô vendo um tronco seco aqui em minha frente. Ela disse: Que nada! Miúda, deixa de coisa, menino gosta de coisa, qual é o [latidos]. Aí, aí...daqui a pouco eu disse assim: D. Eusébia, eu não tô enxergando nada, eu aí caí. Eu aí caí, caí, caí toda torta. Foi aí que... disseram assim: leve para Indiana pra dar um banho. Aí a outra disse assim: não leve não que diz que é arte de Tempo. Isso ela, ela já contando, né? Aí minha, minha mãe já tinha ido pra casa. Aí vovó botou a mão na cabeça e disse: Ai meu Deus, a filha dozotro e eu no chão já toda torta. Seu Bernardino aí chamou pra vovó contar como foi, quando tá assim, aí tempo pegou ele: Eu não disse a senhora que dissesse a ele que não mudasse a minha festa? Eu já experimentei uma, nunca ele tinha experimentado o filho de... Ogã Vicente, mas não aguentou. Experimentou "Celé", Celé se obrou toda, não aguentou. Quem me aguentou foi ela. Aí pegou e levou pro mato e fez lá o que tinha de fazer, diz que me trouxe, me trouxe ainda toda torta, chegou aqui, mandou me chamar, mandou me chamar, quando chamou diz que eu me espreguicei toda. E aí... me deram banho e tal, aí eu fiquei 9 dias aí, dormindo aí. E daí pra cá foi que começou meu... meu negócio aqui no candomblé. Por causa da... da teimosia dele, de seu Bernardino. E aí foi que ele disse que não me botava pra dentro que eu tava com 7 anos, não, não recolhia menino. No outro ano entrou o barco de Samba Diamongo. E aí eu fiquei, e tal e coisa... tocando... sempre na... nada ia pra frente, nada nada nada nada nada... nada ia pra frente pra mim.. Aprendi a ler a pulso, aprendi... fazer... alguma coisa a pulso.. aprendi a pulso, e tal, sempre tudo no medo. Bem, até que...até que eu tô aqui... a profissão era essa. Pronto, né? Cabô. Já acabou?

04'02'' Severino: Não, só mais... era a pergunta que eu ia fazer pra senhora. A senhora me disse da festa... algum...é...eu não quis tocar na festa. Nessa pergunta que eu ia fazer. Tinha alguma atividade é...que reunia os terreiros na cidade?

04'16'' Dona Olga: Não, que eu saiba não.

04'17'' Severino: Nunca teve... essa...

04'20'' Dona Olga: Não, na cidade não... o que tinha era... era assim, quando tinha uma festa de um terreiro... ia aquele que... que se dava com aquele terreiro, que... todos os terreiros não se dava, mas eu acho que Seu Bernardino se dava muito com Mãe Menininha, Terreiro do Gantois. Agora, união mermo quem fez com os terreiros foi Tatá, o meu pai de santo.

04'52'' Severino: Por que?

04'55'' Dona Olga: Porque... ele quando tinha festa assim... lá no Gantois, ele nos mandava. No centenário mesmo do Gantois nós fomos.

05'09'' Severino: A senhora tá nas fotografias lá do....

05'11'' Dona Olga: hein?

05'12'' Severino: A senhora tá nas fotografias do centenário...

05'14'' Dona Olga: Eu não vi...

05'15'' Severino: Que tiraram as imagens, que lá foi fotografado.

05'16'' Dona Olga: Foi?

05'17'' Severino: é...

05'18'' Dona Olga: Eu... se tinha, eu não sei. Nós fomos pra missa do que foi do centenário do Gantois e do Eng. Velho. Nós fomos, foram 6, fomos 12, foi 6 pra missa do Gantois e 06 foi pra missa do Eng. Velho. Aí quando a gente chegou lá no... no Eng. Velho passamos o dia toodo lá no Eng, Velho e tal e só veio no outro dia de manhã. Quando tinha festa na casa, no Bonocô, na casa da finada Cecília a gente ia. Quando tinha aqui eles vinham, quando tinha na Korcunda de Iaiá nós íamos, quando tinha aqui eles vinham. A união era essa.

06'07'' Severino: Foi Tatá que fez esse intermédio de aproximação. E a senhora sabe se tinha um motivo assim especial da parte dele, ou se... ou que é que foi que motivou ele a fazer isso?

06'13'' Dona Olga: Não, porque ele gostava de união. Ele gostava de união, era dele mesmo. Porque ele viveu muitos anos no Rio, e aqui, aqueles pessoal todo que era do... do Gantois, do Eng. Velho, que ia lá tudo conhecia ele, tudo se dava com ele, chamava ele de Banda, Banda. E Tatá era muito querido, meu pai de santo era muito querido. Porque ele era muito dado, mas seu Bernardino era mais fechado. Seu Bernardino era todo, todo posudo.

06'53'' Severino: E foi no tempo do Tatá quando a, a questão da... do jardim aqui foi... reconhecido?

07'01'' Dona Olga: Do jardim?

07'02'' Severino: Em 95?

07'03'' Dona Olga: Não, não, aí já foi...

07'05'' Severino: Já era quem em 95?

07'06'' Dona Olga: Quem era Ci? Quem era Mum?

07'10'' Nadja: Tio Dudu...

07'14'' Dona Olga: Era Dudu?

07'16'' Nadja: Era.

07'16'' Dona Olga: Foi quando, quando teve aqui o o... foi quando Ulisses?

07'21'' Nadja: Não sei...

07'24'' Dona Olga: Não, não...

07'25'' Severino: Ferreira teve aqui...?

07'26'' Dona Olga: É... Já foi Dudu. Dudu era, já era Dudu...

07'29'' Nadja: Já era tio Dudu.

07'31'' Dona Olga: Dudu e... já era Dudu e Cícero.

07'33'' Nadja: 95.

07'34'' Severino: 20 anos atrás, né?

07'37'' Dona Olga: 20 anos atrás... não... quando, quando morou aqui? Quando foi? Cadê Cícero?

07'46'' Cícero: Pronto, mãe.

07'47'' Dona Olga: Quando morou aqui... como é que, quem foi?

07'48'' Cícero: Quem mãe?

07'49'' Dona Olga: Quando morou aqui! Quando morou, que...

07'54'' Cícero: Morou?

07'54'' Dona Olga: Sim.

07'55'' Cícero: Ah... foi quando? Foi governo de Lídice da Mata...

07'56'' Dona Olga: Foi...

07'57'' Cícero: Só, só eu vendo...

07'58'' Severino: 95?

07'59'' Cícero: 95, isso...

08'03'' Dona Olga: É... Foi Lídice da Mata. Quem era, era Dudu e o senhor, né?

08'06'' Cícero: Hein?

08'07'' Dona Olga: Era Dudu e o senhor, não é?

08'09'' Cícero: Dudu.

08'10'' Dona Olga: Dudu, né?

08'11'' Cícero: Dudu.

08'12'' Dona Olga: Ahn...Dudu e o senhor!

08'14'' Cícero: Sim!

08'15'' Dona Olga: Hehehehehe

08'17'' Severino: Pronto, agora tá explicado. Ah! A gente vai usar essas imagens da... da.. da senhora no documentário, né? E aí, é... a gente precisa perguntar pra pessoa se ela autoriza que essas imagens vão pro, pro documentário. Queria saber se a senhora tá de acordo. Depois eu vou trazer aqui, evidentemente, a gente vai construir juntos, mas precisava da sua fala de que “ eu autorizo o uso, a imagem no...”

08'41'' Dona Olga: risos

08'42'' Severino: E esse sorriso, e esse sorriso... (risos).

08'43'' Dona Olga: Ah... meu Deus do céu! Qual o sorriso? Sorriso...

08'47'' Severino: Esse aí... (risos). O Sorrisinho velho. Risos. Desejo todos nós chegar... chegar no tempo da senhora, na idade da senhora.

09'00'' Dona Olga: Vai chegar sim.

09'02'' Severino: Então, é isso. Acho que a gente pode é... fechar agora essa... essa parte, né? E... depois eu trago pra senhora um termo, também dessa... dessa entrevista. Acho que é mais interessante, né? Até pra... pra vocês guardarem aqui na... como documento e essa entrevista toda na íntegra. Eu acho que a equipe toda agradece a... a fala da senhora. Desculpa assim, ficar tomando o seu tempo a tarde inteira, né... a senhora sentada aqui nessa cadeirinha. Mas eu acho que a gente pode agora, fechar essa entrevista.

09'03'' Dona Olga: é, né? Tá certo!

09'04'' Severino: Tá certo, então!



09'05'' Dona Olga: Então vá desculpando alguma coisa. (risos)

09'06'' Severino: Não, belezinha.

09'07'' Dona Olga: (Risos) Desculpe alguma coisa.

09'08'' Severino: Que nada!

09'09'' Dona Olga: Desculpe a tosse, viu?

09'10'' Severino: Mas falou demais, parecia um deputado falando (risos).

09'11'' Dona Olga: Desculpe a tosse. (risos)

09'12'' Severino: Faz parte, deram água pra ela.. Ela ficou falando à vontade... é isso. Então eu acho que a gente...

09'13'' Dona Olga: Pronto? Podemos?

09'14'' Severino: Podemos, podemos acabar . A senhora agora tá livre da gente... (risos)

09'15'' Dona Olga: Coitada. Tô livre, né? Já tirou as correntes? (Risos)

09'16'' Severino: Já tirou as correntes. Livre do compromisso.

09'17'' Dona Olga: É, tá certo. Ai ai... brigado.

09'18'' Severino: Eu que agradeço assim... a disposição da senhora.

09'19'' Dona Olga: As perna tremendo.

09'20'' Cícero: Ficou muito tempo sentada.

09'22'' Dona Olga: Vão desculpando alguma coisa.

09'23'' Severino: Foi perfeito, foi uma tarde de aprendizado.

09'25'' Dona Olga: Ah... brigado.

**Nome da entrevistada: Dona Rita**

**Nome completo: Rita Cerqueira Lima**

**Data: 21/09/2016**

**Nomes/localização dos arquivos: 00000, 00001, 00002 e 00003.**

**Transcrição feita por: Vanessa Avelar**

**Photo da entrevistada**



#### VÍDEO 00000

0'04'' Midiã: Então Dona Rita, eu vou iniciar perguntando a senhora a sua idade, seu nome e há quanto tempo a senhora está aqui no terreiro. A senhora me conta um pouquinho da sua história, aqui, à vontade... Pode começar a falar à vontade.

0'26'' Dona Rita: Meu nome é Rita, tenho 82 anos de idade, fui iniciada em 1950, aqui. Nasci e me criei aqui. E cheguei aqui por intermédio da minha mãe, porque ela também foi iniciada aqui, segundo eles, em 1929. Eu cresci aqui e morei aqui. Conheci o falecido Bernardino. Quando ele faleceu, eu tinha 11 anos, pra completar 12, e brinquei muito, ri muito, conheci todas as filhas, todos os ogãs da casa, né, e assim, quando foi em 1950, que eu iniciei, então depois morei, porque então a nossa casa, da minha mãe, caiu. Nós não tínhamos pra onde ir e viemos pra aqui e aqui ficamos. Estudava aqui, que tinha pessoas que ensinavam, pra não perder o tempo. E ficamos aqui, até quando o meu zelador, ou seja, meu pai de santo, chegou do Rio de Janeiro pra ocupar o lugar de Seu Bernardino, pegar o cargo né. Foi a partir daí então que entrou o barco de Guanguacesse, D. Olga, em 1949. E, um ano depois, veio eu, o meu barco, em 1950. E fiquei aqui até janeiro de 50, até julho de 50 aqui. Aí sim que, que eu fui pra casa, pra continuar a minha vida, com a minha mãe e meu irmão.

#### VÍDEO 00001

0'01'' Midiã: Antes da Senhora vir morar aqui, que a senhora veio morar aqui com 12/13 anos...

0'04'' Dona Rita: Não...

0'05'' Midiã: Não?

0'11'' Dona Rita: Eu praticamente nasci aqui. Eu praticamente nasci aqui. Que a minha mãe me contava quando eu já estava quase nos dias, então aí mandaram ela ir pra casa e aí, eu vim bebê acho, que logo depois do resguardo eu já estava aqui. Então ficava, vinha e voltava, vinha e voltava, até que eu vim morar, quando a nossa casa caiu. Mas toda a minha vida, toda a minha infância, quer dizer, eu tinha a minha casa também, mas eu passei uma boa parte da minha infância aqui. Aqui dentro.

0'45'' Midiã: A senhora cresceu aqui, né?

0'47'' Dona Rita: Cresci aqui. É por isso, até meus 15 anos, 16 anos, eu estava aqui direto. Quer dizer. Quando tinha festa, nós vínhamos e voltávamos. Aí depois, fiquei direto, porque não tinha onde morar. Ficamos aqui desde 1949 até julho de 1950. Direto.

1'12'' Midiã: E antes, quando a senhora falou que quando morava lá no Retiro...

1'18'' Dona Rita: Não... Aí, não. Eu morava na Cidade Nova.

1'20'' - Midiã: Isso. E a senhora vinha pelo Retiro...

1'22' - Dona Rita: Então nós vínhamos de lá onde eu morava, tinha bonde, mas pra não demorar muito, nós vínhamos da Cidade Nova, ali pelo Tamarineiro, Maria da Cruz do Cosme, que hoje é o IAPI, descia a ladeira, e aí pegava o Retiro e vinha a pé. Com tudo cheio de lama... a boiada tava perdida aí pelos meio do mato... né?... E... nós vínhamos a pé até chegar aqui. E muitas vezes, dependendo do horário, de noite nós não vínhamos pelo fundo, vinha pela frente aí, por esse portão, que não era assim, era bem humildezinho, muito mato, muito buraco. Mas pra mim tava ótimo, pra mim, meu irmão e as outras crianças. Que que criança pensa? Nada. E chegava aqui, outra coisa, o que Mata Escura não tinha energia, e nem tampouco água aqui. A gente vinha com faixo. Vocês conhecem o que é faixo? Conhece? Não. Então o faixo ééé, não sei, eles faziam de.... palha de Nicuri. Fazia aquilo bem grande assim, e ia amarrando, fazendo aqueles montinho, que era pra de noite, num determinado lugar, acender. Não era por causa de ladrão, era por causa das cobras. O caminho era muito estreito e só tinha realmente mato. Como aqui. Por que o nome é Mata Escura? Porque na verdade era escuro, não tinha luz, não tinha energia, não tinha nada. Era escuro, realmente, mas a gente estava aqui em todas as festas. Ainda assim, achando maravilhoso. Agora tem energia, temos água, temos tudo, mas aquele tempo eu achava maravilhoso. Gosto muito mesmo, viu?

3'20'' Midiã: Tem boas memórias daquele tempo, né? A senhora mesmo sem luz, a senhora achava maravilhoso...

3'26'' Dona Rita: Achava sim. Aí eu sempre me lembro. Sempre estou falando essas histórias, né, porque eu gosto muito das coisas passadas. E a vida foi assim... né. Eu me criei realmente aqui no Bate Folha.

3'39'' Midiã: A senhora conheceu Bernardino, não é?

3'41'' Dona Rita: Muito. Quando ele faleceu eu ia fazer 12 anos.

3'45'' Midiã: Quais são as memórias que a senhora tem dele?

3'49'' Dona Rita: O que eu me lembro dele assim... assim, é a pessoa. Bonito, alto, magro, simpático, meio sisudo, né... porque naquela época o candomblé era discriminado demais. Hoje eu imagino que ele era assim, manter aquele respeito. Eu acho, não sei. Naquela época eu não tinha muita sabedoria sobre isso. E... ele era uma pessoa de muito respeito, sabe? Todos nós respeitávamos muito. Era uma pessoa que tinha uma bela voz e dançava muito bonito. Os Nkisis dele era muito bonito também. Isso me lembra bastante dele, sabe? Aonde que ele dormia, aonde que ele fazia a barba. Isso antes dele falecer, não é... Então nessa época eu deveria ter o que, nove, dez anos, mais ou menos. Mas eu me lembro perfeitamente dessa história dele. De

manhã, quando ele levantava, de roupão. Me lembro tudo, tudo dele, como se fosse hoje, agora. Entendeu?

4'55'' Midiã: E dos outros Tatas?

4'57'' Dona Rita: Ah, os outros.... aí o meu. Que chegou logo depois que seu Bernardino faleceu, parece que ele faleceu em 46. E logo veio o outro, que era filho dele. Também, foi iniciado por ele, e... quando ele veio, veio com toda a família dele, filho e tal, pra poder realizar as obrigações com Seu Bernardino e logo em seguida, depois de tudo já arrumadinho, pra ele tomar a posse, dele, a festa, então em seguida foi que ele colocou, recolheu o barco de D. Olga, porque seu Bernardino morreu em 46, 47 ele já tava aqui, aí 48 foi aquela arrumação e tal, de festa, o cargo que ele tinha que receber, até que chegou em 49 que foi o primeiro barco dele, recolheu. E... em seguida, o meu, como eu falei antes, em 1950. Mas o meu pai, meu, ele era uma pessoa também bem diferente de seu Bernardino. Ele era baiano, mas morava no Rio, e ele era também... aí já é diferente, então a vida passa né, vai andando, as pessoas e tal... era muito simpático, sabe? Conversava, tinha bastantes amizades no Rio e aqui também. E... esse, bom, esse eu alcancei bastante, aqui e no Rio, porque eu também, logo que eu perdi a minha mãe, ela faleceu, eu fui morar no Rio... então eu tava sempre junto com ele, porque podia, ia visitar, tinha que trabalhar. Eu ia visitar ele e coisa assim. Chamava-se Antônio, e a dijina dele Bandanguame, né? Já que o outro era Bernardino, a dijina era Ampumandenzu, e assim...

7'11'' Midiã: A senhora falou também que estudou aqui... Também foi educada aqui... Como é esse processo? Não lembro, alguém comentou comigo que tinha o grupo, tinha como se fosse uma escola aqui dentro... A senhora lembra como é que foi isso?

7'28'' Dona Rita: Não, isso já não foi na minha época. Isso já foi beeeem pra cá. Na minha época era, assim, as crianças ficava correndo pra lá e pra cá e tinha um senhora que ela... não é que ela era professora não, mas ela era bem prendada, então pra não tá correndo pra lá e pra cá, então ela mandava sentar aí nessa varanda pra estudar, e aí estudava, ensinava a fazer as costuras, algumas coisas assim, sabe? Pra não atrasar de tudo, porque perdemos a escola, viemos praqui. Mas ela realmente era uma pessoa bem prendada, não só na costura, mas como também na leitura... e ela realmente nos ensinava. Agora o grupo que tinha aqui, já das crianças, já não é da minha época, isso foi bem mais tarde...

8'16'' Midiã: A senhora lembra?

8'18'' Dona Rita: Não, aí eu já não estava morando mais aqui em Salvador, porque eu fui para o Rio de Janeiro em 1959 e não voltei mais pra morar aqui. Vinha aqui na minha casa de santo, enquanto eu estava no Rio, nunca abandonei, aí depois a oportunidade, como eu trabalhava à noite no Rio de Janeiro, a oportunidade de ir pra Europa que eu fui, mas, também tava sempre aqui. Sempre que eu podia, no caso, porque a Europa é bem longe e bem caro. Aí eu também estava aqui. E eu nunca vou abandonar, só quando eu partir dessa pra outra.

8'54'' Midiã: Quando foi que a senhora retornou?

8'57'' Dona Rita: Em 98. 1998. Dezembro de 1998. Mas eu fui para o Rio em 71...Oh, eu fui para o Rio em 1959 e em 71, setembro de 1971, eu fui para a Europa. Voltei em dezembro de 1998.

9'15'' Midiã: A senhora era dançarina...

9'18'' Dona Rita: É. A companhia chamava-se Brasileira Balé, mas saiu do Rio. Ou seja, a primeira companhia que saiu do Brasil, eles, em 1950, logo que acabou a guerra... eu já fui em 71.

9'38'' Midiã: E a senhora pode me contar um pouco, fazer tipo um apanhado ou lembrar alguma história muito marcante que a senhora vivenciou aqui, que a senhora queira compartilhar com a gente...

9'52'' Dona Rita: Daqui? Olha, as histórias são bem essas mesmo que contei. Porque assim, antes, as pessoas aqui eram muito mais reservadas, não tinha muita conversa com as crianças, né? E então, de tudo que houve aqui, eu compartilhei sim, das festas, das brincadeiras que tinham, mas naquela época não tinha tanta coisa assim, pra gente aqui, principalmente. Aqui. E lá na cidade sim, eu fui uma jovem que me diverti muito. Mas muito que você pode pensar. Dancei muito, fiz muita festa, todas essas festas aí, que tem fim de ano, eu tava em todas. Todas que existiam, né? Porque agora já existem outras assim. Carnaval, Ribeira, Bonfim, tudo que você pode pensar eu estava. Dancei muito, assim como no Rio, também. Dancei muito, foi muita festa, muitos piqueniques.

10'58'' Midiã: A senhora ainda dança?

11'00'' Dona Rita: Agora nãaaa. [Risos]. Nãaaa. Tudo passa né. Mesmo no exterior eu dancei muito. Muita discoteca. Tudo que você pode pensar. Dentro da medida do possível, dentro do meu limite. Por que eu sempre também procurei me policiar. Eu procurava fazer as coisas dentro do limite conforme eu fui criada.

11'23'' Midiã: E pra senhora, pra sua construção, qual influência do terreiro para sua formação, pra você se tornar o que você é. Como é que a senhora resumiria isso?

11'36'' Dona Rita: Olha... não sei assim, porque... eu resumo tudo de bom, o melhor, é, como toda a minha fé...

#### VÍDEO 00002

00'01'' Dona Rita: Com todo meu respeito. Entendeu? Todo amor que eu tenho por isso aqui, por essa casa aqui...

00'15'' Cícero: O que ela perguntou naquela hora, se a senhora ainda dança, nas festas das obrigações, ainda participa...

00'21'' Dona Rita: Aqui? Aqui nas festas eu sempre participo. Mas eu estou vendo que a situação está ficando muito difícil. A idade chega e a gente não pode esconder, né? Até o ano passado, que eu fiz a minha festa de obrigação, a festa da casa, mas eu também aproveitei o lance e fiz... Eu danço, mas cada dia eu tô diminuindo porque a situação...

00'48'' Cícero: Mas ainda dança muito. Ainda chama atenção, ainda para esse barracão. Ainda é umas das professoras aí de que ensina a turma nova. Tanto pra cantar, dançar, ainda é uma das professoras da casa.

1'00'' Dona Rita: [risos] Oh, Cícero, me deixe viu... E assim, mas eu tô vendo que de anos para anos a situação tá piorando. Eu tenho que me conformar, não é? Porque, tudo se acaba, só não o amor a Deus. Até o ano passado, eu tava falando mesmo com Cícero, porque do ano

passado, dezembro, pra cá, eu já piorei e muito, já não vou poder dançar como ano passado, veja bem. Mas, eu faço o que puder, quando eu não puder eu paro mesmo.

1'38'' Midiã: E a Senhora já acompanhou todo esse período, essas pessoas, todo mundo que passou por aqui...

1'45'' Dona Rita: Sim... até, por exemplo...

1'46'' Midiã: Sim, até ir pro Rio e voltar.

1'49'' Dona Rita: Voltar... Até o barco de... o penúltimo barco. É o penúltimo barco de Bandanguame, o meu pai. Porque o último eu já não estava. Conheço sim, conhecia umas pessoas. Depois teve alguns barcos que eu já não morava mais aqui. E depois em 98, quando eu cheguei, aí eu acompanhei todos. Eu não conhecia a nova geração, conheço hoje, sim, claro, tô aqui né... Mas, muita gente aí das iniciadas eu vim conhecer exatamente depois do meu retorno.

2'26'' Midiã: Isso mesmo que eu ia perguntar à senhora, sobre a nova geração assim...

2'29'' Dona Rita: A nova geração.

2'30'' Midiã: O que a senhora observa de mudanças? Houve mudanças? O quê que tem de diferente ou o que é que se mantém com essa nova geração?

2'42'' Dona Rita: Olha, acho que é qualquer lugar, sabe? Seja no candomblé, seja no teatro, seja onde seja. A mudança é grande pra mim, muito grande. Porque antes aqui era muito rígido, sabe? Nós... eu, quer dizer, no meu caso, eu tinha mais é que respeitar, porque, existia muitas pessoas que me viram nascer, acompanharam meu crescimento, então aquela época tinha que respeitar mesmo, os mais velhos, tomar a bença, sim senhora, aí, fazer malcriação era pior ainda. Hoje já não é assim, não só no Candomblé. E em relação ao Candomblé, houve uma mudança, porque então naquela época, a maioria das pessoas eram autônomos, trabalhavam assim, hoje em dia todo mundo tem carteira assinada, ninguém pode mais ficar no Candomblé... Vem, todo mundo vem, o trabalho e tal, mas não pode ficar como antigamente se ficavam mesmo aqui. Vinha na sexta-feira ou quinta, porque na nossa época, pelo fato de não ter energia, as filhas que tinha que varrer tudo isso aqui oh. Tinha empregado, sim, com engajo, conhece o que é engajo de côco, aquele... carrega os [?] assim, a vassoura, pra varrer isso tudo aqui oh, tudo que você pode tá vendo aqui, com alegria. Ou com vassoura mesmo de... que arrumavam, que faziam umas vassouras de folha e tal, depois queimava tudo. E nós crianças fazia bandeira, todo mundo com um sorriso, porque ninguém imaginava, ninguém imaginava que ia chegar energia aqui, porque muito longe. Eu nem sei quando é que chegou energia aqui. Nem água nem nada. Nunca, nunca, que eu ia pensar naquela época assim, que eu com meus 18 - 19, a época que eu fui pra o Rio de Janeiro, com 23 anos, eu não podia imaginar que ia chegar água aqui, não via jeito pra isso. Mas houve sim uma mudança no Candomblé. Não só aqui no Bate Folha, como todos os candomblés por aí. A vida é muito diferente, mas tudo é assim minha filha, porque até no teatro, na minha época do teatro, que eu trabalhei, eu trabalhei 11 anos dentro do balé. 11 anos. Já hoje não é mais assim, elas não querem mais saber disso. Não querem mais... éee, não, não, não, isso não. Não vim aqui pra isso não e... entendeu. E na minha época não, era pesado, porque nós tínhamos duas horas de espetáculo e 15 de pausa, aí tinha que... Folclore, sabe aquela historinha de África e Brasil, pé no chão. Então era bem pesada a coisa, mas também no sorriso, né? Então tudo muda, mas nós estamos levando aí. Agora o Tata

Munguanxi aí vai levando, tá bonito a festa, tá ótimo, mas não pode ser diferente. Com a nova geração, com os trabalhos, as responsabilidades, não pode se faltar emprego, não pode nada, do jeito que está difícil, então, é assim.

#### VÍDEO 00003

0'01'' Midiã: Família, A senhora falou da sua mãe...

0'04'' Dona Rita: Mãe, conheci. Ela morreu, eu estava do lado dela. Pai, eu não conheci. Porque ele faleceu. Era conhecido. Ele não tinha cargo nenhum aqui, o irmão dele tinha, mas também faleceu logo. Mas ele não tinha, mas era conhecido aqui, de pessoas que também já partiram. E ele faleceu eu fiquei com um ano e pouco, meu irmão com vinte e um dia de nascido, então eu não tenho. Então a família dele eu também vim conhecer parece que em 97, quando estive aqui, mas não são daqui de Salvador, é de Ipirá.

0'42'' Midiã: Mas a sua mãe era daqui...

0'44'' Dona Rita: Minha mãe era, nasceu aí no IAPI, era chamado Mundo Novo. E... a família dela eu conheci sim, os irmãos. Mas todo mundo já foi, não tem mais ninguém. Só tem eu e meu irmão.

1'00'' Midiã: Sua mãe frequentava aqui o terreiro e cresceram a senhora e seu irmão aqui...

1'04'' Dona Rita: Só.

1'05'' Midiã: Então, aqui era a sua família?

1'07'' Dona Rita: Era. Não tinha mais ninguém. Aqui dentro do Candomblé, atualmente eu não tenho família...

1'14'' Cícero: Fale um pouquinho da mãe da senhora que foi iniciada no primeiro barco...

1'17'' Dona Rita: Foi, falei sim. 1929. Ela chamava-se Cândida e no Candomblé era Anganza. No barco dela foram oito pessoas iniciadas. Foi o primeiro barco de seu Bernardino. Por sinal tem até o quadro aí na sala, um quadro dele, certo. E... esse aí eu não era nascida, claro. Eles foram feitos em 1929, não tinha como né. Mas eu conheci, do barco dela só teve duas pessoas que eu não conheci, que uma era de lá de Ilhéus e a outra faleceu eu acho, não sei se eu era nascida ou se eu era pequena, isso eu não sei. Mas as demais eu conheci todas e muito. E muito. Tem uma delas, tinha uma delas que faleceu depois que eu cheguei da Europa, porque na época fez santo criança. Essa teve a oportunidade de viver mais anos. Porque também Deus quis, porque senão também tinha morrido também. E aí, os outros barcos de seu Bernardino também, eu vinha acompanhando. Esse, o segundo então, parece que eu já era nascida ou nasci um pouco depois. O terceiro, aí eu conheci todo mundo. De Bernardino, todo mundo, a mãe dele, todo mundo. E eram pessoas que nós tínhamos, como eu falei no começo, nós tínhamos que ter respeito a aquele povo todo que tava aqui. Mesmo quando eu cheguei da Europa ainda tinha algumas que tava velhinha, mas...

2'58'' Midiã: Perfeito. Maravilhoso.

**Nome da entrevistada: Dona Delza**  
**Nome completo: Edelzuíta de Souza Barreto**  
**Data: 21/09/2016**  
**Nome/localização do arquivo: 00004 e 00005**  
**Transcrição feita por: Rebeca**  
**Photo da entrevistada:**



VÍDEO 00004

0'21'' Midiã: Então Dona Delza, queria que a senhora me, nos contasse um pouco como foi a sua chegada ao terreiro, há quanto tempo a senhora tá aqui.

0'31'' Dona Delza: Eu cheguei aqui em 1954, pelo Bom Juá, que não tinha ônibus aqui nem nada, a gente vinha mais pela fonte da telha, então subia até chegar aqui. Isso em 1954, fiquei aqui seis anos, quando foi em 1958 fui iniciada, pronto. Aí de lá de 58 até o presente tô aqui. (risos)

1'00'' Midiã: E a senhora, a senhora vinha por onde pra chegar?

1'03'' Dona Delza: Pela, pela BR, que não era BR, ainda era tudo de barro, num tinha BR trezentos, num tinha, a gente atrav (não conclui), vinha, pelo, de bonde, vinha de bonde, saltava no Retiro, do Retiro subia aqui o fundo, pelo fundo até chegar aqui.

1'19'' Midiã: Nossa, e a senhora vinha com quem? Sua família?

1'22'' Dona Delza: Às vezes vinha sozinha, às vezes vinha acompanhada. Meu irmão que me trazia, que eu era, tinha 24 anos na época, ele vinha comigo até chegar aqui, depois ele ia embora e eu ficava (risos).

1'36'' Midiã: Conta um pouquinho pra gente Dona Delza, a senhora tem 83 anos...

1'40'' Dona Delza: 82.

1'41'' Midiã: 82 anos... é, como foi a saída do seu barco, quanto tempo, quanto tempo tem...

1'49'' Dona Delza: Eu entrei no dia 3 de julho de 58, isso aí deu ...o santo já deu nome em 3 de agosto.



1'59'' Midiã: Pode ir falando, a vontade.

2'01'' Dona Delza: Daí pra cá continuando, ficando aqui, foi ficando, foi chegando mais um barco, e eu ficando aqui. Entrou ogã, entrou ekedi...

2'10'' Cícero: E depois da feitura, quanto tempo vocês ficaram aqui mãe?

2'12'' Dona Delza: Eu fiquei aqui por mais de 6 meses.

2'16'' Midiã: Nossa.

2'17'' Dona Delza: Mais de 6 meses, sem ir em casa. Depois comecei em cada... tinha que subir de 15 em 15 dias, tinha que vim pra aqui, pra, pra fazer ossé, varrer terreiro. Fazer essas coisas (risos).

2'32'' Midiã: E nesse período quais são as memórias que vem mais a mente da senhora quando a senhora lembra?

2'39'' Dona Delza: Tem várias, muitas. Dos mais velhos, teve os que ficaram aqui com o meu barco, teve os que faleceram, também. Então fui ficando, ficando, foi chegando mais um barco, foi chegando mais ogãs, ekedis. E aí até chegar o presente momento.

3'01'' Midiã: E, queria que a senhora contasse pra gente um pouquinho se tem alguma história que a senhora lembra, do seu Tata, é... da época do barco, da, da atualidade também se tiver alguma história que a senhora ache muito importante assim de destacar, da história do terreiro...

3'23'' Dona Delza: Um terreiro é sempre um terreiro, né? Sempre o Bate Folha sempre tem algumas coisas que muda, algumas, muitas coisas continuam no mesmo que era, então aqui bem poucas coisas aqui foi, se mudou, mas, mas mais continua no mesmo. Então o barco, meu barco era de cinco, duas Oxum, um Oxóssi, um Omulu e um, um Oxalá. Então daí pra cá foi chegando barco, barco, muito barco e aí continuou. Meu pai de santo era muito bom (risos).

3'58'' Midiã: Seu pai de santo era?

4'00'' Dona Delza: Muito bom, muito amigo, pena que eu fiquei pouco tempo com ele, porque eu entrei em 58, quando foi em 65 ele faleceu, só fiquei com ele 7 anos. De 7 anos pra cá já fiquei com, com pai Pedro, com Tata Nebanji. Então aí pouco tempo eu fiquei com ele né? Eu entrei em 58 quando foi em 65 ele faleceu, em fevereiro de 65 ele faleceu. Então tinha que ter mesmo, foi uma coisa que eu senti muito, porque queria mais tempo ficar com ele, mas não deu né? Ele... e aí pronto, continuou com os mesmos que ficou, os que continuou no lugar dele também pessoas muito boas, então não tenho nada a dizer, foram bons comigo.

4'50'' Cicero: Mãe, fale um pouco da geração de sua família, dos seus filhos, dos netos, de seus sobrinhos.

4'54'' Dona Delza: Bom, a minha mãe Maria Bárbara dos Santos, faleceu com 105 anos, teve 12 filhos, 5 mulheres e 7 homens. Então daí pra cá foi minhas irmãs, a mais velha, era Didi, Edite, depois vem Maria de Lourdes, depois veio Nilza, Nilza chamava Teti, mas era Nilza, depois veio Elza, depois veio eu que sou a Edelzuita, Delza, Tuandelê.

5'26'' Midiã: Todas também são daqui da casa?

5'28'' Dona Delza: Não, só tinha uma que era minha irmã, que era de Oxalá, faleceu também, fez dois anos agora de falecida. Tem o filho dela também que já é ogã, o neto já é ogã confirmado, todo mundo aqui.

5'41'' Midiã: A família toda.

5'44'' Dona Delza: É.

5'46'' Midiã: Então a senhora também tem uma relação muito de família com o terreiro, né?

5'52'' Dona Delza: Mais ou menos.

5'55'' Midiã: Conta pra gente como é essa relação da senhora com o terreiro durante todo esse processo, esse tempo e agora também.

6'02'' Dona Delza: Agora continua o mesmo, não tenho o que falar, somos todos amigos, irmãos, a gente se combina muito, quando vamos fazer assim todas combinam, vamos ter, o que vamos fazer, quem vai dar, quem não vai. Aqui é assim, faz tudo na base da combinação, combina com ele que é o Tata, com Guanguacesse que é a anfitriã. Então tudo daqui é assim, quem tá fora, quem vai entrar, quem tá chegando. Então a gente sempre na base de combinar o que é que nós vamos fazer quando chega a festa de Tempo, de Iansã, a missa, que são as festas maiores, então aqui tudo se combina.

6'48'' Midiã: Desses 100 anos de terreiro com o documentário, o que é que a senhora gostaria, que acha fundamental pra quem tá assistindo, pra quem vai assistir, saiba daqui?

7'00'' Dona Delza: Todas, todas as pessoas que foram convidadas eu gostaria que o terreiro ficasse como dia que tem festa que fica bem cheio, eu queria que ficasse mais. Todas as pessoas que foram convidadas queria que participassem, porque vai ser uma festa muito bonita, 100 anos né? 100 anos não é 100 dias. Então, vários terreiros que são convidados, queria que todos participassem porque vai ser uma coisa muito bonita, né? Então quem puder participar, quem puder vim assistir a festa pode vim porque... (risos)

7'36'' Midiã: Isso mesmo, e pra além desse convite foi ótimo a senhora falar porque vai usar também pra divulgar o documentário.

7'41'' Dona Delza: Pronto, pronto.

7'43'' Midiã: Mas, o que é que a senhora assim “ah venham, porque o Bate Folha faz parte da história, sobretudo também de Mata Escura, e do próprio bairro, fala pra gente um pouquinho isso.

7'55'' Dona Delza: Fala Mata Escura, muitas vezes fica com aquele receio, né? Mata Escura é perto da penitenciária (risos), mas pode vim, pode vim porque aqui graças a Deus, nesses 100 anos nunca houve nada que afetasse o Bate Folha, sempre as confusões têm sempre é fora do Bate Folha, o pessoal diz “Mata Escura, Mata Escura” mas não tem nada a ver com o Bate Folha, que Mata Escura é lá, Bate Folha é aqui, então isso aqui é uma casa de respeito, todas as pessoas, todos os convidados que vem sempre são bem tratados, de uma maneira muito bem acolhida, então a pessoa que for convidada pode vim sem receio, tem lugar à vontade pra

estacionar seus carros, viu? Então quem for convidado porque falar “Mata Escura ave maria, Mata Escura, Mata Escura” não, não tem nada a ver com o Bate Folha, Bate Folha é aqui, Mata Escura é lá.

8’51’’ Midiã: E dona Delza, falando em Mata Escura, falando em passado, conta pra gente como era um pouquinho o Bate Folha no passado, assim quando a senhora acompanhou.

9’00’’ Dona Delza: Quando eu cheguei aqui não tinha luz, não tinha água, a luz daqui era de candeeiro e de facho, a noite o pessoal que vinha lá por baixo vinha com o facho pra poder clarear porque não tinha energia. Então a Mata Escura é isso, as casas tudo era com um pedacinho pra se andar, depois de muitos anos foi que foi chegando, enlarguendo, fez pista, aumentando, mas era casinha de taipa, sabe não sei se você sabe o que é taipa sabe? Então de taipa, então as casas daqui era isso, a estradinha de barro pra se andar, um do lado outro do outro, chamava a vizinha “oh vizinha, acende o candeeiro”, pronto, o negócio aqui era esse, vinha por lá por baixo, pelo Bom Juá, que não era Bom Juá era Retiro, e até subia até chegar aqui pelo fundo. Aqui foi depois foi que fez a BR, que não tinha BR, não tinha asfalto, não tinha nada, tudo era barro, barro mesmo, quando chovia pé no chão, na lama, pé no barro.

10’05’’ [Carro de som interrompe a entrevista]

10’29’’ Cícero: a senhora fale um pouco das dificuldades das festas, de água, de se bronzear no carvão, na lenha, da dificuldade água.

10’36’’ Dona Delza: Era, aqui o fogão era à lenha, a gente ia pro mato pra pegar lenha, a água tinha que apanhar lá na fonte da telha, com os barris e o jegue, era isso que a gente ia buscar lá, não tinha água mesmo, de jeito nenhum, quando tinha festa que faltava água, ave maria.

10’54’’ Midiã: E como era que vocês faziam, iam de grupo? Como é que as pessoas se mobilizavam pras festas?

11’01’’ Dona Delza: As mais velhas sempre levavam as mais novas, né? Porque tinha sempre a mais velha que ia com, ainda mais quando o barco tava novo, né? Sempre ia a mais velha acompanhando. Então ia 4, 5, 3, sempre não ia uma sozinha, né, sempre ia assim 3, 4, 5, dependendo quem tivesse aqui, pronto, aí ia, apanhar água e também tinha o rapaz que trabalhava aqui, levava os barris, pra botar no jegue, trazia, às vezes, dava 2, 3 viagens, até a gente encher as vasilhas aqui em cima pra poder ter água, pra poder fazer as coisas, que água aqui era difícil.

#### VÍDEO 00005

00’01’’ Midiã: Pra senhora ser Delza, a Delza de hoje, como é que o Bate Folha contribuiu pra você se tornar a pessoa que a Senhora é?

00’12’’ Dona Delza: Ah e muito, e muito, muito, muito, muito, a gente teve sempre o tratamento, que às vezes a gente chega aqui não tem o tratamento, num conhece muito as coisas, então o tratamento foi muito bom, as mais velhas que tinham sempre me trataram muito bem, não tenho queixa de nenhuma, então o tratamento sempre foi ótimo, desde quando eu cheguei aqui em 54 até em 2016 sempre, não tenho o que dizer, mas não tenho mesmo, todas que eu cheguei aqui e encontrei algumas já faleceram, e estas que estão também são todas muito, cada uma cuidando de sua vida, cada um cuidando das suas casas, mas todas sempre na hora das

obrigações são todas uma ajuda a outra, vamos fazer assim, você me ajuda eu lhe ajudo, o negócio aqui é esse.

01'09'' Midiã: E esse cuidado que elas tiveram contribuíram muito pra o que a senhora é hoje. E como é que isso interfere diretamente no dia a dia da senhora, do seu tratar com o outro, de levar a vida.

01'28'' Dona Delza: Interfere bem pouco porque quando a gente vem pra aqui tem festa, fica aqui, depois vai pra casa e cada um cuida de sua casa, quando chega aqui continua a mesma coisa, o tratamento é o mesmo, não tem, não tem diferença, quem tá chegando agora, quem chegou a 30, 40 anos atrás o tratamento é o mesmo, viu? Não tem diferença.

01'53'' Midiã: E essa geração nova dona Delza, o que é que a senhora observa de diferente do passado, tem algo diferente ou não do passado pra agora?

02'03'' Dona Delza: O que tem de diferente a gente controla, a gente vai falando, vai dizendo “não faça assim, não faça assado”, mas termina tudo dando certo, viu? A gente não tem do que se queixar, que a gente quando chegou já encontrou de uma forma, não tinha água, hoje já tem água, então não tem, não tem diferença das que tá chegando agora das que chegaram a 30, 40 anos atrás, como eu cheguei a 58 anos atrás, então quem vai chegando agora às vezes tá numa (balança a cabeça), mas a gente conversa, controla e tudo dá certo, viu?

02'42'' Midiã: Dona Delza, muito obrigada.

**Nome da entrevistada: Dona Ivone**

**Nome completo: Ivone Albertino dos Santos**

**Data: 21/09/2016**

**Nome/localização do arquivo: 0008.mp4 e 0009.mp4**

**Transcrição feita por: Laila Maria Nery**

**Photo da entrevistada:**



VÍDEO 00008

00'01" Midiã: Então, D. Ivone, obrigada pela senhora está aqui e gostaria que a senhora começasse falando sua idade, seu nome e contando pra gente como a senhora chegou aqui ao Bate Folha.

0'17" Dona Ivone: Meu nome é Ivone Albertino dos Santos, tenho 62 anos, cheguei aqui no Bate Folha através de uma filha de Santo daqui que era de Omolu. Que já faleceu, não existe mais, ela fazia uma festa de santo na casa dela e eu era vizinha, então o caboclo mandou um recado pra ela que me trouxesse aqui, eu não sabia que eu tinha que fazer santo nem nada num dia de domingo aí ela veio, me trouxe até aqui e me falou assim: "olha, me espere aqui que eu vou falar com a minha irmã mais velha, e quando passar alguém aqui você trata de tia, que elas gostam que chame de tia, né?". Não sei se foi por sorte minha ou não sei se aquele não era meu dia que a primeira pessoa que passou por de junto de mim foi a que hoje em dia é Nengua Guanguacesse, a minha mãe, foi a pessoa que passou por de junto de mim e eu não vi mais nada, quase caía por cima dela. Lá, não sei contar mais o resto. Quando eu vim, passado alguns anos que fiquei de abiã aqui, aí entrei, fiz meu santo e hoje estou aqui. Muita coisa boa pra contar porque naquele tempo era muito bom, tinha muita fruta, a gente brincava, era muito bom, hoje também a mesma coisa, né, as pessoas também se respeitam, elas se gostam, não tem briga, não tem nada, e continua sendo um bom terreiro.

2'02" Midiã: A senhora tinha que idade?

2'04" D. Ivone: Eu tinha dezoito anos de idade, quando eu entrei pra fazer o meu santo, fora os anos que eu fiquei de abiã.

2'17" Midiã: A gente tava conversando ali, a senhora tava falando do seu Tata...

2'22" D. Ivone: Meu pai de santo era um homem maravilhoso, gostava de ajudar as pessoas, entrasse quem entrasse aqui se tivesse precisando de ajuda ele ajudava, se tivesse com o cabelo grande ele cortava, o cabelo, mandava dar uma comida, e a mim mesmo ele me ajudou muito, como uma certa vez eu morava de aluguel aqui, aí a minha mãe tava devendo o aluguel da casa,

aí eu vinha todos os dias, eu dava a benção a ele e a minha mãe. Ao chegar aqui ele me chamou na salinha dele e me deu um envelope e me disse assim: “entregue a sua mãe” eu não sabia, não abri pra ver o que era, quando cheguei, entreguei a minha mãe e minha mãe disse: “ah, justamente o que eu tava devendo, 3 meses da casa” aí eu fiquei perguntando a minha mãe, “como é que ele sabe? Eu não falei nada a ele”.

02’25” Midiã: Ele, ele entregou o envelope pra senhora?

02’27 D. Ivone: Ele entregou o envelope pra pagar o que devia. Ele tinha o hábito de olhar a vida dos filhos dele, se tava bem, como é que tava. Então, ele chegou a saber pelo jogo, ele jogava pra saber se tava doente, se tava em boa situação ou se não tava, então ele viu. Por isso meu pai era uma pessoa maravilhosa porque ele era uma pessoa boa, ele não era ruim, não.

3’55” Midiã: A senhora pode repetir pra mim o que a senhora falou? Então ele viu e deu o envelope com o dinheiro pra pagar o aluguel.

04’02” D. Ivone: Foi sim. Ele viu porque ele costumava jogar pra olhar como que a gente estava, não só por mim mas por todas as minhas irmãs e o meu barco todo, ele queria saber tintin por tintin, como é que tava, quando não fazia perguntas ele olhava no jogo.

04’23” Midiã: Que memórias mais a senhora tem? A senhora contou que na sua juventude a senhora era um pouquinho... não levava desaforo pra casa.

04’30” D. Ivone: Não, não levava não, hoje eu sou uma outra criatura, eu gostava muito de brigar, eu brigava muito, eu brigava, mas, hoje depois que fiz o meu santo eu sou uma outra criatura, eu sou diferente, sou calma, só sou muito chorona, tudo eu choro, mas não brigo com ninguém.

04’55” Midiã: O Tata já te conhecia né? Como a senhora falou pra gente quando ele sabia que você tinha feito alguma coisa ele já falava, eu sei o que você fez, vá ali. Como foi aquela história que a senhora me contou ali?

05’13” D. Ivone: Que sabia o que eu fiz?

05’15” Midiã: Se a senhora brigava na rua, vamo purificar, vamo tirar isso, vamo tirar essa carga, você está errada.

05’21” D. Ivone: Não, ele nunca me disse que eu estava errada, nunca me disse a mim que eu estava errada, e nem dizia que iria tirar carga. Ele dizia assim: “vá ali na casa de tal santo”, aí eu ia e quando chegava lá, eu, ele, simplesmente fazia uma limpeza em mim, ele fazia uma limpeza, a carga quem ele tirava era essa. Ele dava um bicho a um escravo.

05’52” Midiã: A senhora é de Mata escura? A senhora agora mora em Mata Escura.

05’58” D. Ivone: Mas eu já morava aqui, morava aqui na Rua São Miguel, quando eu vim fazer o santo eu vim de Campinas de Pirajá, morava lá, depois fiquei morando aqui.

06’28” Midiã: O que a senhora observa desse tempo, quando a senhora chegou aqui já tinha luz né, já tinha energia.

06'33'' D. Ivone: Já, energia já tinha, só não tinha água, pegava água no jegue, aqui se pegava água no jegue, tinha um rapaz que pegava água com um burrinho nuns barris, a gente lavava roupa lá na bica, descia pra lavar, tinha bastante água lá, depois que veio a água encanada, depois veio o telefone.

07'00'' Midiã: O que a senhora observa de grandes mudanças nesses 41 anos?

07'05'' D. Ivone: Muito grande mudança. No meu tempo as coisas eram mais difíceis né, mas, através, posso falar do meu Tata (faz referência a Tata Muguaxi). Depois dele, então, que ele tomou posse, as coisas ficaram melhores ainda porque ele tem feito muitos benefícios a casa. A verdade tem que ser dita, e também minha mãe também é uma pessoa muito boa, me ajudou muito, muito me ajudou, no meu santo e continua ajudando. E ele também é uma pessoa assim, que ajuda todo mundo, o meu filho quando foi confirmado ele ajudou muito o meu filho e a mim, sempre me ajudou e ainda me ajuda, quando eu necessito de alguma coisa de meus remédios, de médico, a pessoa que eu tenho que me ajude é ele, eu não tenho ninguém para me ajudar, é Deus e abaixo de Deus meu santo e ele.

08'22'' Midiã: A senhora falou que seu filho foi suspenso com 4 meses?

08'25'' D. Ivone: Foi, 4 meses de idade, aí agora, hoje em dia, esse ano, ano passado que ele se confirmou, ficou grande pra saber se queria ou não, ele quis, né? Foi bom ter esperado pra ele decidir se queria ou não.

08'47'' Midiã: A senhora só tem ele de filho?

08'49'' D. Ivone: É, só ele.

08'53'' Midiã: A senhora considera as pessoas do terreiro a sua família?

08'58'' D. Ivone: Considero sim porque eu não tenho outra família, a não ser meu filho, que só é ele só e aqui o terreiro, considero sim, é minha família.

09'12'' Midiã: Acredito que a senhora acompanhou muito a evolução da Mata Escura nesse tempo que a senhora esteve aqui no terreiro, o que a senhora observa de relação do terreiro com o bairro, o que tem essa relação do terreiro com o bairro, como o terreiro é visto pelo bairro, o que a senhora observa como moradora de Mata Escura?

09'37'' D. Ivone: Teve melhoras né, o bairro que não era assim, melhorou bastante, muitas coisas que não tinha hoje tem, um posto de saúde, farmácia, que se ia pra cidade comprar os remédios, supermercado que não tinha, hoje tem, casa lotérica, essas coisa, tudo que se precisava aqui tinha que ir de carro pra cidade comprar, hoje em dia algumas coisas vai pra feira, e outro não, já se acha aqui.

10'10'' Midiã: A senhora vinha andando também do Retiro?

10'13'' D. Ivone: Não, na minha época que eu vim fazer meu santo já tinha ônibus, só era o terminal da França mas tinha. Hoje em dia tem vários, tem Barroquinha, tem Lapa, tem Pituba, mas quando época que eu vim fazer meu santo já tinha ônibus sim, na minha época já.

10'31'' Midiã: Tem alguma história que a Senhora lembra do Tats que acha legal destacar, importante de trazer para de deixar registrado no documentário.

10'45'' D. Ivone: Do meu tempo pra cá não tem história mas não, não lembro né, tem assim um senhor que trabalhava aqui que fazia carvão, vendia, deixava aqui, aí a gente achou engraçado uma vez que ele deixou um saco de carvão aqui e levou o outro lá pra rua pra vender e a gente arrastou o carvão dele e levou o saco de carvão pra cozinha, só isso que eu tenho pra contar (risos). Roubou o saco do carvão.

11'29'' Midiã: A senhora pode contar pra gente assim, resumidamente, a importância do terreno na sua vida.

11'39'' D. Ivone: Na minha vida tem uma importância muito grande, porque a minha vida mudou, eu não era assim esse tipo de pessoa, até financeiramente...

#### VÍDEO 00009

00'01'' D. Ivone: não conseguia emprego, eu trabalhava, eu sofria muito, porque eu trabalhava de doméstica, não ficava, ficava um dia aqui, um dia ali, e depois que eu fiz meu santo, tem essa importância muito grande, hoje eu tenho um emprego, agradeço também ao meu irmão, aqui, meu pai, porque a navalha foi a mesma, porque eu tava cansada de vender, eu vendia coisas na rua, pra sobreviver, pra criar meu filho e através dele eu consegui um emprego. E também desse terreno maravilhoso, que me ajudou muito, depois que eu fiz meu santo minha vida mudou, eu tenho boas coisas pra contar daqui, tudo mudou pra mim, a casa que eu morava, não era como aquelas casas que eu morava, às vezes não tinha nem as coisas direito dentro de casa pra sentar, um banco, uma mesinha, eu agradeço ao Bate Folha e ao meu santo que eu raspei e pinte.

01'07'' Midiã: Muito obrigada.



**Nome da entrevistada: Hilda Santos**  
**Nome completo: Hilda Leonídia Santos**  
**Data: 28/09/2016**  
**Nomes/localização dos arquivos: 00002 e 00003**  
**Transcrição feita por: Elisama Correia**  
**Photo da entrevistada:**



VIDEO 00002

0'01" Severino: Determinar.

0'02" D. Hilda: Determinar. Nunca saí de minha casa pra lugar nenhum. Já andei muito em candomblé, mas passear.

0'19" Severino: Passear...

0'21" Hilda: Mas igual a minha casa eu nunca achei nenhum.

0'24" Severino: Aqui tem uma paz que é incomum, né?

0'28" Hilda: Nunca achei nenhum igual a minha casa. Meu pai era muito amoroso, meu pai era um homem bom que não deixava faltar nada, e a gente também quando vinha cada um podia trazer seu pedacinho, trazia... e vivia aqui. As festas era sete dias que a gente passava aqui. Aí como era a vida... às vezes o cajueiro tá cheio de caju, chegava ali, ali mesmo, um lavava a mão... A mangabeira tem mangaba... Uma vida boa aqui, pra nós.

1'20" Severino: A senhora tava me contando como era que chegava aqui, lá dentro a gente conversou. Conta pra gente um pouquinho, como é que a senhora chegou aqui.

1'30" Hilda: Chegava, pegava o bonde lá na Barros Reis, saltava no Retiro, aí tinha um matadouro e matava o boi, passava por trás do matadouro pela Jaqueira do Carneiro vinha sair aqui. Não tinha BR, só tinha boiada. Quando vinha o medo só era esse, a gente encontrar com a boiada descendo, aí tinha que se esconder pra deixar a boiada passar, pra poder a gente continuar. Vinha por cima do Dique Verde, tudo abaixadinho que só era mato, quando chegava na fonte da telha, se a cancela chegasse 6h e a cancela tivesse fechada, não abria. Subia pela ladeira, e saía aqui na frente, aí entrava por cá pela frente pq não abria o portão do fundo que era uma cancela.

2'49" Severino: E o cipozinho que usava pra iluminar?

2'55" Hilda: Pra iluminar era o facho.

2'56" Severino: Ahh era o facho...

2'58" Hilda: Era facho, quando vinha de noite, às vezes, porque tinha ocasião que reunia todas as filhas de santo que vinha do mesmo lugar, aí mandava, tinha a venda de seu Leopoldo. É um senhor, chamava Leopoldo... então, na porta de seu Leopoldo tinha um banco que era uma tala de dendê, ele fez um banco, aí todas que vinham sentavam ali pra esperar umas às outras. A avó de minha comadre, que é Adriana, e todas que chegassem ficavam ali esperando. Aí tinha finado Chininha, finado Zé do gude e... esqueci o nome do outro. Eles também vinham – isso já era de noite, quando vinha de noite, bem de noite – aí eles vinham com a gente, aí era que trazia o facho.

4'12" Severino: Esse tempo as festas duravam sete dias, é isso?

4'15" Hilda: É... não, as festas

4'18" Severino: Algumas?

4'20" Hilda: Não, tinha assim, a festa é hoje, domingo era festa e acabava a festa aquele dia e a metade ficava aqui sete dias.

4'33" Severino: Depois da festa?

4'34" Hilda: Não, sete dias pra tirar os sete dias da festa.

4'39" Severino: Certo

4'40" Hilda: Nos sete dias tem a obrigação e a gente estava aqui.

4'46" Severino: Isso desde a infância a senhora faz?

4'49" Hilda: É, agora a criança não participava muito do ambiente da coisa, só depois que já tava de quinze anos pra cima.

5'05" Severino: E o que fazia a criança? A senhora me contou uma coisa muito bacana do trabalho das crianças, de como elas se divertiam.

5'10" Hilda: Trabalho de criança a gente se divertia panhando o talo do dendê do coqueiro pra varrer o terreiro, aí juntava as fogueirinha, tocava fogo... depois veio uma senhora praqui, chamava Mariazinha, aí dona Mariazinha ensinou a gente a fazer umas vassouras de pitanga, com a folha da pitanga, aí ela ensinou a gente, deixou os talhos de coqueiro e começou a fazer aquelas vassourinhas de garrancho pra varrer o terreiro... varrer o terreiro todo com aquelas... ficava tudo limpinho.

6'08" Severino: Isso toda semana?

6'09" Hilda: Não, isso era de quinze em quinze. Mesmo que não tivesse festa a gente vinha pra coisa. Fazer o ossé e varrer o terreiro.

6'25" Severino: E colher feijão também a senhora falou, né?

6'28" Hilda: Não, o Feijão era quando chegava perto da festa.

6'30" Severino: Ahh, só no período da festa?

6'32" Hilda: É, que tava a criançada toda aqui aí varria o terreiro. Agora de tarde não tem nada pra fazer, essa mesa aqui, bota o feijão aí, senta todo mundo aqui do lado e do outro pra catar o feijão.

6'46" Severino: E era essa mesma mesa?

6'47" Hilda: Essa mesa.

6'49" Severino: O lugar aqui mudou muito do tempo da infância da senhora?

6'52" Hilda: Não, mudou porque a gente agora não pode sair certas horas aí no portão, e tem muitas casas, muita coisa. Mas aqui dentro do nosso pedacinho tá no mesmo.

7'07" Severino: Igualzinho?

7'08" Hilda: É. Só limpou mais porque tinha barraquinha de palha ali, tinha a barraca de minha mãe, tinha a barraca de tia Adriana, a barraca de tia Zezé, as barraquinhas tudo de palha, coberta de palha.

7'26" Severino: E a senhora lembra o nome das pessoas dessa sua primeira, do seu barco, do tempo que a senhora começou?

7'34" Hilda: Não, eu sei assim... sei muitas, mas muitas já foram e eu já nem me lembro de coisa porque do tempo de vovô eu me lembro da finada Anganza, Oloiá, Kaloíá, Faustina, tia Adriana eu já falei, né... finada Zezé, Kitangana, Kisuxino, que era Marieta, Kitangana era Euzébia, minha comadre que é Olga.

8'25" Severino: Como é que é o nome da senhora na casa?

8'28" Hilda: Meu nome?

8'29" Severino: É.

8'31" Cícero: A dijina, mãe.

8'35" Hilda: Ah, Kota Keriuankê.

8'39" Severino: E o nome completo da senhora?

8'42" Hilda: Meu nome de Batismo?

8'43" Severino: Isso. De batismo.

8'44" Hilda: Hilda Leonídia Santos.

8'47" Severino: Como é que a senhora é mais conhecida? Pelo seu nome de Hilda ou pelo seu nome...

8'53" Hilda: Aqui dentro eu sou conhecida pelos dois.

8'56" Severino: Pelos dois...

8'58" Hilda: É, e lá fora só me conhece pelo meu (risos) porque eu...

9'10" Severino: Então, Dona Hilda?

9'11" Hilda: É.

9'13" Severino: Dona Hilda, uma outra pergunta sobre essas mudanças, né. A senhora estava me dizendo que esses dias é muito difícil de sair, né?

9'22" Hilda: É, mas é por causa de muita gente e começou a ficar muitas casas, muitas coisas e... sabe que o Brasil todo... o mundo todo mudou agora.

9'37" Severino: Isso, mas o que eu queria na verdade é um pouco sobre essa coisa do trabalho no outro tempo. A senhora me falou sobre como mudou, a gente tava conversando ali que agora tem geladeira...

9'47" Hilda: Tem, agora tem geladeira, agora tem ferro elétrico, tem fogão a gás... antigamente o povo era econômico, fogão de lenha, tinha uma caldeirinha do lado com a torneira, que a água já ficava quente.

10'05" Severino: E o ferro de passar roupa?

10'06" Hilda: Ferro de carvão, quando ele tava frio que não tinha vento a gente... pra ele esquentar.

10'16" Severino: Acender a brasa?

10'17" Hilda: Pra gomar.

10'18" Severino: Pesado, né?

10'21" Hilda: É.

10'22" Severino: Então nesse sentido mudou muito, ficou muito mais fácil o trabalho, né?

10'25" Hilda: Mudou, ficou fácil. Agora a gente chega e abre a torneira, né... tem a água. E não tinha, a gente tinha que ir buscar uma lata d'água e quando voltava aquela lata d'água que trouxe já acabou. (risos)

10'44" Severino: Derramou?

10'46" Hilda: Já não tem mais. Ia tomar banho trazia uma latinha d'água pras mais velhas que não pudesse ir lá buscar, e agora não precisa nada disso.

11'00" Severino: Agora essa situação de cuidar dos mais velhos é uma característica da casa também, os terreiros fazem isso, né?

11'08" Hilda: É.

11'09" Severino: Queria que a senhora contasse um pouco disso assim, desse cuidado que se tem com a ancestralidade... com os mais velhos.

11'18" Hilda: Com os mais velhos?

11'19" Severino: É.

11'20" Hilda: A gente tem que ter cuidado com os mais velhos, um cuida do outro, né. Porque aqui mesmo é muito (risos) muito mais (risos) é um mais velho cuidando do mais novo e o mais velho cuidando do mais velho.

11'34" Severino: Mas dá pra dizer que isso é algo que a religião tem a ensinar? A nossa religião aqui.

11'40" Hilda: É, é a convivência, né. É a união, a irmandade, tem que ser assim, um cuidando do outro.

11'53" Severino: Que a gente não vê muito no mundo lá fora, né?

11'56" Hilda: né... um cuidando do outro.

12'00" Severino: E dá pra dizer que a senhora aprendeu isso aqui, né?

12'04" Hilda: É, eu aprendi isso aqui e aprendi isso também com meu pai e minha mãe (risos).

12'11" Severino: A senhora disse que eles eram iniciados também, né?

12'13" Hilda: Minha mãe era.

12'15" Severino: Seu pai, não?

12'16" Hilda: Meu pai, não. Meu pai acreditava, mas não era, agora minha mãe era do barco de minha comadre Guanguacesse, ela era Tualexê.

12'29" Severino: Como é que era o nome da sua mãe?

12'31" Hilda: Maria Vitorina dos Santos.

12'33" Severino: E o seu pai?

12'34" Hilda: José Leonídio da Silva Gomes.

VIDEO 00003

0'03" Severino: Então, ele acreditava, mas não vinha?

0'06" Hilda: Não.

0'10" Severino: E ele chegou a ver a senhora iniciada?

0'13" Hilda: Viu, meu pai era meu compadre, batizou minha filha mais velha.

0'21" Severino: Tem um certo orgulho da filha, né?

0'23" Hilda: É. Depois Tatá foi embora, aí venho minha, compadre, Joca... que eu também ainda acompanhei... o mesmo ritmo. Depois venho seu Pedro, agora...

0'53" Severino: Agora Cícero?

0'55" Hilda: É.

0'56" Severino: Então a senhora conhece a casa há bastante tempo, passou por todos os pais...

1'03" Hilda: Eu vou fazer oitenta e seis anos dia 03.

1'09" Severino: E os seus filhos? A senhora tem filhos?

1'13" Hilda: Tenho, tem um que tava aqui, ele foi em casa. Eu tenho duas confirmadas, é Kota Manusimbe, chama Maria Lúcia e Vilma, que a dijina me esqueci.

1'48" Severino: Se a senhora tivesse que deixar um recado pra gente agora... emocionante lembrar das pessoas, né?

2'06" Severino: A senhora quer falar mais um pouco?

2'08" Hilda: Não.

2'09" Severino: Tá bom, brigado então.

**Nome da entrevistada: Dona Olinda**  
**Nome completo: Olinda Lopes Sacramento**  
**Data: 28/09/2016**  
**Nomes/localização dos arquivos: 00004 e 00005**  
**Transcrição feita por: Elisama Correia**  
**Photo da entrevistada:**



VIDEO 00004

0'02" Severino: Então, boa tarde.

0'03" Dona Olinda: Boa tarde.

0'04" Severino: A senhora poderia dizer pra nós o seu nome de batismo e o seu nome na casa?

0'09" Dona Olinda: Olinda Lopes Sacramento e dijina dia Nkisi, Kixima.

0'16" Severino: Você tem quantos anos, Kixima?

0'18" Dona Olinda: De quê?

0'19" Severino: De idade.

0'20" Dona Olinda: De idade? 78.

0'26" Severino: E de iniciada?

0'28" Dona Olinda? Vou fazer 63, agora no dia 04. Com 15 anos.

0'32" Severino: Então começou bem cedo.

0'33" Dona Olinda: É. Com 15 anos...

0'34" Severino: Conta pra nós um pouco como foi isso?

0'37" Dona Olinda: Eu morava aí nas Barreiras, e tinha uma vizinha que era iniciada aqui, no tempo de meu avô. Então, ela vinha aqui, minha mãe também frequentava aqui com ela e então foi ela que me trouxe aqui, essa vizinha chamada Francisca, era iniciada aqui. Então daí em diante eu comecei a me sentir mal, doente e tudo aí minha mãe veio aqui, botou uma consulta com meu pai de santo e ele disse que eu tinha que ser iniciada, eles aí me entregaram a ele. Então, no próximo barco eu já entrei.

1'24" Severino: Quem era o pai nesse barco?

1'26" Dona Olinda: Era Bandanguame. E daí pra cá fiquei aqui indo e voltando, eu era muito nova tinha medo de vir por aí só, e tinha uma irmão de criação que era deficiente, ele andava de jegue. Ele vinha no jegue e eu vinha andando, eu com minha sacola e andando. Chegava aqui ele me entregava ao meu pai de santo e perguntava "que dia vem buscar?", ele dizia: "tal dia", aí tal dia ele vinha me buscar e eu ia com ele. Ia aprender a costurar com minha mãe pequena, aí vinha pelo Retiro já, quando eu tava lá na casa da minha mãe pequena, eu vinha pelo Retiro. Muitas vezes eu cheguei no Retiro e voltei que tinha medo de vir sozinha, aí voltava de novo pra cidade. E aprendi, todas as festas estava aqui presente, ficava aqui os dias que tinha que ficar e ia pra casa, pra minha casa... costurar, estudar não que já tinha estudado, mas ia costurar. Aprendi a costurar. Sempre acompanhei a casa, nunca me afastei nesses anos todos aqui; meu pai de santo era um pai muito bom e até hoje tenho saudade dele; ele parecia pai biológico. Dona Olga também, não tenho o que dizer, muito boa, irmã de santo. Eu não tô dizendo que minhas irmã de santo não, todas me tratavam com carinho que eu era muito jovem ainda também né, muitas coisas eu não fazia porque não podia que era nova, muito magra, muito magrinha... e tô aqui até hoje. Já panhei muita água lá embaixo com minha comadre na fonte da telha, uma lata de água pra fazer os ossé. Varrer terreiro não que eu nunca varri terreiro.

3'41" Severino: Você era magrinha? (risos) Estava liberada disso?

3'44" Dona Olinda: É. Nunca varri terreiro não, mas todas as obrigações eu estava aqui presente.

3'50" Severino: Tu disseste que era costureira, chegaste a fazer roupa pras pessoas daqui?

3'57" Dona Olinda: Sim, até hoje faço as roupas dos Nkisis, do pessoal... costuro as roupas.

4'03" Severino: E essas roupas aprendestes como a fazê-las?

4'06" Dona Olinda: Eu aprendi com minha mãe pequena.

4'08" Severino: Tá, ela era costureira de outro...

4'09" Dona Olinda da: Ela era feita daqui.

4'11" Severino: Também.

4'11" Dona Olinda: Também.

4'12" Severino: Mas fazia pra outros terreiros também?

4'13" Dona Olinda: Não, naquele tempo só fazia mesmo para aqui, pra casa.

4'19" Severino: E os tecidos vocês compravam onde?

4'21" Dona Olinda: Na Baixa dos Sapateiros.

4'23" Severino: Fazia as escolhas não tinha nenhuma restrição?



4'26" Dona Olinda: Antigamente nós comprávamos sete metros, porque a fazenda era noventa centímetros, gastava mais. E agora não que agora os panos são tudo de 1,50; três metros, três e meio já se faz uma saia... e aprendi com ela.

4'42" Severino: A senhora fala com a sabedoria de quem ainda costura, né?

4'44" Dona Olinda: Costuro sim.

4'46" Severino: E o pano da costa? Vocês chegaram a lidar com o pano da costa?

4'50" Dona Olinda: Pano da costa, pano de alaká, pano de bordado, pano de rechilieu.

4'55" Severino: Tudo comprava lá na baixa dos sapateiros?

4'58" Dona Olinda: Não, tinha bordadeiro. Agora que tem o mercado modelo, mas antigamente não tinha, não.

5'04" Severino: Quem é que fazia isso antigamente?

5'07" Dona Olinda: Eu não sei do nome não, até já morreu o pessoal. Agora tem outras bordadeiras já, né. Era pano de lista, comprava pano de lista, fazia o pano da costa, camisa de tecido, camisa de rendinha.

5'28" Severino: E a sua máquina é daquelas máquinas já elétricas ou ainda...

5'30" Dona Olinda: Já, hoje é elétrica.

5'32" Severino: Mas esse tempo que você aprendeu.

5'33" Dona Olinda: Era de pedal.

5'34" Severino: Aquela de pedal?

5'35" Dona Olinda: É, pedal.

5'36" Severino: Tens essa máquina ainda?

5'38" Dona Olinda: Eu tenho uma lá, mas nem consigo mais costurar de pé, fui costurar outro dia e não consegui.

5'51" Severino: Tava me contando como que era essa vinda pra cá, na infância, um pouco da caminhada.

5'58" Dona Olinda: É, que soltava no Retiro e vinha andando do Retiro, fonte da telha, subia a ladeirinha, que eu nunca vinha à noite não, só vinha mais de dia, subia aí a ladeira e dava aqui.

6'14" Severino: A senhora falou de medo, que tinha um certo medo às vezes.

6'15" Dona Olinda: Eu tinha medo porque era muito estranho o caminho, e eu tinha medo de vir sozinha do Retiro pra aqui, eu aí voltava de novo pra casa.

6'27" Severino: Mas a senhora comparando... que hoje parece que o medo é uma coisa mais séria, né?

6'31" Dona Olinda: É, eu tinha medo... nem sei por que eu tinha medo, que não tinha ladrão não tinha nada... mas hoje em dia faz medo os ladrões, né? Hoje em dia não venho à noite, não venho tarde, a não ser que eu venha de carro. Me casei, tive meus filhos e pronto, tô aqui até hoje, até o dia que Deus quiser.

6'56" Severino: E a sua família também frequenta aqui?

6'58" Dona Olinda: Frequenta, tenho uma neta agora que foi iniciada, também aqui. Ela tem 14 anos, fez 14 anos agora, e foi iniciada com 11. Tenho um filho também que começou com seis anos de idade, mas minha família vem aqui, meus filhos vêm aqui, todo mundo. Minha mãe frequentava muito aqui, até mais do que eu, que antes deu vir ela vinha muito aqui nas festas. Meu irmão, tinha um irmão também que foi iniciado aqui, dois, morreram já os dois.

7'39" Severino: E sua mãe também já faleceu?

7'41" Dona Olinda: Já faleceu.

7'42" Severino: E sua mãe chegou a ver você iniciada também?

7'44" Dona Olinda: Chegou. Tinha uma irmã de criação que também foi iniciada aqui, que era de tempo... também já faleceu; minha mãe criou ela.

7'53" Severino: E esse seu irmão de criação já faleceu também, esse do jegue?

7'56" Dona Olinda: Eu tinha um biológico que também foi iniciado aqui e tinha o de criação que foi iniciado também aqui, os dois já faleceram.

8'09" Severino: Ficou sozinha.

8'11" Dona Olinda: Agora tenho minha neta, né?

8'12" Severino: Não, não ficou sozinha por isso.

8'14" Dona Olinda: Tenho minha neta e minhas irmãs de santo que são muito boas.

8'18" Severino: E das festas aqui, conta um pouco pra gente.

8'20" Dona Olinda: As festas são boas, a gente trabalha muito pra fazer as coisas, mas as festas são muito boas, muito frequentadas, muita gente, muito carro, as festas são boas, mesmo.

8'35" Severino: Sempre foram assim?

8'36" Dona Olinda: Sempre foram, desde o tempo do meu pai que sempre as festas foram boas.

8'42" Severino: E a senhora mesmo trabalhando na costura ainda trabalha na preparação das festas?

8'47" Dona Olinda: Sim.

8'48" Severino: Ainda acha um outro tempo pra isso?

8'49" Dona Olinda: É. Eu faço as costuras, mas no dia que tem que vir pra aqui tem que vir mesmo, né. Aí quando chega aqui tem que trabalhar pra aqui, pra fazer as coisas daqui.

9'00" Severino: Quer dizer que eu vou ficar olhando pras pessoas e vou saber isso aqui tudo foi você que costurou?

9'04" Dona Olinda: É

9'05" Severino: Dá pra dizer isso? Além da preparação da festa

9'08" Dona Olinda: Da festa

9'09" Severino: Conta aquela história da bandeirola, pra pendurar bandeirola, trabalho de criança

9'13" Dona Olinda: Lá no barracão botava os cordões de uma ponta a outra, passava a goma aí vinha colando os papéis.

9'21" Severino: Como é que era essa goma?

9'23" Dona Olinda: Goma da mandioca que tirava a goma, aí fazia tipo um mingau duro e ia passando.

9'32" Severino: E esse papel você pegava onde?

9'34" Dona Olinda: Era só folia.

9'36" Severino: Ah era folia?

9'37" Dona Olinda: Oxe... era folia. Todo mundo gostava de ficar o dia inteiro fazendo isso... bandeirolas

9'43" Severino: Tinha que cobrir todo telhado, é isso?

9'45" Dona Olinda: É, o barracão todo coberto.

9'48" Severino: E esse papel vinha de onde?

9'50" Dona Olinda: Comprava na livraria, não sei bem não que eu nunca comprei. Sei que vinha pra cortar, cortar tudo de tirinha assim, não era assim como é hoje, assim só esse coisa assim, era todo de tirinha; dava um trabalho danado pra cortar, viu.

10'07" Severino: Tô pensando.

10'08" Dona Olinda: É.

10'09" Severino: Mas era divertido?

10'10" Dona Olinda: Era divertido, pra criança tudo é divertido, né?

10'14" Severino: Num lugar como esse, né...

10'15" Dona Olinda: Oxe, num é... espaço.

10'18" Severino: Espaço, tranquilidade.

10'19" Dona Olinda: É.

10'21" Severino: E se a senhora tivesse que dizer um aprendizado aqui, desse lugar pras pessoas.

10'28" Dona Olinda: O que eu aprendi aqui?

10'29" Severino: Imagino que muita coisa, mas, por favor, fale alguma.

10'32" Dona Olinda: Fazer comida baiana, até comida mesmo normal que eu não sabia fazer essas coisas ainda. Aprendi muita coisa aqui, comida baiana, feijoada, essas coisas todas eu aprendi aqui, não sabia ainda fazer.

10'51" Severino: E esse cuidar do outro também, né?

10'54" Dona Olinda: Pra mim aqui foi uma escola, aprendi muita coisa. Costurar, lavar, engomar, botar anágua na goma, tudo eu aprendi aqui que eu não sabia.

11'09" Severino: E essa coisa do cuidado dos mais velhos? Que parece uma coisa muito importante, né?

11'13" Dona Olinda: É, porque aqui se uma sentir alguma coisa todas se reúnem pra dar socorro, uma faz chá, outra faz mingau, outra corre, dá remédio; uma sentiu uma dor todo mundo tá dijunto.

11'29" Severino: As meninas se ajudam, então?

11'31" Dona Olinda: É, todo mundo. Cada um faz uma coisa. Quando já tá bem velho então tem mais cuidado ainda, né. Leva café na cama, dá banho, penteia o cabelo.

11'50" Severino: E dá um certo conforto saber que também pode ser cuidado...

11'53" Dona Olinda: Também pode ser cuidado, é.

11'56" Severino: E se a senhora tivesse que dizer uma coisa importante que a senhora aprendeu aqui, fora essas do trabalho, essas mais espirituais, assim... o que esse lugar ensinou pra senhora da parte da espiritualidade?

12'06" Dona Olinda: Olha, aqui me ensinou muita coisa boa. Respeito aos mais velhos, ter atenção aos mais velhos, gostar das pessoas, isso é uma coisa boa, né. A irmandade, boa

irmandade e o meu pai de santo que era sensacional. Gosto muito de todos aqui, os ogãs e Tata que está, também gosto muito, não tenho o que dizer, gosto dele também, é uma pessoa boa também; tanto que meu pai de santo morreu e eu não abandonei a casa, fiquei aqui até hoje, tô aqui até hoje. Só saio o dia que Deus quiser.

VIDEO 00005

0'15" Severino: Eu queria só pra fechar essa nossa conversa, pra não ficar explorando a senhora...

0'18" Dona Olinda: Nada...

0'21" Severino: A senhora sofreu já alguma espécie de intolerância religiosa, pelo fato de a senhora frequentar aqui?

0'28" Dona Olinda: Não.

0'30" Severino: Eu digo fora daqui...

0'32" Dona Olinda: Não, que eu moro até junto... perto da minha casa tem uma igreja evangélica, mas eles me tratam bem, me cumprimentam, na inauguração me convidou, pra ir pra inauguração, não tenho o que dizer não. Também eu não me exponho, né. Não ando com negócio de enfeite de candomblé, ninguém sabe que eu sou de candomblé, que eu não gosto de me exhibir. Então não... e quem sabe me considera. Eu tenho vizinhas que esteve aqui, me consideram muito pelo fato de eu ser iniciada e a casa ser uma casa antiga, aí me respeitam.

1'28" Severino: A senhora gostaria de falar alguma coisa da casa mais pra gente? Que acha que é importante...

1'36" Dona Olinda: Eu acho importante que vem muita gente de fora e chega aqui e fica encantada com a casa; têm pessoas que nem são daqui e ficam dizendo que são, tudo isso é um elogio, né

1'57" Severino: A pessoa se apresenta como sendo da casa?

1'59" Dona Olinda: É, diz que é daqui.

2'01" Severino: É o prestígio, então.

2'02" Dona Olinda: É.

2'06" Severino: Só que se faz bobagem é um problema. (risos)

2'10" Dona Olinda: É.

2'13" Severino: Então assim, eu queria agradecer a sua fala, né. A ideia é que a gente conte essa história através de vocês. Essa coisa da costura eu queria saber se em algum momento a gente poderia de repente tirar umas fotos da senhora trabalhando na costura. Eu tenho uma admiração enorme pela costura, junto com o alimento é uma das primeiras coisas da humanidade, né.

2'45" Dona Olinda: É.

2'46" Severino: Pra fazer sua roupa e seu alimento, né?

2'47" Dona Olinda: É.

2'48" Severino: E a senhora disse que aprendeu essas duas coisas aqui.

2'49" Dona Olinda: Aqui.

2'50" Severino: É a coisa mais antiga do homem, né. Do homem e da mulher.

2'53" Dona Olinda: É isso.

2'55" Severino: Comer e vestir, né?

2'57" Dona Olinda: É.

2'59" Severino: E a senhora aprendeu aqui?

3'00" Dona Olinda: Aprendi. Com minha mãe pequena aprendi, aqui também, essas coisas aprendi com D. Olga, aprendi muita coisa.

3'07" Severino: A senhora tem imagem dessas roupas primeiras que a senhora fez, fotografias, alguma coisa?

3'12" Dona Olinda: Não que antigamente não tinha muito esse negócio de tá tirando foto, né. Hoje que qualquer coisa que se tira foto, mas antigamente não tinha isso.

3'21" Severino: Era caro também, Né?

3'22" Dona Olinda: É.

3'24" Severino: Mas aí essa máquina a senhora tem ainda, essa máquina que não funciona mais?

3'30" Dona Olinda: Tenho.

3'31" Severino: A máquina de costura, digo.

3'32" Dona Olinda: Tenho, na minha casa tem umas quatro máquinas, que vai ficando ruim e eu vou botando lá no canto.

3'40" Severino: E alguém aprendeu com a senhora a costurar? A senhora ensinou alguém a costurar?

3'44" Dona Olinda: Não porque não se dedicam, minhas filhas não quiseram saber de costura.

3'51" Severino: E aqui na casa não tem nenhuma menina que tenha vocação?

3'54" Dona Olinda: Qualquer coisa que me perguntam eu estou disposta a ensinar, qualquer dúvida que elas tenham... às vezes não faz aqui mas faz em casa, me pergunta, eu digo como é.

4'07" Severino: Ah, então a senhora é uma conselheira?

4'08" Dona Olinda: É, me perguntando eu não me oponho de ensinar, não tenho esse egoísmo de não ensinar as coisas, né?

4'17" Severino: É, generosidade como tiveram com a senhora.

4'19" Dona Olinda: Eu sempre tô dizendo a elas aqui: aprendam a costurar, que não faz mal nenhum. E fazer roupa de santo não é bicho de sete cabeças.

4'31" Severino: E a senhora disse que hoje o pano tá até mais fácil porque é maior.

4'34" Dona Olinda: É, tá mais barato, é menos quantidade.

4'39" Severino: Tem mais variedade também, né?

4'40" Dona Olinda: É.

4'42" Severino: Hoje a gente vai nas lojas de pano é uma coisa...

4'44" Dona Olinda: É, não sabe nem qual é que pega.

4'51" Severino: É verdade. Então é isso, querida. Eu queria agradecer então a sua fala, acho que a gente chegou no momento assim que temos bastante informação, e talvez nós vamos incomodar a senhora mais algumas vezes, uma vez pelo menos, sobre essa história da máquina.

5'05" Dona Olinda: Tá bom.

5'06" Severino: Senão a gente vai atrás de outras imagens.

5'09" Dona Olinda: Tá bom.

5'10" Severino: Tá bom? Brigado, então.

5'11" Dona Olinda: Brigada também.

**Nome da entrevistada: Dona Heda**

**Nome completo: Dona Heda Maria dos Santos Leitão**

**Data: 28/09/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00006**

**Transcrição feita por: Mariana Gomes**

**Photo da entrevistada:**



VÍDEO 00006

1'11'' Beto Severino: Então, conta pra nós o seu nome e seu nome aqui na casa.

1'19'' Dona Heda: Ah sim, o nome na casa né?

1'22'' Beto Severino: Seu nome e seu nome na casa.

1'23'' Dona Heda: Meu nome é Heda. Dona Heda com "h". Dona Heda Maria dos Santos Leitão. E dijina de Nkisi, que é o santo da casa, Meankelesi.

1'36'' Beto Severino: Conta pra nós como é que a senhora chegou aqui. Por favor.

1'42'' Dona Heda: Eu cheguei até aqui na dor. Porque eu não vim bem de saúde. Antes de vir pra aqui eu tive no kardecismo, era kardecista pura, mas eu tava com problema psicológico muito ativo e não havia melhoras. Ter aqui habitando pessoa sanguínea minha que é minha mãe Guanguacesse, aí a minha filha mais velha veio aqui pedir socorro pra mim, me trouxe pra pedir o socorro. Socorro esse que eu fui bem recebida e fiquei frequentando, vindo. Seu João que hoje em dia é meu pai, me atendeu muito bem, D. Olga também, que hoje em dia é minha mãe, fez com que eu ficasse indo e vindo, né, porque senão eu não voltaria não, mas eu ficava indo e vindo. E entre idas e vindas eu fiquei vários anos aqui, quatro, cinco, até mais frequentando a casa e adorando estar aqui porque eu tinha tranquilidade como eu tenho agora, entendeu? Toda aquela doença, toda aquela coisa foi... e meu pai sendo também um homem muito sábio sabia me conduzir. Porque eu também era terrível, não era de muita coisa, e ele ali oi. Ainda eu sem ser iniciada, até minha iniciação, pronto, já tava domadinha e fiquei feliz, entendeu? Até hoje eu aqui estou, agora é minha casa, entendeu? Adoro o meu povo e aqui é uma faculdade. Pode chegar um animal, mas com jeito vai ser domado, porque elas, as senhoras mais velhas, sabem como levar, principalmente D. Olga. Meu pai não existe mais, mas tem meu pai e meu irmão ali, Tata Muguaxi. Pessoas que têm uma ciência muito grande, independente do axé, sabem como conduzir.

4'04'' Beto Severino: E as festas aqui? Conta pra nós um pouco.



4'05'' Dona Heda: Maravilhosas! Cada festa linda, maravilhosas. Aplaudida em toda Salvador, certo? É muita gente, tanto daqui, quanto de fora, entendeu? A gente também, nós nos entregamos de corpo e alma pra essas festas, que é nossas festas. Não é festa de todos os dias, mas são grandes festas. A casa abraça quem chega, trata bem quem chega. Não temos uma reclamação sobre a nossa festa. Só temos aplausos.

4'38'' Beto Severino: A senhora disse pra mim que aqui trabalha um pouco na contribuição da festa. O que é que a senhora faz aqui nesse período?

4'48'' Dona Heda: Trabalho da seguinte maneira, né. Chegamos aqui, por exemplo eu vim na véspera, pernoitamos. De manhã começam os trabalhos, eu preparo a preparação pra os atos, né, preparação pra os atos, porque são muitos atos antes da festa e todos esses atos exigem preparos.

5'57'' Beto Severino: E a senhora contribui bastante com isso?

5'09'' Dona Heda: Ah, sim.

5'10'' Beto Severino: Você acha que... chegaste aqui com 40 anos, né?

5'13'' Dona Heda: É, nessa base que eu cheguei aqui.

5'16'' Beto Severino: Na sua infância a senhora não tinha contato com o candomblé?

5'20'' Dona Heda: Com o axé não, não tinha muito contato, não. Eu não tinha muito contato porque a minha mãe, ela não era muito do axé, né. Meu pai de criação, ele sim, mas não na casa nossa, fora. Não levava nada pra casa de axé, entendeu? Tanto que nós, num aperto eu fui procurar o kardecismo.

5'50'' Beto Severino: E uma... se a gente pedisse pra senhora contar uma coisa que poderia ser importante de ser dita dessa sua presença aqui na casa, pra fora.

6'01'' Dona Heda: Que poderia ser dita...

6'03'' Beto Severino: Pra todo mundo. Nosso vídeo vai ser exibido pra outras pessoas. "O que eu aprendi aqui"...

6'10'' Dona Heda: Aprendi muito aqui, né, e essa aprendizagem que eu tive existe, existirá sempre. Pessoas que têm problemas, pessoas que precisem ir pra uma casa de axé, se for numa casa como a nossa procurando ajuda será ajudado. Se vier aqui então... procurando apoio, será apoiado, entendeu? E o amor aqui é grande, como esse espaço aí o amor é grande. A preservação, o respeito, porque é necessário respeito. Se não tem respeito, não pode existir nada, né? Porque sem respeito não pode existir. E a fé. Tem que ter fé no que faz. Tem que amar, seu povo. O povo não é só de santo. O povo do convívio espiritual passa a ser o povo de sangue. O convívio, o amor... É isso o que eu digo pra aqueles que pretendem chegar até esse ponto que nós chegamos aqui. E eu por exemplo, que ainda sou novinha, que velha já passaram ainda, né. Então é isso que eu digo. Tendo o respeito, o amor, uma certa compreensão e a fé. A fé sobretudo, né, mas se não tiver fé... E aqui é o que? É um santuário. Esses arvoredos todos aí têm vida. E o que é que nós estamos fazendo aqui está sendo presenciado, por matéria não, por eles, eles existem, são força. Essa força que nos guenta, que nos envelhece, que nos conforta,

mas tendo respeito e o amor, procurando aprender também um pouquinho. Não com muita curiosidade, mas um pouquinho. É só. Eu sou uma mulher feliz, uma mulher realizada, casei já minhas filhas, casei filho, tenho bisneto. Sou feliz, graças a Deus.

8'18'' Beto Severino: Os seus filhos frequentam aqui também?

8'20'' Dona Heda: Ah, eles vêm sempre, tão sempre presentes. Iniciado não tem. Tem uma que tá pra ser, mas não tá ainda, mas tão sempre presentes. Casados, trabalham, tão aqui, ficam felizes, eu digo “já tô indo” e eles “vai mãe, vai”, vem me trazer, com todo amor, com todo o respeito. Porque se não tiver o respeito e o amor, né isso? Essa senhora é uma prima minha, é afilhada do meu pai, mas eu trato como minha mãe, com todo respeito. E eu também sou senhora, sou bisavó, mas trato até o mais novo do que eu, mas no axé mais velho, com todo o respeito.

9'01'' Beto Severino: Como é o nome do seu pai?

9'03'' Dona Heda: O meu pai?!

9'04'' Beto Severino: É. Você disse que seu pai era parente de...

9'07'' Dona Heda: Meu pai era João José da Silva... Não. Era João, João da Cruz, que era o tio de Dona Olga. Agora meu pai que me criou mesmo era Miguel Arcanjo Leitão.

9'24'' Beto Severino: Em qual bairro a senhora foi criada?

9'25'' Dona Heda: Ah, nasci em Cosme de Farias, mas me criei mais no bairro do Pau Miúdo. Ainda era bom, tava tudo maneiro. Agora é que tá muito bom, não tinha ônibus, não tinha nada, era bom lá. O seguinte tô aqui. Ultimamente habito lá em Cajazeiras, como lhe citei. Até então tá bom.

9'59'' Beto Severino: Só mais uma pergunta, então. Dá pra dizer então... a senhora disse que lá no Pau Miúdo mudou, tá muito diferente. E em relação a aqui, né? A senhora está a vinte e poucos anos aqui, né? O que é que mudou aqui nesse entorno do terreiro?

10'19'' Dona Heda: Ah, muita coisa. Mudou muita coisa. Transporte já chega, eu vim mesma de ônibus. O povo antigo já se foram, mas o povo novo que chega não age da mesma maneira, então os bairros mudam.... A vizinhança. Quanto a aqui dentro, o que mudou foi a falta dos meus entes queridos que já se foram, porque a regra continua a mesma. A regra, a maneira, continua a mesma. Eu não tenho muita coisa a dizer do passado, porque eu habitei aqui muitos anos atrás, mas do meu tempo para cá, eu acho que a regra continua a mesma, entendeu? Porque tinha meu pai, meu pai tinha um quarto. Meu pai e meu irmão aqui está presente. Ele também estudou nessa faculdade, então as mesmas aulas ele vai dando, as mesmas aulas continuam. Mesmo amor, mesma fé, mesmo respeito, entendeu? É isso que eu sinto muito. Quando boto o pé dali pra cá pra dentro tô num spa, toda tranquila, toda feliz. Sou muito feliz em dizer que sou filha do terreiro do Bate Folha. Essa que é uma casa antiga, de respeito, entendeu? Uma casa tombada. É maravilhoso pertencer a essa casa e mantê-la como ela é, como se achou, né? E que assim seja.

12'09'' Beto Severino: Obrigada então querida.

12'10'' Dona Heda: Muito obrigada também.

12'02'' Beto Severino: Essa frase final da senhora foi linda...

12'13'' Dona Heda: Muito obrigada também, a eles também, agradeço a vocês, viu? Com licença.

**Nome da entrevistada: Anália**  
**Nome completo: Anália Maria Passos de Oliveira**  
**Data: 28/09/2016**  
**Nome/localização do arquivo: 00007**  
**Transcrição feita por: Mariana Gomes**  
**Photo da entrevistada:**



#### VÍDEO 00007

0'06'' - Severino: Então, o nosso objetivo, do vídeo, é contar a história do Bate Folha, pelos seus participantes, as pessoas que acompanham aqui, então eu queria, se fosse possível, que você contasse pra nós, começa falando qual é seu nome, você já é iniciada, então qual seu nome de iniciada, e depois um pouco de como você chegou aqui no terreiro?

0'50'' - Anália: Eu sou Anália Passos, tenho 16 anos de iniciada, 45 de vida, meu nome é Kota Xiamuene, sou filha de Nkosi, que é o mesmo que Ogum. Eu cheguei aqui, dei muito trabalho a minha mãe, a meu pai, porque eu nasci aqui, a minha mãe também é filha da casa. A minha mãe tem 83 anos de vida e 58 de axé, que é Keuanguiá de Oxalá. Então, enquanto eu não tive problema nenhum ligado ao axé, eu vinha feliz, satisfeita, ficava aqui, ajudava, brincava. Quando eu comecei a ter os problemas ligado ao axé, eu comecei a rejeitar, então eu não queria vir de jeito nenhum. Por muitas vezes meu pai teve que me tirar dura do carro, dormindo, porque como eu teimava em não vir, o orixá me pegava em casa. Eu tive muitos problemas, muitos, muitos, o que eu não fiz na minha vida inteira, no período do axé eu passei a fazer, antes de ser iniciada, eu brigava muito, com qualquer um, com homem, com mulher, eu dava pancada nas pessoas na rua. Foi infinidades de coisas, doenças, e não queria vir de jeito nenhum. As pessoas falavam comigo, me davam conselhos e tal, e eu rejeitava, e eu fui e hoje eu sou. Assim, o benefício do axé na minha vida foi enorme. Eu nunca tive emprego, uma infinidade de coisas que eu consegui conquistar depois do axé. Hoje eu tenho 13 anos trabalhando na justiça, cada dia que passa o desenvolvimento é melhor, eu tenho uma família constituída, eu tenho uma paz, uma tranquilidade, tudo adquirido depois do axé, porque antes do axé eu não tinha nada.

2'40'' - Severino: Então dá para dizer que, é, tua paz de espírito veio depois do axé?

2'44'' - Anália: Eu vim conhecer, entender o que é família, o que é respeito, o que é amor, o que é ouvir, depois do axé. Então como eu lhe disse, eu fui, hoje eu sou, tudo isso eu adquiri depois do axé, porque não adiantava você me dizer que não fizesse, nem mesmo minha mãe biológica, não havia respeito, não havia entendimento. Se dissesse pra eu não fazer, aí era que eu fazia, e fazia dobrado, hoje basta pensar em fazer alguma coisa, minha mãe, minha Nengua Guanguacesse fala 'não', acabou, não tem teimosia, não tem bate pé, não tem aborrecimento, não tem nada. Minha mãe me pega assim sabe, pelas pontinhas, me quebra devagarzinho, e é isso aí. Aqui é um lugar maravilhoso, todo mundo que chega aqui tende a cada dia que passa

crescer mais na vida, sabe. Todos os meus irmãos, nós somos bem estruturados espiritualmente, aqui as pessoas não chegam pra ficar doentes, sabe. Aqui, todo mundo que está aqui é bem, por que se você consegue ter o equilíbrio espiritual, o resto é fácil de você conseguir. E é o que aqui nos dar, um equilíbrio, uma família, aqui é uma família muito grande, ao mesmo que a gente briga a gente se ama, entendeu, e tem minha mãe, meu pai, que ave maria, é Alá e água, e que a gente... Eu mesmo sou louca por esta casa, o que precisar de mim estou aqui, sabe, estamos batalhando por esse centenário, que é muito importante na minha vida. Imagine aos 45 anos de vida, eu fazer parte do axé que vai fazer 100? Então, pouquíssimas pessoas tiveram oportunidade de ter isso né, e nós, dessa geração, estamos tendo a oportunidade, então a gente está aí fazendo o possível pra esse ano ser brilhante.

4'32'' - Severino: Falando nesse ano, um centenário importante, e é um momento também delicado em algumas instâncias do Brasil. Tens alguma observação a fazer sobre a coisa da intolerância religiosa? Você chegou a viver isso?

4'45' - Anália: Sim, já. Constantemente a gente vive, até porque eu uso essa continha fina e assim, na rua onde eu moro, seguindo pro ponto de ônibus, existe um pessoal cristão, que fica ali dando um papelzinho tal, né, e eu não quero. 'Não, não, muito obrigada', tal. E aí eles dizem né, que a gente é do demônio, que Jesus ama, eu falei 'Jesus me ama e Ogum também me ama muito'. Existe essas questõezinhas assim, mas que a gente vai tirando de letra, não nada muito grave né, mas a gente sempre encontra quem nos olhe com um olhar estranho, que não sente ao lado da gente, pelo lado da gente está usando uma conta, mas a gente vai levando, vai tirando de letra, vai deixando isso pra lá.

5'29'' - Severino: Se tu, tivesses que dar, um recado assim, para as pessoas sobre o que é o Bate folha, e o que é ser do Axé?

5'36'' - Anália: Bate folha é vida. Bate folha é amor. Bate folha é um crescimento intelectual. Apesar da gente ser muito fechado, nós temos muito aqui dentro, você aprende muito. Anterior, mãe Kixima estava aqui falando da costura, todos nós temos um aprendizado aqui dentro de tudo. Tudo que você imaginar o pessoal aqui tem para oferecer, criar filho, criar, o que você pensar aí aqui ensina você, sabe. Assim, aqui a gente aprende muito, muito, uma bagagem muito grande. Todos nós que chegamos pra aqui, chegamos verde, mesmo, eu falo isso pra você na parte família mesmo, entendeu. Eu brigava muito, antes do axé, eu tenho um filho de 22 anos, com meu filho, e o que eu aprendi de amor, de pai, mãe, filho, foi minha mãe que me ensinou aqui. Foi o meu axé que me ensinou, então o Bate folha tem muito, ensina muito pra gente, basta você querer, basta você se doar.

6'34'' - Severino: O seu filho veio pra cá também?

6'33'' - Anália: É, meu filho é visitante aqui.

6'37'' - Severino: E seu marido?

6'38'' - Anália: É, meu marido é iniciado aqui, ele tem nove meses. Dezembro agora ele completa um ano. Ele é ogã da casa.

6'47'' - Severino: Você frequentou aqui antes de ser...

6'50'' - Anália: Eu sou nascida né, porque minha mãe tem 83 de vida, 65 de axé, eu sou nascida aqui.

6'58'' - Severino: Como é que era quando você era criança?

7'00'' - Anália: Bom assim, minha mãe levou um tempo afastada por motivo de saúde. Então, quando eu comecei a frequentar aqui foi com 7 anos de vida. Era tudo muito diferente, agora assim, eu não fui a criança que participei de fazer bandeirola, não, porque meu período já é um período mais avançado, já não tinha tanta coisa. Agora eu lembro assim de fogão de lenha, a cozinha que tinha, aquele lugar que deixava água, o fogão de lenha. Eu não alcancei também buscar água lá embaixo, existia uma falta de água muito grande, mas aqui a água já era encanada. Eu não alcancei o período que o pessoal usava lampião, não sei o que, essas coisas não. Eu já alcancei a coisa mais avançada.

7'38'' - Severino: Quando você fala que não alcançou, as pessoas te contavam isso?

7'40'' - Anália: É, porque eu sou nascida em uma família onde as pessoas fazem parte da primeira geração daqui, então é costume a gente ouvir, passar de um para o outro as histórias do Bate folha. Essa questão de buscar água lá embaixo, na fonte da telha, de jegue, e aí estão aqui os meus mais velhos, que estava a mãe Keriunkê aqui antes, que criou muitos barcos, inclusive o meu, e que lavava pra a gente, cozinha e que eu ia na fonte da telha lá em baixo pra buscar essa água. Então é costume, é relato a gente ouvir. A minha própria mãe, o caminho delas todas era por essa fonte da telha, pelo Bom Juá aqui pra baixo, e que elas soltavam no Retiro e subiam a pé até aqui. Então é costume a gente ouvir esse relato desses mais velhos.

8'27'' - Severino: Os mais velhos, esse é um cuidado que a casa tem. Fale um pouco sobre isso.

8'34'' - Anália: A gente tem muitos mais velhos aqui especiais, porque a iniciação da gente é uma gestação. Depois você passa a entender o que é uma gestação e essas pessoas tem um cuidado com a gente enorme. É mesmo como se a gente fosse um bebê, sabe, então o que é você acordar, com uma pessoa de 60 anos com um mingauzinho quentinho na sua mão, sabe? Aquele cuidado total com a gente que está muito novinho, na verdade o cuidado é ao longo da vida enquanto nós estamos aqui, porque aos olhos deles a gente sempre vai ser o mais novo. Eles sempre são os mais velhos, mas quando iniciado, a coisa ainda é maior, a questão ainda é maior. Então eles cuidam de roupa, eles cuidam da alimentação, da saúde, o que você pensar aí o cuidado é muito grande desses idosos, sabe? Muito, muito, e é aonde você percebe que eles já não têm mais condições, mas fazem questão, aaaa eles brigam se não deixar fazer um mingauzinho, sabe? Aquele coisa feita por eles, assim, é muito, muito bom. Nós temos muitos aqui, a gente procura fazer o que pode né, pra retribuir a eles, porque são bons. A casa é constituída a maior parte por pessoas idosas, os novos estão chegando agora, que é o povo da minha geração, tem 20, você vai ter oportunidade de conhecer, 20, o meu barco é 16, 15, 14 ai vem vindo, mas a maioria é formada por essas pessoas idosas, que nos ensina muito, e nos suporta muito também, né.

10'03'' - Severino: Tu falou em retribuir, né. Cuidar deles acaba acontecendo, né. E tem muito a ver com o axé circular, distribuir axé, não vai ficar preso, não tem esse senso egoísta.

10'19'' - Anália: Eu tive oportunidade de ser criada por mãe Kiuandala. Essa senhora já faleceu, e todos os dias ela botava o banquinho assim 'senta aqui no banquinho', e ali ela ensina todo dia um pouquinho de reza, todo dia um pouquinho de canto, todo dia um pouquinho de tudo,

porque o nosso axé é muita coisa, é enorme. Tem coisas que de vez em quando, minha mãe me pega no pulo ‘o que é isso?’ ‘não sei, minha mãe’, porque é muita coisa na minha cabeça. E assim eles têm aquele cuidado, de ensinar, de passar corretamente, na época certa, tudo direitinho, a gente aprende. Basta você querer, agora no período certinho, sabe, eles têm muito cuidado em ensinar, em ensinar correto, de cuidar, são... sem comentários.

11’06’’ Severino: Você fala de uma criança, tem que ser no tempo certo?

11’10’’ Anália: Exatamente.

11’11’’ Severino: Nós estamos agora a véspera do centenário, e seu eu te perguntasse, o que você gostaria de dizer para as pessoas lá fora, uma espécie de uma frase de efeito?

11’25’’ Anália: Que amem o axé. O axé não é nada do que falam. O axé é vida, o axé é paz, o axé é saúde. É uma religião como qualquer outra, infelizmente como qualquer outra religião, as pessoas degradam a imagem do axé, falam coisas, existe sim pessoas que usam até o axé de forma errada, mas não é o nosso caso, tanto que a prova viva estamos aqui. Você não vai, você pode procurar aí de cima a baixo um dos nossos que esteja preso, doente, não existe isso, porque aqui, se você chegar pra minha mãe pra meu pai dizendo assim, aqui “Ó, eu trouxe esse dinheiro pra fazer isso pra fulano”, aqui você não vai conseguir, porque minha mãe costuma dizer que o que a gente faz de errado, volta em dobro pra gente. Então que a gente tem que plantar o bem, pra colher o bem. Aqui se você chegar pra cuidar da sua saúde, você vai encontrar, mas pra fazer o mal não. Então a gente percebe que não precisa disso, que a gente precisa ter amor e o que minha mãe e meu pai planta aqui é amor, amor, e cada vez mais a gente tende a se amar mais, e as pessoas amem o axé como qualquer outra religião, que não é nada disso que falam, não é nada disso que fazem por aí, não precisa disso pra sermos o que somos. Nós do Bate folha somos felizes, ricos, mas sem precisar fazer as coisas que as pessoas fazem. Muita gente nem conhece. Hoje eu vim com o rapaz, do táxi, que eu disse “vou pro Bate Folha”, “Aonde fica?” E as pessoas não nos conhecem, e nem por isso, a gente não é infeliz, a gente não é pobre, a gente é rico de sabedoria, que aqui tem muito, muito. A gente não precisa buscar nada lá fora, que quando a gente cai aqui dentro meu irmão, é só felicidade, só caminho, muita paz, tudo de bom nós temos aqui. Nós temos essa imensidão de mata, tudo aberto. Como todo mundo sabe, em qualquer lugar, muita marginalidade, aqui a gente não é acometido por nada, aí a Mata Escura fecha, tiroteio. Correria aqui? Nkisi não permite, então a gente precisa demais o que? Mais nada. Nos amar cada vez mais, fazer o que é certo, o que é dito pela minha mãe, pelo meu pai, pra que a gente possa ser mais rico ainda. Chegamos aqui em paz, e voltamos pra casa com a sacola cheia de paz, não precisamos de mais nada.

1’07’’ Severino: Gostaria de falar mais alguma coisa?

1’09’’ Anália: Não, não gostaria.

1’12’’ Severino: Obrigado então.

1’16’’ Anália: De nada.

**Nome do entrevistado: João Antônio**

**Nome completo: João Antônio Ferreira dos Santos**

**Data: 05/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00003, 00004 e 00005**

**Transcrição feita por:**

**Photo do entrevistado:**



### VÍDEO 00003

0'01" Midiã: O senhor pode falar há quanto tempo tá aqui, a sua história, um pouco pra gente conhecer também de quando o senhor veio pra o terreiro... E é bem tranquilo a entrevista, tá? O senhor pode falar à vontade, o que o senhor quiser falar. Histórias que o senhor lembre também, então...

0'15" João Antônio: Tá bom.

0'16" Midiã: Tá bom? Pode?

0'17" João Antônio: Quer me, quer me identificar primeiro? Ou você que vai me identificar?

0'19" Midiã: Não o senhor pode se identificar, por favor. E sua idade.

0'23" João Antônio: Bom, meu nome é João Antônio. É... Eu tenho um nome dentro do terreiro do Bate Folha que é Tata Kissandu. É...eu sou baiano, muitas pessoas pensam que eu sou carioca mas eu sou baiano. Eu cheguei... de volta a Bahia, saí daqui em 72 e voltei em 86... né? Então, em 86 que começou a minha relação, assim vamos dizer verdadeira com o Bate Folha, né? Aqui fui recebido por Tata Nebanji, Pai Joca e Mãe Guanguacesse daquele tempo né...? Então esse ano, eu tenho 30 anos que eu tô aqui no Bate Folha, de volta... né...? É... eu fui confirmado pelo pessoal do Bate folha do Rio de Janeiro né...? E também, uma, um bracinho da casa que saiu muito tempo atrás, Mabeji, José Milagre, Manequi, e o pessoal aí que participou de minha obrigação, pessoal antiguidade... Mas em 86 eu vim pra cá e daí eu estou aqui, com minhas obrigações todas aqui. De 86 pra cá, eu passei por todos os Pais de Santo, né... até de Tata Nebanji até Tata Muguanxi, que é o nosso atual Pai de Santo. E... Muito contente porque estamos festejando esses 100 anos do Bate Folha, né...?

1'51" João Antônio: A Minha história no Bate Folha é... ela não é muuuito grande não, porque tempo no Candomblé, não... A gente fala assim 30 anos, né? Parece, pra mim parece que foi ontem, né? Porque... eu... comecei uma coisa que eu acho que é muito interessante, que tava meio adormecida, já o Pai Joca falava sempre em reativar a sociedade Beneficente de Santa Bárbara que é um braço civil do Candomblé do Bate Folha... né...? Essa sociedade Beneficente foi fundada em 1920, e o candomblé foi 1916. E essa sociedade sempre teve a responsabilidade



de representar o Candomblé fora da casa, falar com... com... as autarquias, com o poder público, né? Então, é... o Joca tinha vontade de fazer isso, e naquele tempo já cheguei aqui e encontrei ainda um presidente bem ativo, professor... qual era o nome dele?

2'51" Cícero: Lemos Brito.

2'52" João Antônio: Lemos Brito. Não...E tinha o presidente, quem era...? Era...

2'56" Cícero: Jorge... Jorge Lobo.

2'57" João Antônio: Doutor Jorge Lobo. Né... E na primeira reunião que teve lá, na... nos anos de 86 e 87, aí Jorge Lobo já me botou como vice-presidente, né...? e depois, um pouco tempo depois eu fui eleito presidente e estou aqui há bastante tempo nessa função, do qual eu me orgulho muito né...? Embora a gente não possa fazer muita coisa, porque cuidar dum terreiro como esse aqui né... com 155 mil metros de Mata Atlântica né... onde realmente, onde a gente pode dizer assim que é um jacaré de boca aberta, tudo é pouco, né? Mas a gente conseguiu ir tocando e estamos aqui felicíssimos.

3'40" Midiã: E... e na... na sua construção pessoal, né? Como João Antônio.

3'45" João Antônio: Sim.

3'46" Midiã: Como é que o Bate Folha contribuiu pra você se tornar o que você é hoje?

3'50" João Antônio: Ah... eu acho que... o Bate Folha contribui não só... pra mim! mas pra todo mundo, né? A gente... é... a gente fica sendo uma pessoa melhor, no candomblé, porque aqui a gente vive com muita humildade, muito respeito. Os mais velhos são respeitados, e as crianças também são respeitadas, né. A gente respeita tudo, do mais velho ao mais novo não é..? Então... Eu tinha uma atividade, eu era gerente de um banco aqui em Salvador, e... e algumas vezes participando de algumas obrigações aqui, eu ouvia alguns mais velhos dizer assim: "Ah... o gerente do banco né carregando um carrinho de mão, não sei o que..." essas coisas que pra algumas pessoas é até demérito, né... mas pra mim e pra grande parte das pessoas que tão no Candomblé, isso até nos honra. Você carregar água pro Santo, você carregar um, um carrinho de mão, você pegar uma trincha pra pintar uma parede, né? Estender uma bandeira... Essas coisinhas que são atividades que geralmente né, é...é... parecem simples, mas que também faz parte do... do Nkisi, né? A gente ter a casa arrumada, ter tudo bonitinho, tudo... tudo organizado e... aquela coisa, você quando é humilde... né? Você respeita mais, acho que você ganha mais respeito das pessoas, né... O candomblé ensina as pessoas a serem humildes, a terem hierarquia, e a ter fé também.

5'22" Midiã: E... e tem algum familiar seu também que frequenta...?

5'27" João Antônio: Olha, candomblé, minha família toda é de candomblé, porque eu considero minha família toda assim... nós... nós que moramos aqui na Bahia: eu, minha mulher, Cátia, Makota Mubenkιά e tem o Gil Vicente que é meu enteado, que é o filho dela. Que também é uma pessoa que foi suspensa no santo, ele é uma pessoa que trabalha com teatro, essas coisas também. E... o Gil também participa do Candomblé. É Candomblé é nossa vida. A gente tá sempre com o santo, a gente acha que ele nos dá conforto, é ele quem... quem ouve nossas aflições, não é? É ele que nos indica o caminho, é ele quem clareia, não é? Tá sempre iluminando, pra eu tomar uma decisão correta... Vamos procurar não prejudicar os outros não

é? E que a gente tenha... então pra mim o santo, a minha família de santo aqui na Bahia é essa, embora eu tenha outros filhos que moram no Rio de Janeiro. Eu tenho uma filha que é feita, é... é feita de MBamburusema, Ana Cláudia, Zindegue, né...? E tenho mais dois filhos também, mas esses daí não são ligados ao candomblé, são pessoas que escolheram outro, outro caminho, são casados... mas a família do candomblé mesmo aqui comigo sou eu, Cátia e Gil.

6'48" Midiã: E eu vou fazer mais duas perguntas pra... pra gente ir finalizando. Uma sobre suas memórias. Tem alguma memória que você tem e que você queira contar no documentário.

7'01" João Antônio: Tem sim. Olha, tenho, tenho... e inclusive é uma coisa que eu tinha até vontade, outro dia tava numa reunião eu cheguei a falar com alguns irmãos. É a gente falar dessas coisas que a gente vive aqui no Candomblé, né? Essas coisas bonitas que acontecem, que a gente diz assim: rapaz, foi um milagre... né? É... tenho, tenho duas coisas aqui que me marcaram assim que eu acho que vale a pena registrar no documentário. Uma é... é, aquela árvore de Luango ali... Que essa daí já é a segunda, a primeira que tinha mais de 100 anos. Essa árvore caiu... numa ventania muito forte... lá nos idos dos anos 80... início de 90... é 90... eu acredito. Não tenho a data exata mesmo. Final de 80, anos 80 logo início de 90. Aquela árvore é uma das... Acho que 5, 6 homens não abraçavam ela. E essa árvore tombou, e o tombo dessa árvore foi uma coisa fantástica, porque ele podia ter tombado pra rua, ela ia quebrar a Igreja toda, ia cair em cima dos fios, ia atingir as casas de algumas pessoas dormindo já viu o prejuízo né? Poderia também cair em cima da casa, dos nossos, da nossa casa grande aí... onde mora sempre algumas pessoas. E também poderia...e... ela foi cair pra onde? Ela caiu justamente pra cima da casa de Nkisi e de Gongombira que são dois santos. Uma casinha que tem ali na frente, uma casinha azul e Gongombira que é um... lá embaixo, você pode ver um arco coberto. Então ela caiu aqui em cima e foi atingir lá embaixo. Agora o detalhe, ela caiu em cima da casa do santo. Então a gente achou que acabou com tudo, não acabou... Claro, quebraram-se algumas quartinhas, alguns aguidares, mas os assentamentos do santo... e vou dizer mais, o do santo, que a gente chama o santo da casa, né? o santo que o Pai de santo deixou, nem o aguidar quebrou... não é? Então... pra mim isso foi um... uma coisa assim que... tem outras coisas que aconteceu aqui. Uma outra ocasião, alguém acendeu uma vela também, que eu achei assim uma coisa muito importante. Alguém acendeu uma vela, e a vela pegou num... num pano,né... porque os santos são todos cobertos, tal e tal... e a gente tava aqui no quarto, ninguém ouvia, não sabia de nada, num tava... parecia fumaça, não aparecia nada. Minha mãe Guanguacesse estava aqui na sala, fez assim... chamou a gente aqui, tinha uma sineta antigamente que ela tocava. “Vão lá no quarto de ogum, que tá acontecendo alguma coisa.” Nós fomos lá, chegamos lá tava pegando fogo... nos panos! Graças a Deus! Nós apagamos e aí a gente fica, né...como é que o santo se comunica também com com... né... são as duas coisas que mais, entre outras, mas a que mais me marcou foram essas duas coisas... a força do Nkisi na... na condução da casa.

10'01" Midiã: É...Pra finalizar, qual a mensagem o Senhor passa para as pessoas que vão tá assistindo esse documentário sobre a importância do Bate Folha?

10'12" João Antônio: Olha, o Bate Folha é... é... ele é um exemplo, eu acho, para todas as casas de candomblé, porque nós nos tornamos únicos porque nós preservamos essa mata. Vários candomblés possuem espaços, porque a mata é sagrada, a mata... a folha pro santo é a coisa mais importante que existe, não é... e já dizia o poeta Eudásio Carvalho “sem folha e sem água e sem folha, tem nada feito”, né... Então... é... é...a importância do Bate Folha pra mim é... é... e o diferencial dele é essa mata totalmente dedicada ao Nkisi. É... essa mata que fica, agora a gente sabe que ela não vai acabar porque o candomblé é tombado pelo Iphan, né?. Então isso foi um trabalho também desse grupo que está aqui, foi uma luta que nós tivemos com o apoio

do pessoal, principalmente do Axé Opô Afonjá , Mãe Stella de Oxossi naquele tempo, que nos fez a indicação diretamente ao ministro que tava na época sobre a importância do Bate Folha. E esse homem veio aqui e se apaixonou também pelo, pelo... pelo... pelo Bate Folha... e aí naquela época a solicitação andou bem mais rápido. O pessoal da Universidade lá... Ordep Serra também nos ajudou bastante, o pessoal do Gantois, o pessoal do Alaketu. Todas as casas reconheceram a...a importância do Bate Folha, e...e... isso nos deixa muito orgulhosos, então, e justamente por esse diferencial. Porque a gente aqui você não vai ver construção aí por dentro da casa que não seja dedicada ao Nkisi, ao vento. As pessoas daqui, elas moram naquela casa... aqui ficam os ogãs, ali ficam as makotas, aqui os tatas como assim dizer né... Ogã e Tata é só a forma de falar. Então, aqui pra dentro não mora ninguém, isso aqui é a casa dos Nkisis. Essa aí é que é a força do candomblé do Bate Folha e pra mim esse chão é vivo. Eu digo sempre que as pessoas que aqui chegam, é... muitas vezes, as vezes a pessoa tá aflita, quer falar com o santo...

#### VÍDEO 00004

00'01" João Antônio: que falar com o Pai de santo. Mas se ela chegar ali no pé de Tempo, sentar um pouquinho na tranquilidade, conversar, conversar com ele., ela sai... tratada, por assim dizer.

00'14" Midiã: Muito bom, perfeito! Muito obrigada, foi ótimo!

00'17" João Antônio: Eu que agradeço.

00'18" Midiã: Se o senhor tiver qualquer coisa

#### VÍDEO 00005

00'01" João Antônio: Acho que é... esse 100 anos realmente é um marco no Candomblé do Bate Folha, eu espero que daqui a mais 100 anos, né... esse documentário esteja aí pra que alguém veja esse trabalho que foi feito, esse orgulho que todos nós que estamos participamos disso temos, né... e é isso... Bate Folha agora ele não termina nunca. Ele agora é parte do patrimônio brasileiro,...né? Nós tomamos conta, a gente não vai abrir nunca mão disso. O pessoal pra tomar conta aqui tem que passar pelas obrigações, tem que... mas não acaba não... né? Obrigada a vocês.

**Nome da entrevistada: Kátia**

**Nome completo: Kátia Alexandria Barbosa**

**Data: 05/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00006 e 00007**

**Transcrição feita por: Vanessa**

**Photo da entrevistada:**



**VÍDEO 00006**

0'35" Midiã: Gostaria que a senhora se apresentasse, falasse o seu nome, idade e contasse já na sequência como chegou aqui e sua relação com o Bate Folha.

0'50" Kátia: Meu nome como já falaram é Makota Mubenquiá, meu nome é Kátia Alexandria e eu já conheço essa casa a muitos e muitos e muitos anos, a mais ou menos uns 40 e poucos anos, porque antes daqui desse tempo aqui no Bate Folha eu tive 27 no Axé Opô Afonjá, eu entrei lá menina num é? Só que lá não confirmava Ekedí, eu era, tinha um nomezinho mas lá não se confirmava Ekedí, eu comecei a vir aqui e fui confirmada por uma Iansã belíssima, uma Mbamburusema linda né?, que foi uma das maiores emoções da minha vida, então eu tô nessa casa confirmada a 25 anos, mas na casa já 30 anos também.

1'32" Midiã: Pode falar à vontade.

1'34" Kátia: Pode falar mais? Isso, então o que é que eu acho do Bate Folha, eu acho que não só o Bate Folha mas todas as religiões de tradição africana deveriam ser mais respeitadas, porque se vocês perceberem nós cuidamos como pudemos dessa mata né? E essa casa, é uma casa que eu sempre digo que era um lugar que ninguém devia entrar aqui de sapato, isso aqui é um espaço sagrado, isso aqui já foi candomblé antes de Bernardino conseguir essa terra pra ele, num é? Tanto que muitas obrigações que eram feitas por Gaiaku Romaninha, isso eu sei porque eu torci o pé, tive que ficar de cama, e fiquei sabendo realmente tudo que acontecia aqui anteriormente né? Então é um solo, é um lugar de, é um solo sagrado, é um lugar de resistência, é um lugar onde eu digo assim eu tenho o maior orgulho de dizer que quem é de candomblé nunca está só. Eu fui convidada para fazer uma palestra uma época sobre a vestimenta, a indumentária afro-brasileira, quando eu olhei sentado lá tava um amigo meu de infância Toti, irmão de Moacir de Ogum. E eu fiquei tão emocionada que esse meu amigo tinha falecido né? que eu falei isso, esse meu amigo sempre teve um quarto na casa dele pra mim, ele tem um candomblé em Tubarão, eu acompanhei todo esse processo quando ele comprou o terreno, então essa coisa do Candomblé ser irmandade, essa família, nós somos uma família de santo, e não é uma família de santo só dentro desse terreiro aqui né? Se você for olhar os laços todos você vai

achar um primo seu que deu obrigação na casa de dona fulana, um sobrinho seu... então somos pessoas do santo e somos todos irmãos.

3'19" Midiã: Nesses 30 anos aqui tem algumas histórias, talvez dessa quando a Senhora ficou aqui que seu pé quebrou

3'30" Kátia: Não, foi antes... Não, não, já estava aqui.

3'33" Midiã: Alguma história que a senhora lembre, que a senhora ache interessante compartilhar de alguma vivência, alguma experiência, ou algo que ocorreu, que você ache que é fantástico pra gente contar no documentário.

3'43" Kátia: Eu acho que coisas fantásticas acontecem aqui todo dia né? É um terreiro que como eu falei que é uma casa de acolhimento, isso pra mim é o que mais me emociona, porque infelizmente o idoso é abandonado, aqui ele é acolhido, ele é abraçado, entende? E uma coisa bonita que eu vi foi uma pessoa amiga nossa que é ator, que veio pra uma festa, nós levamos ele no pé de Tempo e ele começou a chorar, chorou, chorou, eu disse 'pronto trouxe o cara pra o lugar errado' né? Não, ele pequeno veio com a irmã que não andava, com o pai, com a mãe, com a família toda, e aqui o pai dele se jogou no chão pediu a Tempo e a irmã dele saiu andando. Então tem histórias aqui, histórias, histórias, que eu acho assim disso tudo que vocês estão fazendo aqui nós já estamos com uma pessoa que está fazendo doutorado, que é Doutor Eri, já vou chamar de Doutor né? Já vai apresentar a tese dele. Que continuem vendo agora, ele tá fazendo os dois primeiros dos 50 anos, do primeiro 50 anos do Bate Folha, que alguém se interesse pelos mais outro 50, entende? Tem histórias aqui... eu tive a oportunidade de, uma pessoa filha de Pedro, veio dar uma obrigação aqui, minha mãe perguntou "você pode ficar com ela? pra ela não ficar sozinha?" disse "claro", eu ouvi coisas desse homem, Pedro, coisas assim de bondade, sabe? Aqui eu vejo uma coisa de muita bondade, da pessoa se doar muito, entende? Eu tava como se diz falando outro dia, Ranufo, que ele só entrava aqui com a merendinha de Nádia, Nádia pequenininha, entende? As pessoas se doam né? É um espaço sagrado, eu tenho muito orgulho de ser daqui.

5'37" Midiã: Que mensagem a senhora gostaria de passar para as pessoas que estão assistindo o documentário, não apenas sobre o Bate Folha, mas sobre a própria religiosidade ...

6'07" Kátia: A mensagem que eu quero deixar é de que nós somos, temos que trabalhar com a diversidade humana, ninguém é igual a ninguém, tá? E hoje eu sinto uma coisa assim muito desagradável acontecendo em algumas casas, em algumas pessoas, na visão das pessoas, se eu vou na sua casa e a coisa não é como eu acho que deva ser, cada terreiro tem uma coisa muito específica, tá? Se eu tiver o meu terreiro, eu vou ser rainha no meu terreiro, eu vou fazer do jeito que eu quiser, então o que eu espero dessa geração que está chegando agora que nunca se apegue as coisas pequenas e que levem uma frase que pra mim é importantíssima, nunca fale de, fale com, não sei se você entende, nunca fale de fulano, mas fale com fulano, porque nós erramos, nós fazemos coisas erradas, nosso ego é uma coisa que a gente tem que cuidar muito, num é? Como é uma sociedade hierárquica, uma religião hierárquica muitas vezes por eu ter um pouco de tempo a mais que a minha irmã que vocês vão entrevistar ali, eu posso achar, não, ela é muito mais importante do que eu porque ela tá entrando e começando, o Bate Folha é dessas crianças aqui, é de Nádia, de Hanninha, é desse pessoal, então nós que somos mais velhos, todos, que tenhamos esse grande prazer de saber que nós somos diversos, num é? e que as religiões são diversas, o Deus é o mesmo, os caminhos são vários. Então essa é a mensagem, e que as pessoas continuem cuidando disso aqui como a gente cuidou, porque no

envelhecimento vem uma coisa de falta de força física pra cuidar, você viram, entende? Então é isso a mensagem que eu quero deixar, uma mensagem de amor e de tolerância com o próximo.

8'17" Midiã: Pra sua vida pessoal, pra pessoa que você se tornou quais são as contribuições do Bate Folha?

8'22" Kátia: Todas, eu sou uma pessoa, que quem abre meu olho é meu anjo da guarda, é MBamburusema, e quem fecha é ela. Se eu estou aqui agora eu agradeço a esses Nksis dessa casa, não filma isso não que velho chorando é muito feio. Mas é isso entende? Esses Nksis são muito poderosos, são lindos, são maravilhosos, entende? Então a mensagem é essa, voltando, ele mudou minha vida completamente, entende? Os Orixás como já venho de outros terreiros, entrei no Candomblé com 18 anos, estou com 66 né? E não sai de nenhum deles, foi uma coisa que quando me confirmei aqui eu disse "gente eu tenho muito compromissos", então eu continuo sendo uma pessoa que tenho vários amigos que tem terreiro de Candomblé, criei o meu filho dentro do Candomblé, que foi onde eu achei apoio, num é? Ele pequenininho e passava os finais de semana em vários Candomblés, então eu tenho, mais no Rio que eu morei 10 anos no Rio, e aqui. Então essa coisa que voltando né? A diversidade humana, saber que ninguém é igual, e que na sua casa você faz assim porque você aprendeu.

9'43" Wallace: A senhora pode falar da relação em estar descalço e essa terra?

9'50" Kátia: Posso, posso. Porque essa terra é viva, entende? Eu sinto. Tem dois lugares na minha vida que eu sinto que tem vida no chão, um é o terreiro do Bate Folha, o outro é o Quilombo do Monte Alegre na ilha de Boipeba, onde nós moramos. Porque? Porque é um chão que é vivo, ele é vivo, tá? Se você tiver oportunidade, sinceramente ninguém vai fazer isso andar descalço, eu mesmo não vou né? vou pegar bicho de porco, é maluquice, mas é isso o chão é vivo, entende? O chão é um chão importante, é um chão que tem vida, é um chão que tem passado, e eu espero que um dia se veja esse passado, eu tenho tentado no IPHAN trazer umas pessoas aqui pra estudar o tempo de solo disso aqui, porque isso aqui é muito mais antigo, estamos comemorando 100 anos de papel, num é? porque hoje se você compra uma casa, hoje, agora, até você registrar essa casa se você tiver dinheiro, não, no outro dia você "Alô fulano, comprei uma casa", não, se você não tem, vai ter que ir em prefeitura e volta em prefeitura, então pelo menos leva 5 anos, se ele conseguiu registrar isso aqui em 1916, pelo menos ele levou uns 10 anos, e pra construir isso aqui? Então são 100 anos no papel, entende? Então Bernardino entrou aqui muito antes, e já tinha pessoas antes também, tem histórias belíssimas desse chão aqui. Gostou meu bem?

11'29" Midiã: Por mim ok gente.

**Nome do entrevistado: Maria Jane**

**Nome completo: Maria Jane Rodrigues**

**Data: 05.10.2016**

**Nome/localização do arquivo: 00009**

**Transcrição feita por: Hanna Costa e Felipe Iruatã**

**Photo da entrevistada:**



VÍDEO 00009

1'33'' Wallace: A senhora pode se apresentar Dona Maria?

1'35'' Maria Jane: Posso, boa tarde a todos, meu nome é Maria Jane Rodrigues, minha dijina dia Nkisi é Rissanga, e eu sou filha de MBamburusema.

1'47'' Midiã: Qual a idade da senhora Dona Maria?

1'48'' Maria Jane: 57 anos

1'51'' Midiã: Então, as perguntas são muito no sentido das outras já feitas, iniciar a senhora contando pra gente um pouquinho de sua relação com o Bate Folha né? Quanto tempo que a senhora tá aqui...

2'03'' Maria Jane: Eu tenho 14 anos aqui já, a relação é muito boa né, que a casa é uma casa maravilhosa, ainda mais eu sempre fui uma pessoa que com a vinda para o Bate Folha eu mudei muito né? Como pessoa, estou bem melhor né? É o que eu quero dizer, porque eu me acalmei mais né? Do que eu era, não é isso? Então aqui é um lar paradisíaco, eu encontrei muitos pais e muitas mães né? Muitas pessoas que, é, que nos oferece aquele calor humano, o amor né? É tudo uma força que traz, força dos Nkisis né? Que eles são maravilhosos.

3'03'' Midiã: como é que a senhora chegou aqui?

3'06'' Maria Jane: Eu cheguei aqui, quem me trouxe pra aqui foi Maria Bernadete Boaventura Costa, que ela foi muito amiga do fundador Bernardino Bate Folha, eles eram quase irmãos, e ela me trouxe pra aqui porque eu sou baiana, mas morei no Rio de Janeiro também fui feita no Jeje" né? No Rio, e eu fui feita no "Jeje" com 25 anos, e depois tive que vim pra Salvador, porque minha família era daqui e teve necessidade de eu vim mesmo, aí minha madrinha, ela é minha madrinha e minha tia, sou sobrinha dela, ela me trouxe pra aqui, aí me apresentou a Dona Olga, minha mãe Guanguacesse, dijina de Nkisi, e eu gostei muito dela logo, e aí, foi aí assim a minha entrada aqui.

4'18'' Wallace: A senhora falou que foi bem recebida aqui, como é a sua relação com os mais antigos da casa? Como a senhora vê as pessoas mais antigas da casa? Como é isso pra senhora?

4'30'' Maria Jane: Ah eu vejo as pessoas mais antigas da casa, como é a estrutura da casa né? É a estrutura, a estrutura de tudo.

4'44'' Wallace: Essa relação de ser filha de pais e mães que a senhora falou

4'49'' Maria Jane: ah é maravilhoso, quanto mais pais você tiver, mais mãe tiver, é bom, é maravilhoso isso, é maravilhoso, você se sente mais segura né? Você se sente mais amada né? Porque uma relação só pra mim não foi o suficiente, eu tive que ter muitas, entendeu? Inclusive a dos orixás, a dos orixás que eu já tinha que fazer desde criança, só que minha família não me levou a fazer né? Então é como diz assim eu tinha que ir, a minha própria mãe tinha que me levar né? com as minhas próprias pernas.

5'44'' Midiã: Como é a relação da senhora atualmente aqui?

5'48'' Maria Jane: Muito boa, eu gosto muito da minha mãe, Dona Olga da Conceição, que ela é maravilha né? Tata Muguanxi que também é o que está dirigindo a casa hoje também, é um tata muito maravilhoso, né? Dona Olga nem se fala, mãe Guanguacesse certo? Eu acho assim, que não existe pra mim lugar melhor do que esse. Isso aí é o que eu sinto né? Sinceridade.

6'27'' Midiã: E a gente falou dos mais velhos, e como a senhora enxerga também essa presença dos mais novos né?

6'33'' Maria Jane: Os mais novos é a continuação, né? Porque a gente vai ficando mais velho né? Aí vai entrando os mais novos, nós vamos passando também um pouco de experiência pra eles né? E eles também vão sentindo, a energia né? A energia do contato com as pessoas, do amor, do companheirismo né? De tudo, inclusive os Nkisis que é o principal, porque é como ela disse né? O chão aqui é vivo, é vivo mesmo.

7'17'' Wallace: A senhora disse que mudou muito né?

7'21'' Maria Jane: Mudou a minha vida, a minha vida mudou, porque a minha pessoa, como pessoa né? É, eu posso lhe dizer, eu era terrível que nem num colégio eu ficava, o primeiro colégio que meu avô colocou eu fui expulsa, a diretora me levou de volta na casa dele e disse "olhe aqui eu não quero ela não, pode levar. Aqui ela não estuda mais". Foi... então só de, né? Como é que se diz, as pessoas, os Tatas, as mães né? Da casa terem esse carinho todo, quer dizer, o que é que eu precisava? né? Disso, como pessoa né?

8'10'' Wallace: Carinho?

8'11'' Maria Jane: É! De tudo, de tudo, que muitas vezes a gente vem de uma família né? O meu pai e minha mãe, todo os dois eram de Xangô, dois Xangôs né? E eu desde quando eu nasci tinha problema eu e meu irmão mais velho, então a gente tinha que realmente vim pra casa de candomblé, desde pequeno só que nossa mãe não levava, aí quando foi mais tarde né? A coisa se agravou, e aí eu tive que procurar mesmo a casa de candomblé, porque se não ia ficar feio a coisa.



9'09'' Wallace: A senhora falou também de aprendizado, qual aprendizado mais importante que a casa te traz?

9'17'' Maria Jane: O aprendizado é porque você vai o que, você convive com muitas pessoas, todas as pessoas têm defeitos e tem qualidades né? Então você tem que aprender a conviver, é como se você tivesse que ir para o céu, como é que você vai para o céu se você não sabe conviver com as pessoas? né? Então esse aprendizado, porque tem que conviver todo mundo junto, né? Com defeitos e qualidades, e o melhor que a pessoa, o ser humano deve fazer é o que? Não visar os defeitos, mas ver as qualidades né? O que aquelas pessoas podem lhe trazer de bom pra sua vida né? num é isso? Aprendizado, tudo.

10'12'' Midiã: Qual mensagem que a senhora passa pra quem está assistindo o documentário, que a senhora gostaria de transmitir sobre a importância do Bate Folha para essas pessoas, pra que elas saibam.

10'25'' Maria Jane: A importância do Bate Folha pra mim é, eu vejo assim, se tiver alguém que tenha que escolher uma casa de candomblé eu assinaria embaixo Bate Folha, porque eu fui uma pessoa muito difícil, sou uma pessoa muito difícil, e eu amo aqui, porque não é qualquer pessoa que ia me... não, entendeu? Então a gente tem que dizer a realidade né? O que a gente sente né? A gente tem que olhar, valorizar o aprendizado isso que é importante, ver as qualidades, e não os defeitos e aprender a conviver, porque senão você nunca forma um santo.

11'23'' Midiã: Dona Maria tem alguma história que a senhora lembre, que a senhora gostaria de deixar registrado no documentário, alguma situação? Alguma experiência que a senhora lembre, que a senhora ache, que a senhora lembre agora e queira registrar?

11'39'' Maria Jane: Sim... parentes eu não tive aqui, entendeu? Parentes não, porque eu tenho minha madrinha né? Que é daqui minha tia, mas minha mãe, agora é assim uma coisa incrível né? Minha mãe é filha de criação também de minha madrinha, por isso que eu sou tia dela, né? Aquela coisa que a mãe dela criou, e minha mãe teve aqui no Bate Folha, teve sua passagem aqui no Bate Folha, minha mãe de sangue né? A minha mãe de sangue teve uma passagem aqui muito rápida pelo Bate Folha, mas ela não ficou, não entrou, não sei porque, o santo dela era pra ser feito do Ketu né? Porque ela era de Ayrá, Xangô Ayrá, então o que é que aconteceu, [video interrompido]

#### VÍDEO 00010

0'01'' Maria Jane: Ela foi feita no Ketu né? Assentou os Orixás dela, depois não deu certo na casa de candomblé que ela entrou né? E o Pai de Santo entregou os Orixás dela, ela botou dentro da casa dela e ela mesmo cuidava né? Porque ela sabia cuidar, depois ela veio a falecer, ficar doente, e aí eu, ela mesma em vida ainda me deu os Orixás né? E aí eu conversei com minha mãe Guanguacesse, meu pai Cícero, e aí meu pai foi lá e trouxe os Orixás dela todo pra cá né? Você vê uma coisa quando tem que ser, é, né isso? E aí eu tenho os meus Orixás e tenho também o que eu herdei da família, quer dizer a linhagem da minha família continua no Bate Folha. E isso foi muito importante né? Agora eu dou um conselho, quem quer entrar entre aqui, porque eu sou a prova viva. Pra me suportar, só Jesus, só. Eu fui expulsa do primeiro colégio, num preciso lhe dizer mais nada né?

1'39'' Midiã: Muito obrigada.

**Nome do entrevistado: Jaime**

**Nome completo: Jaime Gomes de Brito**

**Data: 05/10/2016**

**Nomes/localização dos arquivos: 00001, 00002, 00013, 00017, 00018, 00019**

**Transcrição feita por: Laila Maria Nery**

**Photo do entrevistado:**



VÍDEO 00001

0'31'' Midiã: Conta pra mim um pouquinho, primeiro cidade, seu nome e há quanto tempo o Sr tá aqui.

0'37'' Jaime: Praticamente eu nasci aqui dentro do Bate folha. Nasci lá na Cidade Nova, mas, bebê eu vim para aqui e a minha família, a geração toda praticamente é do Bate Folha.

0'52'' Midiã: O Sr disse que a sua mãe foi daqui...

0'56'' Jaime: A minha avó, minha avó primeiro, depois minha mãe, que ela nasceu em 1930, e também já foi aqui dentro, já participando. Foi suspenso em 1953. Eu tava com dois anos, eu tinha tido uma doença, e os orixás me pediram a minha mãe, me suspendeu pra ogã. E nisso eu, graças a Deus, tô vivo até hoje. Nunca fui de ficar doente, raramente eu fico.

1'33'' Midiã: O Sr pode... pode descer um pouquinho?

1'36'' Jaime: Posso.

1'37'' Midiã: O Sr falou que o Sr foi suspenso. Que o orixá tinha...

1'42'' Jaime: Dois anos.

1'43'' Midiã: Foi Omolu né?

1'44'' Jaime: Foi Omolu. E... (Jaime dá uma pausa para terminar a pintura)

1'57'' Midiã: Mas a sua avó foi do primeiro barco?

2'00'' Jaime: Foi do primeiro barco minha avó. Maria Virtulina Gomes. A dijina dela era... eu já esqueci sabe.

2'08'' Cícero: Tualexé.

2'09'' Jaime: Tualexé. A dijina de minha avó Virtulina. Quando ela faleceu, foi fazer exame, disse que ela tinha uns 100 anos, que ela veio do... Santo Amaro, como é o nome? Cachoeira. Ela veio pra aqui em 1916, por aí. Nem ela mesmo sabia a idade dela na época. Ela veio pra trabalhar na casa dos brancos, muito pequena. Você sabe o que acontecia lá nesses lugares. E ela... ela contou assim algumas coisas, eu não sei hoje muito porque eu já esqueci. Aí quem sabe é minha mãe, né?

2'50'' Midiã: Mas, a sua avó ainda é viva ou não?

2'52'' Jaime: Não, não. Faleceu já tem uns 20 anos mais ou menos

3'00'' Midiã: E a sua mãe?

3'01'' Jaime: A minha velha tá bem. Tá com 86, vai fazer agora.

3'06'' Midiã: É dona?...

3'08'' Jaime: Dona Hilda. Keriuankê. A dijina dela é Keriuankê.

3'14'' Midiã: E qual é a relação do Sr aqui com o terreiro? Conta pra gente um pouquinho.

3'19'' Jaime: Ahh, a relação do terreiro aqui foi... Eu fiquei aqui até 78... 77/78. Depois fiz meus filhos. Fui criar meus filhos. Cecília, oh, Jailson, ele hoje é subtenente da Marinha. Cecília mora na Alemanha, ela fez Arte Cênica lá na Federal, em 99. Ela fez Jornalismo, não quis, fez Artes Cênicas. Ainda fui, ajudei no teatro lá... Nisso, ela conheceu um médico alemão, casou. Em 2003 ela foi pra Alemanha.

4'00'' Midiã: E certa ela, viu, porque Jornalismo realmente é complicado.

4'03'' Jaime: É complicado, é.

4'06'' Severino: E nisso ela tá bem lá?

4'07'' Jaime: Eu tenho umas fotos dela aí.

4'08'' Midiã: Ela também... os dois também cresceram aqui...

4'11'' Jaime: Não. Vieram aqui muito pouco. Porque eu criei, aí fui... Aí teve Jailson. Jailson é o mais velho da Marinha. Tem Cecília, aí vem Jaime. Jaime trabalha na Coelba. Tava fazendo também Engenharia Industrial mas parou, porque ele já tem 19 anos de Coelba e tá bem. Minha caçula tem 34 anos.

4'36'' Midiã: Isso que eu já ia falar, porque o Sr tem filho assim, né? Com uma idade avançada. Com essa cara de 40.

4'41'' Jaime: Não, mas eu fui fazer filho com 26 anos já.

4'45'' Midiã: É, já tava tarde.

4'46'' Jaime: Entendeu? Minhas irmãs, fez filho com 16. Eu fui praticamente o último a... Porque eu não queria filho pra deixar aí no mundo. A esbórnia como vc vê aí hoje o que tá acontecendo. Aí, quando foi em 2013, Omolu disse que me queria aqui na casa. Aí eu vim em 2013, lembra véio (falando com Cícero)? e tô aqui até hoje, trabalhando, ajudando, fazendo. Aí oh! Fiz tudo aí ano passado. Eu que pinteí tudo aí, e só tô aqui agora agradecendo, tudo que Omolu fez.

5'26'' Midiã: Mas, o Sr mora aqui...?

5'29'' Jaime: É... ultimamente eu tô morando aqui . Vou em casa assim e passo dois dias, três... por causa da nega velha que tá lá também né. Mas, venho aqui. Tem também Lage Grande lá que em 1962, foi eu que plantei a primeira cerca lá de Lage Grande, aldeia. Quando foi agora, eu vim, tornei a reformar. Não foi meu velho? Assentamento do caboclo. E quem sabe muita coisa são minhas irmãs, mas elas são professoras e tá fazendo inventário da escola e ela não pode estar aqui, que é ela quem...

6'05'' Midiã: Qual o nome da sua irmã?

6'06'' Jaime: Maria Lúcia, chama a dijina, é... Manusimbi, e Vilma... oh meu Deus... mas no sábado né? Pronto. E eu aqui só tenho a agradecer a esses orixás aqui tudo que tem feito por mim, pelos filhos, são bons filhos. Jackson se formou ano passado em Mecatrônica, tá no Rio. Tá querendo vir pra cá também. Ele tem 35 anos, Jackson, tá querendo vir, e eu só tenho a agradecer, daqui...

6'39'' Midiã: Conta pra gente, você tem o que? Cinquenta e quantos anos aqui?

6'42'' Jaime: Eu tenho... praticamente eu tenho minha idade toda é aqui. Eu fiquei fora, mas a cabeça eu nunca deixei de estar no Bate Folha, né. A cabeça sempre foi aqui.

6'51'' Midiã: Então são mais de 60?

6'53'' Jaime: 65 anos. Se eu fosse... tivesse feito obrigação na época, eu era o segundo mais velho da casa, dos homens. Porque era Chicão, né? Chicão e depois eu. Mas como Omolu deixou eu ir cuidar da minha vida e agora... aí... e é meu padrinho né, ainda além de tudo ele é meu padrinho. Então se ele pode me ajudar. Agora eu tô retribuindo, toda ajuda que eu tive.

7'26'' Midiã: O Sr tem alguma memória, algo que o Sr lembra da sua infância, talvez?

7'30'' Jaime: Aqui? O caminho não era esse não. O caminho era pela Fonte da Telha, que a gente saltava lá no Retiro. Aquele colégio Sesc, dali do Retiro, ali nos anos 60 era o matadouro do boi, aí a gente entrava lá pela Estrada Velha, hoje onde tem essa estação do metrô, ali tinha o Dique da Prata, a gente vinha beirando o Dique da Prata, subia pelo fundo. Esse fundo, nos anos 60, era tão limpo quanto aqui. A gente brincava correndo, era muito pé de mangaba, caju. Aqui, a minha história aqui de criança sempre foi boa, porque não tinha muita gente, a gente não tinha medo de ficar com nada aberto aqui, é o que hoje é totalmente diferente. Então aqui, daqui... as crianças que vêm pra aqui, quando vem não querem sair não, e isso é o certo. Toda criança quando chega aqui... Porque você vê a parte que é, ne? Quando tá aqui, pronto. E o resto, é só saúde mesmo.

8'34'' Midiã: Como era esse percurso que o Sr fazia? O Sr vinha lá da Cidade Nova?

8'38'' Jaime: É, que a gente pegava o bonde, saltava no Retiro, que era o bonde e depois vinha pela Estrada Velha. A Estrada Velha é uma estrada que você pegando ali o... tem o Sesc do Retiro, do lado da Fazenda Grande, ali por trás é uma estrada velha do Retiro. A gente vinha cortando por ali, não tinha essa BR não. Do lado de cá era o rio, e a gente vinha lá... Aí passava uma pinguela que tinha ali no... onde hoje é a estação do metrô, ali tinha uma pinguela, uma ponte de madeira que a gente atravessava pra cá, tinha a Fonte da Bica lá embaixo que era a primeira água, - Lembra véi?, uma água gostosa, que era mineral. A gente... banho... vinha pessoal da Barra pegar água ali embaixo nos anos 60, de tão boa que a água era. Hoje é esgoto. O Dique da Prata também acabaram. A água de Salvador saía daí desse dique. Tinha um dique aqui atrás, né, tem um. E essa água transportava pro de lá, e tinha uma bomba ali embaixo que sugava essa água pra toda a cidade de Salvador, nos anos 60. Hoje acabou, só tem lá esgoto. E aqui dentro era pegar mangaba, caju, muito licuri né, que a gente, merenda... não... Sempre teve aqui de fartura, jaca, sempre teve de fartura aqui, e saúde.

10'10'' Midiã: São 100 anos. Centenário do Bate Folha esse ano. Qual mensagem o Sr passaria para as pessoas que estão vendo esse documentário sobre a importância desse terreiro?

10'24'' Jaime: Desse terreiro... Aos daqui eu digo: Ame seus irmãos, e lá fora é a mesma coisa. No lugar que tem o amor tudo floresce, né? É essa a mensagem.

#### VÍDEO 00002

0'01'' Jaime: Minha profissão sempre foi pintor, desde 1964. Porque eu não tive pai, tive padrasto. E esse padrasto foi quem me deu essa profissão, me ensinou, em 64, no tempo que a gente fazia tinta, porque hoje a tinha a gente compra pronta, né?

0'22'' Midiã: Uau! O Sr fazia tinta?

0'23'' George: Como é que você fazia tinta?

0'25'' Jaime: Ah, na época pegava e comprava os produtos, se faltasse uma tinta, tinha que fazer tinta óleo.

0'34'' George: Como é que você fazia?

0'40'' Jaime: Alvaiari, querosene, pó secante... Hoje já esqueci porque tem mais de 30 anos, né? Então já, já aprendi assim.

0'55'' Midiã: E foi da... nesse trabalho como pintor que o Sr sustentou sua família...

0'57'' Jaime: Nesse trabalho como pintor que eu sustentei minha família, criei os filhos. Hoje todos formados. Essa Cecília hoje mora lá na Alemanha, fala uns 04 idiomas, é uma baixinha mas é retada. Escutou conselho, que me chamavam de general dentro de casa... porque a gente vê a dificuldade da vida. Eu sempre disse a ela o seguinte: Ou você estuda, ou então é 360,00 por mês, porque há uns 10 anos atrás o salário mínimo era de R\$360,00, no governo de José Sarney, não, Fernando Henrique. O salário mínimo era R\$360,00. Então foi isso que eu botei na cabeça pra dizer a eles, ou vocês estudam, ou...

1'48'' Midiã: Eu lembro. Há 10 anos atrás eu tive meu primeiro estágio de menor aprendiz e era mais ou menos esse valor.

1'55'' Jaime: Era isso o que eu passava pra elas, pra Cecília, pra... Aí eu ia pra porta da escola vigiar. Não reclamava na rua não, mas eu vinha de longe olhando, chegava perto. Em casa... "olha mulher, fale com sua filha aí porque tá... ah, eu passei no ônibus", eu nunca disse que tava lá. Mas ela escutou e hoje é só alegria. Quando elas vêm hoje, vai lá pra Costa do Sauípe. Ela aluga uma casa lá na Costa do Sauípe, e aí a gente passa lá uns 40 dias. Ela aí sabe a visão do que é hoje que o que eu falava com ela, né. E tem Emili. Emili não estudou... Emili até estudou, rapaz... Fez com Jackson, aquele Sesc lá da Paralela, ela fez caldeiraria, solda, aprendeu a consertar computador também, e o irmão Jackson era muito bom na área de computação, é tanto que agora ele se formou em Mecatrônica lá no Rio, no início do ano. Ele tava trabalhando na Embratel, mas ele disse que quer sair e quer vir pra cá porque ele disse que quer montar um negócio aqui.

#### VÍDEO 00018

0'01'' Jaime: Nasceu agora, 25 de dezembro, final de 2015, estamos em 2016 né? agora ela já tá com, acho que 09 meses...

0'28'' Filipe: Mais algum deles tem relação com o candomblé?

0'01'' Jaime: Cecília quando precisa, aí recorre pro pai ou pra mãe né. Eles tão lá, mas quando precisa... "ô painho, ô mainha", a gente sabe o que fazer né?

0'44'' George: Tem orgulho deles seu Jaime?

0'45'' Jaime: Tenho, oxe rapaz, mais do que isso? Só orgulho, por isso que eu to aqui hoje só agradecendo. Hoje eu só tenho a agradecer, tô aqui fazendo tudo aqui pra esse padrinho, porque tudo que eu pedi a ele, ele simplesmente me deu e nunca disse não, e hoje eu tô aqui né, também, me sinto bem aqui também, é um lugar gostoso, dormir. Agora eu tô dando pra ir pra cidade sentir dor de cabeça quando eu saio daqui, porque lá a gente só pega poluição.

1'42'' Jaime: E eu aqui venho a agradecer e essa mãezona que tem aqui também que chama Guanguacesse que é Dona Olga, outra família, outra mãe. É outra pessoa que não tem como você se estressar com ela que ela não dá... tudo que ela passa é só o bem para as pessoas, aqueles que entendem né, se tornam pessoas boas também quanto ela.

#### VÍDEO 00019

0'01'' Jaime: Cada um tem, aqui é só felicidade meu irmão.

0'10'' George: O que é que você sente ao estar aqui seu Jaime?

0'16'' Jaime: Paz! Quando você tá em paz com si, com você, com tudo. E esse orixá aqui ó, aqui é Oxalá. E aí é só harmonia na vida, sem ela a gente não tem nada.

**Nome do entrevistado: Seu Orlando**

**Nome completo: Orlando da Conceição**

**Data: 19/10/2016**

**Nomes/localização dos arquivos: 00009, 00010, 00015, 00018, 00023, 00027, 00028, 00036, 00050.**

**Transcrição feita por: Vanessa Avelar**

**Photo do entrevistado:**



VÍDEO 00009

0'01'' Orlando: Quando eu cheguei 'praqui' óie, muitos anos viu. [Seu Orlando se referindo à Jaqueira]

0'04'' Tainã: Ela já tava grande assim é?

0'06'' Já tava grande já.

0'10'' Tainã: Tem quanto tempo aqui?

0'11'' Orlando: Eu? Eu tenho 23 anos.

0'16'' Tainã: E de idade?

0'17'' Orlando: 64.

0'18'' Tainã: Metade da sua vida né?

0'20'' Orlando: Graças a Deus. Tem muitos que não vão chegar nem até essa metade.

0'25'' Filipe: E você pode dizer de novo tio, qual é o nome dessa Jaqueira?

0'28'' [Seu Orlando respondeu com uma interjeição de interrogação e Filipe perguntou novamente]

0'32'' Orlando: Botaram o nome dela Jaqueira do Jacaré, entendeu?

0'38'' Filipe: Por causa daquilo ali né?

0'39'' Orlando: É, do toco que tem um focinho, aberto assim ó, igual a boca do Jacaré

## VÍDEO 00010

0'01'' Orlando: Aqui era um rapaz que morava lá, aí encostado no muro lá, que chamava Zé Nico, ele que subia.

0'09'' Tainã: Zé Nico porque? Por que ele...

0'10'' Orlando: Não, porque ele sobe em qualquer pé de jaqueira, pé de coqueiro, 12 horas da noite ele tava em cima do pé de coqueiro tirando coco.

0'17'' Tainã: E aqui dá Jaca quando chega... quando é que dá? Dezembro?

0'21'' Orlando: Agora em dezembro em diante tá começando. Agora até que já tá botando já.

## VÍDEO 00015

0'04'' Laila: E o bambu é uma árvore sagrada?

0'06'' Orlando: É.

0'08'' Laila: E pra vocês aqui do Bate Folha, qual a importância dessa mata?

0'11'' Orlando: É que o bambu aqui pra gente é sagrado porque a gente não corta ele, tá entendendo? Só corta assim às vezes que é pra fazer uma cerca, às vezes fazer um banco, quem quer fazer banco, esse negócio pra barraca, pra fazer barraca, enfeitar na hora que tem a festa de Caboclo, tira duas varas dessa assim com as galhas, "acava" com o escavador e finca ele e faz a cabana, entendeu?

0'44'' Laila? E as árvores em geral, qual a importância delas pro Bate Folha?

0'49'' Orlando: Tem milhares de folhas, tem capianga, muriçica, canela de véio, arco de barris, candeia, tira-teima. As vezes tem um pezinho lá em cima, aí tira que serve pra negócio pra casa de santo, pro terreiro.

1'10'' Tainã: As folhas são utilizadas pros ritos né? Para os processos que acontecem.

1'15'' Orlando: É. Tem mariô, que é olho do dendê. Você conhece?

1'23'' Tainã: Conheço, mariô conheço.

1'25'' Orlando: Aí ó atrás de você. Pra fazer mariô, pra desfiar ele, pra enfeitar no barracão, aí desfia ele todo e tira as talisca pra fazer mariô.

1'44'' Tainã: E é geralmente o Sr. que vem buscar essas...? É sempre o Sr né?

1'47'' Orlando: É.

1'48'' Tainã: E o Sr ensina pros outros ogãs?



1'50'' Orlando: Não, eles lá e o pai de santo manda eles... "Não, cê vai tirar meu véio" ... Aí eu vou, venho, desço, tiro, levo, chego lá entrego a eles e vou me fazer.

2'00'' Tainã: Então só o Sr que vem aqui desce e tira?

2'02'' Orlando: É.

#### VÍDEO 00018

0'02'' Orlando: Aqui é a talisca, tá vendo? Ó. Aqui vai abrindo, e vai fazendo o mariô.

0'20'' Tainã: E o mariô serve só pra enfeitar, Seu Orlando, ou ele tem uma outra função também?

0'25'' Orlando: O mariô é pra enfeitar o barracão. A gente tira aqui pra enfeitar o barracão, entendeu?

#### VÍDEO 00023

0'07'' George: Qual a importância dessa mata, Tio Orlando?

0'09'' Orlando: Muita coisa né? Porque a gente, eu mesmo que trabalho aí, não deixo a maioria desse pessoal cortar pau aqui que não pode, tá entendendo? Não pode tirar bambu, porque se tirar o IBAMA vem e pega, entendeu? Aí se cortarem madeira desmata a natureza. E aí a amizade continua.

#### VÍDEO 00027

0'01'' Orlando: Aqui que é o Dique da Prata. [Hanna pede pra Seu Orlando discorrer mais...] Do lado de lá é a ACM, Engomadeira nessa parte de cima, aqui em cima tem a caixa da EMBASA, da água da EMBASA

0'46'' Filipe: Que lugar bonito. Você gosta daqui Seu Orlando?

0'48'' Orlando. Eu gosto. Eu vou dizer de coração viu, vou fazer uma comparação, hoje é sexta né, e amanhã é sábado, na hora que eu chego em casa amanhã de manhã dá vontade de voltar de novo pra roça. É assim, é o costume, é o costume da roça.

1'12'' Filipe: E nessa área daqui, Você vem muito nessa parte daqui?

1'16'' Orlando: Venho. Uma vez ou outra que eu venho pra tirar folha, é jaca também.

1'22'' Filipe: E acontece de você encontrar gente aqui?

1'24'' Orlando: Encontro sentado aqui ó, daqui até lá, da fonte até a boca, até lá embaixo. Fica um bocado de cara aí.

1'33'' Filipe: Quem é o tipo de pessoa que você vê aqui geralmente?

1'39'' Orlando: É mafioso. Entendeu? Aí aparece aí na beira, vem de lá pra cá e fica aí embaixo, pra tirar jaca.

1'56'' Filipe: Você já teve algum tipo de problema com esse pessoal?

1'58'' Orlando: Não, graças a Deus não. Tenho 23 anos aqui, e graças a Deus nenhum bole com a gente aqui não. Aqui é tio pra cá, aqui me conhecem como tio, coroa, barrigão, é assim, apelido, pelo nome ninguém me conhece aí não sabem, aí chama por tio, ou barrigão ou coroa, tá entendendo?

2'25'' Filipe: Você lembra da primeira vez que veio aqui?

2'27'' Orlando: Me lembro. Eu vim um dia de segunda feira, acertei tudo, na hora que foi terça-feira, a moça que me botou aqui ela já faleceu, Deus bote ela em um bom lugar, foi Dona Vavá, aí eu tô aqui até hoje.

#### VÍDEO 00028

0'01'' Orlando: [...] Filha de santo aqui da roça, Dona Vavá, ela era de lá do Alto da Terezinha.

0'08'' Filipe: Você sempre teve intimidade com essa mata daqui desde o primeiro momento?

0'13'' Orlando: Graças a Deus, não tenho medo não. Não tenho medo de cobra, graças a Deus, bicho nenhum, cobra eu pego de mão, né Hanna? Não tenho medo não. Ando por esses matos tudo aí, graças a Deus, nunca ninguém me bolou, e eu nunca faço desrespeito com pessoa nenhuma, com idoso ou com menino novo, menina nova, graças a Deus tudo na paz, tudo na paz de Cristo.

0'47'' Filipe: Você já encarou essa mata aqui de noite?

0'50'' Orlando: De noite, aqui embaixo não, mas lá na parte lá de cima eu ando de noite porque de noite eu vou fechar o portão, às vezes vou fechar o portão de noite, não tenho medo não.

1'20'' Tainã: O que que essa folha, o que é que esse axé nas folhas representa?

1'26'' Orlando: Representa muita coisa viu. Representa muita coisa porque as folhas que é da tradição representa o axé da casa, então a gente que sabe não vai desfazer né? E tem muitos que não sabe desfaz, não é todos, mas a maioria que não conhece aí mete a mão nos galhos da... aqui ó, isso aqui é o que? Isso aqui é coroa. Muitos não sabem pra que serve isso, você sabe pra que serve isso? Isso aqui é pra botar na cama do cachorro, pra dar banho no cachorro pra tirar carrapato, pulga.

2'11'' Tainã: o Senhor conhece todas as folhas que estão aqui. Como foi que o Senhor foi tendo esse contato? Aprendeu no dia-a-dia?

2'19'' Orlando: Eu nasci, pra falar a verdade, eu nasci... eu não sou do interior, eu sou da Liberdade, nasci na linha 8, lá na Liberdade. Saí de lá com 1 ano e 6 meses de nascido, fui morar no Alto da Terezinha, primeira casa que eu fui morar na Terezinha, na subida do Coqueiral, uma casa de palha, como chama?... cabana de índio, casa de palha. Aí desse tempo

pra cá eu comecei a trabalhar de padaria, trabalhei no (????), trabalhei nas docas lá no (???), de lá que eu vim pra aqui.

2'52'' Tainã: Entendi. Então o Senhor já tinha um conhecimento, já tinha uma noção...

2'56'' Orlando: Aí eu chegando aqui, disse: “ó Seu Orlando, você conhece folha?”, ela perguntou: “você conhece folha?”, eu disse: “conheço”. Eu vou no mato e tiro folha, porque lá onde eu morava, na Terezinha, na época quando Dona Vavá era viva, aí pedia folha pra... que ela tinha terreiro de candomblé lá, pedia pra eu ir tirar folha pra ela e ia no mato, que a gente não chama folha, a gente chama caiçapa. A gente não pode chamar pelo nome, chama caiçapa. Aí ia no mato tirar caiçapa, fazia aquele feixe, era olho de dendê, a folha do dendê também, a tala do dendê pra enfeitar barracão, esses negócios, aí levava pra ela.

3'44'' Tainã: O Senhor acha que o Bate Folha é um terreiro dentro de Salvador, uma cidade tão urbanizada e teve muito da sua mata destruída, o Sr acha que esse lugar aqui é privilegiado?

3'55'' Orlando: Graças a Deus, o dono dele mesmo que é Iansã, dá muita força e muita vontade, muita guerra mesmo pra o que vem e o que vai, e o que fica, pra dar força e vontade pra ter essa guerra muito forte, a união, que é a união que faz a força né? E se não tiver ela, não tem nada na vida. Primeiro lugar é Deus né, e depois os orixás, certo? Se a gente não tiver Deus, não tiver os orixás pra olhar pra gente, quem é que vai olhar “pela” gente, hum? Ninguém né? A gente tem que cuidar porque senão o bicho pega.

VIDEO 00036

0'01'' Orlando: Ohhh, meus parabéns! [abraçando Hanna]. Ai ai.

0'16'' Orlando: Essa daqui na hora que eu vim “praqui” era pequenininha viu? Essa aqui eu conheço desde pequenininha, ó! Isso era abusada! Hum, meu Deus do céu.

VIDEO 00050

0'01'' [Seu Orlando conversa com a porquinha enquanto dá maçã pra ela]

0'40'' George: São quantos Seu Orlando?

0'41'' Orlando: Aqui só tem uma aqui dentro. ‘–Tome, venha, tome!’.

0'45'' George: É novinho?

0'46'' Orlando: É novo ele.

0'48'' George: Quanto tempo tem?

0'51'' Orlando: Tem... se tiver um mês aqui, aí dentro do chiqueiro tem muito.

0'58'' Filipe: Ele tem nome?

0'59'' Orlando: Eu chamo ele Curico. É Curico.

1'01'' George: Porque?

1'03'' Orlando: Não é porque toda vez eu boto nome num porco.

1'10'' Filipe: Você bota nome em todos os bichos daqui?

1'13'' Orlando: Aqui tem Biubiu. Biubiu é o ganso branco.

1'17'' George: Vamos lá ver Biubiu?

1'19'' Orlando: Biubiu se ele não tiver lá na frente, com as gansas que tá no ninho, que tem uma gansa do cabeção africano no ninho.

1'32'' Filipe: Pode apresentar os dois?

1'34'' Orlando: Tem três. É, duas fêmea e um macho

1'37'' Filipe: E qual o nome das...?

1'38'' Orlando: Das outras?... Eu chamo Biubiu é o branco, que é o que foi criado dentro do meu bolso. Ele foi criado dentro do meu bolso.

1'49'' George: Conta essa história aí, como ele foi criado dentro do seu bolso?

1'52'' Orlando: É porque ele nasceu, aí era pequenininho, pra ele ficar ali dentro na poça que tem ali ele morre afogado, porque..., ele nada, sabe nadar, tá entendendo?, mas na hora que seca, pra ele sair ele não sai, aí pra ele endurecer, que ele tava muito mole, aí as pena dele tava fresquinha e molhada, aí botava, andava dentro do meu bolso da calça gandola do exército. Aí botava dentro do meu bolso, onde eu ia pra venda ele ia dentro do meu bolso pra se esquentar, entendeu?

2'22'' Filipe: Você pode mostrar ele agora pra gente?

2'25'' Orlando: O que? Ah, é esse aí que tá aí, o grande já. O branco que tem ali, o que faz assim oh, com o pescoço, é ele.

2'35'' Filipe: É o que você tá sempre expulsando porque...

2'37'' Orlando: É, que ele gosta de correr atrás das pessoas. É ele, é o Biubiu.

**Nome do entrevistado: Helena**  
**Nome completo: Helena Santana da Silva**  
**Data: 19/10/2016**  
**Nomes/localização dos arquivos: 00054**  
**Transcrição feita por: Vanessa Avelar**  
**Photo da entrevistada:**



VÍDEO 00054

0'03'' Tainã: Qual o nome da Sra?

0'04'' Helena: Helena Santana da Silva. (ela fala 02 vezes o nome)

0'10'' Tainã: Qual a idade da Sra?

0'14'' Helena: Vou dar o que tá porque o 02 ainda é em novembro, 81.

0'19'' Tainã: 81 anos. Tem quanto tempo aqui no Bate Folha, a Senhora?

0'23'' Helena: Olha, eu vim praquí com a minha avó, eu tinha 06 anos. Agora quando eu me iniciei mesmo foi em 76, que eu me confirmei.

0'39'' Tainã: Qual o cargo da Senhora aqui no terreiro?

0'40'' Helena: Eu sou ekéde. Sou makota. Makota de vunji.

0'48'' Tainã: Essa é a dijina da Senhora?

0'50'' Helena: Não. Minha dijina é Nenguanci. Makota Nenguanci.

1'05'' Tainã: Bem, qual a relação da Senhora com o terreiro? Como é que a Sra se sente aqui?

1'10'' Helena: Feliz! Muito feliz, me criei aqui porque eu tô com essa idade, quando eu vim tinha 06, tô muito feliz.

1'20'' George: Quando foi que a Senhora veio conhecer o terreiro?

1'22'' Helena: Eu vim porque a minha avó era a segunda ekéde do fundador.

1'29'' Tainã: Então já é uma coisa de família.

1'31'' Helena: É, de família.

1'32'' George: Qual o nome da sua avó?

1'33'' Helena: A minha avó chamava-se Adriana Maria das Neves. No candomblé, Kota Lembê.

1'42'' Tainã: A Senhora chegou aqui bem cedo, então a Senhora construiu família?

1'49'' Helena: Meu neto ali, a mãe dele “é vem” aí.

1'53'' Tainã: Então todo mundo foi nascido e criado aqui.

1'55'' Helena: Aqui mesmo. Nascido e criado aqui.

1'57'' Tainã: A Senhora acha que essa vivência aqui no terreiro, que a Senhora teve a vida toda, ajudou na questão da família, na educação dos seus filhos, dos seus netos. A Senhora acha que realmente foi um diferencial?

2'12'' Helena: Não tenho o que dizer, porque graças a Deus todo mundo vive bem, na maneira do possível. Não temos riqueza, mas temos o necessário pra viver.

2'27'' Tainã: E o que a Senhora pensa do candomblé? Qual a importância do candomblé na sua vida? A Senhora já nasceu aqui e a sua mãe...

2'36'' Helena: Me criei, me criei, tive a minha filha, me casei, tenho uma filha que ela vem já aqui, é mãe dele, também se criou aqui. Eles também se criaram aqui.

2'59'' Filipe: E como você acha que foi a contribuição do Bate Folha, pessoalmente mesmo, pra Senhora como pessoa.

3'06'' Helena: Contribuição?

3'07'' É, você acha que te tornou uma pessoa melhor?

3'10'' Helena: Todo mundo quer né? Quanto mais a gente tem mais a gente quer.

3'18'' Tainã: A ekéde, Dona Helena, é uma mãe né...

3'20'' Helena: É uma mãe. Ela fica, ela guia os Nkisis, acompanha eles, se eles vão pra ali elas vão, eles estão dançando e a gente cuida deles, se tá molhado de suor a gente vai com a toalha e enxuga, uma roupa dançando acontece qualquer coisa que a gente vê que tá desmanchando, a gente vai e conserta.

3'49'' Tainã: A ekéde é aquela mãe que cuida né?

3'51'' Helena: É, de todo jeito.

3'56'' Filipe: A Senhora consegue perceber a diferença entre o jovem de antigamente aqui no terreiro e hoje em dia?

4'01'' Helena: São todos iguais, porque um vai tomando a lição do outro, dos mais velho.

4'07'' Tainã: Então isso aqui é muito forte, né?

4'09'' Helena: É.

4'10'' Tainã: A questão do respeito.

4'12'' Helena: Os mais novo respeita os mais velho. Aqui pelo menos, todo mundo, é uma casa que tem hierarquia. Você ouvia dizer que era no dia 29 porque tava todo mundo e também ainda tinha mais velho do que ele.

4'35'' Tainã: Tem alguma história assim que a Senhora se lembre que tenha marcado a sua vida durante todo esse tempo que a Senhora tem no Bate Folha? Que a Senhora possa contar.

4'47'' Helena? A história, minha filha... é isso mesmo, coisas que se acontecem na vida mas depois a gente consegue, perde, consegue. Eu fui noiva, perdi... fiquei sem meu marido uma temporada, mas depois voltamos, depois se separamos já velho, mas quando nada ele criou a filha dele que é essa que ela vem daqui a pouco, a mãe dele, e qualquer coisa assim, emprego, a gente tem aquela fé, a gente vai aos orixás, na casa dos orixás, a gente senta e faz nossos pedidos, eu pelo menos alcancei.

5'36'' Tainã: E na rotina da Senhora aqui no terreiro?

5'39'' Helena: Minha rotina é normal. Toda festa eu tô aqui. Só vou depois que termina tudo. Depois que termina a gente vai. Vem antes, fica aqui, começa tudo, trabalha, fazendo nossos trabalhos, quando acaba na segunda a gente vai. Quando é na outra semana a gente volta de novo pra dar os sete dias, e aí vamos simhora.

6'07'' Tainã: A Senhora também já foi educada né, nessa coisa no terreiro, desde pequenininha, então...

6'07'' Helena: Já. Acompanhei minha avó, acompanhei Dona Olga que é minha prima, entendeu?

6'24'' George: Como é que a Senhora se sente nos 100 anos do Terreiro Bate Folha?

6'31'' Helena: Eu me sinto uma rainha! (risos)

6'46'' George: A Senhora se emociona por estar fazendo parte dessa história?

6'52'' Helena: Ah claro, e como! Eu já estou vibrando nesses 100 anos.

7'00'' Tainã: E a Senhora acompanhou uma parte grande dessa trajetória.

7'03'' Helena: É porque eu tô com 81, e em novembro eu faço 82 anos.

7'09'' George: A Senhora foi feita com quantos anos?

7'11'' Helena: Com... parece que foi em 76, então, você que está mais nova, faça aí a conta mais rápido na cabeça.

7'25'' Tainã: 40 anos... Então esse ano faz 40 anos que a Senhora fez santo.

7'31'' Helena: Não, eu acho que ainda não tem 40 anos não. Acho que é 38 que eu faço agora em dezembro. Agora em dezembro eu faço 38.

7'47'' Tainã: Então, são várias comemorações. O que é que a Senhora espera desse evento que vai acontecer, o Centenário, como é que a Senhora está se sentindo?

7'56'' Helena: Avemaria, a gente está rezando meu Deus, que tudo dê certo meu Deus. É uma coisa que a gente nem pensava, é uma coisa que a gente nem pensava, está acontecendo e a gente já está sonhando, eu e as irmãs, tudo já sonhando que chegue essa hora.

8'18'' Tainã: Estão ansiosas né?

8'19'' Helena: É...

8'20'' Tainã: E o que a Senhora acha assim sobre a questão da intolerância religiosa hoje.

8'29'' Helena: O caso é o seguinte, o que tá faltando talvez combata porque eu acho muito difícil acabarem com a nossa religião, acho difícil, tanto aqui o candomblé que hoje é uma religião como as igrejas também católica, porque eu sou daqui do candomblé, mas também gosto da igreja, eu acompanho todas as procissões, caminhada, a penitencial, tudo, eu vou pra lavagem, eu vou pra tudo, e quando eu vejo um “muntero” de gente eu digo: não vai acabar com a nossa religião.

9'11'' Tainã: Por mais que eles tentem né?

9'12'' Helena: É, tão tentando mas não vai conseguir. Vai não, porque o número é grande.

9'18'' Tainã: E o axé...

9'21'' Helena: É..., o axé é muito.

9'23'' Filipe: E a Senhora se dá bem com essas pessoas de outra religião?

9'26'' Helena: Me dou. Só não gosto que venha pra minha porta perder meu tempo né? “-Tô ocupada!” Porque vem me tirar o meu tino do que eu gosto, não pode. Aí eu convido: Quer ir pra minha, que eu vou pra sua. Ele não vem.

9'52'' George: Senão não vale.

9'53'' Risos no final.



**Nome do entrevistado: Cícero**

**Nome completo: Cícero Rodrigues Franco Lima**

**Data: 26/10/2016**

**Nomes/localização dos arquivos: 00000, 00001, 00002, 00003, 00024, 00026, 00028, 00030, 00031.**

**Transcrição feita por: Vanessa Avelar**

**Photo do entrevistado:**



VÍDEO 00000

0'01'' Severino: Diga pra gente o que é esse espaço aqui e qual a importância dele pro terreiro?

0'08'' Cícero: Pronto. Aqui é uma sala de visita que é utilizada desde o tempo de Seu Bernardino, quando recebia essas autoridades, os amigos da casa, sempre se entrava e conversava com as pessoas aqui. Tanto ele, Bandanguame e os sucessores dele utilizavam essa sala para receber as pessoas, seria uma sala de visitas, hoje é uma parte de um memorial, que uma parte da história do Bate Folha está aqui nessa sala, tanto dos móveis, quanto das fotos. Como tenho essa foto, essa foto é do Manoel Bernardino da Paixão que foi o fundador da roça, foi quem ganhou essa roça de presente e fundou o Bate Folha. Isso a nossa escritura é datada de 1916, 10 de dezembro de 1916, e aí estaremos completando os 100 anos esse ano em 2016, e Seu Bernardino tinha um amor muito grande aqui por essa roça, e tratava isso daqui com um maior mimo, com um maior carinho. Essa casa se você mostrar de perto [apontando para uma foto] foi a primeira casa construída aqui por ele, ainda de taipa, de palha, e ele aí começou a erguer com muita dificuldade porque antes não tinha Salvador-Feira, então você não tinha a BR-324, pra chegar aqui em cima tinha que se soltar no Retiro e vir a pé, pelo mato pra conseguir chegar aqui em cima, então materiais, móveis era tudo trazido em lombo de animais e com muita dificuldade pra chegar aqui em cima. Tinha uma estrada de boi muito difícil o acesso aqui na frente, então só quando construíram Salvador-Feira é que veio melhorar, inclusive até mudou a geografia da roça, porque a entrada do Bate Folha, a entrada da roça era por lá, hoje seria o fundo na roça, que era onde você chegava nessa parte alta aqui em cima que era onde ele começou a edificar a roça. Então depois da construção de Salvador-Feira é que mudou a frente da roça pra o lado de cá. Então houve a mudança dessa geografia.

1'57'' Cícero: Seu Bernardino fica na casa até 1946. Em 46 ele vem a falecer. Aí nós passamos, Bandanguami, Seu Antônio José da Silva fica até 63, foi o segundo pai de santo da casa, segundo zelador o responsável que ficou tomando conta da casa. Bandanguame fica até 65 quando veio a falecer e Pai Pedro assume em 65. Já de bastante idade, Pai Pedro já seria a segunda pessoa de Seu Bernardino, ainda um oã de Seu Bernardino, ainda do tempo de Seu

Bernardino. Pai Pedro era quem fazia as obrigações depois que Mariana Inês morreu, quem cuidava das obrigações de Seu Bernardino já era Pai Pedro. Aí Pai Pedro fica até 1970, fica pouco tempo. Em 70 assume Tata Nebandi, Seu Joca, que foi meu zelador de Nkisi. Então Seu Joca fica tomando conta da casa até 91, quando Seu Dudu assume, também já de idade, aí as vezes as pessoas falam: “- Ah, teve muitos sucessores”, não, nós tivemos muitos sucessores na casa, mas todo mundo que assumiu já eram pessoas de idade, eram sempre pessoas da casa, mas todas já com uma idade avançada.

3’08’’ Cícero: Seu Dudu foi um dos últimos fundadores do Gandhy a falecer, ele era um dos fundadores do Gandhy e fica até 2006, se não me engano 2006 ou 2007. Já também de bastante idade quando vem a falecer.

3’22’’ Severino: Daí você assume...

3’23’’ Cícero: Aí eu assumo. Eu já estava, logo após quando Seu Dudu assumiu, eu já fiquei sendo a segunda pessoa dele, ele já de bastante idade, no final ele já não podia vir nas obrigações, ou quando vinha iniciava e ficava sentado, e eu já fazia as obrigações da casa, então foi uma sucessão praticamente, tanto a minha quanto a do próprio Dudu, fácil. Meu padrinho, que ele era meu padrinho, Joca quando ele ficou doente, Dudu já assumia as obrigações da casa. Então foi, essas transições da casa não houve muito problema por isso, porque sempre uma pessoa já acompanhava a casa, já cuidava das obrigações da casa quando assumiu, diferentemente da de Bandanguame, foi que Seu Bernardino só teve dois filhos de santo homem, que foi Lessengue que foi embora pro Rio de Janeiro e fundou o Bate Folha do Rio de Janeiro, que hoje quem toma conta é uma sobrinha dele, Mãe Mabejí que está tomando conta da casa, e Bandanguame. Então na sucessão foi escolhido Bandanguame pra tomar conta da roça. Dos outros nós não tivemos mais essa..., não é disputa, mas não tivemos mais de uma pessoa, já se sabia quem iria ficar no cargo, então a gente não teve esse problema de disputa pelo cargo da roça.

4’46’’ Severino: E aquela pessoa que está no altarzinho ali?

4’50’’ Cícero: É Bandanguame, é o segundo sucessor da casa. É o Pai de Santo de D. Olga.

4’57’’ Severino: Tá, e ele está ali por conta disso daí?

4’59’’ Cícero: Não, ali é só foto mesmo que se distribuiu pela sala, não tem nenhum motivo específico de estar aqui. Um está aqui, outro está ali. Também tem Pai Pedro, tem uma foto de Pai Pedro aqui, de Joca, então não se tem essa..., é só uma distribuição de fotos independente.

5’18’’ Severino: Certo, então e esse espaço tu usas ainda como...

5’21’’ Cícero: Uso pra receber as pessoas. Há duas semanas passadas, o Zulu presidente da fundação estava aqui, a gente assinou um convêniozinho aqui nessa sala, se usou essa sala para assinar um termo de compromisso. Então até hoje ela é utilizada. Estamos pleiteando a construção de um memorial, mas vamos manter essa sala, não queremos mudar essa sala não. Fica ainda sendo como um memorial e também como uma sala de visita, ainda se atendendo as pessoas.

5’49’’ Severino: Um lugar de destaque...

5'49'' Cícero: Um lugar de destaque na sala pra poder atender as pessoas, pra se manter essa tradição.

#### VÍDEO 00001

0'11'' Cícero: Seu Manoel Bernardino da Paixão foi o fundador da casa. Em 1916 ele ganhou de presente essa roça e dedicou ela a construir a roça dele do candomblé, a casa de MBamburusema, a casa de Iansã. Ficou até 46, e em 46 ele falece e assume Bandanguame. Seu Antônio fica até 65, 65 Seu Antônio falece e fica Pai Pedro até 1970. Pai Pedro já é um senhor de bastante idade, era a segunda pessoa de Seu Bernardino, era quem cuidava das obrigações dele. Pai Pedro fica até 1970, quando Seu Joca, Tata Nebandí, que foi meu zelador, assume a roça até 91. Em 91 com o falecimento dele, Seu Dudu, Molundurê, que era meu padrinho, assume já de bastante idade também, tanto ele como Pai Pedro já eram pessoas de idade, e fica até 2006. Foi um dos únicos fundadores dos Filhos de Gandhi, e que assumiu a nossa roça. Já de bastante idade, eu já... ele já vinha no final, iniciava as obrigações e sentava e nós dávamos continuidade. Então eu já vinha fazendo as obrigações, antes da morte dele eu já assumia uma parte das obrigações da casa.

#### VÍDEO 00002

0'01'' Cícero: Essa foto aqui é muito importante pra gente, a gente conseguiu, eu achei aqui no meio dos documentos uma foto pequena e fui ampliando, ampliando até chegar nesse tamanho. Ela aqui está na frente do barracão, provavelmente deve ter sido uma chegada da missa, devido as senhoras estarem de vestido, o paletó não porque em festa de candomblé já é normal usarmos paletó, que nós mantemos essa tradição até hoje. Você vai chegar em qualquer festa aqui e você vai ver os homens trajando paletó, que é uma tradição do povo de candomblé na Bahia. E, atrás o barracão nosso ainda de palha, chão batido e foi o primeiro barracão construído aqui na roça onde está o nosso hoje, um pouquinho pra lá, um pouquinho pra cá, até quando Seu Bernardino começou a edificar mesmo a construção de bloco, de tijolo, no começo era de adobe, de barro e telha, até que ele conseguiu botar telha no barracão e arrumar, mas o início da nossa roça é esse mesmo, ele ainda mantinha essa elegância de estarem todos de terno, mesmo com o chão de barro, o telhado ainda de palha, e se mantinha essa tradição.

1'11'' Severino: A gente vê que no caso estamos iniciando a roça.

0'16'' Cícero: Isto aí na década de 20, de 30. Entre a década de 20 e 30.

1'22'' Severino: Impressionante a quantidade de pessoas. Já tinha uma adesão...

1'25'' Cícero: É, já tinha uma adesão grande, Seu Bernardino colocou..., a iniciação dele foi com muita gente, ele teve ajuda de... teve muitos filhos, tanto que ele recolheu e até que quando ele faleceu deixou a casa cheia de gente ainda, de pessoas até não iniciadas ainda, que Bandanguame veio iniciar muita gente no começo na..., por isso que Bandanguame nos dois primeiros barcos dele foi quase 25 pessoas em um ano que ele recolheu pra casa.

1'54'' Severino: Muito do trabalho de Seu Bernardino...

1'55'' Cícero: Muito trabalho de Seu Bernardino, de herança de Seu Bernardino.

#### VÍDEO 00003

0'01'' Cícero: Aqui foi o primeiro “barco”, que é o termo utilizado de pessoas iniciadas aqui na roça. Seu Bernardino recolhe essa barco onde tem o centro Lessengue, que foi o que fundou o Bate Folha no Rio de Janeiro, o Kupapa Nsaba, e as outras são filhas de santo. Logo esse barco ainda estava com a diferença de 01 mês, ele recolheu Bandanguame. Então, são quase, é diferença de 01 mês só de um barco pra o outro, que foram os dois homens iniciados pelo Seu Bernardino.

0'35'' Cícero: E esta foto aqui interessante, foi a primeira homenagem esse ano dos 100 anos do Bate Folha. Foi o bloco Alvorada que o presidente do bloco é uma pessoa daqui da casa, é um ogã da casa, que o tema do bloco foi os 100 anos do Bate Folha, e nós saímos à fantasia, o carro saiu com imagens do Bate Folha e foi um carnaval muito bonito.

1'02'' Severino: Onde é que fica o bloco Alvorada?

1'03'' Cícero: Na Rua da Independência, a sede do bloco é na Independência. Sai toda sexta-feira de carnaval, é um bloco de samba.

1'10'' Severino: E sai por lá mesmo?

1'11'' Cícero: Sai pra Avenida, do Campo Grande a Carlos Gomes, lá o circuito do carnaval.

1'19'' Severino: Daí uma pergunta, falando dos 100 anos, então tu falastes que o fundador da casa no Rio de Janeiro saiu daqui no primeiro barco. Existe ainda uma relação entre os dois terreiros?

1'29'' Cícero: Nós ficamos um tempo até sem ter comunicação, de uns vinte anos pra cá, João Antônio que hoje é o presidente da nossa Sociedade, que veio e morava no Rio de Janeiro, veio com a visita de Mabejí, que é uma senhora Mameto que é responsável pela roça do Rio de Janeiro. E daí pra cá nós voltamos a ter um conhecimento de um laço com eles. Essa senhora provavelmente ela deve estar aqui nos 100 anos com a gente.

2'00'' Severino: E o deles também é quase centenário né?

2'03'' Cícero: Uns 15 anos, 20 anos mais, mais sim 80 anos provavelmente, eu acredito que já tenha.

2'11'' Severino: Aí vocês restabeleceram essa...

2'13'' Cícero: Restabelecemos esse vínculo com o Kupapa Nsaba, de Mãe Mabejí.

#### VÍDEO 00024

0'01'' Cícero: O barracão, aquela foto que a gente mostrou, feito de palha, aqui essa foto não temos o local exato, um pouco pra cá, um pouco pra lá, mas nesta posição aqui era aquele barracão, e foi construído a primeira vez de madeira, com algumas paredes ao fundo de taipa e coberto com palha, e que gerou esse prédio, essa construção. Durante esse período da década de 60 ele já estava pronto, já todo de alvenaria, de construção.

0'32'' Severino: É isso que eu ia perguntar, então você já conheceu esse...

0'34'' Cícero: Já, já conhecia. Depois que eu estou aqui eu já vi duas reformas nesse barracão. Já passamos por uma reforma, eu ainda rapazinho, e ele rachou, uma parte do fundo arriou e nós fizemos uma reforma geral nele, e há 10 anos se trocou o telhado, e as tesouras que eram de madeira e passou a ser de metal. Então eu já participei de duas, enquanto se mudou as telhas que eram telhas de barro, cada uma de um tamanho, aquelas telhas incertas, e se colocou essas telhas de cerâmica branca. Então eu já vi duas reformas grandes do barracão.

1'07'' Severino: E o que é que acontece aqui no barracão?

1'09'' Cícero: Bom, no barracão aqui todas as nossas festividades. Dentro do barracão tem alguns assentamentos dos nossos Nkisis, então esses Nkisis que ficam aí dentro do barracão, existe a obrigação, há todo um ritual dentro do barracão, e a festa a noite, mesmo quando a obrigação é fora em uma das casas, é feita a primeira parte do lado de fora da obrigação, e vem-se a noite pra quando onde é feita a festa propriamente dita, onde se canta para os nossos Nkisis, e eles dançam, se vestem, vestem a indumentária do santo, e vem para o barracão onde se acontece a grande festa.

1'46'' Severino: Então assim, só em termos de comparação, aqui seria o templo.

1'50'' Cícero: O templo, pronto, o templo. No candomblé a gente não tem uma exclusividade ter que ser tudo dentro do templo, nós acontecemos coisas também do lado de fora, tem festas que acontecem do lado de fora, já teve muita festa aqui na parte externa. Festa de Tempo é feita lá embaixo, a primeira parte toda, ou como já aconteceu de acontecer até a segunda parte também do lado de fora. Então não tem essa exclusividade de ter que ser feita no templo. No candomblé pode ser feito em qualquer área, festa de Caboclo é feita toda do lado de fora, na roça, dentro aqui do nosso espaço.

2'25'' Severino: De qualquer forma, a coisa mais próxima em termos comparativos seria o templo.

2'29'' Cícero: Seria o templo. O templo religioso onde é feita a parte das cerimônias, dos rituais dentro do barracão.

2'37'' Severino: E aí, esse espaço aqui tu falaste que conhece desde criança. Conta pra gente, você hoje é o zelador da casa, mas você cresceu aqui né? Conta um pouco pra gente, eu queria que você trouxesse as memórias desse espaço aqui.

2'52'' Cícero: Eu vim 'praqui' com 13 anos de idade. Eu vinha antes, com 03, 04 anos eu já frequentava aqui com o tio. Aos 13 anos de idade eu passei a fazer parte da casa. Numa festa de 27 de agosto eu fui suspenso e passei a fazer parte. Daí pra cá não faltei a mais festa nenhuma, não saí mais daqui. Em 83, foi quando eu fiz minha obrigação, minha iniciação, tô fazendo 33 anos, e todo esse tempo aqui dentro, vivendo aqui dentro, participando, ajudando, trabalhando, até que sem perceber terminei me tornando um dos responsáveis pela casa, a tomar conta da casa junto com Nengua Guanguacesse, que D. Olga tá aqui desde o segundo pai de santo. Então a mãe, ela veio com o segundo pai de santo, e de lá pra cá toda sucessão foi ao lado dela, ela que praticamente comandou a sucessão de todos os que tomaram conta da casa, e esteve sempre ao lado como uma pessoa segurando as obrigações da casa, e orientando os mais novos que chegam para assumir a casa.

4'03'' Severino: É a memória da casa.

4'05'' Cícero: A memória da casa é a Mãe.

4'07'' Severino: E assim, nesse tempo que tu frequentas, houve um período de maior intensidade ou menor intensidade das pessoas aqui, ou sempre teve uma regularidade?

4'16'' Cícero: Teve uma regularidade. Levamos um tempo mais parado, a questão não é bem parado, nós temos uma Sociedade Beneficente Santa Bárbara que é a parte jurídica, a parte que cuida da parte externa, sem dos rituais, então ficou um tempo parado essa sociedade, eu acredito que de uns 20 anos pra cá a gente deu uma erguida, um movimento maior. Houve uma abertura maior da casa, que a casa também sempre foi muito fechada. Então não digo nem de vinte, talvez até de uns 30 anos pra cá a gente conseguiu uma abertura maior até em convívio com as autoridades, com a sociedade, com o tombamento da casa, então isso houve uma abertura maior pra própria sociedade, pra divulgação do Bate Folha, que sempre foi muito restrita, muito fechada.

5'09'' Severino: Mas me parece assim, só comparando, que Seu Bernardino já era um pouco assim né, mais aberto né?

5'15'' Cícero: É, ele era aberto, talvez não tivesse a visibilidade da época.

#### VÍDEO 00026

0'01'' Severino: E aí me fala um pouco sobre esses últimos 30 anos, a parte do tombamento, como é que foi isso?

0'06'' Cícero: Então, com esse tombamento, nós relutamos no começo muito sobre o tombamento, tivemos várias reuniões, olhando os prós e os contras, muita coisa contra como também a favor, que no final como eu tive várias reuniões com o pessoal do IPHAN, eu disse: -olha, vocês estão acostumados a tombar igreja, você tombou aquilo ali pronto, aquilo ali vai levar 300 anos praquele espaço, não vai modificar nada. Diferente de uma casa de candomblé, é uma casa viva, é uma casa que você tem que estar aumentando, você tem que estar modificando, ela tem que estar crescendo. Você tem um filho de santo hoje, daqui a pouco tem dez, então você precisa de espaço pra povo, pra gente, o candomblé você vem, você dorme, você passa 03, 04 dias dentro da casa do candomblé, você depende de espaço no candomblé, é diferente de qualquer outra coisa. A própria igreja católica ela não depende, ela tem aquela igreja, aquele santo, ela vai levar ali 300 anos, ela vive com aquele espaço. O candomblé é vivo, o candomblé tem que crescer, e até reforma, com conversa conseguimos mostrar ao IPHAN isso, que tem essa necessidade do candomblé tem que estar modificando, ele tem que crescer, o quarto do santo é ali onde os Nkisis vivem, os assentamentos, mas você daqui a 10 anos tem que aumentar aquele espaço, você tem a necessidade de crescer.

1'24'' Severino: E o IPHAN tem entendido isso?

1'25'' Cícero: Tem, tem pelo menos nas reformas que nós tivemos, nós conseguimos ampliações, e fazer algumas obras, eles têm autorizado.

1'34'' Severino: Por que vocês entraram no tombamento, e existia na mesma época uma ideia de registro, que é um outro caminho, daí vocês não optaram pelo registro. Não se discutiu isso...

1'46'' Cícero: Não se discutiu, se chegou logo pra discutir o tombamento. E pela segurança, pelo o que valeu a pena foi, o que nos levou o principal é a segurança, de ser uma área tombada, uma área muito grande, são 155 mil m<sup>2</sup> de área, que você tem um aliado federal, de você ter uma proteção maior em cima dessa área, depois de alguma autoridade querer cortar um pedaço de terreno pra passar uma estrada lá por baixo, fazer alguma coisa, não, você tem agora uma proteção federal, acho que o maior benefício é esse.

2'17'' Severino: Tem algum nome que ajudou vocês muito, de dentro do terreiro e de fora?

2'21'' Cícero: Tem. Teve muitas pessoas que nos ajudaram, pessoas que ajudaram a descrever a história. Quem começou até o tombamento foi Mãe Stella do Opó Ofonjá, foi que puxou, Mãe Carmen também, do Gantois, em reuniões lá, quando no tombamento lá elas sugeriram e pediram ao ministro que estava lá presente que olhasse também para o Bate Folha que é uma casa grande, uma casa de angola, então tivemos uma ajuda muito grande dessas casas para o tombamento nosso.

2'49'' Severino: Entendi. Foi uma estratégia do...

2'51'' Cícero: Foi uma estratégia deles também de pedirem a ajuda pra que tombassem a única casa de angola que tinha uma área, que tinha uma história que poderia ser enquadrada no tombamento, e aí foi sugerido por eles.

3'05'' Severino: E tem alguma situação especial que aconteceu e que ajudou vocês no tombamento depois desse tempo?

3'11'' Cícero: Não, não.

3'12'' Severino: Vocês nunca tiveram nenhum embate mais sério assim...que comprometesse...

3'16'' Cícero: Não, não, não. Até quando foi feito o levantamento pra o tombamento, foi feito um levantamento topográfico via satélite e se localizou a mesma quantidade de terra. Os 155 mil m<sup>2</sup> estão preservados. Isso, em 2003 o tombamento, há 13 anos, quer dizer 87 anos mesmo sem a proteção do IPHAN, mas tava mantido o terreno.

3'39'' Severino: Certo, então a própria roça foi preservada pela...

3'41'' Cícero: A própria roça, os próprios Nkisis mantiveram a nossa área preservada.

## VÍDEO 00028

0'13'' Cícero: Bom, a capela é uma tradição mais do sincretismo religioso e que Seu Bernardino antes até de vir aqui pra roça, antes de adquirir essa roça, ele já tinha a imagem de Santa Bárbara, ele já realizava a missa, então sempre teve uma influência muito forte da religião do catolicismo dentro do povo de candomblé, então nosso povo antigo ainda tem um vínculo muito forte com o catolicismo. Então nós mantemos até hoje uma missa que acontece há mais de 100 anos, todo último domingo de novembro, a imagem vai a uma igreja, a imagem fica no altar, assiste uma missa e viemos em procissão. Então tem esse sincretismo ainda, essa força do candomblé com a religião. Eu sinceramente não vejo necessidade de algumas pessoas que tentam acabar com isso, a tirar esse espaço de dentro da casa do candomblé, de uma capela de outra religião, mas a força que teve acho que ajudou a manter o candomblé, o que foi usado pelos escravos pra

manter o sincretismo que não tem necessidade de hoje a gente acabar com essa tradição, simplesmente uma tradição que se mantém os santos católicos dentro, as principais casas de candomblé sempre tiveram, o Gantois, as casas grandes sempre celebram missas, ainda se tem a tradição de uma pessoa iniciada ao terminar a obrigação ir numa igreja assistir uma missa ou simplesmente passar numa igreja, quando se termina o ruondo vai-se a uma igreja, então é uma tradição que se mantém, e o Bate Folha mantém essa tradição.

1'50'' Severino: E o que é que tem nessa capelinha aqui?

1'52'' Cícero: É uma capela. Seria uma representação mesmo da religião católica, onde ficam os santos católicos, que tem o sincretismo com o candomblé, mas não temos nada de obrigação, de reverência nenhuma à capela, é só a tradição que todo mundo tinha e a maioria do pessoal antigo de candomblé ainda mantém os santos católicos em sua casa.

2'14'' Severino: E tu pode contar pra nós quais são os que estão aqui?

2'18'' Cícero: Um São Jorge, ainda é em madeira também, uma imagem antiga do tempo de Seu Bernardino. A imagem de Santa Bárbara que está lá dentro, ela só vem “praqui” no dia de festa, ela é guardada, fica dentro de casa. São Jerônimo que está ali que é sincretizado com Xangô. Nossa Senhora de Santana, aquela é Santa Luzia, São Sebastião, São Sebastião é aquele da flecha, São Benedito. São santos da igreja católica que mas sem nenhum vínculo mais forte com o candomblé não, apenas a tradição. Os atabaques ficam aqui nesse canto, eles estão tirando porque a gente está reformando, está pintando, se preparando pra festa de dezembro.

#### VÍDEO 00030

0'04'' Severino: Conta pra gente o significado aqui de Tempo e desse...

0'09'' Cícero: Tempo aqui eu tenho duas observações, mas vou falar logo sobre a entrada. O assentamento de Tempo ele é sempre feito numa casa de candomblé, uma casa de Angola, na entrada da roça, que foi o caso que Seu Bernardino assentou o Tempo aqui porque a entrada da roça era pra lá, então se soltava no Bom Juá e vinha-se andando, e o primeiro santo que você encontrava, o primeiro Nkisi, era o assentamento de Tempo, por isso que hoje o pessoal entra, vem aqui, fala com Tempo, e depois vai pra entrar em casa, a gente primeiro cumprimenta ele pra depois adentrar na casa. Então quando você vinha você passava por ele e falava com ele, com a mudança da geografia, com a construção de Salvador-Feira, a entrada da roça principal ficou sendo do outro lado, mas nós mantemos ainda a tradição, entramos, fala-se com Tempo e depois que vai pra dentro da casa. E aqui acontece a maior festa nossa, posso dizer, fica dividido entre a de 04 de dezembro de MBamburusema (Iansã), e a de Tempo. A de Tempo esse ano mesmo caiu numa quarta-feira, você quase não conseguia entrar, andar aqui nessa roça de gente, a sala ficou impraticável de você andar na casa, nos corredores cheios de gente, então é em plena quarta-feira, ainda é hoje umas das maiores festas. Ela acontece de manhã cedo a primeira parte aqui da obrigação em si, do que tem que acontecer aqui dentro da casa, de noite se arreia umas comidas, umas oferendas que são arriadas, e é feita toda uma dança, toda a primeira parte aqui. Quando acontece a incorporação, os Nkisis vão pra dentro da casa, vestem as roupas, as indumentárias e vão pro barracão pra ter a festa. Já aconteceu muitas vezes de ter até a segunda parte aqui mesmo, que eles vão se trocam, vestem suas roupas e voltam aqui pra frente, aí arma-se um toldo aqui embaixo e acontece a festa toda aqui. O Tempo pra nós seria o Rei de Angola, como Oxóssi é da nação de Ketu, como Becem é da nação de Jeje, o rei da nação de Jeje, Tempo seria o Rei da nação de Angola.



2'16'' Severino: E essa árvore não é a primeira né?

2'18'' Cícero: Não. Eu cheguei aqui e ainda encontrei a primeira. Essa daí tem uns 08 anos que a gente plantou, já tá bem crescidinha. A árvore de (???) já estava do tamanho dessa casa, a gente já não consegui passar, isso aqui esse corte aqui que vocês viram desse assentamento ele era certo, seguia aqui o passeio, quando nós ampliamos a casa tivemos de derrubar essa parede e fazer esse corte pra deixar essa passagem aqui, senão já não passava mais. Quando ela morreu vieram pra poder cortar, veio o pessoal da prefeitura, disse que ela teria de 200 a 250 anos, então ela já estava na sobrevida, que o normal dela seria viver uns 180 anos, então deu um trabalho, levamos quase dois pra conseguir tirar o tronco, que ela morreu, começou a cair os galhos, até a gente conseguir cavar pra tirar a raiz pra plantar, foi dois anos de luta ali pra conseguir tirar a árvore e plantar uma nova, e já tá aí, já tá desse tamanho, já tá bem grande, bem formosa.

3'16'' Severino: Cícero, tu falaste que essa árvore morreu, essa outra foi plantada e veio com toda força, andamos um pouco pelo terreiro, assim pela roça né, então essa roça é uma roça muito antiga, importante e tombada, e tu dissestes que estão vivendo um momento de dizer pra fora. Me diga alguma coisa desse lugar pra Salvador.

3'46'' Cícero: Hoje eu acredito que a grande importância dessa área da parte ambiental é o cinturão verde dentro de Salvador. São 155 mil m<sup>2</sup> de área dedicada a um culto, a uma religião, e a preservação dessa mata para a cidade de Salvador, que de sua vegetação, de sua intensidade de sua vegetação e a sua preservação dentro da cidade, sem falar na parte cultural, na parte da resistência negra, de toda essa parte a influência da (...) cidade, da preservação da religião dentro de Salvador.

4'42'' Severino: E do recado espiritual. Diga alguma coisa que você acha que...

4'47'' Cícero: Uma parte espiritual é a fé dos adeptos do candomblé de ter, de ter uma resistência, de ter uma firmeza, de ter uma casa de proteção da religião, do culto aos Nkisis, dos orixás, dos voduns, e você ter dentro do candomblé uma área dessa preservada. Se fala que seja a maior área dedicada ao culto ao candomblé.

#### VÍDEO 00031

0'01'' Cícero: Andando aqui pra lá você encontra muita cobra, jiboia, tem muita coral, cipó. Nós estamos a 100 anos aqui e nunca ninguém foi picado por uma cobra, se desce no mato, se vai, se faz.. e nunca teve um relato de uma pessoa de ter sido picada por cobra. Há muitos pássaros, teiú, tem um teiú enorme aqui que o menino disse que essa semana ele passou por aqui pela frente que o cachorro ficou doidinho pra ir atrás do teiú já grande. Tatuzinho, a gente acha aí no mato.

0'31'' Severino: O teiú seria um lagarto?

0'32'' Cícero: É. Ele é um lagarto bem grande tipo um camaleão. Coruja, aqui tem uma coruja branca que está fazendo ninho aqui, ontem mesmo ela estava atrás de um rato, o menino disse que ela deu um voo ali, passou um ratinho e ela vinha doida pra pegar o rato. E aqui no fundo nós damos rumo com a Horto Florestal, então eu acho que levou uma época que eles prendiam os animais, e soltavam os animais aí no fundo, animais silvestres que eram presos, eram soltos aqui, então eles passavam pro lado de cá. Macacozinho pequeno, saguí, tem muito saguí, tem

um macacozinho amarelo das patas amarelas, não sei se é macaco prego, o menino deu outro nome neles, eles também aparecem aqui.

1'13'' Severino: Mico-leão né?

1'14'' Cícero: Não, não é. Até um botânico que teve aqui na festa de caboclo, ele até tava explicando que esses macacos fugiram do zoológico, não são daqui do Brasil, estavam em Ondina, que ele disse que não sabe como vieram parar aqui, que ele até ia lá conversar com o pessoal, ele disse que ele tem a pata amarela, disse que é da urina dele mesmo, que ele mijá, daí ele fica com as quatro patas dele amareladas, que ele disse que é da cor da urina, que ele fica, não é do pêlo.

**Nome(s) do(s) entrevistado(s): da esquerda para direita:**

**p1 (Genivaldo), p2 (Ana Paula), p3 (Aída), p4 (Adélia), p5 (Anália), p6 (Alaíde) , p7 (Anatália), p8 (Deca - Anália Passos), p9 (Waldelice), p10 (Regivaldo).**

**Nome(s) completo(s): Genivaldo Silva das Neves, Ana Paula Soares da Silva Neves, Aida Soares da Silva, Adélia Soares da Silva Bastos Santos, Anália Raimunda Soares da Silva, Alaíde Soares da Silva, Anatália Soares da Silva Neves, Anália Passos, Waldelice dos Passos e Regivaldo Assis da Silva**

**Data: 29/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00064, 00065, 00066, 00067, 00068, 00069, 00070.**

**Transcrição feita por: Rebeca Almeida**

**Da esq. - dir.: P1 (Genivaldo), P2 (Ana Paula), P3 (Aida), P4 (Adélia), P5 (Anália), P6 (Alaíde), P7 (Anatália), P8 (Waldelice - Deca), P9, Anália (Nalinha) P10 (Edvaldo)**

**Photo dos entrevistado(s):**



Arquivo 0064

00'05'' P7: Meu pai respeitava muito, ele não era aquela pessoa assim, que, como é que a gente diz?, Esqueci o termo agora. é... nunca nos obrigou a nada, mas a gente sempre, a gente era pequeno e a gente vinha pra cá. As festas aqui, a gente ficava era a semana inteira. É... tinha, antigamente a gente chamava de barraca né, tinha umas casinhas que era feita pra... pras família. E lá se cozinhava, tinha fogão, geladeira não tinha porque na época não se tinha geladeira mesmo. Mas tinha tudo, toda estrutura pra gente... e a gente vinha pelo fundo. Eu cheguei a pegar bonde, com ela aí.

00'48'' Severino: Tu lembras qual era o bonde que pegava?

00'50'' P7: Peguei só uma vez ou duas. É que já tava acabando... Também não sou do tempo do... [risos] Eu acho que foi uma vez, eu peguei com ela. Tinha muito caju aqui. Muito caju, muita manga, tudo assim muito. E a gente final de ano subia aí e vinha pegar pitanga pra enfeitar a casa e tal.

01'12'' Severino: Então era um lugar que tinha pitangueira ainda...

01'15'' P7: Pitanga, manga, caju demais... caju era lama. Mangaba. Cajá.

01'22'' P4: Tem uma fruta que eu nunca mais vi... ingá.

01'24'' P7: Ingá. Também era, aqui tinha ingá.

01'30'' Severino: Essa coisa das frutas mudou muito né?

01'32'' P7: Ah, mudou. Muito muito. Mas tinha muita. Era tudo muito sabe? Não vendia nem nada não. A gente levava porque tinha em excesso mesmo. Todo mundo da casa levava muita fruta.

01'44'' P9: Eu sou de um tempo mais novo mas eu ainda vi o caju... algumas frutas, o saputi. Ainda alcancei algumas frutas aí.

01'51'' P7: Meu pai adorava saputi. Tinha coquinho, aquele... Nicuri, né? Que a gente quebrava brincando.

02' Severino: Mas a senhora estava me contando que seu pai era muito frequente no terreiro, não é, mas ausente em casa.

02'06'' P7: De certa forma sim. Mas minha mãe tirava de letra. Ela nunca achou ruim não, porque... já casou sabendo que era assim. E ela respeitava muito. E quando podia tava aqui também, né. Estávamos todos. Claro, eu estudava, não podia tá aqui direto, mas assim, geralmente período de festa, muitas vezes o período de férias, naquela época a gente tinha férias duas vezes por ano, tinha férias no meio do ano e no final, tão a gente ficava... eu, Adriana, que era filha, Adriana é sobrinha de Guanguacesse. Eu falo, minha irmã de Guanguacesse, por que meu pai, ela chamava pai e a gente fala como se fosse irmã, né. Eu acostumei chamar assim pequena e minhas irmãs todas chamam assim porque eu sou mais velha. Quer, mais velha não, só na [?]

02'58'' Leonardo: É... eu tava aqui ajustando o equipamento. A gente começou a gravar agora. Mas é que... imagine só senhora que um vídeo desse talvez vá abranger pessoas que não tem nem noção do que que é, de quem é... então seria importante que vocês apresentassem o pai de vocês, a família de vocês... E eu acho que vocês podem... em qualquer momento, vocês podem né, deixar o outro falar... vocês podem conversar entre vocês que a coisa funciona. Falem como se fosse pra pessoas que não conhecem, que não tem uma informação do que vocês tão falando agora.

03'50'' P7: Quer que fale o nome de meu pai e a [dijina], num é

04'09'' P7: Bom, meu pai, Pedro Ferreira da Silva, a dijina, no camdomblé, Dijineuanga, o nome era Tata Dijineuanga. Éééé, eu sou a filha mais velha do meu pai. Ele... os pais dele foram da casa, minha avó. A mãe do meu pai, Maria Mercês da Conceição, chamada aqui: Kaloíá, ela foi do primeiro barco das filhas de santo da casa, filha de Bernardino não é, que foi o primeiro pai de santo. Meu avô, pai do meu pai, foi também ogã na época, foi um dos primeiros ogãs da casa também. E na realidade, é... o que eu posso falar de meu pai, ele era inicialmente ogã, um dos ogãs mais antigos da casa e era aquela pessoa presente em todos os momentos. Até hoje as pessoas se emocionam quando lembram do meu pai, porque ele participava de tudo, ele tava sempre presente quando as pessoas adoeciam, ele não tinha hora pra chegar aqui, mesmo vindo... às vezes chegava aqui de madrugada. Antigamente não tinha... não tinha transporte, não tinha como vim aqui, de carro né. Teríamos que vim até o Retiro, de ônibus ou de que fosse e de lá pra cá viria a pé. E muitas vezes ele veio muito tarde da noite, trazendo uma quantidade enorme de pão, remédio pras pessoas que precisavam, café...

as coisas que realmente precisava assim. E, eu falo assim, ele era presente em tudo e as pessoas respeitavam e ao mesmo tempo tinham uma verdadeira admiração por ele, porque ele era uma pessoa extremamente calma. Eu nunca, na minha vida, vi meu pai falar alto. Eu nunca vi meu pai falar um palavrão, nunca vi, nunca vimos, aliás, nós. Meu pai era extremamente respeitado, mas um homem super educado, com muito carinho pelas pessoas.

06'24'' P5: Só de olhar ele... as pessoas já entendiam o que que ele tava querendo.

06'26'' P7: E isso com carinho, não era aquele olhar de arrogância não. E outra coisa, dizem que porque, canceriano né, então era um pouco assim, "pãe", né. E até hoje as pessoas... um dia desse eu vim aqui pra uma obrigação e eu precisei ficar aqui uns dias e me emocionei muito com as histórias das pessoas, falando do meu pai. Tipo, ele teve que uma vez ser padrinho de casamento de duas filhas, no mesmo dia, e as duas não abriu mão dele. E elas tavam falando no dia aqui e eu me lembro que tinha uma pessoa que é da casa mas é menos antiga e que ficou assim, emocionadíssima e chegou a me dizer: "Anatália, como é que você não escreve um livro?" Seu pai teria que ter um livro escrito. Ela me falou várias vezes, toda vez ela tem me cobrado, é Kátia, que ela é ekede da casa. Ela tem menos tempo aqui, mas ela ficou impressionada porque ela não conhecia os detalhes de meu pai, né. Ela sabia quem foi meu pai, mas não sabia assim... ela não sabia da dimensão, do tempo que ele... E, como nós falamos antes, meu pai, assim, o compromisso dele era tão grande, que ele ogã da casa, ele casou e ele em vez de ir pra lua de mel, ele ficou aqui. Veio pra aqui. Minha mãe, naturalmente entendeu. Meu pai era filho único e minha avó já era frequentadora. Ele, ele realmente tinha muito respeito, ele tinha tanto respeito que ele nunca impôs a gente participar diretamente, assim, como ele falou, iniciar, ser iniciado. Ele queria que a gente respeitasse, a gente frequentava porque queria, sempre frequentamos, a gente adora, respeita. Confio, porque, não existe aquela história de ser nada imposto aqui, a gente faz quando quer, ajuda na medida do possível. Quem pode fazer faz, tanto eu quanto minhas irmãs todas, meu marido, minha filha, a gente... essa aqui, Deca, a gente chama Deca carinhosamente, Foi criada pela minha avó. E... também, é... já tem quantos anos, Deca, que iniciou?

08'42'' Deca: 58 anos

08'44'' P7: 58 anos. Mas foi assim uma coisa muito... Ela foi chamada. Que, por meu pai, ele diz o seguinte, que o respeito é tão grande que não podia é, fazer nada sem ter realmente a consciência de que era aquilo que queria e que deveria permanecer, né. Porque é uma responsabilidade muito grande e ela tem 58 anos que tá, fez o santo, ela fez Oxalá, né. Tem a filha dela, que também teve o chamamento.

09'18'' Alaíde: Chamada naturalmente, pela própria força do... espiritual, né?

09'22'' P7: É, não foi assim nada forçado, muito pela contrário...

09'26'' Alaíde: Veio aqui é... não foi isso [?] Veio e...

09'27'' P7: Não, ela frequentava, mas nesse dia, nesse período ela foi... ela entrou, mesmo sem querer né. E naquela época assim, ela entrou e ficou. Ela veio aqui trazer um material que meu pai pediu e de repente já ficou, já ficou dentro e levou seis meses aqui. Seis meses. Ela veio em... veio de julho a janeiro, não foi Deca?

09'51'' Deca: Vim em julho, fui me embora em janeiro.

09'55 P7: E.. claro que inicialmente foi impacto, mas feliz da vida, a vida dela só melhorou, né? Tinha problemas de saúde que, graças a Deus, deixou de existir. É. apesar de eu ser médica, mas eu reconheço que existe uma força que vai muito além do que a gente possa explicar. Claro que a gente tem uma... a ciência tá muito acima de tudo pra gente, acima de tudo, mas não disso aí, porque realmente, minha mãe sempre contou histórias assim e minha mãe, a família de minha mãe toda era batista, minha mãe não era assim, impressionável, né. E minha mãe contou muita coisa que ela viu, até teve uma pessoa daqui que fez um livro e foi lá em casa entrevistar minha mãe e muita coisa mesmo que, coisas assim, impressionantes, que ela jamais esperou que... que fosse real né, e ela constatou mesmo. E a gente por isso a gente confia, acredita, ééé, o que precisar a gente tá envolvido mesmo. Eu não sou iniciada mas tenho todo respeito como se fosse.

11'01'' P9: Tem uma responsabilidade, porque ela é quem herdou a primeira Iansã da casa, da avó dela, de Maria Mercês, ficou pra ela. Então ela tem essa responsabilidade. Seguindo ela, as outras três: Nada [?], aí vem a Ida, caçula, que futuramente será iniciada, filha de Cucunha [?], a que tá de saia. As outras todas são equedes. Mas a Ida será Vanduce [?]. Tem também Genivaldo, né, que é tata Também. Não confirmado, mas de muitos anos, serve muito a casa, Ana Paula também, que Makota de vunji, desses que tavam aqui hoje, das crianças, né. E Regis, que também é da família e que também é Tata, já confirmado da casa.

11'47'' P7: Ele é marido dela.

Arquivo 0065

00'03'' Severino: Fala um pouco sobre essa, essa relação de vocês família, agora após a morte do pai.

00'09'' P7: Bom, difícil, muito difícil porque a gente teve... meu pai era uma pessoa assim, presente, apesar de tudo que ele fazia, ele era muito presente na vida da gente, presente 100%. Eu quando tava pra fazer vestibular, meu pai queria sentar junto de mim pra estudar comigo e ficava preocupado, “deixa, deixa eu ficar um pouquinho”, “deixa eu escrever”, ééé, pra ter a dimensão de como meu pai era. Preocupado com todos os detalhes, como todo mundo aqui, ele queria... é, e quando nós perdemos meu pai foi, foi terrível. Foi, minha mãe teve que de repente assumir né. E eu tava no segundo ano de medicina, se não fosse a força que minha mãe tinha, tem, quer dizer, teve, eu teria até deixado de estudar. Eu cheguei a ter um período de amnésia, me afastei porque foi muito brusco e meu pai era uma pessoa assim, extremamente presente mesmo, tudo. 100% presente na vida da gente. Mesmo se dividindo com todos os afazeres. E aí eu vou deixar para os outros também falarem porque senão eu vou [risos] mas é, realmente foi muito difícil.

01'27'' Alaíde: É, eu sou Alaíde, segunda. Sou também, não só formada em Filosofia como também advogada. E... eu acabei de dizer e digo sempre, e vou continuar dizendo, pela família que eu tenho, pelas irmãs que eu tenho, eu digo pode existir, como quando eu tava conversando com João, pode existir iguais, melhores na face da terra, eu acho impossível. Então, as minhas irmãs, a família, nós temos o que: graça a educação que nós recebemos. Então eu disse... outro dia eu tava lá no escritório, fiquei assim “mas a culpa é de Francisquinha mais de Pedro. É de Francisquinha” porque era pra eu ter uma reação diferente. Mas aquela educação, aquele respeito, eu tive de agir de uma maneira como eu fui educada. Porque se fosse outra pessoa, então eu comecei a dizer, eu chamava a minha mãe de Francisquinha, que é Francisca, e meu pai com todo carinho, falava “ah, a culpa foi de Francisquinha e de Pedro, era pra eu fazer outra

coisa. Então, o que é isso, essa educação. Que muita gente diz assim: “Vocês são modelo”, porque, fruto da criação, fruto do carinho que nós recebemos e aquela coisa que nós não conseguimos ser outra. Ah, nós brigamos? Claro, evidente. Cada um é um. Mas é aquela coisa que, como eu não me canso de dizer, é a coisa brigou ali, acabou ali, agora fica de biquinho mas depois a coisa conserta, mas, melhores que elas eu acho impossível. Aqui, aí acontece que aqui, eu vim praqui, eu me lembro que eu vinha com meu pai pequena, eu chamava meu pai de meu filho, todo mundo sabia, e aqui eu me lembro das barraquinhas, me lembro da minha avó, das pessoas antigas, como eu sempre, meu padrinho, foi depois de meu pai, não foi? Meu padrinho? Meu padrinho Joca foi padrinho de batismo e meu padrinho, eu costumo dizer que os dois homens da minha vida: meu pai e meu padrinho. Meu padrinho aqui ele sabia tudo da minha vida, detalhe por detalhe, a gente chegava ali esquecia, conversando. Meu padrinho sempre foi mais assim calado, né, era mais calado. Mas comigo... Então eu vinha muito praqui, sexta-feira santa eu vinha jantar com meu padrinho. Vinha eu e meu pai aí pelo fundo, de noite, no meio desse mato todo, né. Mas antigamente os bichinhos faziam aquela zuada e lá se vinha a gente. É, não tinha aquela maldade, não tinha aquele negócio de assalto, esse perigo que é. Então eu, de casa, a gente vinha andando, porque era difícil o transporte. Se passávamos pela pedreira, descíamos e entrávamos aqui e eu vinha aqui feliz da vida, que eu sempre... a gente brincava e tudo. Por isso que eu disse, antes de meus pais pensarem em [gesto] que a gente já anda aqui. A realidade é essa, antes de pensarem em fazer, que todos nós já andamos aqui. Pelo início, por tudo. E nós somos as pessoas mais felizes do universo, pelos pais que nós tivemos e temos. Porque eles têm tanto brilho, que dá muita força, não só pra gente, pra todos. Lá em casa virou creche e aí da gente que falasse “Ah D. Francisca, vou deixar esse menino e vou trabalhar e volto” e foi ficando. Numa época tinha 17 meninos lá em casa. É... cinco de uma que foi embora e meu pai ficava tomando conta, e outros chegava e deixava aí, “Ah, D. Francisquinha deixa aí que vou trabalhar e volto” e era um monte de menino. E aí da gente se falasse “Ah, minha mãe, mas”... Não pode falar, porque minha mãe era mãe da humanidade, meu pai, o pai da humanidade. Viesse de onde viesse, chegasse quem chegasse, sempre foi bem acolhido, e ele era capaz de tirar a roupa do corpo pra dar pra aquela pessoa. [barulhos no ambiente]

05’51’’ P7: A gente lá em casa não se acostuma com nada pouco porque lá em casa minha mãe sempre dizia assim: pode chegar alguém. É exagero de tudo que faz é muito porque pode chegar alguém, pra chegar mais alguém e chegava mesmo, sempre chegava.

Arquivo 0066

00’01’’ P4: “Fecha a porta que seu marido já é vem”. Tinha uma plantinha que quando tocava nela, aí a gente vinha brincado: “fecha a porta que seu marido já é vem”, aí vinha seguindo. E uma coisa que eu gostei muito é de ouvir, recentemente tava eu, Anália, eu não lembro se Aída, tem uma pessoa daqui da casa, o João, que nós estávamos aqui numa festa que ele disse que muita coisa que acontece aqui, ele lembra que ele agradece ao pai da gente, a maneira de fazer as oferendas, com aqueles detalhezinhos, das penas, ele disse isso tudo: “Eu fico feliz de ver vocês aqui porque isso tudo que a gente aprendeu foi graças ao pai de vocês”. Ele tinha esse cuidado, ele ensinou pra gente como fazer uma oferenda, entregar de uma maneira assim arrumadinha, bonitinha, que a gente não vê em todo lugar, a gente vê aqui, e é graças a ele, aquele cuidado que ele tem, aquele respeito que ele tinha, ele... a gente aprendeu a fazer isso aqui, então isso...

01’17’’ P5: Ele ensinava com o maior prazer, ele tinha aquela vontade de realmente de que as pessoas que estão por perto aprendesse e fizesse tudo direitinho né?

01'25'' P4: E a gente que ouve essas coisas, a gente vê que a importância que ele teve e tem ainda da casa, porque é um, sei lá, naquele dia que ele falou, eu disse: a gente aqui realmente tá fazendo um... tá continuando o que ele deixou, a gente continua a respeitar tudo o que ele acreditou, tudo o que acontece aqui, é detalhezinho, como ela falou da arquibancada que foi ele que correu atrás. Eu lembro pequena, eu lembro pequena quando ele faleceu, eu tava com 13 anos, eu tava na idade da revolta, aí eu não entendia por que, por que uma pessoa tão boa que acontece isso, por que que ele partiu assim, né? Aí naquela época eu tava na idade da revolta, e eu achava que nada disso aqui era interessante, era importante, nada, mas depois com o tempo a gente vai começando a entender que existe algo superior e que as coisas estão sempre cada coisa no seu tempo mesmo, que existe o tempo de Deus, então a gente tem que aceitar e agradecer a Deus por ter uma família dessa, por ter um lugar como esse, por elas ter a certeza de que ela vai se iniciar e vai ser uma coisa boa pra ela, pra família, pela minha sobrinha que tá aqui, porque se ela tá aqui é porque ela respeita. Se nós estamos aqui é porque a gente acredita em tudo que ele acreditou, porque... e eu acho que ele acreditou não, a gente acredita que ele tá presente, ele não está ausente, ele tá aqui com a gente, a gente sente.

03'22'' P7: Meu pai que cantava, e tem uma, eu não entendo bem, mas sei que tem uma, uma, como é? As músicas tem uma sequência, e era impressionante porque era ele quem tirava as músicas, inclusive meu pai até chegou a ser diretor de canto dos Filhos de Gandhi, que ele foi um dos fundadores dos Filhos de Gandhi também, e ele era muito respeitado também nos Filhos de Gandhi, até hoje quando alguém antigo dos Filhos de Gandhi nos encontra, fica... algumas pessoas choram lembrando dele, e a gente se emociona muito com isso, e ele quem tirava o canto até ele deixar esse mundo, as músicas eram ele quem cantava também. Graças a Deus que depois outras pessoas vieram, graças a Deus, mas isso também eu me lembrei que ele ainda tinha essa responsabilidade também.

04'10'' P4: Tem uma pessoa que canta aqui, tinha umas cantigas, que eu lembro muito dele quando ele está cantando. Quando o Cristiano começa a cantar, eu lembro muito dele.

04'18'' P7: Eu lembro também. Parece que eu me transporto para aquela época.

04'24'' P4: Exato. Eu tenho só, eu tenho graças a Deus aqui, eu tenho boas lembranças e dele cada vez que alguém fala a gente sempre se emociona porque sabe que até hoje tem gente que nem conhece a gente, mas tem o respeito por causa dele. Isso aqui acho que é fundamental em respeito por uma pessoa que nem tá aqui mais, mas que continua sendo respeitado. Isso é importante pra todos nós aqui.

04'24'' P4: 45 anos. 45 anos. É, mas pra gente não parece 45. Parece coisa mais recente

05'11'' P6: E a luta dele foi muito grande porque antigamente o candomblé não era..., era massacrado, era visto como uma coisa, pejorativa, uma coisa ruim né?, e era muito perseguido, e pra se adquirir alguma coisa pra um terreiro de candomblé era muito difícil, mas com toda essa dificuldade, como aqui sempre foi respeitado, a coisa não era levada de uma maneira como outros qualquer, que as vezes muitos não respeitavam. Então meu pai com toda luta, sempre conseguiu muita coisa pra aqui devido essa, esse respeito, o jeito dele ser, porque todo mundo ele conquistava as pessoas pela maneira de ser, calmo e sabia conversar, não era do tipo que "eu sou" na arrogância. Nunca se consegue nada desse jeito.

06'14'' P7: Uma coisa que eu lembrei, Menininha do Gantois, Dona Menininha do Gantois, Olga de Alaketu e muitos outros da época reverenciavam meu pai de um jeito que a gente...



hoje quando a gente vê assim na mídia, a gente fica pensando assim, “poxa, meu pai era de uma simplicidade tão grande e esse pessoal realmente, até hoje quando falo com o pessoal que eu conheci, a filha dele, a filha de Menininha me conheceu e ficou extremamente emocionada quando me viu, me abraçou por causa de meu pai, lembrando dele né, e ele com toda simplicidade, com aquele jeito, mas o pessoal tinha uma reverência assim que isso pra gente... Eu me lembro que alguém falou um dia desses assim: “mas vocês são tão simples”. Inclusive uma vizinha antiga disse assim, ela falando por exemplo, eu sou médica, ela é formada em filosofia e direito, Anália é formada em... em pedagoga, Adélia fez a licenciatura em nutrição, Aída é economista, minha filha fez medicina também, tem meu marido que ele é advogado e professor da universidade tal. Quer dizer, todo mundo apesar de...

07'26'' Deu uma pausa porque foi na hora em que o avião estava passando.

07'55'' Severino: Daí se puderes continuar da hora que você disse que seu marido também é professor, aí você ia continuar...

08'01'' P7: Ele também... apesar de nós termos todo mundo gra..., ainda tem um detalhe que eu esqueci que é importantíssimo, a gente falou 5 nós irmãs, porque nós somos 5 mulheres, mas tem um detalhe assim que é importantíssimo, tem um irmão nosso que é irmão, foi criado com a gente, mas a gente considera irmão de sangue. Ele é filho de um antigo ogã da casa, “Xininha”, mas eu não lembro o nome dele, como era o nome dele? A dijina?

08'30'' Deca: A dijina é Makaiandundu.

08'33'' P7: É. Ele é filho de um antigo ogã da casa, mas esse meu irmão ele foi por acaso, parou lá em casa por acaso, porque na realidade, ele seria afilhado dela (apontando para Deca), e a mãe dele, ele é afilhado, mas seria ainda, não era afilhado na época, e a mãe dele foi internada pensando que voltaria pro hospital e deixou cada filho num lugar. Como ele seria afilhado dela, ele foi ficar lá em casa por uns dias, dias foi esse que ele graças a Deus é o maior orgulho que a gente tem, consideramos como se fosse irmão, coincidentemente é filho desse ogã antigo, por sinal ele até foi receber um prêmio pouco anos atrás do pai, por ter sido, é que ele era ogã tocador, por ter sido um dos mais importantes, não me lembro bem como foi, mas ele recebeu esse prêmio né, e esse meu irmão tem dois curso universitários, a gente nem lembra que não é irmão de sangue porque as características do meu pai, o mesmo comportamento, o mesmo jeito de ser a bondade de querer ajudar as pessoas. Pra ter ideia, ele no trabalho dele, que ele trabalha muitos anos, quase todo mundo é compadre dele, tem afilhados assim de, porque as pessoas, e ele é assim, a gente o carinho que a gente tem por ele, a sensação é que ele nunca, que ele nasceu da minha mãe e do meu pai. E eu me lembro que a sogra dele dizia assim: “vocês, é impressionante a educação de vocês, até o jeito de segurar a cadeira de Zelito é igualzinho de vocês”, quer dizer o jeito educado, e graças a Deus é assim, inclusive ele tem um maior carinho por minha filha, tio super tio, e ela super, ela chama “meu tio Zé”, super, super, super. (Alguém falou alguma coisa - 10'25'') É, é exatamente, ela é madrinha da filha dele, carinho enorme. e Esse meu irmão, nós somos 6 na realidade, somos 5 mulheres e esse irmão homem que é tudo do mesmo jeito nosso, mesmo jeito de ser, mesmo comportamento. Estudou tanto quanto, o respeito é tudo igual, graças a Deus, a gente tem uma alegria enorme de tê-lo como irmão

10'53'' Severino: Ele não virá aqui hoje?

10'55'' P7: Infelizmente não. Se a gente soubesse... [ah foi, fez a cirurgia, foi exatamente].

11'08'' P7: Ela ficou no final, aí já não tem muita coisa...

11'12'' P3: Eu sou a Aída. A quinta filha. Minha dijina é Kiagama, no caso. O que eu me lembro bem daquela época, que nós vínhamos pra aqui pra brincar, aí quer dizer, a maioria das coisas as meninas já falaram né, que a gente vinha na maior satisfação, era brincando pegando fruta, eu me lembro que quando eu era pequena, que eu chamo hoje de minha neta, Jigambê, ela me colocava pra brincar na esteira e tal, e com um maior [encerra gravação]

Arquivo 0067

00'01'' P3: E inclusive até hoje eu chamo ela de minha neta, porque ela sempre me chamou de “minha avó”, e assim, quer dizer, e nós crescemos praticamente aqui. Tudo que tinha nós estávamos sempre participando e tudo, mas sem pressão, sem ter sido iniciado. Agora, de uns tempos pra cá, eu fui a escolhida entre elas né, fui escolhida e aí eu passei a receber Yemanjá, né, Kukueto no caso, mas ele sempre presente na vida da gente, foi uma pessoa assim que, a gente... é orgulho pra gente ver as pessoas falando bem, muita gente tratando a gente bem por conta dessa maneira como ele era, e por aí vai, a gente continua também com muito amor com as pessoas, continua na medida do possível procurando ajudar no que pode e é isso aí.

01'18'' P7: E de forma discreta né? Quem nos vê, tem gente que nos vê hoje pensa que a gente apareceu de repente, porque o jeito nosso se você nos ver aqui a gente tá sentado ali no cantinho, parece uma pessoa até muito..., tem gente que chegou recentemente que já tem uma visão assim, mais visualizado mas por conta do jeito de ser da gente, esse jeito sempre, tá vendo que a Aída tá falando esses anos todos a gente aqui, quer dizer agora é que ela tá iniciada, mas continuamos assim desse jeito, não temos que falar o que faz, o que deixa de fazer, nada disso, a gente faz por prazer e muita gente nem imagina que, eu acho que é uma coisa que não tem, é o jeito do meu pai, ninguém sabia o que ele fazia, ele dizia que o que a mão direita fazia, a esquerda não precisava saber, e a gente continua com esse mesmo estilo né? Que não tem necessidade de colocar no microfone pra..., não tem necessidade.

02'15'' P6: Tanto que, no dia que tava colocando a fotografia do meu pai na sala, aí uma menina ela é daqui, aí alguém falou assim: “ah, painho não sei o que”, aí ela disse: “oh, ele é pai de vocês?”.

02'27'' P4: Foi porque eu dizia assim: “ele ó, olhe pra mim, eu sou a cara dele”, que eu fico abusando as meninas porque eu que mais pareço com ele, aí eu disse “aqui ó, aqui ó, é a cara dele”.

02'37'' P?: Já viram a fotografia de meu pai?

02'39'' P?: Aí ela disse o que?

02'40'' P4: Ela disse assim, aí ela se espantou, “oh, vocês são filha dele é?”, eu disse “É! Olha aí. Olha como eu sou a cara dele”. Aí foi que ela veio saber que a gente realmente tinha uma ligação mais forte aqui dentro. Não parecia só visitas.

02'54'' P6: Cátia mesmo reclamou tanto. Cátia fica dizendo: “não é possível uma coisa dessa Anátalia você tem que fazer um livro, tem de mostrar o que ???”. Ela viu o relato de, nesse período que eu tava aqui bem umas 6 ou 7 pessoas, ou mais, que tava aqui e lá no quarto me falar, aí chegava e começava a contar coisas assim da época que meu pai fez e tal, aí ela: “gente,

eu nunca imaginei...”, é uma pena que ela não esteja aqui agora, porque ela chega a se emocionar quando fala : “gente, eu nunca imaginei, é uma figura com essa importância, com esse jeito de ser”, e, mas realmente, e eu fico muito feliz hoje quando vejo Pai Cícero, eu vejo assim, eu acho ele muito parecido, em se envolver, se preocupar. Eu digo assim: “gente, que boa aquisição Deus, Deus sempre né, quando fecha uma porta tem sempre uma janela aberta, e esse daí também é muito especial, muito, muito, muito, muito.

03’47’’ P5: Veio pra aqui menino. Ele veio. Veio pra aqui menino.

03’50’’ P6: Ele também. Tá assim sem cabelo, mas ele tinha, cheio de cabelo.

03’53’’ P5: Como é que ele vinha? Como é que ele vinha pra aqui dentro?

03’56’’ P6: Não era ele não. O outro é que vinha dentro de uma sacola. Ele veio com o tio dele que trouxe ele. Eu me lembro, quer dizer, eu não sou assim sabe, mas me lembro assim umas coisinhas, porque ele é mais jovem do que eu um pouco, pouca coisa, aí eu lembro quando ele veio pra aqui pequeno, o tio dele assim, Seu Maracanã, né, ele vinha pra aqui e vinha todo alegre, pulando satisfeito, ele...

04’19’’ P7: Jamais imaginou que ia ficar com tamanha responsabilidade. E eu fico feliz que seja ele, porque realmente ele, ele realmente abraçou de coração mesmo.

04’32’’ P6: Ele sempre teve, pelo menos, a gente percebia que como menino ele chegava aqui pulando, e à proporção que ele foi crescendo, quer dizer você sabe né, então o prazer que ele tinha e a gente via que Cícero chega aqui meu Deus, e ele tira logo o sapato, bota o pé no chão assim, e a gente, eu ficava olhando assim, na lama, aquelas coisas todas assim tudo melado, e ele na maior felicidade. A mãe dele até dizia assim: “Ave Maria, falar em vir pra aqui”... Dona Lourdes, a mãe dele, “falar em vir pra aqui, Cícero larga tudo porque aqui a roça era tudo dele, e taí, graças a Deus, mais uma vez somos felizes né. Ele realmente é, ele é especial demais pra todos, todos nós.

05’23’’ P2: Eu sou Ana Paula. Sou neta, filha de Anatólia e de Genivaldo. E todas essas histórias que já foram ditas eu sempre ouvi muito desde pequena né, e isso me deixou muito orgulhosa da importância do meu avô né, da história dessa casa, e eu sempre ouvi com muito orgulho, com muita atenção, e sempre achei muito interessante porque pra mim aqui, a roça como todo mundo chama, sempre foi uma coisa assim muito natural também. Eu lembro quando era pequena que eu vinha pra cá, que tinha as festas, eu lembro pequena eu com medo dos fogos, que ficava até tarde da noite. E uma situação que me marcava muito, que aquela zoadá, aqueles fogos, eu começava a chorar, assim a lembrança que eu tenho de pequena é essa, e aí depois eu fui crescendo, foi sendo uma coisa natural, eu fui entendendo melhor, e o interessante é que assim, eu nunca fui forçada a nada, e nunca, ninguém nunca determinou que eu tivesse que seguir alguma coisa, que eu tivesse que seguir aquela religião ou outra religião, e pra mim ficou sendo natural, eu ficava sabendo das histórias, ouvia as histórias, ouvia falar, frequentava aqui, eu não, não... atualmente eu até estou mais próxima, mas eu não frequentava, não vinha sempre, não tinha uma grande frequência aqui, mas sempre respeitei muito, sempre envolvida na família, conheço, aliás, todo mundo me conhece aqui, que eu vinha sempre desde pequena e sou muito bem recebida, sempre fui recebida com muito carinho, com muita atenção. Quando eu era pequena eu era chamada de Dona Redonda, e era por causa da bochecha, eu ficava aqui e tal, então assim sempre foi muito natural eu vir pra aqui, sempre foi bem tranquilo, natural, nunca teve..., é como se tivesse, realmente faz parte né, fizesse parte da minha vida, da rotina.

E atualmente que eu tô mais próxima, frequentando mais, mas sempre tive muito orgulho né, e muito respeito, muito orgulho daqui e muito respeito porque a gente vê que é diferente né, porque antes, esse período todo, a quantidade de terreiros de candomblé eram menores e eram... os iniciais eles tinham esse, todo um fundamento, todo o respeito né. Depois surgiram muitos outros e que aí a gente vê muito, mídia e tal, a gente vê coisas que a gente para pra comparar e vê que não é bem assim, e aí eu fico feliz por perceber que aqui o fundamento continua, a cultura continua muito forte, tudo é feito com muito respeito né, a tradição continua e isso me dá muito orgulho de minha família fazer parte e de meu avô ter feito parte do início disso tudo.

09'04'' P2: E eu sou Makota, né? De Vunji, que no caso eu fui suspensa pelos erês. Aí um belo dia eu tava aqui, e aí eu fui suspensa por eles, então é como se eu fizesse... eu sou mãe deles. Então eu sou, faz parte de cuidar dos erês. E uma coisa assim que me deixa muito feliz porque, eu sempre achei eles a parte assim bem divertida, bem lúdica, bem inocente, e sempre me diverti muito, e tive esse prazer de ser suspensa por eles. Então fiquei muito feliz e honrada com isso.

09'58'' P1: Então, eu sou Genivaldo Neves. Eu comecei a participar, a frequentar, a conhecer a família. Quando eu comecei a conhecer a família, Seu Pedro tinha 04 anos de falecido, e eu não tive o prazer de conhecer Seu Pedro. E a família é tão boa que eu estou há 41 anos, só de casado eu tenho 39 anos, com a mais velha ali, entendeu? [risos] 39 anos, a mais idosa. E aí o que eu sei de Seu Pedro realmente é através das pessoas, as pessoas mais antigas da casa, como Dona Maria, Dona Bernadete, minha mãe Olga, né, o pessoal comenta muito quem foi Seu Pedro, aquela pessoa boa, aquela pessoa interessada, aquela pessoa que lutava pelo terreiro. E num momento em que o terreiro, que o candomblé era discriminado né, além de discriminado pra se fazer uma festa tinha que se pedir autorização da Ipólicia, porque senão a polícia vinha e fechava, porque você estava incomodando, não era coisa... não era bom a religião, e ele naquele período já vem naquele período lutando, não é, para que aqui realmente fosse o que é. Falar em Bate-Folha é falar de uma coisa sem parâmetro pelo respeito, pela credibilidade, pela maneira de acolher as pessoas, não é? Aqui se acolhe todo mundo, isso é muito importante, do branco, preto, rico, pobre, então as portas estão sempre abertas, e isso foi que me cativou a continuar aqui. Gosto muito daqui, tenho muita fé, tanto é que eu vou contar uma coisa que eu nunca tinha revelado foi com relação, chega me arrepiar, foi da relação da festa de Oxalá, e a casa cheia, e eu fiquei assim emocionado né, e eu disse assim: “meu Deus, sei lá, já pensou eu ser...” [encerra gravação]

Arquivo 0068

00'01'' P1: “...já pensou eu ser suspenso, hoje, aqui?”. Quer dizer, aí eu disse assim: “meu Deus, eu vou passar vergonha”, mas não é vergonha por entrar assim não, vergonha porque a casa tava cheia, eu não saberia como me comportar. Eu disse, já pensou? E sem esperar nem nada, eu senti alguém falar: “cuidado que você pode ser suspenso”, aí eu comigo mesmo sozinho: “será meu Deus que vai acontecer isso? Não tô esperando”, e logo em seguida, Oxalá chega e me suspende, e eu não esperava.

00'29'' P1: [Genivaldo se emociona com relato]

00'35'' P1: Não sabia, e tô aqui até hoje né? Então, o que é que acontece, pra mim aqui é o segundo lar, eu tô sempre aqui. Sempre que eu preciso eu tô aqui com minha mãe Olga, com meu pai Cícero, perguntando, sabendo das coisas, tomando informação, e sempre que posso ajudando né? E todo mês eu tenho a obrigação de estar aqui. Eu venho aqui, eu venho reverenciar. Eu venho no pé de Tempo, vou em alguns quartos aqui pedir, rezar, não só por

mim, mas por toda a família, pela família Bate Folha. E a gente vê que tem realmente força, que tem realmente energia, porque aqui o terreno é muito grande e não é invasão. Outro dia eu trouxe umas pessoas aqui e me perguntaram: “Mas Genivaldo, como é que não...”, eu disse: “Mas é a força dos orixás”, porque em outros lugares, menor espaço as pessoas vão e invadem, e aqui não acontece isso. Então é a força dos orixás que realmente são os guardiões dessa casa. Que não consegue que realmente ninguém entre para perturbar, entre para incomodar, entre pra poder tirar o sossego da gente. E aqui nós vivemos realmente em paz, é uma família, não só a família de santo, mas família de sangue também, porque há uma irmandade né, há uma amizade. Agora mesmo nós temos uma pessoa mais antiga que está hospitalizada, e aqui a roça deu todo apoio, alguém vai lá e dorme, antes, agora até tem uma casa de asilo, mas antes tinha um revezamento dos filhos de santo, das irmãs, para cuidar dessa pessoa, então ia, ficava, dormia, então isso é interessante. E eu tô aqui também há muito tempo, e ainda não me confirmei, sou suspenso por Oxalá, Oxalá dela, e a família é como se fossem irmãs, tanto é que essa daqui eu elegi como mãe, eu só chamado ela de mãe, “mãe, mãe, mãe”, e aí eu acho que... não conheci Seu Pedro mas o resultado dele com Dona Francisca, gerou isso aí, gerou essas pessoas especiais, essas pessoas boas, essas pessoas que são realmente... uma vive em função da outra, é interessante, então tem aquelas zanguinhas que é normal, normais aquelas zangas, mas realmente se fecham em torno de si. Dona Francisca nem falar, é uma mãe.

03'19'' P1: [Genivaldo se emociona com relato]

03'22'' P4: Ele tava sempre à disposição dela, mesmo ela doente. Eu lembro quando ela tava doente no hospital que às vezes quando ela acordava assim, e me perguntava logo por ele, quando a gente dizia “perguntou por você”, onde ele estivesse ele ia lá pro hospital pra ver ela, ele voltava pra ficar com ela. Então a emoção dele, é que mainha era muito mãe e ele sabia que pra ele, ela era uma mãe, e pra ela ele era um filho realmente, era um dos filhos, era um filho também dela. Então a emoção dele é porque ele é cunhado, mas pra gente é cunhado e irmão, é cunhado/irmão.

04'13'' Severino: Faz quanto tempo que a Dona Francisca faleceu?

04'16'' P4: É irmão, é pai, é tudo agora.

04'18'' P4: É, agora é irmão, é pai...

04'18'' P4: Em 2011, partiu tem 05 anos.

04'22'' P7: Minha mãe era outra pessoa muito especial. Minha mãe era... eu nunca vi um casamento perfeito. Não tô falando por ser minha mãe e meu pai, de verdade, qualquer pessoa que conhecesse eles sabia. Minha mãe era de acolher todo mundo, inclusive o pessoal daqui era muito bem acolhido lá em casa, e a bondade de minha mãe era tão grande... Genivaldo assim, a sensação... quer dizer, a mesma coisa que ela era pra ele, ele era pra ela. Ele tava sempre presente na vida dela, e ela na vida dele. E minha mãe ajudava realmente...

04'59'' Pausa porque o avião estava passando no momento.

05'03'' P9: E minha avó era Makota daqui. Minha avó também foi suspensa por Tempo, deveria ser Ekede como as três, né?

05'14'' P7: Mainha ajudava assim, eu me lembro que muita gente conheci, e algumas pessoas chamavam “irmã fulana, irmã, as pessoas iam lá pra casa porque tinha luz elétrica e ia passar roupa, iam lá pra casa porque moravam não sei aonde, levava roupa pra lavar lá porque tinha água encanada, porque naquela época nem todo lugar tinha, iam lá pra casa pra passar uma noite porque morava distante e ia pro hospital no outro dia, e terminava ficando a semana, o mês inteiro, aí meu pai já providenciava o remédio, minha mãe sempre.. comida sempre tinha que ser uma quantidade... minha mãe: “pode chegar alguém!”, e chegava sempre. Teve uma pessoa que foi lá, que os filhos foram, cinco filhos, quatro aliás, foram lá pra casa por uma noite porque minha mãe soube que tavam com dificuldade de..., a casa tava sendo ameaçada porque tava ventando muito e tal, aí ia ficar por uma noite, ficaram cinco anos lá em casa. A gente... um quarto que seria... um quarto nosso [05 anos], o quarto nosso foi ocupado por eles, e não era só ocupação, era meu pai foi... olha, nós estudamos em colégio público até, porque na época era o melhor que tinha, pois meu pai, um dos filhos, que era filho da afilhada de meu pai, não gostava de estudar, não conseguiu, meu pai colocou em colégio particular, pra ele não deixar de estudar, pra poder ele... era esse nível, o nível da bondade da minha mãe também era... sempre, sempre, sempre... Aí eu me lembro que alguém disse pra mim um dia desse, disse: “olha, se vocês fizessem o esforço, o esforço [falou assim], o esforço enorme pra ser ruim, com a mãe e o pai que vocês tiveram, vocês não conseguiriam ser”, eu achei até emocionante ouvir isso, né, porque a gente nem se considera assim nessa bondade toda, mas o que passa, né, felizmente.

07'12'' P2: E minha avó, minha avó é uma pessoa especial, apesar de há 05 anos não estar mais aqui presente, mas ela é uma pessoa de uma energia muito boa, sempre ajudava todo mundo, sempre ajudava muito, e assim, eu fiquei sabendo da história dela, de toda história de ter ficado viúva com os filhos pequenos, de todo o esforço que ela teve, depois de adulta, e aí eu fiquei mais impressionada ainda porque ela era muito leve, sabe, apesar do peso da vida, das atribulações que teve, de carregar esse peso assim de ter que criar seis filhos sozinha, se virar, hoje todos formados, todos em faculdade, e aí assim, aí que eu fiquei mais impressionada ainda com ela, porque ela era leve e em momento nenhum ela se queixava da vida, em momento nenhum ela comentava do passado como uma forma pesada, uma forma ruim, tanto é que eu só vim saber de tudo que aconteceu adulta porque às vezes assim, eu ficava com ela, porque meus pais trabalhavam e eu passava o dia todo com ela, então nunca, em momento nenhum eu vi minha avó triste, se queixando, achando algo ruim da vida, então...

08'50'' Severino: Desculpa, eu só vou pedir mais uma coisa, na hora que nós terminarmos, aquela moça que tá com a cadernetinha alí oh, ela vai pegar só a sequência do nome de vocês pra gente colocar no vídeo, então eu pediria que a hora que acabar que vocês não saíssem depois, daí a gente não perde a sequência... [...]

09'19'' Severino: E uma coisa que se eu pudesse recuperar só uma coisa que me interessou que eu queria ouvir de vocês, é que a Senhora disse que havia uma relação com a Igreja Batista lá atrás né, mas independente da Batista, na família existiu alguma tensão em relação isso, às duas religiões...?

09'39'' P7: Nada. Nada, não. Na realidade não era que tivesse... veja só, minha mãe quando casou com meu pai, na realidade minha mãe ela perdeu o pai, ela tinha menos de 02 meses de nascida, e foi criada por minha avó, a mãe dela. A família da mãe dela, a família da minha avó materna era batista, toda a família, então quando minha mãe casou com o meu pai foi que veio conhecer, o lugar que ela conheceu foi aqui, o Bate Folha, mas minha mãe na realidade, minha mãe não era batista, minha mãe era católica, mas nunca teve... ela inclusive, o que chamava

atenção, que minha mãe, eu coloquei só é que, minha mãe o que chamava atenção ela disse que assim, as coisas que ela via aqui era impressionantemente verdadeiras, então pra ela que tinha um informação de outra religião, então podia ser que, não houve choque porque ela achava, ela ficou impressionada com as coisas que ela viu de verdadeiras. Ela contava muita história que, inclusive foi interessante que, eu não me lembro bem da história, mas era história por sinal, essa pessoa ele é juiz, juiz de direito, e ele teve aqui no dia da missa, e aí...

11'00'' Pausa porque o avião estava passando no momento.

11'11'' P7: Minha mãe contava muito, minha mãe sempre contava as coisas assim que ela viu, que impressionou muito ela, e foi interessante ela contando uma história, que eu não me lembro exatamente detalhe, mas era uma pessoa que era da casa mas, isso na época ainda do primeiro pai de santo, e ele acho que era professor da... não sei se era escola de 2º grau ou faculdade, não me lembro bem, era um dia de festa, e acho que Tempo falou que ninguém saísse daqui, não podia sair ninguém, mas ele preocupado que ele tinha um compromisso... [encerra gravação]

Arquivo 0069

00'01'' P7: Eu não me lembro se a história é bem assim, mas é mais ou menos, ele tinha um compromisso em dar aula, eu não sei, alguma coisa que ele tinha um compromisso na escola e aí, ele resolveu sair escondido, e, o que que aconteceu, ele não conseguiu, ele não conseguiu abrir a porta da casa e ele passou mal, inclusive, eu sei que ele tentou abrir a porta, não conseguiu, e tentou e a chave não entrou, que ele acha que precisava trocar de roupa, eu sei é que ele terminou voltando pra cá e eu não me lembro, não sei detalhe da história, mas terminou ele tendo que retornar e não pôde dar aula e tal, aí, o que que aconteceu, a minha mãe contava isso com detalhes, eu não me lembro de riqueza de detalhes, que como impressionou ela essa realidade, quer dizer, ele voltou e teve alguns detalhes aí que eu não me lembro, e aí, um dia, algum dia aí, eu tava aqui no dia da missa, ele era avô de um que, avô de um médico e de um, um... um juiz de direito. E esse juiz tava aqui, na missa, e começou a contar essa história. Eu fiquei emocionada com isso, porque ele, aí eu digo "veja, minha mãe contou". Minha mãe sempre contava isso, até comentei com ele. Disse, gente, era seu avô? Minha mãe... ele disse olha, eu tenho, apesar de eu não frequentar e tal, aqui muito, ele inclusive, um deles, que é médico, inclusive vem aqui sempre, ele é da... da irmandade nossa senhora da conceição, e aí ele tava dizendo assim: "Apesar de não frequentar e tal, muito, mas eu tenho um respeito enorme por isso aqui, eu não esqueço dessa história do meu avô". E eu digo, gente, eu fiquei muito emocionada, né. Que ele contou os mesmos detalhes que a minha avó contou. Então, o que eu comentei assim, que apesar da família lá da minha mãe, da minha avó, ser batista, minha mãe começou a entender aqui e respeitar, e apesar de não ter se confirmado nem nada, mas o respeito dela, e meu pai nunca também impôs nada, era ela que sempre quis... olha ele... o avião. [ruídos] Ela, ela realmente, o reconhecimento era dela, de tudo que aconteceu, mas não havia conflito não, nenhum. Nenhum, nenhum.

2'31'' P5: É, quando Genivaldo falou aí a questão da repressão, eu me lembrei que ela contava também uma história sobre, a questão da... alguém queria entrar, invadir aqui, era invadir pra acabar com a festa e disse ele não achava o caminho pra entrar. Ele se batia, se batia, entrava e saía, e não conseguia entrar.

2'50'' P7: Ele acabou com muito candomblé, mas aqui ele não conseguia entrar, diz que ele, que ele, porque na época não existia carro, era cavalo na época, e eu ouvi também outras pessoas

contarem depois, aí mainha contava que ele tentava subir aí, e voltava, o cavalo caía, ele caía do cavalo. Mas diz que não conseguiu, acabou com muito... então ela contava isso dizendo assim “realmente, mesmo que eu não quisesse...” ela até falava assim “eu sou igual a são Tomé, eu tenho de ver pra crer. Mas mesmo que eu não quisesse, eu não tinha como não acreditar no que eu vi, porque eu vi, eu realmente vi”. E isso, claro que a gente, e minha mãe do jeito que tinha credibilidade, era emocionante pra gente. E a gente continua com essa credibilidade.

3’36’’ P1: Conta nos livros, que nós fizemos, na pesquisa de mestrado já têm essa história, que ele não conseguia chegar, e nunca conseguiu chegar, “eu vou acabar o candomblé do Bate Folha” e nunca conseguiu chegar aqui. Ficava pelo caminho, nunca conseguiu acabar.

3’50’’ Severino: Era o teu estudo?

3’51’’ P1: Não, foi na época do mestrado, e aí, estudando vários autores, já consta esse relato, dessa situação. Que ele não conseguiu chegar aqui no Bate Folha, ele tinha intenção de acabar o terreiro, a festa do Bate Folha...

4’05’’ Severino: Testando a fala...

4’06’’ P1: Isso, isso. Justamente. Reforçando isso aí. E aí, só pra encerrar, não sei se pra encerrar, com relação a Francisquinha, do jeito que ela é tão... tão especial, que eu chegava em casa, não chamava dona Francisca... [Ele se emociona]. Eu chamava assim “Francisquinha”, “Fisquinha”, “Fisquinha”, o tempo todo. E ela também, tudo que eu pedia... eu nem pedia, só ela pensar, ela já fazia. E o mesmo caso também, a família. Eu não posso sentir nada, sentiu uma dor de dente, pessoal vem e me acolhe. E também Waldelice, que é especial, muito boa, muito tranquila, é como e fosse também uma segunda mãe, cuida da gente, aquela preocupação e... não têm mais pra falar, é só isso aí.

05’02’’ P7: Eu digo a ela assim, eu, uma obrigação entre aspas, né. Um dia desses mesmo, têm alguns dias atrás, eu tava indo pra um exame meu que eu ia fazer, aí falei com minha irmã, minha irmã disse assim: “ah, eu ia fazer alguma coisa mas não vou, vou voltar porque Deca tá sentindo muita dor”. Eu imediatamente fui na farmácia, peguei a medicação, fui aplicar nela e fiquei lá aguardando ela melhorar, ajeitei e tal, isso, aí ela fica todo preocupada, ela é tão boa, que ela fica, “mas Anatália, você tem esse trabalho comigo”, não é trabalho não. Isso aqui é uma obrigação, mas é um prazer. Minha filha então, é assim, doida por ela também. Mas ela é... é... Ontem mesmo foi o aniversário de Genivaldo, o gente, ela se preocupou e anteontem já tava entregando presente a ele, dando um jeito de... e ela reconhece né. Ela disse mesmo “eu sei”, ele também se preocupa com tudo. É, ele às vezes “Ixi, me esqueci o leite de Deca”. O leite, vou comprar. Essas coisas assim que são... E a gente, por exemplo, ela não tem plano de saúde mas a gente leva pro médico, paga consulta, faz exame particular... Exame as vezes, peço pro laboratório, pra evitar deslocamento dela, quer dizer, qualquer sacrifício, é, não é sacrifício pra gente, por que ela merece mesmo. É outra que foi criada pela minha avó. Mas é como, o estilo dela, o pessoal fica admirado, é o estilo da gente. Discreta, não gosta de fofoca, gosta das coisas certinhas, o mesmo jeito educado de ser, quer dizer, é impressionante como, meu pai dizia que a casa dos pais é a escola dos filhos, e é verdadeiro mesmo porque o estilo... não é que a gente seja melhor do que ninguém, mas a gente procurou seguir realmente o jeito de meu pai, simplicidade, né, essas coisas que a gente considera que é importante...

06’52’’ Severino: Deca não quer falar um pouco?

06’53’’ Deca: Ela já falou por mim. É a mesma coisa. [risos]



07'11'' P7: Sobre meu pai, como era meu pai com você...Minha avó....

07'14'' Deca: Ele era muito bonzinho, eu quando eu cheguei lá pra sacada, eu cheguei pra lá com dois anos, ele era rapazinho. E aí, quem me criou foi ele mais a mãe dele, mais a Valdete. Ela morreu, minha mãe, ela morreu em 52, 51 parece, me deixou com 18 anos e a mãe dela continuou a me, acabou de me criar. Entendeu? E aí eu fiquei, fui acostumada com elas aí... [teve a filha?] Então eu não tenho o que dizer não, viu. Foi tudo muito bem e pronto. Vim pra aqui também, eu vim pra aqui, eu vim pra aqui com 25 anos, fiz santo com 25 anos. E nem sabia o que é... nem andava em candomblé nem nada... De repente me mandaram pra vim trazer uma carta, sei lá, um recado, [algum nome que não entendi] sabe mais essa história aí. Cheguei aqui e fiquei até hoje, não tenho o que dizer de ninguém, todo mundo me trata bem, viu. Pra mim tá tudo, tudo bem. Gosto muito daqui, gosto muito daqui mesmo, não tenho... não tenho o que dizer....

08'40'' P7: A filha dela é que tava aqui, cadê Deca? Cadê Nalinha. Chama ela aí?

08'50'' Regivaldo: Meu nome é Regivaldo Martins da Silva. Com relação ao acesso, eu desde pequeno minha família era... outros já não estão mais, a minha família antiga todo mundo já se foi, os mais novos que chegaram ninguém deu, levou adiante. Eu já fui, era suspenso, desde a idade de sete anos. Aqui chama Nkisi, mas em outro lugar chama Orixás, pela mesma Oxum, mas eu nunca quis me aprofundar com o Axé. Ajudava, algumas coisas, na casa de minha avó, na casa dos outros que eu ia participar, mas nunca quis éééé, me aprofundar muito. Essa senhora aqui fez o meu primeiro bolo de aniversário, ela me conhece desde pequeno, nunca, num conhecia a filha dela que hoje é minha esposa, temos mais de 20 anos juntos e eu venho pra aqui só pra apreciar e vinha, vindo uma, vindo duas, vindo três, fui suspenso pela mesma Nkisi, Oxum aqui. Mas nunca quis me confirmar. Aí de uma hora pra outra, [?] têm que ser agora aí eu falei agora 05 de dezembro, vai fazer um ano de confirmado, tô feliz de tá aqui numa casa dessa aqui, de grande respeito, lá fora eu não sabia como o Bate Folha lá fora é respeitado, porque, depois que eu comecei a usar branco algumas pessoas ficou me perguntando: “venha cá, você tá fazendo curso de enfermagem?” aí eu disse: “por que?”, “Não, porque negro quando tá assim de branco o tá fazendo curso de enfermagem...” “ aí eu disse “meu amigo, eu sou do Axé, por que? Meu branco tá lhe incomodando?” aí ele “não, você é da onde?” eu: “sou do Bate Folha.” “Bate Folha? Ah, me desculpe, não sei que”, aí foi a partir desse momento que eu vim ver como o Bate Folha é respeitado, como é uma responsabilidade muito grande, eu fico feliz de ter assim um pai maravilhoso, que tá sempre de braços abertos, quando eu pergunto uma coisa a ele “meu pai, é assim e assim”, ele nunca diz não. Minha mãe também, pela outra forma, meus irmãos aqui, me abraçam, me chamam, me dão conselho. Então eu nasci, renasci, renasci de novo, hoje eu sou uma pessoa totalmente diferente, é... to certo das minhas decisões, do que eu posso fazer e depois que eu me confirmei, as coisas pra mim, as portas se abriram.

Arquivo 0070

0'01'' P10: As dificuldades desapareceram pra mim. E é tanta coisa que eu fico assim besta, cair de mão beijada na minha mão. E em relação a essa família aqui, eu fico feliz de estar hoje participando desta família. Não conheci seu Pedro, mas conheci Dona Francisca. E... Vou dizer uma coisa pra vocês, o que meu parente nunca fez por mim Dona Francisca fez. E hoje eu sou grato, o que eu puder fazer por esta família eu faço. Faço de coração, porque o que ela fez por mim, o que eu fizer pelas filhas dela, pelas neta dela, não vai pagar o que ela fez por mim. E, eu digo assim às meninas: olha, eu não tenho grana, mas se precisar da minha presença, pra dar um apoio, estar junto com elas ali eu vou tá. E ressaltando outra coisa dessa família, além de

Genivaldo, que é suspenso aqui; Zé Lito é suspenso, o irmão dela; Paulo, o marido de Adélia é suspenso; Edson, o noivo de Anália também é suspenso, então, há um laço muito grande desta família com o Bate Folha. É uma coisa que eu não sei dizer não. Meu filho, hoje perto aqui... eu não sei de minha filha, que eu tenho um casal... de filha, eu não sei de minha filha futuramente... mas a coisa pra mim tá sendo deslumbrante aqui dentro. A cada dia que passa eu vou aprendendo mais. E há uma responsabilidade grande quando eu falo assim. É uma coisa que... é inexplicável, eu não sei o que falar mais. Obrigado por tudo.

2'18'' [Ruídos. Falas inaudíveis]

2'37'' Severino: O nome completo, por favor, só pra... Ruídos

2'43'' P1: Pode dizer?

2'43'' Leonardo: Pode!

2'44'' P1: Genivaldo Silva das Neves.

2'47'' Leonardo: Pode falar o parentesco pra gente entender também?

2'50'' P1: Sou casado com a Anátalia Neves, e aqui é Ana Paula que é minha filha.

2'56'' Avião. Falas inaudíveis.

3'19'' P2: Meu nome é Ana Paula Soares da Silva Neves. Sou neta de Pedro.

3'31'' P3: Eu sou a Aída Soares da Silva. Filha número cinco de Tata Djineuanga, e neta de Kaloíá, primeira filha de Iansã da casa.

3'52'' P4: Eu sou Adélia Soares da Silva Bastos Santos. É... eu sou a quarta filha de Pedro. Tata Djineuanga e Francisca Soares da Silva.

4'10'' P5: Sou Anália Raimunda Soares da Silva. Terceira filha de Pedro Ferreira e Francisca. E... neta de Kaloíá.

4'27'' P6: Eu... Alaíde Soares da Silva, filha de Pedro Ferreira e Francisca. Pedro, terceiro Pai de Santo do Bate Folha e com nome de Tata de Djineuanga. E neta de Kaloíá, Maria Mercedes da Conceição.

4'45'' P7: Eu sou a Anátalia Soares da Silva Neves. Filha de Pedro Ferreira da Silva e Francisca Soares da Silva. Meu pai, Pedro, digina Djineuanga, e neta de Kaloíá, Maria Mercês da Conceição.

5'04'' Ruídos

5'04'' Cícero: O nome da Senhora vó...

5'06'' P8: Deca.

5'07'' Cícero: o nome da Senhora todo vó.

5'08'' P8: Waldelice dos Passos.

5'12'' Conversa paralela e ruídos

5'19'' P10: Meu nome é Edvaldo Assis da Silva. Meu nome de batismo aqui dentro é Tata Ualembala. Pai de Dandalunda.

5'33'' P7: Pessoal, eu ia falar...

5'36'' Pode Falar!

5'39'' P7: Eu esqueci... É a idade... Eu esqueci o que ia falar. Não, não, tudo bem. Eu peço até desculpa, porque, eu conversei demais, falei até demais. Eu já falo muito. Eu já falo muito. Eu tava preocupada... mas eu tava dizendo assim tomara que ele limite porque este assunto é essa coisa assim, de muitos anos atrás, quando vem no pensamento da gente é impressionante. Muito obrigada, viu!? Muito obrigada...

**Nome(s) do(s) entrevistado(s): Valmir, Marco Antônio, Marcos Vinicius, Everaldo, Cristiano, Leonardo, Sanjo**

**Nome(s) completo(s): Valmir França, Marco Antonio Nogueira, Marcos Vinicius Silva Maia dos Santos, Everaldo de Souza Santos, Cristiano Marcio de Jesus Santana, Leonardo Gomes dos Santos e Sanjo dos Santos Cardoso.**

**Data: 28/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00071\_1**

**Transcrição feita por: Laila Maria Nery**

**Photo dos entrevistados:**



Arquivo 00071\_1

1'34'' Valmir França: Tata Kitenkuê: Meu nome é Valmir França, sou o Tata Kitenkuê, tenho 62 anos, e meu envolvimento com a roça veio desde 1984, nesse período eu comecei a frequentar a roça através de um convite feito por minha tia Valdelice que tem a dijina GUITARI, kitaiano, que as pessoas conhecem como MBamburusema ou Yansã, eu vim pra cá pra poder participar de uma festa, conhecer, e fui vindo várias festas depois, e tendo atividades com ela, externamente, aqui no Bate Folha e nós fomos nos envolvendo com a proposta da roça, fui me envolvendo, fui conhecendo as pessoas, o espaço, e daí em 1994 eu me confirmei Tata Kitenkuê e meu envolvimento com a roça é nos momentos de participar das atividades, é estar presente e honrar o nome da roça fora deste contexto.

2'47'' Marco Antonio Nogueira: Meu nome é Marco Antonio Nogueira, dijina de Nkisi, Tata Nembakala, 65 anos. Meu envolvimento com o Bate Folha, deu-se através de uma filha de santo da casa cuja dijina de Nkisi é Meãnessi, e a partir daí foi se inteirando cada vez mais, e mesmo sem uma reflexão maior eu fui me deixando ficar, aqui estou e pretendo ficar até o final dos tempos.

3'23'' Marcos Vinicius: Meu nome é Marcos Vinicius, dijina de Nkisi Kamussengue, sou irmão de barco de Nembakala, tenho 29 anos e estou confirmado a 21 anos, minha vida aqui desde criança, desde a barriga da minha mãe, fui apontado já na barriga, fui suspenso com meses de nascido e minha trajetória foi aqui dentro do candomblé, nunca saí pra terreiro nenhum, sou uma pessoa que visito poucos candomblés porque a maior parte dos tempos eu prefiro dedicar a roça, então, passei um tempo fora, não aguentei e voltei de volta pra minha casa.

4'25'' Everaldo de Souza Santos: Everaldo de Souza Santos, dijina de Nkisi Kidimakagi, eu estou aqui desde dois anos de idade, tenho sessenta anos agora, fui trazido pela minha tia Tuandelê e minha mãe falecida e desde então nunca abandonei o terreiro, sempre dedicado às

obrigações, meu filho já está aqui no terreiro, minha filha provavelmente também vai iniciar aqui no terreiro e estou satisfeito com a minha vida, dedico ela totalmente aqui ao terreiro.

5'18'' Cristiano: Eu me chamo Cristiano, dijina de Nkisi Kiambeçú, a minha trajetória no Bate Folha se iniciou através de Dona Olga, Nengua Guanguacesse onde a minha tia carnal era dona de um mercadinho aqui no bairro e minha mãe Guanguacesse era cliente, então eu tinha uns 4 anos de idade quando ela perguntou se D. Olga poderia me criar, então foi aí que D. Olga me aceitou como filho e hoje estou aqui no Bate Folha, me iniciei em 2004, aos 17 anos, hoje sou a pessoa que estou à frente dos engomas da casa, sou o tocador responsável hoje pela roça.

6'11'' Leonardo: eu me chamo Leonardo Gomes dos Santos, dijina de Nkisi Tata Balumunan, frequento o Bate Folha desde criança, cheguei aqui através de minha avó que é iniciada aqui, Nengua Ritari de Matamba, me iniciei em 2004 juntamente com o meu irmão de barco, fui iniciado a Kavungo, e estou aqui toda a minha vida praticamente, cresci aqui dentro dessa casa e aqui sigo minha trajetória de axé dentro dessa casa, iniciado por Matamba, emprestado praticamente para o mundo do candomblé, mas satisfeito com a minha casa e sempre aqui.

6'59'' Sanjo: Meu nome é Sanjo, dijina de Nkisi Kizenji, 4 anos, (foi trazido pela sua avó, pela sua mãe) e pelo meu pai eu acho, não sei mais perguntas.

7'34'' Beto: Eu queria ser uma pergunta, que cada um se definisse como ogã, o que significa ser ogã aqui nessa casa?

7'54'' Valmir França: Bom, ser um Tata, aqui na roça a gente chama de Tata, ser um Tatá, significa pra você uma responsabilidade, já que nenhuma religião que eu tenha conhecimento a divindade aponta você como uma pessoa indicada, então a partir disso tem várias responsabilidades né, através do seu Nkisi e da sua forma de pensar, da sua forma de, da sua casa, do respeito com a sua casa, como você se posiciona fora, então é um conjunto de coisas que um Tata tem que ter, não só responsabilidade dentro dela, mas também fora dela.

8'35'' Marco Antonio: Na minha opinião, na minha convicção, a responsabilidade de Tata passa por tudo que o meu irmão já disse, mas principalmente pela convicção e pelo engajamento. (9'00'' avião passa - pausa 9'21''). Ser Tata é ter compromisso e engajamento com a sua religião, claro, que nós temos uma série de tarefas de ordem práticas que somente nós, dada a nossa condição, é que podemos realizar, então, daí pra frente só cada um está se relacionando com a sua convicção religiosa, mas resumindo, pra mim essa é a grande responsabilidade de um Tata, é ele estar ali disposto a realizar o que a ele for atribuído.

10'18'' Marcos Vinicius: Na verdade, eu como... quando me foi me dado esse cargo, porque eu sou o Tata Kambando, então pra mim foi um pouco difícil, porque quando foi atribuído esse cargo pra mim eu tinha 8 anos de idade, então independente de ser mais velho que alguma pessoa, eu posso citar aqui meu irmão, eu sou mais velho que ele no santo, mas ele é mais velho na idade, então, na verdade as coisas que eu aprendi foi com os mais novos, entre aspas, mas mais velhos na idade, então foi difícil, mas hoje a gente é uma casa que a gente se respeita muito, todos os ogãs e a gente, todos aqui sabem o que significa ser um Tata e todos continua lutando para não deixar essa responsabilidade cair, até hoje não caiu, a casa vai fazer cem anos, até hoje não caiu, e de forma nenhuma, nem hoje, está passando pela administração de outro pai de santo, mas não vai cair nem hoje e nem nunca, isso eu acredito.

11'48'' Everaldo: é uma responsabilidade muito grande porque precisa ter amor e dedicação, você tem que abdicar de muitas coisas sociais fora daqui seu convívio com seus amigos, fora da roça, muitas obrigações frequentemente, aí vários finais de semana você tem que tá aqui, tem que cumprir os resguardos, e tal e tal, isso tem que ter amor e dedicação, se não, não adianta, to muito feliz, cumpro minhas obrigações, junto com meus irmãos, sou muito, muito feliz. Tá tudo ótimo.

12'37'' Cristiano: Bem, na minha opinião, quando se diz que você é um Tata, você passa a ser a visão daqueles que dormindo por alguns minutos em alguns momentos estão entre aspas "em outra dimensão", tá possuído por alguma Nkisi, e todas as responsabilidades a quem você é atribuído.

13'07'' Leonardo: Eu em particular, quando iniciado, me foi dito pelo Nkisi à minha avó que eu seria o cambando de Xicarangoma da casa, sou seja, que eu seria a pessoa responsável pelo canto, o que nós chamamos de dar nó ao Nkisi e assim ser um tata a nível de Bate Folha, significa mais do que tudo carregar essa responsabilidade do meu nome, do nome da minha casa, do nome da minha avó, dos Nkisis que eu cultuo dentro da minha casa e acima de tudo, do candomblé, ter essa preocupação com tudo que eu vou fazer, com tudo que eu vou falar, com os meus posicionamentos, tanto para com a casa a qual sou iniciado, quanto para com as casas as quais eu tenho uma coparticipação, tal como amigo e tudo mais, então assim, ser esse ogã do Bate Folha, ser tata do Bate Folha, é ser mais do que tudo, com dimensão muito ampla, uma pessoa consciente, dentro do axé.

14'26'' (Leo pede para que Leonardo repita a fala)

15'20'' (Repetindo) Bom, ser um Tata do Bate Folha, pra mim, além de tudo é ser um tanto quanto que consciente, tanto para com as atribuições que me foram dadas dentro da minha casa, quanto para com as atribuições que me foram dadas dentro de casas de amigos com as quais eu tenho coparticipação, e além de tudo isso eu tenho que ter ciência de tudo que eu carrego, o nome da minha casa, o nome da minha avó, o nome da Nkisi que me fez um Tata, e com todas as questões ligadas ao candomblé que é uma das coisas mais importantes, acredito eu, para todos os filhos do candomblé, todos os adeptos do candomblé.

16''07' "Ser um tata a nível de Bate Folha significa mais do que tudo carregar essa responsabilidade, do meu nome, do nome da minha casa, do nome da minha avó, dos Nkisis que ocupam dentro da minha casa e, acima de tudo, do candomblé, essa preocupação, com tudo que eu vou fazer, com tudo que eu vou falar, com os meus posicionamentos, tanto para com a casa, a qual eu sou iniciado, tanto para com as casas das quais eu tenho uma co-participação, tal como amigo, e tudo mais, ser esse ogã do Bate Folha, esse tata do Bate Folha, é ser mais do que tudo, é ter uma dimensão muito ampla, e ser uma pessoa consciente."

16'19''Sanjo: Bom, ser um Tata, assim, é respeitar os mais velhos, ter a consideração com os mais velhos (...) demonstrar que eu confio no mais velho. Eu também percebi que ser ogã é muito bom pra mim e também além de ser bom pra mim, os orixás me protegem, quando eu tenho medo de alguma coisa, de cair assim, aí eu penso nos orixás, aí não sinto medo mais e sigo em frente.

17'06'' Beto: Alguém gostaria de fazer uma fala...Ruído de avião

18'29'' Valmir França: eu queria registrar uma questão que é... tem uma questão que eu queria colocar que é além do terreiro ter sido tombado, que é um terreiro dessa dimensão, eu acho que tem uma questão que é sempre fundamental pra gente, que é a questão da intolerância religiosa, que é a questão dos grupos chamado neopentecostais que agridem o candomblé e agridem nossa religião, nós temos uma postura tão firme aqui que eu realmente não tenho notícia de casos sobre esses grupos, já que existem grupos que querem jogar sal, jogar enxofre nos terreiros, nunca vi aqui, porque além de ter uma postura da nossa crença e da forma que nós cultuamos as Nkisis e também temos uma forma de dizer pra essas pessoas : aqui não, racismo aqui não, intolerância aqui não e também é um exemplo para outras organizações e outros terreiros terem o mesmo perfil, o perfil que tem outros terreiros que também já foram tombados como casa branca, terreiro Ilê Opô Afonjá, enfim , outros terreiros que estão mais próximos da gente e terreiros pequenos, eu ando por aí e vejo que quando as pessoas sabem exatamente do meu cargo aqui no Bate Folha como tatá eles tem curiosidade de saber, ou então alguém já veio aqui ou então os parentes antigos já conhecem pessoas antigas, então, o Bate Folha, ele é uma reserva, uma forma muito peculiar de representar as culturas e também as religiões de matriz africana, e também uma reserva de respeito a dignidade, e também acho que além da postura dos tatas e também, das Makotas e dos Ogãs (avião) (...) a postura e o grau de auto estima inestimável, que a pessoa às vezes que vem aqui na roça e se apaixonam pelo conteúdo, não só pela festa, mas pelo conteúdo, como ela se dá, pela forma, como é que as pessoas aprendem, acho que o Bate Folha e as novas pessoas que virão que darão justamente esse patamar e fixarão também para a nossa sociedade brasileira que a intolerância religiosa não é bem vista em lugar nenhum e também aqui no Bate Folha.

21'22'' Marco Antonio: Eu gostaria de deixar registrado primeiramente o meu agradecimento, em ter sido aceito por ter sido aceito por esta sociedade, por esta igualdade, então fica aí, esse é um empenho meu em deixar realmente registrado o meu agradecimento e quero dizer também, onde quer que veicule esse trabalho quero dizer também que casa de candomblé não é meramente o local onde se pratica candomblé, se observarmos historicamente, as casas de candomblé são enormes repositórios da cultura afrodescendente, é um local que passeia de forma marcante, determinante na formação identitária, há aqui um campo de batalha permanente contra a discriminação, contra o racismo, mas atendendo um grande acolhimento e no meu entender, na minha ótica, isso deve transcender os muros não só do Bate Folha, mas de toda casa de candomblé,

22'47'' então esse registro eu gostaria de ter feito e agradeço a oportunidade de ter feito, de se enxergar que casa de candomblé, não é meramente um local onde se pratica um rito litúrgico, religioso, não, existe muito mal dentro dessa circunscrição, nos entornos, é que se percebe, o Bate Folha, apenas como exemplo, não vou demorar muito, teve a primeira escola dentro de uma casa de candomblé, era uma escola de alfabetização, apenas pra ficar registrado que o papel social nas casas de candomblé, eles são sim, existentes.

23'33'' Marcos Vinicius: queria só deixar registrado que, responsabilidade com o candomblé, ou com sua religião, qualquer que seja, é muito importante, porque, na verdade, a pessoa gostar do folclore é uma coisa, e a pessoa gostar, e amar a religião é uma outra coisa completamente diferente, então, eu tenho um espelho imenso de pessoas aqui da minha casa, isso aí eu falo com convicção, todos da minha casa tem responsabilidade com a religião, acredito eu aqui ninguém tá aqui dentro porque acha a religião bonita, porque vai botar uma roupa, uma saia, bonita, aqui estamos com responsabilidade porque adoramos a religião, adoramos nossos Nkisis e uma coisa muito importante aqui no terreiro Bate Folha é que geração em geração, desde seu Bernardino, vem passado o que ele fez há cem anos atrás a gente continua fazendo até hoje, a gente não

muda, já passaram, se a gente for contar aqui da pra contar no dedo quantos pai de santo já passaram aqui e hoje ta sobre a administração pai Muguanxi e ta a mesma coisa desde quando seu Bernardino fundou a casa e então, a responsabilidade que a gente tem, a gente foca nisso, responsabilidade sempre, eu fui iniciado criança e sempre tive essa responsabilidade, sempre contrito com o santo.

25'44'' Everaldo: a gente não tem só responsabilidade com os Nkisis, com a casa, a gente tem a responsabilidade com a doutrina, de seguir a doutrina dos nossas antepassados, de não mudar nada que eles fizeram, a gente segue a regra, sempre do que eles deixaram pra gente de legado, além disso de formar cidadãos e cidadãs, a gente tem essa meta também, além de ter nossa parte religiosa a gente também tem essa parte de formar cidadãos e cidadãs porque é importante na religião a gente agregar esses valores, e a gente segue com isso apesar de , cada um ter sua cabeça mas a gente segue com esse norte.

26'40'' Cristiano: queria deixar registrado nesses cem anos de Bate Folha, acho que todos aqui devem ter ganhado imensas qualidades, logo você vê um terreiro como o Bate Folha, uma família, que tem o que nós temos aqui, o dia-a-dia, nossas obrigações, isso a gente só tem a ganhar com todas essas diversidades e agradecer intensamente ao Bate Folha pela oportunidade de fazer parte da casa, de hoje ser um tata, de hoje ter a responsabilidade de estar a frente dos engomas e dizer pra todo mundo que eu sou um tata Bate Folha.

27'41'' Leonardo: bom, primeiramente eu gostaria de deixar registrado meu agradecimento a dona dessa casa, a mãe MBamburusema voa, uma Nkisi que norteia toda a nossa existência enquanto filhos do Bate Folha e deixar claro em palavras simples que candomblé não é só batuques e remexos, não é só terno bonito e saias bem enfeitadas, o candomblé ta um tanto quanto para além disso e dentro da minha experiência vivência dentro do campo Bate Folha nós temos alguns pilares, como o culto a família, as famílias, as diversas formas de se estruturar uma família, porque eu aqui não tenho um pai biológico, não tenho uma mãe biológica, mas tenho um pai e uma mãe espiritual, eu tenho irmãos, eu tenho primos eu tenho tios, eu tenho toda uma estrutura de uma família religiosa e deixar muito claro, creio eu, nas minhas palavras, que o candomblé mais que um ambiente de culto, o candomblé é um território de uma convivência híbrida, e quando eu digo uma convivência híbrida eu digo que nós convivemos entre homens, mulheres, crianças, nós convivemos entre brancos e negros, nos convivemos entre heteros e homos, nós convivemos com o sincretismo, nós convivemos, nós o tempo todo estamos convivendo, nós co-habitamos o espaço junto com todos os tipos de diversidades, e pra mim em visão terreiro Bate Folha, de candomblé dentro do espaço de salvador que é o que eu vivo, a minha realidade, o candomblé é realmente isso, um espaço de afirmações e de resistência.

30'19'' Sanjo: Eu quero deixar registrado o agradecimento de me receberem como filho aqui, um filho bem criado da barriga, me considerar, eu quero deixar registrado que me respeitam e que eu respeito eles e eles também tem que me respeitar, entendeu, assim, e também quero agradecer a minha mãe e também quero agradecer a meu pai Cícero, minha avó, Guanguacesse, minha mãe e também quero agradecer aos meus irmãos, e primos e tios, quero agradecer a meu pai, assim, que me ensinou a tocar atabaque, eu vou ter que ouvir e olhar ao mesmo tempo aí depois eu pego o ritmo e toco, eu tenho que agradecer a ele, obrigado.



**Nome das entrevistadas: Marinalva e Amélia**

**Nome completo: Marinalva Bispo dos Santos e Ana Amélia dos Santos Cardoso**

**Data: 28/10/2016**

**Nomes/localização dos arquivos: 00075\_1**

**Transcrição feita por: Elisama Correia e Carolina Correia**

**Photo das entrevistadas:**



Arquivo 00075\_1

0'01" Marinalva: Aí daquela época receber cargo, cuia não sei o quê, aí me deram uma nota que era uma nota... era uma senhora nota, só de tecido era cinquenta metros, naquela época. Aí leva eu, que realmente eu ganhava como funcionária relativamente bem, comprei tudo, era caixas, pilha, pilha de caixote de barro de não sei o quê. Faltava três dias pra minha festa, já tinha pintado barracão, tudo. Quando eu vou pro banco, aí naquela época, não me lembro quando, 1980...80! Fui ao banco Bradesco tirar o dinheiro pra levar pra comprar os animais e tô com minha bolsa aqui no telefone, falando: (nome de alguém) - Diga minha filha, eu digo olha, eu já tirei o dinheiro, tô indo pra aí agora, pode me esperar, aí ela fez: - Tá, tá todo mundo aqui lhe esperando. Quando eu tô falando assim a bolsa tava indo pra trás e eu não sentia, quando eu botei o telefone que voltei assim, a bolsa caiu, e eu olha, já se foi um monte de dinheiro embora. Aí eu volto a ligar pra ela, ela disse: - Venha pra cá que a gente conversa. Aí catei as moedas que tinha e fui. Isso que me fez desacreditar mais ainda. Quando eu cheguei lá... umas coisas assim... que não entravam no meu feitio, que eu vi. Aí ela chegou com as palavras assim mesmo: - ah, minha filha, tenho nada que ladrão resolva, roubou seu dinheiro não, agora a festa já perto?! O que é que eu vou dizer ao povo que convidei? Você se vire! Você é funcionária, ganha bem, se vire. Aí eu cheguei, meu pai pequeno que era Nilsinho que era da minha mãe de santo que morreu... eu aí falei com ele: olha, ela disse essa expressão pra mim, se vire. Primeiro que eu não sou prostituta, segundo não ganho dinheiro fácil, não vou tomar dinheiro emprestado no banco. É sinal que Yansã não quer essa casa, pronto! Cheguei em casa, falei com Nilsinho, falei com finado Benzinho, que teve uma homenagem grande da câmara, e disse a ele, liguei pra Joca e tava doente, aí não pôde me atender, aí eu deixei tudo lá. Aí então eu pego e falo com Pedro de OYá. Aí Pedro de OYá em três dias morre, volto e falo com Joca, ele já tinha saído do hospital: e aí meu pai, o que eu faço? E eu já tinha quarto de santo dentro da minha casa, que eu tava fazendo, arrumando pra trazer o santo. Ele aí fala pra mim: - vou mandar (não entendi) e ela vai olhar o que você tem e depois que ela falar comigo a gente resolve. Ele deitado. Elas foram, quando chegou lá era grande, tudo arrumadinho, mas não era conforme as coisas daqui. Ela fez, minha filha, faça sua obrigação aqui em sua casa, você tá em casa... aí eu disse a ela: oh minha mãe, eu não queria aqui porque, eu já tava no segundo marido, meu marido quando bebia ele ficava pelado, tivesse quem tivesse ele entrava pelado, gostou gostou, não gostou não gostou, ele pelado e pelado mesmo, ele sentava ele andava, era uma

inferno. Eu disse esse homem quando beber pelado o que é que eu vou fazer, meu Deus do céu. Voltei pra Joca e falei, eu digo não. Eu vou levantar Yansã e vou levar pro Bate Folha, isso já tinha vinte e tantos anos. Quando levantei aí então pra tirar era caixotes de coisa de barro, era um exagero. Aí minha mãe foi comigo, tirou Yansã, me ensinou, botou no balaio, tirei do guarda roupa, que ainda tava no guarda roupa pra levar pra lá, pra casa de Sambadiamongo, que é raiz aqui do Bate Folha. Tirei, botei tudo na caixa, vim, aí... ainda tem realmente coisas daqui que foi há cinquenta e quatro anos atrás.

5'00" Aí então ele fez, é minha filha, aqui é o seguinte, é diferente, não é nada o que você tá pensando. Aqui não se viu, não se vê, não se fala e nem se diz. Você pense bem pra você entrar aqui, porque quando você entrar você não vai ficar um mês nem dois, você vai ficar mais. É recolhida, porque tem que tirar a mão da cabeça e.. é como você fosse fazer novo santo e começar tudo de novo. Pronto, aí passou... fiquei três anos sem receber um fio de palito na cabeça. Vieram sapato alto pra cá, sapato alto pra cá, atendia todo mundo, Yansã não me pegava... e já Yansã aqui, nada. E aí que é que eu faço, é não tenho Yansã não, graças a Deus ela não vem ou... não vem mais, não vem mais. Rapaz, um dia eu tô numa festa de Tempo, aí cantaram: tempo ééé tempo ááá eu aí, pá. Yansã vem. Quando Yansã vem aí me leva lá pra dentro, meu pai mandou aguardar, que tudo dele era tudo certinho, bem antigo, perguntou depois: minha mãe, a senhora está na sua casa, a senhora vai querer seguir o regulamento desta casa? Aí ela respondeu, sim! A senhora vai fazer tudo? Porque aqui ninguém diz nada a ninguém, o que mandar? Ela disse... balançou a cabeça. A senhora pensou bem? A senhora ou Marinalva? Ela tornou a balançar a cabeça, ele fez: pode despachar Yansã. Aí minha mãe veio e despachou Yansã. Aí começou, olha, isso, isso e isso... ia entrar um barco de duas meninas, aí elas entraram.. aí eu perguntei: por que é que não vou entrar junto com elas? Seu caso é outro, não é o dela, ela é nova e você é velha. Aí eu disse é, tudo bem. Fiquei no aguardo. Quando chegou, tanto é que uma tem diferença não é de nem um ano, é meses... eu entrei. Quando eu entrei... entrei com a cara e a coragem, sem dinheiro, sem isso, sem nada... que aqui tudo, naquela época era super simples. Era humilde, humilde, era uma coisa mais maravilhosa. Maravilhosa mesmo. O que tinha comia o que não tinha fritava ovo... cortava linguiça, enrolava no jornal, botava no fogão assim... abanando a coisa, depois fazia uma farofa de água, comia, mas era um espetáculo... você tá entendendo? Hoje com essa beleza toda, é bonito. Eu me sinto bem, mas naquela época... eu não sei, a gente tinha origem, entende? Origem que parece que você tá nascendo da terra, compreende? Era aquela carne de sertão frita, duzentos e cinquenta dividido pra três, quatro pessoa, o escaldado de bacalhau que ele adorava, aí eu dizia a ele, eu adoro escaldado de bacalhau, ele aí dividia pra ele e mandava levar. Aí fiz minha obrigação aqui. Graças a Tempo, que eu estou falando do Tempo, graças a Tempo eu sou a mulher mais realizada, mas realizada mesmo! Com toda fé, com toda alegria, com todo amor, com todo respeito, com toda hierarquia, eu me sinto a mulher feliz do mundo, porque uma mulher simples como eu conhecer onze... e minha mãe e Tempo... de conhecer onze países. Eu me hospedei na Turquia, no hotel onde Bush, Bush presidente dos Estados Unidos ficou. Tudo era ouro, eu cheguei a roubar a colher do café que era de ouro pra provar que era ouro, anda na minha bolsa minha colher, uma colherzinha do café.

10'07" E câmara para tudo que é lugar, a pessoa que tava comigo: - cuidado! cuidado! olha a câmara -, aí eu puxava a xícara e a colher, a xícara e a colher, aí minha bolsa tava aqui e eu enfiei a colher na bolsa, entendeu? Então pra mim, que você se hospeda onde o presidente da república do Estados Unidos ficou... cheguei no rio Bósforo, um tremendo trabalho que eu fui fazer para uma pessoa, umas flores pra minha mãe Oxum, que minha mãe pequena é de Oxum, a minha mãe que morreu era de Oxum e então aquele presente lindo com Amalá de Xangô lá no rio Bósforo, entendeu? Tudo que eu sonhava... eu chegava no mercado era tanto ouro que

eu não sabia, era aquele tapete persa, era tanta coisa que você ficava... eu dizia assim pra Pedro: Pedro, me belisca, me belisca eu tô sonhando, eu tô sonhando. Depois da Turquia abriu meu caminho, cheguei na Inglaterra, fiquei um mês passeando, jogando. Só que o jogo que eu jogo eu aprendi com o pessoal de Ketu que fala sobre Odu e o Odu é a data do seu nascimento, seu aniversário e a gente faz a conta e descobre qual o seu Odu, por que as coisas não dão certo, detalhes. Mas continuo aqui, dou graças a Deus, vou morrer aqui, já fiz até meu testamento, quero morrer no chão, agora quero uma coisa que eu exijo, quero vestida de baiana, bem bonita com a roupa mais bonita que eu tiver, cantar muito que eu adoro as cantigas de Angola, de axexê de enterro. Vim, tirei minhas filhas, minha mãe nessas alturas morre também, eu aí trago minhas filhas muito mocinha pra aqui. Essa (a filha) entrou como (nome) já nova, certa. Belo dia ela vira no santo que graças a Oyá ela vira a pessoa mais justa do mundo que é Nzazi, que é o homem da justiça, que é o homem que não gosta de nada errado. Eu sou a mulher mais feliz porque eu sou o vento, minha filha é Nzazi, que é justiça, e minha outra filha é Yemanjá, ja é nação de Ketu, ela foi pra Ketu por causa de doença, porque o pai de santo (nome) doente, ela doente... eu tive que procurar outro lugar. Então fui pra casa de meu amigo, irmão, professor, doutor Júlio Braga. Foi uma obrigação maravilhosa, mas maravilhosa também, deu direito da gente ir novamente pra Europa, ficamos quinze dias na Alemanha, ganhando dinheiro, passeando, voltamos novamente pra Alemanha, tem dois dias que eu voltei da Europa e tudo que eu tenho eu faço questão de dar ao Nkisi, porque o Nkisi pra mim não é você, é importante, é a fé, é o amor que você tem ao próximo. Então eu trago uma lembrancinha de uma roupa pra no dia da obrigação principal do Nkisi ele vestir aquilo que é lindo que eu trouxe da França, que eu trouxe da Turquia, que eu trouxe de Marrocos. É minha alegria de ver o Nkisi, não é a pessoa, é o Nkisi vestido com coisas que me deu direito de chegar até ali. Novamente, quando eu viajo eu trago uma bobagem para meus irmãos, olha uma lembrança, uma lembrança. Todo mundo reclama comigo: - E pra senhora comprou alguma coisa? - Ah ,não. Não comprei nada. Realmente eu não compro nada pra mim, a única coisa que eu compro pra mim é a roupa de minha santa, é a roupa pra Xangô e o resto de roupa, tecido que eu compro é pra dar de presente. Distribuo pra minha irmã, pra meu irmão, pra minha irmã. Me considero a mulher, ganho razoavelmente que dá para sobreviver. Não preciso ser mãe de santo, não quero ser mãe de santo, eu acho que o santo tá na minha cabeça. Que eu tenho uma particularidade, eu fui criada muito fechada, minha mãe não ia na casa de ninguém nem ninguém ia na nossa casa, era só na janela “oi, bom dia! Bom dia!” dali não passava.

15’18” Continuo no mesmo ritmo, não gosto de ninguém na minha casa, não gosto de tá tititi, essas coisas... se eu lhe convidar pra você ir me telefone, pra não dizer que eu não quero, que às vezes eu não tô em casa, mentira, é que eu não gosto que vá muito na minha casa, só se eu lhe convidar: Venha passar um dia hoje na minha casa que tem um feijão! aí você vai, passa o dia, seja quem for, rico, pobre, seja quem for, porque pra mim não tem distinção. Eu acho que todo mundo é igual, não importa se você usa ouro, prata ou brilhante... quem tem direito de usar prata e brilhante é o Nkisi, porque ele que dá força espiritual para a gente viver, ele é que nos dar amor, ele que faz a gente entender o que é a vida, ele que faz a gente saber o que é o mundo, o que são as pessoas e isso é muito bom. Eu saber quem é você pra mim eu não quero saber... sou super con... e não é só isso, minha vida é uma novela, daí veio conferência internacional, mundial, lá vai eu para os Estados Unidos, fico no hotel, ganho dinheiro, levo minha mãe pequena comigo, é uma novela... se eu for contar verdadeiramente, depois que eu entrei aqui...

16’49” Severino: Então já que a senhora entrou nessa parte da novela, né. Eu queria que a senhora dissesse o seu nome completo e o seu nome de iniciada.

17'04" Marinalva: Olha, meu nome é Marinalva Bispo dos Santos, com muito orgulho. Meu nome de iniciada é Keriguanu, que significa visão.

17'17" Severino: Quantos anos a senhora tem?

17'19" Marinalva: Eu tenho com muito orgulho, vou fazer 78 anos.

17'23" Severino: Nós podemos ouvir um pouquinho a sua filha e depois nós voltamos pra senhora?

17'28" Marinalva: Pode, o que você quiser perguntar é bom porque pelo menos faz as pessoas acreditarem que tudo só acontece quando tem que acontecer e se você tem merecimento.

17'46" Severino: Então agora você vai dizer o seu nome completo, sua idade, os dois nomes, né e queria que você falasse um pouquinho da sua relação com o Bate Folha.

17'54" Amélia: Sim, claro. Meu nome é Ana Amélia dos Santos Cardoso e minha dijina é Sualankalá, que significa trabalho. E é interessante porque um dia eu tava procurando o significado da palavra Amélia, é de origem teutônica e também significa trabalho e aí eu falei pronto, Amélia que era mulher de verdade, nasceu pra trabalhar mesmo. E a minha relação com o Bate Folha primeiramente é a descoberta de si mesma, né. A minha visão de religião é um pouco diferenciada do que tá posto. Eu vejo que a religião a gente tem de buscar a nossa elevação espiritual, íntima, não individual, mas é o diálogo com o sobrenatural, é o diálogo com o sagrado e estar no Bate Folha... eu tive a honra de ser filha de Tata Molundurê e ser filha de Nengua Guanguacesse. Minha mãe está presente ela sabe que eu falo às vezes que eu me sinto parida por Nengua Guanguacesse e não iniciada, religiosamente falando. Acho que poucas pessoas da religião do candomblé conseguiram sentir essa magnitude, de se sentir parida pela sua mãe de santo. Porque no caso a mãe de santo lhe inicia espiritualmente e ela conseguiu essa síntese, essas duas coisas. O Bate folha... eu me lembro muito bem o primeiro dia que eu vim na festa de minha mãe Guanguacesse e eu me lembro de ver Yemanjá com Ketu entrando, já vindo vestida de Ketu mesmo, com uma saia que eu me lembro que era pintada a mão, quem nos trouxe foi uma pessoa que a gente conhece na minha infância, que era Maia, um cabeleireiro muito famoso aqui em Salvador, que também frequentava o Bate Folha. Eu tinha idade mais ou menos de minha filha. Como minha mãe havia falado eu sou de candomblé desde a barriga de minha mãe, né. Ela dançou mukondo prenda de mim de sete meses e assim foi. Eu acho que foi essa coisa mais importante na minha vida, porque candomblé não foi um apêndice da minha vida, não foi um usufruto, foi algo que realmente se tornou vivência, meio que aquela coisa em África, você vai consagrar o sol porque ele percebe que o sol é necessário pra que haja agricultura, faz parte da vivência daquele homem, então assim, usar o candomblé não é algo mecânico, é algo realmente vivido, a liturgia, todas as coisas da minha vida são consagradas ao divino, porque se é pra viver aquele momento é porque era pra ser daquele jeito. eu só não sei dizer por que, se eu me atrasei pra algo que era realmente importante e não aconteceu era porque era pra ser daquele jeito. Agora eu sou um pouquinho dura na queda, né, e quando as coisas estão muito difíceis, mesmo sendo difíceis eu vou atrás, eu pago pra ver, eu sou uma pessoa que gosta de pagar pra ver. E o Bate Folha é muito singular em relação aos candomblés da Bahia, como minha mãe é uma mulher que é do candomblé há muito tempo então eu conheci muito candomblé, muitos candomblés mesmo, de nação Ketu, de nação Jeje, de nação Angola, mas quem escolheu o Bate Folha não fui eu, quem escolheu o Bate Folha foi Nzazi.

22'14" Eu frequentei o Bate Folha durante quase vinte anos e Nzazi nunca veio, nunca veio, nunca senti nada, eu sentia emoção, eu senti arrepio, mas nada que fosse realmente delegado ao sobrenatural e aí algumas pessoas falavam na época: "ah você vai ser Ekede de Kukueto, você vai ser Ekedede de Yemanjá, mas ela nunca me suspendeu, era algo que se falava. Aí um belo dia, depois de tantos anos, um santo sentado aqui, eu sentei meu santo, Nzazi havia comido bicho de pena, Dandalunda havia comido bicho de pena e mesmo assim ele nunca veio. Aí um belo dia numa festa de MBamburusema, de Yansã, ela tava tomando rum, aquela coisa linda e eu na frente batendo palma, completamente anestesiada eu comecei a passar mal, mas como já tava muito bem resolvido na minha cabeça que eu não ia ser vodunsi, ou seja, entrar em transe, aí eu comecei a achar que eu tava dando crise de labirintite, eu "oh meu Deus, eu tô com crise de labirintite, que coisa horrível" e comecei a ficar tonta, né, e aí eu fiquei assim... sinceramente eu não sentia que era o Nkisi, mas Nzazi, ele veio realmente pra romper barreiras. A energia do vodum ele vem pelo chão, mas a percepção é como se ele quisesse entrar pelo externo, ele queria entrar por aqui, queria me rasgar... era uma força, sabe, meio física, é como se um copo de água já tivesse transbordando e outra energia, outra água quisesse ocupar e eu tava transbordando de energia, eu tava me sentindo sufocada e ele me pegou e mostrou para que veio. E aí eu digo que assim...foi a melhor coisa também da minha vida foi saber que o meu Nkisi escolheu o Bate Folha. Não eu. Claro que eu, Amélia, escolhi o Bate Folha, né? Mas foi o meu pai que escolheu ser feito aqui, nascer aqui, dançar aqui... Eu morei depois que sentei meu santo, eu morei quatro anos nos Estados Unidos, eu fiz faculdade lá... depois que eu fiz meu santo morei em Fortaleza, quatro anos, eu já também Kaiango com o vento dela foi levando Nzazi a reboque, né? Então pra onde ela ia ele ia atrás, mas todas às vezes ele sempre me trazia de volta, sempre me traz de volta praqui. O Bate Folha é maravilhoso, é transcendental, a energia cósmica daqui, você caminha, o vento, as folhas, a natureza, ela é viva. Eu não preciso de prova nenhuma de existência de divindade, mas já estive por várias vezes eu tive exemplos de como nós somos pequenos frente a magnitude da natureza. Não existe melhor lugar melhor no mundo pra mim, pra Ana Amélia, pra Sualankalá porque aqui eu me sinto realizada. Eu consigo transcender espiritualmente e descobrir que na verdade somos nada. Somos esse grão de areia que está aqui no chão, e que frente ao universo, frente a Antares, nós não somos nada. E a gente tá pra viver o que...você nasceu, e aprende com os erros, aprende com seus acertos e ao final da nossa jornada descobrir que a gente deixou um legado bom. As marcas que a gente deixou no chão foram marcas boas, as marcas que nós deixamos nas pessoas foram de momentos bons e não de tristeza. É isso que eu tenho como foco em minha vida e isso é o que eu passo pros meus filhos, por isso eu os trouxe também tão cedo. Todos dois quando nasceram, a primeira visita que eles fizeram ao sair da maternidade foi o Bate Folha; Sanjo foi iniciado aos 5 anos de idade, Sofia foi iniciada aos 7 anos de idade, uma de Lembarenganga, outra de Dandalunda... me sinto completa, um local seguro pros nossos filhos, já que nós falamos de um momento contemporâneo, né? A religião do candomblé principalmente traz essa característica peculiar a ela, que a gente se vê enquanto família, né? E como família, tem coisas que a gente gosta, tem coisas que a gente não gosta, não é por estar no candomblé que tudo é harmônico, isso é uma falácia, não é pra isso, é pra gente aprender com os erros e seguir em frente, tentar não cometê-los novamente.

27'09" Mas não me vejo em outro lugar a não ser aqui; que não seja aqui. E minha mãe Guanguacesse, ela é meu espelho de vida, é uma fonte de água cristalina, que só faz com que a gente aprenda; ela passou por quatro gerações, ela viu coisas, eu sinto até um pouquinho de inveja boa porque enquanto historiadora eu falei: "Puxa minha mãe, a senhora é uma enciclopédia viva e a senhora é tão humilde e a senhora é tão plena no seu universo, a senhora..." né? E pra quem vem aqui dia de semana, vê ela sentadinha na cadeira dela... ela é do tipo assim: "Eu já vivi tudo pra viver, eu já vi tudo que tinha que viver, mas ainda não está na minha hora."

E minha mãe, claro, que eu sou o que sou enquanto caráter moral, minha personalidade, os meus valores, os meus princípios, foi a minha mãe que me ensinou; respeito, minha educação foi uma educação severa como a educação dela também foi severa, e eu tento passar respeito que é importantíssimo, hierarquia que é importante; hierarquia não no sentido coercitivo, limitando que eu sou superior a você, mas não. Hierarquia no sentido de aprendizagem. É necessário que você tenha anos de experiência pra que você de "A" seja "2A". Embora algumas pessoas hoje aprendam já bem cedinho, mas é necessário que você tenha uma experiência de vida, você tenha vivência pra saber que isso você só vai adquirir com o tempo; com certa idade. Então, hierarquia nesse sentido pra mim é muito positivo; não como uma ratificação do poder. Eu sou mais velha e vou me sobrepôr sobre você pelos anos de mais velha que tenho sobre si, mas, os anos de experiência que você tem sobre mim com certeza falam mais que os meus. Então assim sendo eu tenho que respeitá-la, claro e evidente. Mas a minha história é breve, frente as minhas mais velhas, eu sou uma vírgula, uma vírgula na história. Aqui nós temos verdadeiras enciclopédias, mulheres que viveram quatro, cinco, seis décadas que até mesmo antecede a Segunda Guerra Mundial e eu fico... eu mesma me sento, ouço a história dela, e tem uma pessoa que me criou que não está mais entre nós, que é mãe Kiuiandala, eu fui recolhida e fiquei três meses recolhida, três meses. E toda vez que chegava assim: "Minha mãe, falta muito tempo pra eu ficar aqui?" Ela: "Minha filha, falta menos do que faltava." E aquilo me corroía as vísceras; ai meu deus. Eu: mãe Kiuiandala não fala isso, troca a frase. Porque isso tá me matando. E depois que eu vi isso durante três meses no último dia que eu sentei no banco, pequeno, e minha mãe com o [não entendi 30:16] pra eu ir embora eu chorava copiosamente. Eu acho que chorava eu, Nkisi, Vunje, Caboclo... Aí ela: "Minha filha pare de chorar." Aí eu me dei conta que eu não queria ir embora. "Eu não quero mais ir embora, eu queria ir embora mas não quero ir mais embora." E chorava, chorava, e não era aquela coisa forçosa, sabe? As lágrimas vertiam meus olhos assim... mas foi bom, foi bom, é bom, é bom, é bom ser de candomblé, é bom viver no candomblé, é bom viver no candomblé quando você entende que você faz parte dele, ele não... ele não é um produto de venda; é como se houvesse uma dialética entre você e o candomblé e que ele girasse e você gira em torno dele e vice-versa. A energia vai com você, o Bate Folha não sai de mim quando eu não estou aqui; eu estando na faculdade, eu estando no meu trabalho, eu estando em sala de aula, o Bate Folha está comigo. Meu santo está comigo. Eu acho que é por aí, acho que é a síntese até o momento, né? Vamos ver como eu me coloco aos sessenta anos.

31'29" Severino: Então, eu queria ouvir agora de vocês duas pra gente fechar, que recado vocês... vocês já deram todos os recados na verdade aí meio que obtidos; as duas têm um discurso bem articulado e isso é bom. Falando sem precisar fazer pergunta. E tudo que você, a senhora disse, ela disse é digamos, me parecia importante. Mas só pra fechar assim...um recado pras pessoas lá de fora do Bate Folha, da experiência de vocês.

31'57" Marinalva: Olha, uma coisa que eu me esqueci de falar que foi muito importante, muito, muito importante pra todos. Todos, não só do Bate Folha, para qualquer pessoa de candomblé. Eu fui escolhida em 1983, ainda nova aqui na Bate Folha, para falar sobre uma coisa que eu sou apaixonada e sou conhecida lá fora e aqui dentro, nas universidades lá fora, e aqui dentro Brasil, como Marinalva dos Caboclos. Fui convidada para representar na segunda conferência internacional mundial pra falar sobre os caboclos. Me fascinei porque eu fui criada vendo caboclo. E daí, tem um vínculo muito grande que quando eu saio daqui, eu falo em primeiro lugar sobre o povo verdadeiro da nossa terra que é o índio que depois então de diversa transformação, dentro do espiritismo, dentro da umbanda, ele passa a ser um espírito e uma entidade que é o caboclo. Então, eu fui representar, dali foi que abriu meu caminho. Fui pros Estados Unidos, ida e volta tudo pago, hotel pago, me deram 300 euros de gratificação, que lá

tudo até pra falar se paga. Nos Estados Unidos. Me deu 300 euros. Qualquer luz na época era vídeo cassete, comprei vídeo cassete. Era aquele negócio do ouvido, como é... comprei pras minhas filhas. Tudo que eu sonhava eu comprei. Então quando eu era casada, meu primeiro marido, isso que é importante, eu vi um programa na televisão que chamava Praça da Alegria com Chico Anysio. Ela pequenininha de meses, eu deitava e olhava assim, e via times square, eu falava assim, "eu tenho fé em Deus que eu vou em Times Square, na América do Norte. Eu tenho fé em Deus, eu tenho certeza que eu vou. Meu marido: "cala a boca, mulher. Deixe de ser ignorante. Quando você vai pra América do Norte?! A gente não tem nem o que comer, que dirá ir pra América do Norte!" Passou os anos, quando vem a conferência internacional que eu vou falar na mesa e à noite apresentei o grupo caboclos dançando, com o maior orgulho cantando: "Brasileiro, o brasileiro, oh brasileiro oh, o que é que eu sou" aquilo parecia que tava flutuando, e daí abriu minha porta, veio a terceira conferência, eu fui pra lá, fiquei, falei sobre caboclo, a aí começou minha vida... minha vida na realidade começou através das minhas viagens do caboclo. Morei nos Estados Unidos seis anos, quando chegou aqui ele falou comigo (não entendi) olha, diz a essa mulher que venha embora, não fico naquele lugar de gente com língua embolada. Lá não pode falar alto, não pode dizer isso... e ele canta, sabe como é caboclo. Pronto, ela foi, me deu direito, aonde você pobre tem o direito de colocar a filha uma universidade nos Estados Unidos, entendeu?! Tudo isso eu tive direito através dos caboclos. Minha mãe foi veículo. E ele que ia dirigindo. E daí veio outras conferências (não entendi) Universidade nos Estados Unidos; veio Chamber Center, Estados Unidos; Caribe Center, Estados Unidos; tá lá a filmagem passando... Meu nome... eu tenho meu nome com muito orgulho de ensinar tudo que eu aprendi da minha infância dentro da universidade de apartamento of america dirigido pelo professor Rurande Batouro. Dentro lá tá meu relato. Na universidade de São Francisco da Califórnia também, do consulado cultural de Barcelona também, Na França agora também, em Portugal também, então, isso foi minha glória, foi de acreditar, acreditar crê que você tendo uma pessoa que lhe guie espiritualmente você vai muito além. Falar de minha mãe Keriguanu é... todo mundo já sabe quem é minha mãe Keriguanu.

37'26" Aprendi muito com ela porque eu era muito rancorosa. Eu (não entendi) o que eu pudesse pisar em cima de você eu pisava. Quando eu tinha um problema, todo mundo tem aqui que eu chegava era: "Eu vou que eu vou fazer, que eu vou dizer..." Ela: "Minha filha, calma. Seja calma, eu sou água, aprenda." Aí muitas coisas assim eu fui aprendendo com ela, entendeu? Mais muito, ela é uma sábia, ela não existe, pra mim, minha mãe (nome) ser um espírito divino que não existe. Ela dizia: "Olha, tudo com o tempo tem tempo." Quando chegou essa última viagem, eu já proibida por causa do problema das minhas pernas, viajar para o exterior por causa do caboclo. Mas, a gente aperta ali, conversa, aí então entrei em depressão, coisas normais da vida diária. Aí então, na minha casa eu não tenho MBamburusema, minha mãe MBamburusema tá aqui. Mas lá eu tenho o guardião da casa que foi minha mãe (nome) que foi lá que colocou o guardião da casa. E do outro lado tem o dono da terra que é meu caboclo boiadeiro. Aí eu agradei, dei um presentinho a um, presentinho a outro lá. Meu velho eu preciso ir, eu conversava, acordava de manhã, que minha casa é uma casa 1260 m<sup>2</sup>. Eu olhava para as árvores e dizia: "Bom dia árvores, muito obrigado pelo meu dia, muito obrigado pela minha cama, muito obrigado por tudo." Aí chegava junto dele e dizia: "Meu velho, eu preciso sair, meu velho eu não guento mais, eu tenho de sair, eu preciso sair." Os médicos diziam pra mim que eu tinha que sair porque eu estava sufocada. Eu não consigo ficar presa. Sou vento. Entendeu? Aí então lá eu depois que arriei os presentes ali acolá, com todo sacrifício eu volto a Europa. Pra passar um mês. Paguei caríssimo, 3.600 reais a passagem ida e volta, depois fiquei mais outro mês; voltei tem 3 dias. Aí quando eu voltei eu já voltei com convicção que essa realmente foi minha última viagem, para eu ficar lá, trabalhar, ajudar, porque comigo você tenha dinheiro ou não tenha dinheiro, eu lhe ajudo, não quero saber se você tem. E foi provado

que eu conheci agora um rapaz, que tudo eu fiz pra ele de graça, pra poder ele conseguir o objetivo dele, e tenho certeza que Mutalambô vai dar a ele o que ele quer que é um restaurante, que é uma briga normal de lei e tenho certeza que ele vai ter. Voltarei sim novamente a Portugal, a França como fui pra Disneylândia. "Ir pra Disneylândia, França, ela? Não, não acredito. " Estive na Disneylândia, França, fiquei no hotel, entendeu? Fui pra Alemanha. Falar de viagens, eu tenho muita coisa linda pra contar e tudo isso eu acho que foi dessa energia. A energia que o Bate Folha tem. Com essa energia que eu piso e que me transformou nessa guerreira. É o Nkisi que eu tenho que é o vento que sem ele a gente não passa. É que é minha mãe. É meu caboclo que não tem morada, ele entra por dentro dos matos e vai levando, levando, levando... e eu sou feliz porque eu trabalho com caboclo. Eu adoro caboclo. Eu sem caboclo eu não vivo. Eu sem caboclo não sou ninguém. Minha mãe eu peço perdão a ela, perdoe minha mãe, mas esse homem é meu caminho. Entendeu? É o que eu tenho a dizer.

42'06" Então lá fora, eu viagem agora com uma menina evangélica da igreja universal, ela começou a conversar, conversar, conversar; eu não discuto religião. Cada um pensa de uma forma e cada um é problema seu. Aí quando ela começou a conversar, eu com minhas contas, ela viu, e tinha uns quatro passageiros ao meu redor e também viu minhas contas e minha roupa que eu estava aí ela disse: "A senhora de santo, a senhora é desse negócio, né?" Eu disse: "Que negócio, minha filha?" É... é... essas coisas assim que o pessoal fala... Sim, ah do diabo? Aah sou. Sou. Mas o diabo não sou eu só não é você também. Sabe por quê? O diabo tá aqui. É você que se transforma. Porque se eu pisar em cima do seu pé e tirar o pedaço você vai me dar perdão ou você também vai querer tirar outra lasquinha do meu? Então, o diabo somos nós. O diabo pra mim não existe. Porque a gente começa a ver o que é o candomblé, vivendo o que é uma história muito bonita. Iemanjá que é a mãe de todos, é Orunmilá, é o Batalá, aí já tô falando (não entendi) é o Odudua que é o oxalá mais velho, é Onilé que é a terra que a gente pesa, entendeu? Pisa, Onilé. E então de cada coisa você tira uma lição. Aí passamos a viagem toda conversando. Aí eu pergunto pra ela: "E você quando morrer vai pra onde?" "Eu tenho certeza que eu vou pro céu." Eu disse: "Ô meu amor, você me leva? Não esqueça de mim, por favor. Eu quero ir pro céu com você." Aí o outro que tava atrás: "Eu também vou." Eu digo: "Que maravilha, mas vocês são abençoados, todo mundo aqui, esse quadrado vai pro céu, aí eu tô bem forte, tô no meio de gente forte e tenho certeza que eu vou pro céu." "E a senhora pensa que a senhora vai pra onde?" "Minha filha eu ainda a tratar a pensar pra onde é que eu vou, eu vou pra onde meu Nkisi me levar. "o que é Nkisi?" Eu disse: "Olha, é uma história muito grande, não adianta eu contar pra você nem você contar pra mim que você não vai chegar aos meus valores nem eu vou chegar aos seus. Então vamos continuar nossa viagem, falando de bíblia, você tá falando de seus capítulos, versículos e eu prefiro não dizer nada, falar nada sobre minha religião. Agora, uma coisa eu lhe digo, você tá me convidando pra ir na igreja universal, vamos fazer o seguinte: Primeiro você vai para o meu, que é uma reserva ecológica única na Bahia, se você gostar, se sentir bem, eu aí eu vou pro seu depois. Vamos fazer a troca? Mas primeiro você tem que vir pro meu pra depois ir para o seu. Porque nada, desculpe vocês quatro aí, eu não acredito e vamos parar a conversa se quiser continuar a viagem sem (não entendi). Vamos mudar de conversa, vamos falar que a comida do avião não tá gostosa, vamos falar do biscoito, de tudo, e então cada qual no seu cada qual.

45'55" Quem tiver lá fora, o portão do Bate Folha tá aberto. Será bem-vindo qualquer pessoa sem exceção. Porque aqui mora o amor. Aqui mora o carinho que a gente tem um para o outro. Aqui mora a paz. A natureza, essas árvores que você tá vendo, que você tá embaixo, isso aqui é uma transmissão de energia que nós precisamos ter, a energia. E talvez muita gente não entenda assim, fico triste, mas eu não posso mudar a cabeça das pessoas. Cada qual pensa de uma forma, eu penso assim, sair daqui só mesmo quando eu for pro chão, minhas filhas será a



mesma coisa acompanhada, entendeu?! Tô aqui e vou continuar com meus caboclos. O próximo ano não irei viajar porque é obrigação de NZazi, depois vem outro problema que ela vai fazer cirurgia. Depois vou novamente voltar a Portugal e nós vamos... agora já tô com olho de ir pra Itália, que eu já fui, aí me deram uma dica de roupa pra Nkisi bonita, lindas, e eu vou atrás de roupa bonita pros meus Nkisi. Ele é que vale a pena eu vestir meus Nkisi pra eu olhar. Meu pai, o senhor tá lindo, me dê um abraço. Eu abraço o Nkisi com amor, eu abraço o Nkisi de coração, muito obrigado. Eu não peço, só faço muito obrigado, mas muito obrigado por tudo, seja o Nkisi que for. O pequeno, o grande, o iniciado, seja o que for. E então é essa energia toda que está aqui em volta que se alguém, algum dia quiser ter um pouco de paz venha pra aqui, venha sentar ali naquela varandinha e olhar o tempo, e pedir força, energia, que aqui todos nós precisamos dessa energia. Todos nós, não sou só eu não, todos nós. E eu só tenho a agradecer vocês porque o Bate Folha tá fazendo cem anos de felicidade, que tenha mais outros cem anos, que todo mundo continue se reunindo dando esse relato de quem foi, de quem ficou, de quem está. E que sejam bem vindos, a porta está aberta. Todos eles sem exceção. Branco, preto, rico, seja quem for, eu convidei... interessante que eu tava na Europa convidando todo mundo pra vir.

48'51" Severino: A festa vai ser grande, né?

48'53" Marinalva: Se puderem, né. Porque você como é que é a gente pobre pra chegar até lá o que faz, né. Minha filha tá morando lá, eu agradeço ao Nkisi, ela não está maravilhosamente bem, mas está realmente... ela precisava ir. Todos nós precisamos sair um pouco, porque nunca se sabe nada. Você tem de andar pra você conhecer as pessoas, conhecer o mundo, conhecer a vida, e você separar o jó do trigo. E eu sou feliz e agradeço a vocês de tá fazendo esse documentário, foi maravilhoso. Eu quero que todo mundo saiba que o Bate Folha é lindo, é cheio de árvores, é cheio de energia, é cheio de amor, é cheio de paz. E saúde. Porque sem amor, sem paz, sem saúde você não tem nada, não é? Então meus netos tão aqui, minha filha tá aqui e se vier mais outro é a família Bate Folha, será aceito.

50'18" Amélia: No meu caso, o que é que eu posso deixar pras pessoas?! Nós não somos meros coadjuvantes da nossa história, nem somos marionetes. Nós temos o direito de escolher onde ir e vir, mas sempre existe algo mais que nos surpreende, que nos pega na esquina e simplesmente faz uma reviravolta dos nossos planos. Que a gente na nossa vã ignorância a gente chama de Deus, de Olorum, de Zambi, de Vodum, de Orixá, de Nkisi. Eu chamamos de NZazi. Eu não temo ele, eu o respeito. Eu sou quem sou porque ele me escolheu. Eu me tornei forte porque ele é a minha fortaleza. E eu acho que o papel do ser humano, o papel do iniciado na religião de matriz africana é saber que nós somos agentes da nossa história, mas o principal ator são as nossas divindades. Ele é o ser importante na nossa vida. Ele é magnífico, ele é pleno. Eu me lembro que meu filho teve um acidente gravíssimo ano passado, uma bomba estourou na cara do meu filho e nós ficamos internados doze dias no HGE, ele queimou as duas mãos e o rosto e ia perdendo a visão direita. Eu estava de mala pronta pra vir por Bate Folha. Ele se queimou no dia 22 de junho, na véspera que Xangô ia comer aqui, e eu tava entrando no HGE às 19h30. E aí eu ouvi de algumas pessoas a aberração de dizer que isso é castigo de Xangô, é castigo de Zazi, porque foi na véspera da matança de Xangô, foi um acidente com fogos de São João. E eu como historiadora comecei a me dar conta que na enfermaria tinha cinquenta e quatro pessoas, e dessas cinquenta e quatro, quarenta e oito eram de acidentes de fogos, eu falei: "meu Deus, NZazi tá cobrando muito caro". Cobrou do meu e tá cobrando de mais quarenta e sete. E aí eu fiz uma releitura, eu falei assim, meu filho poderia estar morto, meu filho poderia estar sem mão, meu filho poderia estar sem visão. E ao contrário disso meu pai estava lá pra amenizar o problema. Que nós temos essa tendência a sempre achar que foi o castigo e na verdade não,

ele teve o acidente mas poderia ser muito pior, e foi pela força divina de NZazi que não foi tão pior. Tanto que ele está pinotando, com as duas visões, com as duas mãos. E tudo que eu recebo, aparentemente de ruim, eu tenho como um freio. Meu pai quer me mostrar algo, eu simplesmente não estou conseguindo ler. Se aquilo não está fluindo, se aquilo não está acontecendo é porque não é para acontecer daquela maneira e não pra acontecer naquele momento. O meu tempo é o momento, mas o tempo do santo é outro, e eu acho que a principal mensagem que a pessoa pode dar é saber que nós não temos vontade. Nós temos desejos, nós desejamos muitas coisas, mas a vontade está a cargos dos nossos Nkisis. Sabermos que somos pequenas pessoas, pequenos espíritos de luz que nós encarnamos aqui, pra elevar espiritualmente, pra aprender com nossos erros, somar com nossos irmãos, tentar amar o amigo e tentar amar o inimigo, ter uma ambição e não ganância. Sermos ambiciosos, queremos crescer.

54'52" Sabemos que a nossa religião tem um legado africano, mas existir monarquia em África, existiam reis em África e infelizmente no processo de escravidão que se deu aqui as pessoas achavam que nós tínhamos que gostar de coisas pequenas, coisas poucas e não tínhamos o direitos de querer coisas boas, e isso era ambição, isso ganância, isso era ruim. Não é não, a gente nasceu pra viver bem ,ser feliz, comer bem, vestir bem, e isso não quer dizer que nós não sejamos humildes. Somos humildes sim, mas podemos ser humildes num universo com muito mais conforto, com muito mais coisas boas. Eu costumo brincar com meus colegas dizendo, nós dormimos na dissiça, aqui é uma esteira, mas se existisse cama box na senzala com certeza os negros prefeririam dormir em cama box, eu não tenho culpa que não existia cama box na senzala, mas vai que um dia entra... vai que um dia entra uma cama box. Mas isso são leituras que são feitas, brincadeira a parte, isso são leituras que são feitas, agora eu descobri, graças a deus, aos meus quarenta e cinco anos que eu sou simplesmente um sonho de NZazi. NZazi me sonhou, NZazi me escolheu, NZazi me idealizou. E cada dia da minha vida o meu pai me proporciona caminhos para que eu cresça espiritualmente, para que eu cresça enquanto mãe, para que eu cresça enquanto mulher, para que eu cresça enquanto filha. As pessoas têm que saber crescer. Saber que existe um universo aí fora, se todo mundo conseguir isso vai ser bom, a energia vai se expandir.

56'43" Severino: Distribuir axé...

56'44" Amélia: Ô se vai!

56'47" Severino: Meninas, obrigado!

56'49" Marinalva e Amélia: Obrigada vocês!

56'52" Marinalva: Pelo menos o meu relato... eu acho que meu relato é um espetáculo porque eu quero que todo mundo entenda que a gente pode, é só você querer, você tá dentro de você. Eu vou conseguir! Quando eu cheguei de Times Square, com o meu marido eu gritei assim: só em Deus, vestida de baiana, saí sozinha, entrei no metrô, não sabia inglês. Quando tiver 42 salte, é ali. Aí eu saltei, aí minha mãe: você é maluca! você é maluca! Não vou com ninguém, tropa nenhuma, eu vou só e Deus. Eu cheguei no Times Square e fiz assim: Eu tô no Times Square!!!

57'49" Amélia: E meu pai há sete palmos!

57'51" Severino: Ele não ouviu, né?

57'52" Amélia: Não, meu pai já tinha morrido há muito tempo!

57'55" Marinalva: Já tinha morrido, mas eu gritei três vezes: eu estou no... como lá na América do Norte todo mundo é maluco, eu vestida de baiana, gritando: eu estou no Times Square! Muito obrigado! Muito obrigado! Dali saí aliviada, eu tive no Times Square.

58'21" Severino: Obrigado!

58'22" Marinalva: De nada. A vida é assim, querer é poder. É só correr atrás!

58'27" Amélia: Obrigada, querido! Sucesso pra vocês.

58'30" Marinalva: E com um pai maravilhoso desse que a gente tem, que não presta, pois outro, pra mim ele é maravilhoso. Ele merece todas as nossas honras. Tenho orgulho de dizer que eu fui a primeira filha dele, sou a mais velha de todas. Quando eu tô lá eu me lembro de meu pai, eu me lembro de minhas irmãs. Eu me lembro de todo mundo, parece incrível que minha cabeça só tá aqui dentro, não tá em outro lugar. Isso é pro Bate folha, isso é pro Bate folha, isso aqui é pro Bate folha, entendeu?! Então com meu pai na nossa frente a gente se sente realizada porque candomblé vai mudando, muita gente não se conscientiza disso. Hoje nós estamos em que século, que século foi o século passado, quando os escravos vieram, de que maneira foi?! Maneiras horríveis, todo mundo morrendo sem ter uma liderança. E hoje meu pai... aparece um homem desse assim novo, que se dedica de corpo e alma aqui dentro esse homem se dedica. Então é muito pouco o que a gente pode fazer pra ele, é muito pouco. Ele merece a gente juntar as mulheres todas e carregar ele no ombro.

1:00:05" Amélia: Quando ele ficar magrinho

1:00:06" Marinalva: Quando ele ficar magrinho

1:00:09" Amélia: Um dia foi, um dia foi!

1:00:11" Severino: Um dia foi?

1:00:12" Marinalva: Um dia foi, eu conheci ele magrinho com dezoito anos de idade. Foi, novinho. Eu conheci magrinho, nem sabia que ele era do Bate Folha quando acaba, naquela época nem se falava em Bate Folha, minha mãe de santo ainda tava viva. Veja a coincidência do mundo, quando eu chego a primeira pessoa a ser meu pai é esse homem. Eu tenho o maior orgulho em ser filha desse homem. E que Xangô, que NZazi, que Luango e Lembá, Obatalá, Oduduá dê muitas forças a ele. Que livre ele de tudo quanto for mal na vida, que dê saúde e paz, pra ele aguentar a gente, carregar nas costas. Ele é uma pessoa que a gente ama de coração, mas de coração mesmo, puro. E o que eu posso pedir pra ele é muita vida e saúde e paz.

1:00:36" Amélia: E amo mesmo porque eu dei pra ele os meus maiores bens, meu pai é o pai de Sanjo e de Sofia. Eu dei a ele os meus maiores bens, a minha vida, os meus filhos.

1:00:49" Marinalva: E meu pai vai crescer cada vez mais, vai continuar com esse trabalho lindo, divulgando o que em muitos e muitos anos não foi divulgado. Contar a história do Bate Folha, falar do Bate Folha, falar do povo do Bate Folha, falar dos meus filhos, falar dos meus netos, a idade dos meus netos vai chegando também. Isso é maravilhoso, muito maravilhoso. E com

muito orgulho digo que sou a primeira filha dele e vai ficar por aqui mesmo. Muito obrigada a vocês e continuem com esse documentário maravilhoso que eu quero ver depois.

1:02:31” Amélia: Podemos?

1:02:32” Severino: Podem. Obrigado.

**Nomes das entrevistadas: Joice, Carla e Hanna**

**Nomes completos: Joice Cristina Jesus Santos, Carla Maria Ferreira Nogueira, Hanna Santana da Hora**

**Data: 28/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00084\_1**

**Transcrição feita por: Mariana Gomes**

**Photo das entrevistadas:**



Arquivo 00084\_1

0'03'' Beto Severino: O que significa está no Bate Folha pra você?

0'14'' Carla Nogueira: Meu nome é Carla Nogueira, tenho 34 anos e estar no Bate Folha remete a minha família, avô, avó, marido, filha e mãe. É me reenergizar com meu pai, é ter um sentido mais ampliado da vida, porque minha família consanguínea é muito pequena e minha família está aqui. A gente aprende muito uma com a outra: respeito mútuo, respeito ao mais velho e exercitar a paciência, porque esse convívio coletivo ele é muito significativo pra mim, que tenho aprendido muito enquanto ser humano, enquanto mulher, que a todo tempo tenho aprendido com os gestos da minha tia, de meu tio, de minha madrinha, das minhas irmãs, e o Bate Folha pra mim é revigorar minhas energias e é me perceber no mundo, ou seja, ou não to só. Nem nos momentos mais difíceis e mais doloridos da minha vida eu me senti só, porque minha família estava presente. Então, quando meu avô faleceu, minha avó faleceu, minha mãe faleceu, eu tive essa força me protegendo, essa redoma que me faz ser mais resistente e ser caridosa também, porque é um aspecto que é nosso. Às vezes a gente tem a sensação que “ó, aquela pessoa é boa”. Não. Ela tem que ser, porque é o nosso aprendizado no cotidiano. Então, me faz ser melhor.

2'12'' risos (Carla e Hanna)

2'15'' Hanna Santana: Meu nome é Hanna Santana. Eu tenho 18 anos e minha história com o Bate Folha se inicia desde minha bisavó. Eu saí da maternidade e o primeiro lugar que eu pisei foi aqui, então faltam palavras pra dizer o que o terreiro, essas pessoas significam pra mim. Meu pai Katendê... eu costumo dizer que não tive muito contato afetivo com meu pai biológico

e eu digo que não sinto falta, porque meu pai Katendê me supri de toda e qualquer falta que ele possa ter me feito. Tenho minha avó, que faz com que esse laço com o Bate Folha seja mais intenso, mais presente no cotidiano da roça e é isso. Bate Folha é um lugar que você descarrega tudo que lá fora te dá um peso, um tormento e é o lugar que você para, pisei aqui, esqueci de tudo que tem de ruim lá fora, do mundo mesmo. Você para, respira e desconecta totalmente de toda negatividade. É positividade, é está num local onde você para, põe os pés no chão e sente a sua energia se renovar. Você se reaviva aqui.

04'01'' Joice Cristina: Joice Cristina, 27 anos. O Bate Folha é um terreiro que tem muito essa questão da herança familiar. Eu não tenho nenhum parente aqui na casa. Minha mãe costurou aqui durante muito tempo e de cinco anos atrás até agora eu comecei a frequentar. O Bate Folha pra mim é um resgate de ancestralidade, porque aqui é que eu me encontrei enquanto pessoa, enquanto mulher negra. Então, estar aqui, ter uma representação, que é a Nengua, pra mim é muito importante. Porque ela, assim, é um morão pra gente. Então, o Bate Folha tem um significado muito grande na minha vida por essa questão do resgate de eu me entender e de me reconhecer como mulher negra. Eu sou moradora daqui do bairro de Mata Escura, é um bairro periférico e que infelizmente traz um estigma de violência. Tem a penitenciária Lemos de Brito como ponto de referência e pra mim o terreiro do Bate Folha funciona como uma potencialidade, porque é algo que pode ser indicado, como “é um terreiro centenário que está situado no bairro da Mata Escura”. Então, pra mim, o Bate Folha é uma potencialidade. É isso.

05' 21'' Avião

05'26'' Leo Reis: Espera só um pouquinho e retoma, se for possível.

05'53'' Avião

05'54'' Joice Cristina: Eu sou moradora daqui do bairro de Mata Escura, que é um bairro periférico e que infelizmente traz um estigma carregado de violência e preconceito. E o bairro de Mata Escura hoje infelizmente tem como ponto de referência a penitenciária Lemos de Brito e o Bate Folha funciona como uma potencialidade, por eles está situado aqui no bairro da Mata Escura, sendo um terreiro centenário com um marco histórico muito grande e que precisa ser mais explorado até pela comunidade.

06'32'' Beto Severino: Como é que é pra vocês... A minha pergunta pra finalizar é, essas comemorações do centenário como é que é pra vocês que estão vivendo isso?

06'41'' Carla Nogueira: Joice tocou num ponto muito importante, que é esse resgate da ancestralidade. Então é nos religar a um passado da história dos nossos ancestrais, do negro nesse país e a história dos nossos familiares, consanguíneos ou não. Então podermos participar, planejar, discutir os cem anos da nossa casa é muito significativo e reforça algo que é muito individual em cada um. Se pra mim remete a minha família, a essa outra ponta que é minha filha, me dá uma responsabilidade que é perpetuar esse legado que os mais velhos têm deixado pra gente.

07'59'' Hanna Santana: A gente tá debruçada sobre o centenário já faz um tempo, né? E assim pra mim é um privilégio tá participando, até porque eu não tinha muita... eu acho que eu tava meio perdida aqui no tempo em relação a “quanto tempo o Bate Folha tem? O Bate Folha vai fazer cem anos? Vai! Então vamos fazer algo diferente? Vamos!”. Então a gente abraçou, estamos conseguindo fazer algumas intervenções bem bacanas. Trazemos pra cá várias coisas

que a gente precisa enquanto comunidade e todo o terreiro abraçou a causa, o Tata, a Nengua, que algumas pessoas já falaram que é um pouco mais conservadora, só que quando a gente traz as ideias e explica, ela fica assim “Pra quê isso tudo? É, tá bom... Façam!”. E aí a gente faz, entra num acordo, sempre, sempre com o aval do meu tio. Então é assim, é pensar os cem anos. A gente não pode deixar passar, não pode deixar morrer toda a ancestralidade que a gente carrega, mesmo não sendo iniciadas ainda, por uma opção nossa, né? Porque a gente sabe que é muita responsabilidade esse legado, mas é entender que os nossos ancestrais, enquanto a gente tiver vida e saúde, a gente vai fazer com que o terreiro prospere da melhor forma possível. Estamos aqui sempre a serviço do Bate Folha.

09’44’’ Joice Cristina: Então, assim, participar dessa comemoração dos cem anos pra mim é um chamado de responsabilidade, porque nós somos escolhidas para dar continuidade. Nós não somos iniciadas, mas daqui há um tempo, Zambi é que sabe quando vamos nos iniciar para dar continuidade a esse legado tão importante e a essa preservação da história. Essa questão da oralidade, que a gente tá sempre atenta pra não deixar que a globalização, que a nossa forma de pensar interfira, porque as pessoas mais velhas, elas pensam de um jeito diferente do que o nosso, que já somos mais jovens. E é isso mesmo, a tomada de responsabilidade, porque aqui, o Bate Folha é uma missão. Todo mundo que chega aqui é pra cumprir mais uma missão na vida.

**Nome(s) do(s) entrevistado(s): Nadja, Lícia Maria, Carolina e Camila**

**Nome(s) completo(s): Nadja Cruz da Silva, Lícia Maria Leitão dos Santos Guimarães, Carolina Luisa Bastos Santos e Camila Conceição Amorim França**

**Data: 28/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 0085\_1, dia 29 NTSC**

**Transcrição feita por: Mariana Gomes**

**Photo das entrevistadas:**



Arquivo 0085\_1, dia 29 NTSC

02'04'' Beto Severino: Então, eu queria que todas me dissessem teu nome e tua idade e conta-se pra mim qual a importância que o bate folha tem na tua vida.

02'10'' Nadja: Eu olho pra você?

02'12'' Beto Severino: Olha pra mim. Eu vou tá aqui atrás.

02'16'' Nádia: Meu nome é Nadja Cruz da Silva, tenho 40 anos, e, assim, vou contar a minha história rápido. Eu vim pra cá... Na verdade eu sou filha adotiva de mãe Guanguacesse. A ancestralidade me presenteou com essa história. Eu cheguei aqui com acho que um mês de vida e já começa a importância da casa pra mim com esse presente que eu recebi de ser adotada por ela, por mãe Guanguacesse. Então nessa trajetória toda da minha vida aqui dentro da casa, começando pela minha adoção por ela e por seu Joca, que era Tata Nebanji, que eles me registraram, então não tem como eu desmistificar essa importância, desde quando eu vim pra cá, sem saber o que iria acontecer e que no final, graças a Deus e ao Nkisis, os ancestrais que me trouxeram para cá, tenho certeza disso, deu tudo certo. E eu sou grata a casa, sou grata aos Nkisis, sou grata aos ancestrais, sou grata a ela por me amar sem ter me... (Pausa: emoção/choro)... por me amar sem ter me gerado. Então isso pra mim é de uma importância absurda. Assim, eu só tenho a agradecer. Só isso.

03'59 Lícia Maria: Bom, meu nome é Lícia Maria. Meu nome é bem grande: Lícia Maria Leitão dos Santos Guimarães. Eu tenho 56 anos. Bom, vim pra aqui... minha mãe já é daqui já tem 30 anos, é Meankeleci, certo, ela é de Oxum, e sempre a vim visitar, ver as festas, ver tudo, mas não me via aqui e como tem o ditado “ou vai por bem , ou vai por mal”, ou vai pela dor, né? Eu vim pela dor, na verdade, porque realmente eu tive pra morrer. Tive nas mãos dos médicos, nada eles descobriram e foi muito sério. Então, chegou a um momento em que me trouxeram e eu tinha que aceitar meu santo que tudo ia melhorar. Tava de um jeito que ele já estava me abandonando, realmente. Então eu aceitei, abri o coração, aceitei. Hoje eu tô aqui, me sinto



feliz, fiz o que tinha que fazer, melhorei a minha saúde e a minha vida eu só tenho a agradecer a tudo. Pra mim tudo foi uma novidade pra mim aqui. Pra mim vai ser sempre bom, desde quando eu abri o coração com fé. Sempre gostei. Não sei, as energias já me traziam, porque eu achava que eu não iria participar, mas eu vinha. Tava sempre aqui pra ver minha mãe Olga, pra ver minha mãe, pra ver Oxum dançar, pra ver os Nkisis todos e me sentia bem, abraçada por todos, mas eu achava que não era pra mim. Só que realmente hoje eu tô aqui, espero continuar e esperando aí, que vai ter um barco, estamos aqui. Será o que os santos quiserem, eu estarei aqui feliz. Só tenho a agradecer a todos.

05'54'' Carolina Bastos: Meu nome é Carolina Bastos, eu tenho 33 anos, sou filha de Yemanjá, terceira geração da casa: minha avó, minha tia avó e meu pai são da casa. Então eu cheguei aqui no Bate Folha assim desde criança na verdade, frequentando as missas e algumas festas e, na verdade, essa ancestralidade foi me chamando pra que eu viesse participar mais. Então hoje eu tenho três anos de fato que sou pertencente a casa, que me sinto pertencente, participo das obrigações, das festas. Sou vodunsi e hoje, eu me considero uma mulher de axé. Então, eu estou cada vez mais me apaixonando e amando os Nkisis, minha religião, os meus mais velhos com muito respeito e dedicação

07'11'' Camila França: Camila França, tenho 30 anos, sou filha de MBamburusema. Minha relação com o terreiro começou inicialmente com a relação familiar. Toda minha família materna, inclusive, é construída em torno desse terreiro e minha avó, a Nengua Guanguacesse, e por causa disso, as primeiras visitas e os primeiros contatos foram no sentido de visitar os parentes, tá sempre aqui, seja em festa religiosa ou não. Com o tempo acabou que isso despertou, ou talvez já estivesse sido e só não soubesse, o laço religioso. Me descobri uma Muzenza, que tem um corpo o qual passa por um ritual de possessão e aí se inicia o processo de iniciação que me fez redescobrir a casa, me permitiu ter outras relações com as pessoas da casa e me aproximar de uma religião que eu já tinha um certo afeto e apreço, que era o candomblé.

08'10'' Beto Severino: Conta pra gente como é que tá sendo participar do centenário da casa, dessa casa que te acolheu?

08'18'' Camila França: É, eu já pensei nisso, porque eu me perguntei “como é que você cresce numa casa e as suas maiores transformações com ela passam a acontecer no ano do centenário?”. Eu acho que tava escrito, eu acho que o terreiro por si só é um espaço de comunidade, no qual você compartilha muitas coisas com seus irmãos, com suas irmãs, com seus pais e no ano do centenário isso fica mais evidente, porque você passa a refletir o que é que aquela casa te fornece. Te fornece uma relação espiritual, te fornece uma relação comunitária, te propicia uma extensão de uma relação familiar, que sai da relação biológica e passa a ser uma relação espiritual, a qual você desenvolve respeito, compromisso e afetividade. Nos 100 anos você passa a refletir o que é que aquela casa já fez, quantas famílias já criou, quantos laços, quantos barcos e num espaço que consegue cem anos você está resguardado a memória primeira coletiva, das pessoas que já passaram, e a memória simbólica do espaço de terreiro, porque sobreviver numa sociedade com tantos problemas como a gente encontra, principalmente no combate à intolerância religiosa, durante cem anos algumas coisas devem ser analisadas e repercutidas se situando como marco, entendeu?

09'34'' Carolina Bastos: Então, falar dos cem anos...

10'09'' Carolina Bastos: Então, falar dos cem anos pra mim é uma felicidade, né. A consagração de um terreiro de Angola, um dos mais antigos de Salvador e perceber o quanto as pessoas têm se envolvido, né, pra que isso possa tá acontecendo de uma forma tão... de uma forma que tá trazendo uma importância pra casa, histórica, social e religiosa, porque nós viemos enfrentando embates de intolerância religiosa na sociedade. Então, quanto mais a gente se reafirmar enquanto candomblecistas, dá a valorização pra nossa casa, pra nosso axé, pra os nossos mais velhos. Temos uma Nengua de 90 anos de idade, então isso pra gente é uma imensa gratidão. Então, eu me sinto feliz em estar aqui nesse terreiro, nesse lado, nesse ambiente que eu me espiritualizo tanto, que eu me sinto tão bem. Então pra mim a importância é máxima. Obrigada! Eu só tenho a agradecer ao Bate Folha e a todos que vivem nessa casa.

11'33'' Lícia Maria: Falar dos cem anos pra mim eu acho que é muito importante desde quando tem meus antepassados, que já foram, pertenceram a aqui também. Tem minha tia, que é minha mãe, minha tia Olga, é minha mãe. Tem as outras senhoras e isso é muito importante. E nós que estamos aqui, participando, fazendo acontecer e participando desses cem anos que é importante. Pra mim então, que eu não esperava nem está aqui, é uma grande novidade. Pra mim tá ótimo. Eu espero participar bastante e ter uma boa lembrança, que esses cem anos só vai pra gente completar mais. E tem as crianças que tão chegando aí, são mais exemplos.

12'23'' Nadja: Bom, eu sou filha de MBamburusema também, esqueci de falar sobre isso, e participar dos cem anos daqui da minha casa, eu tenho muito orgulho de ser do Bate Folha, eu só resumo em uma palavra: resistência, fé e amor. É a forma que a gente tem de provar que não existe barreiras quando a gente acredita, quando a gente tem fé e quando a gente ama. E candomblé é isso. Infelizmente as pessoas que não têm conhecimento, interpretam a nossa religião como a pior de todas, talvez pelo fato de ser dos nossos ancestrais, de África. Então, assim, tudo que vem do negro é ruim, mas infelizmente por falta de informação, porque a gente tá aí pra provar que os cem anos do Bate Folha, a nossa luta contra o racismo que tá aí, eu acho que, se a gente for englobar, é tudo junto. Tanto o Bate Folha, como a problemática do negro, dessa diferença, que pra mim não existe diferença alguma, somos iguais, é só a prova da gente mostrar que com fé, amor e resistência a gente conseguiu chegar a cem anos e vamos chegar a mais, tenho certeza disso. Obrigada, gente. Muito obrigada.

**Nomes dos entrevistados: Maria Lúcia, Rogério, Iara, Rosilda**

**Nomes completos: Maria Lúcia Guimarães, Rogério Lima Vidal, Yara Luíza de Santana Dórea, Rosilda Alves Soares.**

**Data: 28/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00087\_1**

**Transcrição feita por: Pedro Batalha**

**Photo dos entrevistados:**



VÍDEO 00087\_1

0'56'' Maria Lúcia: É...eu sou Maria Lúcia, Dgina de ynkisi Manussimbe, tenho 53 anos...mais o que?

1'07'' Risos

1'09'' Maria Lúcia: E eu frequento aqui desde pequenininha. Aprendi a andar aqui, correr, subir nas árvores, descer pra bica que tinha para tomar meu banho...Então a vida aqui da gente sempre foi uma vida boa e nós fomos acompanhando a evolução do Bate Folha, porque quando nós éramos crianças era de uma maneira, ai ele foi crescendo, crescendo, crescendo...E a cada momento foi crescendo também a importância de fazer parte dessa família, que para nós é uma família, não é só uma comunidade, o Bate Folha para nós é uma família, a nossa, a minha segunda casa. Eu já tenho trinta e oito anos de iniciada. (interrupção)

2'24'' Maria Lúcia: Tenho trinta e oito anos de iniciada e cinquenta e três de vivência aqui dentro, aqui é um espaço...Pra mim é um espaço sagrado, para mim é muito importante, daquele portão pra dentro, esse terreno aqui é muito importante. E transmite pra mim uma grande energia, muita vezes quando eu chego aqui, eu esqueço até do que acontece lá fora, se passo muitos dias aqui dentro, quando saio, é como se eu saísse de um paraíso para ir para um tribulação. Só isso...muito obrigado.

3'08'' Beto: Em resumo, né?!

3'09'' Maria Lúcia: Em resumo

3'10'' Beto: Obrigado

3'11'' Maria Lúcia: Obrigado

3'13'' Rogério Lima: É...Boa Tarde, meu nome é Rogério, Rogério Lima Vidal, a minha dijina de nkisi ou dijina de iniciado é Dialadiulo, estou ao Bate, eu estou no Bate Folha a uns vinte e dois anos, né?! Eu tô com dezenove anos de santo, já pra fazer vinte anos em Fevereiro e pra mim esse espaço é tudo, né?! É um espaço sagrado, é um espaço comunitário, é um espaço também, é um lugar familiar, é...aqui eu tenho mães, como minha mãe Manusimbi que é uma makota, esqueci de dizer isso, é uma mãe, tem a mãe, nossas mães, pais, respeitamos, somos respeitados também e o Bate Folha é isso, né?! É..é essa, digamos, essa ligação nossa com a ancestralidade, com nkisis, é a nossa ligação também conosco mesmo e também, mais ainda, é uma forma de resistência religiosa, resistência identitária, enquanto povo de santo, enquanto uma pessoa de santo, uma pessoa de Nkisi. Então em suma para mim, Bate Folha, para além do nome Bate Folha, né? Representa tudo isso, esse laço, essa identidade, essa comunidade, família e é realmente essa coisa, aqui dentro é uma outra atmosfera, é um outro ambiente, é uma outra realidade, lá fora é uma outra coisa...então é isso aí. Essa é a minha visão né? Sentimento.

4'53'' Beto: Obrigado!

4'56'' Yara: Meu nome é Yara Luíza de Santana Dória, eu tenho dezoito anos de iniciada no Candomblé, minha dijina de Nkisi é Molundigi, aqui no Bate Folha eu tenho onze anos na casa, dei minha obrigação de sete anos aqui e o Bate Folha me acolheu, as mães, as makotas, os irmãos me acolheram também como filha de santo da casa e assim me sinto hoje. O Bate Folha pra mim representa um solo sagrado, quando eu chego aqui eu venho buscar paz, equilíbrio, venho recarregar minhas energias, venho esquecer dos problemas lá fora, venho buscar essa força espiritual que eu sinto nessa casa desde o primeiro dia que a conheci. Tenho certeza que...estou muito feliz hoje de fazer parte do Ngunzo dessa casa. Estou mais feliz ainda com o centenário da casa. E, pra mim esse centenário representa toda força de um Axé, toda força de um Nguzo e toda força e história de ancestralidade da nação Angola aqui na Bahia. Então, eu me sinto uma escolhida, primeiro pela minha nkisi né? Que eu sou filha de MBamburusema. Então eu sou escolhida por ela e depois eu sou escolhida pela segunda vez em fazer parte de uma casa centenária, de uma casa de luz, de uma casa de paz e de uma casa de história de axé aqui na Bahia, como é o Bate Folha. Estou muito feliz e muito grata, agradecida a eles por ter sido escolhida.

6'43'' Beto: Obrigado!

6'45'' Rosilda: Meu nome é Rosilda Alves Soares, tenho quarenta e oito anos, tenho quinze anos de feita e sou filha de Kukueto. Aqui, quando eu venho do portão pra dentro me sinto uma outra pessoa, me sinto bem mais fortalecida quando chego aqui, porque isso aqui é um terreno sagrado, em que a gente chega aqui e é acolhido por todos. Quando eu chego meus nkisis já estão no portão a minha espera e aqui eu me sinto realizada...de tudo...não só espiritualmente, materialmente, mas aqui eu encontro toda minha fortaleza...tenho uma mãe que eu amo bastante, tenho um pai que me ama que eu sei e os irmãos também que me acolhem bastante. Muito obrigada.

8'15'' Beto: Agora, eu queria que tu falaste pra gente como é que é participar do centenário.

8'22'' Maria Lúcia: Bom, pra mim participar do centenário, assim ta sendo algo divino, porque eu venho de uma estirpe de pessoas afrodescendentes, a minha bisavó era afrodescendente, a minha avó que morreu com cento e poucos anos foi filha dessa casa, a minha mãe que tem cinquenta e cinco anos...cinquenta e oito anos de iniciada é filha dessa casa...eu sou filha dessa

casa, minhas irmãs, minha irmã, meu pequenininho de seis anos...então para mim o centenário é mais uma realização, sabe? É algo engrandecedor, é algo pra muita alegria e muita felicidade.

9'09'' Beto: Obrigado!

9'10'' Maria Lúcia: Muito obrigado!

9'11'' Rogério Lima: Bom é...bom cem anos eu acho que é mais do que cem anos né? É um momento único, né? Na história de um lugar, de um território, desse espaço sagrado. Pra mim é também muito importante porque assim, não é se eu completar cem anos de história de uma casa né? de luta, de resistência e, enfim de vida...mas é também você parte desse momento você fazer parte desse momento histórico, então pra mim é uma coisa constante. E não é só uma questão pontual né? Uma data específica. É você pensar também na sua história, na sua trajetória aqui dentro, desde seu processo de iniciação. É você pensar também nos outros que também contribuíram, que hoje não estão mais aqui...estão em outro...em outro movimento né? Estão em uma outra...em outro mundo, digamos assim...mas é uma outra partilha, é uma forma de você compartilhar coletivamente, uma forma individual...poxa cem anos da minha casa, mas é cem anos também da casa das minhas mães, dos meus pais, dos meus irmãos e assim sucessivamente. Então é um momento único...tô muito feliz com tudo isso.

10'19'' Beto: Obrigado!

10'21'' Yara: Eu vou deixar outra gravação.

10'22'' Beto: Tá Bom.

10'24'' Rosilda: É...pra mim tá sendo gratificante participar desses cem anos, porque eu tenho vinte anos né? Frequentando aqui a casa, mas vai ser...é eu espero que esses cem anos se multipliquem muito mais e que a gente consiga chegar mais adiante, através desses cem anos. Olha a resistência que o povo...a maior parte do pessoal lá fora tem contra o candomblé...é isso aí.

10'53'' Obrigado!

10' 54'' Nada!

10' 57'' Podemos encerrar?

**Nomes dos entrevistados: Alaíde, Vadinho**

**Nomes completos: Alaíde Conceição Amorim França, Heloivaldo Nascimento França.**

**Data: 28/10/2016**

**Nome/localização do arquivo: 00081\_1**

**Transcrição feita por: Pedro Batalha**

**Photo dos entrevistado:**



VÍDEO 00081\_1

0'22'' Alaíde: Meu nome é Alaíde Conceição Amor e França, tenho cinquenta e sete anos. Fui criada aqui nesse terreiro, nesse maravilhoso e encantado terreiro, desde os três anos de idade, após a morte de meu pai eu vim morar aqui com minha tia. Minha tia é meio irmã de minha mãe, Olga...você conhecem como Nengua Guanguacesse. E daí, a minha infância foi passada toda aqui, onde tive o prazer de aprender a ler na Escola São Lázaro, e tinha como professora Dona Marieta, uma filha de santo daqui, que conseguiu instituir aqui nesse terreiro, para a comunidade toda do...do bairro, que na época era um bairro bastante pobre, paupérrimo, ter um ensino, um ensino do turno da manhã, de cursos, português, matemática, história, geografias e a tarde ela passava pras alunas, os alunos não, só as alunas...cursos de bordados, cursos de receita de comida, de desenhos pra fazer você bordar e era...eram momentos muito bons. De segunda a sexta a gente tinha esse lazer cultural, bastante...bastante incentivador para essas crianças como eu, que pouco tínhamos o que fazer e me favoreceu muito, porque quando eu voltei, quando eu voltei pro centro pra morar um tempo com minha mãe...na minha admissão no colégio, no básico, na época era primário...foi assim uma maravilha, já sabia...já estava bem mais adiante de que outras colegas lá, graças a esse aprendizado...eu não, a maioria da comunidade daquela época, colegas que hoje não tão mais aqui, pessoas que eu não conheço mais...poucos eu vejo, mas também tiveram esse prazer e essa sorte de desfrutar desse...dessa comunidade, desse povo maravilhoso, desse encanto, dessa magia que esse terreiro proporciona.

2'25'' Beto: Então, assim como o teu tempo de escola foi importante, parece que o tempo do terreiro aqui, é importante pra esse lugar né?

2'32'' Alaíde: Sempre.

2'33'' Beto: Fala pra gente um pouco dessa coisa de comemorar os cem anos.

2'35'' Alaíde: Ah sim, para a comunidade...para nós eu não falo nem como nós aqui do terreiro, mas para a comunidade do...da Mata Escura, né? Ter esse tipo de...esse tipo de oportunidade, de compartilhar, de participar desses cem anos, porque, afinal de contas...na época que nós viemos aqui, só tinha o terreiro. Eu só me lembro do terreiro, que era mato, por isso que o nome

é Mata Escura, ta dizendo tudo, talvez você nem imagina, era o terreiro, mato, mato, mato, barro, a bica, a fonte, o dique, mas o terreiro...eu não me lembro de ver uma casa...descendo um ponto aqui e outro ponto ali. Então hoje...talvez, o fato de hoje ser essa comunidade imensa, gigantesca, tenha sido por causa da preservação do lugar que esse terreiro ficou marcando o tempo todo, pra chamar atenção até mesmo da Prefeitura, das autoridades, do \*\*\*. E pra eles é uma glória, né? ter essa referência, o terreiro...hoje em dia onde se vai se fala do terreiro do Bate Folha, na questão da intolerância religiosa...por causa disso.

3'51'' Beto: Me dá o seu nome, sua idade e fala pra gente um pouco do centenário.

3'56'' Vadinho França: É, meu nome é Vadinho França, sou Tata do Bate Folha, confirmado...sou Tata de Tempo certo? \*\*\*\*\* certo? E os cem anos Bate Folha representa muito por tantas coisas que com certeza já foram faladas aqui, mas o que mais me dá o tom é a preservação, a seriedade e a maneira conservadora que essa casa tem de cuidar da religiosidade de matriz africana, o Candomblé e em especial o terreiro de Angola, Kongo-Angola né? Eu acho que o Bate Folha é um salvaguarda, é uma referência, certo? Por conta dessa maneira de ser, perseverante e conservadora de toda essas informações que hoje podemos passar, do que foi completar esses cem anos dessa casa.

4'43'' Beto: Como é que tu se envolveu nessa história dos cem anos?

4'46'' Vadinho França: Rapaz, esse envolvimento da pessoa Vadinho certo? ela começa, certo? Quando nós tivemos a questão do nosso casamento, certo? Eu vinha aqui constantemente como um apreciador, mas, já sentia que essa casa, certo? tinha uma relação muito forte entre nossas vidas né? e a minha principalmente. E aí, eu me envolvi de vez, não só com a madame aqui, mas só com a casa também, certo? Hoje nós fazemos parte de toda essa engrenagem graças a Deus, com todos os outros que aqui frequenta, certo? Pra ter esse Bate Folha forte, certo? Diferente, de certa forma, de conduzir a sua maneira religiosa.

5'33'' Alaíde: E também foi uma maneira de agradecer, porque, esse terreiro que cuida também da entidade, da nossa entidade. Desde que eu comecei, que ele é o responsável pela entidade, mas desde que ele conheceu, que eu me casei e que a gente começou, a ter uma relação mais forte antes do casamento...aí nós transferimos...a responsabilidade de fazer o bloco espiritualmente, porque tudo na vida...tínhamos que envolver isso...nós vivemos em cima dessa energia, dessa magia...aí transferimos pra Alvorada, oh...a responsabilidade pra aqui pro terreiro e é isso que minha tia, meu pai fazem todo ano pra aquele bloco ir na rua, pra que a gente possa fazer um carnaval em paz, também pedir essa bença e hoje é o nosso terreiro, além de ser o nosso individual, é do bloco também.

6'25'' Vadinho: É porque na realidade, o Alvorada agora em 2017 completa quarenta e dois anos, e dificilmente nós estaríamos fazendo essa coisa se não tivéssemos o apoio espiritual dentro do Bate Folha. E aí, nós temos uma responsabilidade muito grande, por conta até dessa energia que ele coloca pra entidade. A gente cuida do bloco aqui, certo? A gente faz um...uma homenagem a casa...tipo, se o evento que for fazer é uma exposição de matriz africana, onde nós falamos da religiosidade...falamos da culinária e falamos da música samba que são três pilares muito importante de matriz africana. O...a culinária, nós servimos o caruru, que é feito aqui, religiosidade é a homenagem aos erês, ibejis, vunges, certo? E a música, o samba, que na verdade é uma marca forte do bloco, certo? Alvorada é o mais antigo bloco de samba de Salvador, certo? Desfilamos no carnaval, no circuito Osmar e tivemos esse saque de, no carnaval, nesse momento profano, certo? Levar pra avenida essa homenagem ao terreiro do

candomblé, que nunca aconteceu...aos cem anos do bate folha, porque já se fez homenagem a orixá, a sacerdotisa, ao negro...mas a uma casa, um terreiro, foi a primeira vez que um bloco leva pra rua, num momento profano, falar dessa intolerância religiosa que ainda impera muito, nos nossos dias.

7'53'' Beto: E como é que foi?

7'54'' Alaíde: Maravilhoso.

7'55'' Vadinho: Foi maravilhoso.

7'56'' Alaíde: Foi esplendido! Todo mundo sentiu essa energia. Foi uma coisa que você não sabia explicar, tava levitando no bloco. Foi tão rápido, foi tão bom, que quando acabou a gente não sabia...ainda tava assim, levado pela emoção e o pessoal se abraçando e o pessoal não sabia dizer de onde vinha, mas nós sabíamos, né? que ia dar aquilo ali.

8'14''Vadinho: E naquele momento a gente se lembra, hoje, lá pra avenida, dois mil e quinhentos, três mil associados. E foi muito importante a gente se colocar dessa maneira, porque a gente se colocou dessa maneira que anteriormente eu falei, contra a intolerância religiosa. Fomos dizer que nós somos do candomblé mesmo, no carnaval, onde existe uma visibilidade muito grande, até daqueles que acompanha...dois milhões e quinhentas pessoas no meio da rua, vendo a Alvorada passar...falar do Bate Folha, certo? e com sua força e sua maneira muito parecida com a do bate folha, dada as devidas proporções, né? pela nossa perseverança também lá no carnaval, enfim, foi muito importante pra gente. E logo no início, nós tínhamos alguns temas a poder...pudemos abordar porque nós sempre temos alguns temas abordando nessa...

9'05'' Alaíde: Polêmicos.

9'06'' Vadinho: É...dentro dessa dinâmica aí, nós resolvemos fazer pro Bate Folha, poderíamos ter feito também pros Cem Anos de Samba, enfim...mas nós escolhemos o Bate Folha.

9'19'' Alaíde: Nossa casa.

9'20'' Vadinho: Nossa casa.

9'20'' Alaíde: Nossa energia.

9'21'' Vadinho: E...e...em algum momento, eu comentei assim “eu tenho muito receio de falar com o Tata é... Pai Cícero e \*\*\*\*\* quanto essa vontade que nós temos de ir pra rua falar do Bate Folha. Porque isso? Porque da maneira que aqui é...

9'39'' Alaíde: Conservador.

9'40'' Vadinho: É conservador, certo? Talvez essa exposição não fosse boa...mas, fizemos questão de deixar bem...bem claro que, não seria ninguém vestido de orixá, nem ninguém...enfim...

9'53'' Alaíde: Nenhuma parte religiosa.



9'55'' Vadinho: O...as coisas mais sérias do candomblé não seriam expostas no carnaval, assim com os orixás, como suas ferramentas, enfim...era uma homenagem ao terreiro, por sua perseverança, por quinze mil hectares de Mata Atlântica, talvez o maior...pelo seu tombamento, pela importância que ele tem...pelos braços que o bate folha fez em todo brasil, por ser um candomblé de Angola, enfim...foi muito importante e eu tinha receio que eles não fossem adotar com a gente esse evento, no momento do carnaval, mas enfim...a gente conseguiu...

10'27'' Alaíde: Até tia...até tia que é conservadora, resistente, graças a deus abraçou a causa e veio com tudo. Todos os eventos que nós fizemos ela foi...a limpeza maior sai daqui, a força sai daqui, as comidas do santos que nós botamos lá, todas saem daqui, porque se existe uma coisa que nós aprendemos a fazer e a viver, é chamar energia positiva, coisas boas e atraindo pra gente...como é que a gente consegue sentir e fazer aqui nessa casa. E é só isso que nós precisamos e é só isso que nós queremos e abraçamos, em todos os sentidos, em bloco, ou aqui, ou no trabalho, ou em casa...essa energia que nós fomenta...

11'08'' Vadinho: E eu vou lhe...e você tem como certeza, a dificuldade que foi pra 2017, escolher um tema, foi...porque a as pessoas nos perguntavam a rua, foi até de arrepiar “ ah vocês fizeram o Bate Folha, o que é que vem agora? “. Porque, antes nós tínhamos feito o próprio 40 anos, já fizemos homenagem ao cantor, compositor, Roberto Meir...já fizemos homenagem a Maragojipe e suas expressões no carnaval, porque ele tem um diferencial no carnaval de Maragojipe, porque junto com câmara de roda e o estilo do carnaval europeu com as máscaras. Nós já fizemos a velha guarda da mangueira, o nosso samba é tradição...uma série de...de temas sempre focados à preservação de algumas coisas que a gente não pode nem deixar de tá colocando, enfim. E nós tivemos muita dificuldade de “ que é que nós vamos falar? “ pra ter o mesmo peso que foi se falar do Bate Folha mas, graças a deus por envolvimento de seminários, de editais nós fomos contemplados como nós falamos, da história da mulher negra, no samba da Bahia, certo? Que é uma coisa, um protesto que nós temos lá, que chama Agora Que São Elas, certo? E esse Agora Que São Elas...ele, ele se modifica, dessa vez não foi a história da mulher negra nem tocando nem sambando, certo? Como, como capacitar algumas mulheres negras, pra...o próprio empoderamento que hoje existe, mas, empreendedorismo, certo? Como fazer um evento de samba? Como estar envolvido com a mídia institucional, não só com a privada também foi muito bom. E daí saiu o tema de 2017, que vai ser uma homenagem à mulher, certo? Provavelmente, vai ter um lápis...um riscado também dentro da própria violência com a mulher, certo? Desses momentos que a mulher vive, assumindo...principalmente a mulher negra, com seu cabelo, com sua maneira de se vestir, enfim...quem tá falando isso é um homem, que poderiam dizer assim “ pô um homem tá falando “é...mas eu acho que o candomblé tira essa situação de você se tornar machista no momento de homenagear e entender que isso é muito importante, até porque eu tenho três filhas, certo? Eu venho de um tratamento muito importante dentro da história e da responsabilidade da mulher. Eu que a...a própria vida da mulher negra, passa pela força que a mulher tem dentro do terreiro de candomblé. A matriarca, certo? A fortaleza, a maneira de aconselhar, a maneira de abraçar, certo? De colocar no colo e as nossas cabecinhas nos ombros delas, por que é um alento muito grande pra um homem poder fazer parte de um terreiro que tem mulheres tão...tão sábias no seu ensinamento e ativas...e acima de tudo, certo? É...conceito muito de acolhimento.

13'57'' Beto: Desde a escola né? Começando pela escola...passando por tudo isso...

14'03'' Alaíde: Com certeza. E, vocês não imaginam aquela senhora, frágil, do jeito que é Kishusino, Marieta...dominar vinte a trinta alunos, assim, por dia naquela mesa que vocês almoçaram. Com aquela paz, nunca levantava a voz. Uma tranquilidade, mas não sei da onde

ela tinha tanta sabedoria...que eu não sei qual era a escolaridade dela, na época nunca tive curiosidade...mas era o bastante pra ensinar a várias, inúmeras crianças, que não sabiam nem como escrever o “ a “ e saíram daqui, sabendo. Eu espero que tenham muitas né? Ai fora hoje que se lembrem dela e que estejam aproveitando o bastante, aquele aprendizado que ela passou pra gente. Foi muito bom, é muito bom. É uma coisa que a gente ta sempre falando e hoje em dia que é diferente de se fazer hoje uma escola aqui né? porque vocês sabem quem infelizmente, o tempo mudou muito. Mas na...o...da maneira que ela gerou, da maneira que ela criou, da maneira que ela pensou, deu certo. Porque eu saí, mas eu ficava vindo aqui dando suporte nela e tava crescendo. Infelizmente a idade, o tempo a levou e não tivemos a oportunidade de ter outra Kisuxino.

15'19'' Vadinho: É porque, esses registros que vocês fazem no momento, é muito importante, certo? Para futuramente, certo? Logicamente que eu não vou alcançar cento e cinquenta anos do Bate Folha, não vou alcançar duzentos anos do Bate Folha, mas...alguem vai ver isso ai, certo? Existe uma lei que é muito pouca observada, 10.639 aonde essas coisas tende ir pra escola, pra as pessoas começarem a entender que nossos heróis existe, sem precisar ta com faca na mão, ta com revolver, certo? Mas dentro de uma situação, que não é na verdade favorável pra se tornar heróis, pra se tornarem referências, mas se tornaram. E isso no candomblé é muito evidente.

16'06'' Alaíde: Isso é evidente...principalmente que o candomblé tem uma coisa que ele obriga você...você ser igual um ao outro, semelhante. Você olhar pra uma pessoa e ver que ela é igual a você, que você é igual a ela, que não tem nada melhor, não tem ninguém pior...todo mundo tá ali só mesmo querendo a mesma coisa, sua paz, sua tranquilidade, seu amor, se abraçar, se querer, sentir essa coisa que eu não sei se sou eu só que sinto, porque eu vejo todo mundo quando se abraça, querer abraçar mais, entendeu? Eu acho que a energia do candomblé faz. Todo...cada um tem sua maneira de ter sua energia...a minha energia é disso aqui. Que é isso aqui que me fez chegar até os sessenta, que eu espero que me de mais dez, quanto eles quiser dar...pra mim ta tudo bem.

16'47'' Vadinho: E é isso mesmo...e somos nós formadores de opinião, na verdade...apesar do Bate Folha e tantos outros candomblés \*\*\*\* ter chegado, certo? Com seus filhos hoje...já tem uma maneira mais...mais fácil de viverem a questão da universidade, tudo mais...são doutores, são mestrado, doutorado, mas aqui...

17'10'' Alaíde: Eu fico feliz hoje quando eu vejo tantas makotas, tantas filhas de santo, tudo já doutoras né? mestradas, acadêmicas...porque na minha época não era, a gente mal conseguia chegar ao primário, era muito difícil. Então quando você chegava pra fazer um vestibular, Avemaria é uma doutora, a gente chamava de doutora, mas hoje em dia nós temos verdadeiras doutoras aqui dentro do nosso ronco. Pessoas, mulheres, negras, guerreiras, pobres, mas que sabem lutar por esse objetivo acadêmico de ser alguém na vida e continuar respeitando isso aqui. Essa energia dessa igualdade, nada de subir a cabeça, não querer ser melhor do que ninguém, simplesmente ser, porque a vida determinou, que ela seja mais um filho de Deus no mundo. Eu a vejo assim.

17'55'' Vadinho: E os filhos daqui, eles são eficazes nas maneiras de tratar um ao outro. São eficazes num discurso só, certo? E acima de tudo, eu sou Vadinho França, Alaíde França, certo? Mas dificilmente, esse poder de empoderamento que nós temos aqui, seria fácil se não tivesse o Bate Folha, tenho certeza.

18'22'' Alaíde: Nenhum. Até hoje minha tia, noventa e dois anos e é um ser humano incrível. Até hoje ela dita. Se eu faço alguma coisa errado eu nem olho pra ela, porque eu já sei o que é que eu vou receber. Acho maravilhoso essas dinâmicas. Coisa que ela tem de ser aquela mulher assim...quando ela quer as coisas tem que ser do jeito que ela quer. Se a educação que eu tenho hoje, eu agradeço muito a ela. Doeu viu? Que na época era surra por cima de surra. Doeu muito, mas me vale até hoje...até pros meus filhos valeu.

18'52'' Vadinho: Valeu até porque, tem que ser...você com suas surras se tornou duplicadora dessas informações...

19'02'' Beto: Gente, obrigado...

**TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

**ALAÍDE AMORIM FRANÇA**

**TATA MUGUANXI**

**NADJA CONCEIÇÃO CRUZ**

**Nome do entrevistado: Alaíde França**

**Nome completo: Olga Conceição Cruz**

**Data: 14/09/2019**

**Transcrição feita por: Carla Nogueira e Luisa Ferreira Nogueira**

01'42" Meu nome é Alaíde Conceição Amorim França, eu tenho 61 anos, e Olga. D. Olga, D. Olga Conceição né, o nome está dizendo, eu sou Alaíde Conceição, ela é Olga Conceição. É minha mãe, mas é, literalmente, totalmente, praticamente, minha mãe. A minha relação com ela é de mãe e filha, porque nesses 61 anos, não me vi um dia, um minuto, um segundo sem essa mulher em minha mente, minha frente, minha cabeça e foi a pessoa que realmente, realmente a base do meu eu, do meu ser, da minha pessoa, da minha vida. Por que quando eu me lembro que comecei a falar, a ver foi a pessoa que eu vi na frente. Ela é irmã de minha mãe, né, mas com a morte de meu pai precocemente, por que ele morreu com 40 anos, eu vim viver aqui [Terreiro Bate Folha] e nisso tive oportunidades de conhecer Bandanguame que foi meu padrinho e aí eu adquiri toda a minha estrutura, toda a minha referência de vida com ela. Ela é muuuuito. Ela é essa mulher assim, desde quando eu a conheci, tranquilidade, sempre serena, confiante, uma fé invejável em tudo e em todos, um amor, uma humildade, uma energia que a gente encosta nela e absorve. Então, a minha relação, eu procuro não pensar se algum dia nesse mundo eu tiver que viver, né, sem poder vê-la, conversar, abraçar, estar com ela. Eu acho que, eu acho, espero que Deus seja piedoso e prolongue bastante, dentro de um nível de consciência e saúde pra ela, também de conforto que não posso ser egoísta de pensar só em mim. Essa estadia aqui porque é necessária não é só pra mim. Minha relação com ela é fortíssima, a minha relação e acredito que a dela comigo. Não é querendo me gabar, não, mas eu tenho certeza que nós criamos esse elo, não, não, pelo umbigo, mas pelo coração.

04'21" Carla Nogueira: É... a Nengua Guanguacesse sempre viveu aqui no terreiro?

04'24" Alaíde França: Eu a conheci...

04'25" Carla Nogueira: Você tem alguma memória de outro espaço que ela tenha habitado?

04'30" Alaíde França: Eu a conheci aqui. Porque quando voinha foi morar lá no Beco dos Cravos [fez menção à Tintina, mãe de D. Olga] se você reviu pelas conversas dela que naquele tempo o pessoal comprava terreno aqui, comprava ali, vendia. Era uma facilidade, não precisava ter escritura, não precisava ter nada, era sempre assim. Então, quando voinha foi morar no Beco dos Cravos, ela já estava morando aqui. Foi um chamado tão forte, que foram várias tentativas dela ter a própria casa dela, inclusive comigo. Meu tio Ranulfo, foi irmão dela, montou uma casa, montou uma casa para nós morarmos lá em Castelo Branco. Independente de tia, independente do Beco dos Cravos, que eu até entendo que ela não gostava de morar lá que a casa era muito pequenininha. Mainha já tinha a casa dela, meu tio morava, em Barbalho, Macaúbas. É Macaúbas ali, então ela morava aqui. Então, nós vamos ajudar, a família toda pra, pra, ela ter uma casa, porque não é possível, né, pois é, mas não tinha jeito não. O chamado foi forte. Foram várias, mas ela, mal veio passar um final de semana e nisso não voltou mais e daqui a pouco já se fez outra tentativa. Dona, aquela época D. Maria até ajudou falida [falecida], aí foi quando ela achou esse terreno aí do lado, "ah, eu quero para pelo menos é um lugar para eu morrer, aí essas coisas e foi levantando a casinha, mas nunca saiu daqui. Resumindo, resumindo, não quer sair daqui. Meu padrinho tinha uma casa de veraneio em Itapuã. Ela viaja até pro Rio. Uma vez que ela passou uma temporada no Rio de Janeiro, mas, verdadeiramente, realmente, a casa dela é aqui. Acho que ela não sentia vontade. Ela não se sentia à vontade na casa de ninguém. Na minha casa. Eu uma vez a chamei, eu intimei mesmo, ela foi e questão de

dois minutos levantou com a bolsa na mão e saiu. Não, não me lembro dela passar um dia ou dois dias na casa de alguém não.

07'11" Carla Nogueira: Lá em cima você falou que ela ajuda muitas crianças que passaram pelas mãos dela.

07'18" Alaíde França: Inúmeras, inúmeras. A comunidade toda do Bate Folha. Antigamente isso aqui era um, a gente chama de roça porque era uma roça e não existia essas casas toda. As pessoas que moravam aqui, todas dependiam desse terreiro para alguma coisa.

Sem falar a parte frutífera que é a questão, tinha uns bichos que se criavam, que não tinha ladrão como se tem hoje, podia ser, era tudo liberado, livre mesmo, e aí, tia ficava olhando os meninos, fora os filhos, netos, os filhos de santo, tinha o pessoal da comunidade, você vê que é assim até hoje, olha eu peguei um uber essa semana, que quando entrei no uber, não me lembro como chegamos aqui na Mata Escura, aí ele falou assim "Você mora na Mata Escura?" Eu disse "Morei, moro, minha tia mora lá" "E quem é sua tia?" "Dona Olga" "Oxen, eu fui criado ali", aí começou a contar, "Você se lembra de fulano?" Aí eu disse "Menino, pelo amor de Deus que isso, que energia é essa", "Pois é, Dona Olga, matou muito minha fome ali" Quando a gente chegava ali, aqui em época de comida, aquela mesa de fora, sempre cabia mais um pra comer, tinha o pessoal aí, aí da frente, que era, não era povoado, não tinha bairro, não tinha isso, não tinha aquilo, tinha um rapaz que vendia, bichos vivos, bichos vivos assim, oxente, quando chegava essa hora, falava com Dona Olga, (batendo palma) "Ô Dona Olga" Não era apetite, não, era a pessoa mesmo que ficava ali e já se alimentava, ficar dias ou ficar dias não, passar. Tanto sim que vocês sabem né, que Nadja, que é filha dela, foi assim. Cristiano e outros meninos agora que eu não me lembro, dela criar, educar e aqui ainda tinha a escola, tinha a escolinha São Lázaro, que a professora era minha tia Kissuxino, Marieta, né?

09'28" Carla Nogueira: Você era estudante da escola?

09'30" Alaíde França: Eu era aluna e professora, viu! Modéstia à parte, porque como eu gostava de estudar, minha tia sempre me requisitava pra ensinar um aluno ou outro, assim que eram muitos, porque era um daquele ABCD, uma cartilhazinha, né cartilha não, era um negocinho deste tamanhinho, ABCD, entendeu? E ali a casa tinha muito, então, o ABCD todo mundo conhecia, o 1 2 3, caligrafia? Era nosso forte.

10'05" Carla Nogueira: E quem frequentava a escola?

10'06" Alaíde França: A comunidade, a comunidade, agora uma coisa que eu não sei dizer a você, se era pago, eu acho que não era não, porque eu nunca vi coisa de dinheiro para Marieta, eu só sei que aquela mesa ali, da frente, era tomada de ponta a ponta, minha tia Kissuxino ficava numa cabeceira e eu do lado dela. E aí, além de eu aprender, ensinava a quem não sabia, aí ela "Alaíde". Era uma pessoa muito calma, muito tranquila, e quando se via, de manhã era aula didática, podemos dizer assim, e de tarde era bordados, ponto de cruz, ponto atrás, ela não ensinou rechilieu, mas essas outras besteirinhas, aquele fuxico, né, fuxico que fazia, aí minha tia ensinava, e nisso tinha muitas mães que tinham outras atividades porque tinha um lugar pra deixar o filho, e foram anos assim, eu me lembro bem de 03 a 04 anos, mas depois minha tia faleceu, aí teve que acabar com a escola, infelizmente.

11'17" Carla Nogueira: Aqui foi a primeira escola do bairro?

11'21" Alaíde França: Não, naquela época tinha Maximiniano da Encarnação, não é assim o nome da escola? Aquele colégio?

11'26" Carla Nogueira: É, escola municipal.

11'27" Alaíde França: É lá na frente, aquela escola tinha também, mas só que aquela ali, primeiro às meninas vinham pra aqui e depois pra lá, né! Os meninos vinham pra aqui, aí faziam prova de admissão na escola pra entrar, aí passavam, "Passei" Era uma vitória, era um vestibular, quando eles passavam para serem admitidos na Maximiniano da Encarnação. Aí vinha uma outra turma, porque os meninos eram muito pequiticos mesmo, como não tinha farda, não tinha nada, era aquela roupinha, um caderno, essa cartilha, aí aqui foi o berço pra muita gente, é uma pena que hoje eles não se lembrem de fazer uma visita ou pensem até que não exista mais o terreiro, porque iria ver quantos alunos passaram por aqui, pra chegar lá na Maximiniano. Eu acho que ainda existe esse colégio ali na frente, não existe?

12'24" Carla Nogueira: Existe. Por que você a considera como mãe?

12'26" Alaíde França: Ah sim, é uma coisa que não sei explicar, porque, independente da criação, é o amor, é um amor muito forte de tia, porque até hoje, onde eu estou, eu me lembro dela, minha energia muda, tá, é minha força, é pena que eu não posso mais conversar como a gente conversava antes, porque antigamente ela sabia de tudo, o dia que eu tava triste, até hoje eu ligo pra ela, pela minha voz ela pergunta o que foi. Quando eu cheguei aí agora, ela me olhou, olhou "Você veio trazer a galinha?" Aí eu disse "Carla não ligou não?" Porque a gente... "Ah foi, Muguaxi falou comigo" "Oxente tia esqueceu de mim?" Fiquei fazendo aquela hora, eu a considero, porque a irmã dela foi quem me pariu, mas na verdade, teve alguma coisa espiritual de troca que na hora, entendeu, assim. Eu, a vida toda achei que mainha era minha tia e tia era minha mãe, com tudo, porque eu nunca recorri a mainha, como eu recorro a tia, nunca. Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, tudo primeiro era tia, é tia, agora mais não, porque agora inverteu, né, eu acho que tá na hora de devolver um pouco do que ela me deu. Aquele amor, aquele carinho, aquela atenção, aquela dedicação, assim, falar eu falo alguma coisa "Tia, eu preciso fazer num sei o que" Ela dava o jeitinho dela, tudo acontecia. É minha formatura, meus 15 anos ela queria fazer, queria fazer 15 anos não, achava aquele negócio patético, não tem que fazer não, aí ela manda um bolo, ela sempre fazia as coisas pra mim... ficar mais bonito, melhor. Não tem como explicar o que eu sinto, é uma pessoa que, simplesmente, eu amo demais.

13'39" Carla Nogueira: E aproveitando essa carga de emoção, pra gente encerrar, conte uma história, uma lembrança sobre a Nengua.

14'52" Alaíde França: Assim, comigo ou com a Roça?

14'55" Carla Nogueira: Algo marcante que você considera... essa função social, essa característica humana.

15'05 Alaíde França: Todos os momentos foram marcantes com ela, assim. Teve uma hora, quando eu tive a osteomielite nesse pé, eu passei uma fase difícil no hospital. É muito difícil porque a dor coloca você entre a fé e a coragem, isso, exige muito do ser humano, porque a dor é tão grande que tem horas que se você não tiver onde se agarrar você fraqueja e eu passei por isso quase 30 dias, até quando abriram o pé que viram que era osteomielite aí parece que a infecção e aquela febre não passava, a dor não passava e alí, aí você olha pro lado vê, mas ela não ia lá, mas todo dia 07h da manhã aquele telefone tocava, impressionante. E ela, parecia

assim, uma recarga sabe, de celular, aí ela vinha com aquelas palavras, aquelas coisas que o meu corpo todo se energizava e eu aguentava o dia todo de dor já esperando um outro dia e a mesma pergunta, a febre passou? Não. Aí a febre não passava, aí eles ficam combatendo, combatendo e ela fazia assim, aquelas palavras, aí recarregava aquela fé, aquela força, aquela coragem e a dor um dia passava de novo, bom. 30 dias se passaram nesse processo. E não teve um dia que essa mulher não ligasse de manhã para mim... me recarregava. Graças a Deus no 30º dia, quando a médica chegou.. eu estava bem, no automático porque tudo quando fica constante, né, fica normal, ficava esperando esperando aquela coisa de, né, vamos ver. Quando a médica chegou, falou, você está de parabéns, você passou uma noite sem febre, mas vamos esperar o dia para avaliar se o remédio está fazendo efeito. Aí ela ligou e eu não entendi o que ela falou, apesar de eu ser daqui, eu não entendo nada, né. Mas, aquilo ali pra mim foi tão lindo que eu sabia que era coisa muita boa pra mim e era início de uma nova fase, como foi, tão marcante. Meus filhos estavam lá, meu marido estava lá e ela estava o tempo todo e isso pra mim toda vez que fico doente, ela sempre fez. Toda vez que eu me internei, toda vez que eu... sempre fez, mas naquela hora parecia assim, que ela sabia que era importante aquele empurrão pra mim e graças a Deus foi um milagre, mais um ato de amor e dedicação pra uma pessoa da idade que ela está, foi em 2015, não tem tanto tempo. Ela já tinha 90 anos, né! E aí as coisas que ela mandava lá, entendeu, pra resolver, pra fazer o que ela fazia aqui, que eu sei que ela fazia, eu sei. Então, realmente, é... eu não imagino no mundo uma pessoa tão amada quanto eu, de mãe pra filha. Eu vou finalizar assim, não é querendo me colocar, não. Eu me sinto assim, eu me sinto assim super amada.

19'25" Carla Nogueira: Quer deixar algum recado para ela?

19'27" Alaíde França: Ah sim, eu quero primeiro agradecer isso que você está fazendo, porque é uma coisa que você vai deixar não só pro terreiro, mas para nós que amamos ela, que é uma coisa que eu farei questão de ter para sempre tá lendo, sempre tá vendo, sempre tá ativando isso mais do que merecido. E oh, agradecida por você ter tido essa iniciativa que ela merece, ela merece muito... que ela tenha plena consciência, que ela fez aqui nessa vida, foi extremamente maravilhoso e importante e que não vai ficar devendo nada. Eu acho que como ser humano deve ter os pecados dela, né, porque não existe aquele... mas, no quadro geral, total da vida ela pra mim foi uma mulher perfeita, ela pra mim tem o dever cumprido, pra mim não, pra quem conheceu ela, porque não pode se exigir mais da pessoa do que a própria vida que ela dedicou a todos nós e a esse terreiro. Ela tá de parabéns.



**Nome do entrevistado: Cícero Rodrigues**  
**Nome completo: Cícero Rodrigues Franco Lima**  
**Data: 14/09/2019**  
**Transcrição feita por: Carla Nogueira**

23'37" Carla Nogueira: Bênção, pai. Obrigada por participar dessa entrevista para o meu doutorado e que fala sobre nossa mãe. Nengua Guanguacesse, D. Olga. Para o senhor qual a importância da Nengua para o Terreiro Bate Folha?

24'44" Tata Muguanxi: A importância dela. D. Olga tá aqui desde o segundo zelador da casa, de Bandanguame, quando ela veio pra cá e ela foi responsável pelas transições do segundo zelador até Seu Dudu, o penúltimo... o último vai ser eu, mas ela que foi responsável por toda essa transição, por guardar o conhecimento da casa e transmitir. Em toda casa de candomblé, todo terreiro, o grande problema é quando morre um zelador, as brigas internas que tem a dificuldade de se escolher um novo zelador, um novo sacerdote e foi a função principal dela dentro dessa casa que manteve a harmonia. Nós já tivemos a mudança de Bandanguame pra pai Pedro, de pai Pedro pra Seu Joca, de Seu Joca pra Seu Dudu e Seu Dudu pra que eu assumisse e não tivemos problema praticamente nenhum graças a ela. Ela que foi a mentora dessas transições que muitas casas grandes fecharam na morte de seus zeladores, sempre tem muita briga e nós tivemos o privilégio de ter ela. Ela sempre conduziu essa transição da casa. Algumas pessoas às vezes, com... mas ela que conseguiu fazer toda a transição sem a gente perder nenhum filho de santo sem ter tido briga, sem ter tido desavença dentro da casa. Então, todos nós que assumimos depois de Bandanguame devemos muito a ela e a casa deve a ela. Ela foi quem manteve essa união dentro da casa. Então, todos nós temos respeito. Ela não está sentada na cadeira, desde o segundo, muita gente, até eu, fiz muita pressão, queria que ela assumisse a casa, mas por uma determinação da dona da casa, de MBamburusema, na cabeça de Seu Bernardino, que sempre desejou, disse que teria de ter um homem à frente da casa, senão ela estaria sentada no trono de responsável pela casa, mas não tira a importância dela, de ser a pessoa que conduz. Todos nós, os que tomaram conta desde Tata Nebanji, Seu Joca, que ela que ficou com toda responsabilidade de cuidar de roupa, dos santos, da arrumação de dentro do restrito ou seja da parte das mulheres sempre ela cuidou de tudo. De comida, da casa e a parte que restou pra gente foi tomar conta do quarto do santo, das obrigações do fundamento da casa que foi determinado por MBamburusema que seria um homem, mas ela ficou essas 04 gerações, foi quem assumiu a direção dessa parte do funcionamento da casa. Então, o relacionamento nosso é de gratidão e de respeito a uma pessoa que nos botou, praticamente, na função.

27'40" Carla Nogueira: O senhor a considera como mãe?

27'45" Tata Muguanxi: todos nós aqui da casa a consideramos ela como mãe. Como até hoje a gente ainda chama ela de mãe. É a primeira pessoa que a gente saúda em todas as obrigações. É sempre dado uma referência a ela. Em todas as feituradas, em todas as obrigações da casa, se salva primeiro ela até do que Seu Dudu, do que eu. Não digo Tata Nebanji porque Tata Nebanji já era quase da mesma idade dela de santo, mas ela hoje é uma senhora que tem 70 anos, eu tenho 35, 37, então ela é a mais velha de todos da casa. Hoje não tem ninguém vivo na casa com mais idade de santo do que ela, então, ela é a referência nossa, como a pessoa mais velha da casa.

28'22" Carla Nogueira: O senhor a conheceu como?

28'28" Tata Muguanxi: eu desde os 13 anos de idade, eu vim. Eu comecei a fazer parte da Casa, com 06, 07 anos eu vinha com meu tio e fui suspenso e entrei na casa aos 13 anos de idade. Aí aos treze anos, eu fui suspenso e comecei a fazer parte a vim sozinho da casa, já conhecia desde os 13 anos de idade, aí passei a ter maior entrosamento com ela. Eu tinha 13 anos de idade e a mãe devia ter seus 50 e poucos anos ainda, aí com 19, 18 anos, eu tirei carteira, comprei um fusquinha ia pra feira com ela. Ela ia pra feira, fazia compras, eu ia buscar. Naquele tempo o carro ainda entrava na feira. Aí pronto, começamos a sair, saía para fazer compras. Foi quando eu fui me confirmar, já saía com ela para fazer as compras, comprar tudo, ia pra Baixa dos Sapateiros, Pelourinho comprar almofada, algodão para fazer travesseiro e quando eu me confirmei com seu Joca, Seu Joca aí passou a eu ter um contato maior aqui na casa. Eu vim mais, a ficar aqui com ele, pras obrigações, se precisava fazer alguma coisa, eu vinha, e aí o meu contato com ela, saía com ela, viajamos depois para Belo Horizonte, pra fazer uma obrigação, foi a única vez que vi mãe saí daqui pra fazer alguma coisa, nós fomos para Belo Horizonte dá os 21 anos de uma senhora, aí foi eu, ela e mais duas pessoas daqui da casa e pronto. Estreitamos a amizade. Eu tinha muita amizade com o irmão dela. Seu Ranulfo, tinha muita coisa comigo. Seu Ranulfo quando se aposentou o cartão dele ficou comigo, o pagamento ficava comigo, eu quem recebia o dinheiro de Seu Ranulfo. Ele ia lá no trabalho buscar ou eu ia levar lá na casa dele. Com o restante da família, não, mas com seu Ranulfo viveu aqui com a gente e aí eu tive mais contato com ele e ela. Depois passei os pagamentos dela, a receber o dinheiro dela, a levar ela pra banco, tinha mais disponibilidade de tempo e aí ficou com o nosso relacionamento mais além de mãe, mais de uma amizade mesmo. De um respeito, com minha mãe. Que minha mãe vinha muito aqui, ficava aqui com ela, tudo. E ela abusava minha mãe, dizia "oia, eu vou tomar seu filho emprestado, viu", "esse filho também é meu", ficava brincando e eu sempre tive essa confiança. Agora mesmo, quando a gente teve a visita do secretário, depois ele foi me dizer que ele sentou com..., Jerônimo, sentou com ela lá dentro. Ele aí veio porque "estou impressionado como ela gosta de você, ela falou muito de você, que tem uma confiança, que quando você não está aqui, que quando viaja, ela fica apavorada de medo que não quer que você vá. Era com minha mãe, agora é com ela. Se eu viajo ela fala "o senhor não vai demorar não, né?" "Oh, o senhor não vai não". Que é uma coisa que ela sempre me chamou de senhor. Eu e quase todo mundo apesar da minha idade de ser, tenho 56 anos, ela com seus 94 anos, mas ela só me chama de senhor.

28'22" Carla Nogueira: Quando o senhor passou a morar aqui?

32:08 Tata Muguanxi: quando minha mãe morreu, eu ainda passei uns seis meses em casa, aí D. Olga ficou doente, eu aí vim, fiquei aqui uma semana, depois duas. Aí eu disse, "oia, eu vou ficar por aqui...aí aluguei minha casa e construí um quarto aqui pra mim e já vai fazer 05 anos que eu moro aqui com ela e aí esse relacionamento passou a ser diário e aumentou. Final de semana mesmo é folga do caseiro e eu não saio para não deixá-la sozinha. Quando eu viajo, Seu Orlando sempre acerta com alguém pra ficar aqui com ela pra não deixar ela sozinha.

28'22" Carla Nogueira: O senhor acha que a importância dela vai para além do terreiro?

32:49 Tata Muguanxi: Sim. Sem dúvida, é... todos os outros terreiros, os amigos falam e comentam que ela é a grande... o sustentáculo do Bate Folha que ela foi a responsável pela nossa Casa, então todo mundo lá fora, São Paulo, agora eu tive mesmo em São Paulo, mesmo quem não conhece ela tem uma adoração por ela porque sabem da importância dela pra roça e pra gente.

28'22" Carla Nogueira: E ela teve relação com outros terreiros?

33:18 Tata Muguanxi: Sim, teve, a da Bahia tem sim. O povo antigo dos terreiros, você chega no Gantois, na Casa Branca, o povo antigo todos conhecem ela. Ela visitava muito, ela fazia acaçá para mãe Menininha, mãe Menininha não fazia uma festa se o acaçá não fosse feito daqui. Eu no meu fusquinha, com 19 anos, já levava a assadeira. Naquele tempo a velha fazia umas assadeiras de acaçá pra obrigação de mãe Menininha... acaçá saía daqui e quem fazia era D. Olga. Até pouco tempo eu ainda levava pra uma senhora de Iroco que faleceu lá do Gantois, ebomi Cidália, todas as obrigações de ebomi Cidália, o acaçá saía daqui. E aí, até depois que mãe Menininha morreu, ainda ficou mandando pra mãe Creuza, ela fazia o acaçá. As saias de mãe Menininha foram feitas sempre pelo pessoal daqui da roça, então, ela tem um conhecimento muito grande. Devido a própria idade dela, já não sair mais, já tem um bom tempo que ela não sai, essa nova geração só quem vem aqui, mas o povo antigo quando a gente chega toda hora ainda pergunta cadê Miúda, conhecem muito ela como miúda.

35'29" Carla Nogueira: Apelido?

35'32 Tata Muguanxi: Muita gente antiga a conhece assim. Miúda.

35'40" Carla Nogueira: Características Marcantes que o senhor considera que a Nengua possui.

36:01 Tata Muguanxi: A humildade dela, nunca subiu a cabeça dela o status que ela tem aqui na Casa, o poder que ela tem dentro do candomblé, muito pelo contrário. Sempre com esse mesmo jeitinho dela, de humildade, de respeitar as pessoas. É uma coisa que ela tem grande. E o perdão. Ela é fora de sério. Às vezes, até comigo mesmo, eu sou mais esquentado, me aborreço, ela aí me chama, não é assim não, tenha paciência. Então você vê que esse jeito dela de perdoar as pessoas. Eu já vi gente aqui dizendo coisas absurdas, sair e voltar com a cabecinha baixa pedindo e ela nem parecer que a pessoa fez nada com ela. Depois, ela mesma diz. eu quem sei o que já sofri com essa pessoa. Trata a pessoa até melhor do que a gente. Eu digo, "quer dizer que fazer o que fazer com a senhora e ainda trata melhor de quem tá do lado dela". Acho que é pra mostrar a superioridade dela. Então essa coisa de perdoar, de saber, acho que é o principal. Eu lembro uma vez que roubaram o som de um carro e no outro dia eu comprei. Tá vendo que o ladrão não tinha o sangue ruim. Esse amor que ela tem pelo ser humano, pela pessoa. A pena, se chegar uma pessoa com necessidade, ela é incapaz de negar um prato de comida, é de ir na dispensa dela, ela aí tira e dar a pessoa pra levar, ela é...

38'12" Carla Nogueira: O que o senhor mais aprendeu, o senhor se modificou?

38:21 Tata Muguanxi: Sim. Essa parte dela, de às vezes a gente tenta, mas aí lembra das coisas que ela faz aqui e que às vezes a gente quer ser mais grosso, mais coisa e vê que da maneira que ela mostra a gente o que é uma Casa de Candomblé, da gente lidar com pessoas, de você conseguir manter essa união dos filhos. De você não poder levar tudo na braveza não. Tem que engolir, deixar passar e pronto. E é um grande... você chega na maioria dos terreiros que você vai. Eu chego em Belo Horizonte. Dez, quinze, filhos de santo, já mudaram. Aquele grupo todo que estavam em um ano quando você vai no outro ano, já é uma turma toda diferente. Cansa de chegar pessoas aqui de ter passado por 04, 05, 06 Casas, 06 pais de santo. Você tem aqui uma gama de filhos de santo daqui da casa, de pessoas daqui da casa, que estão aqui a 50, 60, 70 anos. Como ela, temos pessoas aqui que já chegam a 70. Pessoas que não foram nem iniciadas e estão na casa a mais de 50 anos e filhos da Casa, apesar de tudo, mas você tem a maioria... que perdemos 01 a 02 filhos em 100 anos foi muito, então, isso a gente deve a ela e esse aprendizado a gente tem que manter com ela. Pra manter uma Casa de Candomblé como essa aqui são pouquíssimas que conseguem juntar e manter aqueles filhos, todo mundo ali junto e

isso a gente deve a ela. A esse ensinamento que a gente tem que lutar para manter é isso. Se briga, se se aborrece, mas ali junto, de não tá... a maioria dos filhos da Casa estão aqui.

38'59" Carla Nogueira: Qual lembrança marcante o senhor destaca.

39'07" Tata Muguanxi: A mudança dos zeladores da Casa. A morte de Seu Joca foi muito traumática, a doença dele e ela sempre ali, junto da gente, sempre confortando e sendo mais forte até do que a gente, que às vezes ela... não é isso mesmo, vumbora, arrumar, fazer às obrigações. Nunca deixou a gente desistir, nem deixou parar. Então, a partida, eu quem acompanhei, de Seu Joca e de Seu Dudu, essa força dela ao nosso lado, acho que foi um dos momentos mais... que ela sempre abalada, que a gente sente, que ela era muito chegada, apegada com Seu Joca, viveu com ele muito tempo aqui, era o braço direito dele, mas ela em momento nenhum fraquejou e sempre do lado da gente.

39'22" Carla Nogueira: Qual recado o senhor deixa.

39'30" Tata Muguanxi: Pra ela, apenas que ela tenha certeza que o amor dela a gente nunca vai esquecer e vamos lutar para manter essa Casa do jeito que ela sempre gostou e sempre disse. Olhe quando eu morrer, vocês não vão abandonar a Casa, não. Comecem a brigar não por causa da minha morte. Eu quero que vocês continuem com o meu trabalho, a minha vida que eu dediquei aqui à Casa, eu não quero que seja levado em vão, então é o que ela sempre pede a gente que é o recado que deixo pra ela é que a gente vai manter e fazer. Quando começar a se aborrecer, aí lembra dela e aí diz "oi, vamos fazer... a velha não iria querer. Mesmo 100 anos da passagem dela, a gente vai ter sempre ela como referência pra na hora do nossos apertos lembrar dela e dizer, não oi, vamos fazer como ela sempre fez e como ela queria e quer que a gente mantenha a Casa.

**Nome do entrevistado: Nadja Cruz da Silva**

**Nome completo: Nadja Cruz da Silva**

**Data: 14/09/2019**

**Transcrição feita por: Carla Nogueira e Marco Antonio Nogueira**

44'37" Carla Nogueira: Irmã, bom dia sua benção. Meu pai que te abençoe. Eu gostaria que você falasse seu nome completo, e quero te explicar que esse momento aqui é prá que a gente, como disse você fale sobre sua mãe, Nengua Guanguacesse, já que ela é elemento de uma tese de doutorado, e a gente está procurando entender qual a importância dela para o Terreiro do Bate Folha, para a Mata Escura, e para o candomblé da Bahia e do Brasil, como um todo. Mas vai caber a você falar sobre sua mãe, a relação que tem com ela e, fundamentalmente, qual a importância que ela tem na sua vida. Então, a minha primeira pergunta é, qual é a relação que você tem com a Nengua Ganguacesse?

45'08' Nadja Cruz: Minha Mãe que te abençoe, bênção. Bom dia.

Meu nome é Nadja Cruz da Silva, é um prazer enorme falar sobre minha mãe, e eu posso resumir dizendo que o que eu tenho por ela é gratidão, porque eu acho que vim prá cá com 15 dias de vida, através de uma pessoa que era daqui, Kutuminisá, que conhecia minha mãe, e que ela já havia comentado que queria uma menina prá criar. Não sei se por coincidência, ou pelo planejamento do astral, eu acredito, aí ela falou, não minha mãe, tem uma conhecida minha que teve uma menina agora, mas ela não quer, ela já tem muitos filhos. Minha mãe disse traga, e aí quando eu cheguei aqui foi aquele amor assim à primeira vista, eu achei, acho interessante que ela me amou sem ter me gerado. Então o que eu tenho por ela é gratidão, eterna, apesar, que a gente é muito diferente uma da outra, que eu, minha mãe você tem que ser prática, ela já é como meu pai falou, aquela calma, eu sou aquela ebulição, então tem esses embates às vezes, mas a gente se ama muito, eu demonstro, ela não, aquele jeitinho dela, que não é de beijo, não é de abraço, mas que eu sei que internamente é um amor imensurável, mãe você me ama mesmo? Ih! você sabe que sim. Que eu queria que ela demonstrasse mais, em algumas atitudes, algumas coisas assim que me incomoda, mas sei que me ama, nossa, muito.

47'39" Carla Nogueira: você veio prá cá com quantos anos?

47'41" Nadja Cruz: 15 dias de vida, ela dizia que eu cabia numa caixa de sapato, que eu era muito feia, que eu só tinha olho e cabeça.

47'51" Carla Nogueira: Como foi sua infância com ela?

47'52" Nadja Cruz: Tranquila, me passou valores, educação, como que eu tinha que me comportar aqui, menina, com menina, menino, com menino. Foi tranquila, tranquila. Tudo que eu adquiri hoje assim em termos de responsabilidade, caráter, eu devo a ela e a meu pai, não posso deixar de falar dele é lógico, meu pai Joca, Seu João José da Silva, que ajudou minha mãe nessa caminhada, de me educar. Eu acredito, deu tudo certo, a única coisa que ela fala que ela gostaria que mudasse, era minha personalidade, que é muito forte, mas assim em termos de educação, caráter, eu devo a ela. Deu tudo certo no final, graças a Deus.

49'02" Carla Nogueira: Fala-se muito da importância de Dona Olga para o Terreiro, como você vê essa importância para o Terreiro?

49'11" Nadja Cruz: Nossa, essa importância, eu vejo como o fundamento maior, é eu acho que precisa, ela é o que finaliza, você pode arquitetar algumas coisas, mas prá que dê certo, precisa da prova final que é a dela. É fundamental, eu analiso dessa forma.

49'35" Carla Nogueira: Como você vê essa doação, a doação dela para a casa?

49'40" Nadja Cruz: Ah! Eu posso resumir numa palavra só: amor, amor aos ancestrais, amor às pessoas, amor aos nkisis, é amor, ela ama isso aqui. Uma vez eu perguntei, mãe, a senhora gosta mesmo de ficar aqui, não quer ir morar comigo não? Não, se eu sair daqui, eu morro. Isso aqui, você pode até sair se você quiser, mas isso aqui é minha vida. Eu vim prá cá prá isso, é missão, é amor, ela ama isso aqui, muito, muito, ao ponto de ter passado por várias gerações, ter vivido várias coisas, conflitos, enfim, mas ela está aqui de pé. Há umas 3 semanas atrás, a gente tava conversando, e aí ela falou; eu comecei a relatar algumas coisas, ela disse, você não vai entender o meu posicionamento, você só vai entender quando você amar isso aqui de verdade, quando você amar, você vai ver que tudo isso é bobagem, porque eu já passei por tanta coisa, muitos, muita gente já foi na minha frente, eu continuo aqui em pé, continuo porque eu amo, e Tempo, Omolu, Yansã, eu entrego tudo nas mãos deles, você fala que não obtem respostas rápido, mas eu não quero que venha rápido não, a resposta virá no tempo certo, mas quando você amar de verdade, vai entender porque eu to aqui até hoje. É amor.

51'53" Carla Nogueira: você tem quantos anos?

51'54" Nadja Cruz: 43.

51'58" Carla Nogueira: Desses 43 anos, você já viu sua mãe fora daqui, ou ela sempre esteve aqui. O que que foi de mais marcante.

52'04" Nadja Cruz: Não, nunca vi fora, Ela fez uma viagem uma vez para Belo Horizonte, só nesse período que ela ficou lá, mas assim prá ficar fora muito tempo não, até porque ela nem consegue. Ela é tão ligada a isso aqui, às pessoas daqui, se sai prá passar um domingo fora, a minha mãe chegou, meia hora, ela quer voltar, por causa de Bê, Moló, a casa, os cachorros, os gatos, essas coisas. Ela realmente é muito conectada a essa terra.

52'43" Carla Nogueira: E você mora onde.

52'45" Nadja Cruz: Eu moro aqui, e tenho minha casa que fica do outro lado, próximo ao Terreiro mesmo.

52'50" Carla Nogueira: Na Mata Escura, e como moradora da Mata Escura, eh! sua mãe é conhecida, é importante prá vida do bairro?

53'01" Nadja Cruz: Sim, eu encontrei uma senhora, há umas 3 semanas atrás, ela perguntou por minha mãe, Cade Dona Olga? Minha mãe tá bem! Ela mora aqui no bairro ainda, ela, depois de uma casa de uma que chama Naisabaque, não sei se o nome correto é esse, aí eu fiquei, a senhora me conhece? Eu estudei lá no Bate Folha. Ah! Que bom! Sua mãe está com quantos anos? 94. Olhe, mande um abraço bem forte, sua mãe é uma mulher incrível! Ah! Minha filha, quanta fome ela matou, a minha e da minha família. Tá bom, eu mando. Não lembrei o nome. Mãe, encontrei uma senhora, vc falar, não vou lembrar, foi tanta gente. Tem uma senhora também, o marido dela tinha um comércio, hoje os filhos que assumem, a gente chama o homem do fogão, a esposa dele, até hoje, toda vez que ela me ve, ela pergunta: como vai Dona Olga?

Olhe, mande um abraço prá ela, ela não sai mais não? Deve tá velhinha, Tá, tá bem idosa. Olhe, diga a ela que eu sou esposa do rapaz do fogão. Que ele sempre vinha aqui consertar os fogões na época, há muito tempo atrás. Então, minha mãe é referência no bairro, Minha mãe é referência em qualquer lugar que você vá aqui, o pessoal pergunta, e Dona Olga tá bem? Seu Zé, lá embaixo, até hoje ela compra no comércio dele. Ele fala de minha mãe assim, olhe, Dona Olga, meu Deus, quanta coisa já se passou, quanta coisa ela fez prá me ajudá, eu penso assim, eu vejo como referência no bairro.

54'43" Carla Nogueira: Fala de sua mãe.

54'46" Nadja Cruz: Falar de minha mãe é... Prá mim eu gostaria de ter 90 por cento da personalidade de minha mãe, mas como cada um tem a sua..., tô tentando me moldar né, assim como educação, passar valores, sabedoria, a única coisa que eu não aprendi ainda, é como lidar com o outro, isso aí, ainda não aprendi, mas, assim, uma mãe, como já falei que abdicou de muita coisa por mim também, pela casa, mas assim por mim também, ela conta que na época de escola, ela, eu chegava da escola, ela ia "prum" quartinho, ela não me falou onde, ela chorava muito por causa das mensalidades que estavam atrasadas, e ela não sabia o que fazer, mas não queria me dizer, prá eu não ficar triste sem querer ir prá escola. Aí, ela, tinha uma pessoa que era muito amiga dela, que já faleceu, que era Dona Idalina, ela que salvava minha mãe, mas ela nunca me contou isso, outro dia que ela veio me falar sobre assunto. Ah! você não sabe quantas noites eu chorei. Porque mãe? Ah! eu não queria te contar na época não, quanta dificuldade eu passei prá não atrasar sua mensalidade, aí choramos às duas juntas. Oh! mãe, que pena, só tô entendendo isso agora, É minha filha. Mas assim como mãe, uma mulher incrível, que abdicou da casa, ms por mim também. ela fala que... ela falou uma frase engraçada essa semana, que todos os dias após o trabalho, eu venho ver minha mãe, e ela falou assim, ai, eu só errei num ponto, deveria ter te dado uma surra (risos) prá você melhorar, não mãe, por você eu vou melhorar, a gente fez um pacto, eu falei prá ela, que por ela eu iria melhorar, ela.. hum! quero ver,! você vai ver mãe, por você eu vou melhorar, por você e pelo santos não? E por sua Mãe não? E por Muguanxi não? Não minha mãe, eu posso englobar tudo isso, mas assim por você que é minha mãe, eu vou melhorar, a senhora vai ver, ela tá certo. Então assim , é minha mãe, eu acredito assim Lurdes gerou, mas assim toda a ligação era prá ela, eu vejo dessa forma, como se fosse uma barriga de aluguel, assim como se ela não pudesse ter tido filhos e aí pediu a Lurdes, deu o óvulo dela prá Lurdes, Lurdes me gerou, mas assim, a ligação toda era prá ela. Eu não me vejo assim em outro lugar, não me vejo com outra pessoa, se não minha mãe.

1h25' Nadja Cruz: Então, eu acredito que o astral já tinha planejado esse nosso encontro. Uma gerou, mas quem iria dar continuidade era D. Olga mesmo, que bom, eu fico muito feliz que no final acabou e deu tudo certo. Eu tinha que vir prá cá, ela tinha que ser minha mãe, que deu tudo certo.

1:00:45" Carla Nogueira: E qual é a importância de Dona Olga para o bairro da Mata Escura?

1:00:50" Nadja Cruz: Como minha mãe, posso dizer que ela é a moradora mais antiga daqui, eu falo importante, porque ela viu a Mata Escura , crescer, né? Ela viu o desenvolvimento do bairro, muita gente que começou no seu comércio pequenininho, ela já comprava, acredito até que com a energia dela ela fez aquele comércio crescer. Tem um comércio antigo que eu gosto muito dele eu não me recordo o nome, mas ele é dono do Magazine Central, ele tem um carinho enorme por minha mãe, minha mãe compra na mão dele, quando ele tinha uma portinha, ele só vendia fogão, geladeira, essas coisas, hoje o comércio dele é enorme, vende roupas, sapatos, essas coisas. E, minha mãe, é muito fiel, eu acho que essa fidelidade de minha mãe conquista

as pessoas. Que eu lembro, que tudo ela comprava lá, eu quero lembrar o nome dele, tudo ela comprava lá, ele sempre foi uma pessoa muito agradável com minha mãe, às vezes ele liga, olhe Dona Olga, chegou guarda roupa novo. Ela, pelo amor de Deus, daqui a pouco ela tava lá. Então, assim a fidelidade dela, porque ela ficou muitos anos, Seu Everaldo, agora que lembrei, se Everaldo, ela ficou muito tempo comprando em Seu Everaldo. Tinha um probleminha no fogão, era o homem do fogão, esse eu não lembro o nome mesmo, qualquer coisa era com ele. Seu Zé, Mário, se fosse vivo hoje, que é o filho dele, a gente teria a mesma idade, até hoje, minha mãe compra em Seu Zé. Então essa credibilidade que ela dá às pessoas é tão forte, conquistou tanto, que Seu Zé, liga, Dona Olga, chegou mercadoria, a senhora não quer não? Então assim, é dela ter acompanhado o bairro, muita gente estudou aqui, eu não sei denominar nomes, que não era nem nascida na época, ou então, se já era muito pequenininha, mas, assim, Dona Gu, até hoje, ela me aplicava Benzetacil, eu já saía daqui fazendo um escandalo, Minha,mãe, não, você vai tomar injeção com Dona Gu, ela morava no final de linha, hoje não mora mais, então minha mãe é muito fiel às pessoas, ela é muito fiel, acho que isso fez hoje, fez com que ela tivesse essa credibilidade no bairro, quem não conhece Dona Olga, aqui,? Talvez, não conheça Guanguacesse, hum! não sei quem é não. Todo mundo conhece, porque ela acompanhou né, todo o desenvolvimento do bairro, Dona Roberta, já é falecida, ela mora, morava depois do candomblé de Dona Didi. Assim, eu não tive relação com Dona Roberta, mas eu lembro que minha mãe visitou ela algumas vezes, mas olha que engraçado, os filhos dela quando me ve, pergunta, cade Dona Olga, ela tá bem? Diga a ela que não sei quem, não sei quem eu não me lembro o nome, a gente manda um abraço, lembrança prá ela, ah! se minha mãe tivesse viva. Então, é como meu pai Cícero, falou é amor ao ser humano. Minha mãe, ela, se você precisar de qualquer coisa, como até hoje, precisar qualquer coisa, um prato de comida, um copo de café, pode ter certeza que ela... ela pode até não ter, mas dá um jeito acho que tudo mágico assim, minha mãe é uma mulher iluminada sabe? Minha mãe é, eu vejo como se ela tivesse numa redoma assim, protegida por todos, que às vezes nem tem, de uma hora prá outra acontece a situação. Então eu vejo como gratidão o que as pessoas tem por ela, e o bairro todo, talvez até todo, eu, não é prepotência não, acho que o bairro todo tem essa adoração por minha mãe. Porque ela é... acho que a moradora mais velha, a mais antiga mesmo, e ela acompanhou tudo e olha, eu vou te falar, até hoje, ela diz, vá la em Seu Everaldo, ve se você ve alguma coisa. (risos)

1:00:54” Carla Nogueira: E prá o candomblé, você ouviu, cresceu ouvindo muitas histórias de outras casas, outros terreiros, a relação dela com outros terreiros. [...]

1:00:55” Nadja Cruz: Ah! Sim porque é a importância de minha mãe pro candomblé, ela me contou uma história que ela ia muito lá em Menininha do Gantois, e lá os rituais só acontecia quando ela chegava, Mãe Menininha, gostava muito dela, ela me levava pequenininha, eu fica deitada numa esteirazinha lá no quatinho, e ela era adorada lá no Gantois, é a única história que eu sei, até porque minha mãe não é aquele livro aberto, ela não conversa muito. Assim, de outras casas, só do Gantois, que eu sei de algumas histórias como essa, ela chegava no terreiro, algumas coisas aconteciam quando ela chegava, eu sei pouca coisa, de outros lugares eu sei pouca coisa.

1:01:00” Carla Nogueira: Que recado você deixa prá sua mãe, Nadja?

1:01:00” Nadja: Recado, ah! são tantos, que eu tenho muita gratidão por ela, muito amor, é [...] de tudo que eu construí na minha vida, pelo presente que eu dei prá ela, porque ela esperou muito essa feitura né, e no íntimo dela ela achava que isso não ia acontecer devido a minha resistência, então prá ela foi um marco muito grande, que depois eu fiquei sabendo que ela se



emocionou muito, e realmente era o que ela queria. Então Carla, assim é gratidão, eu posso resumir tudo é gratidão, por tudo que ela fez por mim, por ter me amado sem ter me gerado, poucas vezes ela fala eu te amo, mas quase não dá prá você ouvir ela falar eu te amo. [...]

1:07:00” Nadja Cruz: É que eu a amo muito, falar de minha mãe é muito difícil, assim muito amor, e desejo que ela viva muito tempo, eu falei pra ela: mãe você vai ver meus 7 anos, Não sei não, vai, vai sim, eu desejo que ela viva com muita saúde, tranquilidade ela já tem bastante e o que eu possa deixar de mensagem é agradecer por tudo que ela fez e faz por mim até hoje e que eu a amo demais, não me vejo sem minha mãe.

1:08:00” Carla Nogueira: Tem alguma lembrança, Nadja?

1:08:00” Nadja Cruz: Tenho, eu brinquei na condução, e aí ela, foi a primeira vez que ela foi bem exigente, a tia veio me deixar aqui no portão, eu estava toda descabelada. -- O que foi isso? (risos), a primeira vez que vi ela falar num tom assim, eu fiquei com medo, ih! minha mãe vai me bater. -- O que foi isso? Aí a tia, tia Dinha, lembro. Olhe Dona Olga, nunca vi acontecer isso com Nadja, ela brigou, brigou, besta, vamos prá casa, E aí, quando cheguei, achei que ela fosse me dar uma surra, ela sentou comigo. - Nunca mais faça isso, eu estou lhe educando prá você brigar com menino? Até então ela estava tranquila, mais ou menos, ela achou que fosse com as meninas, eu disse não minha mãe, eu briguei com Anderson. -- Com menino? Nunca mais faça isso, que eu não estou lhe educando prá você brigar. Então essa lembrança eu tenho bem forte ela com a mão na cintura e segurando meu braço, dizendo: --Olha Dona Dinha, próxima vez bote de castigo, eu autorizo, porque na sala, já falei com a pró, se brigar pode botar de castigo, qualquer coisa, não precisa me falar não bote ela de castigo. A gente entrou, ela começou a falar que é feio, não sei que. Isso aí, eu tenho bem marcante, acho que eu tinha uns nove anos, uns nove anos assim, hoje a gente é amigo até hoje, a gente até lembra dessas situações assim. E outra foi quando meu pai faleceu, prá ela me contar, porque assim, eu notei um clima diferente na casa. Eu tinha visitado ele um dia antes, aí, no dia seguinte, não sei se foi no mesmo dia de madrugada, não sei como foi. aí prá ela sentar e me contar como foi, que meu pai tinha falecido, foi bem difícil ela chorava muito, e eu sem entender, quando ela falou, seu pai faleceu, foi bem triste assim, o momento né? Isso me marcou muito, a preocupação dela em me dizer que eu tinha perdido meu pai. E tantas outras histórias, ah!, não é que a gente se distanciou, mas assim, hoje eu venho vê-la todos os dias, quando eu morava aqui era mais intenso, mas com a correria da vida, trabalho, não sei o que, ah! não é se separando não, mas dificulta um pouco o tempo, que eu chego seis horas, fico com ela meia horinha aqui e depois vou embora e, às vezes eu quero conversar, e ela espera que eu estou vendo a missa, eu mãe..., -- Não, eu estou vendo minha missa, senão, as novelas, são as duas coisas. Mas essas duas histórias, a morte de meu pai e a condução que eu briguei, foram marcantes na minha vida.

1:12:00” Carla Nogueira: Nadja, crescemos juntas, esse aqui sempre foi seu ambiente e em meio a tantos filhos e filhas de santo, você é a filha de Dona Olga, é a escolhida, qual é a sua sensação, o que mais lhe marca, quais são as emoções que você tem dessa relação de filha, carnal, de escolha de vida com Dona Olga?

1:12:00” Nadja Cruz: A relação que eu sinto com minha mãe, eu não vejo muita diferença das outras pessoas, porque ela ama o ser humano, o que eu posso te dizer de sentimento, assim, porque você tirar de minha mãe alguma coisa é algo muito difícil, você nunca sabe, uma vez eu conversando com meu pai Nogueira, ele falou, não entendo sua mãe, quem ela gosta é com quem ela briga, você entende isso? Pois é meu pai, nem sei. Então assim, ela minha mãe ama o ser humano, mas com relação a mim, uma vez ela falou: eu te amo tanto que você não imagina.

Então assim, ela ama a todos, mais eu, mas em especial por ser a filha escolhida, porque você gerar é algo lindo, mas eu acho que quando vem prá sua vida é mais importante ainda, Não é que o amor, eu não acho que o amor é diferente não, o amor de gerar, o amor de você... é... como eu posso dizer, como que a gente fala do filho que a vida traz prá você né? Eu acho que o amor é igual, e ela me ama mesmo, muito, não fala, eu gostaria que ela demonstrasse mais, Minha mãe é muito calada, mas, por algumas situações que eu já vivi aqui, não vou relatar quais, mas algumas desagradáveis, ela falava: -- você não imagina o quanto eu sofro, porque eu não posso dizer nada, porque a casa não é minha. Isso ela repete sempre, a casa não é minha, estou exercendo minha função aqui é a minha missão, mas você não tem noção do quanto prá mim é difícil ver e não poder fazer nada. Porque eu não quero que amanhã as pessoas saiam da Casa por minha causa. Então não duvide do meu amor por você não, você é minha filha, porque você tem o meu nome, você veio prá minha mão com 15 dias de vida. Então, eu não posso agir como você quer, porque a casa não é minha. Eu estou aqui só prá minha missão, designada por Yansã, por Tempo e por Omolu, mas não duvide do meu amor por você não. Isso que me tranquilizou um pouco, e nossa relação é de muito amor.

1:15:00” Carla Nogueira: Prá finalizar, o que você tem a dizer sobre ela, para ela?

1:15:00” Nadja Cruz: O que eu tenho de dizer prá minha mãe é que eu a amo demais e peço a NZambi, nkisi, que de anos de vida a minha mãe com saúde, porque... (choro emocionado) eu não consigo me imaginar sem ela sabe? Apesar do meu jeito assim... diga ela que eu seja como ela, Deus me livre ser como você, mas eu não imagino minha vida sem minha mãe, ela é meu porto... seguro mesmo. É alguém que eu... sei que posso contar sempre, (voz embargada) sempre eu vou poder contar com ela. Então o que eu posso aproveitar, pena que eu despertei isso muito tarde né? Poderia ter aproveitado minha mãe muito. Mas dizem que na dor é que você dá valor às coisas. Ela já tá com 94, eu quero que ela viva muitos anos, mas Nzambi Apongo, é que sabe, mas assim, agora que eu tô resgatando, deixei muito lá trás, e eu amo demais, e quero agradecer por tudo que ela fez por mim, faz até hoje, e eu tenho muito amor por ela, muito amor, muita gratidão pela energia que ela passa prá mim. Às vezes eu tô em casa e, minha mãe não tá bem, pela voz dela eu percebo que não está bem, a gente tem uma ligação muito forte. Eu acho Carla, que transcende o material (emoção, solução) eu acho que é uma coisa no astral, esses ancestrais assim o que eles fizeram por mim, prá que eu pudesse chegar até ela é algo assim que consegue me conter, eu não devo nada a ninguém não, meu lance é minha mãe entendeu? E eu venho aprendendo isso a duras penas, a gente conversa pouco, mas às poucas palavras que ela consegue passar prá mim, eu to começando a entender... que as coisas acontecem não é porque a gente quer, eu não vim pra cá por acaso né? Muita gente não entende a minha forma de agir, mas talvez seja algo que eu tenha prá me proteger, porque é uma relação que causa muita inveja é um inferno infelizmente, causa muita inveja. Mas ao mesmo tempo, eu sou, tô, eu me sinto mais forte agora e mais feliz porque eu sei que foi algo astral sabe, eu falo o povo lá de baixo, inclusive é o povo que eu até mais gosto, acho que é coisa do meu nkisi mesmo, eu sou realmente filha de Kaiango, mesmo. Eu falo, o povo lá de baixo que é um, são pessoas que não morreram não, elas estão aqui. Eu sinto que elas me acompanham me dão muita força e estão fazendo com que eu entenda esse mecanismo de minha mãe liderar essa Casa. Que talvez se ela não fosse desse jeito, não sei como estaria tudo aqui. E eu sinto Carla, que essa forma de minha mãe agir quando algo me atinge, ela quer, ela quer me explicar que eu não posso fazer do jeito que você quer, doe em mim, mas a Casa precisa do povo, eu preciso das pessoas. -- você vai liderar isso aqui? Eu, você e você? você vai? Então eu ajo da minha forma. você acha que eu, eu já questionei? Ela, você me questiona isso, mas sua importância é o que está aqui dentro. Eu posso estar sorrindo prá pessoa que te fez mal, mas por dentro eu é que sei. Então, isso aí eu demorei de entender, muito, agora de julho prá cá, eu comecei a colocar

minhas idéias no lugar deixar minha mãe com a cabecinha dela em paz, não pressioná-la tanto, porque a responsabilidade que ela tem aqui nesse chão é muita, e começar a olhar um pouco prá mim também. Porque o que eu tenho que entender, que os nossos laços não serão desunidos nunca, pronto é só isso que eu preciso entender. Ela é minha mãe, eu sou filha dela, foi a vida que me trouxe prá cá, ela me recebeu de braços abertos, me amou, me ama, pronto só preciso entender isso, os demais, eu tenho que esquecer, que problemas vão existir sempre. Mas a minha relação com ela é algo que eu tenho que concentrar é eu e ela, tenho que olhar mais prá ela com meu olhar tem que ser diferente agora. Eu não posso olhar minha mãe na multidão, minha mãe não faz, minha mãe não briga, não. Eu tenho que olhar prá minha mãe como filha dela tentar entender, que ela não é, ela pode até ter tentado mudar, mas no consciente dela ela sabe que não pode, porque a Casa é de Yansã, que é minha mãe, sou louca pelo meu santo, mas a responsabilidade dela, a mesma responsabilidade que ela tem, teve comigo de me trazer até aqui, ela tem com a casa e tem que dá continuidade e eu preciso entender isso, Eu to muito feliz comigo, porque eu entendi, eu entendi a mensagem a mensagem de minha mãe. Então meu olhar com ela hoje é diferente, eu e ela, e a Casa eu também tenho que agradecer.

1:21:00” Carla Nogueira: Muito obrigado.

1:21:00” Nadja Cruz: Obrigado vocês pela oportunidade de falar de Dona Olga, que é algo bem difícil, (riso) tô muito feliz, obrigado.